FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

POPH
QUALIFICAR É CRESCER.

QREN
QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL
PORTUGAL 2007.2013

Governo da República Portuguesa

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

Tânia Patrícia Leite Ribeiro dos Reis Azevedo

Ler *Gawain* de Novo

UMinho | 2019

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Tânia Patrícia Leite Ribeiro dos Reis Azevedo

Ler *Gawain* de Novo

março de 2019

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Tânia Patrícia Leite Ribeiro dos Reis Azevedo

Ler *Gawain* de Novo

Tese de Doutoramento em Ciências da Literatura
Especialidade em Literatura Inglesa

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Maria Filomena Pereira Rodrigues Louro

março de 2019

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 22 de março de 2019

Nome completo: Tânia Patrícia Leite Ribeiro dos Reis Azevedo

Assinatura: 

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à casa que me acolheu: a escola – Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH) – e o centro de investigação – Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM) – que, na Universidade, foram local de trabalho e apoio. A todos os professores que contribuíram para estas páginas com o seu saber e apoio ímpar que, em momentos decisivos, se manifestaram prontamente. A todos os funcionários que também auxiliaram o projeto com questões mais práticas e burocráticas.

Este projeto de doutoramento e tese foram financiados pela Bolsa de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) com a referência SFRH/BD/85171/2012. As atividades mencionadas neste trabalho, realizadas na Universidade do Minho, foram também patrocinadas pelo CEHUM.

A orientadora desta projeto, a professora Maria Filomena Louro, merece especial destaque pela supervisão, ajuda, disponibilidade e amizade generosas e constantes a toda a prova.

Uma palavra especial para a saudosa professora Teresa Amado que semeou, num passado já distante, o gosto pelo texto medieval e para aqueles professores que, no percurso académico que já não é pequeno, valorizaram e acreditaram sempre na qualidade do meu trabalho.

É importante agradecer, também, a quem auxiliou em aspetos variados na feitura desta tese como, por exemplo, a Drª Catherine Batt, o Dr. Peter Hertzmann, a Dr.ª Jane Mackay e a professora Sílvia Araújo.

Agradeço à minha família e amigos: ao meu marido e à minha filha por compreenderem que as ausências foram necessárias; ao meu irmão Nuno Reis por me fazer crer ainda que a meta está no fim do esforço, à Dr.ª Ana Novo pela força e amizade, à Dr.ª Sara Pinto pelo exemplo e à Dr.ª Patrícia Almeida cujo apoio foi precioso.

A todos os que permaneceram da primeira à última hora sem nunca duvidar, muito obrigada.

RESUMO

Tendo como base os estudos feitos até hoje sobre a Matéria da Bretanha em Portugal, que inclui o trabalho de autores incontornáveis como Manuel Rodrigues Lapa, Ivo Castro ou Teresa Amado, partiu-se para uma nova leitura de textos que a compõem à luz de uma tradição literária que não a continental, mas a das ilhas britânicas. A fonte essencial desta nova leitura será a obra *Sir Gawain and the Green Knight*, na edição de Tolkien e Gordon e as traduções de Brian Stone e Tolkien.

Será feita uma análise comparativa dos textos de base com as interpretações e produções académicas sobre a obra, de forma a entender como as leituras dos textos que compõem a Matéria da Bretanha na Europa foram influenciadas pelas edições e traduções usadas como suporte de argumentação. A investigação centrar-se-á na evolução da perceção da personagem central, Gawain, já que está abundantemente presente no corpus da Matéria da Bretanha. A escolha desta personagem prende-se com o facto de esta ter tido interpretações e evoluções diferentes nas literaturas insular e continental.

Através da nossa própria tradução da obra para Português – que incluiu uma frutífera viagem pela Teoria da Equivalência Dinâmica de Nida e Taber – proporemos uma nova leitura e análise do poema, com vista a uma nova discussão dos textos que compõem a Matéria da Bretanha em Portugal e restante Europa.

ABSTRACT

Taking into consideration the work about the Matter of Britain in Portugal, which includes prestigious authors such as Manuel Rodrigues Lapa, Ivo Castro and Teresa Amado, a new reading of its main texts was undertaken. This has to be done bearing in mind not only the continental European tradition, but also the one where the Matter of Britain has its thematic origins, i.e. the British one. The main source for this reading will be the medieval poem *Sir Gawain and the Green Knight*, in the edition by E. V. Gordon and J.R.R. Tolkien and two translations into Modern English: one by Brian Stone and another one by Tolkien.

A comparative analysis will be made between our main sources and the critical apparatus about the medieval poem. We will endeavour to prove how the continental reading of the Matter of Britain was affected by the several translations that were made. To be able to do this we will use as an example the different ways in which one of the main characters – Gawain – has evolved in the continental literature and also in the insular tradition.

To be able to accomplish such a task a journey through the theory of Dynamic Equivalence by Nida & Taber will be necessary and it will also be through our own translation of the medieval poem into Portuguese that we will be able to present not only a new interpretation of *Sir Gawain and the Green Knight* but also bring again to the light of discussion the Matter of Britain in Portugal and the remainder of Europe.

ÍNDICE

Agradecimentos v

Resumo vii

Abstract ix

Índice xi

Abreviaturas e Siglas xv

Lista de Figuras, Gráficos e Tabelas xv

Introdução 1

Capítulo 1. Investigar em torno de texto literário medieval – Fundamentação 4

1. Estado da Arte do estudo do texto medieval em Portugal 6

2. O Romance Medieval 12
2.1. Literatura Inglesa 15
2.2. Literaturas de origem celta – Irlanda e País de Gales 19
2.3. Literatura Francesa 22
2.4. Literatura Portuguesa 25

3. A Matéria da Bretanha 26
3.1 O que é a Matéria da Bretanha 27
3.2 Artur: homem, rei, mito 28

4 Gawain, Gauvain, Galvão – origem, ascensão e queda de um herói 30
4.1 O Herói 31

4.2 A Cortesia 33
4.2.1.1 O Amor Cortês 33
4.2.2 Amor Cortês vs. Cortesia 35
4.3 Gwalchmai 37
4.4 Gauvain 41
4.5 Gawain 47
4.6 Galvão 54

Capítulo 2. Enquadramento Teórico: da Tradução como modelo e metodologia de análise 57

1. O que é a Tradução? Definições operatórias. 58
1.1 Da Tradução Literária 61
1.2 Da Tradução na Idade Média 62

2. Traduzir para ler de novo: *Sir Gawain* em Português 66

3. Metodologia de Leitura e Análise 70
3.1 Seleção da Bibliografia Primária – do Manuscrito às Edições de *Sir Gawain* 70
3.2 Critérios para a Seleção de um *Corpus* de traduções a comparar 74

Capítulo 3. *Sir Gawain and the Green Knight* – o Texto 79

1. O Autor e a sua Obra 79
1.1 O Revivalismo Aliterativo 81
1.2 Fontes 85

Capítulo 4. Análise da Obra 93

1. Ler Gawain 93
1.1 Desafio 95
1.2 Viagem 103
1.3 Hautdesert 109

1.4 O jogo final 131

2. Análise Global das traduções selecionadas quando comparadas
com o texto de partida. 152
2.1 Análise formal das traduções 153
2.2 Quem é Gawain em Stone e Tolkien e na tradução para Português? 182

Capítulo 5. Ler *Gawain* de Novo 187

1. Diferentes faces de Gawain 187
1.1 A Matéria de Gawain 193
1.2. Fim do Ciclo ou o "Endless Knot" 201

2. Ler a Idade Média hoje – Gawain em Português: dilemas de uma tradução 203
2.1 Traduzir Gawain 203
2.2 Testar Gawain 206
2.3 Partilhar Gawain 214

Conclusão 215

Anexo 1: Tabelas de Comparação das Traduções 223

Anexo 2: *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde* 325

Anexo 3: Teste à Tradução – Equivalência Dinâmica 413

Anexo 4: Colóquio Internacional *Reading Middle Ages Today: Sources,*
Texts and Translation – Programa e Livro de Resumos. 417

BIBLIOGRAFIA 437

ABREVIATURAS E SIGLAS

SGGK – Sir Gawain and the Green Knight

Lista de Figuras, Gráficos e Tabelas

Figuras:

Figura 1. O percurso de Gawain (Cf. Elliot, 1997: 106); 87

Figura 2. Software AntConc, v. 3.4.4w (Windows), 2014 – contagem palavras no poema *SGGK*; 190

Gráficos:

Gráfico 1. Origem Vocabular em *SGGK* – Número de palavras; 191

Gráfico 2. Origem Vocabular em *SGGK* – Percentagem; 191

Gráfico 3. Respostas à questão 2.1 do Teste à Equivalência Dinâmica; 207

Gráfico 4. Respostas à questão 2.2 do Teste à Equivalência Dinâmica; 208

Gráfico 5. Respostas à questão 2.3 do Teste à Equivalência Dinâmica; 209

Gráfico 6. Respostas à questão 4.1 do Teste à Equivalência Dinâmica; 210

Gráfico 7. Respostas à questão 6.1 do Teste à Equivalência Dinâmica; 211

Gráfico 8. Respostas à questão 6.2 do Teste à Equivalência Dinâmica; 211

Gráfico 9. Respostas à questão 8 do Teste à Equivalência Dinâmica; 212

Tabelas:

Tabela 1. Textos que compõem a Matéria da Bretanha segundo Baugh, 1994 e Barron, 1987; 17

Tabela 2. Ciclos das lendas e mitos celtas Irlandeses (Cf. Varandas, 2006: 23-25); 20

Tabela 3. Lendas e mitos celtas Galeses (Cf. Varandas, 2007: 1-31); 21

Tabela 4. The Family of Gawain (Matthews, 2003: 48); 49

Tabela 5. The Besieged Lady and Her Rescuers (Matthews, 2003: 49); 50

Tabela 6. Primeiro verso das obras *The Canterbury Tales* e *SGGK*; 66

Tabela 7. Origem Vocabular – Textos em Inglês Médio (Cf. Duggan, 1997: 239); 189

Tabela 8. Origem Vocabular – Textos de Chaucer (East Midland) (Cf. *Ibidem*); 189

Tabela 9. Origem Vocabular – Textos do Poeta de *Gawain*
(West Midland) (Cf. *Ibidem*); 189
Tabela 10. Origem Vocabular em *SGGK* conforme Ramo Linguístico. 192

INTRODUÇÃO

Escrever sobre a Idade Média hoje – nesta era digital de passo acelerado – pode parecer desajustado, desadequado até. No entanto, é nos passos de investigadores como Umberto Eco que se encontra (na sua dedicação a tudo o que é medieval e posterior instinto para os trilhos digitais para onde se dirigia o texto) justificação e razão de ser para um trabalho especificamente sobre uma obra medieval.

Olhar para a memória da Europa que somos hoje é saber ver nela traços de um passado que se ocultam também nas grandes obras que nesse mesmo passado foram produzidas e que podem dizer tanto ainda sobre a condição humana do século XXI.

Foi desse olhar curioso que nasceu o tema deste projeto de doutoramento que tem a sua expressão escrita nesta tese. Ao estudar alguns dos textos que compõem a Matéria da Bretanha em Portugal – em particular, *A Demanda do Santo Graal* – emergiram os traços excessivamente negativos com que se retratava uma das personagens, Galvão, que começava por ser apresentado como um dos cavaleiros de Artur e da sua Távola Redonda e, apenas uns capítulos à frente, se tornava a causa de todo o desastre que se abateu sobre muitos dos membros da companhia, chegando inclusivamente a matar um dos seus. Umas leituras depois chegou-se, por meio de uma cadeira de licenciatura em História da Língua Inglesa, ao poema aliterativo medieval Inglês *Sir Gawain and the Green Knight*, que cantava os feitos do mais perfeito, leal e honrado cavaleiro, Gawain. Num espanto quase pueril – e fruto de um saber principiante em estudos medievais – surgiram duas questões: tratar-se-ia da mesma personagem retratada no texto português? Em caso afirmativo, o que teria acontecido para haver tantas discrepâncias entre o retrato feito da personagem nos textos medievais?

Esta foi a premissa que iniciou o trabalho que hoje se apresenta. Procurou-se origem do poema inglês – primeiras edições e traduções para Inglês Moderno – para procurar entender o que fez com que Gawain permanecesse bom e, ao mesmo tempo, questionaram-se as causas da sua decadência nos textos continentais e, em particular, nas literaturas francesa e portuguesa. Para realizar esta primeira parte, há que fazer a personagem remontar às suas origens pagãs quase esquecidas sendo, por essa razão, necessário iniciar este percurso de argumentação não só pelo Estado da Arte, mas também pela Matéria da Bretanha. Basilar foi descobrir e estudar o trabalho feito pelos incontornáveis Manuel Rodrigues Lapa, Ivo Castro e Teresa Amado (entre outros) nos estudos medievais em literatura portuguesa, que será descrito com algum pormenor.

O capítulo 1 terminará com a necessária ligação à Matéria da Bretanha e com a descrição detalhada da evolução da personagem em estudo, Gawain, nas diferentes literaturas descritas acima. Esta parte reveste-se ela mesma de um pendor narrativo, uma vez que serve para dar conta do que já se fez na área e também dos cenários linguístico e literário a percorrer para melhor conseguir entrar numa discussão teórica que já existe há vários séculos.

Cedo se entendeu que um verdadeiro trabalho sobre o poema em Inglês Médio teria de passar por uma tradução para Português para melhor aferir não só o contexto anglófono em que Gawain foi criado, mas também para compreender como a própria tradução é interpretação (e já assim era no tempo em que estes textos circulavam pela Europa medieval). Ao dedicarmo-nos a traduzir o texto para Português houve necessidade de dominar algum aparato crítico que providenciasse não só capacidade de falar sobre o ato de traduzir, mas também tecer considerações informadas acerca do próprio trabalho tradutório. À explicação de como se usou a tradução como modelo de análise dedica-se o Capítulo 2 deste trabalho, com especial destaque para a Teoria da Equivalência Dinâmica de Nida e Taber, fulcral para a forma como se encaminhou o labor tradutório, embora esta escolha seja ela mesma alvo de reflexão crítica, uma vez que se trata de um modelo teórico disputado nos últimos anos por teóricos da área da tradução. Ainda neste capítulo surge a metodologia de análise do texto medieval inglês e ainda detalhes meta textuais acerca do autor, contexto social e económico e fontes textuais no Capítulo 3.

A leitura do poema – e as questões que a mesma despertou – é apresentada no Capítulo 4 onde, primeiro, se seguem as aventuras do herói, passo a passo, como na narrativa e, em seguida, analisam-se as duas traduções a comparar – a de Brian Stone e de Tolkien. Pela mão destes dois estudiosos da língua e literatura procura-se entender como a tradução de um texto pode apresentar interpretações diferentes do mesmo, como ficará patente. É também seguindo esta leitura que se mostrarão os passos mais passíveis de discussão da nossa própria tradução do texto para língua portuguesa e se discutirá o que nos parece mais premente para a personagem de Gawain: como a interpretação da mesma depende das escolhas tradutórias daqueles que foram fazendo o texto presente em diferentes tempos e contextos.

O Capítulo 5 prende-se com a leitura da personagem Gawain nos dias de hoje. Da sua introdução numa nova 'Matéria', passando pela música e cinema, Gawain parece surgir no século XX e XXI ainda como um herói. Mostraremos também nesta parte como foi traduzir a obra para Português, as questões associadas às diferentes faces da personagem Gawain que emergem de diferentes traduções e refletir-se-á sobre os resultados dos testes que fizemos à nossa tradução.

Para terminar, será notório como se tornou uma necessidade partilhar este trabalho com uma comunidade académica mais alargada, através de atividades de disseminação do projeto.

Capítulo 1. Investigar em torno de texto literário medieval – Fundamentação.

No minuto seis da segunda hora do filme *Transformers – A Era da Extinção*, de Michael Bay, realizado em 2014, a personagem principal, o 'Autobot' Optimus Prime, recorre a uma última esperança para o ajudar a vencer os inimigos. Vemo-lo diante de um objeto que parece uma espada metálica enterrada na vertical e, ao arrancá-la do lugar que a aprisionava, Optimus diz, numa língua de sonoridade arcaica:

- A lenda é verdadeira!

Criaturas em forma de animais pré-históricos – também elas autómatas – que a personagem apelida de "Legendary Warriors" são libertadas e, após um exercício de poder por parte de Optimus, colaboram na luta e ajudam os heróis a alcançar a vitória.

Gostaríamos de sublinhar o facto de este filme ser do ano de 2014[1].

Vivendo a sociedade humana no período digital mais avançado de sempre (o que também se constata não só nas formas exemplarmente céleres e eficientes de comunicação de que hoje se dispõe, mas também nos efeitos especiais de ponta que se utilizam, por exemplo, no cinema), parece a Idade Média e toda a sua aparente escuridão e limitada capacidade técnica um lugar longínquo e identificável apenas em preciosos manuscritos ou séries e filmes recorrentes sobre cavaleiros e cortes antigas.

De destacar, a título de exemplo, a adaptação mais recente para televisão dos volumes da obra *A Song of Ice and Fire*, de George Martin, com o título *Game of Thrones*; os três filmes da adaptação da obra de J. R. R. Tolkien, *The Hobbit* e *Galavant*, uma série televisiva de 2015, da ABC, sobre um cavaleiro que procura restaurar a sua reputação.

Estará a Idade Média assim tão longe da nossa forma de ver o mundo no ano de 2018? A resposta a esta questão tem de ser um vigoroso "Não", pelo menos no que diz respeito ao facto de todos os que se pautam pela condição humana gostarem de ouvir uma boa narrativa de aventura, ainda que já não se realize esta atividade num salão, à fogueira, mas diante de um ecrã iluminado. A este respeito, lembra-nos Umberto Eco na sua conferência de 1996 "From Internet to Gutenberg":

> Even if it were true that today visual communication overwhelms written communication, the problem is not to oppose written to visual communication. The problem is how to improve both. In

[1] Já no ano de 2017, saiu um novo capítulo da saga *Transformers*, intitulado *The Last Knight*.

> the Middle Ages visual communication was, for the masses, more important than writing. But Chartres Cathedral was not culturally inferior to the Imago Mundi of Honorius of Autun. Cathedrals were the TV of those times, and the difference from our TV was that the directors of the medieval TV – read: good books – had a lot of imagination, and worked for the public profit (or, at least, for what they believed to be public profit). (Eco, 1996: http://www.umbertoeco.com/en/from-internet-to-gutenberg-1996.html)

Regressemos por um instante a Optimus Prime. Estamos, como espectadores envolvidos na narrativa cinematográfica e, quiçá, preocupados com todos os que lutam pelo Bem e que, aparentemente, esgotaram todos os recursos contra o Mal. Resta ao herói[2], ao serviço da comunidade, dirigir-se ao Desconhecido, atravessando esse último limiar que lhe é sempre pedido e que resultará ou na vitória ou na morte certa.

O herói não desilude. Agarra na espada com coragem e arranca-a da matéria que a prende e, assim – recorrendo também à articulação da palavra com efeito sobrenatural que, como recorda Cassirer, é uma palavra mágica, sagrada, com uma "potência primária" (Cassirer, s/d: 58) – liberta o poder que tudo resolve.

O espectador atento poderá esboçar um breve sorriso e pensar no Rei Artur por uns microssegundos, mas a grande maioria viverá o momento talvez com tanta excitação como um jovem nobre ou um pajem experimentavam ao escutar, numa qualquer corte medieval, o canto dos feitos dos heróis e dos reis de antigamente.

Serve esta pequena digressão inicial apenas para recordar que a humanidade é a mesma ainda na sua essência: para além de traços de ADN gerais que todos partilhamos enquanto espécie, há toda uma memória cultural que, no nosso caso Ocidental, há muito se misturou num 'melting pot' cujos primeiros ingredientes foram colocados por povos como, por exemplo, os Celtas.

Vamos discutir um texto medieval e analisar um poema narrativo, um romance, em particular, *Sir Gawain and the Green Knight* (*SGGK* de agora em diante), escrito na Inglaterra do final do século XIV.

Para melhor compreender esta tradição literária e o modo como vai ser abordada é importante perceber como esta mesma se iniciou, o que se fará nos pontos que compõem este capítulo.

[2] À teorização sobre o conceito de herói daremos especial atenção no Ponto 4, aquando da descrição da evolução da personagem central do poema em estudo, *Sir Gawain and the Green Knight*.

1. O Estado da Arte do estudo do texto medieval em Portugal

Antes de iniciar o estudo sobre o poema medieval Inglês e de mostrar a sua pertinência para o contexto dos Estudos Medievais em Portugal, há que olhar para aquilo já foi feito neste domínio, uma vez que muito já foi dito sobre texto medieval. Como lembra Kenneth Burk na obra *The Philosophy of Literary Form* (ao qual chegámos através da obra de Gerald Graff sobre escrita académica):

> You come late. When you arrive, others have long preceded you, and they are engaged in a heated discussion, a discussion too heated for them to pause and tell you exactly what it is about. (...) You listen for a while, until you decide that you have caught the tenor of the argument; then you put in your oar. Someone answers; you answer him; another comes to your defense; another aligns himself against you. (...) The hour grows late, you must depart. And you do depart, with the discussion still vigorously in progress. (Graff et alia, 2012: 13).

Primeiramente, há que destacar o que já foi feito a nível de estudos literários medievais em Portugal. Utilizar-se-á como barreira temporal o início da segunda metade do século XX, uma vez que foi a década de 1950 que viu o início da evolução dos Estudos Medievais no nosso país.

Uma súmula bastante pormenorizada do muito que se tem feito nas mais diversas disciplinas dos Estudos Medievais em Portugal foi editada, sob direção de José Mattoso, em 2012, com o título *The Historiography of Medieval Portugal – c.1950-2010*.

Este volume contou com a preciosa colaboração de muitos especialistas nas mais diversas áreas dos Estudos Medievais como a História, a Arqueologia, a Música, a Literatura, a Linguística, a Diplomática, a Paleografia, o estudo da Língua Latina, a Economia, os Estudos de Género e a Religião, entre outros.

Relevante para este trabalho são as contribuições sobre os estudos literários que passamos a enunciar: o capítulo "The Study of Literary Texts", coordenado por Teresa Amado, com os contributos de Ângela Correia, Cristina Sobral e Graça Lopes; o capítulo que tem como título "Literary and Historiographical Production", de António Resende de Oliveira; a súmula feita por Judite A. Gonçalves de Freitas, "Synthesis, Guides and States of the Art" e, de sublinhar ainda, a introdução ao volume feita pelo Professor José Mattoso, "Medieval Studies in Portugal: an Overview".

Tendo estes estudos em consideração, passaremos a fazer um breve resumo daquilo que tem sido o estudo do texto medieval em Portugal.

José Mattoso abre o volume delineando os objetivos do mesmo e destacando o facto de se pretender não só um 'estado da arte' mas também um sublinhar dos contributos mais significativos de cada área dentro dos Estudos Medievais em Portugal sem, no entanto, querer cair no risco de debates controversos:

> One of the strategies employed to practice criticism without falling into controversy, was to ask researchers with more experience in certain historiographical sectors to present a "state of the art" in their respective areas, to cover in some detail all Portuguese medievalist production in recent years. The public authority they already possess, as established names in the sphere of Portuguese medievalism, led us to invite them to indicate, in their respective fields, the qualities or defects of what has been published, distinguishing what is relevant from what is secondary, what is new from what has already been said and sufficiently assimilated, thus strengthening the authority of the assessment. (Mattoso, 2012: 13).

Apresenta, em seguida, os vinte e sete artigos que compõem os capítulos da obra e manifesta o seu desejo de que as novas perspetivas apresentadas sejam também elas mote de discussão e fonte de mudança:

> The volume currently on offer represents a complete cycle of Portuguese historiography. Given the scientific level attained, one must hope the reception of other perspectives, the discovery of new themes and teaching of new methods, will not be made in an uncritical or precipitate manner. With the publication of the book now before you, the Instituto de Estudos Medievais takes on added responsibility: after making known the results of one of the most fruitful phases of Portuguese medievalism, we hope our contribution to further progress will not betray the scientific level achieved so far. (*Idem*: 22).

O primeiro capítulo em apreço intitula-se, como já foi referido, "The Study of Literary Texts". Nele, Teresa Amado, Ângela Correia, Cristina Sobral e Graça Lopes começam por dizer que há dois períodos distintos no estudo da prosa medieval em Portugal. O primeiro situa-se nas décadas de 1950 e 1960 e as autoras defendem que estes 20 anos viram a publicação das grandes súmulas sobre texto medieval e também um dicionário[3]. Ainda deste período são de destacar os seguintes trabalhos:

> The first of these periods saw the publication of Lindley Cintra's monumental work on the Hispanic sources of the chronicle written in 1344 by Pedro, Count of Barcelos, including a description of the Portuguese historiographical texts that preceeded it, along with the first two volumes that contained

[3] As autoras destacam as seguintes obras: "SARAIVA, António José and LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, Oporto, Porto Editora, [1954]; IDEM, *História da Cultura em Portugal*, Lisbon, Jornal do Foro, 1950-1962; PIMPÃO, Álvaro J. Costa, *História da Literatura Portuguesa: Idade Média*, 2nd ed., Coimbra, Atlântida, 1959 (1st ed. 1947); COELHO, J. Prado (dir.), *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, Oporto, Liv. Figueirinhas, 1960. Decades later, A. J. Saraiva released a summary of his essential reflections on fourteenth and fifteenth literature in *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*, Lisbon, Gradiva, 1988." (Amado *et al.*, 2012: 87).

> the text of the chronicle, the final volume following later. However, it did not bear immediate fruit in Portugal, the first sizeable repercussions being felt in Spain, where there appeared studies by Diego Catalán Menéndez Pidal. (...) In this same period, or earlier, there had been the rare first studies of the Portuguese translations of Arthurian matter (M. Martins, Rodrigues Lapa), both first published outside Portugal. An exception for this time, Mário Martins regularly published works on all genres of medieval prose during this period. (Amado *et al*, 2012: 87-88).

O segundo período que estas autoras identificam inicia-se nos anos 80 do século passado e vem até aos dias de hoje. Destaca-se a importância dos estudos de José Mattoso para uma nova forma de estudar História (Cf. *Idem*: 88) e também a fundação, em 1985, da Associação Hispânica de Literatura Medieval. Os contactos com o estrangeiro que advieram desta fundação permitiram a dois dos seus membros, Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani a organização de uma obra coletiva que ainda hoje é a mais importante nos Estudos Medievais portugueses. Falamos do *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, de 1993. Emergem também por esta altura edições das crónicas portuguesas e dos Livros de Linhagens.

No que diz respeito à Matéria Arturiana, há a destacar a edição d' *A Demanda do Santo Graal*, de Irene Freire Nunes, de 1988 (que foi editada concomitantemente com a sua homónima brasileira, de Heitor Magale) e a tese de Doutoramento de Ivo Castro, de 1984, na qual parte do *Livro de José de Arimateia* foi editado. Sublinham as autoras que o restante trabalho ficou incompleto até aos dias de hoje. De salientar também o volume de 2002, *Matéria da Bretanha em Portugal*, resumo do Colóquio com o mesmo título, realizado em 2001 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no qual o *Livro de José de Arimateia* voltou a ter grande destaque, com a indicação de que Ivo Castro estaria a trabalhar de novo na edição do texto, tendo havido bastantes outras contribuições sobre prosa arturiana em Portugal[4].

O conjunto dos estudos apresentados na publicação de 2002 partem da premissa de que era urgente lançar um novo olhar sobre os textos que fundam a tradição da matéria da Bretanha em Portugal – o *Livro de José de Arimateia* e a *Demanda do Santo Graal* – olhando de novo para os contextos tradutórios e, em particular, para os diferentes contextos históricos e sociais dos textos de partida (alguns dos quais nunca chegaram a ver tradução para a língua portuguesa) e do contexto literário de chegada.

Esta nova abordagem decreta:

[4] Destacamos outras obras, recentemente editadas, provenientes de trabalhos académicos, dedicadas ao estudo de tópicos relacionados com a Matéria da Bretanha em Portugal. A saber: Laranjinha, Ana Sofia (2012), *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron*. Porto: Estratégias Criativas; Correia, Isabel Calvário (2015) *Do Lancelot ao Lançarote de Lago*. Porto: Estratégias Criativas; e Miranda, José Carlos Ribeiro et alia (2016), *Estória do Santo Graal*. Porto: Estratégias Criativas.

> ...uma orientação da investigação que tenha em conta tanto a complexa trama de que emergiram os textos portugueses, como o processo de re-contextualização e a necessária re-semantização, a partir do momento em que a leitura se faz pelo confronto com outros géneros textuais que, por sua vez, incorporam e reformulam elementos desse género inédito na literatura portuguesa do século XIII que é o romance. (*Matéria*, 2002: 7).

Lamentam as autoras o "alheamento das universidades portuguesas" (*Idem*: 8) ao movimento europeu de estudo de textos medievais, uma vez que se defende que o estudo da literatura medieval pode ainda gerar interesse junto da sociedade contemporânea.

O volume continua com vários estudos que se prendem com questões de edição, transcrição e tradução de textos como, por exemplo, *O Livro de José de Arimateia*, *Le Mantel Mautaillié* e *Suite de Merlin*.

São de destacar ainda nesta obra alguns apontamentos sobre Estudos de Género, a tradição exemplar dos textos medievais e a ligação ao espiritual, através da noção de inefável. Uma nota final ainda para considerações de interesse sobre os encontros "feéricos" e o contexto histórico da Matéria da Bretanha em Portugal, que remonta – com provas documentais – ao reinado de Afonso III.

Regressando ao artigo de Teresa Amado, Cristina Sobral e Graça Lopes, há um realce dado ainda à prosa didática (ou doutrinal) como as *Obras dos Príncipes de Avis*, *Corte Enperial* ou *Horto do Esposo* (com a última edição desta a datar de 2007 pela mão de Irene Freire Nunes).

Ainda no que diz respeito à prosa, fala-se dos estudos feitos na área da hagiografia, destacando a súmula feita por Maria de Lurdes Roca, em 2000, "Hagiografia e Santidade" e o 'estado da arte' bastante pormenorizado que já havia sido feito no *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*.

Avançando para o domínio da poesia medieval, apenas uma breve nota para relembrar que o estudo das cantigas de amigo e amor teve o seu ponto mais alto no século XX, com as descobertas musicais dos pergaminhos Vindel (1914) e Sharrer (1990) respetivamente. As autoras fazem um apanhado daquilo que foram os trabalhos de J. J. Nunes (na década de 1920) e M. R. Lapa (1955) sobre as origens líricas dos textos.

Em 1980, Giuseppe Tavani, aquando da publicação da antologia de Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos, *A Lírica Galego-Portuguesa*, fez um resumo das questões levantadas por este tipo de poesia, o que influenciou grandemente o estudo dos textos em Portugal; prova disto é o

elevado número de estudos e artigos publicados em Portugal na década de 1990 sobre o assunto (Cf. Amado *et al*, 2012: 105-106).

No que diz respeito ainda à poesia, as autoras referem, acerca das cantigas de escárnio e maldizer, o trabalho feito por Carolina Michäelis de Vasconcelos em 1904, na sua edição do *Cancioneiro da Ajuda*. No entanto, a primeira edição crítica destes textos é de Manuel Rodrigues Lapa, em 1965, com o título *Cantigas de Escárnio e Maldizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. As edições mais recentes são as espanholas de Carlos Alvar e Vicenç Beltran (1985) e Xosé Freixedo (2003) e a portuguesa de Graça Videira Lopes, de 2002.

O artigo termina com o sublinhar daquilo que as novas tecnologias têm feito pelos Estudos Medievais e, em particular, do contributo que as várias bases de texto online vieram dar. As autoras destacam as mais relevantes:

> This is the case of the Galician Lírica Profana Galego-Portuguesa (MedDB) database, which is based at the Centro Ramón Piñero and coordinated by Mercedes Brea, and the Portuguese Cantigas Medievais Galego-portuguesas database, based at Faculdade de Ciências Sociais e Humanas of the Nova University of Lisbon (FCSH-UNL) and coordinated by Graça Videira Lopes (which includes manuscripts and Music). (*Idem*: 109).

António Resende de Oliveira, no seu artigo intitulado "Literary and Historiographical Production" faz alguns apontamentos importantes acerca do estudo da produção literária e historiográfica medieval em Portugal.

Gostaríamos de sublinhar a breve súmula da produção poética e em prosa da Idade Média em Portugal, destacando, no que diz respeito ao estudo da Matéria da Bretanha em Portugal (que é o aspeto mais relevante para esta discussão), a contribuição de Mário Martins[5], que publicou abundantemente sobre este tema, mesmo na altura em que a discussão sobre matéria arturiana não era assim tão acesa no meio académico português.

De entre os variados capítulos deste volume, gostaríamos de destacar ainda aquele que foi escrito por Judite A. Gonçalves de Freitas, "Syntheses, Guides and States of the Art" que, como o título indica, procura sistematizar o que tem sido feito desde 1950 a nível historiográfico em Portugal.

[5] MARTINS, Mário, "O livro de José de Arimateia, da Torre do Tombo", *Brotéria*, vol. 55 (1952), pp. 289-298 (re-edited in *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, 1956, pp. 50-57); IDEM, "A Eucaristia no Livro de José de Arimateia e na Demanda do Santo Graal", *Itinerarium*, t. 87 (1975), pp. 16-30; IDEM, *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa*, Lisbon, Edições Brotéria, 1975; IDEM, "Frases de orientação nos romances arturianos e em Fernão Lopes", *Itinerarium*, t. 95, Jan.-Mar. (1977), pp. 3-24; IDEM, "Os prantos de Palamedes no Tristan e na Demanda do Santo Graal em medievo-português", *Itinerarium*, t. 104 (1979), pp. 223-232.

A autora destaca um facto interessante: "There does not exist in Portugal any general history devoted exclusively to the medieval period as a whole." (Freitas, 2012: 608). Existem nove sínteses da História Medieval portuguesa, duas publicadas nos anos 20 e 30 do século passado e as outras sete foram publicadas a partir da década de 1970 até aos dias de hoje. Marca a autora esta década de 70 também como o momento de 'legitimação' dos Estudos Medievais em Portugal, uma vez que é nesta altura que surgem os primeiros programas doutorais nestas áreas: "Over the past forty years, the growing number of postgraduate specialists has allowed the establishment of the discipline, offering, renewing and constantly upgrading the international dimension of our field of teaching and research." (Freitas, 2012: 619-620).

Termina a autora sublinhando a evolução da historiografia medieval portuguesa nas últimas décadas e o dinamismo da área de estudos:

> Over the past twenty-five years, the internationalisation of Portuguese medieval historiography is remarkable to note. The historicity of the identity of Portuguese medievalism demonstrates the dynamism of this area of learning that has dared to evaluate, adjust and build its own approaches and its own conditions of action. (Freitas, 2012: 625).

As reflexões apresentadas neste volume prendem-se, como pudemos constatar, com o trabalho feito nos estudos medievais em textos e documentos de origem lusa, ou seja, escritos em Português, ou Galego-Português. Obviamente que o que foi discutido tem pontos de contacto com o tema que queremos explorar, uma vez que se abordam tópicos da Matéria da Bretanha em Portugal.

Por este motivo separámos a súmula que foi feita neste volume do breve resumo que a seguir expomos, que se prende com o trabalho em Portugal sobre textos da Matéria da Bretanha que não foram escritos em Português e, mais especificamente, sobre os textos de origem francesa e inglesa, desde a década de 1990.

No que diz respeito a estudos feitos sobre textos de origem inglesa, queremos destacar as teses de mestrado de Angélica Varandas[6], *Sir Gawain and the Green Knight – Magias no*

[6] Da autora gostaríamos ainda de referir os inúmeros artigos escritos e comunicações não só acerca da Matéria da Bretanha, mas, em particular, sobre a personagem que é também alvo do nosso estudo, Gawain. Destes destacamos: Varandas, Angélica (2011). "O Rosto do Herói Medieval" " in *Brathair* , vol. 10, nº 2 (2011) in http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/issue/current; IDEM, (2011). "A Mobilidade interior: A Demanda de Gawain em Sir Gawain and the Green Knight." In Carlos F. Clamote Carreto (Eds.) *Lors te metra en la voie: Mobilidade e Literatura na Idade Média*. Lisboa: U Aberta, 231-241; IDEM, (2009). "Um Herói Resgatado: A Importância de Gawain em Sir Gawain and the Green Knight." In A.Pinheiro S. et al. (Eds.) *'So Long lives This and This Gives Life to Thee': Homenagem a Maria Helena de Paiva Correia*. Lisboa: CEAUL, 113-132; IDEM, (2013). "The Subversion of 'coutaysye' in Sir Gawain and the Green Knight." 16th Int. Conf. Courtly Literature Society, Calouste Gulbenkian Foundation/U Nova Lisboa /U Lisboa, 22-27 Jul.

Feminino (1993), de Ana Rita Martins, *Morgan Le Fay: a herança da deusa - as faces do feminino na mitologia arturiana* (2010) e de Diana Marques, *Excalibur: a espada na Bruma* (2013).

Há que referir os inúmeros estudos realizados por Maria Cristina Álvares sobre textos de origem francesa relacionados com a Matéria da Bretanha. De entre os mais variados temas, gostaríamos de destacar os seguintes títulos: a obra escrita em conjunto com Américo Diogo, de 1994, *Gravitações: sobre a literatura medieval portuguesa e francesa*; o artigo de 1999, "Gauvain et l'impossible dénouement romanesque"; o artigo de 2013 "Perceval ofuscado. O olhar entre luz e trevas em *Le Conte du Graal*, de Chrétien de Troyes e, de entre os muitos textos e resumos de pendor pedagógico, destacamos o resumo da obra *From Ritual to Romance*, com o título "Jessie Weston: l'origine rituelle de la littérature", de 2006 e a súmula "Géneros Literários Medievais: Canção de Gesta, Lírica Trovadoresca, Romance", de 2010.

Embora bastante trabalho já tenha sido realizado pelas autoras acima citadas, o estudo de textos relacionados com a Matéria da Bretanha é um campo ainda fértil para a investigação, daí também o nosso interesse e envolvimento no tema.

Neste sentido, é nosso intento que a tese que agora iniciamos entre neste diálogo já com bastantes décadas e intervenientes como mais uma contribuição para uma necessária revisitação e debate acerca da Matéria da Bretanha em Portugal.

Prosseguimos então com este estudo que, forçosamente, nos tem de levar ao passado da Literatura Ocidental europeia e, com mais detalhe, à Matéria da Bretanha.

2. O Romance Medieval

> "... a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade." (Barthes, 1976: 19).

O centro do presente estudo é o poema narrativo *Sir Gawain and the Green Knight*. No entanto, embora pertença à esfera temática da Matéria da Bretanha, pertence também a um género textual específico que tem de ser definido para que melhor se compreenda as suas características, o romance medieval.

De que se fala pois, quando se refere um romance da Idade Média? Aguiar e Silva define romance medieval como:

> ...extensas composições romanescas, frequentemente em verso, em que podemos discriminar duas grandes correntes: por um lado, o romance de cavalaria; por outro, o romance sentimental. O romance de cavalaria, cujo modelo se constituiu com as obras de Chrétien de Troyes, espelha uma mundividência cortês e idealistamente guerreira, estruturando-se a sua intriga em torno de duas isotopias fundamentais: o amor e a *aventura*. O romance sentimental, cujos modelos imediatos são a *Elegia di Madonna Fiammetta* de Boccaccio e a *Historia de duobus amantibus* de Eneas Silvio Piccolomini, pode apresentar um cunho mais acentuadamente sentimental, conforme a sua intriga decorra num ambiente burguês ou num ambiente aristocrático, mas caracteriza-se sempre por uma subtil e minudente análise do sentimento amoroso, ao passo que o romance de cavalaria concede uma importância capital às aventuras ou peripécias externas motivadas pelo amor ou com ele relacionadas. (Aguiar e Silva, 2000: 674).

O texto sobre qual nos debruçaremos, *SGGK*, pertence à primeira corrente apontada por Aguiar e Silva na sua obra *Teoria da Literatura*, isto é, ao romance de cavalaria[7].

Este modo textual possuiria um pendor de cariz mais histórico, mais ancorado não só a uma verosimilhança mas a uma justificação e credibilização dos heróis apresentados, o que se opõe à natureza do género contemporâneo, como declarava Marthe Robert, em 1979, na sua obra *Romance das Origens e Origens do Romance*: "...o imaginário é o quinhão do romance actual, enquanto as formas antigas do género estão por natureza mais próximas da História." (Robert, 1979: 16).

E quais são as características principais deste género?

Falamos de um texto geralmente em prosa (mas também em verso, como é o caso de *SGGK*), posto em suporte escrito ou copiado quase sempre por monges nas suas abadias. Esta é uma característica essencial do texto medieval, romance ou não: a sua instabilidade. Havia muitas variantes que podiam influenciar as diferentes realizações textuais de uma narrativa, mas destacamos duas que são as mais evidentes: o erro humano e a própria noção de autoria medieval, que assentava no comentário, como aponta Robert Sturges: "The instability of texts is also the instability of meaning". (Sturges, 1991: 4).

Estas duas características pertenciam à própria natureza do texto medieval, como lembra ainda o mesmo autor:

> *Mouvance*, the process by which texts in a manuscript culture inevitably change with each new manuscript produced, is not merely an effect of scribal error; it is a fact of medieval text production in more important ways as well. (...) Medieval readers could have a kind of power over the texts they read unknown to their modern counterparts. Scribes not only copied works but also read and edited them according to their own standards. (*Idem*: 3).

[7] De apontar é o facto de o romance não ser, obviamente, a única produção literária ficcional em prosa que havia na Idade Média. Como recorda ainda Aguiar e Silva: "A literatura narrativa medieval não se circunscreve ao romance. Entre outras formas menores – moralidades, milagres, hagiografias, *exempla*, farsas, *fabliaux*, - merece particular relevo a *novela* (...)." (Aguiar e Silva, 2000: 674-675).

A nível temático havia aquilo que Peter Haidu, no seu artigo de 1977, descreveu como sendo uma convenção da ficção medieval, a Repetição. Há muitos temas que são considerados lugares comuns na narrativa medieval (personagens-tipo, aventuras fantásticas, testes espirituais) mas isto era, de acordo com Haidu, um dos traços da própria literatura medieval:

> Repetition is referred not to the chain of history but to the chain of being. It is referred to the abstract Form that gives meaning and validity to each of the particular concretizations; each repetition therefore constitutes a further revelation of value, since it brings before our eyes again that aspect of the abstract Form that can be concretized and visualized. Hence what seems to us a most extraordinary patience with repetition in medieval art. Clearly "patience" is the wrong word. Repetition is not "tolerated" in this context; repetition is positively valued. This is the explanation, I think, for that extraordinary stock of loci communes, the topoi, the whole range of conventions to be found in narrative at every level of the text-stylistic, actantial, evenemential, and structural. Hence the valorization of all those repeated elements that, could we only be sure that they were fully conscious at the time of their elaboration, we could simply call conventions. Hence the existence, joy, and delight, in a conventional literature. (Haidu, 1977: 880).

Há, também, um novo interveniente que desperta com a emergência do Romance enquanto género e este é o leitor. Iniciando um novo caminho que parte da doutrinal alegoria para comparações que mais se aproximem do modo parábola, o leitor do texto é convidado a fazer um paralelo entre as demandas dos heróis que lhe são apresentados, a acompanhar os seus dilemas e a aplicar, na sua própria existência e perante escolhas que – para si mesmo – parecerão aventuras, as lições recolhidas do exemplo das personagens das narrativas:

> Whereas allegories are didactic, imposing their interpretations as doctrinal truths about a higher level of reality, these other works are heuristic, inviting the reader's own interpretation as a way of exploring the mysteries of this world, this reality – and as a way of reflecting on that process. The interpretation of such works must be metonymic rather than metaphorical: rather than substituting one register (spiritual or abstract) for another (physical or concrete) in order to find a symbolic meaning harmonious with the literal, the reader must situate various pieces of information in their proper contexts on the same, literal level, in order to understand the various possible meanings. The reader's own uncertain speculations are reflected in those of the narratives' characters: their puzzling adventures become an event in, and an epitome of, our own mysterious world. (Sturges, 1991: 33).

No entanto, há algo de transversal ao género do romance que parece existir em todas as suas formas e manifestações, desde a sua génese até aos dias de hoje, como recorda Barron na sua obra já citada:

> At the heart of the romance mode in all its manifestations certain values remain constant. From ancient Greece to our own age, the search for the ideal has been constantly concerned with the same essential experiences: love, honour, value, fear, self-knowledge. (Barron, 1987: 4).

Estes valores que o autor descreve na citação acima são de importância ímpar para o cavaleiro medieval e, em particular, para a personagem Gawain. É relevante, em seguida, constatar como o género do romance medieval foi desenvolvido nas literaturas inglesa, francesa e portuguesa, reflexão fulcral para o aprofundamento do estudo da Matéria da Bretanha.

2.1 Literatura Inglesa

Não se pode olhar para o desenvolvimento da literatura inglesa medieval sem ter em conta os acontecimentos históricos que se deram na ilha.

A cultura Anglo-saxónica sofreu um grande golpe com as invasões Normandas em 1066. Após as mesmas, a produção literária em língua inglesa entra em declínio, uma vez que as línguas privilegiadas pela corte invasora são o Latim e o Francês.

No entanto, a História veio provar que esta prevalência linguística do invasor não iria durar muito, como recorda Barron:

> Early in the thirteenth century the linguistic balance began to shift. When, in 1204, King John lost Normandy in a dispute with his overlord, Phillip of France, each required his feudal dependents to pay allegiance only to him, abandoning their estates in the other's kingdom to younger brothers. The English crown retained its vast territories in the south of France from which many soldiers and clerics flocked to the court of Henry III, rousing anti-foreign feeling even among his subjects of Norman stock who began to feel that to be truly English they must speak English. (Barron, 1987: 51).

O facto de a cultura normanda se ter misturado com a anglo-saxónica só veio enriquecer a literatura insular uma vez que, após a Conquista, seriam três as tradições literárias que passaram a coexistir em Inglaterra: a inglesa, a francesa e a latina (Cf. *Idem*). Esta condição só serviu para criar autores mais versados nas literaturas e culturas europeias da época e, quando finalmente o Inglês emerge de novo como idioma principal da ilha britânica, temos criadores como Chaucer, Lydgate, Gower e o Poeta de *Gawain*, claramente instruídos, tanto linguística como culturalmente, em tudo o que se passava nas cortes.

Aponta Barron ainda que sobreviveu um grande corpus de romances medievais escritos em língua inglesa, o que não quer dizer que seja representativo de tudo aquilo que se escrevia na altura:

> The survival of so many Middle English romances in such compilations indicates that those which could be seen as edifying and morally instructive had most chance of being preserved, but does not necessarily typify the tastes of the audience for which each was originally written nor characterize the whole corpus, so much of which has evidently been lost. (Barron, 1987: 55).

Há que ter em conta, também, que o romance em língua inglesa emerge mais tarde do que, por exemplo, o francês, também por causa dos impedimentos histórico-políticos que abundaram na corte inglesa medieval.

Barron defende, ainda, que a afirmação do Romance como género ainda se tornou mais complexa em Inglaterra pela permeabilidade do mesmo, sempre fecundo de influências de outros textos, géneros e culturas:

> In England the process was complicated, so far as the development of the genre was concerned, by the apparent ease of communication between literary and sub-literary forms, folk-tale nourishing formal romance in ways which are not always open to scholarly inspection. (*Idem*: 57).

É óbvio, no entanto, que, a par da emergência do romance medieval, outros géneros/modos coexistiam e contribuíam para manter vivas as tradições orais perpetuadas na poesia. Falamos, por exemplo, do conto, da balada, da hagiografia, dos *fabliaux*, dos lais Bretões, etc.

Diz-nos Baugh (Cf. Baugh, 1994: 173-199) que os primeiros romances que surgiram eram mais apelativos para as classes aristocráticas e faz a divisão do romance medieval inglês em quatro matérias: a Matéria de Inglaterra (textos como *Kings Horn* e *Bevis of Hampton*); a Matéria de Roma (textos como *King Alisaunder* e *The Wars of Alexander*); a Matéria de França (com produções como *Charlemagne and Roland* e *Roland and Vernagu*) e, finalmente, a Matéria da Bretanha, com textos produzidos entre o final do século XII (*Brut*) e o século XVI (incluindo os romances populares em que as aventuras de Gawain, do Rei Artur e restantes companheiros da Távola Redonda foram imortalizados) como ilustramos na tabela seguinte[8]:

[8] Articulámos e enriquecemos o conteúdo destas tabelas com a informação dada na cronologia de textos da já citada obra de W. R. J. Barron, *English Medieval Romance*.

Data	Matéria da Bretanha
c. 1189	*Brut*
Final século XIII	*Sir Tristrem*
c. 1300-40	*Sir Perceval of Galles*[9]
c. 1325	*Libeaus Desconus*
1300-1350	*Ywain and Gawain*
c. 1375	*Morte Arthure*
c. 1380-1400	The stanzaic *Morte Arthur*
c. 1380-1400	*Sir Gawain and the Green Knight*
1400	*The Carle off Carlile*
c. 1425	*The Avowynge of King Arthur*
c. 1430	*The Awntyrs Off Arthure*
c. 1450	*The Weddynge of Sir Gawen and Dame Ragnell*
c. 1450	*The Marriage of Sir Gawaine*
1469-70	Malory's *Morte Darthur*
c. 1500	*The Turke and Gowin*
c. 1500 (Middle Scots)	*Golagrus and Gawain*
c. 1490-1500	*The Jeaste of Syr Gawayne*
c. 1500	*The Grene Knight*

Tabela 1. Textos que compõem a Matéria da Bretanha segundo Baugh, 1994 e Barron, 1987.

Dentro da produção do romance em Inglaterra, há que sublinhar o papel que teve o surgimento do movimento que ficou conhecido como Revivalismo Aliterativo na segunda metade do século XIV.

Houve um grupo de autores que se dedicou a resgatar a expressão poética própria do Inglês Antigo e aplicou-a à narrativa do romance. A maioria destes autores compuseram as suas obras na zona Norte e Oeste da área de Midlands e o principal é, sem dúvida, o autor da obra em apreço, *SGGK*, que, por ser anónimo, ficou apenas conhecido como o Poeta de *Gawain*.

Há outras obras deste período do Revivalismo Aliterativo cujos manuscritos chegaram aos nossos dias como os textos conhecidos por serem de protesto social *Wynnere and Wastoure*

[9] "...the only English treatment of the Perceval legend..." (Barron, 1987: 155).

(1352), *The Parlement of the Three Ages*[10] (1352-1390) e o principal desta categoria é, sem dúvida, *Piers Plowman* (1362), cuja autoria ainda hoje se discute mas que é comumente atribuída a Langland.

Incontornável é a referência à produção literária de Geoffrey Chaucer, que se tornou o mais proeminente de todos estes autores por duas razões que tornaram os seus textos na referência maior da produção narrativa medieval inglesa: a primeira razão prende-se com o facto de ter escrito no dialeto que viria a emergir como o Inglês Padrão, a saber, East Midland, falado na zona de Londres; a segunda razão está relacionada com o seu patrono ser John de Gaunt, Duque de Lancaster.

Não pretendemos diminuir o valor da qualidade da obra de Chaucer com a apresentação destas razões. Apenas quisemos apontar o facto, uma vez que noutras zonas de Inglaterra, mais afastadas da corte e do seu dialeto, também se produziram obras de qualidade, embora muitas provavelmente não tenham sobrevivido por serem alvo de menor difusão. Como recordam A.C. Spearing e J. E Spearing, "...the effect of this overwhelming predominance of Chaucer has been to distort our picture of medieval English poetry generally, and deprive us of much enjoyment, by throwing his contemporaries into the shade." (Spearing & Spearing, 1974: p.1).

Prova desta afirmação dos autores é o facto de, por exemplo, as obras do Poeta de *Gawain* terem chegado aos dias de hoje apenas num só manuscrito, MS Cotton Nero Ax, tópico abordado nos pontos dedicados à análise da obra *SGGK*, no capítulo 4 desta dissertação.

Regressando à obra de Chaucer, é claro pela natureza da mesma que o autor era conhecedor profundo das obras clássicas europeias (em particular, francesas) e da própria tradição oral inglesa[11]. Foi um autor cuja produção literária foi abundante para o tempo de vida que teve. Crê-se que terá nascido em 1340 e morrido em 1400, e as suas obras são: *Book of the Duchess* (1369), *House of Fame* (1379), *Anelida and Arcite*, *Parlement of Foules*, *Consolation of Philosophy* (tradução), *The Romaunt of the Rose* (tradução), *An ABC* (short poem), *Troylus and Criseyde*, *Legend of Good Women* e *The Canterbury Tales*.

Não podemos deixar de mencionar outros autores contemporâneos de Chaucer como John Gower (*Confessio Amantis*, cuja composição começou em cerca de 1386); John Barbour, com o seu texto *The Bruce*[12] (1376); John Trevisa, tradutor de grandes obras para Inglês, cujo

[10] Ambos os títulos já foram atribuídos a Lydgate, mas a dúvida permanece.
[11] Como exemplo temos a referência ao próprio Gawain, no *Squire's Tale*, com quem o cavaleiro é comparado, na postura com que se apresenta ao rei: "That Gawain, ever courteous, ever bland, / Though he were come again from fairyland / A greater courtesy could not have shown." (Chaucer, 1988: 170).
[12] De origem escocesa.

expoente máximo foi a tradução da *História Universal* de Ranulph Higden, *Polychronicon*, em 1387, na qual fez um 'estado da arte' do estado da língua inglesa em 1385. Sabe-se que traduziu vários livros da Bíblia, suspeitando-se que possa ter sido um dos colaboradores da tradução que Wyclif fez do texto sagrado. No entanto hoje sabe-se que a tradução (de cerca de 1388) que foi atribuída a Wyclif terá sido completada pelos seus seguidores, John Purvey (m. 1428) e Nicholas de Hereford (m.1420).

Emergiu pois este novo género textual que era o romance medieval, mais atreito a exprimir não só as histórias da tradição oral mas também um novo modo de ler, de conhecer, de interpretar, como nos apontam Catherine Batt e Rosalind Field: "Romance seems more intent on exploring literary possibilities than on defining absolutes: the 'dogmatic principles' of epic contrast with the 'inductive' lines of romance." (Batt & Field, 1999: 60).

E não é coincidência que o tema recorrente da maioria destes textos seja a Matéria da Bretanha, como nos recordam ainda as mesmas autoras: "It can be no coincidence that the appearance of English Arthurian literature accompanies the gathering strength of English as a literary language and the growing sense of national identity most sharply felt in relation to France." (*Idem:* 69). Mas a este tópico regressaremos no ponto 3 do presente capítulo.

2.2 Literaturas de Origem Celta – Irlanda e País de Gales

Os textos que descendem das tradições orais presentes em particular na Irlanda e no País de Gales[13] são fulcrais para a compreensão das influências celtas não só na literatura inglesa medieval em geral mas, em particular, na chamada Matéria da Bretanha e na emergência das figuras de Artur e Gawain.[14] Daí a necessidade de destacarmos as principais narrativas que compõem esta tradição.

No entanto, não o podemos fazer sem fazer uma breve referência às origens desta noção de povos celtas. As primeiras referências escritas a estes povos são gregas, como aponta Miranda Green: "We first hear of Celtic people in the writings of such Greek historians as Hecataeus of Miletus, who alluded to *Keltoi* in about 500BC, and Herodotus, who mentioned the Celts in his Histories (...)." (Green, 1992: 9).

[13] De referir que os textos extantes em literatura escocesa medieval são mais escassos e, muito provavelmente, misturados com os de literatura irlandesa medieval, uma vez que a produção em Gaélico e Latim foi feita nos dois territórios e julga-se ter havido grande permeabilidade entre as duas culturas e literaturas.

[14] Que exploraremos em maior detalhe ainda neste capítulo.

A principal razão pela qual não temos registos escritos dos Celtas prende-se com o facto de que parecia haver um tabu de origem religiosa contra a escrita nestas sociedades e que todo o saber deveria ser preservado através da tradição oral. Daí o facto também de os textos que temos de origem celta nas culturas Irlandesa e Galesa serem de um período posterior. (Cf. Puhvel, 1989: 166-188).

No que diz respeito à sua influência na Matéria da Bretanha, é importante destacar o papel que a mobilidade destes povos teve na difusão das lendas de origem celta no continente europeu, em particular das histórias que tinham como figura central o Rei Artur, como recorda John Matthews:

> The stories were almost certainly carried across the English Channel to Brittany by wandering bards and story-tellers at various times after the general exodus which followed upon the Saxon wars of the fifth-sixth centuries – not long, in fact, after the disappearance of Arthur himself. Once there they were carried deeper into Europe, where they became cross-fertilized with native tales, finally returning to Britain with the Normans. (Matthews, 2003: 27).

Elencamos, de seguida, os principais textos medievais das literaturas Irlandesa e Galesa, embora o seu papel e relevância na Matéria da Bretanha vá ser explicado no ponto 3 do presente capítulo.

Há destacar, no entanto, o facto de estes textos terem sido revitalizados com o emergir do Romantismo, no século XIX, que trouxe um novo interesse – também de cariz nacionalista – por estas tradições Celtas antigas e pelo seu pendor ligado ao Maravilhoso e sobrenatural.

No que diz respeito à literatura irlandesa, os mitos e lendas celtas medievais foram divididos em três ciclos, dos quais se ilustram alguns exemplos na tabela seguinte:

Ciclo Mitológico[15]	*Cath Maighe Tuireadh*[16]
	Tochmarc Étaine[17]
	'Echtrai' – Expedições
	'Imrama' – Navegações

[15] "integra narrativas cuja acção se desenrola na província de Mide, que compreendia Bruig na Bóinde (hoje New Grange) e Temuir (hoje Tara). Esta província era povoada pelos Tuatha Dé Danann, os Habitantes do Outro Mundo ou Sídhe, pelo que o mundo evocado pelos contos mitológicos se traduz numa versão idealizada e estilizada do mundo real. Este ciclo pretende dar conta das origens míticas e o combate dos deuses Tuatha Dé Dannan (povo da deusa Ana, Dana ou Danu) com os Fomoire, os demónios que anteriormente habitavam a ilha." (Varandas, 2006: 23).

[16] *A Batalha de Moytura.*

[17] *O Cortejar de Étain.*

Ciclo Heróico	**1.** Ciclo do Ulster[18] Textos fundamentais – *Táin Bó Cuailnge*[19] *Longas mac nUisleann*[20] *Fled Bricrenn*[21]
	2. Ciclo Histórico ou dos Reis[22] *Lebor Gabála Érenn*[23] *Togail bruidne Da Derga*[24]
Ciclo de Fionn[25]	*Tóraigheacht Dhiarmada agus Ghráinne*[26] *Acallamna Sénorach*[27]

Tabela 2. Ciclos das lendas e mitos celtas Irlandeses (Cf. Varandas, 2006: 23-25).

Relativamente aos textos de origem galesa, apresenta-se o elenco dos mesmos na tabela abaixo tendo por base o estudo que Angélica Varandas fez, em 2007, dos mesmos:

Quatro Ramos do *Mabinogi*[28]	Pwyll, Senhor de Dyved
	Branwen, Filha de Llyr
	Manawydan, Filho de Llyr
	Math, Filho de Mathonwy
	Os Quatro Contos Galeses Independentes: 1 – Lludd e Llevelys;

[18] "Este ciclo recupera uma era heróica de ambiente aristocrático exaltando a guerra e os ideais e códigos heróicos a ela associados: a lealdade, a virtude, a honestidade, a coragem, a hospitalidade, entre outras. O herói, um nobre ou um príncipe, vive para a guerra, sua principal ocupação, pois é ela que lhe permite, por um lado, acumular bens e riqueza e, por outro, alcançar a imortalidade ao inscrever o seu nome na galeria dos eleitos." (*Idem*: 24).

[19] *Razia das Vacas de Cooley.*

[20] *O Exílio dos Filhos de Uisliu.*

[21] *A Festa de Bricriu* – Um dos textos que são fundamentais para a análise de *SGGK*.

[22] Relatam-se "...as origens dinásticas de reis e nobres." (*Idem*: 25).

[23] *Livro das Invasões da Irlanda.*

[24] *A Destruição da Estalagem de Da Derga.*

[25] "É o ciclo mais recente cujos primeiros textos datam do século XII, altura em que surgiram as «laoithe» ou «lais», veiculo privilegiado na difusão das lendas que contas as aventuras de Fionn MacCool (Branco), de seu filho Ossian (Corço) e dos seus guerreiros – os Fianna." (*Ibidem*).

[26] *A Perseguição de Diarmuid e Gráinne*.

[27] *A Conversa dos Anciãos.*

[28] Presentes nos manuscritos *Llyfr Coch Hergest* (*O Livro Vermelho de Hergest*) e *Llyr Gwyn Rhydderch* (*O Livro Branco de Rhydderch*), ambos de cerca do século XIV, e traduzidos, pela primeira vez, para Inglês, pela mão de Lady Charlotte Guest, entre 1838 e 1849. (Cf. Varandas, 2007: 11-15). Julga-se que as histórias datarão de cerca de 1060 pelo menos.

Ciclo Arturiano[29]	2 – O Sonho de Max Wledig; 3 – Culhwch e Olwen[30]; 4 – O Sonho de Rhonabwy.
	Os Três Romances Galeses: 1 – Owain ou A Dama da Fonte; 2 – Peredur, Filho de Evrawc; 3 – Geraint, Filho de Erbin.
Manuscritos onde se faz referência a Artur	1 – *The Book of Aneirin*[31]; 2 – *The Black Book of Carmarthen*[32]; 3 – *The Book of Taliesin*[33] 4 – *Trioedd Ynys Prydein*[34]

Tabela 3. Lendas e mitos celtas Galeses (Cf. Varandas, 2007: 1-31).

Regressaremos a alguns destes textos aquando da breve abordagem à figura de Artur e no ponto que descreverá a origem e evolução da figura de Gawain.

2.3. Literatura Francesa

O romance emergiu primeiro como género na literatura francesa, uma vez que são da segunda metade do século XII os primeiros romances escritos em verso.

Abundava em França a produção da Canção de Gesta[35] que, como apontou Mª Conceição Vilhena, exaltava a valentia do herói ao serviço da comunidade. Já o romance vai explorar as características psicológicas do indivíduo enquanto herói. (Cf. Vilhena, 1990: 346-391).

---

[29] Claramente, a origem da Matéria da Bretanha, à qual voltaremos no ponto 3 do presente capítulo.

[30] O "...mais antigo conto galês em prosa sobre Artur..." (Varandas, 2007: 18).

[31] Manuscrito Galês do século XIII, com poemas de cerca do século VI, pensando-se que será cópia de um original do século IX. Possui o poema "Y Gododdin" que tem uma referência a Artur. Faz-se um elogio a um Gwawrddur, bravo, corajoso e generoso, «embora não fosse Artur». (Cf. *Idem*: 21).

[32] Manuscrito compilado na segunda metade do século XIII e onde está presente o poema *Pa Gur yv y Porthaur* (*Quem É o Porteiro?*), que refere Artur como um valente guerreiro, matador de monstros e um Cai heróico, ainda longe do Cai sempre irado dos romances mais tardios. (Cf. *Idem*: 141).

[33] Da primeira metade do século XIV – contém poemas de Taliesin, poeta Galês do século VI. Inclui o poema *Os Despojos de Annwm*, fonte de muitos elementos da Lenda do Graal.

[34] *Tríades Galesas*, compiladas em 1961 a partir de vários manuscritos, em particular do *Peniarth MS. 16*.

[35] Da qual a *Chanson de Roland* (composta entre a segunda metade do século XI e início do século XII) é o maior exemplo na literatura francesa, que encontra par em fama na homóloga espanhola, *Canción de Mio Cid*, de 1207.

Há uma clara filiação da literatura francesa medieval nas literaturas grega e latina. O Primeiro romance foi *Roman d'Alexandre* (composto em cerca de 1170 e de onde procede o verso alexandrino), de onde saiu, para o romance cortês: o modelo do herói, a procura da conquista amorosa, a predileção pelo maravilhoso pagão e o gosto pelo exotismo oriental.

De destacar também a tríade latina composta por: *Roman de Thèbes*, de 1149, *Roman de Enéas*, de 1156, "...o primeiro esforço conhecido na literatura francesa, no sentido de uma análise psicológica dos estados de espírito da pessoa apaixonada" (*Idem:* 351), e ainda *Roman de Troie*, de Benoît de Sainte-Maure, composto entre 1160-1165.

Mª Conceição Vilhena refere ainda o romance celta, começando pelo texto (britânico) que o veio inspirar, *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth, de cerca de 1135. O Rei Artur é situado no século VI na Grã-Bretanha e é um chefe guerreiro cristão. São histórias postas por escrito que eram "... o repertório utilizado pelos declamadores galeses, irlandeses ou cornoalheses, cuja existência é atestada desde fins do século XI e que eram os descendentes dos bardos da antiguidade céltica." (*Idem:* 359). Como já tivemos oportunidade de referir, Wace adapta esta obra em verso, em 1155, e dá-lhe o título *Roman de Brut*.

Nestas duas obras não surgem Tristão e Isolda, que aparecem nas obras de Béroul e Thomas (entre 1160-1170). No caso do primeiro autor, encontra-se a conhecida história do engano ao beberem o filtro de amor. Em Thomas, há duas Isoldas e muitas peripécias que levam à morte do herói.

Referência incontornável é, sem dúvida, Chrétien de Troyes e os primeiros grandes romances de Matéria da Bretanha. Chrétien de Troyes escreveu entre 1160 e 1191, e julga-se que terá tido contacto com a corte plantageneta. As suas obras são: *Érec et Énide* (1165), *Cligès* (1176), *Le Chevalier de la Charrette* (*Lancelot*), *Le Chevalier au Lyon* (*Yvain*) (1177-1180) e *Le Conte du Graal* (*Perceval*), obra que ficou incompleta devido à morte do autor em 1190-91. Há ainda quem tente atribuir a Troyes a escrita de um sexto texto, *Guillaume de Angleterre*, mas há muitas dúvidas sobre essa afirmação. Levanta-se também a possibilidade de Troyes ter escrito alguns poemas, o que o tornaria um dos mais antigos trovadores, mas também não há grande evidência de que se possa provar essas afirmações. (Cf. K. D. U., 1997).

Ainda do final do século XII (1191-1212) é a trilogia de Robert de Boron, *Joseph*, *Merlin* e *Perceval*, formada a partir da sua obra *Histoire du Graal*. Como lembra Irene Freire Nunes, na introdução à sua edição d'*A Demanda do Santo Graal*, Boron consegue "...não só explicar a origem o Graal mas também articular a história do Graal com o reinado de Artur." (Nunes, 1995: 8).

Interessante é destacar que já vários estudos apontaram para o facto de que talvez já na obra de Chrétien de Troyes se poderem verificar elementos de origem cristã na Matéria da Bretanha, como apontou Maria Gabriela Carvalhão Buescu:

> Apesar de Yves Bonnefoy afirmar que só a partir de Robert de Boron o mito do Graal foi cristianizado, o certo é que já Chrétien de Troyes havia inserido no seu *Perceval* ou *Li Contes dou Graal* algumas incidências cristãs. De facto, não só o Graal em si, mas sobretudo a Lança, simbolizam não ideias pagãs mas sim temas cristãos ou cristianizados. (Buescu, 1993: 57).

No século XIII, mais especificamente, entre 1215 e 1235 surgem os textos que compõem o Ciclo da Vulgata, a saber:

a. *Estoire del Saint Graal*
b. *Estoire de Merlin*
c. *Lancelot du Lac*
d. *Queste del Saint Graal*
e. *Mort Artu*

Entretanto, o romance *Tristan*, do século XII, é posto em prosa (em cerca de 1225-35) e vai lentamente misturando-se com os textos do ciclo da Vulgata. Centram-se mais os textos na figura de Artur e menos em Lancelote e inserem-se episódios de *Tristan en Prose*, criando um novo ciclo de textos. Este novo ciclo, a Post-Vulgata, também chamado ciclo Pseudo-Boron, tem três partes:

a) *Estoire del Saint Graal* (representada na Península Ibérica pelo Livro de *Josep ab Arimatia*)

b) *Merlin* (versão em prosa do *Merlin* de Boron + *Suite de Merlin*)

c) *Queste del Saint Graal* (*Queste del Saint Graal* + *Mort Artu*) – "É de uma versão tardia desta *Queste* da Post-Vulgata que derivam as traduções ibéricas: *Demanda do Santo Graal* em português e *Demanda del Sancto Grial* em Castelhano." (Nunes, 1995: 10).

Uma breve nota de destaque para alguns (dos muitos) títulos de produção romanesca importantes para o estudo da Matéria da Bretanha em França: *La Mule Sans Frein* e *Le Chevalier à L'Épée* (século XII), apontados como possível fonte para o Poeta de *Gawain* e talvez até saídos da mão de Chrétien de Troyes (Cf. Johnston & Owen, 1972: 7); *Giglois*, *La Vengeance Raguidel*; *Hubaut*, *Yder*, *Meriadeuc* e *L'Âtre Périlleux* (todos do século XIII), sendo o último fulcral para o

estudo da evolução da personagem Gawain na literatura francesa; *Le Roman de la Rose*, *Le Roman de Silence* (também do século XIII); e, finalmente, todos os textos que foram sendo denominados de 'continuações' para o *Perceval* de Chrétien de Troyes. A saber: a *Primeira Continuação* e a *Segunda Continuação* (de cerca de 1200) e *Terceira Continuação* e *Quarta Continuação*, de cerca de 1230.[36]

2.4. Literatura Portuguesa

Escrever sobre romance português medieval sem um olhar mais demorado e detalhado acerca da Matéria da Bretanha torna-se quase impossível uma vez que a nossa prosa (e verso[37]) medieval está fortemente ligada a este tema.

Como já foi referido anteriormente, houve uma forte tradição lírica nas nossas cortes, especialmente encorajada por D. Dinis[38], fortemente influenciado ele mesmo enquanto autor pelas inspirações peninsulares e provençais.

Pela mão de A. J. Saraiva na sua obra *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*, somos levados a refletir na consequência do declínio destas inspirações que deram lugar aos ideais trovadorescos com os modelos amorosos das cortes. Texto exemplar deste facto é *Amadis de Gaula.*

Com este declínio e crescente ligação da ascese cristã ao amor acolhemos na nossa cultura literária a Matéria da Bretanha, deixando-nos influenciar largamente pelos escritos de Boron: "O ciclo do Graal resulta pois da tradição celta e arturiana integrada e organizada dentro de uma especulação cristã". (Saraiva, s/d: 68).

Ivo Castro apontava, no seu texto sobre a Matéria da Bretanha de 1993, que a Península Ibérica cedo se familiarizou com a tradição destas histórias insulares:

> Por volta de 1170, quando Chrétien de Troyes escrevia os seus romances, já o trovador catalão Guereau de Cabrera se mostrava familiarizado com as principais personagens arturianas, tal como nos séculos XIII e XIV os poetas do cancioneiro galego-português e os redactores da *Crónica Geral de Espanha* e do *Livro de Linhagens* parecem ter tido contacto com os próprios textos arturianos, o que nada tem de impossível. (Castro, 1993: 447).

[36] Regressaremos obviamente a alguns destes textos no ponto 3 deste capítulo sobre a Matéria da Bretanha e também no ponto 4 desta parte, quando nos debruçarmos sobre o tratamento da personagem Gauvain na literatura francesa.
[37] Referência óbvia aos *Lais da Bretanha* que serão mencionados e descritos no ponto seguinte.
[38] Reinou de 1279-1325.

No que diz respeito aos textos em prosa de que há notícia terem sido alvo de circulação em Portugal, sabe-se que o Ciclo da Vulgata e o de Tristão não foram conhecidos em Portugal. Conhece-se, do ciclo da Post-Vulgata, em Portugal, a tradução d'*O Livro de José de Arimateia* e d'*A Demanda do Santo Graal*, que parecem ter sido traduzidos do original francês algures no reinado de Afonso III. (Cf. Castro, 1993).

A Demanda do Santo Graal é, assim, "...o mais antigo texto português em prosa literária, embora de matéria não original." (Saraiva e Lopes, 2000: 95).

Embora o foco se tenha colocado sobre textos que se prendem com a Matéria da Bretanha, em Portugal produzia-se outros tipos de prosa como, por exemplo, os livros de linhagens, os textos nobiliários ou as hagiografias. No entanto, parece ter sido também do agrado do público leitor medieval português o romance de cavalaria com o qual mais provavelmente os elementos das cortes sentiriam maior identificação.

Debruçamo-nos, pois, agora sobre esse grande campo que é a Matéria da Bretanha.

3. Matéria da Bretanha

Como afirmou M. R. Lapa, em 1970, a chamada Matéria da Bretanha é "...dos capítulos mais complicados de toda a literatura medieval." (Lapa, 1970: 219).

Na década de 1970 em que Rodrigues Lapa escrevia o texto acima citado procuravam-se as origens do ciclo arturiano e, no meio académico, havia duas correntes distintas. Alguns críticos advogavam as ideias do já desaparecido Gaston Paris, que tinha defendido uma origem insular, do País de Gales e a segunda corrente de pensamento, que se muniu dos escritos teóricos de Wendelin Foerster advogava a "...origem francesa dessa literatura cavalheiresca." (*Idem*: 220).

É para estas origens que devemos lançar o olhar e, principalmente, dedicar algum tempo à incontornável figura do Rei Artur.

3.1. O que é a Matéria da Bretanha

Para uma breve definição da expressão Matéria da Bretanha, recorremos a um dos mais relevantes académicos portugueses que longamente se dedicaram ao tema. Falamos de Ivo Castro, que assim classificou o termo:

> Matéria da Bretanha ou Literatura Arturiana, pois ambas as designações são frequentemente usadas com relação aos textos e tradições que tratam, directa ou indirectamente, do Rei Artur e dos seus companheiros. (...) a designação Matéria da Bretanha (...) é provavelmente mais evocativa e aquela que pode reivindicar origens mais antigas: foi o poeta francês Jean Bodel (século XIII) que a pôs em circulação, ao estipular, em *Les Saisnes*, que as matérias dignas de tratamento literário eram três: a Matéria de França (canções de gesta), a Matéria de Roma (romances da Antiguidade clássica) e a Matéria da Bretanha (romances arturianos). Esta última foi, sem dúvida, a que alcançou mais popularidade durante a Idade Média em toda a Europa, popularidade que se traduziu numa extraordinária proliferação de textos e na sua multiplicação através de um número elevadíssimo de cópias, remodelações e entrelaçamentos intertextuais. (Castro, 1993a: 445).

Obviamente que o desenvolvimento e difusão da Matéria da Bretanha foram diferentes em cada uma das literaturas aqui abordadas. Há um conjunto específico de textos ligados à Matéria da Bretanha que povoam o elenco de textos em prosa de cada uma das literaturas aqui discutidas. Neste sentido, não demos destaque a textos Espanhóis, uma vez que a tradução de textos da Matéria da Bretanha para essa língua é tardia. Como lembrava M. Rodrigues Lapa, aparentemente a literatura Espanhola medieval evoluiria noutro sentido, divergente do Português. Defendia o autor "...que há efectivamente um *espírito céltico* na nossa literatura" (Lapa, 1970: 224) por oposição à literatura espanhola: "Já o castelhano não aceitou com o mesmo entusiasmo as ficções da literatura bretã, por incompatibilidade de temperamento e pela existência duma rude poesia épica nacional..." (*Idem:* 226). Nota ainda que "...o primeiro romance arturiano que se escreveu seguramente em Castela, na primeira metade do século XIV, o *Caballero Cifar*, traz logo o selo irrecusável do realismo castelhano..." (*Ibidem*).

Uma vez que todos estes textos têm como origem ou são sobre a figura do Rei Artur e dos seus cavaleiros, é importante dar conta do facto de a evolução desta figura ser – no mínimo – invulgar.

3.2. Artur: homem, rei, mito

Para falar do Rei Artur, é útil recorrer a textos de várias literaturas europeias e, com especial destaque para as literaturas das quais temos vindo a falar, a Inglesa, as de origem celta, a Francesa e a Portuguesa, mas também da Alemã.

Um dos grandes estudiosos da figura do Rei Artur foi Roger Sherman Loomis e as suas obras abriram horizontes para uma reflexão mais profunda acerca da origem do homem e do mito que se construiu em torno de Artur.

Um dos grandes mistérios literários para o autor é a origem das lendas arturianas e, em particular, da figura do próprio Artur, uma vez que, mesmo séculos depois de terem perdido a sua popularidade, os romances sobre a Távola Redonda deixaram, como afirma Loomis, "...permanent effects on life and literature." (Loomis, 1963: 13).

Há que saber a razão pela qual estas lendas aparecem em línguas como o Inglês, o Gaélico e o Alemão, por exemplo. É difícil responder a interrogações desta índole porque estas origens parecem estar demasiadamente remotas e perdidas. Há que começar por Artur. Falamos de um homem ou de mito? Segundo Loomis, não existe nenhuma divindade com um nome parecido com Artur, logo, deve ser um homem e o nome romano *Artorius* devia ser conhecido em Inglaterra.

No poema do País de Gales *Gododdin*, escrito no século VII ou antes, há a referência a um herói: "he glutted back ravens on the rampart of the fort, though he was not Arthur" (*Idem*: 16). Nennius, na *Historia Britonum*, em cerca de 800, fala da luta de Artur com Octa e de doze vitórias que teve, a última sendo Mount Badon[39].

No texto *Annals of Wales*, de 950, há duas entradas sobre Artur: uma sobre o Mount Badon, em 516, e outra sobre a batalha de Camlann, em 537, em que Artur e Medraut (Mordred) morrem.

Existem poemas galeses do século X ou XI: num deles, Artur conversa com um porteiro e fala-lhe dos seus companheiros e dos seus feitos (*Pa Gur*) e noutro (*Spoils of Annwn*) vemos Artur envolvido numa aventura com um caldeirão (interroga-se Loomis se estaríamos perante a primeira aparição do Graal). A este respeito, reflete o autor:

> One looks in vain in later literature for the cauldron, or the nine maidens who tended it. But one does find in the romances three testing vessels – the Grail, a horn, a cup – and the nine sorceresses of the Shining Fortress (Caer Loyw). (...) We can safely conclude, therefore, that the Matter of

[39] St Gildas em Inglaterra, em 540, fala desta vitória, mas não de Artur.

> Britain originated in the blending of historic reminiscences of a British battle-leader with a highly fanciful mythological tradition going back to pagan times. (Idem: 21-22).

Há que referir, obviamente, a importância do *Mabinogion*, publicado por Lady Charlotte Guest, em 1849. Os Quatro Ramos datam, provavelmente, (como já vimos) de 1060 e devem ser do mesmo autor. Loomis julga que o grande desenvolvimento da figura de Artur e a sua consequente transformação em figura internacional ocorreu entre os séculos XI e XIII. Os intermediários para esta expansão foram Geoffrey of Monmouth, a conquista Normanda, Bleheris, Nennius e Layamon. Depois veio Chrétien de Troyes: *Cligès*, *Erec*, *Ivain*, *Perceval*.

Outro texto muito importante é *Parzival*, de Wolfram Von Eschenbach, que terá sido escrito entre 1200 e 1210 e é a principal fonte da ópera de Wagner *Parsifal*. Wolfram Eschenbach usa como fonte Chrétien mas acrescenta muitas coisas da sua própria imaginação como o desenvolvimento da figura do Rei Pescador e transformou o Graal numa pedra. Ainda em Alemão e anterior ao Ciclo da Vulgata existe *Tristão e Isolda* de Oberge. Já neste ciclo tem especial relevo *José de Arimateia* e *Merlin*, com as origens obscuras e mágicas de Artur.

Na tradição Inglesa, Loomis dá destaque aos inúmeros romances em verso:

- Em Anglo-francês: *Lai of the Horn* e *Lanval*;
- *Lanzelet* e *Book of Gareth* – só chegaram até nós em tradução;
- Entre 1300 e 1500 há 16 que chegaram até nós.
- Romance Aliterativo Inglês – *Morthe Artur* e *SGGK* são os principais.
- Século XV – Textos de Sir Thomas Malory.

Há ainda uma nota interessante do autor para o facto de terem sido os textos de índole arturiana que forneceram a base para o Imperialismo Inglês e alimentaram o feudo entre os franceses e os ingleses: "It was Geoffrey of Monmouth and his redactors and imitators who furnished the basis for English imperialism, for the claim of the British Crown to over lordship of Scotland, and to some extent for the antagonism between the English and the French." (*Idem*: 186).

A grande diferença entre o tratamento dado à lenda arturiana no continente e em Inglaterra parece ser o facto de a literatura insular se apoiar em textos de cariz mais histórico (o que se torna perfeitamente plausível devido ao árduo percurso que a língua e literatura Inglesas tiveram de fazer para se autonomizar do invasor normando) e a literatura continental parece ter herdado e desenvolvido grandemente os aspetos mais romanescos das narrativas bretãs, com a perfeita

autonomia da criação de autores como, por exemplo, Chrétien de Troyes, como recordam Catherine Batt e Rosalind Field:

> Chrétien's verse narratives had opened up the field of reference for Arthurian romance in general and constitute a significant element of the vernacular romance writer's intertextual inheritance: one can trace Chrétien's influence in expansive prose romance and verse composition alike in thirteenth- and fourteenth-century France. (Batt & Field, 1999: 67-68).

O texto literário foi sendo usado para a criação da figura de Artur e Gawain e o desenvolvimento das aventuras dos membros da Corte e da Távola Redonda. E é esta ideia de um homem que se ergueu rei e protetor de uma comunidade e corte que gera outros heróis, como Gawain, que chegará ao texto que será alvo de análise, *Sir Gawain and the Green Knight.*

4. Gawain, Gauvain, Galvão – origem, ascensão e queda de um herói

Em alguns dos textos que compõem as literaturas medievais a que temos dado destaque neste trabalho (inglesa, francesa e portuguesa), a evolução que a personagem de Gawain apresenta possui traços diferentes que passaremos a elencar e que, sem dúvida, ajudarão a compreender melhor o poema *SGGK*.

Como relembra John Matthews na obra já citada, o primeiro registo de Gawain que chegou aos nossos dias não é um texto, mas uma representação na fachada da Catedral de Modena, em Itália, que data de cerca de 1090-1120, na qual surge como Galvagin a salvar Guinevere (Cf. Matthews, 2003). Este facto prova, como temos vindo a afirmar, que a história deste herói é anterior à maioria dos textos em que as suas aventuras são descritas e os seus atos heroicos celebrados.

No entanto, algures entre as literaturas de origem celta e os séculos XV-XVI, a figura de Gawain vai mudar. Vai sofrer um processo de transformação, uma aparente degradação. É esse processo que será descrito e discutido neste ponto.

Em primeiro lugar, porém, é necessário esclarecer dois conceitos que servirão de base para esta discussão e melhor compreensão do caminho que Gawain percorre em todos os textos apresentados. Falamos dos conceitos de 'herói' e 'cortesia', este último essencial para a noção de cavalaria medieval.

4.1 O Herói

Na Idade Média cristianizada, se não se podia imitar os deuses, teriam de ser os pares, aqueles capazes de se destacar do mundano e encontrar, de novo, o regresso ao sagrado ou, pelo menos, a elevação do dia-a-dia e derrotar o maior inimigo: a morte. Na figura do herói, como afirmava Joseph Campbell: "...the effect of the successful adventure of the hero is the unlocking and release again of the flow of life into the body of the world." (Campbell, 1973: 40).

Lembrava ainda o autor que a humanidade precisa destes finais felizes da ficção para se acreditar capaz de vencer o mais trágico da sua natureza, que é a extinção: "The happy ending of the fairy tale, the myth and the divine comedy of the soul is to be read, not as contradiction, but as transcendence of the universal tragedy of men." (*Idem:* 28).

O herói é alguém marcardo, com um percurso muito específico que tem de ser trilhado apenas por si mesmo, por isso, recebe um chamamento. Se recusar esse chamamento tem de enfrentar as consequências que vão desde a desgraça à frustração da falta de realização pessoal.

Quando o herói aceita o chamamento e lhe responde, segue-se, por norma, a ajuda do sobrenatural. Há então que passar um primeiro patamar para o desconhecido. Às vezes essa passagem assemelha-se a um desaparecimento, simbolizado pela figura da baleia que engole o herói, parecendo que o mata, mas que, depois, o devolve intacto. Entra, então, o herói, na fase da iniciação onde muitas provas o esperam. É ajudado por amuletos, segredos e figuras sobrenaturais. A aventura por excelência é o encontro e o desposar da Deusa[40].

Deve o herói mergulhar na figura mitológica da Mãe Universal, como um regresso ao útero materno, para se iniciar. Para adquirir o conhecimento total, tem de a conhecer como mãe e como esposa: "The meeting with the goddess (who is incarnate in every woman) is the final test of the talent of the hero to win the boon of love (charity: amor fati), which is life itself enjoyed as the encasement of eternity." (*Idem*: 118).

Como recordava ainda Campbell:

> The mystical marriage with the queen goddess of the world represents the hero's total mastery of life; for the woman is life, the hero its knower and master. And the testings of the hero, which were preliminary to his ultimate experience and deed, were symbolical of those crises of realization by means of which his consciousness came to be amplified and made capable of enduring the full possession of the mother-destroyer, his inevitable bride. With that he knows that he and the father are one: he is in the father's place. (*Idem*: 120-121).

[40] Figura incontornável no caso de Gawain, como veremos ainda neste capítulo.

Se o herói conseguir atingir este equilíbrio, o prémio é a eternidade. A imortalidade. Quando o herói termina a sua aventura, deve regressar para partilhar o conhecimento. Há *heróis* em lendas antigas que recusam este regresso. Mas quando o herói regressa para melhorar a sociedade de onde saiu, regressa com o auxílio do sobrenatural ou do próprio mundo, que resgata o herói do estado de 'vazio' ou de 'Graça'.

No entanto, o herói tem de 'atravessar' de novo para o mundo, embora ambos os patamares sejam um: "The realm of the gods is a forgotten dimension of the world we know. And the exploration of that dimension, either willingly or unwillingly, is the whole sense of the deed of the hero." (*Idem:* 217).

Segundo Campbell, a tarefa mais difícil que o herói tem é o regresso ao mundo e a transmissão dos ensinamentos que recebeu, numa tentativa de o melhorar:

> How teach again, however, what has been taught correctly and incorrectly learned a thousand thousand times, throughout the millenniums of mankind's prudent folly? That is the hero's ultimate difficult task. How render back into light-world language the speech-defying pronouncements of the dark? How represent on a two-dimensional surface a three-dimensional form, or in a three-dimensional image a multi-dimensional meaning? How translate into terms of «yes» and «no» revelations that shatter into meaninglessness every attempt to define the pairs of opposites? How communicate to people who insist on the exclusive evidence of their senses the message of the all-generating void?
> Many failures attest to the difficulties of this life-affirmative threshold. (*Idem*: 218).

O problema do herói, ao regressar, é um dilema de tradução[41]. O que alcança parece pertencer ao domínio do inefável ou, pelo menos do inexplicável para todos aqueles que não partilharam do seu chamamento e das provas a que foi submetido. O herói, neste sentido, é sempre um "outro", um ser marginalizado, que já não pertence ao ponto de partida nem pode permanecer no encontro com o sagrado. Ou, como descrevia Campbell, acabará o herói por ser capaz de dominar os dois mundos (o autor chega a dar como exemplo a Transfiguração de Cristo), espaço interior esse em que o herói consegue ser livre de existir para além das barreiras do tangível?

Este é o percurso que procuraremos descrever para a personagem Gawain no poema *SGGK*. No entanto, é necessária uma maior clarificação sobre o tipo de herói que Gawain

[41] O que parece ser exatamente o caso de Gawain no final do poema *SGGK*. A esta questão regressaremos no capítulo 4 deste trabalho.

personifica. Trata-se de um cavaleiro medieval que se regia por um conjunto de códigos e valores próprios da época e de toda uma estética que rodeava a noção de cavalaria.

Para uma compreensão perfeita destes valores a definição do ideal de cortesia é indispensável, dado que é em torno deste mesmo conceito que as maiores contradições surgiram acerca da personagem Gawain.

4.2 A Cortesia

Para melhor entendermos este conceito, há que começar por fazer uma distinção. Cortesia não é a mesma coisa que Amor Cortês. Daí começarmos pela segunda noção.

4.2.1 O Amor Cortês

Conceito nascido nas cortes francesas do século XII, o amor cortês rapidamente se difundiu através da literatura típica do universo da corte, as cantigas[42] de amor, de amigo e de escárnio (com tanta representatividade nas literaturas francesa, italiana e portuguesa) e, na prosa, através do romance de cavalaria cuja matéria preferida é tudo o que diz respeito à corte do Rei Artur.

Mas concretamente, como se define este amor? Em nosso auxílio vem um célebre texto da época, *The Art of Courtly Love*, pela mão de Andreas Capellanus que define o amor cortês da seguinte forma:

> Love is a certain inborn suffering derived from the sight of and excessive meditation upon the beauty of the opposite sex, which causes each one to wish above all things the embraces of the other and by common desire to carry out all of love's precepts in the other's embrace. (Capellanus: 1969, 28).

O autor considera ser um sentimento que 'prende' os que o experimentam, associando a etimologia da palavra amor (*amour*) com a palavra latina *amus*, que significa 'gancho'. Fala ainda das pessoas que podem amar: "Everybody of sound mind who is capable of doing the work of Venus may be wounded by one of Love's arrows unless prevented by age, blindness, or excess of passion." (Capellanus: 1969, 32).

[42] Breve apontamento para destacar que a última edição foi recentemente apresentada, a 31 de Janeiro de 2017, com o título *Cantigas medievais galego-portuguesas: corpus integral profano*, uma edição com coordenação de Graça Videira Lopes.

Há que ter em conta ainda as características deste tipo de amor, enunciadas com clareza por C. S. Lewis, na sua obra *The Allegory of Love*: "The sentiment, of course, is love, but love of a highly specialized sort, whose characteristics may be enumerated as Humility, Courtesy, Adultery and the Religion of Love." (Lewis: 1936, 2).

Isto é, à partida sabemos estar perante algo que se assemelha em tudo a um jogo, com regras próprias que terão de ser seguidas à risca por todos os envolvidos. Este facto será bastante útil para entender as reacções de Gawain ante as investidas da esposa do seu anfitrião. Estamos, de facto, como nos lembra de novo C. S. Lewis, diante de um tipo de relação em tudo semelhante a uma ligação de natureza feudal (basta lembrar, nas cantigas de amor da literatura portuguesa, o facto de a mulher ser chamada de 'mia senhor'): "There is a service of love closely modelled on the service which a feudal vassal owes to his lord." (Lewis: 1936, 2).

Nesta relação perigosa, há de facto o conhecimento e consentimento da parte do marido da dama, já que um dos preceitos da perfeita relação de amor cortês se prende com o facto de se estar perante uma ligação adúltera, ainda que de natureza platónica, já que a barreira do toque nunca devia ser ultrapassada:

> Yet this love, though neither playful nor licentious in its expression, is always what the nineteenth century called 'dishonourable' love. The poet normally addresses another man's wife, and the situation is so carelessly accepted that he seldom concerns himself much with her husband. (Lewis: 1936, 3).

Andreas Capellanus vai mais longe ainda enumerando, com pormenor, aquelas que ele acha serem as regras do amor cortês.

Estas, de facto, sintetizam e demonstram os pontos atrás referidos, fazendo-nos compreender o alcance das convenções sociais envolvidas neste jogo de sedução medieval:

1. Marriage is no real excuse for not loving.
2. He who is not jealous cannot love.
3. No one can be bound by a double love.
4. It is well known that love is always increasing or decreasing.
5. That which a lover takes against the will of his beloved has no relish.
6. Boys do not love until they arrive at the age of maturity.
7. When one lover dies, a widowhood of two years is required of the survivor.
8. No one should be deprived of love without the very best of reasons.
9. No one can love unless he is impelled by the persuasion of love.
10. Love is always a stranger in the home of avarice.
11. It is not proper to love any woman whom one should be ashamed to seek to marry.
12. A true lover does not desire to embrace in love anyone except his beloved.
13. When made public love rarely endures.

14. The easy attainment of love makes it of little value; difficulty of attainment makes it prized.
15. Every lover regularly turns pale in the presence of his beloved.
16. When a lover suddenly catches sight of his beloved his heart palpitates.
17. A new love puts to flight an old one.
18. Good character alone makes any man worthy of love.
19. If love diminishes, it quickly fails and rarely revives.
20. A man in love is always apprehensive.
21. Real jealousy always increases the feeling of love.
22. Jealousy, and therefore love, are increased when one suspects his beloved.
23. He whom the thought of love vexes, eats and sleeps very little.
24. Every act of a lover ends with the thought of his beloved.
25. A true lover considers nothing good except what he thinks will please his beloved.
26. Love can deny nothing to love.
27. A lover can never have enough of the solaces of his beloved.
28. A slight presumption causes a lover to suspect his beloved.
29. A man who is vexed by too much passion usually does not love.
30. A true lover is constantly and without intermission possessed by the thought of his beloved.
31. Nothing forbids one woman being loved by two men or one man by two women. (Capellanus: 1969, 184-186)

De facto, cada uma destas regras do amor daria para uma reflexão sobre os preceitos do amor cortês. No entanto, esse não é o objectivo deste estudo. As regras estão aqui como chamada de atenção para todas as convenções de que o autor do poema em análise – e o próprio Gawain – têm consciência durante a provação que esta personagem vai ter de suportar através das tentações da esposa do seu anfitrião Bertilak[43].

4.2.2. Amor Cortês vs. Cortesia

Em oposição aos valores do amor cortês estão todos os preceitos pelos quais se rege um cavaleiro e, em particular, um cavaleiro da corte do Rei Artur.

Parecia haver todo um código de conduta que os textos literários procuravam perpetuar, mesmo mais tarde quando esses valores já estavam claramente em decadência. Como apontava Gustafson: "...chivalry, the subject of romance texts, is also the products of texts." (Gustafson, 2009: 619).

Como recordava Mário Raposo, a Idade Média foi campo de transformação do guerreiro em cavaleiro: "...ao longo de toda a Idade Média nunca o mundo antigo foi totalmente esquecido, tendo a sua acção formadora sido de grande importância na mundividência vigente reflectindo-se

[43] Um dos episódios da obra *SGGK* que discutiremos.

na ética e nos comportamentos que condicionaram a imagem cristã do cavaleiro medieval." (Raposo, 1999: 260).

No entanto, este cultivo da imagem do cavaleiro vai também entrar em decadência e já há pistas disso no poema que aqui se analisa, conforme afirma ainda o mesmo autor; essa constatação advém do facto de o herói entender que, antes de cavaleiro que aspira à perfeição, é um ser humano e, por isso, falível: "Na literatura inglesa, temos, por exemplo, o poema do século XIV *Sir Gawain and the Green Knight* onde o protagonista, sendo honesto e corajoso, aprende que, no fim, está sujeito a falhar como qualquer mortal." (Idem: 263).

Neste sentido, o interesse na literatura arturiana para a sociedade inglesa medieval era mais do que livresco: havia trabalhos de madeira esculpida com cenas arturianas nas igrejas, espetáculos e torneios e ainda o 'Round Table Feast', criado por Eduardo III em Windsor. Este rei mandou construir uma Távola Redonda e fundou a Ordem da Jarreteira, em 1348 (cujos membros ostentavam uma jarreteira azul com a seguinte inscrição: "hony soyt quy mal y pense[44]". Como afirma Putter: "Arthurian literature existed not merely on the parchment of dusty manuscripts, but in the minds of many English people." (Putter, 1996: 39).

A súmula desses valores de cavalaria (e propriamente daquilo que se esperava de um cavaleiro do Rei Artur) é a própria descrição do escudo com que Gawain é armado antes de partir para a demanda pelo Cavaleiro Verde, cujo símbolo é o Pentagrama, aqui visto como a perfeição (Endless Knot[45]) que representavam as virtudes do cavaleiro puro:

> First faultless was he found in his five senses,
> and next in his five fingers he failed at no time,
> and firmly on the Five Wounds all his faith was set
> that Christ received on the cross, as the Creed tells us;
> and wherever the brave man into battle was come,
> on this beyond all things was his earnest thought:
> that ever from the Five Joys all his valour he gained
> that to Heaven's courteous Queen once came from her Child.
> For which cause the knight had in comely wise
> on the inner side of his shield her image depainted,
> that when he cast his eyes thither his courage never failed.
> The fifth five that was used, as I find, by this knight
> was free-giving and friendliness first before all,
> and chastity and chivalry ever changeless and straight,
> and piety surpassing all points: these perfect five
> were hasped upon him harder than on any man else.
> (*Sir Gawain*: 1975, 41).

[44] Citação com que termina o poema *SGGK*.
[45] Conceito que explicaremos adiante.

Temos, pois, Gawain armado Cavaleiro da Virgem, e retratado como o exemplo do cavaleiro perfeito, a caminho de uma demanda que irá por à prova os seus mais profundos valores, incluindo as cinco virtudes cardeais do cavaleiro, apontadas nos dois últimos versos citados como algo que estava gravado em Gawain como em nenhum outro homem: generosidade, amabilidade, castidade, cortesia e piedade.

O que vai correr mal no caminho deste cavaleiro cuja perfeição parecia tão óbvia e até já alcançada? É o que nos propomos discutir nos capítulos que se seguem.

4.3 Gwalchmai

A ascendência celta da personagem Gawain já é discutida e analisada há quase dois séculos.

Em 1839, aquando da sua edição de *SGGK*, Frederick Madden discutia a origem galesa do herói. Alguns anos mais tarde, em 1888[46], Gaston Paris provou que o texto *Bricriu's Feast* é a fonte textual para o Jogo da Decapitação.

Em 1897, Jessie Weston escreve um texto basilar para o estudo da personagem Gawain, *The Legend of Sir Gawain – Studies upon its original scope and significance*, fazendo um relato histórico não só da participação da personagem nas várias narrativas em que entra, mas também a evolução do carácter da mesma.

Neste estudo há vários elementos pertinentes a destacar: embora na época já houvesse muitos estudos sobre a origem de Tristão ou Perceval, ainda não havia nada sobre Gawain: "The most perplexing, and in many ways the most important, of all the knights surrounding King Arthur, Gawain, has hitherto failed to meet with the favour accorded to his companions." (Weston, 1897: 5).

O objetivo da autora era bem delineado: "These Studies therefore have been undertaken with the view of leading to a truer appreciation of one of the most puzzling, and at the same time most fascinating characters of the Arthurian cycle, a character which later developments of the legend have greatly obscured and most unjustly vilified." (*Idem*: 6).

Afirma a autora que Gawain parece ter sido o primeiro dos cavaleiros a ser associado a Artur: "...there is but little more doubt that the first of all the heroes with whom Arthur gradually

[46] *Histoire Litteraire de la France, vol. xxx. Romans en vers du Cycle de la Table Ronde*. Introd. M. Gaston Paris.) Paris, 1888.

became connected was he whom we know from the Anglo-Norman and French romances as Walwain, Gauvain, Gawain and from Welsh texts as Gwalchmai." (*Idem*: 7).

A mais antiga referência é de William of Malmesbury em 1125, acerca do seu túmulo e nos romances antigos é sempre bom de carácter mas, a partir do momento em que se cristianiza a questão do Graal, Gawain sofre uma decadência.

Segundo a autora, o herói é, na sua origem, celta e terá sido mais importante que o próprio Artur. A sua força estava ligada ao sol: "Scholars have seen in this growth and waning of Gawain's power, directly connected as it is with the waxing and waning of the sun, a proof that this Celtic hero was at one time a solar divinity." (*Idem*: 13).

Outra característica única de Gawain é ter um cavalo que tem nome – Gringalet, cujo significado celta se perdeu com o tempo: "It is practically certain that if Gawain were ever looked upon as a solar hero he would in that character have been possessed of a steed of especial beauty and value. Teutonic mythology is on this point very instructive." (*Idem*: 15).

Embora se trate de heróis diferentes, Jessie Weston encontra muitos pontos em comum entre Gawain e o herói Irlandês Cuchulainn:

> Cuchulinn, whose glory overshadowed that of Conchobar, was the king's nephew, being son of Dechtire, Conchobar's sister, and Lug the Light-god, afterwards looked upon as Lord of the Other-world. Thus his relation to Conchobar exactly parallels that of Gawain to Arthur, and the elementary connection thus established will be found to extend to other points, some of them striking in their correspondence. (*Idem*: 30).

Os primeiros textos que falam do Graal são o *Perceval* e o *Parzival*, que, como já vimos, é independente e original em relação ao texto de Chrétien.

A análise destes textos leva a autora a concluir que a aventura do Graal nada tinha a ver com Gawain e que só lhe foi associada porque também o foi a outros cavaleiros.

Nos textos mais antigos, Gawain é sempre associado a uma aventura num castelo rodeado por água:

> To sum up: Chretien's and Wolfram's Castle is on an island, inhabited by women, keeping themselves apart from men, and owning as mistress a lady of surpassing beauty. To win this Island Castle involves permanent residence there. Now it is well known that ancient mythology, both Celtic and Teutonic, represented the abode of the dead sometimes as an Island (such as the Isle of Avalon), sometimes as a Castle (such as the castle inhabited by Brynhild in the Thidrek-saga and Nibelungenlied'). (*Idem*: 34)

Por essa razão, frequentemente Gawain está ligado ao 'outro mundo':

> Taking all these facts into consideration, we may, I think, hold it proved that a visit of Gawain to the other-world, here represented most closely by the Celtic Isle of Women, was an early, probably an original, part of the tradition connected with that hero. It is this tradition which lies at the basis of Chretien's and Wolfram's poems. (*Idem*: 40)

A autora consegue também mostrar como os casos amorosos de Gawain influenciam a sua reputação:

> Of all the knights of King Arthur's Court, Gawain is certainly the one whose love-affairs, if we accept later tradition, we should expect to find, from the first, the most numerous and the least edifying. On the contrary, tradition on this point is curiously vague and incomplete. In all Gawain's story there is no trace of a liaison under circumstances of deception and treachery, such as it is attributed to Lancelot or Tristan. (*Idem*: 44)

Gawain é visto, nesta tradição, como o cavaleiro para todas as damas e não como amante de uma em particular, o que, mais tarde, lançará sem dúvida as sementes para a sua degradação pós-Graal: "Gawain is rather the courteous and disinterested champion of all maidens than the lover of one." (*Idem*: 45).

Dai a autora apresentar uma razão bastante plausível para a degradação de Gawain:

> It seems probable that the real cause of this conflict of evidence lies in the fact that Gawain's expedition to and residence in the Maidens' Isle (Isle of Women) was an essential part of his story. The lady of his love was really the queen of that other-world, and he was, naturally enough, regarded as the champion of all the dwellers in it. The romances give us no really good reason for the title of ' the Maidens' Knight,' as ascribed to Gawain; and it does not seem improbable that it may have been part of the original tradition. Gradually, as Christian ideas gained ascendency, this Celtic other-world would come to be looked upon somewhat in the light of a Mohammedan paradise, and the character of Gawain, as dweller in it, suffered proportionately. (Idem: 45).

Claramente, numa aventura de demanda do Graal – de base profundamente cristã – não haveria lugar para um herói que vagueava pelos corredores de um castelo pagão, do 'outro mundo' e, principalmente, um espaço cujo domínio – poder – pertencia à esfera do feminino, espaço esse no cristianismo medieval agora relegado ao pecado.

Como já pudemos ver em vários textos, Gawain tinha um filho, Guinglain, *Le bel Inconnu*. Como Perceval também foi associado a esta tradição e não tinha pai, não se sabe se, na história original, não seria Perceval o filho de Gawain.

Parece também haver provas textuais de que quem salva Guinevere primeiro é Gawain e não Lancelot:

> Some connection between the heroes there certainly must be, but of what nature? Was Lancelot merely an under-study to Gawain? Or is he the hero of an independent cycle of adventures, which, like the Perceval story, early came into contact with the Gawain legend, without remaining, as this latter has done, practically unaffected thereby? There seems reason to believe that Lancelot was a comparatively late addition to the Arthurian story; the earliest romances, as we have seen, know nothing of him. The question becomes doubly interesting when we take into consideration the relation between Perceval and Galahad. That the former, and not Galahad, was the original Grail winner is practically certain, and his suppression in favour of Galahad presents a remarkable parallel to the suppression of Gawain by Lancelot. Galahad was Lancelot's son. If, as suggested in the previous chapter, Perceval was once considered as son to Gawain, we have the interesting problem of one pair of heroes, originally father and son, being displaced by another pair, bearing the same relationship to each other, and to the characters of the original story: Gawain=Lancelot, Perceval=Galahad. (*Idem*: 82).

Saltamos mais de um século para o futuro para irmos ao encontro de Roger Loomis, que coloca muitas das fontes do poema *SGGK* em textos de origem celta: por exemplo a faixa que o Cavaleiro Verde usa na sua primeira visita à corte de Artur e que, mais tarde, é oferecida a Gawain, tem influência das histórias de Cuchulainn como, por exemplo, *The Cattle-raid of Cooley*, na qual Cuchulainn usa um cinto de batalha que o protege das espadas e lanças. Possui também semelhanças com Curoi em *The Violent Death of Cúroi*: "...the precious girdle which Cúroi possesses in the Irish saga must be the original of the magic girdle..." (Loomis, 1970: 160).

Ainda John Matthews, na sua obra emblemática *Sir Gawain Knight of the Goddess*, fala-nos de algumas aparições da personagem em textos antigos: nos textos que compõem *Trioedd Ynys Prydein* existem oito referências a Gawain com o seu nome galês Gwalchmai, que significa o "Falcão de Maio".

Na obra *The Twenty-Four Knights of Arthur's Court*, é referido como um dos "Three Golden-Tongued Knights" (Matthews, 2003: 28). O seu papel como conciliador aparece em grande escala nos contos do *Mabinogion*.

Há uma clara ligação de Gawain a Cuchulainn pela partilha de muitos atributos. O próprio nome do filho de Gawain, Guinglainn parece ser, segundo o autor, uma anglicização do nome Cuchulainn. O autor diz ainda que Gawain partilha atributos e coincidências com três grandes heróis: Cuchulainn, Grwi Gwalt-Euryn [conhecido como Gwair, Goreu ou Pryderi] (de *Culhwch and Olwen*) e Curoi mac Daire (que joga o Jogo da Decapitação com Cuchulainn).

Resta-nos falar do último texto de origem celta que ainda não descrevemos. Crê-se que um galês de nome Bleheris terá escrito um relato de uma demanda do Graal, antes de 1137, no qual o herói seria Gawain. A Lenda do Graal teria, pois, origem galesa, o que poderia levantar problemas a quem quisesse criatianizar a mesma. Esta pode ser outra razão pela qual a

personagem de Gawain poderia ter sido degradada, para fazer dele o oposto do que começou por ser, como afirmou Jessie Weston na sua obra *From Ritual to Romance*, o primeiro herói do Graal. Prova disto é o legado que é deixado na *Primeira Continuação* do *Perceval* de Chrétien, como discutiremos adiante. (Cf. Weston, 1957: 189).

Em súmula, Gwalchmai parece ser não só o braço direito de Artur, mas em alguns casos o herói principal de muitas das aventuras que, em literaturas mais tardias, terão como protagonistas Perceval, Lancelot e Galahad. Gwalchmai está ligado aos cultos da natureza ao ser equiparado a uma divindade solar, cuja força aumenta e diminui consoante a força do sol durante as várias alturas do dia. Gwalchmai está, ainda, relacionado com o conceito de união do cavaleiro com a Deusa, frequente nas religiões antigas, nomeadaments, dos Celtas, e tem de passar uma série de provas para mostrar ser digno de a desposar e conhecer o seu reino que está para além das fronteiras do mundo terreno. Todos estes elementos de índole pagã contribuirão em larga escala para a degradação da personagem nos textos pós-Chrétien, como veremos na próxima secção.

4.4 Gauvain

Tendo em conta a tradição em língua francesa que Wace inicia ao traduzir a obra de Geoffrey of Monmouth em 1155, é Chrétien de Troyes quem vai começar uma nova estirpe de escritos arturianos com os seus romances. De facto, é a Chrétien que se deve o momento na história da Literatura "...qui a permis la naissance du vaste cycle du Graal" (*La Quête:* 13), que se encontra na obra *Perceval*, aquando do encontro da personagem principal com o Rei Pescador, o que prova as fontes antigas – muitas da tradição oral celta galesa – que Troyes usou.

Olhemos para dois exemplos das obras de Chrétien. O primeiro trata da aventura de Gavains (Gauvain) e Yvain na obra *Le Chevalier au Lion*. Neste texto de cerca de 1170, Gavains convence Yvain a deixar a esposa e partir em aventuras com ele. Todo o comportamento ligado à cavalaria faz com que os dois terminem num duelo um contra o outro. Yvain faz este percurso para entender qual a verdadeira missão do cavaleiro: prestar auxílio a quem precisa e não a mera exibição de dotes de cavalaria, como fez com Gauvain.

O segundo exemplo é do seu último romance, *Perceval*. É fulcral destacar a razão pela qual nem Gauvain nem Perceval são considerados dignos de encontrar o Graal: Gauvain por não ser digno de um caminho de purificação (devido à sua postura orgulhosa e casos amorosos) e

Perceval por ser demasiado inocente e ignorante para entender o que teria de fazer para alcançar a demanda.

Nestes dois romances não há propriamente uma degradação moral acentuada de Gauvain, mas estamos já longe do cavaleiro perfeito, braço direito de Artur, campeão de Guinevere e descendente de deidade solar, como era representado em literaturas de origem celta.

Um texto importante para compreender como é que a figura de Gauvain começa a sua espiral de decadência é o episódio de Gauvain da *Primeira Continuação*. O texto começa no pavilhão da rainha, que saíra para se divertir. Um cavaleiro passa pelo pavilhão e não cumprimenta a rainha. Sir Kay persegue-o, mas não o consegue trazer de volta e mente, dizendo que o cavaleiro é desleal. Gauvain tenta alcançá-lo e este explica-lhe que não pode ir ter com a rainha porque tem uma missão muito importante. Gauvain percebe que Kay mentira e diz ao cavaleiro que o ajudará se ele voltar atrás e honrar a rainha. O cavaleiro concorda mas é morto não se sabe por quem à entrada do pavilhão, o que enfurece Gauvain. Toma as armas do cavaleiro e jura cumprir a sua missão.

A viagem de Gauvain é muito dura e difícil mas com sentido: "...he was saved through his great loyalty, and his true courtesy, and this very night that we now tell of did God, Who lieth not, protect him." (*Sir Gawain*[47]).

Numa capela vê uma mão misteriosa e vagueia toda a noite numa floresta. Chega a um local com muita gente onde o corpo de um cavaleiro está a ser velado e chorado. O rei daquele lugar, envelhecido, aparece e senta-se para comer. O Graal serve-lhes a refeição de sete pratos. No fim todos desaparecem.

Gauvain vê uma lança que escorre sangue para um vaso. Há também uma espada quebrada, a do cavaleiro morto, que Gauvain não consegue reparar. Por essa razão o rei diz-lhe que ele não pode cumprir aquela missão de restaurar a harmonia entre o povo e a terra. Mas Gauvain decide fazer perguntas: pergunta sobre a lança, o cavaleiro e a espada. O Rei explica-lhe que a lança é a que trespassou Jesus e, quando lhe vai falar sobre a espada, Gauvain adormece. Acorda Gauvain ao relento e tudo desapareceu. As pessoas que encontra dizem-lhe que a terra não foi curada porque ele não ouviu as respostas todas. No entanto, como ouviu uma, a terra foi parcialmente restaurada e as águas correm de novo.

Gauvain jura tentar a missão de novo.

---

[47] "Sir Gawain and the Grail Part One" – the Gawain episode from the first continuation of Perceval, translated by Jessie L. Weston, in http://www.ancienttexts.org/library/celtic/ctexts/g01.html, consultado a 1/10/2014. Há uma edição mais recente do texto, traduzido por Nigel Bryant, de 2004, publicada por D. S. Brewer, que não pudemos consultar.

Neste texto Gauvain falha, de facto, na sua missão de encontrar o Graal, embora consiga uma cura parcial da terra. Mas está dado o mote para que, a partir desta narrativa, a figura de Gauvain sofra uma mutação permanente, muitas vezes de pendor cómico, como veremos. Em 1215 na obra *Perlesvaus*, temos, mais uma vez, o relato de uma demanda do Graal na qual Gauvain falha e é incapaz de cumprir a sua missão.

Já no texto *Les Enfances de Gauvain*[48], temos um Gauvain diferente. É um poema que chegou ao presente incompleto[49], que conta a história da origem e criação de Gauvain, até se tornar cavaleiro[50]. Neste texto, Morcades, irmã de Artur, fica grávida de Loth e pede guarida ao irmão. Quando a criança nasce, os pais decidem livrar-se dela em segredo e a aia dele entrega-o a um homem (Gauvain le Brun) que o cria como seu. Este homem que acolhe o herói e o batiza com o seu próprio nome é pescador e guarda religiosamente os parcos pertences com que Gauvain lhe foi entregue, incluindo alguns bens de valor, um tecido de seda e uma carta que revela a sua origem.

O pai adotivo de Gauvain faz uma viagem a Roma e o jovem é acolhido pelo próprio Papa, que o toma a seu cuidado e o treina para ser cavaleiro. Gauvain é descrito como o perfeito jovem que aspira à condição de cavaleiro: "His worth can be attributed to his lineage, and his deeds sprang from his nature rather than from his upbringing." (Matthews, 2003: 181). É feito cavaleiro pelo Papa na véspera da festa de S. João Batista e é tecido um grande louvor à sua cortesia: "...empty of baseness and full of great courtesy..." (*Idem*: 185). O texto é interrompido com a morte do imperador.

---

[48] Obviamente não se pode falar do texto *Les Enfances* sem falar de outro, que foi conhecido primeiro do que este e que, claramente, sofreu direta influência do poema fragmentado. Falamos de *De Ortu Walwanii*, que conta também a infância de Gauvain (embora de forma diferente da de *Les Enfances*) e que põe Gauvain como sucessor do Imperador, amigo da rainha dos piratas, é alguém que tem um papel ativo no salvamento de uma figura feminina no Castelo das Donzelas, há uma descrição pormenorizada do seu combate por Jerusalém e um episódio – único relativamente à personagem Gauvain – com Fogo Grego. Há uma comparação pormenorizada entre *Les Enfances* e *De Ortu* feita pelo editor do poema, Paul Meyer (Meyer, 1910: 8-17).

[49] O primeiro editor do texto, Paul Meyer, em 1910, dizia que Gaston Paris previra que devia existir um poema perdido sobre a infância de Gauvain, por causa do texto *De Ortu Walwanii*, que teria de ter uma fonte para os acontecimentos relatados sobre as origens do herói. (Cf. Meyer, 1910: 7).

[50] A propósito da infância de Gauvain/Gawain, John Matthews, na obra que já citámos *Sir Gawain Knight of the Goddess*, elenca os textos onde se faz referência à infância/juventude da personagem. São eles: *Historia Regum Brittaniae*, *De Ortu Walwanii*, *Perlesvaus*, *Les Enfances Gauvain*, *Conte de Graal*, Wace e Laʒamon e um texto galês do século XIV, que existe apenas fragmentado e se chama *The Birth of Arthur*. (Cf. Matthews, 2003: 40). Neste último texto (que é galês e datado do século XIV) há a destacar o facto de Gwalchmai ser irmão de Modred e de mais três donzelas: Gracia, Graeria e Dioneta e filho de Gwyar. Há uma referência a Morgain de muita pertinência quando se fala do destino que lhe deu Uther: "The Duke's other daughter, Uther caused (to be sent) to the Isle of Avallach, and of all in her age she was most skilled in the seven arts." (Davies, 1913: 258).

Gostaríamos de destacar apenas uma nota breve que o primeiro editor do texto fez, em 1910, após datar o texto do início do século XIII, como justificação para a necessidade de criar uma narrativa que contasse a infância de Gauvain:

> Il faut qu'un héros fabuleux soit déjà parvenu à la célébrité pour qu'on imagine de raconter son enfance. Il a dû se passer pour les romans de la Table ronde ce qui s'observe d'une façon si evidente pour l'épopée carolingienne, où les poèmes qui racontent les "enfances" de Roland, d'Ogier, de Vivien, etc., ont été composés lorsque la renommée de ces héros était bien établie par d'autres poèmes. Gauvain était l'un des plus illustres, le plus illustre peut-être, des chevaliers d'Arthur. Presque tous les romans de la Table ronde lui font jouer un rôle brillant. Il était tentant d'ajouter un chapitre à son histoire en racontant les exploits de son enfance. (Meyer, 1910: 18-19).

Na literatura francesa dos séculos XII-XIII, Gauvain era essa figura essencial à nata da corte Arturiana.Ainda no século XIII, Gauvain surge como mediador de relações entre Lanval e Artur num dos *Lais* de Marie de France e é conhecido pela sua grande cortesia, nos versos que atrás citámos de *Le Roman de la Rose*.

Antes de mostrar como a figura de Gauvain vai cair em decadência, há que mostrar uma obra que anuncia este movimento, embora Gauvain seja o herói principal da mesma. Falamos de *L'Âtre Périlleux*, do século XIII. A editora e tradutora da edição que escolhemos seguir (Marie-Louise Ollier, 1999), começa por notar o facto de esta ser uma obra na qual Gauvain é o herói principal e opô-la aos textos de Chrétien de Troyes: "Gauvain n'était de ce fait jamais, chez Chrétien de Troyes, le héros de l'aventure. Ce statut s'altère quelque peu dans le dernier roman (...) le personnage de Gauvain aspirait lui aussi en quelque manière à s'évader d'une perfection redoutable, et à devenir héros à part entière." (*L'Âtre*: 607).

A editora aponta para um tratamento semi-paródico dos traços já conhecidos em Gauvain na literatura arturiana (por exemplo, o facto de ficar indeciso entre ir salvar a dama ou acabar a sua refeição).

Outro ponto importante é a questão da perda do seu nome. Gauvain é dado como morto e tem de provar que está vivo, através dos seus feitos. Ele fica conhecido como o sem nome: "cil sans nom". Segundo a autora, há duas coisas a reparar: "Gauvain a failli publiquement à sa double réputation de prouesse aux armes, et d'assistance aux «dames et demoiselles desconseilliees». Faille fatale qui annonce la désintégration consacrée par la perte du nom." (*L'Âtre*: 608).

Esta noção da necessidade de haver uma reparação é fulcral para o entendimento da personagem. É curioso notar o facto de se pensar que Gauvain foi morto e desmembrado por um lado e a preocupação excessiva que o herói vai ter para reparar a sua vida e o seu nome. É uma "falha" que parece ficar ligada ao corpo de Gauvain, à sua personalidade e aos seus atos e que

se vai refletir na restante literatura francesa da qual a personagem passa a fazer parte integrante a partir desta época. A personagem dá grande valor a este episódio dado que quer divulgar a reparação do seu nome: "... au prix de longues errances, j'ai recouvré le nom que j'avais depuis longtemps perdu, il est juste que je le fasse connaître partout." (*L'Âtre*: 695).

Torna-se claro que Gauvain se torna uma personagem que não se pode tomar a sério e, por isso, alvo e motivo de muitos momentos de pendor cómico: na obra *Méraugis*, tem de se diafarçar de mulher para fugir de uma ilha; na obra *Giglois*, este e Gauvain apaixonam-se pela mesma mulher, que escolhe Giglois; em *Meriadeuc*, é também explorado o tema das frustrações amorosas de Gauvain e, na obra *Le Chevalier à l'epée,* a esposa de Gauvain foge com outro cavaleiro.

Parece-nos, no entanto, que é no momento da produção dos ciclos da Vulgata e Pós-Vulgata que a reputação de Gauvain muda para sempre. Gauvain parece ser de bom carácter mundanamente falando, mas isso não o torna digno de encontrar o Cálice pelo qual Jesus Cristo bebera na Última Ceia. Como recordam os editores de *La Quête*, Albert Béguin e Yves Bonnefoy, a personagem Gauvain, embora humanamente justa, nunca poderia ser bem sucedida na Demanda do Graal: "Gauvain lui-même, qui a tant de prestige et qu'on n'appelle jamais que «Messire», peut bien être irréprochable selon la loi profane; il n'en est pas moins condamné parce que, appelé le premier à la quête, il a voulu s'y conduire par des préceptes tout humains." (*La Quête*: 32). Esta é uma clara referência ao episódio com que se inicia a Demanda – a Pedra Vermelha e o Cavaleiro Vermelho – no qual Gauvain, apesar de tentar retirar a espada da pedra por ordem de Artur, não o consegue fazer e revela, para tristeza do Rei, que os seus motivos ao tentar fazê-lo eram meramente humanos.

Há uma mudança clara de paradigma quando os estes ciclos são compostos (e depois traduzidos): os heróis que descendem de literaturas associadas a cultos pré-cristãos, vistos como pagãos pela nova religião (Gauvain, Perceval[51] e o próprio Artur), não poderiam nunca ser campeões de um tesouro cristão. Era preciso um novo campeão, puro, sem mácula, que se inserisse completamente na estética e teologia medievais, claramente ligadas ao uso alegórico de imagens e símbolos. Daí o completo abandono da tradição de Troyes e o surgimento de Galahad, como apontava, também, Helder Godinho, na sua apresentação da obra *Prosa Medieval*

[51] Um estudo pormenorizado das diferenças entre Perceval e Galaaz foi feito por Maria Gabriela Buescu na sua obra de 1991: *Perceval e Galaaz, Cavaleiros do Graal*.

Portuguesa: "É, com efeito, a alegoria que vai sobressair e as traduções do ciclo do Graal ignoram Chrétien de Troyes." (Godinho, 1986: 17).

No entanto, estudos mais recentes da personagem Gauvain discutem e apontam uma nova interpretação para a causa da decadência da mesma.

No seu artigo de 1999, "Gauvain et L'Impossible Dénouement Romanesque", Maria Cristina Álvares mostra como Gauvain tem de ser olhado do ponto de vista da alteridade. Explica a autora que:

> L'Autre est une notion créée par Jacques Lacan pour désigner l'hétéronomie de l'ordre symbolique par rapport à l'homme car le principe de base de sa théorie est celui de la pré-existence de la structure du langage qui fait loi pour l'homme. L'Autre est donc le lieu de la radicale altérité du langage où le sujet se constitue divisé. (Álvares, 1999: 1).

A autora defende que Gauvain é uma figura da função simbólica. Isso prova-se com as várias aparições 'menores' da personagem sempre como mediador de conflitos e relações amorosas. Está Gauvain, por essa mesma razão, ligado à noção de Amor Cortês, sendo talvez mais amante da palavra do que das várias mulheres que vai encontrando ao longo das suas desventuras amorosas: "...l'amour courtois se soutient de l'impasse sexuelle, c'est qu'il est avant tout amour de la parole, demande de bien-dire." (*Idem*: 7).

Daí talvez não se tenha de olhar para Gauvain como uma personagem em decadência, mas uma em mutação:

> Que Gauvain apparaisse, dans le romans post-Chrétien, en tant que séducteur n'est nullement à comprendre comme une dégradation morale du personnage, mais plutôt comme l'effet du passage de la fonction symbolique du registre du dire au registre du faire. (*Idem*: 9).

Gauvain seria então uma personagem que anuncia um novo género literário, no qual também ele mesmo – imagem de um passado perdido – já não tem lugar, mas que deixa descendência – um filho – imagem de todos os heróis romanescos por vir:

> La fonction de Gauvain est de soumettre le lai à la loi du roman si bien que cette loi l'altère – le séduit, le déflore et l'abandonne. De ce viol du lai résulte un fils, un bâtard, dont la demande du Nom du Père soutient la continuation de l'écriture romanesque. (*Idem*: 12).

Antes de se prosseguir na análise desta mutação da personagem que tem um exemplo claro na versão portuguesa da mesma, mostra-se o caminho divergente que Gawain seguiu, pelos trilhos insulares de uma fidelidade fora do comum.

4.5 Gawain

Na tradição literária Inglesa, Gawain será – quase em todos os textos – o exemplo da cavalaria excecional. Como lembra Angélica Varandas, a personagem foi catalogada como "...talvez o mais perfeito dos heróis medievais ingleses". (Varandas, 2010: 45).

Prova disso é o facto de os textos procurarem dar-lhe uma linhagem real – como aconteceu com o próprio Artur – sendo Gawain filho de Lot e Anna (irmã de Artur) na *Historia Regum Brittaniae*. O texto literário inglês tende a basear-se numa raíz historiográfica proveniente das crónicas.

Como já se viu, a personagem sofre uma degradação nos romances continentais, mas não perde a sua grandeza na literatura inglesa: "No entanto, em Inglaterra sempre foi encarado como herói nacional, detentor de enorme honra e prestígio (...)" (*Idem:* 46).

E que qualidades possuía este herói que atraíam tantos leitores? Thomas Hahn, na sua introdução aos onze romances e contos sobre Gawain e Artur, textos que compõem o ciclo gawainiano, fala desta mesma questão da fama de Gawain:

> All the glamour, mystery, and moral authority that chivalry might command were invested for late medieval audiences in the charismatic figure of Sir Gawain. Perhaps the most delightful and memorable testimonial to his celebrity is offered by Lady Bertilak the first morning she visits the knight in his bedroom, in *Sir Gawain and the Green Knight*. He alone, she says, possesses «The prys and the prowes that plesez al other». (Hahn, 1995: 1)

Chega a dizer o editor dos textos que até Chaucer reconhecia a popularidade de Gawain (como, aliás, já tivemos oportunidade de referir):

> Chaucer, always attuned to popular taste despite his extraordinary bookishness, pays an equally telling tribute to the universality of Gawain's status as the paragon of knighthood. That most sentimentally chivalric of narrators, the Squire, praises the "reverence and obeisaunce / As wel in speche as in countenaunce" of a "strange knyght" by suggesting he is like "Gawayn, with his olde curteisye . . . comen ayeyn [again] out of Fairye" (lines 89 ff.). To equal Gawain was to be a knight indeed, though it's worth noting that even the Squire links such ideal chivalry to magic and fairy tale. (*Idem*).

Estes contos, referidos no ponto anterior, são uma das fontes desta fama de Gawain, mas não a única, como recorda ainda o mesmo autor:

> Gawain's stature and renown - if not in his own mythical lifetime, then among the flesh and blood listeners and readers of late medieval England - had as its source and substance the popular romances that make up the present volume. Almost all of these were composed or written down in the fifteenth century or later. Before these romances appeared, Gawain already enjoyed a reputation in England through two early fourteenth-century verse translations based upon twelfth-century French romances (Chrétien de Troyes' *Yvain* [c. 1175] and Renaut de Beaujeu's *Le bel inconnu* [c. 1190]). Moreover, the only surviving copy of a Latin pedigree produced for Gawain - *De ortu Waluuani* [The Origins of Gawain], an account (from the twelfth or thirteenth century) of his youth and early exploits modeled after the pseudo-history of Geoffrey of Monmouth (c. 1136) - was apparently copied in England in the fourteenth century.
> The *Alliterative Morte Arthure* (second half of the fourteenth century) extends the chronicle tradition of Geoffrey and Layamon's *Brut* (thirteenth century), exalting Gawain as a fierce and impetuous warrior, the greatest fighter in Arthur's troop. (*Ibidem*).

A fama de Gawain é perpetuada em Inglaterra por baladas e romances (em particular a partir do século XV). Diz-nos Phillip Boardman que, sem contar com Chaucer e Gower, existem cerca de 120 romances em Inglês Médio, 30 dos quais sobre matéria arturiana. E, neste universo sobre Artur e os seus cavaleiros, é Gawain quem desempenha o papel principal na maioria das vezes: "In the Middle English romances, Arthur is not the usual standard of courtesy. That role falls to Gawain, and it is in Gawain, I think, that we can find the vital center of English Arthurian romance." (Boardman, 2006: 257).

Para entender a ascensão de Gawain a estes cumes de perfeição há que entender que a literatura inglesa reconheceu a ligação antiga de Gawain ao território através da ascendência de origem celta. Como vimos no ponto sobre Gwalchmai, Gawain tem as suas origens em heróis como Cuchulainn e uma ligação indiscutível ao aspeto ritualístico telúrico.

Lembra Matthews na obra já citada de 2003 que Morgain também está ligada a Gawain – ela que descende de figuras femininas celtas como Modron ou Macha e é uma das faces de Morrigan (responsável pela morte do herói Cuchulainn). A ligação ao materno é importante na figura de Gawain, uma vez que é pelo lado materno que está ligado a Artur e à ascendência real[52]. (Cf. Matthews, 2003: 47).

[52] Como recorda Matthews: "The evidence points, then, to Gawain's original mother having been of otherworldly stock, and the weight of evidence from foregoing texts point to Gwyar being confused, at some point, with either Morgain, Morgause or Morcades, full sisters of Arthur rather than the half-sisters they become in later texts" (Matthews, 2003:47). O autor mostra, num quadro que transcrevemos parcialmente, como a família de Gawain é representada nos textos principais em que o herói surge:

Outro aspeto importantíssimo destacado por Matthews é o papel que Gawain teve no desenvolvimento do tópico conhecido por "besieged lady[53]", como o autor ilustrou no quadro que se segue:

Text	Besieged Lady	Rescuer	Name of the Castle or Country
De Ortu	Unnamed	Gawain	Castellum Puellarum
Les Enfances	Morcades	Gawain	Belrepair
Of Arthur and Merlin	Belisent	Gawain	Belrepair
English *Syr Percevale*	Lufamore	Perceval	Maydenlande
Lanzalet	Queen of Meidenlant	Gawain	Meidenland
Sick Bed of Cuchulainn	Fand	Cuchulainn	The Otherworld
Owein	Unnamed	Owein	Unnamed
Conte del Graal	Igraine/Anna/Clarisant	Gawain	Castellum Puellarum
Yvain	Lady of Nrison (Morgul le Sage)	Gawain	Unnamed
Diu Crône	Queen of Meidenlant	Gawain	Meide lant

Text	Mother	Father
Historia	Anna	Lot
Wace	Anna	Lot
Layamon	Anna	Lot
De Ortu	Anna	Lot
Perlesvaus	Unnamed	Lot
Les Enfances	Morcades	Lot
Chrétien	Morcades	Lot
First Continuation	Morcades	Lot
Birth of Arthur	Gwyar	Lleu
Old Welsh *Trystan*	Gwyar	Lleu
Culhwch and Olwen	Gwyar	Lleu
Of Arthur and Merlin	Belisent	Lot
Morte d'Arthur	Morgause	Lot

Tabela 4. *The Family of Gawain* (Matthews, 2003: 48).

[53] Este tópico é desenvolvido em vários textos nos quais o cavaleiro tem de salvar uma donzela cativa num castelo ou terra de poderes sobrenaturais, muitas vezes associada ao Outro Mundo. Segundo Matthews, foram Helaine Newstead e o prof. Loomis nos seus ensaios quem mais estudou esta faceta da matéria Arturiana, sendo Gawain, muitas vezes, o herói destes salvamentos. O que convém aqui destacar é o facto de as figuras femininas que são salvas se poderem quase sempre identificar com a mãe de Gawain ou do herói envolvido, o que destaca mais ainda a ligação ao materno e ao feminino de Gawain e as suas raízes antigas.

Erec	Morgain le Fay	Guingamore	Avalon

Tabela 5. *The Besieged Lady and Her Rescuers* (Matthews, 2003: 49).

Como já discutíramos anteriormente, Gawain está também ligado ao Outro Mundo, pelas viagens que é forçado a fazer nas suas aventuras até à Terra das Donzelas.

Será uma mulher a providenciar o grande teste a que a personagem é sujeita no texto a analisar, *SGGK*. Também Morgain agirá através de uma mulher para tentar o herói.

Entendendo as origens de Gawain, talvez se torne mais clara uma das razões que levaram à decadência da personagem na literatura europeia continental. Afinal, será que um herói de ascendência pagã poderá encontrar o mais sagrado dos vasos para o cristão, o Graal? É interessante questionar este facto uma vez que, tivesse Gawain sido mantido como o herói em demanda da perfeição também na literatura continental, não haveria qualquer diferença para o leitor ao saber das suas origens não cristãs. Aliás, se a questão era a cristianização do texto, seria bastante mais fiel ao espírito evangelizador que encontramos, por exemplo, nas Cartas de S. Paulo[54], a transformação ontológica de um herói de natureza pagã num herói cristão, cavaleiro da Virgem e campeão do Graal. Parece uma opção mais plausível até narrativamente do que a pura invenção de uma personagem nova – Galahad (ou Galaaz nos textos portugueses) – cujas origens também não são as mais 'puras' (é filho ilegítimo de Lancelot), retratado em textos como *A Demanda do Santo Graal* como o mais puro e perfeito dos cavaleiros (sublinhando-se bastante o facto de ultrapassar Galvão e Perceval) e o único capaz de contemplar o Graal.

Neste sentido, torna-se intrigante a figura de Galaaz durante um texto como o já referido *A Demanda do Santo Graal*. Na sua postura, comportamento e forma de falar temos o cavaleiro cristão perfeito, quase uma imagem de Cristo sobre a terra. No entanto, há um aspeto que o separa desta imagem e que quebra – sem retorno – a sua identidade enquanto cristão: Galaaz, como seguidor também dos valores da cavalaria, mata os seus inimigos. Pode argumentar-se que, num espírito teórico como o das Cruzadas (que começam no século XI por decreto do Papa Urbano II) se poderia considerar *correto* que o cavaleiro matasse em nome da Fé. No entanto, em nenhum dos episódios que podemos ler no texto português d'*A Demanda* Galaaz tem de matar alguém que

[54]Como é do conhecimento geral, São Paulo distinguiu-se dos 12 Apóstolos por pregar quase exclusivamente a comunidades que não provinham do Judaísmo. Ele – que fora criado Judeu, embora fosse cidadão romano – compreendera que o novo Deus que se pregava era um Deus para todos, Judeus ou não, e é sempre causa de espanto para S. Paulo que os Judeus não compreendam a não exclusividade do cristianismo: "Pois estamos convencidos de que é pela fé que o homem é justificado, independentemente das obras da lei. Será Deus apenas Deus dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, Ele é também Deus dos gentios, uma vez que há um só Deus. É Ele que há-de justificar pela fé os circuncidados, e os não-circuncidados, mediante a fé." (*Rom* 3, 28-30).

na Idade Média se poderia considerar um 'infiel'. Galaaz encontra em combate apenas cavaleiros e figuras do maravilhoso.

Já a tradição insular de Gawain o faz encontrar diversos tipos de oponente, incluindo um Turco que, comparando com os oponentes de Galaaz, poderia ser visto como inimigo a abater e como 'infiel'. No entanto, Gawain, no texto já resumido *The Turke and Gowin*, de cerca de 1500, prova que é pela uso da cortesia e persistência que é possível vencer em todos os desafios lançados pelo Turco – incluindo um Jogo da Decapitação – e chega até a contribuir para a conversão do mesmo aos valores da corte de Artur. Ora os traços de diplomata e estratega que se reconhecem à personagem em solo insular são mais ricos no que diz respeito à dimensão cristã do cavaleiro, uma vez que é pelo seu exemplo que a personagem tem um papel evangelizador em relação ao oponente e obtém um resultado pacífico perene.

Esta imagem de perfeição que se consegue para Gawain nas literaturas inglesa e de origem celta é fruto dos séculos de evolução que a própria personagem tem nos diversos textos produzidos fora da tradição pós Chrétien de Troyes. E esta imagem não foi só explorada em Inglaterra, Escócia, Irlanda ou Gales, foi também objeto de produção literária na Alemanha, com o texto *Diu Krone* (no qual Gawain é o herói da aventura do Graal, em cerca de 1220-30) e, na Holanda, com o relato das aventuras de Gawain em *Roman van Walewein* de cerca de 1230, no qual Gawain é chamado 'the father of adventures'.

Os textos produzidos em Inglaterra, Escócia, Irlanda e Gales já depois dos textos de caráter historiográfico, ou seja, a partir do século XIII, parecem quase compilar um conjunto de virtudes de Gawain. Em *Arthour and Merlin* (1250-1300) é exaltada a proeza de armas de Gawain que, mesmo ainda sem ter visto Artur em Londres, defende o reino contra os Dinamarqueses na ausência do rei; já na primeira metade do século XIV, em *Yvain and Gawain*, Gawain é mediador e motor das aventuras de Yvain.

Quando se entra no Revivalismo Aliterativo da segunda metade do século XIV, há dois grandes textos a destacar. O primeiro, de 1375, *Alliterative Morthe Arthure*, é um poema aliterativo de tom elegíaco que narrativamente segue o texto das crónicas (no que diz respeito à narrativa de Artur) mas que merece grande destaque pelo lamento fúnebre que Artur tece a Gawain, como se a morte do seu campeão fosse espelho do fim do seu próprio reinado. O segundo, produzido entre 1380-1400, é o poema aliterativo *Sir Gawain and the Green Knight*, no qual Gawain vive o maior teste à sua cavalaria, cortesia e humanidade, como teremos oportunidade de mostrar no capítulo acerca da análise da obra.

Ainda do final do século XIV é a obra *Stanzaic Morte Arthur*, na qual se contam os amores adúlteros de Lancelot e Guinevere e se descreve o fim da corte de Artur. É a primeira vez que surge, na literatura inglesa, a imagem de um Gawain que procura vingar o irmão morto às mãos de Lancelot e é uma das principais fontes de Thomas Malory.

São do século XV os chamados contos populares sobre Gawain. Destacamos aqui as virtudes de Gawain que são exaltadas nesses textos: defende a cortesia, a paz e obecede a todos os pedidos que Artur lhe faz (incluindo quando é dado em casamento). Destes contos destacamos apenas dois *The Weddynge of Sir Gawen and Dame Ragnell* por conter, de novo, um tópico relacionado com o feminino, 'the loathly lady'[55]; e *Gologras and Gawain*, no qual é sublinhada a inteligência de estratega de Gawain que, ao aparentar submeter-se a Gologras a quem vencera em combate, consegue que este último se submeta inteiramente a Artur sem haver derramamento de sangue.

O que se pode destacar de todos estes textos insulares é a constante exaltação das virtudes humanas de Gawain. Como apontavam Raymond Thompson e Keith Busby na introdução ao volume – fulcral para estudar Gawain – *Gawain, a Casebook*, esta luz benevolente à qual Gawain é visto na tradição alemã, holandesa e insular faz com que haja uma construção quase de uma 'hagiologia de Gawain' (Cf. Thompson & Busby, 2006: 13). Esta questão hagiográfica da personagem é importante, uma vez que o caminho que, religiosamente, leva à santidade, parte do humano e as características e traços humanos vão sendo permeados pela Graça divida e aperfeiçoados até se atingir o grau de santidade.

Aqui poderemos usar esta imagem da santificação pessoal para fazer uma distinção entre Galaaz e Gawain. Galaaz é apresentado como o cavaleiro perfeito, quase imagem de Cristo. Aparece sobre a terra apenas para cumprir a sua missão que é encontrar o Graal. Prova disso é o facto de morrer após terminar a sua missão.

Gawain é diferente. É um cavaleiro que passa por várias provas e testes que o vão aperfeiçoando. Embora ele mesmo possua traços de perfeição (a sua cortesia, integridade, valor nas armas), esses traços são, nos textos que contam a sua infância, fruto da educação de

[55] Este é um tópico de origem celta com ocorrência, por exemplo, no Ciclo de Fionn. O acontecimento principal em histórias com este tópico prende-se sempre com a existência de uma mulher feia ou monstruosa, à qual pode ser restituído o seu aspeto original – uma beleza sem par – caso o cavaleiro ou o herói consiga ultrapassar o teste. No caso dos textos em que Gawain é protagonista, ele é dado em casamento por Artur a uma mulher muito feia e ela explica-lhe que pode ser bela ou de noite ou de dia, mas nunca o tempo inteiro e pergunta ao herói qual o momento em que prefere que ela seja bela: socialmente, durante o dia, ou junto de si, à noite. Gawain deixa a decisão nas mãos da esposa e este oferecer da soberania à mulher é tudo quanto basta para que o seu feitiço seja quebrado e ela se torne bela permanentemente.

excelência a que teve acesso através dos pais adotivos que lhe foram dados. Ele alcança um estatuto de perfeição na cavalaria e na cortesia (daí talvez o título *De ortu*[56]) para se falar da infância e juventude de Gawain.

Pelas suas origens, Gawain é o cavaleiro ideal para ser testado humanamente até ao limite da humildade e é sobre este tópico a obra a que daremos mais destaque, *SGGK*.

Mas nem toda esta aparente capacidade de sucesso e perfeição impedem que a sua figura seja manchada em solo inglês. Thomas Malory, em 1469-70, cria *Le Morte Darthur* e introduz, pela primeira vez na literatura inglesa, a noção de Graal e a personagem Galahad. Ora, para que Galahad possa ser o herói da sua narrativa, Gawain tem de ser degradado e chega à quase destruição moral total nas mãos deste autor.

No entanto, este é caso único nesta época da literatura inglesa. Gawain, como sugere Roger Dalrymple na sua obra de 2012, teve três interpretações ou faces diferentes: o Gawain heróico (quase épico) que procede da tradição das crónicas, o Gawain que foi degradado pela literatura continental e o herói idealizado, que sobrevive nos contos mais populares do século XV. Dentro de todas as faces e mudanças, o autor afirma que a imagem positiva é a que permanece no imaginário literário inglês: "...for all the refinements and adjustments to the character over the course of the Middle Ages, the late-medieval Gawain remains close to his origins as the peerless figure of heroic tradition." (Dalrymple, 2012: 275).

4.6 Galvão

A tradição portuguesa da Matéria da Bretanha bebe diretamente da tradição francesa pós Chrétien de Troyes.

Para a personagem Galvão isso significa a sua total degradação moral, na linha do que já começara a ser feito na literatura francesa mas com contornos mais imorais, uma vez que na tradição lusa Galvão é mentiroso, desonesto e assassino.

No ponto anterior pudemos descrever os episódios de Galvão n'*A Demanda do Santo Graal*. Este não é, contudo, o único texto que contém referências a esta personagem. Há uma breve referência a Galvão em um dos *Lais da Bretanha*, texto no qual Galvão se encontraria prisioneiro de donzelas. É mais um aspeto da ligação ao feminino que, em contexto insular é

[56] 'A Ascensão'.

valorizado positivamente mas, em contexto ibérico chega a ser motivo de ridicularização da personagem.

Uma nota de destaque para a recente edição da *Estória do Santo Graal (Livro Português de José de Arimateia)*, de 2016, pela mão da equipa dirigida por José Carlos Ribeiro Miranda, na qual pudemos ler apenas duas referências de destaque para Galvão. A primeira para atestar que ele era filho de Lot e da irmã de Artur e "...bõo cavaleiro d'armas..." (Miranda *et* alia, 2016: 331). A segunda, mais interessante, para relatar como Galvão foi o único capaz de pernoitar no 'Paço Aventuroso' sem morrer: "...atá que Dom Galvão, o sobrinho d'el rei Artur, i veio e aquele nom morreo, e pero tamto ouve i de mal que nom o quisera por o reino de Logres." (*Idem:* 342).

Regressando ao texto *A Demanda*, Galvão é apontado como a causa do falhanço de toda a aventura. Ele mente a Artur e aos cavaleiros, engana-os, desafia-os para combate, chega a matar um deles à traição e é a causa da morte de muitos mais. Pode dizer-se que, com exceção para o texto de Malory, é a obra na qual a personagem chega ao ponto mais degradado da sua reputação. É um ser diferente, que parece não fazer sentido numa corte como a de Artur. Rodrigues Lapa refletiu sobre o estranhamento que esta personagem causa na versão portuguesa:

> ...Galvão que, em certos romances bretões, era a flor dos cavaleiros e o enlevo das damas, é agora aqui um personagem estranho, sobre o qual pesa uma fatalidade imensamente trágica. Sucede-lhe matar nas suas aventuras 20 cavaleiros da Távola Redonda. Durante 14 anos não se confessou uma só vez. Representa pois no romance o espírito da cavalaria mundana, antítese de Galaaz. (Lapa, 1970: 249).

Como temos vindo a refletir, é quase bizarra a veemência com que a personagem de Galvão é degradada para dar lugar a um constructo artificial, sem memória ou tradição cultural associada, como é Galaaz. A única justificação que se pode encontrar para este facto talvez seja o facto de a noção de cortesia que envolvia Gawain e Gwalchmai se ter confundido, lentamente, com noções provenientes do Amor Cortês, associado ao impuro, ao adúltero e, daí, talvez os monges que tiveram o labor de traduzir a Matéria da Bretanha para língua portuguesa quisessem garantir que o seu herói, o único digno de encontrar o Cálice de Cristo, fosse um totalmente inocente, apartado dos vícios ligados à mulher.

De destaque é a reflexão que Angélica Varandas teceu a este respeito uma vez que a autora afirma que Gawain era uma figura impossível de apagar da literatura arturiana e, por isso, a única forma de dar lugar a um herói que a visão eclesiástica achasse mais digno de encontrar o Graal seria causar a sua decadência:

> ...terá sido a antiguidade de Gawain, aliada à sua dimensão sobrenatural, a originar este processo de declínio. Na impossibilidade de rasurar a figura de Gawain, apagando-a definitivamente das lendas arturianas, a única hipótese dos sciptoria eclesiásticos foi denegrir uma figura de fortes características pagãs. (Varandas, 2009: 124).

Esta visão da personagem, do texto e das suas circunstâncias no Portugal medieval é uma das mais plausíveis explicações deste processo de desvalorização da nobre personagem. A esta questão regressar-se-á aquando da análise da obra *SGGK*. No entanto, para o estudo desta mesma obra, optou-se por uma abordagem que inclui o texto na sua língua original – Inglês Médio. Por essa mesma razão, a tradução para língua portuguesa do mesmo tornou-se um instrumento de trabalho sem o qual não o teríamos conseguido entender tão profundamente. No capítulo que se segue tecer-se-ão algumas considerações sobre a necessidade de usar a tradução como instrumento de trabalho e expressão da nossa interpretação do poema *SGGK*.

Capítulo 2. Enquadramento Teórico - da Tradução como modelo de análise

Para analisar um texto como *SGGK* foi necessário usar instrumentos que garantissem uma compreensão mais global do objeto do nosso trabalho, ou seja, o poema propriamente dito. Como veremos no capítulo 3 desta dissertação, o poema *SGGK* foi escrito num dialeto de Inglês Médio, o West Midland, que não está na origem do Inglês que hoje se fala. Era falado na zona de Midlands e, com a emergência da língua inglesa – no dialeto de East Midland – que acompanhou o resgatar do poder político autóctone a partir do século XIV, o North-West Midland começou a cair em desuso, tornando-se obsoleto e de difícil compreensão.

A primeira abordagem ao texto foi, obviamente, a do leitor. Procurámos várias traduções do poema para Inglês moderno e rapidamente as discrepâncias de forma e conteúdo saltaram à vista como que provocações para uma análise mais profunda.

Essa foi a principal razão para considerar a tradução. Apareceu no trilho do nosso trabalho como uma necessidade. Nesse sentido procurámos saber como seria possível trazer o texto em West Midland para a nossa língua. Da licenciatura e mestrado restavam-nos noções básicas gramaticais de Inglês Médio e pouco vocabulário. Por isso, esta pareceu ser a senda correta para conseguir uma análise mais profunda da forma e conteúdo do poema medieval. Assim, embarcámos na demanda de traduzir o texto para língua portuguesa com o precioso auxílio de um breve curso de Inglês Médio, facilitado pela Professora Catherine Batt, na Universidade de Leeds, que validou e aumentou as competências anteriormente adquiridas em Portugal.

No entanto, a prática de traduzir e o percurso que a personagem principal do poema, Gawain, fez através das diferentes literaturas europeias que temos vindo a elencar e discutir fizeram-nos – obrigatoriamente – questionar não só o que é a tradução, mas também o papel que a tradução tinha na Idade Média e a forma como esse mesmo fator influenciou a evolução do carácter de Gawain nas literaturas europeias medievais.

Todo este caminho levou à necessidade de uma ancoragem teórica para que, assim, não só houvesse um discurso coerente sobre tradução e o ato de traduzir, mas também fosse profícuo o trabalho de haver um manifesto objetivo para o produto do labor tradutório sobre o texto *SGGK*.

É essa breve reflexão que faremos nas linhas que se seguem.

1. O que é a Tradução? Definições operatórias.

Como sublinhado no breve texto que antecede o título acima, este trabalho não é exclusivamente focado nos Estudos de Tradução. A prática da tradução despertou algumas questões que geraram leituras fulcrais para a reflexão sobre o exercício de fazer presente o poema *SGGK* nas língua e cultura portuguesas.

Para falar sobre tradução tornou-se necessário dominar alguns conceitos através dos quais se disserta sobre o campo de estudos. Foi pertinente para nós compreender que já se fala da prática da tradução há bastantes séculos, embora o advento da área de estudos só se tenha verificado, no seu verdadeiro auge, a partir do século XX.

Lembrava Elena Sánchez Trigo, em 2002, que Steiner (1975) dividira a tradução em quatro períodos, começando o primeiro com Cícero que, em 46 a.C. faz um discurso sobre tradução[57], no qual aponta duas formas de traduzir: a do 'intérprete' (ligada à fidelidade ao texto) e a do 'orador' (*verbum pro verbo*). Vinte anos depois, Horácio, numa carta, desaconselhava o primeiro tipo de tradução; já S. Jerónimo, em 395-96, escreve *Ad Pammachium de optimo genere interpretandi* que, segundo a autora, é "...la obra fundacional de la Traductología." (Sánchez Trigo, 2002: 72).

Recordava Aires do Nascimento que já em 1419 Bruno Aretino falava de *traducere* e *traductio*, na sua tradução da *Ética* de Aristóteles. Outra grande influência na evolução do discurso sobre tradução é Alonso de Cartagena (1430) que, segundo o autor, afirma que "...não há correspondência absoluta e directa de códigos linguísticos entre as línguas e por isso é falaz a tradução palavra a palavra e se torna necessário ter em conta os valores de funcionalidade." (Nascimento, 1997: 130).

Obviamente que os autores apontados estavam ainda longe da grande teorização feita por Etienne Dolet[58] (1540), mas esta postura que fala de 'funcionalidade' ecoa na Teoria da Equivalência[59] de Nida e Taber, que assim definem tradução: "Translating consists in reproducing in the receptor's language the closest natural equivalente of the source-language message, first in terms of meaning and secondly in terms of style" (Nida & Taber, 2003 [1969): 12).

---

[57] *Libellus de optimum genere oratum*.

[58] Dolet escreveu *La Manière de bien traduire d'une langue en aultre* (1540) e é apontado como "...fundador de la Traductología francesa." (Sánchez Trigo, 2002: 74).

[59] Teoria na qual alicerçamos a nossa definição operatória de tradução e que explicaremos, com mais detalhe, no ponto 2 deste capítulo.

Estes dois autores refletiram sobre um conceito que é essencial para o trabalho no texto que propomos analisar: a Equivalência. Nele, a tradução pode ser vista de duas formas: uma formal e outra ligada à paridade. Para tornar esta definição mais clara podemos recorrer a exemplos. Se pensarmos numa tradução formal, olhamos para a tradução direta de termos entre línguas como, por exemplo, *morning* em Inglês, será *manhã* em Português. Observando a tradução do ponto de vista da equivalência, encontram-se questões mais complexas como a possibilidade de tornar presente numa língua de chegada o equivalente cultural de uma expressão própria da língua de partida que faça sentido nas duas línguas e culturas. É o caso de traduzir, num exemplo minimalista, a expressão inglesa *it's raining cats and dogs* pela expressão portuguesa *chove a cântaros*.

No entanto, apresentar de forma resumida toda uma teoria de tradução levanta problemas e questões acerca da pertinência do uso da mesma em contextos que não os dos Estudos de Tradução. A simplificação aparente de conceitos para 'caberem' numa definição operatória para efeitos de explicação do labor tradutório deixa muitas questões por resolver, algumas das quais se prendem com o papel do tradutor no trabalho sobre o texto e na receção do produto da tradução pelos possíveis leitores na língua de chegada. Neste sentido, Maria Tymoczko recordava um facto relevante, no seu artigo de 2002: "...the ideology of a translation resides not simply in the text translated, but in the voicing stance of the translator, and in its relevance to the receiving audience". (Tymoczko, 2002: 183). Rapidamente o trabalho de tradução que se fizera sobre o texto *SGGK* emergiu ele mesmo como alvo obrigatório de reflexão teórica, para que não se caísse no erro de apenas se procurar uma 'teoria' com que este mesmo labor se identificasse.

Daí a necessidade de questionar os limites da Teoria de Nida e Taber. A Teoria da Equivalência acabou por ser alvo de questionamento e chegou mesmo a ser repensada na década de 1990, como explica Lawrence Venuti na introdução ao seu volume de 2000, *The Translation Studies Reader*, sublinhando que os efeitos sociais da tradução acabaram por pesar também nos Estudos de Tradução e nas reflexões que foram sendo tecidas nas últimas duas décadas do século XX (Cf. Venuti, 2000: 5-6). Acaba por não se poder desligar do ato de traduzir as suas implicações culturais, económicas e as intenções políticas que o mesmo ato pode ter. E a Teoria de Nida e Taber, dando especial ênfase à cultura de partida que, como apontava Mamiko Sakamoto no seu artigo de 2014, diz que "... a melhor tradução não parece uma tradução..." (Sakamoto, 2014: 378), acaba por ter aplicação prática apenas em alguns contextos, em especial aqueles que não divirjam culturalmente. A título de exemplo, esta mesma autora teceu algumas reflexões acerca

da tentativa de tradução da Bíblia no Japão, tarefa difícil pela ausência de correspondentes culturais e terminológicos. Assim, como defendeu a autora, a "teoria de equivalência dinâmica de Nida só é possível aplicar quando existe um conceito de base igual ou semelhante no fundo sociocultural subjacente em ambos lados." (*idem*: 382).

Neste sentido, aqui encontrámos eco e justificação para a manutenção da utilização da Teoria da Equivalência Dinâmica (que adiante explicaremos com mais detalhe): os conceitos que exprimimos em língua portuguesa são comuns entre as culturas medievais inglesa e portuguesa, pelo que não causam estranhamento cultural nenhuma das escolhas tradutórias que efetuámos durante o próprio trabalho de tradução.

Como já foi referido anteriormente, não é nosso objetivo fazer deste capítulo uma dissertação sobre Estudos de Tradução. Existe a clara noção de que, entre a teorização feita por Etienne Dolet em 1540 e os textos de Nida e Taber medeiam séculos de reflexão[60] e teorização[61] sobre a prática tradutória, mas esse não é o objetivo do presente trabalho. Os autores que selecionamos são pertinentes para a visão da tradução que desenvolvemos através da nossa própria prática tradutória aquando da tradução do poema *SGGK* para língua portuguesa. São definições operatórias para a nossa prática individual da tradução, que ajudam à compreensão da evolução da personagem em estudo, Gawain, que foi fortemente influenciada pelo modelo tradutório que se usava na Idade Média, no que diz respeito ao romance de cavalaria, que adiante se discutirá.

---

[60] Fulcrais sínteses de definições operatórias e também da história da evolução dos estudos de tradução são as seguintes obras: Jean Deslisle & Judith Woodsworth, *Translators Through History,* 1995; Anthony Pym, *Teorias Contemporâneas da Tradução – Uma Abordagem Pedagógica,* 2013; Umberto Eco, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre Tradução*, 2003; Lawrence Venuti, *Rethinking Translation*, 1992; do mesmo autor, *The Translation Studies Reader*, 2004 e Weissborg & Eysteinsson, *Translation - Theory and Practice - A Historical Reader*, 2006.

[61] Apenas deixando alguns exemplos basilares de teorias sobre a tradução ao longo dos séculos: Lutero que fala em 1530 da importância da inteligibilidade da tradução para o destinatário; Dryden que, em 1680, no prefácio às *Epístolas* de Ovídeo fala de 'metáfrase' (palavra por palavra), 'imitação' (mais perto do original) e 'paráfrase' (tradução livre), postulando sobre a última; no final do século XVIII, Alexander Fraser que, em 1791 recorre a outras disciplinas (gramática, retórica, etc.) para falar sobre a tradução; Schleiermacher que, em 1813, na sua conferência *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*, disserta acerca da diferença entre tradução e interpretação; Walter Benjamin, na segunda década do século XX, fala sobre a tradução como uma forma de arte em si mesma, na qual é mais importante a relação entre as línguas do que a tradução *per se*. Depois da II Guerra Mundial, começa uma nova etapa para os Estudos de Tradução. Nos anos 50 e 60 existiram abordagens de teor linguístico com autores como Vinay e Darbelnet (1958), Georges Mounin (1963), Nida e Taber (1969) e Jakobson (1959). Na década de 70, surgiram estudos mais ligados à linguística do texto e Pragmática como os de Vermeer e Reiss (que exploraram o conceito de *Skopos*, ou de finalidade); a Teoria Interpretativa da Tradução, ESIT; e o surgimento da noção de 'Translation Studies' com Holmes, em 1972. De destacar, ainda, o impulso que foi dado aos Estudos de Tradução pela Teoria dos Polissistemas e pelos escritos de Zohan e Toury. (Cf. Sáchez Trigo, 2002).

1.1 Da Tradução Literária

O trabalho que propomos fazer acerca do poema *SGGK* insere-se num 'nicho' especializado muito definido no que diz respeito à tradução. É a tradução de um tipo de texto específico que é o literário e que, por essa razão, terá de obedecer a regras que garantam que o texto na língua de partida se mantenha um texto de género literário na língua e cultura de chegada. Neste sentido e, como apontava Kirsten Malmkjær no seu ensaio "Cooperation and Literary Translation", de 1998: "...to approach a text, whether fictional or not, as a literary work, constitutes a type of cooperation with the text and with the norms and expectations of the culture within which it exists and is accepted as a literary text." (Malmkjær, 1998: 25).

Assim sendo, essa cooperação tem de existir também quando se engendra o processo de tradução para a língua de chegada. Adaptando os termos de Ernst-August Gutt no seu ensaio de 1998 sobre aspetos pragmáticos da tradução: tem de haver uma 'parecença interpretativa' entre a enunciação original e a que a representa. (Cf. Gutt, 1998: 41-53).

Há pois, no processo tradutório, um movimento que tem de ser, como indicava Umberto Eco, de negociação (Cf. Eco, 2003: 10). Essa negociação assenta num equilíbrio delicado entre elementos linguísticos e culturais, de forma a garantir que o produto final seja tão tangível na língua de chegada como o é na de partida.

No entanto, esta negociação tem, à partida, alguns fatores que a podem tornar difícil no caso da tradução literária. Em primeiro lugar, a posição que um dado autor a traduzir ocupa no cânone nacional e internacional de literatura. Este é um problema antigo que pode causar constrangimentos ao tradutor que se vê quase sempre relegado para o lugar de 'traditore' de uma magnífica obra de arte que nunca terá numa língua 'estrangeira' o esplendor que saiu da pena do criador na língua 'original'. Das muitas reflexões que se teceram sobre o tema, destacamos a de Theo Hermans, de 1985 que, embora já longínqua, é ainda atual:

> The ultimate provenance of these views, it seems, lies in a number of naively romantic concepts of 'artistic genius', 'originality', 'creativity', and a severely restricted notion of what constitutes a 'national literature'. If the literary artist is viewed as a uniquely gifted creative genius endowed with profound insight and a mastery of his native language, the work he produces will naturally come to be regarded as exalted, untouchable, inimitable, hallowed. If, in addition, language is conceived as closely correlated with nationhood and the national spirit, the canonized set of texts that together make up a given national literature will also assume an aura of sacred untouchability. (Hermans, 1985: 7).

Outra das questões para as quais o tradutor tem de estar preparado, formado, treinado (e que é fulcral para o estudo do poema aliterativo *SGGK*) é o tipo de texto literário que se vai traduzir. Obviamente que a prosa seguirá regras de estilo próprias que muito pouco terão a ver com a tradução de texto poético que certamente levanta questões que se prendem não só com conteúdo mas com forma e ritmo. Uma das reflexões mais pertinentes sobre este campo da tradução literária foi tecida por Susan Bassnett que, no seu ensaio sobre tradução de texto poético de 1998, aponta algumas direções a seguir. Na sua reflexão sobre o processo de traduzir um poema, a autora disserta acerca das teorias de Octavio Paz e mostra como o tradutor passa de leitor a escritor ele mesmo:

> The poet plays with language and comes to create a poem by fixing language in such a way that it cannot be altered. But the translator has a completely different task that involves a different kind of play. The translator starts with the language that the poet has fixed, and then has to set about dismantling it and reassembling the parts in another language altogether. Paz argues that this process of freeing the signs into circulation parallels the original creative process invertedly. The task of the translator is to compose an analogous text in another language, and the translator is therefore not firstly a writer and then a reader, but firstly a reader who becomes a writer. What happens, says Paz, is that the original poem comes to exist inside another poem: 'less a copy than a transmutation'[62]. (Bassnett, 1998: 66).

Interessante é notar que talvez não seja só o texto que sofre este processo de transmutação, mas também o tradutor que, ao ser um leitor que tem de entrar não só na língua mas na linguagem específica do poeta e descodificá-las, se torna um escritor – um autor! – ele mesmo e é transmutado em urdidor de texto.

No entanto, esta é uma visão recente da tradução literária. Descrevemo-la em alguns dos seus aspetos também para contrastar com a visão que se tinha do tradutor de texto literário na Idade Média, que teremos oportunidade de questionar em seguida.

1.2 Da Tradução na Idade Média

Imagem emblemática daquilo que começa por ser a tradução no Ocidente é o episódio relatado por Aires do Nascimento no seu artigo de 1999: "Os textos clássicos em período medieval: tradução como alargamento de comunidade cultural", compilado na recolha de textos do mesmo autor do ano de 2012:

[62] E cremos ser em parte também este o processo que a personagem de Gawain sofre: através da tradução, transmuta-se numa personagem diferente, que cabe dentro do espectro do Romance.

> As origens [da tradução] na tradição ocidental são veneráveis. Segundo as balizas habituais, a literatura latina começa no dia em que em Roma um liberto de Lívio Salinator, antigo refém capturado em Tarento, traduz a *Odisseia* para latim e faz dela o livro base para o ensino. A tradução teria assim no ocidente latino um papel fundante. (Nascimento, 2012: 798).

Este será, durante muitos séculos o papel da tradução na Europa ocidental: disseminação de conhecimento e das obras de referência dos mais amplos campos do saber que se irão tornando cada vez mais, a partir do século XI, com a fundação das universidades europeias. Portugal entra também nesta senda de saber universitário no século XIII, com a fundação dos Estudos Gerais em Lisboa por D.Dinis.

No entanto e ao mesmo tempo que se vão alargando os centros de saber na Europa medieval, vão emergindo também as línguas vernáculas que, graças às lendas e à poesia – predominantemente oral – vão ganhando força. Há que proceder à tradução não só de saber académico para essas línguas que se vão gradualmente afirmando em relação ao Latim[63], mas também de textos de teor literário que providenciam ensinamentos muitas vezes morais e são ampla fonte de entretenimento.

Neste sentido, na Idade Média o tradutor parece ter um papel claro e simplificado de 'facilitador' do acesso aos textos:

> A verdade é que as traduções medievais, quaisquer que seja o plano em que se colocam, não intentam rivalizar com os originais em modalidade de substituição. Pelo contrário, os tradutores mantêm o sentido do respeito que a consciência da distância lhes incute e não escondem que se predispõem a facilitar o acesso às obras clássicas através do seu trabalho. (*Idem*: 819).

Por essa mesma razão, o tradutor tinha um papel muito mais visível na Idade Média, uma vez que se apresentava como facilitador da compreensão textual e também tinha de realizar duas tarefas fulcrais: agradecer o patrocínio (muitas vezes nobre) do seu trabalho e criar uma apologia e aura de humildade em torno do produto da tradução. Este facto leva autores como Richard Garrett a questionar o facto de não haver mais teorização sobre tradução vernacular, justificando o facto com a existência destas 'defesas da tradução':

[63] A este propósito lembra ainda Aires do Nascimento: "Sem negar a instrumentalidade da língua latina para exprimir conteúdos (...) subjaz a auto-estima pela língua materna e pretende-se também acentuar as capacidades próprias dela, que agora passa a contrapor-se ao latim como noutros tempos o latim se contrapusera ao grego." (Nascimento, 2012: 815).

> In the Middle Ages, the notion of the "translator's invisibility" was basically unknown, as it was commonplace for even the most prominent poets to take a tale from oral tradition or from an extant text and re-work it, creating a work that often surpassed the original in merit and renown and which was considered more an original literary work than as some sort of copy. In fact it was frequently the case that a translation was much more "visible," popular, and privileged than its source or analogue.
> Considering the enormous scale of translation being carried out in the Middle Ages, it may seem somewhat surprising that we have relatively few extant texts in which medieval authors write about translation. Numerous writers address it, but they generally do so briefly, and their remarks are usually confined to a prologue or preface to one of their own translations. Moreover, these references to translation are often characterized by the stock "humble supplication" in which the writer addresses her audience (often a patron) and presents herself as an unworthy translator, unschooled in the Source Language, asking the reader to excuse her lack of subtlety or polish. In addition, these passages generally inform the reader that the translated version will be in the most *playn* and *entendible* terms, implying a common, popular audience when usually the audience is composed of nobility and clerics. Rather than examining translation theoretically, these authors have a pragmatic translation agenda. (Garrett, 2011: 29-30).

Mas esta perspetiva parece ser mais válida no que diz respeito ao texto escolar, de saber científico. Quando se fala de tradução literária, parece-nos que o trabalho do tradutor medieval será mais no campo da *interpretatio.* É ainda Aires do Nascimento quem vem em nosso auxílio para clarificação deste conceito:

> A *interpretatio* medieval é um processo que não apenas assegura o contacto entre duas línguas, mas gere a mediação que envolve "*exponere, reuelare, explanare, seu reserare sensum in uerbis latentem*: expor, revelar, explanar ou desvendar o sentido latente nas palavras", em partilha de cultura. (...) tal *interpretatio* tem realizações diversificadas. Algumas vezes o tradutor se penitenciará de não ter conseguido aclarar o texto de base. Outras vezes prolongará o seu esforço em comentários que preferiríamos noutros moldes. Casos haverá, porém, em que a posse do texto lhe permitirá criações pessoais, em textos autónomos. (Nascimento, 2012: 820-21).

O autor cita a obra de Rita Copeland que pode ser consultada na nossa bibliografia. Desta importante autora para os estudos da tradução medieval queremos destacar a relação que ela aponta – basilar! – entre as lições que os autores medievais de literatura vernacular tiraram dos processos de tradução e leitura medieval (da exegese à retórica): "[there are] two English texts which redefine the terms of academic discourse in the vernacular: Chaucer's *Legend of Good Women* and Gower's *Confessio amantis*. These texts carry the prescriptions of the artes poetriae by turning the techniques of exegesis into techniques of topical invention. In this way they also redefine the terms of vernacular translation itself: they use the techniques of exegetical translation to produce, not a supplement to the original, but a vernacular substitute for that original." (Copeland, 1991: 179).

Iríamos mais longe ao afirmar que, para além de engendrar "criações pessoais, em textos autónomos", o tradutor medieval de texto literário usa dessa liberdade de interpretação e 'aclaração' para criar livremente sobre o texto de partida, escondendo, no caso particular de Gawain-Gauvain-Galvão, uma pretensa agenda politico-religiosa, como já referimos no capítulo anterior.

É o que acontece claramente na passagem da personagem Gawain para a literatura francesa e na tradução da *Quête* para língua portuguesa em que Gauvain surge como Galvão, indo do cavaleiro perfeito Inglês ao assassino na versão portuguesa e passando pelo cavaleiro mulherengo e algo prepotente na versão francesa dos acontecimentos do Graal. Assim, aplica-se também na literatura medieval aquilo que Theo Hermans reconhecia como traço geral da tradução: "From the point of view of the target literature, all translation implies a degree of manipulation of the source text for a certain purpose." (Hermans, 1985: 11).

De facto, este tipo de tradução é a que resulta nos produtos de prosa literária medieval portuguesa e, sem esse exercício, com toda a certeza que a nossa literatura teria ficado criativamente mais empobrecida. É das lições de tradução de texto científico medieval que os monges nos seus pequenos cubículos e *scriptoria* foram capazes de trazer para a cultura portuguesa da época aquilo que temos hoje como prosa literária medieval em Portugal. Obviamente, essa mesma prosa tinha que ter a marca dos seus tradutores que também eram autores e estavam inseridos num contexto cultural e religioso muito preciso, que influenciou grandemente a sua prática tradutória. Sobre este tópico escreveu Eugene Nida: "Since the translator himself is the focal element in translating, and thus there cannot be any completely impersonal objectivity in his work – since he is a part of the cultural context in which he lives – his role is central to the basic principles and procedures of translating." (Nida, 1964: 145).

2. Traduzir para ler de novo: *Sir Gawain* em Português

Sendo a inteligibilidade uma das condições essenciais para se compreender um texto, a tarefa de traduzir o poema *SGGK* para Português impôs-se, naturalmente, como um instrumento de trabalho facilitador da análise textual.

No seu artigo de 1998, Burton Raffel argumentava que um texto como *SGGK* tinha de ser traduzido para Inglês moderno para que assim se tornasse passível de compreensão – e de mais completa fruição – por parte de um leitor contemporâneo. Como elemento de comparação,

apresentou os textos de Chaucer que, apesar de estarem também num dialeto de Inglês Médio, oferecem uma fácil compreensão para um leitor dos dias de hoje. (Cf. Burton, 1998: 1-15). A título de exemplo da afirmação anterior, transcrevemos na tabela abaixo o primeiro verso de *SGGK* e também o primeiro verso da obra de Chaucer, *The Canterbury Tales*:

"Whan that Aprille with his shoures sote" (*CT*, l. 1)
"Siþen þe sege and þe assaut watz sesed at Troye" (*SGGK*, l. 1)

Tabela 6. Primeiro verso das obras *The Canterbury Tales* e *SGGK*.

Como se pode observar as diferenças entre os dois dialetos são óbvias: há divergência vocabular, ortográfica e gramatical. A diferença entre os dois primeiros versos destas obras ainda se tornaria mais evidente se o leitor se tornasse em ouvinte apenas, tendo um declamador para lhe recitar os textos (aliás, como se faria na época medieval). Ilustramos estas diferenças com dois links para leituras online dos dois poemas[64].

Esta ilustração quer apenas mostrar que a tradução se impôs como instrumento de trabalho para que uma falante de língua portuguesa pudesse compreender o poema aliterativo do século XIV mais profundamente e também o seu autor que, embora tenha permanecido anónimo, se inseriu linguisticamente numa comunidade própria com formas de produção textual literária que são diferentes das que se praticavam em regiões mais para sudeste, mais perto da Corte.

No entanto, ao iniciar a tradução do texto para Português e dar verdadeiramente conta da sua riqueza linguística e cultural (que também foi a fonte de muitas das dificuldades de fazer presente este poema em língua portuguesa, a discutir na última parte deste trabalho) chegou-se à compreensão de que a tradução não poderia ser apenas – e como julgáramos no início do labor – um mero instrumento de trabalho na investigação

Compreendemos, também pelas leituras de índole teórica que realizámos, que o nosso produto final espelhará também a nossa própria análise do poema e uma visão particular sobre um objeto de cultura alheia partindo do olhar do 'outro' que somos nós mesmos diante de uma língua que não é a nossa. (Cf. Pilcher, 2005: 90).

Esta tradução trará para a língua e cultura portuguesas um objeto 'estranho', de uma época longínqua, que ecoará, no entanto, com produções análogas que tivemos na nossa própria

[64] Para o texto de Chaucer, sugerimos a leitura partilhada no site da Universidade de Harvard e disponível em: http://sites.fas.harvard.edu/~chaucer/gp1-18.wav. No que diz respeito ao poema *SGGK*, apontamos a leitura feita no seguinte vídeo: https://youtube.com/watch?v=nl4KYZ9JrUw.

literatura da mesma época e que ajudará a explicar – esperamos – as diferentes evoluções que uma mesma personagem teve em culturas que pertencem a um mesmo continente e mundivisão cristã ocidental, embora separadas por aspetos que pertencem à evolução humana e cultural própria de cada povo, região, cultura.

Na última parte desta dissertação procuraremos explicar também como procedemos à transferência e codificação do texto poético na nossa língua à luz da Teoria da Equivalência de Nida e Taber que parece ser relevante discutir nas linhas que se seguem.

Esta teoria foi explicada na obra dos dois autores, de 1969, intitulada *The Theory and Practice of Translation*, que consultámos na edição de 2003. Partem os autores da premissa de que não há nada que não possa ser traduzido, exceto quando a forma é parte integrante da mensagem o que, nesse caso, faz com que a forma tenha de ser alterada para que o conteúdo possa ser comunicado. (Cf. Nida & Taber, 2003: 10).

A expressão *equivalência* surge para explicar aquilo que o tradutor deve almejar no processo de trabalho:

> The translator must strive for equivalence rather than identity. In a sense this is just another way of emphasizing the reproduction of the message rather than the conservation of the form of the utterance, but it reinforces the need for radical alteration of a phrase (...). (*Idem*: 12).

Assim, o sentido tem prioridade em relação à forma e ao estilo. No entanto, isto não significa que as questões formais não sejam importantes, apenas significa que, mesmo que se procure refletir o estilo e a forma, devem ser evitadas as equivalências que não produzam sentido na língua de chegada, ou seja, que não sejam funcionais. (Cf. *Idem*: 14).

Neste ponto os autores apontam algumas prioridades do ponto de vista linguístico para que este fim seja alcançado: a conformidade textual tem de prevalecer sobre a correspondência verbal (palavra a palavra); a equivalência dinâmica (ou seja, a que faz mais sentido para os recetores da tradução) prevalece sobre a correspondência formal; as circunstâncias comunicativas ditam que tipo de linguagem deve ser usada (prevalecendo muitas vezes elementos mais ligados à oralidade do que à escrita); os tipos de público-alvo do texto ditam que tipo de formas linguísticas devem ser usadas, caindo a preferência mais vezes sobre formas usadas pelo público-alvo.

Sendo a tradução um processo, os autores sublinham a sua preferência por um sistema de tradução que é mais complexo e compreende três fases: a análise, a transferência e a restruturação. Para este processo é essencial que as palavras não sejam vistas no seu sentido

referencial mas no seu sentido conotativo, que resultará num produto tradutório com mais significado para o público-alvo.

Depois da análise textual que leva à desconstrução linguística, os autores apontam que a transferência é o momento decisivo da tradução. Isto porque há uma série de fases dentro da própria transferência. Para além das relações entre os núcleos temporais, espaciais e lógicos, há que ter em conta que há mudanças estruturais que se tornam essenciais porque necessárias: alterações discursivas, mudança nas estruturas das orações/frases e palavras e a questão da correspondência fonética.

Nesta fase os autores apontam algumas prioridades: 1) é preciso transferir o conteúdo da mensagem com a menor perda ou distorção possível; 2) é fulcral manter a conotação, o tom e o impacto emocional da mensagem; 3) se for necessário alterar a forma para transferir o conteúdo e a conotação da mensagem, então há que fazê-lo.

Segue-se a fase da restruturação. Aqui os autores apontam três fatores importantes: as variedades da língua e do estilo que se deseja, os componentes e características dos estilos e as técnicas que devem ser usadas para produzir o estilo que se deseja. (*Idem:* 120).

No final do processo há que testar se a tradução alcança a equivalência dinâmica que é o seu fim, ou seja, se faz sentido integral[65] para os leitores da língua de chegada sem perda da mensagem do texto de partida e manutenção – quando possível – de elementos formais e de estilo do texto de partida. As diferentes formas de testar uma tradução podem passar por analisar a reação diante de várias alternativas textuais por parte dos leitores, a explicação do conteúdo por parte dos mesmos, leituras em voz alta e publicação de amostras da tradução.

É tendo em conta este modelo teórico que foi feito o trabalho de tradução do poema *SGGK*. As reflexões, testes e conclusões sobre o processo serão alvo de discussão no último capítulo desta dissertação.

Não se pode avançar nesta reflexão, no entanto, sem antes referir e sublinhar a consciência de que, a partir do momento em que se ancora um trabalho prático a uma visão teória sobre um fenómeno particular, se estar perante um constructo 'artificial' uma vez que a reflexão feita sobre o labor tradutório aconteceu depois de o mesmo estar concluído. Reflectir sobre o ato de traduzir é algo que se tem mostrado da mais alta complexidade, até para os académicos que há mais anos se dedicam a esta reflexão. A este propósito escrevia Eugene Nida, em 2006: "The basic problem of formulating an adequate theory of translation is the fact that translation actually

[65] No sentido da mensagem, tom e impacto emocional.

takes place in our brains, and we do not know precisely what actually happens. " (Nida, 2006: 11). Embora uma afirmação deste pendor possa parecer pessimista no que diz respeito à possibilidade de haver avanços científicos neste campo, julgamos ser exatamente o oposto, porque mostra que a área de estudos da Tradução é ainda campo fértil onde se pode laborar, investigar e aprofundar os mais variados aspetos ligados não só ao ato de traduzir mas às implicações linguísticas e culturais que dele advêm. É ainda o mesmo autor que sublinha isto ao afirmar que há um facto importante que impede a criação de uma teoria da tradução:

> One difficulty for the presentation of a theory of translation is the fact that all languages reflect the culture of which they form a part. Before establishing a general theory of translation, it will be necessary to have a generally acceptable theory of culture, and such is more difficult than setting up a standard theory of language. (*idem:* 13).

Lembra o autor que há ainda um longo caminho a percorrer nos Estudos de Tradução. O trabalho iniciado nesta dissertação, isto é, uma análise literária que assenta ela mesma no produto de um labor tradutório, é penhor de continuidade para trabalhos futuros sobre este ou outros textos, uma vez que foi também através da leitura de aparato teórico sobre a tradução que a reflexão sobre *SGGK* se tornou mais profunda e proveitosa.

3. Metodologia de Leitura e Análise

3.1. Seleção da Bibliografia Primária – do Manuscrito às Edições de *Sir Gawain*

Chegou ao presente uma única cópia em manuscrito do poema *Sir Gawain and the Green Knight*. A história que se conhece do manuscrito Cotton Nero Ax começa no século XVII. Terá pertencido a uma família de Staffordshire e Cheshire e sabe-se que, em 1621, já estava com Sir Robert Cotton, na sua biblioteca pessoal. (Cf. Edwards, 1997). Sobreviveu ao grande incêndio de 1731[66] e ficou preservado na British Library, para onde o espólio de Sir Robert Cotton foi transferido para a criação de uma biblioteca nacional inglesa.

Trata-se de um manuscrito de cerca de 1400, com cerca de 90 folhas de pergaminho. (Cf. Spearing, 1970). Mede cerca de 17cm por 12cm e tem, ao todo, 12 iluminuras. Possui quatro obras (todas poemas aliterativos) que se pensa serem todas do mesmo autor, o Poeta de *Gawain*, que permanece anónimo até hoje. As obras são *Pearl* (f. 41-59v), *Cleanness* (f. 61-86), *Patience* (f. 87-94) e *SGGK* (f. 95-128). Ainda no que diz respeito às ilustrações do manuscrito, dividem-se pelos textos da seguinte forma: 4 antes de *Pearl*, 2 entre *Cleanness* e *Patience*, 2 antes de *Patience* e 4 para *SGGK* – 1 antes e 3 no fim. O artista parece não conhecer muito bem os textos que ilustra devido a várias imprecisões. (Cf. Edwards, 1997).

Uma nota para o facto de ser uma exceção a existência de tantas iluminuras no manuscrito do século XIV. Como lembra Sarah Horrall, há evidências físicas de que as ilustrações foram adicionadas mais tarde ao manuscrito, quando este já tinha sido cosido. (Cf. Horrall, 1986).

O trabalho de datar o manuscrito e o texto foi alvo de muita discussão ao longo do século XX, mas a explicação que tem sido mais consensual é a que autores como Bennett advogam:

> The works may have been written as early as 1360s or as late as the manuscript itself, around 1400. Still there is a fair assumption that the *Gawain*-poet was alive in the middle of this period, say the mid-1370s to mid-1380s. Happily, there is a firm consensus that the dialect of both the scribe and the author of the poems of MS *Cotton Nero A.x* is north-west Midlands, the dialect region centring very much on Cheshire. It is not only the dialect that localises the poem. The quest for the Green Chapel brings Sir Gawain into Cheshire from Wales, and then across the county to the forested ridges that form its eastern boundary. The *Gawain*-poet knows this countryside well. In his description he uses dialect words which have left their mark on the local toponymy. (Bennett, 1997: 71).

[66] Em 1702 o neto de Sir Robert Cotton doara o espólio da biblioteca do avô ao governo Inglês. Os manuscritos foram mantidos (através do British Museum Act 1706) em vários edifícios, sendo um deles o fadado Ashburnham House, que arderia em 1731, causando a perda e a danificação de muitos manuscritos. Em 1753 o espólio foi transferido para o British Museum.

Regressaremos às três primeiras obras do manuscrito quando nos dedicarmos à obra geral do autor. No que diz respeito à forma do poema *SGGK*, a mesma foi causa de espanto para muitos investigadores e críticos pela sua peculiaridade (por exemplo, só em *The Awntyrs of Arthur,* um dos romances populares de que já falámos a propósito de Gawain, se encontra a estrutura 'wheel' como em *SGGK*. Em mais nenhum texto na literatura inglesa medieval[67] surge esta estrutura). O poema tem 2530 versos, 101 estrofes e está dividido em quatro secções ('fitts'): "The form of the stanzas is unique among medieval alliterative poems: they consist of an irregular number of unrhymed alliterative lines, but each concludes with a five-line rhyming section, called the 'bob and wheel'." (Spearing&Spearing, 1974: 80). Referir-nos-emos a estes cinco versos finais de cada estrofe sempre como 'bob and wheel' por não conseguirmos traduzir para Português numa expressão satisfatória para o efeito.

No que diz respeito à forma e dialetos usados pelo autor e pelo copista do texto e, uma vez que muitas vezes os escribas, ao copiar os textos medievais, os traduziam para o seu próprio dialeto, só há uma forma, segundo autores como Duggan, de entender o dialeto do poeta: "...it is primal analysis of the author *usus scribendi* in regard to rhyme and alliteration that enables us to distinguish authorial dialects from scribal." (Duggan, 1997: 222).

Para este fim, há que compreender como era composta, na base, a poesia aliterativa medieval inglesa: o verso longo não rimado em Inglês Médio tem duas metades divididas por uma cesura. A primeira é chamada 'a-verse' ou 'on-verse' e a segunda 'b-verse' ou 'off-verse'. Cada verso pode ter diferentes estruturas: "...three *lifts* and one or four *dips*. A *lift*, also called a *stave*, is occupied by a single metrically prominent syllable, a *dip* by one or several unstressed syllables." (*Idem:* 223).

Assim sendo, a estrutura do verso podia ser a seguinte: havia a estrutura chamada *Full Stave* – "...metrically prominent syllable accompanied by alliteration." *(Ibidem*); em segundo lugar, o que se intitulava *Blank Stave* – "...there is metrical prominence and no alliteration." (*Ibidem*) e, finalmente, a última estrutura, *Mute Stave* – "...metrically significant alliteration falls on an unstressed syllable." *(Ibidem*).

No que diz respeito aos versos que existem por estrofe, Duggan tece a seguinte reflexão:

> *Gawain* is composed in strophes of disparate length (as few as 12 long lines, as many as 37), though as Metcalf (1980) has pointed out, the average number of long lines per

[67] Que conheçamos ou tenha sido alvo de estudo por algum dos investigadores que citamos no nosso trabalho.

> strophe (2530÷101) is 25 with a remainder of five lines. Each strophe is brought to close with a five line bob-and-wheel rhyming *ababa.* The bob consists of a single iambic foot – the three bobs with two initial unstressed syllables (806, 1145, 2042) reflect scribal error – and the wheel is made up of four irregularly iambic trimeter lines (Borroff 1962, 155-63). (*Ibidem*).

O autor ainda refere o que já apontámos para a divisão do poema por secções:

> *Gawain* is also divided into four major fitts, marked in the ms with five- and six-line ornamental capitals, as well as by two- and three-line minor capitals at 619, 763, 1421, 1893 and 2259 (Hill 1946; Tuttleton 1966; Robertson 1982). (*Ibidem*).

Resta-nos questionar se esta divisão terá algum significado simbólico. As provas apontam para uma resposta afirmativa, também apontada por Duggan: "The preponderance of evidence suggests that the poet carefully plotted his works so that part of their meaning is carried by the order and position of elements within the larger structures." (*Idem:* 238).

No entanto, a reflexão de maior valor feita por Duggan é a que se prende com o vocabulário. O autor sublinha que a maioria do vocabulário usado em *SGGK* tem origem no Inglês Antigo, o que se coaduna perfeitamente não só com a ascensão do Inglês como língua de comunicação, de uso literário e político (nos séculos XIV e XV), mas também com a criação de um herói autóctone, Gawain.

No que diz respeito a edições do poema, a primeira é de Sir Frederick Madden, de 1839[68]. Nesta primeira edição do texto, Madden faz uma introdução extensa na qual discute as origens galesas de Gawain e lista as obras onde este surge: *Triads, Historia Regum, Brut, Roman du Saint Graal, Merlin, Morte d'Arthur, Lancelot du Lac* ["...we find Sir Gawayne only inferior to Lancelot himself..." (Madden, 1839 : xvi)], *Quête, Mort Artus*, obras de Robert de Boron, *Tristan*, obras de Chrétien e os romances populares ingleses (cujos textos encontrámos na compilação *Eleven Romances and Tales*).

Aponta ainda quatro textos onde, entre os séculos XIII e XVI, Gawain gozou de fama imensamente positiva. São eles *Archithrenius*, de John Hautville, escrito antes de 1207, onde se lê: "Et Walganus ego, qui nil reminiscor avara / Illo culasse manu; non haec mea fulgurate auro / Sed gladio dextra." (*Idem:* xxxvii); o prefácio ao texto *Legends of the Saints* (escrito depois de 1300): "Of Wawayne and Tristram, that ne founde here ylike." (*Ibidem*); referência a Gawain no romance *Richerd Coeur de Lion*: "Many romances men make newe,/Of good knyghtes, strong and

[68] Que tivemos a fortuna de consultar pessoalmente na biblioteca da Universidade de Leeds.

trewe,/(...) Off kyng Arthour and off Gawayn;/How they were knyghtes good and curteys (...)." (*Idem:* xxxviii) e, na obra *Cursor Mundi*, Gawain aparece como um dos cavaleiros da Távola Redonda.

Relativamente à sua edição do poema *SGGK*, queremos destacar apenas a forma que usa, pois junta o 'bob' ao último verso antes da estrutura rimada.

A segunda edição relevante para o estudo do texto é a edição em *fac-simile* de Sir Israel Gollancz, de 1923. Consultámos a edição do texto de 1940, na qual o editor está sempre a remeter para a de 1923. De recordar que, em 1940, Gollancz articula a sua discussão da edição com as outras três que já existiam na época: a de Madden, a de Morris (de 1864, que não é fulcral para uma discussão sobre diferenças já que foi revista por Gollancz em 1897) e a de Tolkien e Gordon, de 1925. Acerca desta última edição, Gollancz acrescenta uma nota sobre o facto de Tolkien e Gordon citarem Chaucer para comparar o "Squire's Tale" com *SGGK*, a propósito do verso 919 do poema:

> TG quote the *Squire's Tale* 89 to illustrate Gawain's renown for courtesy. The whole incident of the knight on the strange horse riding into the king's hall during a banquet, and of the dead silence in which he was received while the lords marveled at him, might be a reminiscence (though there are differences) of the striking opening scene of the present romance. When Chaucer goes on to say that he 'kan nat clymben over so heigh a style', is he humorously suggesting that he, the author of *Troylus*, does not aspire to the high seriousness of the author of *Gawain*? (Gollancz, 1940: 109).

Na edição de Gollancz, há a destacar também a numeração diferente que faz dos folios do manuscrito e a consequente divisão das obras ao longo do mesmo: *Pearl* – 37a-55b; *Cleanness* – 56a-82a; *Patience* – 82a-90a; *SGGK* – 90b-126a.

À edição de Gollancz e, em particular, à sua interpretação da obra, regressaremos aquando da discussão da tradução da obra feita por Tolkien.

De maior importância para este trabalho é a edição de Tolkien e Gordon, de 1925, dado que a seguimos para consultar o texto em Inglês Médio. O comentário dos editores à forma e ao conteúdo do poema é fulcral mas o mais pertinente é o valioso glossário que ambos desenvolveram para acompanhar a obra que ainda hoje é usado como referência para o estudo do texto em Inglês Médio.

Um bom ponto de referência para o estado dos estudos sobre o texto (não só da forma mas especialmente do conteúdo) entre o fim do primeiro quarto e meados do século XX é a nota de pendor quase cómico que Derek Brewer faz ao volume de estudos sobre a obra (de 1997), no

qual lembra que, nos tempos em que era aluno de Tolkien, não havia aparato crítico quase nenhum sobre o poema:

> There was not a single critical article available (happy days?). Tolkien himself lectured on the poem to a small group of devotees, confining himself entirely to textual cruces (often forgetting to tell us which line he was discussing), and doing obscure (to me) battle with some mysterious entity, prophetically as it may now seem, called something like 'Golancz'. (Brewer, 1997: 2).

O autor afirma, ainda, que os primeiros estudos publicados sobre a parte lírica do poema são feitos por John Speirs, na revista *Scrutiny*, em 1949[69].

Estas são as edições do texto presente no manuscrito que, a nosso ver, merecem maior destaque. No entanto, o trabalho sobre o manuscrito está longe de terminar. Nos dias de hoje, uma equipa multidisciplinar dedica-se ainda, não só a recolher toda a bibliografia de interesse sobre o manuscrito e a obra, mas ao estudo físico do manuscrito e as implicações dos resultados na interpretação dos vários trabalhos do autor. É um projeto intitulado "The Cotton Nero A.x. Project", sob supervisão do Prof. Murray McGillivray, da Universidade de Calgary, e pode ser consultado, em todas as suas vertentes, em http://gawain-ms.ca/, incluindo uma parceria com a British Library para se poder consultar a total digitalização do manuscrito, disponível com elevada qualidade de imagem em http://contentdm.ucalgary.ca/cdm/search/collection/gawain.

Da descrição do trabalho sobre o manuscrito passamos à tradução do texto para Inglês Moderno e às razões que nos levaram a escolher duas traduções em particular para comparar e articular com o nosso próprio trabalho de tradução e análise de *SGGK*.

3.2. Critérios para a Seleção de um *Corpus* de traduções a comparar

Para chegar à escolha das traduções de *SGGK* para Inglês Moderno para serem comparadas e analisadas neste trabalho, pesquisámos várias edições publicadas ao longo de mais de um século.

A primeira tradução do poema para Inglês Moderno de que há registo foi feita pela multifacetada Jessie Weston, em 1898. É uma tradução em prosa, que claramente serve para o estudo do poema e dos seus principais temas.

[69] John Speirs, "Sir Gawain and the Green Knight", *Scrutiny*, Winter 1949, 274-300, consultado em http://www.unz.org/Pub/Scrutiny-1949q4-00274, a 20/5/2017.

Passam cerca de 30 anos até a tradução seguinte ver a luz do dia, pela mão de Theodore Banks, em 1929, cujo texto é alvo de bastantes elogios por ter conseguido uma aproximação tão grande à língua inglesa moderna. Mais 30 anos se passam até que duas traduções sejam publicadas em 1959: uma de Jacob Rosenberg e outra, de Brian Stone, que será alvo de discussão.

Em 1968 Marie Borroff faz a tradução que se torna texto de referência na Enciclopédia Norton e em 1971, um escritor americano, John Gardner, faz outra tradução que se torna conhecida.

No ano de 1975 é editada postumamente, pela mão do filho Christopher, a segunda tradução para Inglês Moderno que será alvo de estudo, a de J. R. R. Tolkien.

Segue-se uma tradução na década de 80 do século passado (Keith Harrisson, 1983), duas na década de 90 (James Winny e William Vantuono, ambas em versão bilingue) e a primeira década do novo milénio assiste à edição de três traduções (W. S. Merwin, 2005; Bernard O'Donoghue, 2006 e Simon Armitage, 2007), sendo a última o texto que substitui a tradução de Borroff na Norton como referência para o poema em Inglês Moderno.

Na presente década há referência de duas edições, uma de 2011 de Joseph Glaser e outra de 2012, de Larry Benson.

As razões para escolher as traduções de Stone e Tolkien para objeto deste estudo de análise e comparação (também à luz da teoria de Nida e Taber, que discutimos no presente capítulo) prendem-se, por um lado, com a visão pedagógica que Brian Stone tem ao traduzir o poema com paratextos altamente informativos e, por outro, com toda a estética e labor poético que o largo conhecimento da língua permitiram a Tolkien deixar transparecer na sua tradução, resultado de décadas de trabalho sobre *SGGK*.

Para além de irmos mostrando, através da comparação destas duas traduções, a nossa própria análise do poema, refletiremos sobre as mesmas à luz da teoria acima referida, testando ambos os textos no que diz respeito à sua Equivalência Dinâmica.

Por outro lado, procuraremos mostrar como os dois autores das traduções traduzem heróis com características ligeiramente diferentes, sendo um dos Gawain mais próximo da evolução insular da personagem e o segundo Gawain assemelhar-se-á mais com o Gauvain da literatura continental.

Em seguida, abordaremos os dois tradutores cujo trabalho vamos comparar.

Brian Stone (1919-1995) foi professor universitário de língua e literatura inglesas, em várias universidades inglesas e cofundador da Universidade Aberta em Inglaterra. Entusiasta ávido da língua inglesa e, em particular, da sua poesia, enriqueceu o panorama literário com as suas traduções de texto medieval como *Medieval English Verse* (1963), *Cleanness*, *St Erkenwald* (1971), *Chaucer's Love Visions* (1978) e *King Arthur's Death* (1988). Também produziu várias peças de teatro e escreveu a obra *Prisoner from Alamein* (1944), onde relatou a sua experiência na Segunda Guerra Mundial.[70] É a sua vasta experiência com os cursos de língua inglesa e traduções de texto medieval que contribuíram para o facto de a sua tradução do poema que vamos discutir ser de índole linguística e pedagógica.

J. R. R. Tolkien (1892-1973) para além de autor de ficção, foi também professor de linguística e literatura antigas inglesas, primeiro da Universidade de Leeds e, depois, na Universidade de Oxford. O seu profundo conhecimento de Inglês Antigo e Inglês Médio perpassa na sua tradução e, embora também Tolkien tenha feito traduções de índole pedagógica[71], mostraremos claramente como a sua tradução de *Sir Gawain and the Green Knight* (trabalhada desde os anos 20 do século passado até à sua morte em 1973) é uma tradução literária.

Quando nos referimos a tradução "pedagógica" e "literária", queremos apenas vincar características que nos parecem próprias do produto tradutório destes dois exemplos em concreto. Ao falarmos de uma tradução "pedagógica", o nosso objetivo é destacar o facto de ser uma tradução cujo propósito é também ensinar a língua de partida, através de notas, detalhes, explicações, próprios de uma tradução cujo fim primordial é pedagógico. Ao falarmos de tradução "literária", referimo-nos a uma tradução de pendor mais artístico, mais ligada ao universo da produção literária, que não dá tantas explicações em notas ou comentários, mas procura fazer o texto presente na cultura da língua de chegada como um objeto estético *per se*. É claro que este tipo de tradução pode chegar a levantar questões de inteligibilidade, mas essa é uma discussão que deixaremos para tópicos de trabalho futuros.

No capítulo 4 deste trabalho teremos oportunidade de comparar estas traduções com bastante pormenor, mas há que chamar a atenção para dois pormenores importantes para ajudar a distinguir a natureza dos dois produtos tradutórios. Na tradução de Brian Stone, há uma

---

[70] Informação retirada do seu obituário, publicado a 4 de Março de 1995, no *Independent*, in http://www.independent.co.uk/news/people/obituary-brian-stone-1609912.html, consultado a 17/2/2016.

[71] Basta recordar a a tradução em prosa do poema Anglo-Saxónico *Beowulf*, que foi recentemente editada pelo seu filho, apelidada de literariamente má (Cf. Recensão de Kevin Kiernan in http://theconversation.com/publishing-tolkiens-beowulf-translation-does-him-a-disservice-27244, consultado a 17/2/2016). Tolkien pensara-a para ser um apoio para os seus alunos de Inglês Antigo.

introdução geral sobre o poema em si, uma introdução à tradução e aos problemas levantados pela mesma, bastantes notas explicativas ao longo do texto e dez anexos para melhor se compreender o poema (sobre o manuscrito, o autor, as fontes celtas e galesas, o rei Artur, Camelot, o Pentagrama, Morgan le Fay, Merlin e a transcrição de três estrofes em Inglês Médio). Já na tradução de Tolkien (segundo a edição de Christopher Tolkien, de 1975), há um prefácio do editor, uma breve introdução sobre *SGGK* e outras duas obras – *Pearl* e *Sir Orfeo* – que também fazem parte do volume, a tradução – sem uma única nota – e um apêndice que explica brevemente a versificação das obras. Claramente, a primeira edição tem um pendor pedagógico e a segunda um objetivo que passa, primariamente, pela fruição estética do texto e sem explicações que clarifiquem termos ou personagens para o leitor. Espera-se que o leitor seja versado no tema da obra para poder usufruir do texto tal como se de um texto original se tratasse.

Há que sublinhar, no entanto, que, no que diz respeito à tradução feita por Tolkien, talvez a questão da apresentação do texto não seja assim tão clara e livre de polémica. Em primeiro lugar, falamos de uma edição póstuma e, embora a forma como o texto foi apresentado na obra respeite – como diz no prefácio – os desejos do autor relativamente à apresentação gráfica do poema, talvez esse não seja bem o caso no que diz respeito à miríade de notas explicativas que existem sobre a tradução. A primeira pista para este facto surge na leitura da tradução feita por Tolkien na qual o editor cita o pai sobre a razão pela qual encetou as traduções de textos em Inglês Médio: "These translations were first made long ago for my own instruction, since a translator must first try to discover as precisely as he can what his original means, and may be led by ever close attention to understand it better for its own sake." (Tolkien, 2006 [1975]: 1). Ora se este foi um labor que se estendeu por bastante tempo, teria de haver evidência disso nos muitos escritos que ainda estão por editar de Tolkien[72]. Tivemos oportunidade de consultar estas notas – que existem apenas em manuscrito na Bodleian Library, em Oxford. Tentaremos acompanhar o raciocínio das mesmas, conforme formos apresentando a comparação entre as duas traduções, entrelaçando nesta mesma reflexão as nossas próprias dúvidas e questões que foram surgindo conforme o processo tradutório para língua portuguesa se foi desenrolando.

[72] Na pesquisa realizada não se encontrou nenhum texto de Tolkien que indicasse desejo de que houvesse uma publicação destas notas com o texto. No entanto, como se verá, o cuidado com que foram feitas e o seu detalhe seriam proveitosos para muitos estudantes do texto.

Capítulo 3. *Sir Gawain and the Green Knight* – o Texto

1. O Autor e a sua Obra

Como se tem vindo a destacar, o autor de *SGGK*, conhecido como o Poeta de *Gawain*, manteve-se anónimo e, embora tenha havido algumas conjeturas sobre a sua identidade e patronato, nunca se chegou a nenhuma conclusão definitiva sobre um nome. Como apontava Malcolm Andrew, no seu estudo de 1997, até então sempre se assumira que a autoria dos poemas do MS Cotton Nero A.x. era de um só poeta, copiado pelo mesmo escriba, com o mesmo dialeto e todos os textos apresentavam características poéticas semelhantes: vocabulário, características estilísticas, formas de versificação, tipos de narrativa, tipos de imagem e temas. Andrew cita Gollancz, no prefácio à sua edição de *Patience*, de 1913: "It is now generally accepted, in respect of the four poems, that all the evidences of dialect, vocabulary, art, feeling, and thought, conclusively point to identity of authorship; but nothing definite has yet been discovered as to the author." (Andrew, 1997: 24).

Um dos críticos que indagou acerca deste tópico foi E.V. Gordon que (na introdução à sua edição de *Pearl*, de 1953, citada na já referida obra de Andrew) indagava: "...while the dialect of the manuscript indicates 'the poet's place of upbringing, it is not necessary to assume that he was actually living there when he wrote'." (*Idem*). Também Morton W. Bloomfield no seu artigo sobre *SGGK*, de 1960, tecia algumas reflexões sobre o tema:

> In the minds of some investigators, the location of the dialect seems to be reliable evidence for locating the castle where the *Gawain*-poet wrote his poem or whether Bertilak held court. This does not seem to me to be very soundly based. Why a poet should have to put the scene of his poem and be himself located in the area of the dialect he uses in writing is not at all evident. (Ibidem).

Outros autores levantaram a hipótese de que o mesmo autor tivesse escrito *St. Erkenwald*, um poema aliterativo de 352 versos, conservado no *Ms Harley 2250*, mas Tolkien e Gordon consideram este facto altamente improvável.

Muitos investigaram acerca da identidade do poeta. Andrew faz um levantamento exaustivo de diferentes teorias e propostas para a identidade do Poeta de *Gawain*: Ralph Strade, David Rate, um 'clerk' de John Hastings – John Donne e John Prat, Hugh e John Massey e, finalmente, Richard Newton. Derek Pearsall, em 1982, disse o seguinte: "These atributions are

based on such naive and improbale assumptions concerning what constitutes evidence as to bring the study of attribution into disrepute." (*idem*: 31).

Nesta busca pela autoria, houve também testes efetuados aos próprios textos para provar a autoria comum: J. P. Oakden – 1930 – fez uma comparação exaustiva de versos e métrica e, em 1935 – comparação das frases aliterativas na poesia em Inglês Médio; Göran Kjellmer – 1975 – procurou estabelecer normas textuais e procurar desvios. Procedeu a uma análise linguística: lexical, sintática e estudos sobre aliteração. Chegou à conclusão de que *Pearl* é um texto desviante; Dennis Weier – 1983 – fez uma análise estatística de vocabulário; Em 1988, R. A. Cooper e Derek Pearsall parecem ter chegado mais longe: "... [they] offer an authorship study, the essential premise of which is 'the basic traditional assumption that there are certain unconscious features of expression that characterize the style of the individual writer, and that these are susceptible to quantitative analysis' ." (*Idem*: 33). Omitindo o texto *Pearl* e retirando o 'bob and wheel' de *SGGK*, compararam todos os restantes versos com três textos de controle: "Cooper and Pearsall argue that the demonstrated 'clustering and overlapping of so many metrical and stylistic characteristics in the three *Gawain* poems cannot readily be explained except in terms of common authorship'." (*Ibidem*).

Os resultados, no entanto, foram inconclusivos. Para além de escrever num dialeto que não evoluiu para o Inglês moderno, este autor anónimo tinha um vocabulário muito rico, com muitas influências francesas e palavras derivadas do *Old Norse* e inseriu-se, durante o século XIV, no movimento de revivalismo do verso aliterativo que os Anglo-saxões usavam.

Embora o manuscrito onde se conservam as suas obras, Cotton Nero A.x, contenha outros poemas (*Pearl, Cleanness, Patience*), a obra-prima deste autor é, de facto, *SGGK*, pertencendo esta obra à esfera do romance pelas variadas nuances que apresenta:

> The *Gawain*-poet is exceptional in the extent to which he blends subtle comedy and a realistic depiction of human weaknesses such as irritation, embarrassment and self-deception, into the idealizing and imaginative mode of romance. (Spearing & Spearing, 1974: 28).

Quando se fala do Poeta de *Gawain*, parte-se do princípio de que estamos a falar de um poeta, tal como o termo o denomina hoje em dia. Críticos como A. C. Spearing interrogam-se, no entanto, o que significaria a palavra 'poeta' no tempo em que os textos atribuídos ao autor anónimo foram escritos:

> 'Poet' was a term of high praise, implying the vernacular writer's status as a modern classic, the producer of learned compositions of intrinsic value and lasting beauty, comparable with such ancient masters of poesie as 'Virgile, Ovide, Omer, Lucan and Stace' (*Troilus and Criseyd*e V 1790-2). More specifically, the emerging figure of the vernacular poet expresses a consciousness of poetic vocation: he presents himself as a writer, for whom poetic composition is a goal in itself, a secular goal so important as to risk competing with religious values. And this consciousness frequently extends beyond individual compositions and individual genres to include a sense of the poetic *oevre* as a unified achievement attached to a name that will last. (Spearing, 1997: 36).

O Poeta de *Gawain* mostra ter um largo conhecimento acerca da vida na corte e revela-o em *SGGK* e *Pearl*:

> It is that the works reveal both a close knowledge of the aristocratic culture of the time, and a deep immersion in the worlds of chivalry and courtesy. The poet is an insider, a courtier's courtier, adding complexity and refinement to issues of faith and honour, and points of ethics and etiquette. Moreover he assumes a courtly audience. In his descriptions of aristocratic and courtly life, he does not seek to impress or presume to educate the people for whom he wrote. Indeed in his account of Gawain's quest he adopts, to a surprising degree, the view-point of the royal court rather than the baronial household. (Bennett, 1997: 81).

Por esta razão, há diversas teorias que sustentam que o autor seria patrocinado por um senhor da corte: ou John of Gaunt ou o próprio Ricardo II (que aparentemente visitou muitas vezes a zona de West Midlands). Também não seria impossível que o autor conhecesse bem alguém que frequentava ou era íntimo da corte, como aponta ainda Bennett: "The poet's descriptions of the court life and chivalric display may not be from personal experience, but, given the presence of Cheshire men at court, it is not unreasonable to suppose that the *Gawain*-poet was a participant-observer." (*Idem:* 85). Prova disto seriam algumas coincidências entre a narrativa de *SGGK* e acontecimentos históricos da corte de Ricardo II como, por exemplo, um condenado à morte por decapitação cujo corpo se ergueu depois de já não ter a cabeça e ainda um grande festim de Natal que o Rei organizou.

Embora não haja forma de comprovar a sua identidade, este autor inseriu-se num movimento literário muito específico que a seguir se apresenta.

1.1 O Revivalismo Aliterativo

Olhando para o fenómeno literário a que já fizemos referência no capítulo 1, há que definir este movimento com mais precisão, pelo menos no que diz respeito às suas implicações literárias.

Como tivemos oportunidade de referir, o Revivalismo Aliterativo teve expressão num conjunto de escritores que, no século XIV, recuperaram formas de composição poética próprias da poesia antiga Anglo-Saxónica. Fizeram-no não só como movimento artístico mas como forma de afirmação da língua inglesa para com o anglo-normando e o latim, que eram ainda línguas de veiculação da cultura (embora com muito menos expressão e impacto do que nos séculos imediatamente anteriores).

Há que ter noção, no entanto, que o Inglês Médio, com todas as suas variantes dialetais, ganha força ainda pelos finais do século, XII, como relembram os editores do volume *The Idea of the Vernacular*, de 1999:

> Since the late twelfth century, Middle English in all its dialectal variety had been the first language of most of those who did not grow up speaking Welsh, Gaelic, or Cornish (in the western and far northern parts of the island) or else Hebrew (the language of the Jews, expelled from England in 1290). Anglo-Norman was widely used in aristocratic writing and conversation, as well as in official business in the lawcourts, the guilds, and both royal and municipal administration. But even if it remained a birth tongue for a few people, by 1300 it had long been kept in a position of prestige largely by the conscious efforts of people whose first language was English. The same was true in a different sense of Latin (...). (Wogan-Browne *et alia*, 1999: 132).

Neste mesmo sentido, os mesmos autores evidenciam os dois grandes grupos de textos literários que tornaram possível a queda definitiva de outras línguas, antes hegemónicas, em solo inglês, afirmando a força autóctone:

> Yet at least two bodies of Middle English writing engage in a deliberate (if not necessarily systematic) effort to assimilate and displace Latin, French, and occasionally Italian hegemony: the alliterative poetry of the West Midlands, such as *The Wars of Alexander* or *Sir Gawain and the Green Knight*, which often stresses the unbroken line of descent connecting Troy and England (through Priam's son Brutus and, in some cases, the imperial reign of King Arthur); and the tradition stemming from the London poets Chaucer and Gower, incorporating Hoccleve, the East Anglian poet Lydgate, and some others. It is, of course, this second body of writing that established itself as England's answer to Latin and the high-culture vernaculars and that is taken as the mythic point of origin for the English tradition to this day. (*Idem*: 319-320).

Historicamente, acaba por vingar, como destacaram os autores, o grupo pertencente ao dialeto que acabou por ascender e tornar-se o Inglês contemporâneo que se conhece e, para isso, muito contribuiu Chaucer que acabou por quase criar uma língua literária pelas inovações que introduziu na produção de literatura do seu tempo:

> Chaucer was an important technical innovator: the first to use the decasyllabic couplet for narrative poetry; the first English writer influenced by the Italian literary renaissance heralded by Dante's *De vulgari eloquentia*; the first to attempt a long narrative poem, *Troilus and Criseyde*, that asks to be compared (however humbly) with the poetry of "Virgile, Ovide, Omer, Lucan, and Stace" (V.1792). Importing numerous words into English while also worrying over the "gret diversite/In English and in writing of oure tonge" (V.1793-94), he helped create an artificial mode of written English that influenced the course of English poetry (...). (*Idem*: 346).

No entanto, seria demasiado simplista que todo um movimento artístico pudesse ser definido em traços tão gerais. Investigação mais recente mostra que as linhas gerais do Revivalismo Aliterativo podem não ser tão claras e óbvias e muito menos cingir-se apenas à zona de West Midlands, como se pensou em grande parte do século XX.

Autores como Ralph Hanna que, no seu texto de 1999 sobre poesia aliterativa, explicam que a transmissão e circulação deste tipo específico de composição literária pode ter sido mais amplo e alargado do que se pensou:

> But medieval compositions, we have noted, do not maintain urn-like integrity in entering the ocean of textual transmission. Medieval literature cannot be understood (does not survive) except as part of transmissive processes – moving through the hands of copyists, owners, readers and institutional authorities – that form part of other and greater histories (social, political, religious and economic). (Hanna, 1999: xxi).

A afirmação do autor faz entender que é provável que as composições destes chamados revivalistas não tenham permanecido em circulação apenas na zona em que foram compostas. É preciso entender que os autores de texto em Inglês Médio conheciam as obras dos seus congéneres e a escrita em dialetos distintos não impedia que conhecessem os textos em circulação na altura. A este respeito lembra o autor a propósito de composições literárias galesas:

> England is not an island; writers of Middle English north and south – at Chester and at Berkeley Castle – wrote with an awareness of the differing cultures, linguistic and otherwise, immediately to their west. (*Idem*: xv)

Assim sendo, não se pode olhar para a relativamente esparsa sobrevivência de textos provenientes deste movimento literário como prova de que seriam pouco conhecidos ou lidos, já que, segundo este mesmo autor, o período de produção literária é extenso (desde o século XII até meados do século XVI) (Cf. *Idem*: 493-496).

Noutro sentido, reflete ainda Ralph Hanna acerca do próprio conceito de "Revivalismo". Pode considerar-se que existiu uma recuperação de algo que já se fizera antes, sim, uma vez que há formas de expressão poética que são, de facto recuperadas:

> A 'revival' certainly occurred in the mid-fourteenth century because some connection necessarily exists between two chronologically distinct, yet literarily impressive, bodies of narrative verse written in unrhymed long-lines – Anglo-Saxon poetry and fourteenth-century works. (*Idem*: 489).

Apesar desta afirmação do autor, é o mesmo Ralph Hannah que questiona esta noção de 'Revivalismo' puro mostrando, através de análise textual a várias obras deste período, que o dito Revivalismo Aliterativo é mais um descendente da poesia Anglo-saxónica, sobre o qual os escritores de século XIV exercem as suas próprias experimentações e variações linguísticas, afirmando-se eles mesmos como escritores da época em que vivem. (Cf. *Idem*: 491-492).

Em auxílio de um melhor entendimento do que este movimento literário envolveu surgiu também a reflexão de Jeremy Smith, de 2009, que explica a importância da aliteração e rima para o movimento literário em questão. Em traços largos, elabora uma breve explicação que mostra como a poesia antiga Anglo-saxónica dependia mais da distribuição das sílabas do que do fenómeno rimático como hoje em dia o conhecemos. Daí conseguir provar que a poesia aliterativa produzida em Inglês Médio tem elementos bastante díspares da poesia antiga que, em teoria, estava a recuperar: "Middle English alliterative verse is composed in a metre which does not measure; the presence of alliteration rather than the number or distribution of syllables, seems to be the defining characteristic." (Smith, 2009: 12). Para o exemplificar, o autor explica que o Inglês Antigo era mais de pendor trocaico e que o Inglês Médio pendia mais para o uso jâmbico. Daí ser paradoxal este último ter de recorrer mais à aliteração, como o autor a seguir ilustra, embora com a devida caução de que o que afirma é uma generalização, já que existem textos que são exceções ao que aponta:

> ...it makes sense for trochaic verse to adopt alliteration as an element of poetic cohesion, since alliteration is to do with the beginning of words. It makes sense for iambic verse to adopt rhyme as an element of poetic cohesion, since (very crudely) rhyme is to do with word endings). Middle English alliterative verse is thus arguably paradoxical: poetry with alliteration in a prototypically iambic language. (*idem:* 14).

No entanto, quando se fala de Revivalismo Aliterativo, não podemos, do ponto de vista da literatura portuguesa, compreender completamente quais as características que compunham

estes textos. Falamos de um movimento, do século XIV, que procurou revitalizar o verso aliterativo tal como ele era usado pelos poetas Anglo-Saxões, mas adaptando-o à língua em que a produção poética era composta. No entanto, as formas linguísticas usadas neste tipo de poesia eram distintas daquelas que se utilizavam na comunicação verbal da altura:

> In any case, one important aspect of the alliterative style is its use of a special poetic diction, including many words and constructions which appear not to have been a normal part of the spoken language of the West Midlands, but to have been reserved for the formality of verse. (Spearing & Spearing, 1974: 21).

Apesar de os textos que nos chegaram deste movimento – Langland e o Poeta de *Gawain* – terem sido escritos em meios afastados da corte, são apontadas algumas provas para o facto de o Poeta de *Gawain* poder ter conhecido John de Gaunt[73]. Isto parece, mais uma vez, contradizer a ideia de que o Revivalismo Aliterativo foi um fenómeno apenas local: "Our idea of the alliterative revival as a «local affair» must allow for the fact that the clerkly poets were probably as well traveled as their noble patrons (...)." (Salter, 1967: 233).

Diz ainda Elizabeth Salter que existe a hipótese de o autor de *SGGK* ter tido um patrono como tantos outros poetas tinham na altura e há bastante probabilidade de este ser John de Gaunt, pelas descrições encontradas nos registos da época que contavam o ambiente em que Gaunt vivia, tendo estes textos muitas semelhanças com o ambiente cortês descrito em *SGGK*:

> If the *Registers* of John of Gaunt do not reveal to us either the poet's or the patron's identity, they do strengthen the conviction that the poem has not emerged from a household of the minor gentry but from a household maintained by a lord of considerable standing. (*Idem:* 235).

Prova deste facto parecem ser as fontes a que o poeta recorreu e também os temas/situações que descreveu, como veremos no tópico que se segue.

1.2 Fontes

Torna-se óbvio o facto de uma obra com tão ricas descrições e referências espaciais e à vida da corte só poder ter sido composta pela mão de quem tinha presente não só a própria corte mas também todo um manancial literário de qualidade.

[73]Patrono de figuras como Chaucer.

Já em 1959 Laura Loomis apontava este facto quando se referia às fontes literárias usadas pelo Poeta de *Gawain*. Começa por indicar as fontes dos principais episódios da obra: o Desafio da Decapitação virá de Bricriu's Feast, que, como já vimos, é um texto Irlandês anterior ao século X. O manuscrito data de 1106. Existem duas versões do desafio: a primeira intitulada "Terror" e a segunda "Champion of Bargain". O próprio nome do opositor (Bertilak) pode vir da personagem da saga irlandesa, que é chamada 'Bachlach'. Como lembra ainda a autora, há também o desafio da Tentação: "...the aggressive wooing of a reluctant young man in bed by a lovely lady – was already employed by romancers in the 12th century." (Loomis, 1959: 533). Existem também análogos deste episódio noutras obras, sendo que o exemplo mais antigo da Tentação existe no *Mabinogi* de *Pwyll*.

Há também que questionar de que modo o autor anónimo de *SGGK* chegou a estas fontes, se foi diretamente ou se, pelo contrário, houve textos intermédios que o direcionaram para os textos mais antigos ou, pura e simplesmente, para os temas em questão:

> It is, therefore, still an open question whether the English author derived the Challenge and the Temptation from separate lost French texts (as well as the *Caradoc* version of the Challenge and the *Perlesvaus* version of the Temptation) and fitted the two stories together; or whether he found this highly artistic combination ready made by some French poet of unusual talent. (*Idem*: 536).

Outro tópico que existe na narrativa é a troca de ganhos, ou, como é conhecido em Inglês, "Exchange of Winnings". O primeiro tratamento deste tema encontra-se num poema latino chamado *Miles Gloriosus*, de 1175:

> The poet, aware of weakness even in the noblest, thus saves his hero from a 'schematic perfection' and humanizes him by his fault and his pain. This treatment of the Exchange motif can hardly be due to anyone but the Englishman who so deliberately fashioned his whole story to a 'fine issue' and a finer end. (*Ibidem*).

As qualidades artísticas e literárias do texto são abundantes e excecionais: a passagem das estações do ano, a armadura de Gawain, as cenas de caça e os diálogos corteses com a senhora. Isto leva ainda a autora a crer que tais descrições provam a ascendência nobre do poeta ou, pelo menos, o seu conhecimento da vida na corte:

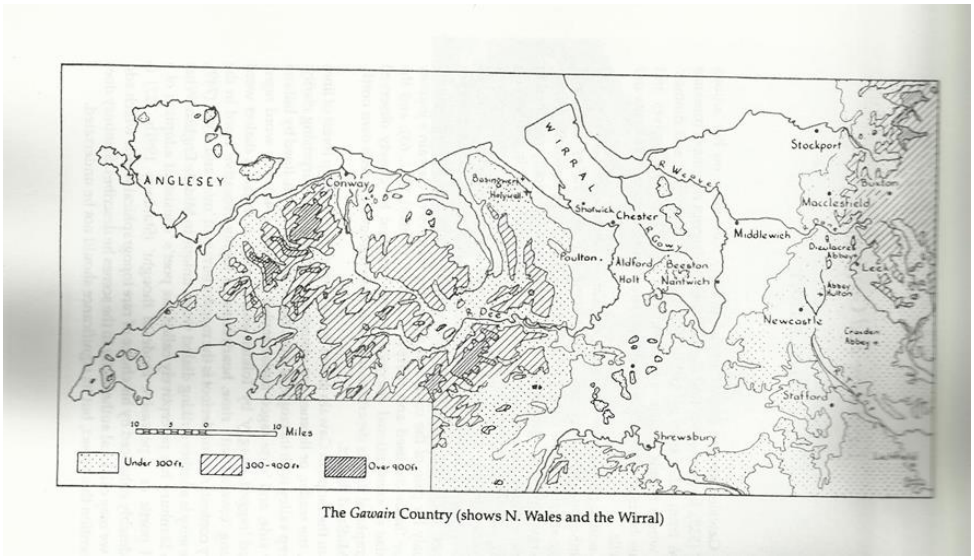
> This sophisticated familiarity with varied aspects of aristocratic life and thinking prompts the question whether it was due to observation only or came from the intimate awareness of one who had been born to high estate and 'gentilesse'. (*Ibidem*).

Parece provar-se, ainda, que o autor conhece os romances franceses e ingleses e também tem noção dos géneros e tipos de literatura. Fala da sua obra como um lai (Cf. *SGGK: v.* 30) e afirma que a decapitação do Cavaleiro Verde é comparável a um interlúdio.

Numa nota pertinente, Laura Loomis mostra que o Poeta de *Gawain* minimiza os aspetos do maravilhoso e resume as façanhas de Gawain mas alonga-se a descrever os rigores do Inverno. Deleita-se na descrição do que é belo: joias, arquitetura; tem maneiras e é polido nas conversas da corte. Serve este facto para mostrar a sua sensibilidade aos aspetos artísticos e belos da natureza humana:

> Richly informed about the lovely things of life, the poem is without asceticism or intolerance. It has no mysticism; Gawain is called the virgin's knight (v.1769), but he sees no vision, goes on no holy quest. Its deep concern is not with evil, but with good. In this Gawain, the blithe young embodiment of chivalry at its best, goodness is made manifest and radiant, but not, as in Galahad of the Grail romances, a supernatural virtue touched by a mysterious divinity. The 'fine issue' of his story is not that he fell into vulgar sin, but that he failed to keep goodness perfect. Moral earnestness could hardly go farther. (*Idem*: 540).

Já Ralph Elliot, no seu estudo de 1997, mostra as preocupações que o poeta teve ao criar o percurso geográfico da personagem. Segundo o autor, o Poeta de *Gawain* usou vocabulário rico e pouco usual no dialeto para descrever os locais por onde a personagem viaja. Aponta ainda que toda a geografia de Gawain pertence à zona do dialeto West Midland: "...the *Gawain*-Poet's realistic geography was firmly rooted in the familiar landscapes of this corner of the north-west Midlands of England." (Eliot, 1997: 117). E chega mesmo a apresentar um mapa do percurso de Gawain:



The *Gawain* Country (shows N. Wales and the Wirral)

Figura 1. O percurso de Gawain (Cf. Elliot, 1997: 106).

Na obra também surgem referências a castelos, sendo a principal descrição acerca do castelo do anfitrião de Gawain, Bertilak, denominado castelo de Hautdesert. Investigadores que se dedicaram ao estudo da presença de castelos nas obras medievais como, por exemplo, Michael Thompson, explicam que o século XIII foi uma época em que se construíram bastantes castelos mas que, na altura em que o Poeta de *Gawain* escreve, muitos já estariam em ruinas ou teriam sofrido alterações. Thompson afirma que a descrição de Hautdesert talvez tenha sido inspirada no castelo de Beeston, em Cheshire (Cf. Thompson, 1997: 119-130).

Outra dimensão importante da obra em estudo são os banquetes. Estes, na Idade Média, afirmavam não só a abundância da vida na corte mas também o aspeto comunitário da mesma. Derek Brewer, no seu artigo sobre banquetes em *SGGK* de 1997, mostra como na época de Gawain os banquetes grandes eram comuns na corte e fonte de inspiração para as descrições do poeta. Embora haja uma dualidade de opinião em relação ao banquete pela moral cristã, de uma forma geral o Poeta de *Gawain* parece olhar para o banquete como algo positivo, uma celebração da vida.

Aliás, se pensarmos na época em que *SGGK* foi escrito, veremos que Inglaterra estava num período pós-Peste, e, de facto, havia agora vida para celebrar. Como nos recorda Felicity Riddy, os banquetes tinham, neste sentido, algo de artístico na forma como eram cuidadosamente preparados para uma fruição completa:

> These meals are not merely a matter of feeding, as animals do, to keep alive. In their artistry and their transcendence of instinct (they are ritual meals of Christmas and Advent), as well as in their excess, they are emblematic of civilisation, of culture. By contrast, the hunks of meat seem to represent the pre-social, or natural, like the wild places in which the animals were hunted, or like the animals themselves. (Riddy, 1995: 215).

Neste sentido, a corte fica, pois, ligada à noção de cultura e a ausência da mesma ao aspeto mais selvagem e primário do ser humano. Cremos que, neste sentido, um dos grandes desafios de Gawain é a viagem da cultura para o selvagem e o regresso a essa mesma cultura após uma experiência transformadora que é a sua viagem com todos os desafios que vai ter de superar.

Assim sendo, não é de estranhar que a narrativa se inicie na corte e durante um banquete. Como afirmou Ralph Hanna, a importância da corte para a comunidade é vital: "...the great hall of the lord's house is/should be a place of community (...)." (Hanna, 2000: 32).

Esta noção de salão para o banquete é primaz uma vez que a podemos encontrar noutros textos fulcrais como *Beowulf*, no qual o monstro também vem desafiar o senhor no seu salão. E é do salão que partem os campeões para derrotar o outro que é estranho à comunidade.

Retomaremos este aspeto aquando da análise da obra, mas o facto de o herói sair da corte faz com que este tenha de passar por muitos desafios e privações – sem corte não há banquete – como que num teste purificador cujo fim é a chegada ao castelo, corte e banquetes seguintes: Hautdesert.

Outra dimensão interessante e importante para o estudo do poema parecem ser as cenas de caça. Anne Rooney, no seu artigo sobre a caça em *SGGK*, lembra que esta atividade, par além de ser importante para a nobreza, era algo de presença constante na literatura medieval inglesa: "That the hunt keeps men from sin is a common concept in Middle English literature" (Rooney, 1997: 157).

A autora cita Barnes (1993: 132) quando quer ilustrar o facto de o envolvimento na caça ser uma das grandes atividades do cavaleiro. Não o fazer resultaria quase sempre em desgraça para o herói: "It is, after all, well established in chivalric romance that knights who stay in bed, like Erec or Yvain, and spend their time inside the company of ladies are asking for trouble." (*Idem*)

Regressaremos obviamente a este tópico durante a análise do poema mas há paralelos feitos entre a caça e cenas do quarto onde a senhora, em Hautdesert, para tentar Gawain, usa vocabulário próprio da caça para falar dele: 'cache' / 'fonge'. Neste sentido, também há quem compare características dos animais caçados durante as cenas de caça na obra ao próprio comportamento de Gawain (Cf. Savage, 1956).

Uma leitura simbólica destas cenas seria mais fácil mas, segundo a autora, as caçadas descritas não se enquadram. Os nobres não caçam o veado, está fora da época. No segundo dia, Bertilak caça o javali com uma espada, apeado e não montado com a lança, uma vez que o poeta escolhe honrar o herói literário assim e não o épico ou marcial. No terceiro dia, o anfitrião só caça uma raposa e mostra o seu desdém pelo animal. Estes factos espantam a autora que afirma que encontra uma resposta satisfatória no romance popular *Awntyrs* e noutros nos quais a caça alterna com a aventura principal. Sugere que isto suscite um *memento mori*: "Where there is a moral message, it is clear: the pleasures of the courtly life distract men from a proper concern with virtue and their coming fate." (*Idem*: 162).

Neste sentido, a questão parece ser a iminente fatalidade sempre presente nas hesitações e dúvidas de Gawain – mesmo nas cenas do quarto.

No que diz respeito aos momentos de descrição da armadura de Gawain na obra, estes apresentam duas fontes distintas. Michael Lacy defende que uma tão grande pormenorização não era comum em textos medievais e que se deve relacionar com o conhecimento do autor de artefactos antigos preservados como, por exemplo, a armadura que se pode ver na catedral de Chartres (Cf. Lacy, 1997: 165). Já Derek Brewer aponta para uma influência mais antiga, remontando uma descrição assim a momentos de particular importância em obras magistrais, como a preparação dos heróis para a luta na *Ilíada* (Cf. Brewer, 1997).

Ainda no domínio da descrição, é Derek Brewer quem reflete sobre a cor verde e as suas fontes literárias. A cor verde é usada 44 vezes para o cavaleiro verde, 5 para a faixa/cinto de Gawain e 2 para a relva. É ainda usada quatro vezes em *Cleanness*, duas vezes em *Patience* e outras duas em *Pearl*. (Cf. Brewer, 1997: 181).

Autores como Speirs (1949) veem o verde do cavaleiro como emanação do deus da vegetação. Mas a reputação da cor verde na Idade Média estava relacionada com maus sentimentos e falta de amor (Cf. *Idem*: 183).

O verde também está associado às fadas. Havia uma superstição em que o verde na roupa daria azar. Mas estas referências em menor número do que as favoráveis, associadas à natureza e à Primavera. As heroínas medievais vestiam-se de verde.

Assim sendo e como a roupa de Gawain é vermelha, a faixa verde devia destacar-se muito.

O próprio cavaleiro verde parece relacionar-se com um aspeto natural, telúrico, mas, ao mesmo tempo, sobrenatural e de cariz misterioso: "As such the very greenness of the Green Knight allows him to be absorbed into some natural world, yet points also to a sense of its ultimate mystery, its forces beyond our knowledge, though not, if we carry ourselves well, out of our control." (*Idem:* 190).

Como recorda C. S. Lewis, os escritores medievais sabiam ter um modelo a seguir, fontes às quais deviam recorrer e o Poeta de *Gawain* não é exceção a esta regra:

> No one who has read the higher kinds of medieval and Renaissance poetry has failed to notice the amount of solid instruction – of science, philosophy, or history – that they carry. (...)
> When the poet of *Gawain* begins with the fall of Troy he is not merely padding. He is obeying the principle of 'a place for everything and everything in its right place'; fitting Gawain through Arthur and Arthur through Brut and Brut through Troy into the total 'historical' Model. (Lewis, 1964: 198).

No entanto – e como discute Elizabeth Brewer – as fontes do Poeta de *Gawain* são ricas e envoltas não só de carácter historiográfico (para garantir verosimilhança) mas também imbuídas de uma humanidade e conhecimento da literatura arturiana antiga e da época.

A autora começa por falar da tradição historiográfica de Monmouth na qual Gawain é apresentado como o sobrinho do rei, "heroic and blameless warrior" (Brewer, 1997: 244). Na tradução de Wace – *Le Roman de Brut* – também do séc XII, algo na figura do herói parece mudar: "... he acquires a courtly aspect and a leaning towards love and chivalry rather than war." (*Idem*). No entanto, Gawain começa a afirmar-se como um herói para a nação: "In the English tradition, culminating in such poems as the alliterative *Morthe Arthure*, he is often referred to as Gawain the good, and is seen as a fearless warrior. English authors regarded him as a British hero." (*Ibidem*). Nos textos de Chrétien, Gawain é o exemplo a seguir, o amigo do herói. Noutros textos da mesma época a sua reputação começa a mudar: é o caso de *Le Chavalier à l'Epée* (reputação de sedutor), *La Vengeance Raguidel* e *La Mule Sans Frein* (paródia sobre o seu carácter amoroso). Depois de Chrétien, quando a *Quête* é cristianizada, ele é denegrido. Piora em textos como *Suite du Merlin* e *Tristan* (prosa).

O Poeta de *Gawain* com toda a certeza conhecia toda esta tradição e muitos textos mais antigos, da tradição celta, como provam a utilização do jogo da decapitação (*Livre de Caradoc, Perlesvaus, Hunbaut, Diu Crône);* o tema da tentação sexual (*Perceval* (Chrétien), *Continuations, Perlesvaus*); o tema da 'lovely temptress' (*Yder,* Vulgate *Lancelot du Lac, Lanzelet, King Horn, Generydes, Roman de Troie, Jason and Medea, Amis and Amiloun, Sir Launfal, Graelent, Lanval, Yvain and Gawain*), (Cf. *Idem:* 248) e o tema da Troca de Ganhos: (*Miles Gloriosus, Yvain, Perceval* e *Continuations* [na forma de promessa]).

No que diz respeito ao início do poema, a autora lembra que a crença na origem troiana de Inglaterra vem de Nénio (séc VIII) e também de Geoffrey of Monmouth e que um texto com início semelhante a *SGGK* é *Wynnere and Wastour* e, no final da Alliterative *Morthe Arthure* este tema é retomado.

Outros aspetos de fontes a destacar: na primeira continuação de *Perceval* também se encontra o tópico de Artur aguardar por uma 'maravilha' para iniciar o banquete; as estações do ano como forma de descrever a passagem do tempo aparece em textos medievais como o poema *Kyng Alisaundre* ou nas *artes poetriae* dos retóricos medievais. Na obra *Secretum Secretorum* as estações do ano são ligadas às quatro idades do Homem (Cf. *SGGK,* vv. 530-35) e, na descrição do pentagrama, a palavra 'pentangel' aparece pela primeira vez na língua inglesa.

Para concluir, Elizabeth Brewer dá grande importância ao facto de existirem muitos passos semelhantes ao poema na literatura francesa não sendo estes capazes de minar a marca quase ontológica Inglesa que distingue a obra:

> In so far as the material of the poem is concerned, the French sources and analogues predominate even though we have an English Gawain. The Englishness of the poem is reinforced by the fact that the poet writes here as in his other poems in forms of the alliterative verse which represent a peculiarly English tradition. (*Idem:* 254).

Como podemos constatar, a obra *SGGK* não é apenas rica narrativamente mas carrega em si todo um conjunto de fontes e saber que este poeta anónimo detinha e que deixou entrelaçar-se em tecido literário de alta qualidade para que os seus leitores pudessem não só fruir de uma excelente história mas também enriquecer-se pela recuperação de tradições antigas.

É a esta narrativa que nos dedicaremos agora.

Capítulo 4. Análise da obra

Para melhor destacar os aspetos ímpares na obra *SGGK*, o momento de análise foi dividido em duas grandes partes. A primeira será repartida de acordo com a divisão da narrativa. Olha-se para o texto em quatro grandes recortes que se prendem com os quatro momentos fulcrais da aventura da personagem principal, Gawain.

Tendo este facto em conta, a divisão é: 1) o desafio; 2) a viagem; 3) Hautdesert e 4) o Jogo Final. No entanto, mostrou-se adequado dedicar algumas linhas às razões pelas quais permanece importante uma leitura de um texto medieval como *SGGK* nos dias de hoje, questão essa à qual se regressará no capítulo 5 deste trabalho.

1. Ler *Gawain*

Antes de prosseguir para a divisão atrás referida, destaca-se o carácter único desta obra, que já pode ser adivinhado pelos muitos aspetos que a bibliografia crítica que se apontou tem desvendado na miríade de leituras e análises que já foram feitas.

Neste sentido, é relevante perguntar a razão para mais uma leitura, mais uma análise. De que forma vem aquilo que este trabalho faz alterar o que já foi dito ou trazer algo novo acerca da obra em si mesma? A resposta a esta questão não é simples, mas é clara. Tendo a noção despretensiosa de que se entrou num diálogo sobre o texto iniciado aquando da primeira publicação do mesmo por Sir Frederick Madden, no século XIX e também da primeira tradução – e estudos – realizados por Jessie Weston ainda no mesmo século, ler *Gawain* no século XXI faz sentido em duas vertentes: a primeira ligada ao facto de uma tradução para língua portuguesa da obra e um estudo do percurso da personagem poderem ajudar a explicar mais profundamente o impacto que o labor tradutório teve nos textos que compõem a Matéria da Bretanha em Portugal; a segunda, profundamente enraizada na natureza do herói que discutimos que, oriundo de uma das mais antigas civilizações humanas de que há memória na Europa Ocidental – povos indo-europeus como os Celtas – tem ainda uma palavra a dizer numa contemporaneidade que, mais do que nunca, busca referências e talvez necessite ainda de um herói solar. Daí ser pertinente seguir Gawain na sua demanda, desde os primeiros passos à derradeira prova: a falha que mostra a sua perfeita humanidade.

Antes de entrarmos na narrativa é importante colocar este texto no seu contexto literário. Como já foi mencionado nos capítulos 1 e 2 deste trabalho, o Poeta de *Gawain* escreveu na altura dos "Grandes Autores" como Chaucer e Langland, nos finais do século XIV. Uma época política em que a cultura inglesa procurava assumir a liderança definitiva em relação àquela que fora a língua que o invasor fizera brotar em solo inglês – o Anglo-normando – e também mostrar primazia em relação à língua do saber medieval que era o Latim.

No que diz respeito ao autor e à obra, muitos foram os críticos que a estudaram (isoladamente ou em comparação com os outros textos presentes no MS Cotton Nero A.x) e há dois em particular, Malcolm Andrew e Ronald Waldron que, em 1978, sublinhavam o facto de *SGGK* ter elementos daquilo a que estes autores chamaram "género medieval", destacando-se o texto, no entanto, daquilo que se escrevia na época. Os elementos que apontam são pertinentes para a discussão que se avizinha: "...idealized chivalric background; a quest in unknown country; a trial of courage; the attempted seduction; elements of the marvelous and supernatural. Yet, this material is used with light ironic humour and a detachment which is by no means typical of medieval romance in general (...)". (Andrew & Waldron, 1978: 36). Dizem estes autores, pois, que os materiais escolhidos pelo poeta de *Gawain* não são desconhecidos para o público medieval. São, no entanto, usados de uma forma diferente daquilo que era usual, uma vez que no poema se encontram traços de ironia e humor que desafiam o próprio conceito de aventura perigosa que o herói tem de enfrentar.

Estes autores, que foram também editores de todos os textos do manuscrito, chamam ainda a atenção para outras qualidades da obra: descrições elaboradas, caracterização das personagens, discurso vivo e individualização das personagens através da criação de registos linguísticos diferentes para cada uma. Sublinham ainda a adoção de um ponto de vista por parte do autor. Ora estes elementos são comuns àquilo que hoje conhecemos como romance e que estava literalmente a séculos de distância deste género que era, no século XIV de Inglaterra, o romance de cavalaria.

Como já foi discutido no capítulo anterior, o Poeta de *Gawain* escrevia para um público nobre ou, pelo menos, para quem tivesse conhecimento da vida da corte. O facto de presumir um público nobre para a sua obra torna-se claro na forma como ele mesmo descreve ao pormenor os costumes da vida na corte, como lembra Michael Bennett:

> It is that the works reveal both a close knowledge of the aristocratic culture of the time, and a deep immersion in the worlds of chivalry and courtesy. The poet is an insider, a

> courtier's courtier, adding complexity and refinement to issues of faith and honour, and points of ethics and etiquette. Moreover, he assumes a courtly audience. In his descriptions of aristocratic and courtly life, he does not seek to impress or presume to educate the people for whom he wrote. Indeed in his account of Gawain's quest he adopts, to a surprising degree, the view-point of the royal court rather than the baronial household. (Bennett, 1997: 81).

Tendo este ponto de vista em consideração e, no que diz respeito ao público de *Gawain*, a única pista que parece existir da receção ou do carácter pelo qual o Poeta de *Gawain* era descrito está num texto de um contemporâneo, Chaucer, *The Squire's Tale*. Sir Israel Gollancz, na sua reedição de *SGGK*, de 1940, fala das reflexões que Tolkien e Gordon[74] haviam tecido acerca da fama de cortesia de Gawain, no comentário ao verso 919[75] do poema, que já foi citado neste trabalho. Seria então o Poeta de *Gawain* um mestre exímio em ensinar a humanidade a rir das suas próprias falhas, aceitando-as como parte inerente da sua natureza imperfeita, ainda que carregada de boa intenção e empenho, como o herói Gawain?

A resposta encontrar-se-á ao percorrer os passos de Gawain através das palavras do próprio autor, primeiro numa análise à obra e, em seguida, numa comparação de duas traduções para Inglês moderno, a de J. R. R. Tolkien e a de Brian Stone, não esquecendo o trabalho de tradução feito para língua portuguesa.

Inicia-se, pois, este percurso, na corte do rei Artur, onde a narrativa começa e termina.

1.1 Desafio

Antes de iniciar esta análise há que deixar uma breve nota para informar de que todas as citações da obra *SGGK* serão retiradas da edição de E. V. Gordon e J. R. R. Tolkien. Cada citação terá uma referência com a tradução da mesma para Português, retirada da tradução que está apresentada no Anexo 2 deste trabalho. Quando houver necessidade de apresentar uma referência apenas em nota de rodapé, a mesma será retirada diretamente da mesma tradução para Português.

Previamente ao início da narrativa, como foi apontado no capítulo 3 deste trabalho, o Poeta de *Gawain*, aliando-se ao espírito que surgira na Inglaterra do século XIV de trazer à luz do dia a cultura inglesa (Cf. Cap. 1), cria um contexto historiográfico para a sua obra. Aliás, era essencial

[74] Na edição que fizeram do texto, em 1925.
[75] "Syn we haf fonged þat fyne fader of nurture".

fazê-lo não só para garantir o pendor verosímil da narrativa, mas também para legitimar a corte de Artur e, através dela, o herói da narrativa – Gawain – já que este é sobrinho do monarca.

Faz então o poeta remontar a origem de Inglaterra aos tempos épicos que se seguiram à queda de Tróia: Eneias, Rómulo, Tício e Longabarba terras fundaram e Felix Brutus fundou a Bretanha (Cf. *SGCV,* 5-19[76]).

Após situar o leitor geograficamente, o Poeta de *Gawain* fornece o contexto em que se vai desenrolar a narrativa: estamos na corte do rei Artur, passaram já os festejos de Natal, com banquetes e torneios entre cavaleiros e belas damas e festeja-se o dia de Ano Novo (Cf. *Idem*, 60-63[77]).

São descritos vários aspetos da corte que, mais uma vez, vêm provar o conhecimento profundo que o poeta tinha da vida no meio da nobreza: descreve as festas de Natal, os jogos e as justas e, no Ano Novo, o banquete e um jogo de distribuição de presentes (que são beijos) entre os cavaleiros e as damas da corte. Descreve também Guinever e a sua beleza incomparável (Cf. *Idem*, 81-84[78]).

Segue-se uma descrição de Artur que estava feliz, alegre como um jovem (Cf. *Idem*, 86) e fala-se do facto de ele se recusar a iniciar a refeição sem que algo de extraordinário aconteça (Cf. *Idem*, 85), o que era já uma tradição no texto Arturiano. Por outro lado, esta decisão do rei Artur

---

[76] Quando Eneias o nobre e os seus de renome
Terras subjugaram e senhores se tornaram
De praticamente toda a riqueza das Ilhas do oeste.
Quando o real Rómulo para Roma a sua estrada tomou
Em grande pompa e orgulho primeiro a povoou
E o seu nome lhe deu que ainda hoje possui;
Tício foi para a Toscânia e cidades fundou
Longabarba na Lombardia muralhas ergueu
E para lá das águas francesas Félix Brutus
Em extensas margens a Bretanha fundou
Com alegria
Onde guerra e dor e maravilha
Muitas vezes por aquela terra passaram
E tanto o erro como a felicidade
Desde então entre si alternaram. (5-19)

[77] Enquanto o Ano Novo tão novo era que chegara na véspera,
Naquele dia iguarias finas a dobrar no estrado foram servidas,
Quando o rei chegou vindo com a sua corte para o salão,
E o canto do coro na capela terminou. (60-63).

[78] Aquela senhora mais bela ali
Para eles olhava com olhos de cinza
E que se tenha encontrado alguma mais bela
Em verdade ninguém pode dizer. (81-84).

soa quase que a desafio para que algo se manifeste, como um repto a que uma aventura se inicie. (Cf. *Idem*, 91-99[79]).

A sexta estrofe da obra é dedicada a descrever a natureza do banquete, provando o poeta ser grande conhecedor da vida da corte especialmente através da forma como explora e descreve ao pormenor estes detalhes.

São descritos os principais cavaleiros sentados à mesa de Rei Artur: junto a Guinevere está Gawain e outros como Agravain, o Bispo Baldwin e Iwain. Todos festejam e é-lhes servida muita carne e cerveja, acompanhadas por bela música, chegando o poeta a afirmar que eram 12 pratos servidos por cada duas pessoas. (Cf, *Idem*, 128).

No meio de todos estes festejos Artur não tem de esperar muito para que o seu desejo se realize. A festa é interrompida pela entrada tempestuosa (estrofe 7) e sem convite de um ser de aspeto peculiar: um cavaleiro de proporções enormes cujas roupas, arma, pele, o ramo de azevinho que traz na mão e até cavalo possuem uma só cor: verde. (Cf. *Idem*: 136-150[80]).

A cor verde será alvo de discussão quando se discutir a verdadeira identidade deste cavaleiro e a sua ligação com o elemento Natureza. No entanto, é pertinente falar da estatura deste cavaleiro que é apresentado como um gigante. De facto, a imagem do gigante bíblico é sempre associada ao mal e também ao monstruoso na Idade Média. No caso do Cavaleiro Verde, no entanto, essa imagem será desconstruída com algum humor no final da narrativa, uma vez

---

[79] Que tomava para si mesmo orgulhosamente no castelo, ele nunca comia
Em tão festivo dia antes de ser informado
De algo aventuroso ou estranho conto
De uma grande maravilha, que ele pudesse acreditar
De nobres, de armas ou de outras aventuras
Algum homem que pedisse um cavaleiro valoroso
Para se juntar a ele a justar, pondo em perigo
Homem, vida por vida, um permitindo ao outro
O que a Fortuna lhe desse, deter a vantagem. (91-99).

[80] Quando passou lá pela porta um cavaleiro temível,
O maior na terra em grandeza de altura;
Do pescoço à cintura tão quadrado e corpulento,
E o seu quadril e membros tão longos e grandes
Que meio gigante na terra eu creio que ele era,
Mas o maior homem de sempre eu declaro que ele é,
E ainda assim o mais belo, no seu tamanho, que podia cavalgar;
Pois apesar de o seu corpo ser austero nas costas e peito,
Ambas a sua barriga e cinta eram proporcionalmente delgadas,
E todos os seus traços da mesma maneira, na forma que ele tinha,
Muito elegante;
Pois com o seu tom os homens estavam espantados
Fácil de ver na sua aparência
Ele passou como homem arrojado
E em todo o lado verde brilhante. (136-150).

que, após a revelação final da sua identidade, é reconhecido como uma força do bem, quase com autoridade moral diante da falha do herói, como aponta Randi Eldevik:

> The multiple possibilities of signification for giants are used to advantage in the Middle English romance Sir Gawain and the Green Knight, in which the oversized and alarmingly green visitor to Arthur's court at first seems inimical and threatening – he is described by the poet as «half etayn» - but is later revealed as a majestic moral authority, someone who is definitely on the side of the angels. (Eldevik, 2005: 88).

Entra, pois, esta figura aparentemente ameaçadora no salão de Artur, ornado com joias e com ar confiante e pergunta quem é o líder daquela reunião. (Cf. *Idem*, 224-227[81]). A corte fica aterrada e em silêncio.

A estrofe seguinte é dedicada à reação da corte. Para além de silenciosa está dividida entre não responder à pergunta do cavaleiro por medo ou por respeito a Artur que deveria querer falar primeiro.

Pronuncia-se o monarca e identifica-se como o líder do salão e saúda o cavaleiro que acaba de chegar, esperando poder gozar da sua companhia. (Cf. estrofe 12). No entanto, o visitante responde em tom ríspido dizendo que não vem combater mas propor um jogo (Cf. *Idem*, 272-274[82]), até porque, segundo ele, não há quem esteja ao seu nível para combater[83]. Este jogo consiste em trocar um golpe por outro ("...strike a strok for an oþer", *SGGK*, 287), ou seja, o Cavaleiro Verde oferece o seu enorme machado (bisarma) a quem quiser dar-lhe um golpe, desde que o seu oponente se comprometa a receber dele um golpe de volta dali a um ano.

O silêncio ainda é mais sonante do que quando o cavaleiro perguntara pelo senhor do salão. Como ninguém se pronuncia, o Cavaleiro Verde, irado, manifesta-se espantado pela cobardia dos cavaleiros da Távola Redonta (Cf. *SGCV*, 309-315[84]). Esta afirmação enraivece o

---

[81] A primeira palavra que ele disse: "Onde está", perguntou,
"o governante desta reunião? Com gosto eu
Nele poria a minha vista e com ele trocaria
Ideias."(224-227).

[82] "Mas se sois tão audaz, como outros guerreiros dizem,
Conceder-me-eis pela vossa bondade jogar o que vos peço
Por direito." (272-274).

[83] "Por aqui nestes bancos só há crianças imberbes" (280).

[84] "O quê, é esta a casa de Artur", disse então o cavaleiro,
"Que toda a fama do castelo corre por muitos reinos?
Onde está agora a vossa altivez e as vossas grandes conquistas,
A vossa ferocidade e ira e a vossa vanglória?
Agora o festim e a fama da Távola Redonda
São esmagados pela palavra por um homem pronunciada,
Pois todos se encolhem com medo sem um golpe ser oferecido!" (309-315).

próprio rei que se mostra disposto a tomar a arma ele mesmo e a aceitar o desafio sozinho, para defender a corte e o reino. É muito interessante constatar como o desafio passou de ser impessoal a uma ameaça ao reino e à corte de Artur. (Cf. *Idem,* 325-328[85]).

É nesse momento que o seu sobrinho Gawain toma a dianteira e decide reclamar o desafio para si mesmo. No entanto, mostra deferência para com o tio pela forma como se dirige ao rei quando lhe implora que o deixe ser o campeão daquele desafio em particular:

> Gawan, þat sate bi þe quene,
> To þe kyng he can enclyne:
> 'I beseche now with saȝez sene
> Þis melly mot be myne. (*SGGK,* 339-342[86]).

A estrofe 16 é quase toda sobre o discurso de Gawain ao tio. Nela podemos ler o ato de humildade que Gawain faz ao comparar-se e situar-se como inferior em relação aos outros cavaleiros da corte e a pedir o desafio já que não é algo que o rei deva aceitar e porque, como lhe corre o sangue do tio nas veias, talvez possa ser bom substituto do monarca no jogo proposto pelo estranho oponente:

> 'Wolde ȝe, worþilych lorde,' quoþ Wawan to þe kyng,
> 'Bid me boȝe fro þis benche, and stonde by yow þere,
> Þat I wythoute vylanye myȝt voyde þis table,
> And þat my legge lady lyked not ille,
> I wolde com to your counseyl bifore your cort ryche.
> For me þink hit not semly, as hit is soþ knawen,
> Þer such an askyng is heuened so hyȝe in your sale,
> Þaȝ ȝe ȝourself be talenttyf, to take hit to yourseluen,
> Whil mony so bolde yow aboute vpon bench sytten,
> Þat vnder heuen I hope non haȝerer of wylle,
> Ne better bodyes on bent þer baret is rered.
> I am þe wakkest, I wot, and of wyt feblest,
> And lest lur of my lyf, quo laytes þe soþe—
> Bot for as much as ȝe ar myn em I am only to prayse,
> No bounté bot your blod I in my bodé knowe;
> And syþen þis note is so nys þat noȝt hit yow falles,
> And I haue frayned hit at yow fyrst, foldez hit to me;
> And if I carp not comlyly, let alle þis cort rych

[85] Eu não conheço nenhum cavaleiro que tenha medo das vossas ameaças;
Dai-me agora a vossa bisarma, em nome de Deus,
E eu vos concederei o desejo que vós esperais ter."
Rapidamente saltou para junto dele e o tomou da sua mão (325-328).

[86] Gawain, que se sentava junto à rainha,
Ao rei foi inclinar-se:
"Eu agora imploro com palavras simples
Que esta batalha possa ser minha."

bout blame.' (*Idem*, 343-361[87]).

O rei assente e entrega-lhe a arma do desafio.

Este movimento que leva Gawain ao tio e este a entregar-lhe a arma só vem provar que Gawain não toma o desafio a nível pessoal ou apenas para salvar o tio. Toma-o em nome da corte. O Cavaleiro Verde no início parecia pedir apenas um cavaleiro para jogar com ele, mas rapidamente se começou a dirigir à corte com desdém e em tom jocoso, envolvendo todo o reino no desafio, como já afirmava Conor McCarthy no seu estudo de 2001 sobre a questão da honra (*trawÞe*[88]):

> As John Burrow has pointed out, the Arthurian court are challenged as a group, and Gawain undertakes the challenge as a representative of the court. In the way in which the poem expresses it, in fact, it seems as if Gawain undertakes the quest as a surrogate for Arthur. Arthur is the first to accept the Green Knight's challenge, until Gawain requests it from him (323–38). (McCarthy, 2001: 299).

Gawain tem uma preocupação grande com esta questão da reputação e da honra (herdeira talvez dos muitos textos que o Poeta de *Gawain* conheceria nos quais Gawain perde exatamente estas duas virtudes) e, de acordo com o estudo sobre conceitos de cavalaria em *SGGK* de Wendy Clein, terá tomado este desafio para procurar devolver esse estado honrado à corte, que fora machada pela ofensa do estranho cavaleiro: "Gawain's request for the game represents an attempt to restore the court's reputation in the face of challenge." (Clein, 1987: 83).

---

[87] "Poderíeis vós, meu digno senhor," disse Gawain ao rei,
"mandar-me abandonar este banco e pôr-me ao vosso lado
Para que eu, sem descortesia, possa deixar a mesa,
E que a soberana senhora não seja desagradada,
Eu iria por vosso conselho ante a vossa nobre corte.
Pois a mim parece impróprio, como é sabido,
Quando um tão grande desafio é lançado no vosso salão,
Mesmo que estejais desejoso de o tomar para vós,
Enquanto muitos tão corajosos à vossa volta sentados nos bancos
Que sob o céu – espero! – não há nenhuns mais honrados de vontade,
Nem homens mais valentes em campo onde batalha se levanta.
Eu sou o mais fraco, eu sei, e o menos capaz de inteligência,
E a perda a mais pequena, a da minha vida, em verdade,
Mas é apenas por serdes meu tio que eu recebo louvor,
Nenhuma virtude sem ser o vosso sangue em mim conheço
E já que este assunto é tão tolo que de maneira nenhuma vos cabe
E eu pedi-o primeiro, dai-mo a mim;
E se a minha conversa não é apropriada, deixai toda esta corte decidir
Sem culpa."

[88] À qual regressaremos nos pontos dedicado à Tentação e ao Jogo Final.

Ainda neste sentido, é com algum espanto que o leitor pode constatar que a corte é, no geral, passiva e nenhum dos cavaleiros – para além de Gawain – tenta intervir, defender o rei ou apresentar-se para o desafio. Talvez pela natureza aparentemente do domínio do maravilhoso que o cavaleiro ostenta, pelo medo que sentem ou ainda, talvez, por pensarem que Artur como soberano poderá proteger o salão.

No entanto, é ainda Wendy Clein quem vem levantar outra hipótese. Talvez os restantes cavaleiros e corte não se manifestem diante do desafio do cavaleiro por saberem que não há possibilidade de vitória e, por isso, de valor: "...for Arthur's knights dissociate themselves from a quest wherein they see neither glory nor hope of return." (*Idem*: 90). Este facto lança importantes pistas para a natureza desta corte: estamos perante uma nobreza em decadência cuja aparência de vitória e abundância parece ser muito mais importante que a defesa do correto e do honrado, como seria de esperar do cavaleiro perfeito.

Gawain dirige-se ao cavaleiro que expressa uma grande alegria por ser o sobrinho de Artur a aceitar o seu repto o que vem provar, mais uma vez, que a fama de Gawain como bom cavaleiro era conhecida, até por estrangeiros que vinham de longe para aterrorizar a corte:

> Þat oþer onswarez agayn,
> 'Sir Gawan, so mot I þryue
> As I am ferly fayn
> Þis dint þat þou schal dryue. (*SGGK*, 386-389[89]).

Depois de explicar mais uma vez em que consiste o desafio e pedir a Gawain que prometa que cumprirá a sua palavra e o procurará (estrofe 18), o Cavaleiro Verde toma a sua posição para receber o golpe de Gawain. Este, sem muita dificuldade, corta a cabeça ao oponente de um só golpe. No entanto, o corpo do cavaleiro não cai ao chão. Pelo contrário, pega na cabeça, monta a cavalo e a cabeça dirige-se a Gawain, informando-o de que é o Cavaleiro da Capela Verde e lá o esperará, dali a um ano, para lhe devolver o golpe na manhã de Ano Novo (Cf. *Idem*, 448-456[90]). E abandona a corte.

---

[89] O outro respondeu de novo,
"Sir Gawain, pela minha vida,
Estou extremamente contente
Que este golpe por vós seja dado."

[90] "Vede, Gawain, que estejais pronto a ir como prometestes
E procurar fielmente até me encontrardes, senhor,
Como haveis prometido neste salão, escutado por estes cavaleiros;
Para a Capela Verde ireis, intimo-vos, para obter
Tal golpe como vós destes – merecido vós haveis
De devolver prontamente na manhã de Ano Novo.

Gawain e Artur sorriem diante de tal acontecimento e Artur, depois de sossegar Guinevere que, com certeza, terá ficado horrorizada[91], convida Gawain a pendurar a arma para exposição diante da corte (como penhor da aventura[92]) uma vez que já 'cortou muito'[93] naquela noite e a juntar-se à festa. Alegre, o monarca retoma o seu lugar à mesa e afirma já poder comer, uma vez que já testemunhou uma 'maravilha'.

As festas de Ano Novo prosseguem na corte do rei Artur e ninguém – incluindo Gawain – pensa mais no desafio que o Cavaleiro Verde deixou. Isto leva o poeta a deixar uma nota para o herói a lembrar o perigo que tal demanda pode representar:

> Now þenk wel, Sir Gawan,
> For woþe þat þou ne wonde
> Þis auenture for to frayn
> Þat þou hatz tan on honde. (*SGGK*, 487-490[94]).

Digna de nota é a forma como o Poeta de *Gawain* escolhe mostrar a passagem do tempo na sua narrativa. O poeta mostra a passagem de 10 meses através das estações do ano, o que não é comum no romance medieval mas apanágio apenas de algumas obras como, por exemplo, o romance *Kyng Alisaundre*. O desafio de Gawain está ligado à natureza pela própria cor verde que o seu oponente apresenta por isso faz sentido que a própria passagem do tempo fosse marcada com elementos que aproximam Gawain da sua verdadeira origem que, como já foi referido, está ligada aos antigos ritos pagãos celtas.

De destaque neste início de segunda parte do poema (Fit 2) é a semelhança de um verso sobre o Verão com o prólogo da obra de Chaucer *The Canterbury Tales*. Podemos ler nos versos 516 e 517 da obra: "After þe sesoun of somer wyth þe soft wyndez/ Quen Zeferus syflez hymself

---

Por Cavaleiro da Capela Verde muitos me conhecem;
Por isso se procurardes encontrar-me, não falhareis.
Por essa razão, vinde, ou então sede chamado cobarde, como deveis." (448-456).

[91] O que se mostrará no fim da narrativa como um dos objetivos de todo este desafio. De destaque é o facto de o texto mencionar que Artur procura disfarçar o espanto que toda a situação causou até a si mesmo: "Embora Artur, o rei cortês, no seu coração se maravilhasse/ Não deixou que sinal se visse (...)" (467-468).

[92] Gesto que voltaremos a encontrar simbolicamente no final da narrativa.

[93] "Agora, Sir, pendurai o vosso machado que já cortastes muito";
E foi pendurado sobre o estrado na tapeçaria da parede,
Ali todos os homens pela maravilha podiam para ele olhar
E pelo sinal verdadeiro contar a aventura. (477-480).

[94] Agora tomai cuidado, Sir Gawain,
Que o perigo não impeça
De tentar esta aventura
Que vós tomastes em mão.

on sedez and erbez, (...)." (*SGGK*, 516-517[95]) o que imediatamente traz à mente os versos de Chaucer: "Whan zephirus eek with his sweete breeth/Inspired hath in every holt and heeth" (Chaucer: 5-6).

O leitor volta à narrativa do herói exatamente no dia 1 de Novembro (dia de Todos os Santos), quando Artur decide dar um banquete em honra de Gawain, antes da sua partida para a Capela Verde. Só nesta altura volta Gawain a pensar no seu desafio: "Þen þenkkez Gawan ful sone/Of his anious vyage." (*SGGK*, 534-535[96]).

Artur e a corte juntam-se para uma última refeição antes da partida do herói e não é por acaso que os nomes dos cavaleiros que lá estão são mencionados porque colocam o leitor numa época específica do reinado de Artur, no qual ainda nenhuma desgraça ou traição acontecera. Prova desse facto é a aparição de Lancelot para se despedir de Gawain no verso 553: "Launcelot, and Lyonel, and Lucan þe gode (...)" (*Idem*, 553).

Diante da sua iminente partida, Gawain aparenta estar de espírito positivo sabendo, no entanto, aquilo que o espera:

> Þe kny3t mad ay god chere,
> And sayde, 'Quat schuld I wonde?
> Of destinés derf and dere
> What may mon do bot fonde?' (*SGGK*, 562-565[97]).

Permanace Gawain com os convivas até à manhã seguinte, na qual se iniciam os preparativos para a sua viagem.

1.2 Viagem

No dia seguinte o cavaleiro sabe ser a sua hora de percorrer o caminho até ao encontro da Capela Verde e do seu oponente – o Cavaleiro Verde – que, muito provavelmente, desferirá sobre si um golpe que será fatal.

---

[95] Depois a estação do Verão com os seus brandos ventos
Quando Zéfiro sopra ele mesmo nas sementes e ervas.
[96] Aí lembrou-se Gawain depressa
Da sua perturbadora viagem.
[97] O cavaleiro ficou sempre animado
Dizendo: "Porque haveria eu de temer?
Dos destinos dolorosos e agradáveis
O que pode o homem fazer sem ser tentar?"

Daí o tom solene em que os preparativos para a viagem se iniciam. Pela manhã o herói pede a sua armadura e o leitor é convidado a imaginar todos os momentos do vestimento da sua armadura bela, brilhante e com adornos dourados. (Cf. estrofe 25).

Depois da Missa vêm todos despedir-se do cavaleiro que agora se aproxima do seu cavalo. Precioso é o momento em que o cavalo de Gawain é descrito. Muito poucos nomes de cavalo sobreviveram da Idade Média e Gringolet é um deles: ornado de ouro e vermelho como o seu amo, é o companheiro fiel de Gawain (Cf. estrofe 26).

O estudo que Marjolein Hogenbirk fez acerca de Gringolet dá muitas pistas acerca do papel do fiel companheiro de Gawain: "... horse and knight form a unity dealing with the perils of adventure and depend fully on one another in the world outside Arthur's court." (Hogenbirk, 2007: 65).

Aparentemente esta realidade não era nada de novo. Já na Canção de Gesta era normal, de acordo com Hogenbirk, estabelecer-se uma relação entre cavalo e cavaleiro e o animal ter um nome próprio que, de alguma forma, apontava para as suas qualidades. No mundo arturiano apenas um cavalo manteve este estatuto e foi o de Gawain. Ele surge não apenas em *SGGK*, mas em alguns dos textos mais marcantes sobre o herói, também nos mais antigos.

Nas Tríades galesas 'Kein Caled' é o cavalo temperamental de Gwalchmai; em Chrétien havia 'Le Gringalet'; no texto *The Anturs of Arther*, Gawain tinha Gresell; em *Parzival* – o cavalo de Gawain, chamado Gringuljete (tinha orelhas vermelhas), foi-lhe oferecido por Orilus, irmão do rei Lähelin's; em *Escanor*, de Girart d'Amiens (1280) – Gauvain recupera Gringalet numa luta; no *Livre d'Artus* – Gringalet tem qualidades especiais: Artur e os seus homens reconhecem-no pelo seu relinchar peculiar e alto.

Na tradição holandesa, Gringalet é um exemplo de lealdade extrema a Walewein e mostra mesmo os seus sentimentos para com o amo. Quando vem a correr na sua direção, mostra a sua amizade: "...[he] took the hem of Walewein's cloak in his mouth, out of friendship." (*Idem:* 71).

Regressando ao texto em estudo, depois de se aproximar de Gringalet, Gawain toma o seu capacete e beija-o. Em seguida trazem-lhe o seu escudo que é o sinal mais importante da sua personalidade e missão.

Este escudo tem desenhado em si um pentagrama e a descrição deste e da explicação para que Gawain o usasse ocupam uma estrofe e meia. Como apontava Clein: "In describing Gawain's pentangle, the narrator suggests that the symbol represents the hero's reputation (ll. 631-639)." (Clein, 1987: 91). Para Gawain, neste momento da narrativa, afirma-se a importância

da sua reputação como parte da sua própria identidade. Aliás, no final, quando a sua reputação é manchada, o leitor encontrará um Gawain um pouco desorientado, sem saber já muito bem o seu lugar numa corte que não reconhece no riso e leveza com que encaram o que, para si, será a confissão de uma grande falta, como se verá adiante.

É o próprio texto que explica o facto de este símbolo ser adequado para Gawain, na estrofe 27:

> And quy þe pentangel apendez to þat prynce noble
> I am in tent yow to telle, þof tary hyt me schulde:
> Hit is a syngne þat Salamon set sumquyle
> In bytoknyng of trawþe, bi tytle þat hit habbez,
> For hit is a figure þat haldez fyue poyntez,
> And vche lyne vmbelappez and loukez in oþer,
> And ayquere hit is endelez; and Englych hit callen
> Oueral, as I here, þe endeles knot. (*SGGK*, 623-630[98]).

Este símbolo fora usado por Salomão para significar *trawÞe*, que se pode traduzir como verdade, lealdade, fidelidade. Cinco pontas entrelaçadas e para sempre ligadas umas às outras, que os Ingleses chamam o Nó Interminável.

Segue-se a explicação da multiplicação do número cinco que se prende com as virtudes que Gawain possui e que nele são sem falha:

> Fyrst he watz funden fautlez in his fyue wyttez,
> And efte fayled neuer þe freke in his fyue fyngres,
> And alle his afyaunce vpon folde watz in þe fyue woundez
> Þat Cryst kaȝt on þe croys, as þe crede tellez;
> And quere-so-euer þys mon in melly watz stad,
> His þro þoȝt watz in þat, þurȝ alle oþer þyngez,
> Þat alle his forsnes he feng at þe fyue joyez
> Þat þe hende heuen-quene had of hir chylde;
> At þis cause þe knyȝt comlyche hade
> In þe inore half of his schelde hir ymage depaynted,
> Þat quen he blusched þerto his belde neuer payred.
> Þe fyft fyue þat I finde þat þe frek vsed
> Watz fraunchyse and felaȝschyp forbe al þyng,
> His clannes and his cortaysye croked were neuer,
> And pité, þat passez alle poyntez, þyse pure fyue

[98] E porque o pentagrama era próprio para aquele príncipe tão nobre
Eu quero agora dizer-vos, ainda que me possa atrasar:
É um sinal que Salomão estabeleceu num dado momento
Em penhor da fidelidade, que bem o merece,
Pois é uma figura que possui cinco pontas
E cada linha sobrepõe e liga-se a outra.
E em todo o lado não tem fim; e os Ingleses chamam-lhe
Em todo o sítio, como ouvi, o Nó Interminável.

Were harder happed on þat haþel þen on any oþer.
Now alle þese fyue syþez, for soþe, were fetled on þis kny3t,
And vchone halched in oþer, þat non ende hade,
And fyched vpon fyue poyntez, þat fayld neuer,
Ne samned neuer in no syde, ne sundred nouþer,
Withouten ende at any noke I oquere fynde,
Whereeuer þe gomen bygan, or glod to an ende. (*SGGK,* 640-661[99]).

Completo está o escudo, pois, com a imagem da Virgem no seu interior, que é a proteção última deste cavaleiro sem mancha e sem par. Como todas as suas virtudes se entrelaçam como no pentagrama, se Gawain mantiver cada virtude as outras não se alteram e vice-versa. O Poeta de *Gawain* está a distanciar-se de todos os textos que denegriram Gawain: "Gawain's «*clannes*» alerts the reader that he is not the libidinous Gawain of French romance tradition but the more virtuous character of English romance." (Clein, 1987: 93).

O Nó Interminável é também algo difícil de explicar[100], embora se torne mais claro se for associado não só a virtudes espirituais mas também às virtudes humanas da cavalaria: "...in order to form 'þe endeles knot' (630), *trawþe* involves a mysterious fusion, in this case of body and spirit, of secular and religious values." (Gustafson, s/d: 622).

Estes cinco grupos de cinco são, então: os cinco sentidos, cinco dedos, cinco Chagas de Cristo, as cinco Alegrias de Maria e cinco virtudes da cavalaria: *pité, clannesse, cortaysye, felaȝschip, fraunchise*.

---

[99] Primeiro, ele era inocente nos seus cinco sentidos,
E depois o homem nunca falhava nos seus cinco dedos,
E toda a sua fé na terra estava nas Cinco Chagas
Que Cristo recebeu na Cruz, como o Credo diz;
E onde quer que este homem em batalha estivesse
O seu intenso pensamento estava nisso, acima de tudo o resto,
Que toda a sua fortaleza derivava das Cinco Alegrias
Que a graciosa Rainha do Céu teve do seu Filho;
Por esta razão o cavaleiro apropriadamente tinha
Na face interior do seu escudo a Sua imagem pintada,
Para que quando olhasse para ela a sua coragem nunca falhasse.
O quinto cinco que eu acho que o homem usava
Era generosidade e afabilidade antes de tudo,
A sua pureza e a sua cortesia nunca falharam
E piedade que ultrapassava tudo, estes cinco perfeitos
Estavam mais seguros neste cavaleiro do que em qualquer outro.
Agora todas estas cinco séries, em verdade, estavam fixadas neste cavaleiro,
E cada uma juntava-se a outra, que não tinha fim,
E fixada em cinto pontos, que nunca falhavam,
Nunca coincidiam num lado, nem também se separavam
Sem fim em nenhum ângulo, eu não encontro,
Onde quer que o processo começasse ou chegasse ao fim.

[100] Autores como Loomis associam o Pentagrama de Gawain às suas ligações celtas a Cúchullain (Cf. Loomis, 1970).

Tanta perfeição associada a um ser humano pode fazer o leitor à partida desconfiar de que se parte de uma perfeição absoluta que será difícil manter e que se converterá, muito provavelmente, numa perfeição 'relativa' ou pelo menos mais humana.

No seu estudo de 1997, Morgan chama a atenção para o facto de o Pentagrama só ser associado a Gawain em *SGGK*: "...the pentangle as a device for Gawain is found in no other medieval romance." (Morgan, 1997:253). Explica ainda que esta associação das almas à figura geométrica já tinha sido feita por Aristóteles no seu texto *De Anima*, no qual as almas são associadas a figuras como o triângulo, o quadrado e o pentagrama e a perfeição segundo cada espécie é assim explicada:

> The use of the geometrical analogy in the first place arises from the recognition of different kinds of perfection in created things. A pentangle is neither a triangle, nor a quadrangle, and so the perfection it symbolizes is different from both, though it subsumes both. Pentangular perfection is human perfection, and this means perfectibility in accordance with the exercise of a rational principle. Every reference to the geometrical nature of the figure is designed to remind us of that fact. The intellectual and moral virtues, unlike the theological virtues, are proportionate to human nature (STia 2ae 62. 2 *sed contra*). (Idem: 260).

Neste sentido, a perfeição humana nunca poderá ser absoluta, como lembra ainda Morgan: "If Gawain is relatively better than other knights, then he too is sinful, but in a lesser degree. The solution to this problem seems to be that the virtues can be considered absolutely in themselves, but relatively in their exemplification in any individual human being." (*Idem:* 262).

Se compararmos, mais uma vez, Gawain com Galahad, este representa Cristo na sua perfeição mas a imperfeita perfeição de Gawain representa a humanidade.

O significado de 'knot' em Inglês Médio vai muito para além do simples 'nó', como aponta Susan Powell no seu texto de 2000: "...'an intellectual knot to be untied, a theological or philosophical problem; a riddle, mystery' (MED *knotte* n., 2.(a)) (...)." (Powell, 2000: 56). Constata ainda esta autora algumas curiosidades formais, como o facto de a descrição do pentagrama começar na 25ª estrofe (5x5) e que a única coisa que é *atada* em todo o texto é a faixa verde que mais adiante se discutirá.

Regressando à demanda, Gawain parte da corte diante das muitas lágrimas dos convivas (Cf. estrofe 29). Sabe-se também que, ao partir, percorre o reino de Logres (Cf. v. 691), chega sozinho ao Norte de Gales (Cf. v. 697), vê a Ilha de Anglesey à sua esquerda (Cf. v. 698) e sobe à região mais montanhosa de Holy Head (Cf. v. 700) sempre a perguntar pela morada do Cavaleiro Verde e sem nunca obter nenhuma resposta de quem encontra.

Segue-se a descrição das muitas aventuras que vive na sua viagem. O Poeta de *Gawain* claramente mostra o seu sentido de humor, uma vez que afirma que o herói viveu tantas peripécias que seria entediante contar um décimo delas: "So mony meruayl bi mount þer þe mon fyndez, /Hit were to tore for to telle of þe tenþe dole." (*SGGK*, 718-719[101]). Com esta afirmação, o poeta mostra-se bastante conhecedor da tradição dos textos da Vulgata e Pós-Vulgata, nos quais as façanhas são em muitas ocasiões contadas até à exaustão.

Gawain luta ainda com animais e criaturas inúmeras. No entanto, as únicas provas que realmente parecem abalar o seu espírito são o frio do Inverno e as necessidades que passa na sua solidão. Como já foi discutido, Gawain já não está na corte, na civilização. Passa esta provação da solidão árida como preparação para o teste que se avizinha, mas é um período que é duro para o herói, daí o poeta destacar esse facto:

> For werre wrathed hym not so much þat wynter nas wors,
> When þe colde cler water fro þe cloudez schadde,
> And fres er hit falle myȝt to þe fale erþe;
> Ner slayn wyth þe slete he sleped in his yrnes
> Mo nyȝtez þen innoghe in naked rokkez,
> Þer as claterande fro þe crest þe colde borne rennez,
> And henged heȝe ouer his hede in hard iisse-ikkles.
> Þus in peryl and payne and plytes ful harde
> Bi contray cayrez þis knyȝt, tyl Krystmasse euen,
> alone; (*SGGK*, 726-735[102]).

Vendo-se a cavalgar há dois meses e perto da data combinada com o seu oponente, Gawain recorre a quem sabe que o pode auxiliar, a Virgem Maria. Temos o relato, nos versos seguintes, de como o cavaleiro pede com oração intensa e verdadeira a Maria que guie os seus passos e o ajude a encontrar um lugar não só de repouso e guia mas também onde possa passar os dias das festas santas que se avizinham (Cf. estrofes 31 e 32).

---

[101] Tantas maravilhas nas montanhas que ele encontrou
Que seria demasiado difícil contar uma décima parte.

[102] Mas a guerra não o preocupava tanto como o inverno, que era pior,
Quando a clara água gélida das nuvens cai
E congela antes de cair na murcha terra;
Quase morto pelo gelo dormia na armadura
Demasiadas noites nas nuas rochas,
Onde a estalar do topo, o frio rio corria
E pendia alto sobre a sua cabeça em duros sincelos
Assim em perigo e dores e condições muito difíceis
Pelo país cavalgou este cavaleiro, até à Véspera de Natal
Sozinho.

A resposta à sua prece não se faz esperar. As estrofes 33 e 34 descrevem um imponente castelo que o cavaleiro encontra com bastante exatidão (como vimos esta é também uma prova do largo conhecimento da vida na corte do poeta) e esta visão de Gawain apenas tem um significado: acabou a viagem e chegou a um porto seguro. Está em Hautdesert.

1.3 Hautdesert

Depois de pasmar perante a grandiosidade do castelo, Gawain dirige-se ao porteiro do mesmo e, com humildade, pergunta-lhe se pode pedir autorização ao senhor do lugar para que aí possa entrar (Cf. estrofe 35). Esta atitude de Gawain serve para contrastar também com a forma como o Cavaleiro Verde invadiu a corte de Artur. O herói não está ali para pedir nenhum desafio ou mostrar proeza. Pede com humildade que o recebam e acolham para que se possa abrigar do frio e passar as festas de Natal.

É recebido com deferência, como diz o texto: "Þay let doun þe grete draȝt and derely out ȝeden,/And kneled doun on her knes vpon þe colde erþe/To welcum þis ilk wyȝ as worþy hom þoȝt;." (*Idem*, 817-819[103]). A corte deste misterioso lugar destaca-se imediatamente pela positiva. Recebem um estranho com uma enorme deferência, mesmo sem saber de quem se trata. Pela sua armadura veriam que é alguém nobre mas, mesmo assim, recebem-no como um príncipe. Ao desmontar, Gawain é levado a um salão onde o senhor do castelo o vem imediatamente receber com palavras calorosas que o herói retribui afetuosamente (não fosse ele o cavaleiro conhecido pela sua cortesia):

> He sayde, 'ȝe ar welcum to welde as yow lykez
> Þat here is; al is yowre awen, to haue at yowre wylle
> and welde.'
> 'Graunt mercy,' quoþ Gawayn,
> 'Þer Kryst hit yow forȝelde.'
> As frekez þat semed fayn
> Ayþer oþer in armez con felde. (*Idem*, 835-841[104]).

---

[103] E prontamente homens com ele, para receber o cavaleiro.
Eles desceram a grande ponte e por cortesia saíram
E ajoelharam-se na fria terra.

[104] Ele disse: 'Sois convidado a usar como quiserdes
O que aqui há, tudo é vosso, para ter à vossa disposição
E usar.'
'Muito obrigado', disse Gawain,
'Que Cristo vos dê a paga.'
Como homens que felizes pareciam
Um ao outro abraçaram.

A aparência deste anfitrião espanta Gawain: homem bem constituído, de barba grande, bondoso e franco nas palavras (Cf. estrofe 36). Leva-o para uma divisão sumptuosamente decorada onde os servos ajudam Gawain a despir-se e lhe dão roupas novas. Há um momento muito curioso nesta passagem no qual os servos, ao verem o contorno da forma física de Gawain através das roupas muito se espantam com a perfeição do seu corpo:

> Ryche robes ful rad renkkez hym broȝten,
> For to charge, and to chaunge, and chose of þe best.
> Sone as he on hent, and happed þerinne,
> Þat sete on hym semly wyth saylande skyrtez,
> Þe ver by his uisage verayly hit semed
> Welneȝ to vche haþel, alle on hwes
> Lowande and lufly alle his lymmez vnder,
> Þat a comloker knyȝt neuer Kryst made
> hem þoȝt. (*Idem*, 862-870[105]).

Sagaz a comparação da aparência física de Gawain a uma visão da Primavera. O poeta filia-se nas origens antigas da personagem, devolvendo-o à Natureza e à Primavera, estação do renascer da vida, da esperança: esta comparação de Gawain à Primavera acontece numa altura em que recupera as suas forças depois de uma viagem na qual passou muitas necessidades.

Esta Primavera é já propiciada pelo castelo se considerarmos o tema da natureza regeneradora. Ainda não é o Verão – esplendor solar em que se filia a sua força – daí também ser esta a 'época' mais propícia para a tentação que se vai seguir, em que o herói estará menos atento ou pronto para o que vai encontrar.

Segue-se a preparação do seu quarto para o receber: uma cadeira junto do fogo com almofadas, um manto que lhe põem sobre as costas para que se aqueça e a refeição que lhe trazem – de peixe – por ser Véspera de Natal. Gawain julga estar num banquete (Cf. vv. 894-895) mas os servos pedem desculpa pelo facto de a refeição ser de penitência:

> Þe freke calde hit a fest ful frely and ofte
> Ful hendely, quen alle þe haþeles rehayted hym at onez,
> 'As hende,

[105] Nobres vestes muito prontamente os homens lhe trouxeram
Para vestir e para trocar e escolher das melhores.
Assim que tomou uma e a vestiu
E esta assentou graciosamente com saia fluida,
Então verdadeiramente a sua aparência lembrava
Quase, para cada homem, todos os tons
De Primavera e belos [eram] todos os seus membros por baixo da roupa
Que tão belo cavaleiro nunca Cristo tinha feito,
Pensaram eles.

Þis penaunce now ȝe take,
And eft hit schal amende.' (*Idem*, 894-898[106]).

A estrofe 38 traz uma novidade: os servos querem saber quem ele é. Ao perceberem que se trata de Gawain muito se alegram. No entanto, é importante sublinhar que o seu discurso mostra o conhecimento da reputação do cavaleiro que vem da literatura de cavalaria continental – a de sábio na ciência do Amor Cortês: "I hope þat may hym here/Schal lerne of luf-talkyng." (*Idem*, 926-927[107]). Estará o poeta a preparar o leitor para a visão que a senhora do castelo tem de Gawain? Por outro lado, estes mesmos servos chamam a Gawain "...þat fyne fader of nurture." (Cf. v. 919). Neste sentido, a cortesia seria algo proveniente da educação, daquilo a que Gawain foi exposto durante o seu desenvolvimento. (Cf. Brewer, 1966). Fica a incerteza sobre o que se estariam a referir os servos.

Depois da ceia os convivas encaminham-se para a capela onde Gawain, pela primeira vez, vê a esposa do seu anfitrião. A descrição desta é marcante: "Ho watz þe fayrest in felle, of flesche and of lyre,/And of compas and colour and costes, of alle oþer, /And wener þen Wenore, as þe wyȝe þoȝt.." (*Idem*, 943-945[108]). O poeta chega a descrevê-la com uma palavra interessante no verso 968, 'lykkerwys', que se pode traduzir como 'deliciosa' ou 'doce de comer/ver' (Cf. Clein, 1987). No entanto, esta dama não surge sozinha. Está acompanhada por outra, mais velha, e em tudo diferente dela. A descrição de ambas é feita de forma contrastante, propositadamente, uma vez que apresentam duas faces da vida da mulher e duas versões da deusa a que Gawain está ancestralmente ligado – a bela e jovem vs. a feia e idosa:

An oþer lady hir lad bi þe lyft honde,
Þat watz alder þen ho, an auncian hit semed,
And heȝly honowred with haþelez aboute.
Bot vnlyke on to loke þo ladyes were,
For if þe ȝonge watz ȝep, ȝolȝe watz þat oþer;
Riche red on þat on rayled ayquere,
Rugh ronkled chekez þat oþer on rolled;
Kerchofes of þat on, wyth mony cler perlez,

[106] O cavaleiro apelidou tudo de festim muito cortesmente e muitas vezes,
Muito graciosamente, quando todos os cavaleiros o exortavam ao mesmo tempo:
'Por favor ,
Esta penitência agora tomais,
E depois há-de melhorar.'

[107] Eu espero que quem o oiça
Possa aprender sobre a arte da conversa dos amantes.

[108] Ela era a mais bela na pele, na carne e de cara,
E de proporção, tez e natureza, de todas as outras,
E mais encantadora do que Guinevere, como o cavaleiro achou.

Hir brest and hir bry3t þrote bare displayed,
Schon schyrer þen snawe þat schedez on hillez;
Þat oþer wyth a gorger watz gered ouer þe swyre,
Chymbled ouer hir blake chyn with chalkquyte vayles,
Hir frount folden in sylk, enfoubled ayquere,
Toreted and treleted with tryflez aboute,
Þat no3t watz bare of þat burde bot þe blake bro3es,
Þe tweyne y3en and þe nase, þe naked lyppez,
And þose were soure to se and sellyly blered;
A mensk lady on molde mon may hir calle,
for Gode! (*SGGK*, 947-965[109]).

Distinta é também a forma como Gawain cumprimenta as duas. À mais velha faz uma vénia respeitosa (Cf. v. 972). Já à senhora do castelo abraça-a e beija-a dentro dos moldes da cortesia esperada de um cavaleiro (Cf. vv. 973-974[110]). Pede o favor de as poder acompanhar e ambas assentem. Segue-se o banquete da noite de Natal e muitos jogos liderados pelo anfitrião do castelo. Homem alegre, comanda as festas e a alegria. (Cf. vv. 981-990[111]).

[109] Outra dama a conduzia pela mão esquerda
Que era mais velha do que ela, uma anciã parecia
E muito honrada com homens à sua volta.
Mas diferentes à vista aquelas damas eram
Pois se a mais nova era fresca, murcha era a outra;
Um vivo vermelho em todo o lado na face uma [tinha],
Duras rugas pendiam nas faces da outra;
Uma com lenço na cabeça, com muitas puras pérolas
O seu peito e a sua clara garganta estavam à mostra,
Brilhando mais branco do que a neve que cai nas montanhas;
A outra com uma gargantilha colocada à volta do pescoço
Embrulhada no seu queixo negro com véus brancos como o giz,
A sua fronte envolta em seda, tapada em todo o lado,
Com pontas bordadas e enredadas com pormenores à volta,
Que nada estava a descoberto daquela dama sem ser as sobrancelhas negras,
Os dois olhos e o nariz, os lábios nus,
E esses eram desagradáveis de ver e extremamente indistinguíveis
Uma dama honrada na terra os homens podem chamá-la
Por Deus!

[110] A mais agradável ele abraça-a levemente, /Beija-a graciosamente e cortesmente lhe fala. (*SGCV*, 973-974).

[111] O senhor cortesmente pulava muitas vezes
Exortava que se fizesse alegria muitas vezes
Tirou o seu capuz e numa lança o pendurou
E desafiou-os a ganhar a honra da sua posse
O que mais alegria pudesse despertar naquela altura do Natal –
'E eu tentarei, pela minha honra, competir com o melhor
Antes de o perder, com a ajuda dos meus amigos.'
Assim com gargalhadas e palavras o senhor alegria causou
Para alegrar Sir Gawain com jogos no salão
Naquela noite (*Idem*, 981-990).

Na estrofe 41 o leitor pode conhecer o festim que se faz na manhã de Natal, no qual carne é finalmente servida a todos os convivas. De destaque é a alegria que Gawain e a dama do castelo encontram um no outro através da conversa sã e sem malícia com que se entretêm mutuamente:

> Bot ȝet I wot þat Wawen and þe wale burde
> Such comfort of her compaynye caȝten togeder
> Þurȝ her dere dalyaunce of her derne wordez,
> Wyth clene cortays carp closed fro fylþe,
> Þat hor play watz passande vche prynce gomen,
> in vayres. (*Idem*, 1010-1015[112]).

Conta o poeta que os festejos se estendem até ao dia de S. João (27 de Dezembro) e que muitos dos convivas devem partir no dia seguinte (Cf. estrofe 42). Gawain pensa ser prudente seguir o seu caminho nesta altura. No entanto, o amo do castelo agradece-lhe a sua presença, dizendo que foi uma graça ter Gawain a festejar o banquete de Natal (Cf. vv. 1036-1037). O cavaleiro também agradece e procura despedir-se mas, já na estrofe 43, o anfitrião pergunta-lhe a razão da sua viagem.

Gawain conta então a sua demanda e inquire acerca do Cavaleiro Verde e do lugar do seu desafio, uma vez que já só tem três dias para lá chegar. (Cf. vv. 1050-1067). O senhor de Hautdesert sossega-o dizendo que estão a cerca de duas milhas do local combinado para o encontro com o Cavaleiro Verde e que Gawain pode ficar no castelo até ao próprio dia, havendo bastante tempo para chegar à Capela Verde (Cf. vv. 1068-1078).

Neste momento, o herói muito se alegra e agradece por perceber que vai conseguir ser fiel à sua palavra (importante porque a questão da fidelidade – 'trawÞe' – passa também por cumprir o prometido). Gawain aceita permanecer até ao dia de Ano Novo e o senhor do castelo chama as damas para alegrar o seu convidado: "Þenne sesed hym þe syre and set hym bysyde,/ Let þe ladiez be fette to lyke hem þe better. /Þer watz seme solace by hemself stille." (*SGGK*, 1083-1085[113]). Este momento é sinal inequívoco de que a reputação de Gawain em Hautdesert está ligada à tradição literária continental – prova disso é também o galicismo do nome do castelo

---

[112] Tal conforto na companhia um do outro juntos tinham
Pelas agradáveis conversas corteses das suas palavras privadas
Com pura conversa delicada livre de impureza
Que o seu passatempo ultrapassava os jogos dos príncipes
Em verdade.

[113] Então o senhor tomou-o e colocou-o ao seu lado,
E deixou que as damas fossem trazidas para os agradar melhor.
Sozinhos tiveram algum prazer em privado;

que parece remeter para uma realidade não britânica com costumes da corte francesa, mas esse será um tópico a explorar em trabalhos futuros.

Uma vez que Gawain, na sua delicadeza, também se compromete a fazer tudo o que o anfitrião ordenar, este pede-lhe que, no dia seguinte, aproveite para descansar bem e recuperar as suas forças. Indica-lhe que deve repousar até à hora da Missa, tomar a refeição com a sua esposa e aguardar pelo seu regresso, uma vez que pretende levantar-se cedo e ir caçar. Gawain concorda com estes termos (Cf. vv. 1093-1104). Também informa o herói de que farão um outro acordo: tudo o que o amo do castelo caçar será de Gawain e tudo o que Gawain ganhar durante o dia será do senhor havendo, assim, uma troca de ganhos. O cavaleiro assente:

> 'ȝet firre,' quoþ þe freke, 'a forwarde we make:
> Quat-so-euer I wynne in þe wod hit worþez to yourez,
> And quat chek so ȝe acheue chaunge me þerforne.
> Swete, swap we so, sware with trawþe,
> Queþer, leude, so lymp, lere oþer better.'
> 'Bi God,' quoþ Gawayn þe gode, 'I grant þertylle,
> And þat yow lyst for to layke, lef hit me þynkes.'
> 'Who bryngez vus þis beuerage, þis bargayn is maked': (*Idem*: 1105-1112[114]).

Claramente, Gawain cai inocentemente no engodo que o senhor lhe lança, uma vez que as suas intenções se provarão outras no final da narrativa. Por ser cortês e verdadeiro, Gawain nem desconfia que está a ser enganado desde a corte do Rei Artur, como se verá adiante.

Muito festejam ainda na noite em causa e de uma forma bastante particular: com os costumes à moda de França:

> Þay dronken and daylyeden and dalten vnty ȝtel,
> Þise lordez and ladyez, quyle þat hem lyked;
> And syþen with Frenkysch fare and fele fayre lotez
> Þay stoden and stemed and stylly speken,
> Kysten ful comlyly and kaȝten her leue. (*Idem*, 1114-1118[115]).

---

[114] 'Além disso,' disse o homem, 'um pacto fazemos:
O que quer que eu ganhe na floresta será vosso,
E o ganho que obtiverdes assim trocareis comigo.
Bom sir, trocamos assim, jurai com verdade,
Quer caia na nossa sorte nada, homem, ou ao outro melhor.'
'Por Deus,' disse Gawain o bom, 'Eu concordo com isso,
E o que desejardes acharei agradável.'
'Quem nos traz uma bebida? Este acordo está feito.'

[115] Eles beberam e gracejaram e festejaram
Estes senhores e senhoras, enquanto lhes apeteceu;
E depois com costumes Franceses e muitas e belas palavras
Estiveram e ficaram e docemente falaram
Beijaram-se muito graciosamente e partiram.

De novo, parece uma nota nada inocente do poeta relativamente a todo o cenário evocativo do Amor Cortês que se procura criar em torno de Gawain, esperando-se dele um determinado comportamento, de acordo com o que se relata nos textos literários franceses pós-Chrétien de Troyes, como já houve oportunidade de referir múltiplas vezes.

Antes de recolherem para descansar, o amo do castelo e Gawain relembram os termos do seu acordo e a estrofe 45 é encerrada de forma curiosa já que o poeta informa de que este senhor está a jogar um jogo: "Recorded couenauntez ofte;/Þe olde lorde of þat leude/Cowþe wel halde layk alofte." (*Idem,* 1123-1125[116]).

O leitor entra na terceira e mais longa secção do poema (Fit 3) com a informação sobre aquilo que o senhor de Hautdesert faz muito cedo, antes de nascer o sol. Participa na Missa, come apressadamente e parte com os seus servos para caçar.

Aqui há que fazer um parêntesis para falar da corte de Bertilak (embora, neste ponto do texto, ainda não o conheçamos por este nome). Nesta corte festeja-se com opulência e bastante alegria, como se pode ver nas várias descrições que o Poeta de *Gawain* faz dos momentos celebratórios. Este ambiente festivo integra-se na visão que a própria corte tem de Gawain que, como já referimos, se radica na reputação do cavaleiro que é descrita nos textos da literatura de cavalaria francesa pós-Chrétien de Troyes. Por outro lado, parece haver uma certa ambiguidade na corte de Bertilak, uma vez que, mesmo no meio de tantos banquetes, jogos e, como veremos, atividades mundanas e violentas como a caça, se acha tempo e espaço para a prática espiritual cristã. Como apontava Derek Brewer, na introdução ao volume sobre o poeta, este facto não é de todo contraditório. A visão que a mentalidade contemporânea tem do cristianismo medieval parece ser, ela mesma, arcaica e desatualizada:

> Our ideas of Christianity, or at any rate of medieval Christianity, may find it hard to accept that the splendour of courtly life could co-exist with a sincere Christian belief: but if we deny such co-existence we deny the evidence of history, and the plain words of the *Gawain*-poet. At Bertilak's court everyone goes to Mass as the first act of each day. They eat fish on fast days. It may not be very spiritual, but the court is fully Christian in the historic reality of Christianity." (Brewer, 1997: 12).

[116] Muitas vezes ele recordou o pacto.
O velho senhor daquele povo
Sabia bem manter o seu jogo.

Parte da realidade da corte é, também, o desporto da caça. A descrição destas cenas no poema é bastante pormenorizada, impressionante e, mais uma vez, prova do conhecimento do autor sobre as atividades dos nobres da corte.

Sabemos que, ao nascer do sol, já o senhor e os seus nobres e servos estão prontos para caçar, acompanhados de cem cães de caça que obedecem ao toque para o início do desporto. O alvo do dia é a corça[117], uma vez que a caça ao veado está proibida naquela época do ano. Na estrofe 47 o poeta descreve a perseguição e caça das corças, umas atingidas por setas, outras apanhadas pelos cães de caça. E a estrofe termina com a alegria do senhor no decorrer da atividade daquele dia.

O poeta informa o leitor de que, enquanto toda esta comoção se dá na floresta, Gawain ainda está deitado a repousar. É acordado por um som ligeiro de alguém que lhe mexe na porta do quarto e tenta espreitar para ver quem é. É a senhora do castelo. Finge-se adormecido – e o leitor sabe-o embaraçado com a situação: "and þe burne schamed,/And layde hym doun lystyly, and let as he slepte;" (*Idem,* 1189-1190[118]) – e a dama acaba sentada na sua cama, com ele, esperando que acorde. Sabemos das reflexões do herói neste momento de vergonha pela mão do poeta que nos diz que Gawain decide saber o que deseja a senhora e procura perguntar-lho (Cf. vv. 1198-1199[119]). Espreguiça-se e finge-se espantado (benzendo-se!) por vê-la ali. Ela, bela e sorridente, saúda-o dizendo que ele dorme de forma muito insegura uma vez que é possível aproximar-se dele assim. E avisa-o de que, se não chegarem a acordo, o prenderá à sua cama (Cf. vv. 1210-1211[120]).

Gawain, na sua cortesia, responde com algum humor que não resistirá mas – sabiamente – diz-lhe que, se libertar o seu prisioneiro, ele se poderá vestir para que melhor possam disfrutar da sua conversa (Cf. vv. 1218-1221). Mas a esposa do seu anfitrião insiste e faz-lhe uma proposta surpreendente: já que é senhora dele e do castelo e ele mesmo é Gawain, conhecido pela sua

---

[117] Há autores (Cf. Gustafson, s/d) que veem no facto de não se poder caçar o macho, mas a fêmea, um paralelo com a cena que se vai passar no quarto. Gawain, na opinião do autor, sofre um processo de feminização pois não tem nem armas, nem armadura, apenas simples vestes e é cercado num momento de fragilidade pela senhora, com quem tem de lidar em termos de paridade: "Gawain's chivalric identity, initially expressed through same sex-bonds and the exclusion or objectification of women, is now fractured through his interaction with a woman who has her own agency and desire." (Gustafson, s/d: 626).

[118] e o cavaleiro envergonhado,
Deitou-se rapidamente e fingiu como se dormisse;

[119] Mas no entanto ele disse para si mesmo, 'Mais decoroso seria/Descobrir por palavras já o que ela deseja.' (*SGCV*, 1198-1199).

[120] 'Vós sois imprudente a dormir, já que se pode entrar assim; /Agora num instante sois apanhado! Mas tréguas podemos fazer, /Eu prender-vos-ei à vossa cama, estai certo disso.' (*Idem*, 1210-1211).

honra e cortesia, a porta está fechada e todos dormem, ele pode tomar o seu corpo e fazer dele o que quiser:

> 3e ar welcum to my cors,
> Yowre awen won to wale,
> Me behouez of fyne force
> Your seruaunt be, and schale.' (*Idem*, 1237-1240[121]).[122]

O herói – espantado com toda a certeza, embora acostumado a acontecimentos do reino do 'maravilhoso' – procura a fuga através do discurso eloquente e cortês: diz não ser merecedor de tal presente e pergunta se a pode servir noutra coisa qualquer (Cf. vv. 1241-1247[123]). A senhora contra-ataca dizendo que seria pouca cortesia se ela deixasse passar a oportunidade de estar com alguém com o renome e fama que Gawain possui e que muitas damas desejariam tê-lo nos seus braços. O poeta continua dizendo que a senhora é insistente mas que Gawain consegue sempre responder com linguagem pura aos seus avanços. (Cf. vv. 1259-1262[124]). Fulcral é notar que a senhora claramente apela a conceitos do Amor Cortês. Parece crer que a fama de cortesia de Gawain só pode significar que as suas maiores proezas são no envolvimento romântico com as damas.

Gawain volta a afirmar, já na estrofe 51, que não é merecedor de tais louvores que lhe tece mas a senhora continua, dizendo que, se fosse solteira para casar, não haveria ninguém com mais virtudes, beleza e cortesia que ela pudesse escolher para marido. Ele replica que ela já tem um marido melhor do que ele mas que se coloca ao seu serviço, como cavaleiro e servo: "And,

---

[121] Sois bem-vindo ao meu corpo
O vosso próprio percurso escolhei
Eu sou obrigada por pura necessidade
A ser vossa serva e serei.

[122] A 'agência' da mulher que atrás já referimos torna-se explícita neste momento do texto. É claro agora que há aqui algum plano/jogo/teste a decorrer contra o herói e a esposa do seu anfitrião é o móbil do mesmo.

[123] 'Em boa fé,' disse Gawain, 'Penso que isso é bom,
Embora não seja aquele de quem falais;
De alcançar tal honra como a que descreveis aqui
Eu sou um cavaleiro indigno, como eu bem sei.
Por Deus, eu seria feliz e, se vos parecer bem,
Por palavra ou feito que eu possa realizar,
Para o prazer de vossa excelência – seria uma pura alegria.' (*Idem*, 1241-1247).

[124] Ela comportou-se tão graciosamente
E era tão bela de rosto
Que o cavaleiro com palavras puras
Respondeu a tudo o que disse. (*Idem*, 1259-1262).

soberly your seruaunt, my souerayn I holde yow,/ And yowre kny3t I becom, and Kryst yow for3elde.'.'" (*Idem:* 1278-1279[125]).

Continua o poeta a dizer que muito conversam até meio da manhã e que a dama sempre mostra muito afeto por Gawain. Depois, ela tece uma reflexão curiosa, à qual o poeta dá acesso ao leitor: nos seus pensamentos ela chega à conclusão de que, embora seja bela, o amor que Gawain poderia dar seria pouco porque a sua mente está ocupada com o desafio que se aproxima:

> 'Þa3 I were burde bry3test', þe burde in mynde hade.
> Þe lasse luf in his lode for lur þat he so3t
> boute hone,
> Þe dunte þat schulde hym deue,
> And nedez hit most be done. (*Idem*, 1283-1287[126]).

É interessante perceber que há aqui de facto a consciência de que se joga um desafio e que a senhora procura usar as armas que sejam mais eficazes. Começa a entender que talvez não seja tão fácil como julgou fazer com que Gawain ceda aos seus avanços ou devido à virtude do herói, ou porque toda a energia do cavaleiro está ocupada com a iminente possibilidade de morrer[127].

Assim, a dama faz menção de partir mas não sem antes dizer que ele não pode ser Gawain. Este fica espantado e receoso de ter cometido alguma descortesia mas a senhora continua dizendo que um cavaleiro gracioso como Gawain, que toda a cortesia engloba em si mesmo[128], jamais estaria tanto tempo com uma dama sem conseguir pedir, no meio da conversa, que um beijo lhe seja dado. Gawain finalmente aceita o seu pedido e diz-lhe que ela não terá mais de instar com ele (Cf. vv. 1296-1304[129]). Ela toma-o nos seus braços e beija-o, despedem-se com

---

[125] E, gravemente vosso servo, minha soberana vos considero /E vosso cavaleiro me torno, e Cristo vos recompense.'

[126] 'Embora eu fosse a dama mais bela', a senhora pensava,
Pouco amor com ele [trazia] pois a perda que ele procurava
Sem demora
O golpe que o devia abater
(E) era preciso que fosse feito.

[127] Fará a senhora parte de forma voluntária deste plano que se revelará, mais tarde, ser de Morgan Le Fay? Estará a ser obrigada a fazê-lo ou é apenas uma reflexão na qual faz o ponto da situação dos seus avanços e um recálculo das medidas a usar para ser mais eficaz no Jogo da Tentação? Pela conversa que se segue, parece ser o segundo caso.

[128] De novo uma clara confusão entre cortesia e Amor Cortês. No entanto, quando se fala de confusão, não parece que a senhora ignore quem Gawain realmente é. Aparentemente a forma como a Tentação é apresentada pretende testar se Gawain tem em si a semente daquilo que mais foi explorado na literatura de cavalaria continental: o seu aspeto ligado às relações amorosas e paixões humanas que culminam em fúrias e morte. É como se testasse uma tradição a outra, a ver qual das duas é a verdadeira.

[129] Mas a senhora abençoou-o e disse: 'Por esta razão:
[Alguém] tão bom como Gawain que apropriadamente é considerado
E a cortesia está contida tão completamente nele,

cortesia e ela parte. Depois da Missa, Gawain passa o resto do dia alegremente na companhia das duas damas.

As estrofes 53 e 54 contêm o relato de como os animais caçados eram preparados para consumo humano. A descrição é pormenorizada e longa já que ocupa quase 40 versos. Conta o poeta que se escolhem os animais com mais gordura e são abertos ali mesmo, tirando-se os órgãos não comestíveis (Cf. vv. 1330-1331). Depois de se cortarem as patas, retiram-se os intestinos e habilmente se prepara a peça e se ergue a carcaça para desossar o necessário. Já na estrofe 54 o poeta conta como se retira a cabeça e o pescoço e se lança aos corvos a sua porção, costume da época (Cf. v. 1355[130]). Em seguida, divide-se a carne por todos e lança-se aos cães os miúdos misturados com pão e sangue. Com a caça pronta, regressam ao castelo onde Gawain os recebe com alegria.

É pertinente anotar apenas que a descrição pormenorizada quer das cenas de caça, quer da preparação meticulosa do animal para consumo (que envolve corte, rasgo, em suma, mais violência) tem sido vista por autores vários[131] como uma comparação com a forma como a senhora procura cercar e 'caçar' Gawain através da sua insistência constante e incómodo perscrutar das suas qualidades e virtudes, quase procurando achar o que é indigno, tal como os servos retiram dos animais as parcelas que não são comestíveis e as lançam fora.

Regressando ao castelo, o amo manda que todos se reúnam no salão, cavaleiros, damas, a sua senhora e Gawain e mostra a este último o fruto da sua caçada, oferecendo-lhe a sua peça de carne como parte do seu acordo. Gawain entrega-lhe também os seus ganhos dando-lhe um beijo. O senhor deseja saber onde ganhou tal riqueza, mas Gawain afirma que isso não faz parte do acordado (Cf. vv. 1393-1395[132]). E a festa continua no salão. Não se despedem para descansar sem antes reiterar e selar com bebida o seu acordo de novo para o dia seguinte.

Não poderia ter estado tanto tempo com uma dama
Sem ter pedido um beijo, pela sua cortesia,
Através de uma alusão a algum assunto no fim de uma conversa.'
Então disse Gawain: 'De facto, seja como desejais;
Beijarei à vossa ordem, como um cavaleiro deve,
E mais ainda, para que ele não vos desagrade, por isso não peçais mais.' (*Idem*, 1296-1304).

[130] E a paga do corvo eles lançaram num arvoredo. (*Idem*, 1355).

[131] Como exemplo apontamos os autores já citados Clein, 1987; Rooney, 1997; e Cooper, 1997.

[132] 'É tão bom que seria melhor que vós me pudésseis dizer
Onde vós ganhastes esta mesma riqueza pela vossa inteligência.'
'Isso não estava no nosso acordo,' disse ele, 'não me pergunteis mais (*SGCV*, 1393-1394)

O segundo dia repete a estrutura do primeiro, com algumas diferenças apenas. A caça do senhor é um feroz javali, forte, selvagem, que fere muitos cães e servos do amo do castelo (Cf. 1439-1453[133]). Este, no entanto, nunca desiste de o caçar, perseguindo-o a cavalo.

Entretanto, Gawain permanece de novo no castelo e o poeta informa-nos de que a senhora não se esqueceu do seu intento (Cf. 1471-1475). Ela regressa ao quarto do cavaleiro mas, desta vez, é Gawain quem a saúda e a senhora ataca-o logo dizendo que a lição que ela lhe deu ontem não foi ouvida. E explica-lhe que, se ela o ensinou sobre beijos ele devia reclamar esse bem que lhe pertence, de acordo com o costume cortês: "'ȝet I kende yow of kyssyng,' quoþ þe clere þenne,/'Quere-so countenaunce is couþe quikly to clayme;/Þat bicumes vche a knyȝt þat cortaysy vses.'" (*Idem*, 1489-1491[134]). Gawain procura desculpar-se dizendo temer ser recusado, se tais avanços fizesse. A senhora, com uma expressão forte, afirma que ele não pode ser rejeitado já que tem vigor suficiente para forçar quem quiser, se alguém fosse tão indelicada a ponto de negar as suas solicitações[135]: " 'Ma fay,' quoþ þe meré wyf, 'ȝe may not be werned, /ȝe ar stif innoghe to constrayne wyth strenkþe, ȝif yow lykez,/ȝif any were so vilanous þat yow devaye wolde.'" (*Idem*, 1495-1497[136]).

Importante é a resposta do cavaleiro que afirma vir de um lugar onde isso seria intolerável: "ȝe, be God,' quoþ Gawayn, 'good is your speche,/Bot þrete is vnþryuande in þede þer I lende, /And vche gift þat is geuen not with goud wylle." (*Idem*, 1498-1500[137]). No entanto, diz que aceitará

---

[133] O mais espantoso javali apressava-se por ali fora,
Há muito afastado da vara, tinha envelhecido
Pois ele era bravo, o maior de todos os javalis
Muito feroz quando grunhia; então muitos se assustaram
Pois três ao primeiro impacto ele empurrou para o solo
E avançou com um salto em grande velocidade, sem magoar mais ninguém.
Eles incitaram os cães alto: 'Atenção!' e gritaram 'Ah! Ah!'
Levaram a trompa à boca, vigorosamente tocaram;
Muitos eram os festivos sons dos homens e dos galgos
Ao se apressarem atrás deste javali com clamor e ruído
Para matar.
Muitas vezes ele enfrenta o ladrar
E mutila a matilha por todos os lados
Ele fere alguns dos cães e eles
Com muita dor uivam e clamam. (*Idem*, 1439-1453).

[134] 'No entanto eu ensinei-vos que no beijar', disse então a bela senhora
'Onde quer que o favor seja evidente, reclamá-lo depressa,
Isso é próprio de cada cavaleiro que usa de cortesia.'

[135] De novo, a tradição do *amour courtois* em jogo.

[136] 'Pela minha fé!' disse a nobre mulher, 'Vós não podeis ser recusado.
Vós sois robusto o suficiente para obrigar pela força, se quiserdes,
Se alguma fosse tão grosseira que vos negasse.'

[137] 'Sim, por Deus', disse Gawain, 'boas são as vossas palavras
Mas a força não tem valor no país onde vivo,

como servo os seus beijos. A dama dá-lhe um beijo na face e ficam os dois a conversar sobre o amor (Cf. vv. 1506-1507).

Pergunta depois a senhora a Gawain se ele lhe sabe explicar a razão pela qual o seu comportamento não é igual ao que os textos literários relatam. Estamos claramente diante de uma paródia não só ao romance de cavalaria em si, mas aos exageros que foram acrescentados à personalidade de Gawain, num caso claro de intertextualidade:

> 'I woled wyt at yow, wyȝe,' þat worþy þer sayde,
> 'And yow wrathed not þerwyth, what were þe skylle
> Þat so ȝong and so ȝepe as ȝe at þis tyme,
> So cortayse, so knyȝtyly, as ȝe ar knowen oute–
> And of alle cheualry to chose, þe chef þyng alosed
> Is þe lel layk of luf, þe lettrure of armes;
> For to telle of þis teuelyng of þis trwe knyȝtez,
> Hit is þe tytelet token and tyxt of her werkkez,
> How ledes for her lele luf hor lyuez han auntered,
> Endured for her drury dulful stoundez,
> And after wenged with her walour and voyded her care,
> And broȝt blysse into boure with bountees hor awen–
> And ȝe ar knyȝt comlokest kyd of your elde,
> Your worde and your worchip walkez ayquere,
> And I haf seten by yourself here sere twyes,
> ȝet herde I neuer of your hed helde no wordez
> Þat euer longed to luf, lasse ne more;
> And ȝe, þat ar so cortays and coynt of your hetes,
> Oghe to a ȝonke þynk ȝern to schewe
> And teche sum tokenez of trweluf craftes. (*Idem*, 1508-1527[138]).

Nem nenhum presente que seja dado sem boa vontade.

[138] 'Eu aprenderia de vós, senhor', a nobre senhora então disse
'E não vos zangaríeis se perguntasse qual é a razão
Para alguém tão novo e valente como vós [sois] agora,
Tão cortês, tão cavaleiresco como vós sois conhecido em todo o lado
E de toda a escolha da cavalaria, a principal coisa louvada
É o leal desporto do amor, o principal ensinamento da cavalaria;
Pois contar as provações destes verdadeiros cavaleiros,
É o título inscrito e o texto dos seus trabalhos,
Como os homens pelo seu verdadeiro amor as suas vidas arriscaram,
Suportaram pelas suas amadas dolorosos tempos
E depois vingaram-se com o seu valor e livraram-se das suas provações
E trouxeram felicidade aos aposentos das damas pelas suas próprias virtudes;
E vos sois o cavaleiro com mais nobre reputação da vossa geração,
A vossa fama e a vossa honra estão espalhadas em toda a parte,
E eu sentei-me ao vosso lado aqui em duas diferentes ocasiões
E no entanto nunca ouvi eu da vossa boca proceder nenhuma palavra
Que alguma vez pertencesse ao amor, nem uma só;
E vós, que sois tão cortês e gracioso nos vossos votos [de cavaleiro]
Deveríeis pensar prontamente oferecer a uma jovem
E ensinar alguns sinais da arte do verdadeiro amor.

Espanta-a que não a tenha ensinado sobre o amor cortês, já que é essa a reputação que lhe conhece, e insta para que o faça enquanto o seu marido está longe. Gawain de novo consegue escapar aos seus avanços explicando-lhe que ela é muito mais versada na interpretação do texto literário do que cem como ele (Cf. estrofe 61), mantendo-se, no entanto, como seu servo. Consegue, assim, o cavaleiro fugir sempre aos seus assaltos (Cf. vv. 1549-54). Despedem-se com um novo beijo até se reencontrarem na Missa e na refeição.

Entretanto, o senhor continua a sua caça: o javali mostra-se furioso e difícil de caçar[139], ferindo muitos dos servos do amo de Hautdesert (Cf. estrofe 62). Mata-o ele mesmo com um golpe de espada e ajuda dos cães (Cf. v. 1600). De novo, a preparação do animal é descrita ao pormenor: retirar a cabeça, os órgãos (dá-los aos cães com sangue), cortá-lo e carregá-lo para casa.

Contente, o senhor chama por Gawain ao chegar para a troca de ganhos: um javali por dois beijos (Cf. estrofe 65). Segue-se de novo um banquete mas com uma novidade: a esposa do anfitrião passa todo o tempo a provocar Gawain, o que o incomoda: "Such semblaunt to þat segge semly ho made/Wyth stille stollen countenaunce, þat stalworth to plese,/Þat al forwondered watz þe wy3e, and wroth with hymseluen." (*Idem*, 1658-1660[140]). No entanto, a sua cortesia faz com que não a ignore, mas procede com precaução: "Bot he nolde not for his nurture nurne hir a3aynez,/Bot dalt with hir al in daynté, how-se-euer þe dede turned/towrast.." (*Idem*, 1661-1663[141]).

Antes de se recolherem para o descanso, Gawain pede licença para partir mais cedo para não falhar o seu encontro[142] (Cf. vv. 1670-1671[143]), mas o senhor garante-lhe que ele chegará a tempo ao seu compromisso no dia de Ano Novo e pede-lhe que fique e que acordem o mesmo para o terceiro dia, dizendo-lhe que já o testou e achou verdadeiro duas vezes e Gawain assente:

---

[139] Regressando à teoria que compara Gawain ao animal que está a ser caçado, claramente o cavaleiro foi muito mais sagaz nas suas respostas no segundo encontro, tal como o javali se mostrou uma caça mais difícil de concretizar. Interessante notar que, na primeira vez em que se fala deste animal em particular, se menciona o facto de ser um animal com idade. Gawain está mais sábio também neste segundo encontro, mais experiente.

[140] Tal comportamento gracioso para aquele homem ela tinha
Roubando olhares de favor secretamente, para agradar àquele robusto homem
Que muito espantado estava o cavaleiro e irado dentro de si.

[141] No entanto ele não podia, pela sua boa educação, rejeitá-la
Mas comportou-se com ela muito cortesmente, seja como for o caso não deu
Em nada.

[142] Estará o herói a tentar fugir da senhora, uma vez que os seus avanços talvez se estejam a tornar demasiado difíceis de resistir sem quebrar a cortesia?

[143] Mas o cavaleiro pediu licença para cavalgar pela manhã
Pois estava próximo o compromisso a que ele tinha de ir' (*SGCV*, 1670-1671).

“For I haf fraysted þe twys, and faythful I fynde þe./Now "þrid tyme þrowe best" þenk on þe morne” (*Idem,* 1679-1680[144]).

No terceiro dia a estrutura narrativa é a mesma: o senhor na caça e Gawain no castelo. O animal a caçar é a matreira raposa, que faz os cães andar às voltas sem a apanhar (Cf. estrofes 68 e 69). Entretanto, a senhora procura Gawain com novas ‘armas’: leva o cabelo solto, sem touca e o peito à mostra. Gawain demora a despertar do seu sono perturbado com pensamentos negativos acerca da sua demanda. Mas, ao som da sua voz, rapidamente desperta. Ela beija-o e Gawain, pela primeira vez, ao vê-la assim, sente algo:

> He welcumez hir worþily with a wale chere.
> He seȝ hir so glorious and gayly atyred,
> So fautles of hir fetures and of so fyne hewes,
> Wiȝt wallande joye warmed his hert. (*Idem*, 1759-1762[145]).

Por muito pura que a conversa entre os dois possa ser, o poeta informa o leitor de que Gawain está em perigo:

> Þay lanced wordes gode,
> Much wele þen watz þerinne;
> Gret perile bitwene hem stod,
> Nif Maré of hir knyȝt mynne. (*Idem*, 1766-1769[146]).

Este perigo que faz com que a intervenção da Virgem (que é a protetora de Gawain e cuja imagem está gravada no seu escudo) seja necessária uma vez que a senhora o tenta tanto que o cavaleiro se vê forçado ou a ofendê-la ou a aceitar a oferta do seu amor. A arma que a senhora usa contra Gawain são as palavras, às quais ele é sempre obrigado a responder com cortesia. Com exceção para os beijos, a senhora nunca lhe toca. Obrigado pelas regras da cortesia cavalheiresca, o cavaleiro nunca vai mencionar o facto de a ver ‘descomposta’ neste terceiro encontro, ela procura cercá-lo e embaraçá-lo com palavras. A escolha do termo *embaraçado* não

---

[144] Pois eu testei-vos duas vezes e fiel vos achei.
Agora à terceira é de vez, pensai no amanhã!
[145] Ele saudou-a cortesmente com grande alegria.
Ele viu-a tão gloriosa e belamente vestida
Tão impecável no seu aspeto e de tão finos tons
Que alegria ardente subiu quente e acalorou o seu coração.
[146] Eles disseram boas palavras
Muito gozo então houve ali
Grande perigo entre eles haveria
Se Maria pelo seu cavaleiro não olhasse.

é de todo inocente, uma vez que Gawain se vê enredado numa provação que, para ele, parece não ter fim (tal como o Nó Interminável das virtudes que lhe são atribuídas) e o símbolo de tudo isto será a única coisa que, de facto, se pode enredar, entrelaçar ou atar na narrativa, a faixa verde.

Neste sentido, Gawain está a ser vítima da sua própria cortesia e tem sempre de responder à senhora segundo os cânones da mesma, como apontava Derek Brewer no seu ensaio de 1966, mesmo que se sinta envergonhado pelo seu comportamento: "Gawain must not be embarrased or offensive, for that would be discourteous." (Brewer, 1966: 72).

Segundo o autor, há dois níveis na narração da cena da tentação. O primeiro é o da superfície do realismo: "Gawain's verbal courtesy here is also the outward and visible sign of his inward invisible integrity, that prevents him betraying his host and also betraying himself." (*Ibidem*). O segundo nível é o da estrutura da história. Há a obrigação de cumprir uma promessa, um voto. Esta é a realidade que está sempre presente na mente do herói, guia os seus passos e dita as suas decisões.

Aparentemente espantada com as suas respostas negativas, a senhora queixa-se do seu desdém e pergunta-lhe se ele tem alguma amada que seja a causa da sua indiferença para com ela:

> Quoþ þat burde to þe burne, 'Blame ȝe disserue,
> ȝif ȝe luf not þat lyf þat ȝe lye nexte,
> Bifore alle þe wyȝez in þe worlde wounded in hert,
> Bot if ȝe haf a lemman, a leuer, þat yow lykez better,
> And folden fayth to þat fre, festned so harde
> Þat yow lausen ne lyst–and þat I leue nouþe;
> And þat ȝe telle me þat now trwly I pray yow,
> For alle þe lufez vpon lyue layne not þe soþe
> for gile.' (*Idem*, 1779-1787[147]).

Gawain nega com veemência a existência de qualquer relação amorosa. De novo, este parece ser o segredo da salvação da vida de Gawain. No texto que Derek Brewer de que há pouco

[147] Disse aquela dama ao cavaleiro: 'Culpa vós mereceis
Se não amais a pessoa que junto a vós se deita,
Diante de todas as mulheres no mundo está ferida no coração,
A não ser que tenhais uma amada, alguém mais querido, de quem gostais mais,
E, tendo dado a vossa palavra a essa nobre senhora, tão firmemente preso,
Que quebrar essa palavra não desejais – e nisso eu creio agora;
E que vós mo digais agora em verdade vos peço
Por todos os amores que existem não escondais a verdade
Por astúcia!

se citou, o autor tece uma reflexão muito importante que liga o facto de Gawain se salvar com a sua castidade. De facto, Brewer recorda que Gawain não sabe que ele mesmo tem um poder mágico[148]: "While he remains chaste the Green Knight cannot harm him." (Brewer, 1966: 72). Daí se apontar também como principal alvo do teste a que o cavaleiro está sujeito a reputação mais pura ligada ao seu passado quase divino no material celta. Mas, para Gawain, este é um valor que lhe é intrínseco e, mesmo em perigo, nunca vacila na sua castidade. O que o fará 'falhar' não é de natureza sexual, mas um outro amor, mais importante: o da própria vida, como adiante se verá.

Estas palavras parecem ferir mais ainda a senhora que se prontifica a partir, beijando-o de novo. No entanto, antes de ir, pede-lhe um presente, algo que a recorde dele, nem que seja uma simples luva, mas Gawain diz não ter consigo algo que seja digno dela e que, por estar longe de casa, não tem nada para lhe oferecer (Cf. estrofe 72). Nesse momento, a dama diz que lhe oferecerá ela um presente: procura dar-lhe um rico anel de ouro com uma pedra preciosa. Ele recusa por não ter nada de valor para lhe dar em troca (Cf. v. 1825[149]). Tenta a senhora oferecer-lhe, então, uma faixa verde, bordada a ouro, que desata da sua roupa. Gawain diz, de novo, que nada aceitará, mas que se manterá seu servo para sempre:

> I am derely to yow biholde
> Bicause of your sembelaunt,
> And euer in hot and colde
> To be your trwe seruaunt. (*SGGK*, 1842-1845[150]).

A estrofe 74 inicia-se com o replicar da anfitriã que explica a Gawain o verdadeiro valor da faixa. Quem a usar não poderá morrer de nenhum golpe ou ferimento:

> For quat gome so is gorde with þis grene lace,
> While he hit hade hemely halched aboute,
> Þer is no haþel vnder heuen tohewe hym þat myȝt,
> For he myȝt not be slayn for slyȝt vpon erþe.' (*Idem*, 1851-1854[151]).

---

[148] Daí sentir necessidade de aceitar o presente que lhe dá a garantia de salvar a sua vida.
[149] E jurou prontamente pela sua palavra que ele não o tomaria (*idem*, 1825).
[150] Eu estou profundamente em dívida para convosco
Pela vossa benevolência
E para sempre haja o que houver
Serei vosso verdadeiro servo.
[151] Pois quem quer que esteja cingido com este cinto verde
Enquanto o tiver bem apertado à sua volta,
Não há cavaleiro sob o céu que o possa matar
Pois ele não pode ser morto por nada forjado sobre a terra.

Gawain aceita, pensando para si ser uma vantagem no desafio que se aproxima, e esta é a única razão pela qual aceita este presente – o amor à sua vida:

> Þen kest þe kny3t, and hit come to his hert
> Hit were a juel for þe jopardé þat hym iugged were:
> When he acheued to þe chapel his chek for to fech,
> My3t he haf slypped to be vnslayn, þe sle3t were noble. (*Idem*, 1855-1858[152]).

Já Dorothy Everett, num dos primeiros estudos basilares sobre esta questão, em 1959, afirmava que o que está em causa aqui é a sobrevivência e não nenhum tipo de contrapartida ou favor que Gawain esperasse obter da senhora. Outros autores, como Corey Owen, afirmam que Gawain não aceita a faixa por medo de morrer mas por ter esperança na sobrevivência (Cf. Owen, 2007: 218) sendo o seu movimento interior carregado de positividade[153].

A dama ainda pede a Gawain que nunca se separe da faixa e que não fale a ninguém sobre ela, nem ao seu marido. E despede-se do cavaleiro com mais um beijo.

Aqui duas notas são imperativas. A primeira em relação à faixa. Para o leitor atento saltará à vista a cor da faixa – a mesma do oponente de Gawain – e parece algo descabido que o sagaz herói não tenha reparado neste pormenor. Talvez a sobrevivência fale mais alto para o cavaleiro. Ainda sobre a faixa, vale a pena fazer uma breve reflexão linguística acerca da palavra 'cors' em Inglês Médio (usada quando a senhora oferece o seu corpo ao herói na primeira tentação). No seu estudo de 1995, Arthur Lindley mostra como um dos significados desta palavra (retirados do *Middle English Dictionary* a que o autor se refere como MED) pode estar relacionado com a faixa que a senhora oferece a Gawain. A citação é longa e um pouco obscura, mas necessária para a compreensão total do raciocínio do autor:

> What no editor, to my knowledge, has noted is that MED gives another, very relevant meaning for cors'/S (a) Silk (or other material woven in strips, often richly ornamented with silver and gold; a length of such silk used as a ceinture or belt'; in other words, a 'blykkande belt' (2485), a lace. The one the Lady gives Gawain is described as '[g]ered ... with grene sylke, and with golde schaped / No3t bot arounde brayden, beten with fyngrez' (1832-3). If I am correct, at 1237 the Lady, while apparently offering the temptation Gawain will refuse, covertly refers to the one he will accept. This meaning

[152] Então ponderou o cavaleiro e pensou no seu coração
Que isto seria precioso no perigo que lhe estava destinado:
Quando ele alcançasse a Capela para o seu destino obter,
Pudesse ele escapar e não morrer, o meio seria esplêndido.

[153] Isso explicaria, sem dúvida, o bom humor com que Gawain se apresenta à corte no banquete seguinte e que é notado – e referido – pelos convivas, que adiante se destacará.

> seems to have been available. Certainly the two earliest citations given in MED ['(1382) doc. in Riley Mem. Lond. 470. ... (1402) Let. Zouche in RES 8 261'] fit the poem's presumed date of composition in or near the last quarter of the fourteenth century. Neither, of course, indicates that this sense was yet (or ever) in common use. (Lindley, 1995: 23).

Sagaz é o poeta ao fazer este pequeno jogo de palavras que escapa aos leitores que não dominem o dialeto ou, afetados pelo passar dos séculos, já não falem a língua. Parece estar anunciada desde o início, segundo Lindley, a falha do cavaleiro, até linguisticamente.

A segunda nota tem a ver com o papel da esposa do anfitrião em todo este Jogo da Tentação e qual a sua agência e motivação. Sharon Rowley, no seu artigo de 2003, começa por falar de questões que se prendem com a identidade:

> In a text preoccupied with identity, then, the Lady's performances do more than test Gawain's "trawÞe." They provide a complex counterpoint to the question of whether Gawain can fully inhabit his own name, and they extend the text's interrogation of the relationship between actions and identity to include the other characters. As the Lady enacts the testing of Gawain, her multiple and shifting roles work in conjunction with other characters' performances and the thematic ambiguity of the poem to suggest that all of their identities are purely performative. (Rowley, 2003: 159).

Como já apontámos neste capítulo, é a verdadeira identidade de Gawain que parece ser testada aqui, afinal, qual a sua verdadeira reputação: a que permanece incólume, nas ilhas britânicas, ou os desenvolvimentos que teve na literatura continental? Que cavaleiro vai emergir da pressão submetida pela dama? Ainda neste sentido surge a noção de performance. A senhora representa um papel, mas qual a sua verdadeira identidade? Será ela um mero móbil de Morgan ou ela mesma tem vontade e agência em todo este jogo? É uma pergunta para a qual não surge resposta no texto.

Se olharmos para esta questão da identidade, surgirão muitas questões ainda ligadas à questão do uso da sexualidade e do corpo neste texto que subvertem, como lembra ainda Rowley, o papel e a identidade da mulher na Idade Média e abrem caminho a outros olhares e interrogações sobre género no poema:

> As the voice and desire of women, the Lady's body participates in the multiplicity of poetic language and, therefore, in Kristeva's semiotic, in which "poetic language is the recovery of the maternal body within the terms of language, one that has the potential to disrupt, subvert, and dis place the paternal law." However, as Butler demonstrates, this "prediscursive maternal body is itself a production of a given historical discourse, an effect of culture rather than its secret and primary cause." That is, by opposing a notion of primary physical drives to the notion of culture, Kristeva's formulation of the maternal body reifies the very power structures it intends to subvert. In Heng's reading of the Lady's

> desire, her body precedes and incarnates language as it gives voice to a silent group of women, because "feminine desire and its interests can find a channel to partial expression even when there is a single female speaking subject." Such a formulation, based as it is on the positing of "the fact of her desire" as the "limited, definable, and knowable center," contradicts the radical performativity of gendered identity in the text that Heng herself argues for so persuasively. The pattern of provocative ambiguity and doubt about the Lady's motives in the bedroom scenes plays an integral part of the interrogation of identities and performances that runs through the poem. (*Idem*: 172).

Como aponta a autora, é esta dúvida ambígua que permanece em relação à senhora que torna também este Jogo da Tentação mais misterioso e capaz de ser instrumento de interrogação acerca da própria noção de identidade. Gawain, no texto, é constantemente interrogado pela senhora sobre a sua identidade, e a sua própria noção de identidade como cavaleiro é posta em causa por personagens que dissimularam sua própria condição: a senhora, o Cavaleiro Verde/Bertilak.

Depois de a senhora sair do seu quarto, no final deste terceiro momento de tentação, Gawain prepara-se e dirige-se ao padre para se confessar. A matéria da confissão, segundo o poeta, parece ser completa:

> Þere he schrof hym schyrly and schewed his mysdedez,
> Of þe more and þe mynne, and merci besechez,
> And of absolucioun he on þe segge calles;
> And he asoyled hym surely and sette hym so clene
> As domezday schulde haf ben dıȝt on þe morn. (*SGGK*, 1880-1884[154]).

É fulcral esta cena da confissão, uma vez que tem causado alguma comoção entre alguns críticos e as leituras que se tem feito desta são variadas. A primeira é a visão de Tolkien, um dos tradutores da obra cuja tradução será alvo de análise no capítulo seguinte, e este chama a atenção para a cena da confissão de Gawain: "It is not too much to say that the whole interpretation and valuation of *Sir Gawain and the Green Knight* depends on what one thinks of the thirtieth stanza of the Third Fit [stanza 75]." (Tolkien, 2006 [1953]: 87).

Em seguida, reflete sobre a assunção de Sir Israel Gollancz acerca da confissão de Gawain que, segundo ele, teria sido sacrílega porque o cavaleiro deve ter escondido a faixa verde: "This is arrant nonsense" (*Idem*). Gawain confessou tudo: "both the more and the less." (*Ibidem*).

---

[154] Ali ele confessou-se limpamente e declarou os seus pecados
O maior e o mais pequeno e misericórdia implorou
E absolvição ele para o cavaleiro rogou
E absolveu-o seguramente e pô-lo tão puro
Como se o Dia do Julgamento tivesse sido declarado na manhã.

Tolkien defende ainda que o que está em causa é a existência de dois planos distintos: o moral e o de código de valores do cavaleiro. São estes dois planos que entram em tensão na tentação de Gawain. A introdução da confissão de Gawain é intencional no sentido em que o autor queria mostrar que a moral ganha ao código da cortesia: "...lines [1773-4] which place the moral law higher than the laws of 'courtesy', and explicitly reject, and make Gawain reject, adultery as part of courtesy possible to a perfect knight." (Tolkien, 2006 [1953]: 91).

Brian Stone – autor da segunda tradução que compararemos no capítulo seguinte – tem uma visão completamente diferente da cena da confissão, dizendo que nada tem de inocente na sua nota de rodapé à estrofe 75 do poema:

> It is a flaw in the Christian purity of the poem that Gawain is allowed to make a full confession and yet retain the use of the girdle. It is difficult to argue that this sacrilege is part of the sin later punished by the Green Knight; which leaves us with the unpleasant proposition that this is either a technical or a theological oversight on the part of the poet. Perhaps he thinks Sir Gawain justified by the ´necessity´ mentioned in line 2040 on page 105, but even that does not excuse the sacrilege. (*SGGK*, 1965: stanza 75).

Regressando ao texto do poema: se o autor afirma que tudo foi confessado ("Of þe more and þe mynne", como se lê no verso 1881), não há nenhuma razão para desconfiar que Gawain não o tivesse feito. Aliás, como o poeta afirma, o padre tudo lhe perdoou (Cf. vv 1883-1884).

Por outro lado, aceitar uma faixa verde como presente não cairá – decerto – na definição de pecado mortal, que, para a Igreja Católica, envolve matéria grave e perfeita consciência e vontade do que se está a realizar. No máximo, talvez a aceitação da faixa e a sua ocultação se pudesse classificar como pecado venial que, caso Gawain tivesse esquecido de confessar[155] (ou não confessado de todo por ser sensato e perceber que não é nada de grave), lhe seria perdoado, uma vez que, segundo a mesma doutrina da Igreja, durante a confissão, se o penitente se esquecer de confessar alguma falta leve, esta é-lhe perdoada também no momento da absolvição (Cf. Aers, 1997: 96).

[155] Apenas uma breve referência para clarificar que, no século XIV, a confissão era já feita individualmente com um sacerdote na Igreja. Já se tinham abandonado as confissões coletivas dos primeiros séculos de cristianismo, uma vez que se descobria o valor do sacramento enquanto limpeza da alma e preparação para receber o sacramento da Eucaristia: "La confesión en esta época [s. XIV] es ya una práctica muy arraigada, especialmente por lo que se refiere a la fe del pueblo en su valor como medio necesario para la salvación. Si no es todavía de uso frecuente, constituye ya una práctica asumida por los fieles como medio para obtener el perdón de los pecados y para poder acceder dignamente a la eucaristía. La Iglesia tiene también clara conciencia de la importancia del ministerio de la reconciliación y de la necesidad de que todos los cristianos recurran a la confesión para purificar su conciencia, al menos una vez al año. La teología escolástica, por otra parte, ha clarificado los puntos esenciales acerca del origen, naturaleza y significado de este sacramento." (Florez, 1993: 175).

Depois do seu momento de reconciliação, Gawain encaminha-se para o banquete com as senhoras e os próprios nobres da corte reparam que Gawain está mais contente do que nunca:

> Vche mon hade daynté þare
> Of hym, and sayde, 'Iwysse,
> Þus myry he watz neuer are,
> Syn he com hider, er þis. (*SGGK*, 1889-1892[156]).

Esta alegria que veem em Gawain pode ser atribuída ao facto de o cavaleiro saber que agora possui a faixa verde que o protegerá. No entanto, pode também ser do sacramento da reconciliação que acaba de receber, uma vez que um dos frutos da confissão é a alegria da alma:

> El consuelo interior que produce la obra de la reconciliación en el alma del creyente y que en la Iglesia primitiva provocaba lágrimas de alegría tanto en los penitentes como en la comunidad, según constatan los Santos Padres, queda escondido en el corazón del penitente. Es importante que la celebración sacramental de la penitencia manifieste y ayude a los penitentes a vivir este aspecto gozoso del sacramento. (Florez, 1993: 222).

Voltando à narrativa, a estrofe 76 serve para narrar como o senhor consegue, a custo, caçar a raposa, da qual só se consegue aproveitar a pele (Cf. vv. 1920-1921[157]). De regresso ao castelo, Gawain[158] é o primeiro a pagar o seu tributo dando três beijos ao senhor que afirma sentir que a pobre pele[159] que lhe traz não é suficiente para pagar o que recebeu (Cf. vv. 1945-1947[160]).

À despedida para o repouso, Gawain mostra gratidão para com o anfitrião, agradecendo-lhe tudo o que fez por ele. O senhor põe à sua disposição um servo para o guiar no dia seguinte até à Capela Verde. Gawain também se despede das damas e da restante corte antes de ir descansar. O poeta faz uma breve interrupção na narrativa, anunciando ao leitor o que se segue:

> Let hym lyȝe þere stille,
> He hatz nere þat he soȝt;

---

[156] Cada homem ali o
Admirava e disse: 'Em verdade,
Assim feliz ele nunca esteve
Desde que chegou aqui, antes de agora.

[157] E depois eles tomam Renart/E arrancam a sua pele (*SGCV*, 1920-1921). O nome que o Poeta de *Gawain* dá à raposa é uma clara referência ao *Roman de Renart*, cujas histórias mais antigas remontam ao século XII.

[158] Apelidado neste passo específico "the good" (v. 1926).

[159] Se regressarmos à teoria que compara Gawain aos animais caçados, os autores que mencionámos (Clein, 1987, etc.) tecem reflexões que mostram que a escolha da raposa não é inocente. Uma vez que é matreira, Gawain também o seria, porque esconde o bem mais precioso que recebe naquele dia, a faixa verde.

[160] E isto é muito pobre para pagar por tais coisas preciosas
Como as que vós me tendes dado aqui, três tais beijos
Tão bons.' (*SGCV*, 1945-1947).

And ȝe wyl a whyle be stylle
I schal telle yow how þay wroȝt. (*SGGK*, 1994-1997[161]).

De facto, o herói terá muito em que pensar no dia seguinte, por isso merece o seu descanso. De notar que, em toda esta grande secção da Tentação, está sempre presente, na mente do herói, uma noção de medo/fatalidade que o Jogo da senhora não deixa desaparecer. A justaposição das cenas de caça e das cenas de sedução na alcova reforçam o perigo que pende sobre a cabeça do cavaleiro, uma presa igualmente, lutando pela sobrevivência.

1.4 O jogo final

A quarta e última secção do poema traz o início do Ano Novo num cenário desolador: os ventos frios do Norte trazem a neve e todas as criaturas e a terra ficam geladas (Cf. vv. 2000-2005[162]). Cenário concordante com os pensamentos de Gawain que, sem dormir a cada hora que passa pensa no desafio que se aproxima. Ergue-se do leito e pede ao camareiro que o ajude a preparar-se ainda de noite (Cf. vv. 2009-2023).

Na estrofe 81, o poeta informa o leitor de que Gawain não esquece a faixa verde e ata-a em redor de si mesmo (Cf. 2030-2036[163]). De facto, a faixa verde deve contrastar com as suas roupas vermelhas. Anota também o poeta que Gawain não usa a faixa pela beleza ou riqueza mas por necessidade:

Bot wered not þis ilk wyȝe for wele þis gordel,
For pryde of þe pendauntez, þaȝ polyst þay were,
And þaȝ þe glyterande golde glent vpon endez,

---

[161] Deixai-o ficar deitado ali quieto
Ele tem próximo o que procurou
E se vós por um momento aguardardes
Contar-vos-ei como eles agiram.

[162] Mas os ferozes climas do mundo acordam lá fora
As nuvens lançam amargamente o frio sobre a terra
Com muita amargura do Norte para os nus atormentar;
A arrepiada neve amarga caía e cruelmente mordia os animais selvagens;
O vento uivante apressava-se das alturas,
E circula por cada vale cheio de flocos de neve muito grandes. (*SGCV*, 2000-2005).

[163] No entanto ele não omitiu o cinto, o presente da senhora,
Isso Gawain não esqueceu para o seu próprio bem.
Quando ele tinha colocado à cintura a espada sobre a anca robusta,
Então ele o seu penhor de amor duas vezes à sua volta enlaçou
Rapidamente o apertou à volta da sua cintura com prazer o cavaleiro
A faixa de verde seda e muito bem ela ficava
Sobre aquele real tecido vermelho que era nobre de contemplar. (*Idem*, 2030-2036).

Bot for to sauen hymself, when suffer hym byhoued,
To byde bale withoute dabate of bronde hym to were
oþer knyffe. (*Idem:* 2037-2042[164]).

Gringolet já espera o seu amo no exterior e, antes de partir, Gawain agradece mais uma vez a todos e reza por toda a corte, esperando poder recompensá-los um dia pelo bem que lhe fizeram, e parte com o servo que o amo do castelo lhe designou (Cf. estrofe 82).

O cenário que os dois homens percorrem é desolador: gelo, neve, humidade e nevoeiro nas charnecas. Riachos violentos caem em cascata pelos bosques que atravessam. Quando chegam a uma colina com o nascer do sol, o servo[165] dirige-se a Gawain, num longo discurso que ocupa toda a estrofe 84 e metade da 85: fala-lhe da ferocidade do Cavaleiro Verde e conta-lhe que ninguém sobrevive aos seus golpes (Cf. vv. 2091-2117). Implora-lhe que não vá à capela Verde, que siga outro caminho e que ele guardará o seu segredo e nunca dirá a ninguém que ele fugiu do inimigo:

'Forþy, goude Sir Gawayn, let þe gome one,
And gotz away sum oþer gate, vpon Goddez halue!
Cayrez bi sum oþer kyth, þer Kryst mot yow spede,
And I schal hyȝ me hom aȝayn, and hete yow fyrre
Þat I schal swere bi God and alle his gode halȝez,
As help me God and þe halydam, and oþez innoghe,
Þat I schal lelly yow layne, and lance neuer tale
Þat euer ȝe fondet to fle for freke þat I wyst.' (*Idem:* 2118-2125[166]).

---

[164] Mas ele não usava pela riqueza esta faixa,
Por orgulho dos pingentes, embora polidos estivessem
Nem pelo brilhante ouro resplandecente nas pontas,
Mas para se salvar a si mesmo, quando tivesse de sofrer,
Enfrentar a morte sem lhe resistir com a espada [ou] defender-se
Com outra lâmina.

[165] Brian Stone, numa nota de rodapé à tradução desta estrofe, tece comentários interessantes acerca da verdadeira identidade deste servo: "More than one commentator has suggested that this servant is the Green Knight in yet another shape. In the analogues the Tempter or Antagonist often assumed an unexpected guise in order to subject the hero to an extra ordeal. Since the Antagonist (Sir Bertilak or the Green Knight) is never shown to us at the same time as the servant guide, and this functionary has a directness of speech like that of the Green Knight, the suggestion seems to be a good one." (*SGGK*, 1965: stanza 83). Num jogo constante de troca de identidades isto não será, de todo impossível.

[166] 'Por esta razão, bom Sir Gawain, deixai o homem em paz
E ide por outro caminho, pelo amor de Deus!
Cavalgai por outra terra e ali Cristo vos faça prosperar.
E eu partirei para casa de novo e para além disso vos prometo
Que jurarei por Deus e todos os seus bons santos,
Assim me ajude Deus e o Espírito Santo e muitos juramentos,
Que eu fielmente guardarei o vosso segredo e nunca direi palavra
Sobre vós terdes alguma vez avançado para fugir de algum homem que eu saiba.'

Neste momento há que pensar se esta não será a última tentação de Gawain[167]. Mesmo antes de alcançar o seu objetivo, e depois de ter sido tentado na sua castidade e cortesia, surge um último teste, desta vez às suas virtudes de cavaleiro.

Gawain mostra-se agradecido e com alguma pena (Cf. v. 2126 no qual o poeta diz que Gawain fala com pena – 'gruchyng'), mas recusa porque, se fugir, torna-se um cavaleiro cobarde: "I were a kny3t kowarde, I my3t not be excused." (*Idem*, v. 2131). A estrofe termina com um voto de confiança de Gawain em Deus quando diz que ainda se poderá salvar (Cf. vv. 2136-2139[168]).

Já na estrofe 86, o servo parte depois de indicar o caminho a Gawain e concluir que o cavaleiro quer morrer, dizendo-lhe que não o acompanharia nem por todo o ouro do mundo. Gawain fica de novo só e reitera a confiança no único que o pode salvar, Deus. (Cf. vv. 2156-2159[169]).

Continua Gawain para o ermo que o espera: espaço rochoso, isolado. É uma colina, com aparência de túmulo antigo, com duas entradas escavadas, uma de cada lado. O cavaleiro chega à conclusão de que se aquilo é uma capela, só Satanás lá pode ter culto (Cf. 2185-2188[170]). Gawain começa a desconfiar, nos primeiros versos da estrofe 88, que tudo se trata de uma invenção do próprio diabo para o destruir.

Subitamente ouve um som assustador, como se uma foice estivesse a ser afiada numa pedra de amolar. Gawain sabe ser para si aquela receção e avança sem medo:

> Let God worche! "We loo"–
> Hit helppez me not a mote.
> My lif þa3 I forgoo,
> Drede dotz me no lote. (*Idem,* 2208-2211[171]).

---

[167] Ideia já sugerida por Donald Howard, no seu estudo sobre cavalaria de 1966, "Chivalry and the Pride of Life: *Sir Gawain and the Green Knight*".

[168] Embora ele seja um duro homem
Para enfrentar e esteja ali com uma arma
Muito bem pode Deus conseguir
Os seus servos salvar. (*SGCV*, 2136-2139).

[169] 'Por Deus', disse Gawain,
'Eu não chorarei nem lamentarei
À vontade de Deus muito obedeço
E a Ele estou entregue.' (*Idem*, 2156-2159).

[170] 'Ah! Senhor', disse o gentil cavaleiro
'Poderá isto ser a capela verde?
Aqui podia à meia-noite
O diabo as suas matinas dizer!' (*Idem*, 2185-2188).

[171] Seja o que Deus quiser! Pois bem –
Isso não me ajuda nem um pouco.
Embora eu entregue a minha vida
Nenhum som me mete medo.

Gawain pergunta em alta voz quem é o senhor daquele lugar[172], com quem tem encontro marcado, anuncia o seu nome: "Good Gawain"[173] (Cf. v. 2214) e chama o Cavaleiro Verde para o desafio, agora ou nunca.

De cima da zona onde o cavaleiro se encontra alguém lhe ordena que ali permaneça para receber o que foi acordado. O oponente de Gawain fica ainda mais algum tempo a afiar a sua arma ("...er he wolde lyȝt;[174]", v. 2220) e apresenta-se diante do herói, com um enorme machado dinamarquês[175], pronto para o defrontar. Gawain nem o saúda, mas permanece firme, recebendo um elogio do inimigo que o reconhece cumpridor da sua palavra: "Þat oþer sayde, 'Now, sir swete,/Of steuen mon may þe trowe.'" (*Idem*, 2237-2238[176]).

O Cavaleiro Verde saúda-o e diz-lhe que estão a sós, podendo levar a cabo a tarefa que os espera. E pede a Gawain que não tente argumentar de forma alguma[177], uma vez que ele também não o fez na corte de Artur. Gawain assente pedindo-lhe apenas que se cinja a um só golpe (Cf. 2250-2254). Inclina o pescoço para receber o que foi acordado.

Na estrofe 91, o Cavaleiro Verde brande a sua arma para atingir Gawain. No entanto, quando vislumbra de relance o machado, o herói encolhe-se um pouco: "And schranke a lytel with þe schulderes for þe scharp yrne." (*Idem*, 2267[178]). O Cavaleiro Verde não perde a oportunidade para, em tom jocoso, tecer comentários pouco favoráveis a Gawain, lembrando-o de que não se mexeu quando este lhe cortou a cabeça na corte de Artur (Cf. vv. 2270-2279). O envergonhado cavaleiro reitera que não se voltará a mexer acrescentando, no entanto, que, se a sua cabeça cair no chão, não a poderá restaurar (como o oponente fizera na corte de Artur).

À segunda tentativa, Gawain não se mexe nem um centímetro e o inimigo aproveita para comentar de novo a situação, afastando a arma do herói (Cf. 2296-2298). Isto enfurece Gawain que afirma que, se calhar, quem agora hesita é o próprio Cavaleiro Verde: "I hope þat þi hert arȝe

---

[172] Perfeita reminiscência da entrada do Cavaleiro Verde na corte de Artur.

[173] Myra Stokes, no seu estudo de 2005, já tinha referido que a palavra 'good' aparece demasiadas vezes associada ao nome de Gawain para ser apenas por razões ligadas à aliteração (Cf. Stokes, 2005). A autora está convencida de que é o cognome de Gawain e um dos exemplos que dá é o facto de ser ele mesmo a dizer o seu nome neste verso em particular: "gode Gawayn" (v. 2214).

[174] Diz o texto que voltou para afiar a arma enquanto lhe apetecesse *antes de querer descer.*

[175] Que apenas difere do machado que deixou na corte de Artur pelo facto de este último ter um espigão em cima.

[176] O outro disse, 'Agora, bom senhor, /Pode confiar-se em vós para desafios.'

[177] Será este um comentário humorístico do poeta que conhece os textos dos ciclos da Vulgata e Pós-Vulgata nos quais os cavaleiros se perdem em discursos enormes antes de defrontarem os seus inimigos?

[178] E encolheu-se um pouco com os ombros diante da arma afiada.

wyth þyn awen seluen." (*Idem,* 2301). O gigante verde garante que agora não haverá mais hesitação e Gawain prepara-se para o golpe final, sabendo que já quase não há salvação possível:

> Þenne tas he hym stryþe to stryke,
> And frounsez boþe lyppe and browe;
> No meruayle þaȝ hym myslyke
> Þat hoped of no rescowe. (*Idem*, 2305-2308[179]).

Assim, o Cavaleiro Verde atinge Gawain mas, em vez de lhe cortar a cabeça, faz-lhe apenas uma pequena ferida no pescoço, que sangra para a neve[180] que está no solo: "Þe scharp schrank to þe flesche þurȝ þe schyre grece[181] /Þat þe schene blod ouer his schulderes schot to þe erþe;" (*Idem*, 2313-2314[182]).

Antes de se avançar na narrativa, é pertinente destacar que, mais uma vez, o poeta traça um paralelo, desta vez entre as cenas do quarto e a tensão do desferir do golpe mortal em Gawain. Da primeira vez, Gawain encolhe-se (recordando o seu espanto e quase inação aquando da primeira visita da senhora); na segunda vez, o cavaleiro permanece firme (lembrando que, no segundo dia, Gawain estava mais preparado e lutou com mais bravura contra os avanços da senhora); na terceira e última vez, Gawain está resignado e aceita o seu destino (um pouco como a sua resignação em permanecer no castelo para o terceiro teste e a forma como aceitou o presente da senhora, sendo exatamente por esta aceitação que sofre o pequeno golpe no pescoço).

Vendo-se ainda com vida, Gawain rapidamente pega na sua espada (feliz, como aponta o poeta no verso 2321: "Watz he neuer in þis worlde wyȝe half so blyþe...") e diz ao inimigo que, se o atacar com mais golpes do que aquele que estava acordado, desta vez responderá:

> 'Blynne, burne, of þy bur, bede me no mo!
> I haf a stroke in þis sted withoute stryf hent,
> And if þow rechez me any mo, I redyly schal quyte,

---

[179] Então tomou ele a sua posição para atacar,
E franziu sobrolho e lábios
Nenhum espanto no entanto que a Gawain desgoste
Que não esperava nenhuma salvação.

[180] Imagem da falha na sua perfeição?

[181] Impossível não recordar neste momento a passagem em que descrevem a preparação das corças caçadas no primeiro dia em Hautdesert. Falam exatamente de escolher os animais com mais gordura para serem preparados (abertos, órgãos extirpados e desossados): "Þe best boȝed þerto with burnez innoghe,/Gedered þe grattest of gres þat þer were,/And didden hem derely vndo as þe dede askez;/Serched hem at þe asay summe þat þer were,/Two fyngeres þay fonde of þe fowlest of alle." (*SGGK*, 1325-1329). Gawain também foi 'caçado', apanhado numa armadilha da qual não pode escapar.

[182] A lâmina entrou na carne superficialmente / E o brilhante sangue pelos seus ombros se derramou pelo solo;

And ȝelde ȝederly aȝayn–and þerto ȝe tryst–
and foo.
Bot on stroke here me fallez–
Þe couenaunt schop ryȝt so,
Fermed in Arþurez hallez–
And þerfore, hende, now hoo!'

O cavaleiro Verde abandona a sua postura bélica (quando estava de arma em punho), apoia-se no machado como se este fosse um bastão[183] e observa Gawain, contente por vê-lo corajoso no seu interior. Procura descansá-lo, revelando a sua verdadeira identidade. Foi ele, o senhor de Hautdesert, quem orquestrou todo aquele teste e Jogos da Troca de Ganhos e Tentação:

I hyȝt þe a strok and þou hit hatz, halde þe wel payed;
I relece þe of þe remnaunt of ryȝtes alle oþer.
Iif I deliuer had bene, a boffet paraunter
I couþe wroþeloker haf waret, to þe haf wroȝt anger.
Fyrst I mansed þe muryly with a mynt one,
And roue þe wyth no rof-sore, with ryȝt I þe profered
For þe forwarde þat we fest in þe fyrst nyȝt,
And þou trystyly þe trawþe and trwly me haldez,
Al þe gayne þow me gef, as god mon schulde.
Þat oþer munt for þe morne, mon, I þe profered,
Þou kyssedes my clere wyf–þe cossez me raȝtez.
For boþe two here I þe bede bot two bare myntes
boute scaþe.
Trwe mon trwe restore,
Þenne þar mon drede no waþe.
At þe þrid þou fayled þore,
And þerfor þat tappe ta þe.

'For hit is my wede þat þou werez, þat ilke wouen girdel,
Myn owen wyf hit þe weued, I wot wel for soþe.
Now know I wel þy cosses, and þy costes als,
And þe wowyng of my wyf: I wroȝt hit myseluen.
I sende hir to asay þe, and sothly me þynkkez
On þe fautlest freke þat euer on fote ȝede;
As perle bi þe quite pese is of prys more,
So is Gawayn, in god fayth, bi oþer gay knyȝtez.
Bot here yow lakked a lyttel, sir, and lewté yow wonted;
Bot þat watz for no wylyde werke, ne wowyng nauþer,
Bot for ȝe lufed your lyf; þe lasse I yow blame.' (*Idem*, 2341-2368[184]).

[183] Mudança de postura de guerreiro para pastor, pronto a receber a confissão de toda a verdade?
[184] Eu prometi-vos um golpe e vós o recebestes, considerai-vos bem pago;
Liberto-vos de quaisquer outros direitos remanescentes.
Se mais enérgico tivesse sido, um golpe talvez
Eu podia mais duramente ter dado, e trazer-vos mal.
Primeiro ameacei-vos a brincar com apenas um ensaio,
E não vos abri nenhuma ferida, com direito vos ofereci
Pelo pacto que fizemos na primeira noite,
E vós fielmente e verdadeiramente a vossa palavra comigo mantivestes,
Todos os ganhos me destes como um bom homem devia.

Ao saber-se culpado de uma falta assim (e, mais que culpado, apanhado por toda a gente que estava envolvida no jogo de engano de que é vítima), a Gawain resta envergonhar-se. No entanto, antes de analisar a reação do cavaleiro de Artur, é fulcral compreender a natureza desta falta, falha (representada também fisicamente na ferida que deixará uma cicatriz em Gawain).

Em primeiro lugar, como se pode constatar numa leitura simples dos versos acima citados, o senhor de Hautdesert não acusa Gawain. Ele – quase figura paterna – explica-lhe toda a situação e até o elogia, dizendo que foi fiel em quase tudo o que se passou, e que apenas falhou num pormenor – *lealdade* – que vale a pena discutir linguisticamente.

Tolkien, no seu ensaio sobre a obra e o autor (que proveio de uma conferência que fez em 1953 sobre o poema – Cf. Tolkien 2006 [1953]) faz uma pequena nota sobre o significado da palavra 'lawté', que está no texto de partida no momento em que o amo de Hautdesert explica em que é que consiste a falha de Gawain (Cf. v. 2366). Embora na sua tradução (publicada postumamente em 1975) Tolkien tenha traduzido a expressão por 'loyalty' (por falta de melhor termo – recorde-se que o autor nunca chegou a dar por terminado o seu trabalho no poema antes de morrer), defende no seu texto que o étimo em Inglês Médio não dava tanto a ideia de lealdade, mas de legalidade e é nisto que o Cavaleiro Verde diz que Gawain falhou. Neste sentido, torna-se clara a razão pela qual o ex-oponente não parece dar muito valor a esta pequena falta de Gawain, já que o achou justo e verdadeiro em coisas mais graves de índole moral.

Há outros autores que olham para a falha de Gawain – e subsequente ferida – de outras formas. Destacamos a visão de Paul Reichardt que, em 1985, ligava a ferida de Gawain às cinco

---

O outro ensaio de golpe pela manhã, homem, eu vos ofereci
[quando] vós beijastes a minha graciosa mulher – os beijos me oferecestes
Pelos dois aqui eu apenas vos ofereci dois meros ensaios
Sem ferimento.
O homem honesto honestamente repara
Aí o homem não precisa de temer o perigo.
Ao terceiro [dia] vós ali falhastes,
E por essa razão aquele pequeno golpe vós recebestes.'
'Pois é a minha peça que envergais, essa mesma faixa urdida
A minha própria mulher vo-la deu, eu o sei bem
Agora sei bem dos vossos beijos e também do vosso comportamento
E da vossa corte à minha mulher: urdi-a eu mesmo.
Mandei-a para vos testar e parecestes-me verdadeiro
Um dos cavaleiros mais perfeitos que alguma vez andaram sobre a terra
Como a pérola que diante do grão-de-bico tem mais valor,
Assim é Gawain, em verdade, diante dos outros belos cavaleiros
Mas nisto estivestes um pouco aquém, Sir, e em lealdade falhastes.
Mas isso não foi por artístico objeto nem por nenhuma corte
Mas porque amáveis a vossa vida: menos vos culpo.'

Chagas e Cristo que são um dos 'cinco' referidos na descrição do pentagrama, antes de partir da corte de Artur. Esta ferida, segundo o autor, evoca a referência anterior às Chagas de Cristo que é feita aquando da descrição da armadura de Gawain. Mas a ferida de Gawain é para a personagem sinal da sua culpa e deve ser revelada a todos como expiação: "The sacred wounds of Christ offer a striking contrast to Gawain's wound of «vnleuté», 'disloyalty', of course." (Reichardt, 1984: 154).

Esta ligação serve ainda para mostrar a Gawain a sua fraqueza humana: "...the memento mori aspect of Christ's wounds is a reminder that however great a knight Gawain is, he is still mortal and thus vulnerable to the blow of the mysterious Green Knight's ax." (*Idem*). No entanto, é a devoção de Gawain a estas Chagas que lhe dará o perdão: "...Gawain's devotion to these wounds gives him access to a clement Saviour who shows pity to the sinful, the fearful and the dying." (*Ibidem*). Logicamente toda esta interpretação depende da forma como se olha para a ferida de Gawain. Para ajudar a esta visão particular e sua compreensão, o autor lista as diferentes formas como a questão da ferida era olhada na Idade Média: das noções platónicas e aristotélicas às questões levantadas por S. Tomás de Aquino na sua *Summa Theologica*, tudo serve para mostrar que as feridas no corpo tinham também a sua repercussão na alma e na santificação da mesma.

Um segundo ponto levantado por Reichardt reflete acerca do sítio onde Gawain sofre essa ferida: o pescoço. O autor repesca muitos textos bíblicos que mostram a aceção de 'pescoço' não só como divisão entre o material e o racional, mas também como o centro da vontade e do orgulho, ambos feridos em Gawain: "Since, as we have just seen, the neck (and more precisely the *cérvix*, or back of the neck) represents both a zoological and a biblical image of willfulness and pride, then it is certainly significant that Gawain's «nirt» is inflicted on his «nole», or *cérvix*." (*Idem:* 157). No entanto, as consequências da sua falha vão para além do domínio do pessoal, uma vez que ele está a jogar aquele jogo em nome da corte de Artur:

> ...if Gawain is meant to be the representative of Camelot (which surely he is), then the threat of beheading that hangs over the plot of *Gawain* may be related to the impending dissolution of the Arthurian body politic through the corruptive pride of its own knights. As sign, Gawain's wound points to the cervical vulnerability of Camelot through the stiff-necked pride and instable wills of Arthur's noblemen. (*Idem:* 158).

Metonimicamente, se as Chagas de Cristo podem curar a ferida interior de Gawain, também poderiam ter sido a solução para Camelot, se assim os seus membros o tivessem querido

o que, segundo o autor, se poderia adivinhar nos últimos versos do poema: "Now þat bere croun of þorne, / He bryng vus to his blysse![185] Amen" (Cf. *Idem:* 160).

Ainda com uma linha de pensamento semelhante a esta há o estudo a que já nos referimos, da autoria de Donald Howard, de 1966, sobre a cavalaria. Nele, o autor defende que a falha de Gawain é apresentada em termos religiosos, embora haja uma falha no código da cavalaria que se prende com o facto de ocultar o que recebera ao seu anfitrião. Defende que o tema do texto é um apenas: "...that because of human frailty *no* knight can be perfect, and that in striving for perfection one must therefore learn humility." (Howard, 1966: 219).

Mas o principal dilema da cavalaria era o facto de ser uma coisa deste mundo, o que entrava em choque com os ideais cristãos que o cavaleiro também devia ter. Devia procurar preservar a sua alma mas também o seu corpo e aqui entra em jogo aquilo que o autor chama "the pride of life" que, segundo ele, será o principal dilema que levará à falha de Sir Gawain.

Embora não nos revejamos na interpretação que este autor faz da confissão de Gawain como sacrílega, há algumas considerações que este tece sobre o percurso da personagem que vale a pena ter em conta. Uma das mais pertinentes é o facto de a culpa de Gawain ter que ver com os meios que ele utiliza para se salvar e não exatamente com o desejo – justo! – de salvar a sua vida: "Gawain is guilty not because he desires «to sauen hymsself», but because in order to do so he uses worldly means in the wrong way." (*Idem:* 230). Defende ainda este autor que o que torna a ação de Gawain pecaminosa é a própria *delectatio* que tem no momento em que a senhora lhe descreve os poderes da faixa verde uma vez que se põe a pensar o quão bom seria ser salvo por ela.

Uma última nota de destaque para o texto deste autor, mais explicitamente para o momento em que afirma que que a história do cavaleiro é contada com humor, uma vez que toda a gente acha graça à falha de Gawain, menos ele mesmo:

> Hence the comic balance with which the poet treats the chivalric ideal encompasses, almost miraculously, the saddest and most tragic facts about the World: that the flesh is weak and the World imperfect, that all our best ideals are impossible of fulfilment, and that, for everyone but the blessed martyrs, pride of life is a condition of life itself. (*Idem:* 254).

[185] Assim Aquele que a coroa de espinhos [teve] agora/Nos leve à Sua felicidade! AMEN

A falha de Gawain dá-se devido ao seu instinto de sobrevivência, que o Cavaleiro Verde chama de 'amor à vida'. Como aponta Conor MacCarthy, é um medo primitivo este, a que nem os melhores conhecedores de doutrina cristã, texto bíblico ou padres da Igreja poderiam escapar:

> Gawain fails, when he does fail, out of love for his own life (2368), having successfully overcome the worldly temptations of lust and avarice. Valerie Allen, citing Thomas Aquinas, identifies the fear that causes Gawain to break his *trawþe* in order to save his life as worldly fear: 'fear of death, bodily injury, loss of possessions and the like are all instances of worldly fear [. . .].' Aquinas' division of fear into the categories of filial fear, initial fear, servile fear and worldly fear is taken from Peter Lombard's influential text, the *Sentences*,37 and his condemnation of worldly fear is based upon *Matthew* x.28, 'Be not afraid of those who kill the body,' a Biblical quotation that seems very relevant to Gawain's predicament. (McCarthy 2001: 303).

É por esta falha que Gawain se vê espantado, desgostoso, embaraçado e até chega a corar de vergonha. Quando consegue falar, é para confessar toda a verdade dos acontecimentos e da sua culpa ao Cavaleiro Verde:

> 'Corsed worth cowarddyse and couetyse boþe!
> In yow is vylany and vyse þat vertue disstryez.'
> Þenne he kaȝt to þe knot, and þe kest lawsez,
> Brayde broþely þe belt to þe burne seluen:
> 'Lo! þer þe falssyng, foule mot hit falle!
> For care of þy knokke cowardyse me taȝt
> To acorde me with couetyse, my kynde to forsake,
> Þat is larges and lewté þat longez to knyȝtez.
> Now am I fawty and falce, and ferde haf ben euer
> Of trecherye and vntrawþe: boþe bityde sorȝe
> and care!
> I biknowe yow, knyȝt, here stylle,
> I fawty is my fare;
> Letez me ouertake your wylle
> And efte I schal be ware.' (*SGGK*, 2374-2388[186]).

---

[186] 'Malditas sejam ambas a cobardice e a avareza!
Em vós está a vilania e o vício que destroem a virtude.'
Depois ele tomou o nó e o laço desfez
Lançou com ferocidade o cinto ao próprio cavaleiro:
'Vede! Aí [está] o falso objeto, que o mal lhe calhe!
Por preocupação com o vosso golpe a cobardice indicou-me o caminho
Para consentir em avareza, a esquecer o meu caráter por natureza
Que é a generosidade e a lealdade que pertencem aos cavaleiros.
Agora sou imperfeito e falso, eu que sempre medo tive
Da traição e da falta de palavra: ambas trazem tristeza
E pesar.'
Eu confesso-vos, cavaleiro, humildemente,
Todo imperfeito é o meu comportamento
Deixai-me ganhar de novo a vossa boa vontade
E depois eu tomarei cuidado.'

Este pecado do 'amor à vida' é tomado por Gawain com proporções gigantescas e as acusações que faz contra si mesmo mostram a gravidade que atribui a toda a situação. É uma cena de confissão como se de um sacramento se tratasse, uma vez que o cavaleiro pede ao senhor de Hautdesert que o deixe ganhar a sua graça de novo. Já David Aers destacava este facto no seu estudo, já citado, de 1997: "Burrow demonstrated how the dialogue between the Green Knight and Gawain elicits 'confessional self-analysis', a request for penance, 'an act of restitution' and a concluding 'absolution' (Burrow 1965, 128-132)." (Aers, 1997: 97).

Por outro lado há duas coisas de que Gawain se acusa sobre as quais é imperativo refletir. Justo seria pensar que se acuse de cobardia, uma vez que guardou a faixa por ter medo de morrer. No entanto, também se acusa de 'coveting' e é um facto que é de espantar, uma vez que resistiu a todas as tentações contra a pureza. Neste sentido, poder-se-ia pensar que Gawain não teria cometido nenhum pecado capital. Daí estranhar que se acuse de avareza. A este respeito, Jane Gilbert, no seu estudo de 1997 sobre género no poema, parece levantar algumas questões a este respeito e tecer considerações que parecem válidas.

Ao jogar os Jogos da Tentação e Troca de Ganhos, Gawain está sujeito a gestos contra a castidade e os valores da cavalaria (que, para o herói são virtudes cardeais, representadas pelo seu pentagrama). Neste sentido, a autora pensa que Gawain se sente assim pelos beijos que teve de dar ao senhor de Hautdesert, uma vez que não provinham de laços de irmandade, mas de uma tradição claramente ligada ao amor (e ao Amor Cortês): "In Gawain's case, he wishes to show Bertilak that he feels greater allegiance to such homosocial bonds than to heterosexual ones (...)." (Gilbert, 1997: 65).

No entanto, nem todas as visões da culpa de Gawain são assim lineares. Há autores, como por exemplo Derek Pearsal, que julgam que o herói se sente assim ferido não pelo ato em si, mas pelo facto de ter sido apanhado em flagrante (e por toda uma miríade de pessoas que estavam envolvidas no plano de Morgan): "His shame is not in the act but in the making public of what he thought was private. This is what he can never live down, and the pain of it is greater than the suffering caused by any guilt." (Pearsall, 1997: 357).

Numa última consideração sobre este sentimento de Gawain, David Hills, no seu trabalho sobre a culpa de Gawain, de 1963, aponta o facto de haver uma aparente contradição entre a culpa que Gawain confessa e a perceção da mesma por Bertilak e pelo próprio poeta.

Como já se apontou, Gawain acusa-se de Avareza (*couvetousness*). Mas de uma avareza que vai para além do material e se centra no amor a si mesmo, que se torna maior do que o amor dado a Deus, o que faz deste pecado um dos sete capitais. Daí Gawain aceitar a faixa da esposa de Bertilak: por se amar acima de tudo. No entanto, quando reconhece a sua culpa, Gawain leva-a muito a sério, enquanto todos os outros se parecem rir dela.

A fraqueza de Gawain é compreensível, uma vez que deriva do medo natural que advém do instinto de sobrevivência. O seu medo é, pois, justificável. Por essa mesma razão, a justificação e glorificação de Gawain está na sua falha[187]. E isso não poderia ser mais cristão, uma vez que um cristão acredita que Cristo, ao ser morto por uma culpa que lhe pertence a si, lhe deu a salvação eterna. Para um cristão, a lembrança eterna deste facto é o crucifixo que tem para devoção: "That Gawain shows a sense of guilt in spite of the mitigating circumstances is a measure of his coming as near as is humanly possible to the ideal of Christian knighthood." (Hills, 1963:131).

A reação do Cavaleiro Verde é cordial, ligeira e benevolente. Perdoa-lhe a falta (Cf. vv. 2390-2394[188]) e oferece-lhe a faixa verde como recordação das aventuras na Capela Verde. Convida-o a vir reconciliar-se com a sua esposa, que agiu como sua inimiga. Já na estrofe 97, Gawain recusa o convite e diz que tem de partir. Manda saudações às duas damas da corte que o enganaram[189] (cf. vv. 2411-2413[190]). E prossegue a sua reflexão explicando que, se grandes nomes bíblicos foram enganados por mulheres, ele próprio alguma desculpa há-de ter para o ser também:

> Bot hit is no ferly þaȝ a fole madde,
> And þurȝ wyles of wymmen be wonen to sorȝe,
> For so watz Adam in erde with one bygyled,
> And Salamon with fele sere, and Samson eftsonez–
> Dalyda dalt hym hys wyrde–and Dauyth þerafter
> Watz blended with Barsabe, þat much bale þoled.
> Now þese were wrathed wyth her wyles, hit were a wynne huge
> To luf hom wel, and leue hem not, a leude þat couþe.
> For þes wer forne þe freest, þat folȝed alle þe sele
> Exellently of alle þyse oþer, vnder heuenryche
> þat mused;

---

[187] *Felix Culpa*?

[188] 'Eu considero com certeza reparado o mal que tive.
Vós confessastes-vos tão puramente, admitistes as vossas falhas,
E tivestes a penitência clara da ponta da minha lâmina,
[que] eu considero-vos purgado dessa ofensa e purificado tão limpamente
Como se nunca tivésseis cometido pecado desde que nascestes; (*SGCV*, 2390-2394).

[189] Entenderá o herói que estão ligadas, que são 2 faces da mesma Mulher?

[190] E dai o meu cumprimento àquela graciosa senhora, vossa bela mulher,
Tanto a ela como àquela outra, as minhas damas honradas,
Que assim o seu cavaleiro com os seus truques habilmente enganaram. (*Idem,* 2411-2413).

> And alle þay were biwyled
> With wymmen þat þay vsed.
> Þaȝ I be now bigyled,
> Me þink me burde be excused. (*SGGK,* 2414-2428).

Aqui neste passo as opiniões críticas têm-se dividido quanto ao verdadeiro significado das palavras de Gawain. Será um discurso misógino ou humorístico? Julgamos ser possível sintetizar essas visões com três grandes ideias, defendidas por autores diferentes.

Em primeiro lugar, destacamos a visão expressa por Brian Stone, na sua tradução. A estes versos, Stone acrescenta uma nota de rodapé: "It is interesting to find this stock anti-feminist tirade of the medieval preachers in the mouth of a knightly hero of Romance. By it, the poet confirms his only real allegiance, to the Church." (*SGGK*, 1964: stanza 97). Esta seria uma visão religiosa ligada à Idade Média, na qual seria fácil atribuir todas as culpas ao género feminino.

Em seguida, há o discurso que se coloca no pólo oposto, fruto dos estudos de género e feminismo. Bonnie Lander, no seu artigo de 2007 sobre a obra, chama a atenção para a diferença no registo de língua deste discurso de Gawain sobre as mulheres, que só vem mostrar uma outra falha de Gawain que se estenderá por osmose – e omissão da mesma – à corte de Artur: a falta de reverência pela mulher:

> The last two decades have seen an increase in critical attention to Gawain's angry and defensive speech. One of the most noted characteristics of this speech is that while the poem itself can be said to comment on it, neither the narrator nor the Green Knight offer any remark. Given that Gawain's words represent a significant breach of the *trawthe* he maintains so meticulously throughout the text, this lack of commentary from both observers is a notable absence. What has not received critical attention is the fact that the absence of explicit commentary on this particular failure allows Gawain himself to let it pass unremarked. This in turn means that Gawain does not 'wear' this breach of *trawthe* as he wears his *couardise* and *covetyse* on his return to Camelot. Subsequently, Camelot is unable to reappropriate Gawain's other failure within its system of virtue, as it does his declared *couardise* and *covetyse*. Gawain's neglect of reverence for women – witnessed by the Green Knight, the narrator, and the reader – is therefore a permanent and irredeemable failure. By first understanding the exact nature of Hautdesert's testing of Camelot and Gawain, the permanence of this breach of courtesy can be seen as that test's ultimate triumph. (Lander, 2007: 41).

Olhar para este discurso com a visão de Lander seria negar toda a tradição primitiva que liga Gawain aos cultos pagãos nos quais ele é filho e esposo da deusa e não faria sentido nenhum num herói que o poeta procura manter autóctone. A este tópico regressaremos no capítulo 5.

Em terceiro e último lugar, uma visão mais simples que se prenderá mais com o real motivo do discurso de Gawain. Para Derek Brewer, no seu estudo de 1997 sobre cortesia em Gawain, este discurso marca o afastamento definitivo de Gawain não da cortesia (à qual nunca

pode falhar porque faz parte da sua natureza) mas do sistema de Amor Cortês (Cf, Brewer, 1997: 77), que rejeita com violência (daí a diferença de registo). E, se olharmos para os nomes bíblicos que Gawain aponta: Salomão, Sansão, David, Adão, são todos considerados da realeza ou ligados à corte ou ainda fundacionais/líderes, daí poderem ter tido contacto com ideiais associados ao Amor Cortês, que parece estar sempre relacionado com o poder ou com posições de destaque, concretizando-se em momentos de tentação, falha e posterior arrependimento (e remissão) dos heróis.

Depois desta reflexão de Gawain na narrativa, este aceita a faixa verde, não pelo seu valor mas como recordação da sua falta: "Bot in syngne of my surfet I schal se hit ofte," (*SGGK*, 2433[191]). Pergunta também ao Cavaleiro Verde o seu verdadeiro nome. Este finalmente revela quem é, o seu nome e a origem de todos os eventos sobrenaturais:

> 'Bertilak de Hautdesert I hat in þis londe.
> Þurȝ myȝt of Morgne la Faye, þat in my hous lenges,
> And koyntyse of clergye, bi craftes wel lerned,
> Þe maystrés of Merlyn mony hatz taken–
> For ho hatz dalt drwry ful dere sumtyme
> With þat conable klerk, þat knowes alle your knyȝtez
> at hame;
> Morgne þe goddes
> Þerfore hit is hir name:
> Weldez non so hyȝe hawtesse
> Þat ho ne con make ful tame (*Idem*, 2445-2455[192]).

Antes de se prosseguir com a restante informação que o Cavaleiro Verde revela, há três questões sobre as quais é pertinente fazer uma breve reflexão. A primeira prende-se com Bertilak, que se desdobra nesta variedade de personagens: o amo do castelo, o Cavaleiro Verde e o co-orquestrador de todo o engano que cerca Gawain.

---

[191] Mas como penhor da minha transgressão eu a contemplarei muitas vezes.

[192] 'Bertilak de Hautdesert eu sou chamado nesta terra.
Pelo poder de Morgan Le Fay, que na minha casa habita,
E capacidades mágicas, por artes bem aprendidas
Das artes de Merlin muitas aprendeu –
Pois ela teve uma relação amorosa muito agradável durante algum tempo
Com aquele excelente feiticeiro, que conhecem todos os vossos cavaleiros
Em casa;
Morgan a deusa
Assim é o seu nome
Ninguém tem tão grande orgulho
Que ela não consiga todo dominar.

Já no seu estudo de 1967 sobre as origens celtas de Gawain, Roger Loomis afirmara que Bertilak tinha uma relação clara com Curoi, uma vez que este usava um manto cinzento, cujo étimo poderia ter sido mal traduzido para Inglês como verde ('gray-green')[193]. Neste ponto, Loomis ainda destacava que o disfarce de Curoi, na sua língua original, se chamava *bachlach*, o que facilmente se poderia ter tornado 'Bertilak'. (Cf. Loomis, 1967: 55-68).

Há também quem defenda que a origem do seu nome não é celta, mas germânica. No seu estudo linguístico de 1998, P. R. Kitson explica que acha que não faz sentido atribuir uma origem celta ao lexema, uma vez que há uma explicação sólida dentro da corrente germânica. Segundo a autora só há uma explicação possível para a origem do nome: "... [it] is a dithematic personal-name compound of regular Germanic derivation, the second element equivalent of OE –*lāc*." (Kitson, 1998: 48).

No entanto, seja qual for a origem real do seu nome, é uma personagem notável que, embora pareça ser ameaçadora no início, intimidante (mas jocosa) no meio e aterradora mesmo antes do desafio final é, na realidade, um bom cavaleiro, fiel à sua palavra, bom anfitrião e preocupado com Gawain, uma vez que o próprio texto diz que, quando vê Gawain tão corajoso, o seu coração se alegra por ele, por ele ter passado os testes mais importantes, de índole moral. É este facto que apontava C. S. Lewis quando se referia à personagem no seu ensaio de 1968: "Bercilak is as vivid and concrete as any image I have met in literature. He is a living *concidentia oppositorum*; half giant, yet wholly a 'lovely knight'." (Lewis, 1968: 100).

Mostra-se complacente para com a falha do herói e, mesmo sabendo-o imperfeito, alegra-se por ter tido a sua presença na corte. Aliás, insta com ele para que regresse. A grande diferença entre os dois cavaleiros, no entanto, recai na magia que Bertilak possui e Gawain não. Como afirmava Susan Powell no seu artigo de 2000, quando Gawain falta à sua palavra com o amo do castelo e não revela todos os ganhos do terceiro dia, ele quebra a sua palavra e, por conseguinte (na opinião da autora), o *Nó*, tornando para si mesmo impossível alcançar um estado superior da cavalaria (o da magia), onde Bertilak já está (Cf. Powell, 2000: 55-74). Pode acrescentar-se que não se trata de alcançar um estado superior de cavalaria, mas um regresso às suas origens ligadas

[193] Neste há que questionar um facto: a única coisa que o Cavaleiro Verde tem de alusivo à Natureza parece ser a cor porque de natural a sua transformação nada tem (porque é feita através de magia) e não há no texto mais nenhuma referência a interação com a natureza (tirando o pequeno ramo de azevinho que traz consigo no início do poema). Terá a cor sido mesmo um erro de tradução? É possível. Por outro lado, é a magia que o liga à natureza e práticas pré-cristãs de fertilidade, que o colocariam num plano mais antigo, faceta que também já foi destacada a propósito de Gawain. A esta questão regressaremos em reflexões fututas.

ao seu passado mágico e do 'Outro Mundo'. No entanto, seria esse herói aceite num texto cristão do século XIV?[194]

Sabe-se, pois, que Bertilak é transformado no Cavaleiro Verde através do poder de Morgan Le Fay. No entanto, surgem algumas dúvidas quanto à interpretação destes versos, uma vez que os tradutores em estudo acrescentaram um verso que explica que o sentido é esse, embora não se encontre no texto de partida. Segundo Sir Israel Gollancz, a única outra interpretação que se poderia fazer é que ele se chama Bertilak por meio de Morgan le Fay, mas também não contribuiria muito para a compreensão de tudo o que aconteceu com o Cavaleiro Verde. (Cf. Gollancz, 1940: 130).

Bertilak explica também ele a razão pela qual Morgan criou todo aquele desafio – apenas para assustar e ferir Guinevere:

> 'Ho wayned me vpon þis wyse to your wynne halle
> For to assay þe surquidré, ȝif hit soth were
> Þat rennes of þe grete renoun of þe Rounde Table;
> Ho wayned me þis wonder your wyttez to reue,
> For to haf greued Gaynour and gart hir to dyȝe
> With glopnyng of þat ilke gome þat gostlych speked

[194] Esta é uma questão muito pertinente. Se se olhar por um instante para a história dos cultos e do seu progressivo desaparecimento (muito devido a incorporação de certos gestos exteriores em ritos Cristãos), poder-se-á apontar alguns factos que indicam o tipo de espiritualidade que se vivia no cristianismo europeu. O Concílio de Leptines em 774 faz com que se fechem os últimos templos rurais. No entanto, houve cultos noturnos de comunicação com os mortos registados ainda em 1008-1012 por Burchard de Worms. (Cf. Rouche, 1989: 502). No Concílio de Paris, em 829, condenava-se ritos de adivinhação. (Cf. *Idem:* 503). No entanto, ao mesmo tempo, as recolhas de ervas e plantas medicinais nas calendas recitando variados feitiços eram "...facilmente cristianizadas com a recitação de um *Pater* e de um *Credo*." (Idem: 504).
Embora tivesse havido uma clara cristianização do pagão e dos seus comportamentos, "o culto dos ídolos foi considerado uma manifestação satânica: o ídolo é ele próprio um demónio. Do mesmo modo, os filtros, os feitiços, as *sortes sanctorum* e toda a magia foram apresentados como demoníacos. Os Concílios de Agde (506) e de Orleães (511) condenaram os adivinhos e as pitonisas, «possuídos pelo demónio»." (*Idem:* 506-507).
No entanto, se saltarmos alguns séculos e viajarmos até à altura da Inquisição em Portugal, nos séculos XVII e XVIII, encontram-se registos detalhados das acusações que se fazia aos réus e, em muitos deles, havia referência a ritos de proteção que as pessoas usavam como, por exemplo: bolsas para usar ao pescoço ou no forro dos vestidos; cartas de tocar; Pau bento e um escaravelho numa caixa (Cf. Paiva, 1996). Importante notar o destaque que o autor do estudo dá à *ignorância* dos costumes do povo: "Reconheça-se que esta consciência do abismo que separava os doutos dos ignorantes tinha alguma razão de ser. Na sua cruzada a favor da verdadeira fé os letrados continuamente deparavam com um mundo que estava muito longe de conhecer as suas sábias e bem arquitectadas doutrinas. Dos mais de 600 processos inquisitoriais que consultámos, só num único caso o réu se revelou lúcido conhecedor das doutrinas dos inquisidores e ousou, até, insinuar que eles não interpretavam correctamente o que ele fazia, chegando mesmo a acusar um inquisidor que o interrogava de ser «ignorante» e de não ter poder para julgar as consciências «mas apenas os actos exteriores». Trata-se de um Manuel Pereira de S. José, processado em 1731, que fazia algumas curas e dizia adivinhar «futuros» e coisas ocultas, afirmando e demonstrando que tudo fazia por virtude natural e não diabólica, de acordo com «os livros aprovados da igreja» e revelando conhecer as obras de Alberto Magno, Aristóteles, G. Porta, Dionísio o Aeropagita e outros." (Paiva, 1996: 119).
Se assim era no século XVIII, como seria no século XIV? A esta reflexão se regressará, sem sombra de dúvida, em estudos futuros.

With his hede in his honde bifore þe hyȝe table. (*SGGK*, 2456-2462[195]).

Bertilak admite, nos versos 2456-2458, que o teste não era individual, mas coletivo. A Távola Redonda, o seu nome e o seu orgulho foram testados também nas ações de Gawain. Há que destacar o verbo que Bertilak usa para descrever porque foi à corte de Artur, no texto original em West Midland (e só Tolkien espelha esse sentido na sua tradução): "Ho wayned me", que Tolkien traduziu por "she made me go". 'wayne', em West Midland, significa 'levar, enviar, desafiar, levar a'. Estará o anfitrião de Gawain a dizer que a culpa não é sua?

Acrescenta ainda que Morgan é a anciã que acompanha a sua esposa em casa e lembra a Gawain que é sua tia, uma vez que é irmã de Artur. Daí voltar a convidar o herói a regressar a Hautdesert. Gawain mais uma vez recusa o convite, despedem-se e cada um segue o seu caminho.

Terminando esta troca de palavras entre os cavaleiros com uma aparente atribuição da causa de toda a aventura à vontade de uma mulher, é imperativo discutir a condição feminina na obra. Em primeiro lugar, há cinco mulheres (como as cinco pontas do pentagrama que para sempre se entrelaçam) que são o adequado espelho das representações da condição feminina e da deusa que eternamente está ligada à personagem Gawain. São elas: Guinevere, a Virgem Maria, a esposa de Bertilak, a anciã e Morgan[196]. Guinevere a esposa digna de Artur (para sempre inimiga de Morgan), a Virgem Maria (protetora e sinal do cristianismo), a esposa de Bertilak (a tentadora), a anciã (outra face da mulher jovem) e Morgan (que engloba em si as últimas duas numa perfeita simbiose de magia e sedução mas também um lado materno que deseja abraçar o sobrinho e reconciliar-se com ele no final).

---

[195] Ela mandou-me desta forma ao vosso belo salão
Para testar o orgulho, se seria verdade aquilo
Que corre do grande renome da Távola Redonda;
Ela trouxe-me este prodígio para vos retirar a razão,
Para que Guinevere fosse ferida e causar que ela morresse
Com medo daquele mesmo cavaleiro que falava como um fantasma
Com a sua cabeça na mão diante da grande mesa.

[196] Morgan é meia-irmã de Artur, filha da Duquesa de Tintagel e do seu primeiro marido, que Uther Pendragon mata e cuja forma assume para conceber Artur. Numa das versões da história, Morgan é mandada para longe e aprende artes de magia com Merlin. Regressa depois para se vingar de Artur. É uma figura em recorrente oposição à corte arturiana. No entanto, pode ser vista também como presença de vários textos que são a sua fonte, numa torrente (por vezes contraditória) de novas tradições textuais arturianas: "Although Geoffrey of Monmouth's *Vita Merlini* is the only earlier written attestation of Morgain la Fée, already in the *RT* Morgain is a type of character that Theodore Ziolkowski dubbed a «figure on loan» - a figure transferred from one text to another in a process that Wolfgang Müller has called «interfigurality». Interfigurality is a kind of intertextuality that specifically involves characters or figures. Once borrowed, a figure both is and is not the same as before, for as Müller says, «If an author takes over a figure from a work by another author into his own work, he absorbs it into the formal and ideological structure of his own product, putting it to his own uses" (Müller, 107). To apply this to Morgain, once she is Trojanized, she remains recognizable as Morgain la Fée but is also an adapted figure – an allomorph of her Arthurian forms." (Twomey, 1996: 103).

Na história tradicional de Artur, a mulher tem um papel central na destruição da Távola Redonda, por causa da traição de Guinevere. No entanto, no texto, Morgan não consegue consumar o seu plano, uma vez que Guinevere escapa incólume. Sheila Fisher, no seu estudo de 2000, admite que se assim não tivesse sido, talvez tivesse sido melhor para o reino de Artur: "Had Morgan been successful, however, she might, some would argue, have done her half-brother something of a favour" (Fisher, 2000: 81). Embora esta autora defenda que as figuras femininas são marginalizadas na obra (Guinevere estática, Morgan falha e a esposa de Bertilak apenas age no espaço privado do quarto), aponta um facto interessante – é impossível marginalizar a mulher para sempre: "Could the female be marginalized, then the Round Table would not have ended. But she cannot be, and it will." (*Idem:* 92).

Depois deste encontro, regressa Gawain ao reino de Artur. Entretanto, a ferida do seu pescoço cura e ele traz à vista, obliquamente, a faixa verde, como diz o texto *atada*, para lembrar que ele foi descoberto numa falta, mas não numa qualquer: "Loken vnder his lyfte arme, þe lace, with a knot,/In tokenyng he watz tane in tech of a faute;" (SGGK, 2487-2488[197]). Não pode passar em branco a expressão "in tech of a faute", uma vez que a palavra 'tech' tem como significado arcaico, 'cor' e a faixa de Gawain tem a cor que para sempre lhe recordará a sua falha, verde.

De regresso à corte do tio, todos o recebem com alegria e ele conta as suas aventuras e nada oculta, nem mesmo a sua falha, mostrando a cicatriz que tem no pescoço e a faixa verde que traz à vista. O poeta sublinha o facto de esta confissão pública muito o envergonhar:

> Þe nirt in þe nek he naked hem schewed
> Þat he laȝt for his vnleuté at þe leudes hondes
> for blame.
> He tened quen he schulde telle,
> He groned for gref and grame;
> Þe blod in his face con melle,
> When he hit schulde schewe, for schame.. (*Idem*, 2498-2504[198]).

[197] Enlaçado debaixo do seu braço esquerdo, a faixa, com um nó,/Como penhor de ele ter sido detetado na mancha da falta.

[198] A pequena ferida no pescoço nu ele lhes mostrou
Que ele teve pela sua falta de lealdade às mãos do cavaleiro
Como reprimenda.
Ele sofreu um tormento quando teve de contar,
Lamentou-se com dor e mortificação
O sangue à sua face subiu
Quando teve de a mostrar, por vergonha.

Depois de mostrar a cicatriz e a faixa verde[199] a todos, exclama para ter a certeza que o rei e todos sabem o verdadeiro significado daqueles itens:

> 'Lo! lorde,' quoþ þe leude, and þe lace hondeled,
> 'Þis is þe bende of þis blame I bere in my nek,
> Þis is þe laþe and þe losse þat I laȝt haue
> Of couardise and couetyse þat I haf caȝt þare;
> Þis is þe token of vntrawþe þat I am tan inne,
> And I mot nedez hit were wyle I may last;
> For mon may hyden his harme, bot vnhap ne may hit,
> For þer hit onez is tachched twynne wil hit neuer.' (*Idem*, 2505-2512[200]).

Aqui há que destacar algumas questões. Em primeiro lugar, contar toda a verdade a toda a gente é um ato é mais heroico do que a própria demanda da Capela Verde, uma vez que Gawain sofre a humilhação de se mostrar infiel ao acordo que fez com Bertilak e essa ofensa é para Gawain grave, já que é contra valores basilares da fraternidade subjacente à cavalaria. Ele não falha na castidade, na moral, mas em 'trawÞe' que, como já se apontou, contempla e abarca mais do que a noção de fidelidade e verdade, como recordava Derek Brewer, em 1997:

> Gawain's virtue, as the pentangle shows, is not a single quality. In *SGGK* it comprises bravery with tact, good manners and not least chastity. This last is not a virtue with any resonance in the modern world, but in the logic of the story chastity is the magic that equalizes Gawain with the Green Knight's magic ability to survive decapitation. (In modern terms chastity is perhaps best expressed as the 'passive heroism' subtly expounded by Jill Mann (1994).) Such is certainly the underlying structure of the story. If he had been seduced it would have meant that in every sense he had lost his head. It should also be remembered that chastity is the main theme in *Cleanness*. Most modern critics prefer to emphasise Gawain's *trawthe* – signifying more than modern *truth*, and implying a profound integrity. (Brewer, 1997: 16-17).

Tendo estas notas de Brewer em consideração, é normal que Gawain chame à faixa verde sinal de 'untrawÞe', porque, para ele mesmo, é isso mesmo que significa, a quebra dos seus valores mais básicos de integridade.

---

[199] A título de curiosidade, a faixa verde é atada e desatada 5 vezes na obra: a senhora ata-a a si (já a traz atada ao quarto de Gawain), desata-a para lha dar, Gawain ata-a a si mesmo antes do encontro com o Cavaleiro Verde, desata-a de novo quando a quer devolver a Bertilak e, quando regressa à corte de Artur, ata-a de novo, obliquamente, por fora da armadura. É mais um conjunto de 'cinco'.

[200] 'Vede! Senhor,' disse o homem, e a faixa entregou,
'Este é o cinto desta culpa que carrego no meu pescoço,
Esta é a ferida e o estrago que recebi
Da cobardia e avareza que ali apanhei;
Este é o penhor da falta de lealdade em que fui detetado
E devo usá-lo enquanto eu durar;
Pois um homem pode esconder a sua má fortuna, mas não a pode desenlaçar,
Pois onde ela é atada nunca se poderá desunir.'

As opiniões dos críticos sobre a humanidade de Gawain diferem um pouco. Uns afirmam que há todo um aspeto estático da virtude de Gawain que se prova com as suas qualidades estarem associadas a tudo o que está encerrado na cena em que é armado na corte de Artur e os seus defeitos ficarem para sempre ligados à faixa verde:

> In view of the fact that the introductory portrait of Gawain depicts him as assuming the identity of knighthood and portrays his knightly virtue as a fixture attached to him, we are surely meant to regard Gawain's attempts to preserve his conception of himself as a knight whose virtue constitutes an impregnable and self-contained form, as attempts to maintain a conception of himself which is drastically limited. The same implication is inherent in the suggestion of human vulnerability beneath the metal casing which is present in the arming scene. For it follows that whatever is attached, must be attached to something, and is therefore only a surface feature. Beneath the heraldic decoration and the suit of armour is a man, who is mortal and therefore fears death. And when Gawain returns to Arthur's court, we are made aware of the fact that what Gawain sees as an indelible definition of himself can also be seen as a superficial matter, for he equates his new attributes with the wearing of the girdle (...). (Hollis, 1981: 275-276).

Por outro lado, há quem veja nas reações do herói uma meta reflexão sobre a individualidade no final do século XIV, quando o debate natureza-civilização era pertinente:

> If Gawain's "inner man" acts in accordance with his feelings, and his feelings derive more from his sense perceptions than from the values of "fraunchyse," or "fela3schyp," or even "pite, at passez alle poyntez," the implications are familiar to us. The old debate over man 'ape or angel?' is implicit in the romances, just as it is in beast fables and fabliaux, and certainly this poem, with its alternate settings of court and nature (the spaces), its frequent combinations of furs and silks (the surfaces), and its sustained interest in the pursuit of human quarry, is using that old issue as a pretext for asking "modern" (fourteenth-century) medieval people to reacquaint themselves with the challenges of their human nature. It is intriguing and worthwhile, I believe, to see Gawain as a prototype of late-medieval individuality, or as an early symptom of bourgeois sensibility. (Woods, 2002: 226).

Neste sentido há que lembrar a humanidade do herói e não só esta condição em si mesma, mas o facto de Gawain tomar consciência da sua própria fragilidade. E essa admissão é também ela heroísmo, mas de uma espécie diferente, como recordava Owen no seu ensaio de 2007:

> The *Gawain*-poet radically reverses the tendency of other Middle English romances by emphasizing the patient endurance that Gawain requires to complete his quest. The uniqueness of *SGGK* in this respect has been observed frequently. Many critics have commented on the alleged passivity of Gawain; his test, they suggest, does not consist of martial acts, but of his response to suffering. This type of heroism thus aligns Sir Gawain more closely with Brendan and Owein that it does with Guy, Bevis, Florent, and even Isumbras. However, the concept of passivity is one that, in its modern sense, suggests a loss of self determination; as the opposite of «active», «passive» implies a

> failure of agency, a concept that is fundamental to our ideas of virtue and heroism. (...) Gawain's quest can be perceived more accurately not as a passive one, but as a patient one, inasmuch as it is characterized by an exploration of themes specifically associated with the virtue *patientia*. (Owen, 2007: 193-194).

O autor defende ainda que, tal como encontramos em Patience, o que impera em *SGGK* é a noção de paciência e não a passividade que autoras como Jill Mann (1994) atribuíram a Gawain quando o compararam com tradições como, por exemplo, a de *Beowulf*.

No entanto, a reação da corte de Artur não é a que Gawain espera, quando confessa todos os seus erros. Nem o rei nem a corte o culpam ou admoestam. Pelo contrário, confortam-no todos e decidem inclusivamente, apoiados pelo rei, que todos os membros da Távola Redonda usarão uma faixa verde obliquamente, como Gawain, para o honrar:

> and luflyly acorden
> Þat lordes and ladis þat longed to þe Table,
> Vche burne of þe broþerhede, a bauderyk schulde haue,
> A bende abelef hym aboute of a bryȝt grene,
> And þat, for sake of þat segge, in swete to were. (*SGGK*, 2514-2518[201]).

Segundo o poeta, esse torna-se o elemento distintivo dos membros da Távola Redonda, uma faixa verde, e que muita honra era possuir uma dessas faixas, como contam os melhores livros de romances (Cf. 2520-2521[202]).

O que discernir acerca da reação da corte de Artur não é simples. No início da demanda, ninguém se oferece para ir no lugar de Artur (tirando Gawain) pois claramente não acreditam que seja um desafio de que se possa regressar. Agora, minimizam as 'dores' morais do herói, relativizando uma falta que, para ele e para os valores que ele julga também serem os mesmos dos seus pares, é grave e para sempre deixará uma marca em si. Procuram os membros da corte minimizar a sua falta para não reconhecerem que os valores reais da cortesia e da cavalaria já não são os seus? Ou será que apenas tentam mostrar a Gawain que já não é possível viver sob regras tão exigentes, valores tão elevados, quase épicos, que pouco ou nenhum lugar terão no reino do romance? Ad Putter refletia exatamente sobre isto no seu estudo de 1996: "While they

---

[201] e resolveram com alegria
Os senhores e as senhoras que pertenciam à Távola,
Que cada cavaleiro da irmandade um cinturão devia ter,
Uma faixa à sua volta obliquamente de brilhante verde,
E essa, por amor àquele cavaleiro, como uniforme usar

[202] E depois sua seria a honra de quem a usasse para sempre
Como está escrito nos melhores livros de romance. (*SGCV*, 2520-2521).

cannot alter Gawain's private belief that he has discredited himself, they do what is possible, as Bertilak had done before them, to convince Gawain that this private belief has no objective reality." (Putter, 1996: 102).

Ainda acerca deste tópico, há um autor mais recente, Bill Phillips que, no seu artigo de 2014 sobre a culpa de Gawain, levanta uma questão pertinente, ligando a demanda impossível em que Gawain foi enviado ao descrédito definitivo do código de cavalaria: "Its protagonist, Sir Gawain, is faced with an impossible task, the sole purpose of which, by the end of the poem, is apparently to discredit the chivalric code itself." (Phillips, 2014: 7). Será este o fim último do humor do Poeta de *Gawain*?

Regressando ao poema, acaba o poeta o seu texto mostrando como tudo isto aconteceu no reinado de Artur, sobre quem os livros de História falam. Regressa de novo às origens da ilha (fechando assim o círculo perfeito narrativo), como na estrofe 1, para mostrar que muitas 'maravilhas' já aconteceram desde o início e roga que Cristo nos leve a todos à Sua felicidade eterna, Ele que suportou a Coroa de Espinhos.

Termina com um lema: HONY SOIT QUI MAL PENCE, identificado como o lema de uma Ordem, a da Jarreteira, que Brian Stone, numa nota à sua tradução, explica:

> The conjunction of the green baldric and the motto of the Order of the Garter has been taken to mean that the poem was written for the institution of the Garter; but that order was founded by Eduard III in about 1347, and its distinctive badge was a garter of dark blue velvet. The ballad of the Green Knight, however, deliberately associates the Order of the Bath with this story. Ritual purification of knights by bathing appears to have been practiced in England as long ago as the eleventh century, and the Order was formally constituted for the coronation of Henry IV in 1399. But no insignia were worn by the holders. When revived four hundred years later, the Order of the Bath had a crimson ribbon; no trace of green is found anywhere, although Froissart, as quoted by Selden (1672), refers to a silk ribbon. (*SGGK*, 1964: stanza 101).[203]

Esta é a nossa leitura da obra do Poeta de *Gawain*, leitura essa que justificaremos com mais pormenor no ponto que se segue, no qual compararemos as traduções de Brian Stone e J.R.R. Tolkien com o texto de partida e ainda levantaremos algumas questões usando, para o efeito, as nossas próprias dúvidas que foram surgindo no processo de traduzir o poema de West Midland para Português.

[203] Continua um mistério, pois, a razão pela qual o poeta terá usado este lema no fim da sua obra, ou se terá até sido obra do trabalho no *scriptorium*. No entanto, é algo irónico e curioso que um lema que se traduz como "Envergonhe-se quem nisto vê malícia" esteja no fim de uma obra sobre enganos, falsas identidades e magia na Idade Média.

2. Análise Global das traduções selecionadas quando comparadas com o texto de partida.

Esta parte do trabalho primará pela comparação formal e semântica entre traduções, mas há que preceder essa análise mais teórica e de teor linguístico, de uma breve reflexão acerca do que foi traduzir poesia no âmbito desta tese. Como já foi discutido no capítulo 2, foi o ato de traduzir que trouxe a este trabalho o aparato teórico e crítico pertinente à tradução para que assim houvesse uma expressão conveniente sobre o ato de traduzir. Essa foi a abordagem à tradução e não como especialista na matéria.

Foi escolhida também a orientação teórica que mais sentido fez para o trabalho e para a comunicação do resultado do mesmo que, como foi referido, se apoia na Teoria da Equivalência Dinâmica de Nida & Taber (Cf. Capítulo 2).

Resta tecer apenas algumas considerações acerca de traduzir poesia, uma vez que é o desafio principal que cerca o presente labor tradutório. Refletir-se-á mais aprofundadamente sobre a tradução do poema no capítulo 5 mas é imperativo destacar a impossibilidade subjacente à tradução de poesia. Em especial quando se traduz de uma língua e dicção poética com grandes diferenças formais e culturais do idioma de chegada. É o caso. No entanto, não se deixou que esse fator – aparentemente impeditivo, uma vez que a impossibilidade é, por definição, final – comprometesse nem a dedicação nem a completude do trabalho. Já refletia sobre isto Seamus Heaney, a propósito da sua tradução de *Beowulf*, nos textos que foram compilados por Weissbort e Eysteinsson, em 2006:

> At a seminar on translation last year [Nobel Symposium on Translation of Poetry and Prose, 1998], Efim Etkind quoted Samuel Marshak, a great translator of poetry from English into Russian. 'Poetry is impossible to translate,' Marshak declared. 'Each time it is an exception to the rule.' So I would not claim that there is anything exceptional about the work I have done, just that it constantly manifests the impossibility factor. (Weissbort & Eysteinsson, 2006: 603).

Obviamente não se está a comparar o fruto deste trabalho de tradução à tradução de um poema como *Beowulf*, com a qualidade e profundidade de reflexão com que Heaney apresentou a sua edição bilingue ao mundo, mas parece hever muito em comum entre todos os que se aventuram pelo exigente mas satisfatório trilho de traduzir texto poético.

2.1. Análise formal das traduções

Resta, pois, partilhar algumas conclusões acerca da análise formal, estrofe a estrofe, das traduções de Brian Stone e J.R.R. Tolkien. Anteriormente já se descreveu em pormenor não só a base de trabalho dos dois tradutores mas também as diferenças principais que facilmente se destacam de uma primeira leitura do trabalho dos dois. Agora, o foco cairá em aspetos semelhantes e diferentes em cada estrofe que condicionam – ou não – a leitura da personagem Gawain de forma mais positiva ou negativa. Este é um momento do nosso trabalho que poderá parecer de leitura mais árida, uma vez que se reveste de bastantes descrições pormenorizadas de detalhes que são contrastantes nas duas traduções. No entanto, procurar-se-á mostrar, no final, como a análise detalhada terá os seus frutos na interpretação da figura de Gawain.

A comparação formal está presente no Anexo 1 deste trabalho, possuindo as tabelas apresentadas a tradução de Stone, Tolkien e o texto de partida (retirado da edição de Tolkien & Gordon, de 1925). Nas três versões de cada estrofe destacou-se a aliteração e a rima de cada quadra final. As notas de rodapé são as notas explicativas da tradução de Brian Stone que, só nesse pormenor, mostra o seu desejo de clarificar todos os aspetos da mesma, como se de uma tradução para estudo do texto se tratasse.

Todas as referências do poema serão do referido Anexo (Anexo 1). A numeração dos versos continua a seguir a do texto de partida uma vez que, como já vimos no capítulo anterior, existe um acrescento de versos por parte dos dois tradutores, que oportunamente se indicará.

Destacar-se-ão os momentos do texto que foram de especial dificuldade ao traduzir, intercalando – sempre que possível – informação recolhida dos manuscritos, ainda por publicar, de Tolkien, que estão ao cuidado da Biblioteca Bodleian, em Oxford[204].

Na primeira estrofe do poema, tanto Stone como Tolkien procuram mostrar o carácter aliterativo do poema. No entanto, Tolkien procura fazê-lo nas mesmas palavras em que a aliteração existe no texto de partida. Já Stone privilegia o sentido na maioria dos versos, fazendo a aliteração com palavras que nem sempre correspondem às do texto de partida (ex. "Then conquered kingdoms and kept in their hand" [v. 6]). As escolhas tradutórias de Stone afastam-se por vezes

[204] Não se pode, no entanto, acrescentar citações destes manuscritos ao nosso trabalho, uma vez que não foi possível obter permissão de quem gere o património literário do autor (Tolkien Estate) para que a imensa informação que existe por publicar acerca de *SGGK* pudesse ver a luz do dia. Neste sentido, referir-se-á o que existe e onde pode ser encontrado, mas não se pode citar as palavras do autor. Relevante é o facto de haver material suficiente nestes manuscritos para uma edição comentada da tradução de Tolkien (que não foi feita, uma vez que a edição de Christopher Tolkien, de 1975, deixou de fora todas as notas do pai que explicam as opções tradutórias, as dificuldades que sentiu ao traduzir alguns passos da obra e ainda muitos comentários úteis para o estudo do texto). Toda esta informação pode ser encontrado no espólio de Tolkien, como já se referiu, nos seguintes manuscritos: *MS Tolkien A34/1; MS Tolkien A34/2; MS Tolkien A34/3; MS Tolkien A12/1; (I) MS Tolkien A12/1 (2); MS Tolkien A12/2; MS Tolkien A12/3; MS Tolkien A12/4; MS Tolkien A38/1; MS Tolkien 23.*

do texto de partida, perdendo-se alguma informação. (ex. “And built her battlements; abounding in pride” [v. 9] vs. “With gret bobbaunce þat burȝe he biges vpon first” – falta a referência à povoação da nova terra, que Tolkien mantém: “in great pomp and pride he peopled it first”). No ‘bob and wheel’, só Tolkien mantém a aliteração em todos os versos e ambos os autores usam rima cruzada, como no texto em Inglês Médio. O sentido do texto de Stone é ligeiramente diferente no fim, já que generaliza os acontecimentos da Bretanha, ligando-os a consequências do poder estabelecido. Tolkien mantém o lado do Maravilhoso nos acontecimentos que se darão na ilha. Tolkien procura ainda manter as conjunções e preposições do original.

Claramente a tradução de Stone privilegia o sentido da narrativa, pois a construção em Inglês Médio é transformada, praticamente em todos os casos, em construções de ordem sintática SVO. Tolkien procura manter a sintaxe o mais próxima possível do texto de partida. Um exemplo disto é o que encontramos no v. 21 das duas traduções: “Here bold men bred, in battle exulting” vs “Bold men were bred there who in battle rejoiced”. Para o leitor, o texto de Stone é de leitura fácil. Já a tradução de Tolkien inclui algum exercício de interpretação. Nos últimos quatro versos, Stone troca a ordem do antepenúltimo pelo último e introduz o sujeito “scribes” na ação descrita de pôr a narrativa por escrito. Já Tolkien procura manter os lexemas mais próximos do texto de partida, embora, no último verso, introduza um elemento estranho à composição. No texto de partida lê-se “In londe so hatz ben longe”, que se poderia traduzir para Inglês como “In the land that has been for so long” e Tolkien introduz um elemento que mostra o afeto pela narrativa: “As was loved in this land of old”.

Na terceira estrofe, a principal diferença entre as duas traduções recai no facto de Stone transformar o texto sintaticamente para que o leitor moderno o possa compreender mais facilmente. Já Tolkien procura – por vezes a custo de uma interpretação mais difícil – ficar mais próximo da sintaxe do texto de partida. (Ex. “So hardy a host on hill / Could not with ease be named.” Vs. “it would now be hard to name/a troop in war so tried.”). No verso 43, Stone introduz o elemento “dance”, que não existe no texto de partida, nem na tradução de Tolkien: “Then in court carnival sang catches and danced” vs. “then to the court they came at carols to play”. No verso 46, Tolkien introduz o verbo ‘to be’ para tornar a ligação sintática mais explícita: “Gladly ringing glee, glorious to hear” vs “such gladness an gaiety as was glorious to hear” vs. “Such glaum ande gle glorious to here”. Na tradução de Stone, há uma tendência para simplificar, transformando sintagmas verbais em sintagmas nominais: “For lords and their ladies, delectable joy.” Vs. “With lordez and ladies, as leuest him þoȝt”. Interessantes são as escolhas tradutórias

para o verso 54, imediatamente antes do 'bob' uma vez que os tradutores introduzem significados diferentes para a expressão *in her first age* que, em Inglês Médio, significa "na flor da sua juventude": Stone traduz por 'in its golden age' e Tolkien por "in their first estate abide". Stone mantém estrutura do texto de partida, mas Tolkien 'apaga' o 'bob'. Stone vai diretamente para uma interpretação religiosa no início da quadra e troca a ordem dos dois últimos versos.

Na estrofe 4, Stone elimina a conjunção temporal 'while'. De novo, Stone privilegia o sentido do texto para poder tornar a narrativa o mais inteligível possível, enquanto Tolkien procura manter a ordem sintática do texto de partida: "That day double on the dais were the diners served" vs "that day double dainties on the dais were served". Há uma troca da ordem dos versos 62 e 63 em Stone: "When the singing and psalms had ceased in the chapel, / The King and his company came into hall." Vs. "when the king was there come with his courtiers to the hall, / and the chanting of the choir in the chapel had ended." Tolkien traduz 'riche' por 'nobles' e Stone 'lords and ladies'. Tolkien mantém a marca de discurso directo "Handsels, handsels they shouted..." e Stone apaga-a: "Granted New Year gifts graciously...". Na tradução de Tolkien a distribuição de lembranças é vista como um jogo, na de Stone, não. Stone mantém o nome 'Turkestan' e Tolkien usa a denominação mais antiga 'Tharsia'. Nos dois últimos versos a ordem sintática é completamente alterada por Stone. Tolkien tenta manter-se o mais próximo possível do texto de partida.

Já na estrofe 5, há alterações à ordem sintática no texto de Stone, enquanto Tolkien procura manter a sua tradução o mais próxima (em estrutura) possível do texto de partida. Stone procura também parafrasear para manter o sentido dos versos e não a forma: "However, something else now had his attention" vs "And another rule moreover was his reason besides" (v. 90). Tradução curiosa de Stone da expressão "of oþer auenturus" (v. 93) por "or other high theme", já que Tolkien traduz mais próximo do original "or new adventures". Talvez as notas originais de Stone à sua tradução pudessem ser esclarecedoras; infelizmente, não conseguimos estabelecer contacto com ninguém da Penguin que nos pudesse assistir com as nossas questões. Na alteração da ordem dos versos do 'wheel' por Stone e tradução curiosa de "Much mirthe he mas withalle" por "Still standing staunch and strong", o sentido não ganha muito pela alteração da ordem dos versos, perdendo-se informação do texto de partida. Provavelmente justifica-se pela manutenção da rima e aliteração.

A estrofe 6 traz de novo alterações sintáticas na tradução de Stone em prol da clarificação do sentido dos versos. Já Tolkien privilegia a forma e a ordem sintática do texto de partida: "Trifling

time with talk before the topmost table." Vs. "talking before the high table of trifles courtly" (v.108). Stone traduz o cognome de Agravain e Tolkien mantém-no em Francês. Stone acrescenta um parêntesis à descrição das bandeiras nas trompetas, para que as descrições não se confundam.

Já na estrofe 7 as opções tradutórias de Stone passam pela troca de sentido de algumas expressões e ordem sintática dos versos, em particular, no 'wheel', em que a ordem sintática dos 3 primeiros versos é completamente alterada e, nos vv 149-150, retirada a acção verbal, passando a haver apenas um verbo expletivo: "He ferde as freke were fade, / And oueral enker-grene" vs "Men gaped, for the giant grim / Was coloured a gorgeous green".

Tolkien traduz a palavra "molde" por 'middle-earth'. O étimo de 'earth' é 'erde' que, aliás, surge com esse mesmo significado nesta estrofe, no verso 140. Não há notas nas edições que justifiquem esta escolha. No entanto, e tendo em conta o conhecimento de Tolkien das mitologias antigas, 'middle-earth', na Mitologia Nórdica, é o lugar onde os humanos habitam. Estaria Tolkien a dar um cunho arcaico e épico à sua tradução? Outra expressão que gerou algumas interrogações foi "fay-man". Talvez porque o termo 'fade' não tem tradução clara. No glossário lê-se que é obscura a origem da palavra e talvez venha do Inglês Antigo (*fāh* [hostile]+ adj. suffix *–ede*) e que talvez signifique 'bold' (ou do IA *gefæd*). Já 'fay' vem do Francês Antigo: 'feie'.

Na estrofe 8 as escolhas sintaticamente mais simples pautam a tradução de Stone: "Of bright gold on bases of embroidered silk" vs "of bright gold on silk broideries banded most richly" (v. 159). Interessante a diferença de traduções para a frase: "Þat were to tor for to telle of tryfles þe halue" (v. 165) – "It would be tedious to tell a tithe of the trifles" vs. "it would be too hard to rehearse one half of the trifles". Nota ainda para a tradução da expressão no 'bob': "sertayn" – "to the sight" vs "I tell". A escolha de Tolkien pelo deítico parece querer assegurar a veracidade do conto.

Stone altera a ordem sintática dos versos na estrofe 9, ao passo que Tolkien tenta manter a mesma ordem do texto de partida: "Yes, garbed all in green was the gallant rider" vs. "Very gay was this great man guised all in green" (v. 179). De novo Tolkien usa a expressão 'middle-earth' para se referir à terra, ao mundo conhecido – palavra 'folde' – que Stone traduz por 'whole wide world'. São feitas escolhas diferentes para a tradução da estrutura 'wheel': Tolkien fica bastante próximo do texto de partida. Stone muda a estrutura das frases e até elimina e acrescenta elementos. Cf. Último verso: "Once dealt, meant death was done." Um primeiro problema de tradução surge nesta estrofe, uma vez que há uma frase complexa de traduzir: "Watz neuer sene in þat sale wyth sy3t er þat tyme, / with y3e." à letra: *Nunca foram vistos naquele salão com olhos*

antes daquele tempo com olho (visão). Cada tradutor oferece maneiras diferentes para resolver o problema e manter a ideia[205]: "Was never seen or observed by those assembled before, / Not one." vs. "Was never beheld in that hall with eyes ere that time;".

Na estrofe 10, no texto de Stone, para além da simplificação da estrutura sintática, procurando o tradutor quase sempre a ordem SVO para as suas frases, há também uma simplificação lexical, uma vez que, no caso desta estrofe em questão, a descrição da compleição física do cavaleiro e do cavalo e, também, do seu machado é minuciosa. Há uma procura de vocabulário mais acessível, para facilitar a compreensão do texto. Prova disto é a necessidade de trocar a medida 'elnȝerde' (v. 210) por algo que o leitor comum entendesse: "...fully forty inches...". Já Tolkien mantém o nome próprio da medida, claramente mostrando que a sua tradução se dirige a um público erudito[206]: "...as large and as long as an ellwand." São apresentadas diferentes escolhas tradutórias para a aparente redundância de "...with hymself speke / raysoun.'" (vv. 226-227). Stone opta por: "and have speech with him.' / He frowned;" e Tolkien por: "...and with himself now talk / in town.'".

Na estrofe 11, destaque apenas para a simplificação da ordem sintática no texto de Stone: "More gaudily glowing than green enamel on gold" vs. "than green enamel on gold glowing far brighter" (v. 236). Uma nota ainda para o facto de serem curiosas as escolhas tradutórias para a expressão "fantoum and fayryȝe" (v. 240): "a phantom from Fairyland" vs. "phantom and fay-magic". 'fayryȝe' significa 'mágico'.

Stone, na estrofe 12, parece ter dificuldade em criar aliteração no primeiro verso, substitui expressões e a ordem sintática para clarificar o sentido da narrativa. O verso 253 é difícil de traduzir sem recorrer à introdução de expletivos: "I am king of this castle; I am called Arthur." vs. "the head of this household Arthur my name is." Há uma tradução de Tolkien que omite o pedido de Artur ao cavaleiro para que desmonte: 'luflych adoun' (v. 254) por uma expressão mais afectuosa: "Alight, as thou lovest me". Já Stone procura o sentido literal do texto partida: "Please deign to dismount and dwell with us". Stone omite a negação do cavaleiro 'Nay'. Tolkien faz outra tradução curiosa de "as alle burnez tellen" (v. 272), que significa: "como os outros guerreiros afirmam", por "as abroad is published".

[205] Uma das primeiras (e maiores) dificuldades na nossa própria tradução. Uma redundância que decidimos manter (Cf. Anexo 2, estrofe 9).

[206] No *MS Tolkien A12/1,* fol. 11, Tolkien reflete acerca da escolha que teve de fazer para explanar e traduzir a medida apresentada.

De novo, na estrofe 13, Stone altera a ordem sintática para facilitar a compreensão do texto: "If any in this household is so hardy in spirit" (v. 285). Também não traduz 'guisarm' (v. 288). A expressão 'brayn in hys hede' (v. 287) gera dificuldade: "his brain be so wild" vs. "Of such mettlesome mind". Também gera alguma incerteza na tradução a expressão 'to fonde þat I telle' (v. 291), que Tolkien não traduz literalmente mas sim por: "as my faith to test". Surge também um problema para traduzir o termo 'barlay' (v. 296). De acordo com o glossário de Gordon e Tolkien, não encontraram etimologia para o termo, daí a diferença de traduções para a palavra. Tolkien traduz por "Claim I" e Stone por "Unchecked".

Há uma alteração da ordem sintática por Stone em vários versos da estrofe 15, incluindo em versos sucessivos: "If he had astonished them at the start, yet stiller now / Were the henchmen in hall of every rank." (vv. 301-302) e "The revel and renown of the Round Table / Is now overwhelmed by a word from one man's voice." (vv. 313-314). Stone traduz 'rimed' por 'hemmed', quando este lexema significa 'endireitar-se' e Tolkien opta por 'stretched'. Há uma tradução díspar do v. 312 por Stone: "Your gryndellayk and your greme, and your grete wordes? Vs. Your victories, your valour, your vaunts, where are they?" No verso 316, Tolkien traduz 'greued' (ofendido) por 'angered'. Quanto à tradução de 'face and lere' (vv. 317-318), Stone traduz por 'face and features' e Tolkien por 'cheeks and face'.

São feitas traduções muito diferentes do verso 319 que se justificam por necessidade de efeito de aliteração. Finalmente, há uma troca da ordem dos versos 321 e 322 por Tolkien, provavelmente para efeitos de rima.

Na estrofe 15, Stone altera a ordem sintática de alguns versos claramente para facilitar a compreensão. Ex: vv. 334-335. Há um problema para resolver: o texto de partida diz 'and laȝt at his honde' (v. 328), que significa 'tomou a sua mão'. Ora entende-se que Artur pegou no machado, mas nunca a ação é afirmada no texto. Stone resolve no verso seguinte traduzindo 'hatz' por 'took'. Já Tolkien traduz a expressão acima por 'caught it from his hand'. Nota-se também, pela primeira vez, diferenças na apresentação de Gawain nas duas traduções: Stone clarifica que é ao lado de Guinever que ele se senta e diz que Gawain se dirige ao rei com um 'design'. Pede-lhe que lhe confie a luta, e que a mesma lhe pertença. Não há sinal da reverência que o texto de partida mostra com o verbo 'enclyne'. Já Tolkien, mais próximo do texto de partida, mostra a humildade e cortesia de Gawain perante Artur e vai mais longe ao traduzir 'saȝez' ('palavras') por 'prayer'.

Ambos os tradutores encontraram dificuldades em manter a aliteração no poema, na estrofe 16, havendo versos em que esta não existe. (Cf Stone, vv. 356, 359, 360 e 361 e Tolkien,

vv. 356, 359, 361, 362). Tolkien mantém o nome 'Wawain' do original no v. 343 com o mesmo propósito: aliteração. Há claras diferenças no discurso de Gawain: Stone traduz 'vylanye' (v. 345) por 'lese-majesty', Tolkien por 'discourtesy'. Stone continua a optar por ordem sintática mais simples para clarificação do sentido do texto e também por acrescento de expressões que indicam o sujeito ou objecto/receptor do discurso: 'Bot for as much as ȝe ar myn em I am only to prayse' (v. 356) vs. 'My only asset is that my uncle is my king'.

A estrofe 17 é bastante problemática de traduzir pela complexidade de sujeitos verbais que, tanto em Inglês moderno, como na tentativa de traduzir para português, com toda a certeza só poderão ser clarificados com o auxílio de notas. Stone, no v. 369, acrescenta um 'Arthur' para clarificar. Os dois tradutores têm dificuldade na manutenção do verso aliterativo. (Cf. Stone v. 367 e Tolkien, vv. 385 e 388). Stone acrescenta um cognome a Gawain que não está no texto de partida, ao invés de lhe chamar "sir": "Then the man garbed in green said to Gawain the noble" vs. "Þen carppez to Sir Gawan þe knyȝt in þe grene". Stone também torna mais fácil a leitura dos versos que implicam o saber o nome de Gawain ao usar "my name is" em vez de "am called", que o 'Gawan I hatte' do texto de partida pedia.

Finalmente, é muito interessante – e discutível – a mudança de sentido que Stone dá aos últimos versos. Tolkien mantém a ideia do texto de partida, no qual o cavaleiro verde jura pela sua vida que está muito contente por ser Gawain a desferir o golpe. Já Stone insinua que é pelo golpe de Gawain que o Cavaleiro Verde pode "thrive". Há aqui uma interpretação que pode ser dúbia: o golpe de Gawain é melhor ou pior do que o de Artur?

No iníco da estrofe 18, Tolkien mantém a forma antiga "Begad" (v. 390). E traduz 'Where schulde I wale þe,' por "Where should I light on thee". Há também traduções diferentes de 'upon folde' (v. 396): "Under the firmament" vs "near or far", e também de 'by my seker traweþ' (v. 403): "on my honour as a knight" vs "and solemnly promise". Aqui Stone traz à luz a questão da honra do cavaleiro. Nota ainda para as diferentes traduções (porque geram um sentido diferente) da palavra 'hende' (v. 405): Stone traduz por 'courteous' e Tolkien por 'courtly'. Para terminar, os versos 406-412 acabam em Inglês Moderno com traduções diferentes do sentido da frase. Stone mostra que o cavaleiro concorda dizer a Gawain quem é e onde mora, já Tolkien mantém o assunto sempre no domínio da suposição ao acrescentar mais um 'if'.

De novo, na estrofe 19, Stone procura manter uma ordem sintática mais clara nos versos. Tolkien troca a ordem dos versos 421-422 para que o objecto de 'let him doun' seja absolutamente clarificado como o machado. Já Stone escolhe usar uma expressão inequívoca ('slashed swiftly

down') e assim não tem de efectuar troca de versos. Tolkien ao traduzir 'schade hit in twynne' (v. 425) por 'clove it asunder?'; também traduz 'halce' (v. 427) por 'shoulders'. Já Stone mantém 'neck'. Nota ainda para as diferentes escolhas tradutórias para a expressão 'þaȝ hedlez he were / in stedde' (vv. 438-439): 'though he had / No head.' Vs. 'though in the hall he might / wear no head.'

Há passagens de difícil tradução por toda a estrofe 20. Stone cria estruturas sintáticas mais simples e chega a criar uma nota de rodapé para ser claro que é de Guinevere que se fala. Troca ainda a ordem dos versos 452 e 453 para facilitar a compreensão. Tolkien, curiosamente, acrescenta, no verso 446, um "at them" para clarificar a quem os olhos da cabeça decepada dirigem a olhar. Há a destacar uma tradução interessante feita pelos dois autores da expressão 'What þenne?' (v. 462) – Tolkien traduz por 'meanwhile' e Stone por 'What then?'. Tolkien parece ter tido alguns problemas em manter a aliteração nos últimos seis versos da estrofe.

Na estrofe 21 há uma rima imperfeita nas duas traduções, mais percetível no texto de Stone (pause/yours). Tolkien apenas omite sons. De registar os problemas na criação de verso aliterativo no texto de Tolkien nos dois primeiros versos do 'wheel'. Dificuldade elevada de tradução da quadra é sentida por ambos os tradutores, uma vez que, neste passo, o poeta se dirige a Gawain. Os tradutores dão ideias diferentes do que é o desafio para Gawain. Para Stone é um jogo, um desporto ('sport'), para Tolkien, uma tarefa que envolve perigo ('dangerous deed') (Cf. v. 489).

Tolkien altera a divisão dos versos na estrofe 22 (indicada no Anexo 1 com os travessões que marcam a divisão do texto de partida). A aliteração não é fácil em alguns versos. Apesar da diferente divisão dos versos, Tolkien mantém a aliteração certa, de acordo com a divisão dos versos original. Stone mantém a ordem dos versos mas existe alguma dificuldade em manter aliteração em alguns versos. Há também uma diferença na tradução de 'fraystez' (v. 503): Tolkien traduz por 'tries' e Stone por 'are forced'. Tolkien parece querer manter o conceito de tentação que será vital para a aventura de Gawain.

Na estrofe 23, Tolkien posiciona-se mais próximo do texto de partida, embora haja versos em que não se consegue manter a aliteração (Cf. vv. 534-535). Stone faz uma alteração da ordem sintática para simplificação do sentido do texto (v. 517). Interessante a diferença na tradução do verso 517[207]: "When Zephyrus himself breathes on seeds and herbs" vs. "when Zephyr goes sighing

[207] A propósito dos vv 516-517, Tolkien, nas suas notas, presentes no *MS Tolkien A12/1*, fol. 20, fala de outros textos que apresentam a passagem das estações do ano para marcar o fluir temporal e recorda *Arthour and Merlin*.

through seeds and herbs" que, como já apontámos no ponto anterior, tem algumas semelhanças com o prólogo da obra *Canterbury Tales*, de Chaucer.

Stone, a partir da estrofe 24, acrescenta notas de rodapé à sua tradução (Cf. Anexo 1) para explicar quem os cavaleiros apresentados são. Procura clarificar a informação dos versos 538 e 539, acrescentando texto e ainda substituindo substantivos comuns por nomes próprios no verso 537 e também no verso 562. Inverte a ordem sintática do v. 557. Explicita "All saints' day". Tolkien mantém "All Hallows". Tolkien não traduz os nomes dos cavaleiros e mantém "Wawan" para efeitos de aliteração. Nos vv. 546-547, Stone muda o sentido da frase quando a interrompe. Tolkien mantém um sentido mais próximo do texto de partida. Nenhum dos tradutores consegue criar aliteração no verso 550 porque são nomes.

No que diz respeito à estrofe 25, em Stone há uma simplificação das estruturas sintáticas e do vocabulário na descrição das vestes de Gawain e alguma dificuldade em manter aliteração no verso 580. Em Tolkien há uma clara dificuldade na aliteração dos versos da quadra final, mas no geral está mais perto do texto de partida tanto no vocabulário como nas estruturas sintáticas.

Na estrofe 26 há problemas de aliteração no v. 617 para Stone. Já Tolkien tem este mesmo problema nos vv. 615-616. Diferença na interpretação do v. 593 – em Stone Gawain reza e em Tolkien a Missa é rezada. Alteração da ordem sintática em Stone – v. 596; Tolkien também altera a ordem sintática no v. 600 para clarificação. No verso 601, Stone acrescenta palavras para explicar a fim de que a informação seja mais clara. Na estrutura 'bob', Tolkien traduz 'in toune' por 'in court' vs. 'in hand' por Stone, dando um sentido completamente diferente ao verso. Há também uma rima imperfeita em Stone, nos versos 615-617.

Tolkien pouco consegue aliterar na quadra da estrofe 27. A tradução dos verso 624 é díspar nos dois autores, uma vez que Stone traduz "though I tarry therefore" e Tolkien "though it may tarry my story", o que, para além de clarificar melhor o sentido do verso, está também mais próximo do texto de partida. No verso 631, Stone procura clarificar quem é o cavaleiro ao acrescentar "Sir Gawain". Na estrutura 'bob', a expressão 'in mote' é complicada de traduzir. Stone opta por 'In the field' e Tolkien por 'So there'.

A estrofe 28 está marcada por dificuldades em aliterar (Cf. Stone: Vv. 642, 649, 661 e 669 e Tolkien: 666 e 669). No verso 641, há diferentes traduções para 'þe freke' – "the knight" vs. "he"; no verso 642, Tolkien omite 'vpon folde'; No verso 644, as traduções também diferem para a expressão 'watz stad' – "was busy" vs. "was come"; Neste mesmo verso ainda, Stone traduz por "whenever" e Tolkien por "wherever" quando o texto de partida claramente diz 'quere-

so-euer' – wherever. Stone altera ordem dos versos para clarificar o sentido da frase nos versos 648 e 649. De destaque são também as diferentes traduções do v. 653 – 'clannes and his cortaysye' – "Continence and Courtesy" vs. "chastity and chivalry"; Há ainda notas de rodapé de Stone para clarificar informação.

Já na estrofe 29 destacam-se as pequenas diferenças de sentido entre traduções. A saber: v. 672 – 'se3 þat semly' – "saw that seemly sight" vs. "beheld him so honourable"; v. 674 – 'Carande' – "In care" vs. "grieving"; 'Bi Krist' – "By Christ" vs "Before God"; v. 675 – 'þou' – "yon" vs. "thou"; v. 676 – 'in fayth' – "in faith" vs. "Marry"; v. 681 – 'aluisch mon' – "unearthly being" vs. "elvish man"; v. 682 – 'kyng' – "Prince" vs "king"; v. 684 – 'þe warme water' – "watery tears" vs. "warm tears"; v. 685 – 'wonez' – "court" vs. "castle" – dwelling; v. 687 – 'he made non abode' – "he faltered not nor feared" vs. "No longer he abode". Para além destes pormenores, Tolkien não alitera nos versos 687 e 690.

Uma marcada alteração da ordem sintática inicia a tradução de Stone da estrofe 30. Stone identifica Britain com Logres na sua tradução, sem explicar porquê (Cf. v. 691-692). Há alguns pormenores diferentes nas duas traduções: no v. 700 - 'to the other side' vs. 'to high land again' - til he had eft bonk; já no verso 705 Stone simplifica a informação;

Em seguida, no verso 709 encontramos 'his way' vs. 'the knight' - porquê mudar o sujeito da frase? Em Stone parece anular o poder de escolha do caminho. O verso 711 é muito importante na comparação das traduções. No texto de partida temos "His cher ful oft con chaunge". Literalmente significa, "muitas vezes ele mudava a sua direção". Stone traduz cher como 'mood' e Tolkien como 'view' (fazendo o trocadilho entre vista de estar sempre a percorrer novos caminhos e 'vista' de maneira de pensar). O cavaleiro de Stone é diferente do de Tolkien, muda de disposição, estará ele mais fadado à falha?

Ainda nesta estrofe, no último verso Tolkien mantém a ordem sintática do texto de partida mas Stone simplifica-a para SOV. Stone acrescenta notas explicativas para clarificar a deslocação geográfica de Sir Gawain e há pouca aliteração da quadra em Tolkien.

Na estrofe 31, não há aliteração no verso 736 de Stone e este faz alteração da ordem sintática dos versos 713-714. Há ainda várias pequenas diferenças nas traduções dos dois autores: v. 715 - wyze - 'brave man' vs. 'he'; v. 716 - "by a freak of chance' vs. 'for a wonder'; v. 717 - 'a one' vs. 'they'; v. 718 - 'the man' vs. 'he'; v. 720 - 'dragons' vs 'worms'; v. 721 - 'wild trolls' vs. 'wood-trolls'; v. 730 - 'night after night' vs. 'more nights than enow'; v. 733 - 'in parlous plight' vs. 'in passes grievous' - plytes ful harde: condições muito difíceis; v. 734 - 'this knight' vs. 'he' -

þis kny3t; v. 735 - 'alone' vs. 'in need' - al one; v. 736 - 'he' vs. 'the knight' - þe kny3t; v. 737 - 'moan' vs 'plaint'. Finalmente, nos versos 738-739 há uma clara diferença no sentido das traduções da oração que Gawain faz à Virgem Maria: em Stone pede que seja seu guia até um alojamento ser mostrado; em Tolkien pede que guie o caminho que vá dar a um alojamento;

Apenas algumas notas de destaque para a estrofe 32: Stone tem dificuldade em aliterar no verso 745 e procede à alteração da ordem sintática de vários versos (Cf. v. 740 e vv. 759-762). As principais diferenças nas duas traduções são: v. 748 – 'gallant knight' vs. 'good man' – gome; v. 751 – 'him' vs. 'sweet Lord' – Þat syre; v. 752 – 'virgin' vs. 'maid' – burde; no v. 754 – Stone acrescenta vocativo 'thee'. Uma nota final para realçar a extrema dificuldade de tradução do verso 750.

Na estrofe 33, Stone simplifica vocabulário e ordem sintática, não alitera o primeiro verso da quadra e faz uma nota explicativa sobre quem é São Julião. Já Tolkien não alitera em dois versos da quadra (Cf. 782 e 784). As principais notas de destaque entre as duas traduções são: v.764 – Stone corta 'ere' e escolhe 'when'; v. 767 – 'acquired by a knight' vs. 'a king possessed' – euer kny3 a3te; nos versos 768 e 769 Stone troca a ordem sintática; v. 771 – 'courteous knight' vs. 'Gawain' – haÞel; v. 774 – 'two gentle patrons' vs. 'who generous are both'; v. 776 – 'gallant knight' vs. 'knight' – burne / Tolkien mantém 'bon'; v. 779 – 'brave man' vs. 'his master' – Þe burne; v. 780 – 'with one cast' vs. 'at last' – in haste; v. 783 – 'wall' vs. 'castle' – wallez.

Há uma rima imperfeita de Stone na estrofe 34. Tolkien não alitera o último verso da quadra e Stone troca a ordem dos versos 809-810. Há ainda uma nota explicativa de Stone para o tipo de castelo que o Poeta de *Gawain* descreve. Os principais pontos a destacar das duas traduções são: v. 785 – 'the knight' vs. 'he' – burne; há uma simplificação da sintaxe da frase por Stone nos versos 787 e 793; v. 798 – 'the chevalier' vs. 'he' – he; v. 803 – 'Gringolet' vs 'his great horse' – Þe fole; v. 806 – 'well cheered' vs. 'with delight' – auinant.

Na estrofe 35, Stone não alitera o verso 836 e Tolkien o verso 839. Stone simplifica orações – acrescenta uma subordinada relativa no verso 812. As pricipais notas de destaque desta estrofe são: v. 813 – 'I think' vs. 'I promise indeed' – 'purely I trowee'; v. 815 – ȝe vs. 'quickly' – ȝede; v. 817 – 'in a dignified way' vs. 'duly' – 'derely'; Stone altera ordem sintática nos vv. 817 e 818; v. 821 – 'reverentely raised them' vs. 'readily bade them rise' – raysed rekenly'; v. 827 – 'To receive it and to serve this stately man' vs. 'to have it from his hand, his highness to serve' - For to hent hit at his honde, þe hende to seruen; v. 831 – 'his fine garments' vs. 'his harness' – his heȝ wede; v. 833 – 'prince of those people' vs. 'lord of that land' - lorde of þe lede; v. 835 –

'His first words were' vs. 'He said' – he sayde – a aliteração em Stone parece justificar a escolha; v. 838 – 'I yield my best thanks yet' vs. 'Gramercy' - Graunt mercy.

De novo, há rima imperfeita em Stone, na estrofe 36. Stone altera ainda a ordem sintática para clarificar texto nos versos 843, 845, 849, 850, 857, 859 e 860; Nos versos 849 e 850 há também alteração da ordem sintática em Tolkien. De destaque nesta estrofe são as seguintes traduções: v. 848 – 'And he seemed in good sooth a suitable man' vs. 'and well it suited him, in sooth, as it seemed to the knight' - And wel hym semed, for soþe, as þe segge þuȝt; v. 851 – 'to Gawain' vs. 'him' - hym; v. 856 – 'on the fringes was worked' vs. 'embroidered at the sides'; v. 860 – 'retainers' vs. 'men' – 'renkkez'; v. 868[208] – 'lithe limbs below' vs. 'all his body beneath' – lymmez under; Vv. 869-870 – 'Jesus never made, so men judged, more gentle and handsome / A knight' vs 'That knight more noble was never made by Christ / they thought.'

Stone troca a ordem sintática para clarificar o sentido dos vv. 875 e 878-881 da estrofe 37; Acrescenta, também, uma nota explicativa para clarificar a necessidade de "penitência" na Véspera de Natal. De destacar nas traduções: v. 876 – 'Sir Gawain' vs. 'his' – Sir Gawain; v. 883 – 'bringing well-being' vs. 'and then his woes were amended' - þenne his cher mended; v. 887 – 'went to his meat' vs. 'went to his food' – went to his mete; v. 888 – 'brought' vs. 'waited' – serued; v. 890 – 'twice-fold' vs. ' in double helpings' – Double felde; v. 894 – 'gentle knight' vs. 'he' – freke; v. 899 – 'knight' vs. 'man' – mon.

Na estrofe 38, há uma rima imperfeita em Stone e ainda a alteração da ordem sintática nos versos 901-903; 908-909 e 924-925; As principais notas a reter desta estrofe são: v. 902 – 'In due form designed to draw him out' vs. 'personal points' – preué pointez ... put to hymseluen; v. 907 – 'by course of fortune' vs. 'as the case had turned out' - as case hym þen lymped; v. 911-12 – 'Gawain (...) whose person' vs. 'one who' – his...þat; v. 914 – 'in the ranks of men' vs. 'all men on middle-earth' – alle men vpon molde; v. 919 – 'scion of good breeding' vs. 'fine father of breeding' - fyne fader of nurture[209]; v. 926 - ȣ vs. 'I ween' – I hope.

Em relação à estrofe 39, Tolkien não alitera nos versos 966, 968 e 969. Há uma alteração da ordem sintática por Stone nos versos 942-943 e por Tolkien no verso 947. O verso 944 é completamente diferente nas duas traduções: "Most windsome in ways of all women alive" vs. "her proportions, her complexion, and her port than all others" – And of compass and colour and

[208] Nas suas notas, no *MS Tolkien A12/1*, folio 37, Tolkien discorre como a associação de Gawain à Primavera contribuiu para a sua beleza (por oposição ao Inverno).
[209] Expressão de difícil tradução em Português, a discutir no Anexo 2.

costs, of alle oÞer; v. 948 – ‘past middle age’ vs. ‘indeed ancient’ – an auncian; v. 950 – ‘ to look on’ vs. ‘in their looks’ – on to loke; v. 969 – ‘sweet one’ vs. ‘the one’ – þat.

Breves notas acerca da estrofe 40: Stone não alitera no verso 993 e divide frase com ponto final no verso 978. Tolkien troca a ordem sintática dos complementos circunstanciais nos versos 989-990. Nas traduções: v. 993 – ‘Gawain’ vs. ‘Sir Gawain’ – Sir Gawen; v. 994 – ‘to rest in rare delight’ vs. ‘and went to bed withal’ - And to his bed hym diȝt.

Na estrofe 41, Stone não alitera no verso 1001 e Tolkien não alitera mas faz rima interna no verso 1016. Nas traduções: v. 1001 – ‘ancient crone’ vs. ‘ancient woman’ – olde auncian; v. 1004 – ‘as the dishes were served’ vs. ‘where as was seemly the service began’ - as þe messe metely come; V. 1006 - ȣ vs. ‘when’ – Bi; Vv. 1008-1009 – ‘To such an extent that it would try me to tell of it; /And I suspect it would distract me to describe the details:’ vs. ‘and to tell all the tale of it I should tedious find, / though pains I might take every point to detail.’ - Þat for to telle þerof hit me tene were, / And to poynte hit ȝet I pyned me parauenture.

Já na estrofe 42, Tolkien não alitera no verso 1045 e introduz um verso a mais a seguir ao verso 1022 (a nossa contagem de versos segue sempre a que está no texto de partida no Anexo 1). Em relação às notas sobre as traduções: v. 1029 – ‘Good-bye’ vs. ‘Good-day’ – god day; v. 1042-1043 – Tolkien troca a ordem dos versos; v. 1045 – ‘His departure in all despite’ vs ‘that he by no means might’ - Bi non way þat he myȝt.

Na estrofe 43, Stone não alitera nos versos 1059, 1066 e, juntamente com Tolkien, no 1075. Stone troca a ordem sintática dos versos 1050, 1063 e 1070. Tolkien troca a OS no verso 1069; Há uma troca da ordem dos versos por Stone: vv. 1054-1055. Notas às traduções: v. 1058 – ‘ground or glebe’ vs. ‘ground’ – on grounde; v. 1064 – ‘God’s sun’ vs. ‘God’s son’ – Goddez sun; v. 1074 – ‘Out there’ vs. ‘play you know’ – in spenne.

Há um verso a mais em Stone na estrofe 44 porque ele divide ao meio o verso 1083 e também faz uma rima imperfeita na quadra. Stone não alitera os versos 1080 e, juntamente com Tolkien, o 1101. Stone troca a ordem sintática dos vv. 1087-1088; Tolkien insere discurso direto para Gawain no último verso da estrofe. Ainda a destacar o verso 1088: ‘he spoke’ vs. ‘he called’ – he carped.

Na estrofe 45, Tolkien não alitera no verso 1122. De destaque nas duas traduções há: v. 1108 – ‘truly swear’ vs. ‘come say what you think!’ - sware with trawþe; v. 1111 – ‘And I am happy that you have an eye to sport’ vs. ‘and whatever play you propose seems pleasant to me’ - And þat yow lyst for to layke, lef hit me þynkes; vv. 1112-1113 – Stone troca a ordem dos versos. Tolkien

troca a ordem sintática do v. 1112; v. 1116 – 'in refined fashion' vs. 'with customs of France' - Frenkysch fare; v. 1120 – 'each brave man' vs. 'they' – vche burne; vv. 1124-1125 – Tolkien troca a ordem dos versos com o claro propósito da rima.

A divisão de versos que Tolkien faz na estrofe 46 resulta num verso a menos. Será para compensar o que acrescentou? Notas a reter das duas traduções: v. 1137 – 'Before the sun's first rays' vs. 'When daylight was opened yet dimly' - By þat any dayly3t lemed; v. 1139 – 'cunning hunteres' vs. 'leaders' – cacheres; v. 1140 – 'called them out' vs. 'cried to them 'out!' ' - calde hem þeroute – Tolkien introduz discurso direto; v. 1144 – 'a hundred choice huntsmen' vs. 'a hundred / hunting-dogs' – A hundreth of hunters; v. 1145 – 'whose fame / resounds' vs. 'of the best' - of þe best; Vv. 1148-1149 – Stone troca ordem dos versos, provavelmente para manter a rima.

Tolkien não alitera v. 1176 da estrofe 47 e Stone troca a ordem sintática do verso 1154. Nas traduções há a destacar: v. 1158 – 'a 'Hey!' and a 'Whoa!' ' vs. 'with hey! and ware!' - with hay! and war!; v. 1160 – 'Lo' vs ⦸ - ⦸; v. 1163 - ⦸ vs. 'Lo!' – What!; v. 1165 – 'And the hurrying hunters' high horn notes' vs. 'and hunters with high horns hurried behind them' - Hunterez wyth hy3e horne hasted hem after; Vv 1168-1169 – Stone troca ordem dos versos; Vv. 1176-1177 – Tolkien troca ordem dos versos, provavelmente pela manutenção da rima.

Na estrofe 48, Tolkien não alitera no verso 1205. Stone troca a OS no verso 1198 e troca a ordem dos versos 1206 e 1207, provavelmente para manter a rima. Destaques nas traduções: v. 1179 – 'the good man' vs. 'the bold' - þe god mon; v. 1183 em Stone – 'suspicious' Porquê traduzir 'littel' desta forma? – V. 1188 em Stone – 'secretly?' – Porquê traduzir 'dernly' assim quando significa 'cuidadosamente', pela aliteração, talvez?; v. 1189 – 'embarrassed' vs. 'abashed' – schamed; v. 1195 – 'slyly' vs. 'lurking' – lurked; v. 1197 – 'for it seemed marvellous' vs. 'to some surprise, he fancied' - to meruayle hym þo3t.

No que diz respeito à estrofe 49, o primeiro ponto de destaque é para a enorme nota de rodapé que Brian Stone acrescenta para dar conta das inúmeras leituras feitas pelos críticos de *SGGK* sobre o comportamento da esposa de Bertilak (Cf. *SGGK*, 1964: 73). Relativamente a notas de destaque nas duas traduções desta estrofe: v. 1209 – 'How unsafely you sleep' vs. 'You are a careless sleeper' - '3e ar a sleper vnsly3e; v. 1213 - 'Good morning, gay lady,' vs. 'Good morning to your grace!' . 'Goud moroun, gay,'; v. 1216 – Ordem sintática alterada em Stone; v. 1223 – 'I have a better idea' vs 'I will govern you better' - I rych yow better; v. 1225 – 'my chains have caught' vs. 'I have taken so' - þat I ka3t haue; v. 1227 – 'worship' vs. 'pay homage' – worchipez;

vv. 1228-1229 – Stone troca ordem sintática; v. 1237 – 'My young body is yours' vs. 'To my body will you welcome be' - ȝe ar welcum to my cors.

Na estrofe 50[210], Nenhum dos dois autores alitera no verso 1262; Há uma rima imperfeita em Tolkien. Nos versos 1243-1244, Stone troca ordem dos versos; Em relação às principais diferenças entre as traduções: v. 1248 – 'In good sooth' vs. 'In good faith' – In god fayth'; Vv. 1249-1250 – Ordem Sintática em Stone é alterada; Vv. 1252-1255 – Stone troca a ordem dos versos (para clarificar a ideia?[211]); v. 1256 – 'as I love' vs. 'I thank Him' - I louue þat ilk lorde; v. 1258 – 'Through His Grace' vs. 'by grace' - þurȝe grace; v. 1261 – 'but' vs ⦸ - ⦸;

Stone tem um verso a mais, que acrescenta entre os vv. 1275-1277. Tolkien não alitera o v. 1287. No verso 1267, Stone troca a OS e entre os vv. 1272-1275 troca a ordem dos versos. Notas de destaque sobre o trabalho dos dois tradutores nesta estrofe 51: v. 1279 – 'cavalier' vs. 'knight' – knyȝt; v. 1281 – 'adored' vs. 'loved him much' – hym loued mych; v. 1282 – 'But Sir Gawain was on guard in a gracious manner' vs. 'and he fenced with her featly, ever flawless in manner' – Þe freke ferde with defence, and feted ful fayre; Vv. 1283-1284 – Tolkien mantém o pensamentro da senhora em discurso direto. Stone coloca as palavras na boca do narrador.

Notas de destaque acerca da estrofe 52: v. 1290 – 'good-bye' vs. 'good day' – god day; v. 1293 – 'But scarcely a single soul would say you were Gawain? Vs. 'But that you should be Gawain, it gives me much thought' – Bot Þat ȝe be Gawan, hit gotz in mynde; v. 1294 – 'the knight asked' vs. 'Why so?' – 'Querfore?'; v. 1295 – 'the finest manners' vs. 'his converse' – 'his castes'; v. 1296 – 'blessed him' vs. 'God bless you! For this reason' – Bi Þis skyl; v. 1304 – 'who fears to offend you' vs. 'lest he displease you' – 'lest he displese yow'; v. 1305 – 'penned' vs. 'caught' – cachez; v. 1312 – 'he ate in honourable style' vs. 'went to a meal that meetly awaited him' – he meued to his mete Þat menskly hym keped; v. 1314 – 'merry sport' vs. 'made merry' – with game; Vv. 1315-1316 – Troca da ordem dos versos em Stone; v. 1317 – 'For the dear one and the dame' vs. 'the youthful and the aged' – Þe alder and Þe ȝonge.

Relativamente à estrofe 53, Tolkien não alitera no v. 1349. Notas a reter: v. 1319 – 'still' vs. 'ever' – ay; v. 1321 – Tolkien altera ordem sintática; v. 1322 – 'it was downright wonderful' vs. 'one might doubt it were true' – to deme were wonder; Vv. 1327-1328 – Stone troca ordem dos versos; v. 1329 – 'worst' vs. 'leanest' – fowlest; Vv. 1334 e 1338 – Tolkien acrescenta

[210] Estrofe complexa de traduzir, segundo Tolkien, em particular, os vv. 1265-66. (*Ms Tolkien, A/12*).
[211] O próprio Tolkien, nas suas notas por publicar, acha que se passa alguma coisa com a ordem sintática do verso 1253 (*Ms Tolkien A12/1*).

parênteses explicativos, pela dificuldade da estrofe; v. 1343 – 'they rapidly ripped free the rib-fillets' vs. 'all the tissues along the ribs they tear away quickly' – alle Þe rymez by Þe rybbez radly Þay lance.

Stone não alitera no verso 1369; Tolkien não alitera v. 1370; Stone troca a OS nos vv. 1353, 1355 e 1363 e troca a ordem dos versos 1356-1358 e 1367-1368. Notas de destaque para as traduções da estrofe 54: v. 1362 – 'blew the kill' vs. ' blew the prise' – blw prys; v. 1366 – 'our knight' vs. 'knight' – knyȝt. Stone faz ainda uma nota de rodapé a explicar no que consiste 'the raven's fee'.

Na estrofe 55, Stone não alitera vv. 1397-1398. Tolkien não alitera os mesmos e ainda o v.1401; A reter acerca desta traduções: v. 1372 – 'castellan' vs. 'master' – lorde; v. 1376 – 'Then gaily and in good humour' vs. 'and all gracious in game' – and al godly in gomen; v. 1381 – 'such splendid spoils' vs. ' 'here is venison the fairest' – here is wayth fairest; v. 1383 – 'And I grant it you, Gawain, as a gift, said the knight' vs. 'And I give it you all, Gawain, said the good man at once' – 'And al I gif yow, Gawayn,' quoÞ Þe gome Þenne; v.1385 – 'Gawain' vs. 'he' – Þe segge; v. 1389 – 'in the comeliest way' vs. 'with all the kindness' - as comlyly; v. 1392 – 'Good!' vs. 'that is a good one' – Hit is god; Vv. 1395 – 'Said the other' vs. 'quoth he' – quoÞ he; Vv. 1396-1397 – 'said the other, 'You have your due: ask more, / None should.' Vs. 'For you've drawn what is due to you, no doubt can you / have 'tis true' – For ȝe haf tan Þat yow tydez, trawe non oÞer / ȝe mowe; Tolkien troca a OS nos vv. 1398-1399.

Stone tem um verso a mais na estrofe 56 porque acrescenta informação entre os vv 1406-1407 e não faz aliteração no verso 1420. Notas de destaque: v. 1402 – Finally' vs. 'later' – syÞen; v. 1403 – 'Chamberlains' vs. ⦸; v. 1405 – 'settlement' vs 'bond' – forwardez; v. 1409 – 'brave men' vs. ⦸; Vv 1415-1416 – Stone troca OS e OV; v. 1417 - ⦸ vs 'loud' – heȝ; Nota de rodapé de Stone sobre costumes da caça.

Stone tem um verso a menos na estrofe 57 porque junta os vv 1445-1446 e não alitera no verso 1426. Troca também a OS nos versos 1423, 1426-1427 e 1443. A reter: v. 1444 – 'swift and unscratched' vs. 'sparing the others' – boute spyt more; v. 1448 – 'quarry' vs. 'boar' – bor. Stone acrescenta uma nota de rodapé acerca de como se lidava com os cães de caça na Idade Média.

Na estrofe 58, Stone não alitera v. 1474. Tolkien não alitera vv. 1472-1474 e eliminou o 'bob', tem menos um verso. A reter: v. 1460 – 'But when the boar was battered by blows unceasing' vs. 'But when the hurts went home of their heavier strokes' – Bot quen Þe dyntez hym

dered on her dryȝe strokez; v. 1464 – 'lithe horse' vs 'light horse' – liȝt horce; v. 1469 – 'lovable lord' vs. 'knight beloved' – luflych lede; v. 1470 – 'Gawain vs. ⃠ - Gawayn; v. 1472 – 'gay one' vs. 'lady' – lady. Nota de rodapé de Stone acerca de como se caçavam javalis no século XIV.

Notas a reter acerca da estrofe 59: v. 1476 – 'cast her eye' vs. 'peeped at the knight' – at Þe knyȝt totes; v. 1480 – 'languishing look' vs. 'a look full of love' – a luflych loke; Stone troca OS nos vv 1481 e 1492. Tolkien troca no verso 1489. V. 1491 – 'According to the canons of courtly usage' vs 'that becomes all who care for courteous manners' – Þat bicumes vche a knyȝt Þat cortaysye vses; v. 1494 – 'if my advances were refused' vs. 'were I rebuffed' – I were werned; v. 1498 – 'good guidance you give me' vs. 'you graciously speak' – good is your speche; v. 1499 – 'But threateners are ill thought of and do not thrive in my country' vs. 'but force finds no favour among the folk where I dwell' – bot Þrete is vnÞryuande in Þede Þer I lende; v. 1504 – 'beautiful lady' vs 'the lady' – Þe lady.

Na estrofe 60, Stone não alitera v. 1508. Stone troca a ordem dos versos, como explica na nota de rodapé, trazendo para o final do 4º verso da estrofe os versos 1523 e 1524, para clarificar a ideia. No entanto, Tolkien mantém a mesma ordem do texto de partida e, por essa mesma razão, vale a pena ler as estrofes em separado. Em Stone percebe-se de que é que a senhora fala até ao fim. Em Tolkien também, apesar de a questão que a senhora coloca a Gawain vir mais tarde na estrofe, tal como no texto de partida. A destacar nas traduções: v. 1518 – 'lords' vs. 'lovers' – ledes; v. 1527 – 'courtly love' vs. 'the science of lovers' - tokenez of trweluf craftes; v. 1530 – 'for shame!' vs. 'but nay!' – For schame; v. 1532 – 'To acquire some courtly game' vs. 'a pupil for your play' - To lerne at yow sum game.

Tolkien não alitera os versos 1555-1556 na estrofe 61; Stone troca de novo a ordem dos versos tornando o v. 1545 no sexto da estrofe. Outras notas: v. 1536 – 'It gives me great happiness' vs. 'great delight I gain' - Gret is þe gode gle; v. 1537 – 'so fine a fair one as you' vs. 'one so worthy as you' - so worþy as ȝe; v. 1538 – 'make pastime with her knight' vs. 'as for playing with your knight' - as play wyth your knyȝt; v. 1540 – 'For me to take on the travail of interpreting true love' vs. 'But for me to take up the task on true love to lecture' - Bot to take þe toruayle to myself to trwluf expound; v. 1541 – 'construing the subjects' vs. 'comment on' - towche þe; v. 1546 – 'To please you I would press with all the power in my soul' vs. 'All your will I would wish to work, as I am able' - I wolde yowre wylnyng worche at my myȝt; v. 1547 – 'shall be' vs. 'desiring' – wylle; v. 1549 – 'tried him with questions' vs. 'tempting him often' – fondet hym ofte; v. 1550 – 'to persuade him to sin' vs. 'so as to allure him to love-making' - For to haf wonnen hym

to wo3e; v. 1551 – ‘so firmly’ vs. ‘so fair’ – so fayr; vv. 1556-1557 – ‘A fond farewell she bade, /And went her way on this.’ Vs. ‘with grace adieu him bade, / and went whereso she list.’ - Hir leue fayre con scho fonge / And went hir waye, iwysse.

Já na estrofe 62, há uma troca da ordem sintática e ordem dos versos por Stone, nos versos 1574-1575. Ainda de destaque são os seguintes versos: v. 1558 – ‘Gawain’ vs. ‘he’ – Þe renk; v. 1559 - ȣ vs. ‘their’ – hor; v.1560 - ȣ vs. ‘he’ – Þe lede; v. 1561. – ‘the castellan’ vs. ‘the lord’ – Þe lorde; v. 1564 – ‘when at bay’ vs. ‘wherever to bay he was brought’ – Þer he bode in his bay; v. 1565 – ‘for all his defence’ vs. ‘maugre his teeth’ – mawgref his hed; v. 1567 – ‘sometimes’ vs. ‘yet’ – 3et; v. 1568 – ‘In time’ vs. ‘till at last’ – Til at Þe last; v. 1572 - ȣ vs. ‘from the corners’ – bi Þe wykez; v. 1577 - ȣ vs. ‘before’ – byforne; v. 1580 – ‘and he raging and seeing red’ vs’ of a beast both mad and dire’ - Þat breme watz and braynwod bothe.

Tolkien não alitera o v. 1598 da estrofe 63. A realçar ainda nas traduções: v. 1581 – ‘the castellan’ vs. ‘the knight’ – Þe kny3t; v. 1584 – ‘drew and brandished his bright sword’ vs. ‘brandished a bright blade’ – braydez out a bry3t bront; v. 1586 – ‘its wielder’ vs. ‘ of him’ – of Þe wi3e; v. 1587 – ‘And bridled with his bristles’ vs ‘and high raised his hair’ – hef hy3ly Þe here; v. 1588 – ‘the lord’ vs. ‘the knight’ – Þe freke; v. 1589 – ‘at the man’ vs. ‘on him’ – on Þe segge; v. 1591 – ‘the beast’ - Þat oÞer; v. 1592 – ‘at the moment of impact’ vs. ‘as they met’ – as Þay mette first; vv. 1595-1596 – ‘And the spent beast sank snarling in the stream,/Teeth bare.’ Vs. ‘and with a snarl he succumbed, and was swept down the/ water straightway.’ - And he 3arrande hym 3elde, and 3edoun Þe water / ful tyt; v. 1597 – ‘and more’ – não estamos certos de onde Stone foi buscar esta informação; v. 1600 – ‘and the dogs destroy him there’ vs. ‘and dogs him dead did lay’ – And doggez to dethe endite.

Presumindo que para efeitos de rima, na estrofe 64 Brian Stone troca a ordem dos pares de versos 1619-1620 e 1621-1622. Outra informação importante: v. 1603 – ‘braches bayed their best’ vs ‘bloodhounds bayed for the beast’ – Brachetes bayed Þat best; v. 1619 – ‘broiled’ vs. ‘burned’ – brennez; v. 1617 – ‘the stream’ vs. ‘the ford’ – Þe forÞe; v. 1618 – ‘Above all’ vs. ‘so great’ – so stronge; Ainda na tradução de Stone há uma nota de rodapé que explica que a caça ao javali estava associada ao Natal.

Na estrofe 65, Tolkien troca a ordem sintática no verso 1624 e Stone nos vv. 1641-1644. A reter: v. 1627 - ȣ vs. ‘also’ – alse; v. 1629 – ‘Gawain’ vs. ‘his friend’ – Þat oÞer kny3t; v. 1631 – ‘man’ vs. ‘knight’ – burne; v. 1634 – ‘for the ear of the lord’ vs. ‘to honour the lord’ – Þe lorde

for to here; v. 1646 – 'If your trade continues so!' vs. 'such trade if you pursue.' - Such chaffer and ȝe drowe. Brian Stone acrescenta também uma nota a explicar quem é 'St. Giles'.

Brian Stone clarifica, na estrofe 66, que se fala de dois tipos distintos de composição musical que são descritos na obra. Tolkien não alitera no v. 1665. Stone troca a ordem sintática nos vv. 1650 e 1654 e troca a ordem dos versos nos vv. 1652-1653 e 1664-1665. A reter ainda: v. 1649 – 'clearly-flaming cressets' vs. 'clear light then' – clere lyȝt Þen.; Vv 1658-1659 – 'In a bewitchingly well-mannered way she ogled him, / Surreptitiously soliciting the stalwart knight,' vs 'Such glances she gave him of her gracious favour, /secretly stealing sweet looks that strong man to charm,' - Such semblaunt to þat segge semly ho made /Wyth stille stollen countenaunce, þat stalworth to plese; v. 1664 - ȣ vs. 'when' – quen; v. 1666 – 'And then at the castellan's call' vs. 'to a room did the lord them call' – to a chamber he con hym calle.

Na estrofe 67, há algumas diferenças a destacar entre as traduções: v. 1668 – 'There they drank and discouraged and decided to enjoy' vs. 'There amid merry words and wine they had a mind once more' - Ande þer þay dronken, and dalten, and demed eft nwe; vv. 1670-1671 – 'But the princely knight asked permission to depart in the morning, /For his appointed time was approaching, and perforce must go.' Vs. 'But said Gawain: 'Grant me leave to go on the morrow! /For the appointment approaches that I pledged myself to.' - Bot þe kny3t craued leue to kayre on þe morn, /For hit watz ne3 at þe terme þat he to schulde. – Tolkien introduz discurso direto na fala de Gawain embora não esteja no texto de partida; vv 1677-1678 – 'While I fare hunting in the forest; in fulfilment of your oath /Exchanging what we achieve when the chase is over.' Vs. 'and I shall hunt in the holt there, and hold to my terms /with thee truly, when I return, to trade all our gains.' - And I schal hunt in þis holt, and halde þe towchez, / Chaunge wyth þe cheuisaunce, bi þat I charre hider. Convém destacar o facto de que, no verso 1680 o Cavaleiro Verde dá uma pista a Gawain dizendo que aquilo que se está a passar talvez seja mais do que ele julga; v. 1680 – Stone não traduz o ditado apresentado; v. 1682 – interpretação diferente por Stone e Tolkien – sujeitos das frases são diferentes – 'For disaster can seize man whensoever it pleases.' Vs. 'for the woe one may win whenever one wishes!' - For þe lur may mon lach when-so mon lykez; v. 1688 – 'the lord' vs. 'his host' – Þe lorde.

Na estrofe 68, Stone acrescenta duas notas de rodapé: uma sobre o facto de não ser comum descrever a caça da raposa no romance medieval e outra sobre uma prática medieval que melhora o faro dos cães de caça. Stone troca a ordem sintática e a própria ordem dos versos nos Vv. 1690-1693. Tolkien faz uma pausa no v. 1691, acrescentando um ponto final. Stone troca

ainda a ordem sintática de novo nos versos 1716-1717. Notas: v. 1694 – 'forest-land' vs 'fields' – Þe folde; v. 1697 – 'a forest' vs 'holt-border' – holt syde; v. 1710 – 'stole out' vs 'sneaks out' – stelez out.

Há uma nota interessante de Brian Stone à estrofe 69 na qual afirma que as armas que a senhora usa contra Gawain são as do Amor Cortês. Tolkien não alitera nos vv. 1746-1747; De apontar o facto de o verso 1734 ser muito importante, é mais uma pista do narrador de que há aqui um plano qualquer da senhora. A reter: v. 1729 - ȝe vs 'yeah' – ȝe; v. 1733 – 'But the lady would not let herself sleep for love' vs. 'But the lady in love-making had no liking to sleep' - Bot þe lady for luf let not to slepe; vv. 1746-1747 - 'Ah, sir! How sound you sleep! /Bright are the morning's beams.' Vs. ''Ah! man, how canst thou sleep, / the morning is so clear!' - 'A! mon, how may þou slepe, /Þis morning is so clere?'

Na estrofe 70, Tolkien não alitera no verso 1769; Stone troca a ordem dos versos 1766-1767 claramente para manter a rima. Notas sobre as traduções: v. 1750 – 'the noble sighed' vs. 'he dream-words muttered' – draueled; v. 1751 – 'As threatening thoughts thronged in the dawn light' vs. 'as a man whose mind was bemused with many mournful thoughts' - As mon þat watz in mornyng of mony þro þoȝtes; v. 1752 – o sujeito que trará a desgraça a Gawain sofre uma alteração na ordem sintática em Stone; v. 1753 – 'where' vs. 'when' – when; v. 1755 – 'in comely fashion' vs. 'when so comely she came' - quen þat comly com – Stone troca advérbio e atribui-o ao despertar de Gawain quando, no texto de partida, se refere à senhora; vv 1768-1769 – 'Till dangerous passions impend /But Mary minded her knight.' Vs. 'great peril between them stood,/ unless Mary for her knight should pray.' - Gret perile bitwene hem stod,/ Nif Maré of hir knyȝt mynne.

Na estrofe 71, Stone não alitera v. 1773 e Tolkien não alitera v. 1772. Stone não traduz o verso 1781. Outras notas a reter: v. 1770 – 'hotly' vs. 'closely' – Þikke; v. 1776 – Stone acrescenta 'for sure'; v. 1780 – 'the living body' vs. 'one' – lyf; Vv. 1786–1787 – 'By all the loves there are, do not hide the truth / With guile.' Vs. 'For all sakes that men swear by conceal not the truth / in guile.' - For alle þe lufez vpon lyue layne not þe soþe / for gile.; v. 1790-179121-22 - ´I owe my oath to none, /Nor wish to yet a while.´ vs. 'Nay! lover have I none, / and none will have meanwhile.' - 'In fayth I welde riȝt non / Ne non wil welde þe quile.'

Tolkien não alitera no v. 1815 da estrofe 72 e troca a ordem dos versos 1813-1814 para manutenção da rima; Stone troca a ordem sintática no v. 1795 e nos vv. 1801-1802; Notas de destaque: v. 1792 – 'fair woman' vs. 'woman' – wyȝe; v. 1793 – 'to my utter anguish' vs. 'and

‘tis hard to endure’ – Þat sore me Þinkkez ; v. 1798 – ‘adieu’ vs. ‘parting’ – departyng; v. 1799 – ‘gloves’ vs. ‘glove’ – gloue; v. 1805 ‘But as token of true love, trifles mean little’ vs. ‘save to allot you as love-token thing of little value.’ – Bot to dele yow for drurye Þat dawed bot neked.; vv. 1810-1812 – ‘This afflicts me now, fair lady, for your sake. /But we are bound by Fate and must bravely bear its /Decree.´ vs. ‘(unluckily, dear lady) for your delight at this time. / A man must do as he is placed; be not pained nor /Aggrieved,’ said he’; Stone acrescenta ainda parêntesis no v. 1814.

Em relação à estrofe 73, Stone não alitera nos vv. 1842, 1844 e 1845 e tem um verso a menos (1835). Tolkien troca a ordem dos versos para efeitos de rima nos vv. 1844-1845. Notas de destaque nas traduções: v. 1818 – ‘sparkling stone’ vs ‘stone like a star’ – starande ston; v. 1820 – ‘you may well believe’ vs. ‘I warrant you’ – Wyt ȝe wel; v. 1821 – ‘courteous man’ vs. ‘knight’ – renk; v. 1822 – ‘no giving just now’ vs ‘I will have no gifts’ – I wil no giftez; v. 1824 – Stone acrescenta ‘again’; v. 1825 – ‘on his faith as a knight’ vs. ‘swore swiftly upon his word’ – swere swifte by his sothe; v. 1826 – ‘Put out by this repulse’ vs ‘sorry that he refused’ – ho sore Þat he forsoke; vv. 1828-1829 – Stone cria frase condicional; v. 1836 – ‘he could touch no treasure at all’ vs. ‘he would never receive’ – he nolde neghe in no wyse; v. 1839 – ‘I entreat you to be contented’ vs. ‘please be not angry’ – displease yow noȝt; vv. 1840-1841 – ‘for I promise it never / Can be’ vs ‘for to your suit I will ever/ say no.’ – for I bayÞe hit yow neuer / to graunte.

Brian Stone acrescenta uma nota explicativa acerca da faixa mágica, na estrofe 74, troca a ordem sintática no verso 1861 e não alitera nos v. 1866-1868. Tolkien não alitera nos vv 1866 e 1867 e troca a ordem dos versos na quadra para manter a rima. Ainda a realçar nesta estrofe: v. 1846 – ‘say “no”’ vs ‘refuse’ – forsake; v. 1847 – ‘In itself such a simple-seeming thing?’ vs. ‘because in itself it is poor?’; v. 1853 – ‘Is safe from assailants, whoever strives to slay him,’ vs. ‘there is none so hardy under heaven that to hew him were able’ - Þer is no haþel vnder heuen tohewe hym þat myȝt; v. 1856 – It would protect him in the peril’ vs ‘twould be a prize in that peril – hit were a juel for Þe jeopardé; v. 1858 – ‘It would be a splendid stratagem’ vs. ‘twould be a sovereign device - þe sleȝt were noble; vv. 1862-1863 – Tolkien acrescenta ‘on his honour’ – o original diz ‘fielmente’; v. 1863 – ‘the noble swore’ vs ‘he then agreed’ – acordez.

Já na estrofe 75 Stone acrescenta a nota que já discutimos no ponto anterior acerca da confissão de Gawain, troca a ordem dos versos 1889-1890 e não alitera no v. 1891. Tolkien não alitera nos vv. 1889 e 1892 e troca a ordem sintática do verso 1884. Ainda de destaque: vv. 1870-1871 – ‘Then with a word of farewell she went from him, /For further satisfaction was not forthcoming’ vs. ‘Then she left him alone, her leave taking, /for amusement from the man no more

could she get.' - Thenne lachchez ho hir leue, and leuez hym þere, /For more myrþe of þat mon moȝt ho not gete; v. 1872 – 'Directly she withdrew' vs 'when she was gone' – when ho watz gon; v. 1874 'But' vs. Ø; v. 1875 – 'secreted' vs 'hiding' – hid hit; v. 1880 – 'he fairly shrove himself' vs. 'declared his misdeeds'; v. 1889 – 'Such honour he did to all' vs. 'Each man there said' – Vche mon hade dainté Þare.

Principais notas a reter da estrofe 76: v. 1893 – 'love sheltering him' vs. 'have dearest delight' – Þer luf hym bityde; v. 1894 – 'prince' vs 'free lord' – Þe lorde; v. 1896 – 'evil' vs. 'the villain' – Þe schrewe; v. 1919 – 'while' vs 'and' – and; no verso 1914 – Stone troca ordem sintática; nos vv 1915-1917 – Stone troca ordem dos versos; v. 1921 – 'skin of red' vs 'cloak' – cote (para rimar).

No que diz respeito à estrofe 77, há a destacar: v. 1926 – 'the good Sir Gawain' vs ' Sir Gawain the good' – Sir Gawayn Þe gode; v. 1927 – 'By reason of the rich friendship he had reaped from the ladies.' Vs. 'among the ladies in delight his lot was most joyful' - Among þe ladies for luf he ladde much ioye; v. 1933 – ' Gawain' vs Ø – he; v. 1936 – 'castellan' vs 'knight' - knyȝt; v. 1938 – 'you will carve' vs 'you've come' - ȝe cach; v. 1940 - ´Do not chop logic about the exchange,´ chipped in Gawain vs. ''Indeed, the price was not important,' promptly he answered' - 'Ȝe, of þe chepe no charg,' quoþ chefly þat oþer; v. 1942 – 'is yet to pay' vs. 'is not up to't' – bihynde; v. 1946 – 'pure' vs 'such' – o uso de 'pure' em Stone será irónico?

Na estrofe 78, Tolkien não alitera vv. 1976 e 1978. Stone troca a ordem dos versos 1952-1953, 1962 e 1963 e 1967-1968 e troca a ordem sintática nos vv. 1965 e 1969. Tolkien troca a ordem dos versos 1977-1978 (efeitos de rima) e insere Discurso Direto nos vv. 1975 e 1976. Ainda de reter: v. 1961 – 'being greatly indebted' vs. 'graciously thanked him' – fayre he him Þonkkez; v. 1964 – 'I would... but' / 'I set... for I'; vv 1872 – 'So that he could go through the groves and glades by a good / Quick road' vs 'he might through wild and through wood ways most / straight pursue.' - And coundue hym by þe downez, þat he no drechch had.

A destacar na estrofe 79: v.1981 – 'their compliments' vs 'the same again' - aȝain; v. 1984 – 'amends' vs 'remembered with thanks' – a Þonke; V. 1991 – 'If he slept - I dare not assert it – less soundly than usual' vs. 'That soundly he slept then assert will I not' - Ȝif he ne slepe soundyly say ne dar I; v. 1995– 'what' vs ' the tryst' – Þat; v. 1996 – 'tarry' vs 'hold your peace' – be style; v. 1997 – 'The process I report' vs 'I will tell the deeds they wrought!' – I schal telle yow how Þay wroȝt.

Tal como no início dos restantes cantos, os versos da estrofe 80 estão divididos de forma diferente em Tolkien. Stone troca a ordem sintática nos vv 2000, 2007, 2008 e a ordem dos versos 2021-2022 (rima). A reter: v. 1998 – 'neared' vs 'draws near' - neȝes; v. 1999 – 'Deity' vs 'God' - Dryȝtyn; v. 2000 – 'bitterly vs 'keenly' – kenly; v. 2001 – 'flesh' vs 'naked' – naked; v. 2006 – 'lord' vs. 'knight' – leude; v. 2009 – 'he had dressed himself' vs 'briskly he rose from his bed' – deliuery he dressed vp; vv 2019-2020 – 'he was fain to give thanks / Indeed' vs 'and the knight him / thanked with delight' – and he watz fayn Þenne / to Þonk; Há ainda uma nota de rodapé de Stone que explica como se limpava a armadura na Idade Média.

Na estrofe 81, Tolkien não alitera nos vv. 2043-2044; Stone troca a ordem sintática no verso 2037. De destaque: v. 2025 – 'of the most princely kind' vs 'proudest' – wlonkest; v. 2031 – 'For his own good, Gawain did not forget that!' vs 'that Gawain forgot not, of his own good thinking' - Þat forgat not Gawayn for gode of hymseluen; Vv 2041-2042 – 'Stand an evil stroke, not resisting it with knife / Or sword' vs. 'must abide bane without debating it with blade or with / brand of war' - To byde bale withoute dabate of bronde hym to were / oÞer knyffe.

Na estrofe 82, Stone esclarece com uma nota de que escudeiro se fala e não alitera o v. 2068. Tolkien introduz discurso direto antes do momento em que este surge como fala no texto de partida, no verso 2052. A destacar ainda: v. 2047 – 'then' vs 'now' – thenne; v. 2050 – 'Sir Gawain' vs 'His master' – Þe wiȝe; v. 2053 – 'the man who maintains them' vs 'their lord that them leads' – mon hem maynteines; v. 2057 – 'and their company too' vs 'and all of you too' – and also yow alle; V. 2065 – 'his man' vs 'his squire' – his haÞel.

Já na estrofe 83, Stone não alitera v. 2087 e Tolkien não alitera v. 2090. Stone troca a ordem sintática nos 2071 e 2083 e a ordem ds versos nos versos 2072 e 2073; Ambos introduzem discurso direto quando não existe no texto de partida: Stone no v. 2072 e Tolkien, mais abundantemente, no v. 2073. A apontar ainda nas traduções: v. 2073 – 'Gawain' vs 'he' – Ø; V. 2085 – 'time' vs. 'season' – sesoun; V. 2087 – 'lofty' vs 'high' - hyȝe e uma nota de Stone, a que já fizemos referência no ponto anterior, sobre a identidade do servo que acompanha Gawain.

Na estrofe 84 há a destacar: v. 2091 – 'Sir Gawain' vs 'sir' - wyȝe; v. 2092 – 'you are not far' vs 'you are near' - ȝe not fer; Stone troca ordem sintática no verso 2098; v. 2100 – 'on earth' vs 'upon middle-earth' – vpon middelerde; v. 2102 – 'Hector' vs 'Heston' – Hestor; v. 2111 – 'gallant man' vs 'carl' - knyȝt; v. 2113 – 'And more' vs. 'To yield' – to spende.

Brian Stone acrescenta uma nota na estrofe 85 a explicar a diferença entre as armas do Cavaleiro Verde, não alitera v. 2137, troca a ordem dos versos e ordem sintática nos vv 2119-

2120 e a ordem sintática no v. 2127; Tolkien troca a ordem sintática e dos versos 2118-2119 e a ordem dos versos 2138-2139 (rima). De destaque ainda nas traduções: v. 2120 – 'may he grace your fortune' vs. 'may Christ keep you' - þer Kryst mot yow spede; v. 2121 – 'undertake' vs 'on my honour I promise – and het yow fyrre; v. 2123 – Stone acrescenta parêntesis para clarificação da informação; vv. 2124-2125 – ' not saying to a soul / What I fully know, that you fled from the fellow.' Vs. 'and say not a word /that ever you fain were to flee for any foe that I knew of.' - and lance neuer tale / Þat euer ȝe fondet to fle for freke þat I wyst; v. 2128 – 'And I believe you would loyally lock it in your heart' vs. 'and keep safe my secret, I am certain thou wouldst' - And þat lelly me layne I leue wel þou woldez; v. 2132 – 'but' vs. 'nay' – bot; v. 2136 – 'axe' vs. 'club' – staue.

Na estrofe 86, Tolkien não alitera v. 2156 e troca a ordem sintática no mesmo verso; Stone troca a ordem sintática no v. 2149; A destacar ainda: vv 2140-2141 – 'By Mary! ´ said the other man, ´If you mean what you say, /You are determined to take all your trouble on yourself.' Vs. 'Marry!' quoth the other man, 'now thou makest it so clear /that thou wishest thine own bane to bring on thyself' - 'Mary!' quoþ þat oþer mon, 'now þou so much spellez, / Þat þou wylt þyn awen nye nyme to þyseluen; v. 2143 – Neste verso e no seguinte se entende porque Tolkien, no início traduziu 'spear and helm' porque é o que o Gawain tem consigo; v. 2151 – 'Nor foot it an inch further through this forest as your fellow.' Vs. 'nor bear thee fellowship through this forest one foot further' - Ne bere þe felaȝschip þurȝ þis fryth on fote fyrre; v. 2154 – 'knight' vs 'good knight' - þe knyȝt; vv. 2158-2159 – 'Being given to God´s good care / My trust in Him shall be shown.´ vs. 'With God's will I comply, /Whose protection I do own.' - To Goddez wylle I am ful bayn,/And to hym I haf me tone.

Já na estrofe 87, Tolkien não alitera vv. 2185-2187; Ambos os autores trocam a ordem de versos e a ordem sintática nos versos 2185-2188 para efeitos de rima. A apontar ainda: v. 2163 – 'savage and wild' vs 'grim' – wylde; v. 2164 – 'dwelling' vs. 'shelter' – resette; v. 2167 – 'seemed' vs 'it appeared' – hym Þoȝt; v. 2168 – Ø vs. 'for the time' – at Þat tyde; v. 2169 – "Scanned on every side in search of the chapel." Vs. "and changed oft his front the Chapel to find." – And ofte chaunged his cher þe chapel to seche; Stone ainda acrescenta uma nota de rodapé acerca da possível localização da Capela Verde.

À estrofe 88 Stone acrescenta uma nota de rodapé sobre o dramatismo da cena em que o Cavaleiro Verde afia a sua arma na pedra de amolar. De destaque ainda: v. 2189 – 'certainly' vs 'on my word' – iwysse; v. 2190 – Tolkien faz uma pausa com um ponto final; v. 2191 – 'garbed' vs. 'transformed' – wruxled; v. 2195 – 'checkmate to it!' vs 'Evil betide it!' - þat chekke hit bytyde;

v. 2200 – ‘a barbarous noise ‘ vs ‘a sudden startling noise’ - a wonder breme noyse; v. 2201 – ‘what’ vs ‘how’ – Quat; vv 2205-2208 – “ ´By God! ´ then said Gawain, ´that is going on,/I suppose, as a salute to myself, to greet me /Hard by.;” vs. “Then ‘By God,’ quoth Gawain, ‘I guess this ado/is meant for my honour, meetly to hail me/as knight!” - Þenne 'Bi Godde,' quoþ Gawayn, 'þat gere, as I trowe,/Is ryched at þe reuerence me, renk, to mete/bi rote; v. 2208 – o que fazem os autores à onomatopeia? ‘alas’ vs waylaway’ – “we loo”.

Na estrofe 89, Stone acrescenta uma nota sobre a natureza das armas do Cavaleiro Verde. A destacar: v. 2212 – ‘the courteous knight’ vs. ‘the knight’ - þe kny3t; v. 2216 – Stone troca ordem sintática; v. 2217 – ‘bide there! Vs ‘stay!’ – abyde; vv 2224-2225 – Stone troca ordem dos versos; v 2228 – Tolkien troca ordem das orações na frase; v 2235 – ‘the knight’ vs ‘the man’ - þe kny3t; v. 2237 – ‘Sir so sweet’ vs. ‘sirrah fair’ – sir swete.

Na estrofe 90, Stone não alitera v. 2258; Tolkien não alitera vv. 2256-2258 e troca a ordem dos dois últimos versos da quadra. A reter: v. 2239 – ‘knight’ vs ‘man’ – gome; v. 2240 – ‘I warrant you’ vs. ‘On my word’ – iwysse; v. 2243 – ‘your portion’ vs ‘thy allowance’ - þat þe falled; v. 2245 – Ø vs. ‘verily’ – verayly; v. 2251 – Stone troca ordem sintática; v. 2255 – ‘Sir Gawain’ vs ‘he’ – he; vv 2257-2258 –‘He behaved as if uncowed, /Being loth to display his care.’ Vs ‘he would not by dread be cowed, / no sign he gave of fear.’ - And lette as he no3t dutte; / For drede he wolde not dare.

Na estrofe 91, Tolkien não alitera vv 2281 e 2283 e troca a ordem sintática no verso 2282 (rima). Stone troca a ordem sintática nos vv 2264, 2271, 2277 e 2280-2281; A destacar: v. 2259 – ‘gallant’ vs’ great man’ – gome; v. 2260 – ‘to hit’ vs. ‘to smite’ – smyte; v. 2261 – ‘enough to strike him dead’ vs. ‘as if he meant to destroy him’ – as marre hym he wolde – Em Tolkien, já se adivinha a intenção do cavaleiro de não ferir Gawain, mas não em Stone; v. 2265 – ‘grim axe’ vs. ‘guisarm’ – giserne; v. 2266 – ‘to shatter him’ vs. ‘to end him’ – to schende; v. 2273 – ‘I could not contemplate such cowardice from him’ vs ‘Of such cowardice that knight I ne’er heard accused.’ - Such cowardise of þat kny3t cowþe I neuer here; v. 2274 – Ø vs. ‘sir’ – freke; v. 2275 – ‘quibble’ vs ‘cavil’ – kauelation; v. 2278 – ‘better man’ vs. ‘nobler knight’ – better burne; v. 2283 – ‘It’s off for evermore’ ve ‘I cannot it restore’ – I con not hit restore.

Na estrofe 92, para além de Tolkien não aliterar nos vv 2306-2308, há a destacar: v. 2284 – ‘man’ vs. ‘sir’ – burne; v. 2286 – ‘not starting at all’ vs ‘stir not again’ – start no more; v. 2287 – ‘my oath’ vs. ‘my word’ – my trawÞe; v. 2297 – ‘high knighthood’ vs ‘high order’ - hy3e hode; v. 2300 – ‘fellow’ vs. ‘man’ – mon; v. 2301 – ‘I think your heart is in awe of your own self’ vs.

‘‘Tis thy heart methinks in thee that now quaileth’ - I hope þat þi hert arȝe wyth þyn awen seluen; v. 2304 – ‘I vow’ vs ‘right now’ - riȝt nowe; vv. 2307-2308 – ‘Gawain grieved at his plight, /For nothing could save him now.’ Vs ‘He that of rescue saw no chance / was little pleased, I trow.’ - No meruayle þaȝ hym myslyke /Þat hoped of no rescowe.

Stone não alitera o v.2324, troca a ordem sintática no v. 2310 e Tolkien não alitera v. 2327. Ainda a destacar na estrofe 93: v. 2309 – ‘at once’ vs ‘lightly’ – lyȝtly / ‘straight’ vs ‘neatly’ – fayre; v. 2315 – ‘Sir Gawain’ vs ‘good knight’ - þe burne; vv 2320-2321– Stone acrescenta parêntesis para dar uma explicação e Tolkien usa travessão; v. 2320 – ‘since being nursed by his mother’ vs ‘since… of his mother was born’ – borne of his moder; vv 2325-2326 - Resisting, rest assured, with the most rancorous /Despite.’ Vs ‘and give as good again, as a grim, be assured, /shall pay.’ - And ȝelde ȝederly aȝayn–and þerto ȝe tryst– / and foo.

Na estrofe 94, há a destacar nas traduções: v. 2331 – ‘bold man’ vs ‘ the other’ – haÞel; v. 2333 – ‘Sir Gawain’ vs ‘good knight’ – Þe leude; v. 2335 – ‘audacious in arms’ vs. ‘armed and unafraid’ – armed, ful aȝlez; v. 2337 – ‘the knight’ vs. ‘that lord’ – Þe renk; vv 2354-2357 – ‘Truth for truth´s the word; /No need for dread, God knows. / From your failure at the third / The tap you took arose.’ Vs. ‘The true shall truly repay, /for no peril then need he quake./Thou didst fail on the third day,/and so that tap now take!’ – Trwe mon trwe restore,/Þenne Þar mon drede no waÞe. / At Þe Þrid Þou fayled Þore, / And Þerfor Þat tappe ta Þe.

Na importante estrofe 95, Tolkien não alitera v. 2385 e Stone troca a ordem sintática nos vv 2358-2360; Informação mais relevante: v. 2363 – ‘paladin’ vs ‘knight’ – freke; v. 2366 – ‘your faith failed you’ vs ‘of loyalty came short’ – and lewté yow wonted; v. 2367 – ‘well’wroght thing’ vs ‘no artful wickedness’ – no wylyde werke; v. 2368 – ‘which is less blameworthy’ vs ‘the less do I blame you’ – Þe lasse I yow blame; v. 2369 – ‘Strong man’ vs ‘Stern knight’ – stif mon; v. 2370 – ‘So filled with fury that his flesh trembled’ vs ‘In such grief and disgust he had a grue in his heart’ – So agreued for greme he gryed withinne; vv. 2375-2377 – ‘Their vice and villainy are virtue´s undoing.´/Then he took the knot, with a twist twitched it loose, /And in great anger gave the girdle to the knight’ vs ‘In you is vileness, and vice that virtue destroyeth.’ / He took then the treacherous thing, and untying the knot / fiercely flung he the belt at the feet of the knight: ‘ - In yow is vylany and vyse þat vertue disstryez.' /Þenne he kaȝt to þe knot, and þe kest lawsez,/Brayde broþely þe belt to þe burne seluen: v. 2381 – Stone acrescenta ‘and’, que altera o facto de as virtudes serem de Gawain; vv. 2382-2384 – Na tradução de Stone claramente Gawain é considerado culpado: ‘Now I am faulty and false and found fearful always. /In the train of treachery and untruth go misery

/And woe;' v. 2385 – ''acknowledge' vs 'confess' – biknowe; v. 2386 – 'My shameful faults here show' vs 'all faulty has been my fare' – Al fawty is my fare.

Já na estrofe 96, Tolkien não alitera os vv 2404-2406; Ainda a apontar: v - 2389 – 'the other lord...politely' vs. 'the other man... lightly' - þat oþer leude ... luflyly; v. 2390 – your misdemeanour' vs 'the harm that I had' - þe harme þat I hade; v. 2393 – 'You are absolved of your sin' vs 'purged of that debt' - polysed of þat plyȝt; v. 2396 - Stone não faz pausa e acrescenta a forma verbal 'seeing'; v. 2398 – 'at knightly gatherings' vs 'between chivalrous knights' - at cheualrous knyȝtez; v. 2403 – 'Then with a laugh the lord' vs 'The lord pressed him hard to wend' - Þer laþed hym fast þe lorde; v. 2406 – 'After your strenuous strife' vs. 'who was your bitter foe' - Þat watz your enmy kene.

Como já referimos anteriormente, na estrofe 97 Stone oferece uma nota de rodapé sobre o discurso de Gawain sobre a mulher. Tolkien não alitera os vv 2427-2428; diferenças na pontuação do v. 2409; v. 2409 – 'still, luck go with you' vs 'May your life now be blest' – sele yow bytyde; v. 2412 – 'Indeed, my due regards to both dear ladies,' vs 'both to her and to the other, to mine honoured ladies' - Boþe þat on and þat oþer, myn honoured ladyez; v. 2415 – Troca da ordem sintática em Stone; v. 2421 – 'if a lord could' vs 'if it lay in man's power' - a leude Þat couÞe; vv. 2426-2428 – 'By a lover´s malignant spell; /So grant me forgiveness, though /To women´s wiles I fell.' Vs 'by women that they knew, /though a fool I now am made, /some excuse I think my due.' - With wymmen þat þay vsed. / Þaȝ I be now bigyled, / Me þink me burde be excused.

Na estrofe 98, Stone acrescenta três notas a explicar quem são Bertilak, Morgan e Merlin. Tolkien não alitera v. 2439; Acrescenta, como Stone, um verso a seguir ao 2444[212]. Stone muda ordem sintática nos vv. 2430-2434; Ainda de destaque nesta estrofe: v. 2433 – 'sign of my sin' vs 'token of my trespass' – syngne of my surfet; v. 2434 – 'remembering with remorse' vs. 'ruefully recalling' – remorde to myseluen; v. 2435 – 'fault and faintheartedness' vs 'failure and the frailty' – faut and Þe fayntyse; v. 2436 – 'how vulnerable it is to vile advice and sin' vs 'so tender, so ready to take taints of defilement.' - How tender hit is to entyse teches of fylþe; v. 2441 – 'make known by your knighthood' vs 'in your house and in honour' – wyth yow wyth worschyp – (fica a interrogação acerca da tradução de Stone, uma vez que não conseguimos explicá-la); v. 2444 – 'my title' vs 'that' – Þat; vv. 2449-2451- For once she lavished her love delightfully / On that

[212] No *MS Tolkien A12/2*, folio 54, Tolkien dá razão à teoria de Gollancz que afirma que falta aqui um verso, no qual haveria um particípio passado que regeria a forma 'Þurȝ', daí a necessidade de acrescentar o verso.

susceptible sage, a sorcerer your knights know /By name' vs. 'for deeply in dear love she dealt on a time / with that accomplished clerk, as at Camelot runs /the fame' - For ho hatz dalt drwry ful dere sumtyme /With þat conable klerk, þat knowes alle your knyȝtez / at hame; v. 2452 – Stone põe o nome de Morgan entre aspas; v. 2454-2455 – 'The proudest she can oppress /And to her purpose tame.' Vs 'None power and pride possess /too high for her to tame.' - Weldez non so hyȝe hawtesse /Þat ho ne con make ful tame.

Já na estrofe 99, Tolkien não alitera v. 2476; Stone acrescenta nota explicativa sobre a Duquesa de Tintagel; Outras notas de relevo: v. 2457 – 'To put to the proof the great pride of the house' vs 'to put its pride to the proof, if the report were true' - For to assay þe surquidré, ȝif hit soth were; Stone troca ordem sintática nos vv. 2459, 2463, 2469 e 2473; Tolkien troca ordem dos últimos versos da quadra para manter a rima; v. 2466 – 'who now holds sway' vs 'who in honour is now' - þat aþel is nowþe; v. 2470 – 'your great honesty' vs. 'thy great loyalty' - þy grete trauþe; v. 2471 – 'But Gawain firmly refused with a final negative' vs ' But he denied with a 'Nay! By no means I will!' - And he nikked hym naye, he nolde bi no ways – Tolkien introduz discurso direto.

Na penúltima estrofe do poema, Stone troca a ordem sintática no verso 2484 e a ordem sintática e de versos nos vv. 2479-2480, 2490-2491 e 2501-2502; Tolkien troca ordem sintática nos versos 2482 e 2487 e troca a ordem dos versos 2502 e 2503; Ainda sobre esta estrofe: v. 2488 – 'in a tarnishing sin' vs. 'in the taint of a fault' – in tech of a faute; v. 2494 – Stone resume a ação, não traduz 'ferlyly he telles'; vv. 2499-2500 – 'Where the bold man's blow had hit, his bad faith to / Proclaim' vs 'that he had for his dishonesty from the hands of the / knight in blame.' - Þat he laȝt for his vnleuté at þe leudes hondes / for blame; v. 2501 – 'Unfolding his ill-fame' vs 'It was torment to tell the truth' – He tened quen he schulde telle;

Finalmente, na estrofe 101, Brian Stone acrescenta duas notas, uma sobre o lema que encerra a obra e outra a noção de 'Brutus Book'. Tolkien não alitera o v. 2530 e troca a ordem dos versos 2529-2530; Os versos 2505-2509 e 2511 têm traduções muito díspares nos 2 autores; v. 2518 – 'Sir Gawain' vs. 'that knight' – Þat segge; v. 2524 – 'came here' vs 'to Britain came' – boȝed hider; v. 2526 – 'before' vs. 'I trow' – iwysse; vv. 2523-2526 – A quadra tem traduções diferentes em Stone e Tolkien.

2.2 Quem é Gawain em Stone e em Tolkien?

Há claramente, na tradução de Brian Stone, uma tentativa de tornar o texto inteligível e até simples para um leitor de Inglês Moderno. Talvez seja essa a explicação para, até aos dias de hoje, se utilizar esta tradução para o ensino do texto em Inglês Moderno, em níveis de escolaridade que vão até à licenciatura.

Embora nesta tradução haja alterações sintáticas e lexicais quando comparada com o texto de partida, parece-nos que o texto cumpre o objetivo a que se propõe – ser um meio de tornar inteligível o texto medieval para o público geral e para o estudante. É esse também o fim da tradução, como afirmam Nida e Taber (Cf. Nida e Taber, 2003 [1969]: 12).

A tradução de Tolkien, embora privilegie também a transmissão do sentido e mensagem do poema medieval destina-se, sem dúvida, ao leitor mais erudito que não só saiba o significado dos lexemas que o tradutor escolhe em Inglês Moderno, mas também seja capaz de apreciar o ritmo e o aspeto fonético do texto de chegada, quando comparado com a produção medieval.[213]

Trata-se, de facto, de uma tradução feita ela também por um artista, cujo cunho pessoal se manifesta por uma busca incessante (que se prolongou por décadas) por uma proximidade quase obsessiva ao texto de partida. Como afirmou Nida, em 1964, a tradução é sempre ela mesma alvo da subjetividade do tradutor:

> Since the translator himself is the focal element in translating, and thus there cannot be any completely impersonal objectivity in his work – since he is a part of the cultural context in which he lives – his role is central to the basic principles and procedures of translating. (Nida, 1964: 145).

Neste sentido e, tendo em conta a teoria de Nida e Taber que já discutimos no capítulo 2, duas traduções do mesmo texto podem ter como objetivo a equivalência mas expressarem essa mesma equivalência em produtos tradutórios diferentes.

[213] Há que chamar a atenção, no entanto, para um facto muito importante. A tradução de Brian Stone é um produto acabado pelo próprio autor. A de Tolkien é uma edição póstuma, feita pelo seu filho e editor, Christopher Tolkien que, como já foi apontado, decidiu excluir todo o metatexto que o pai estava a preparar para acompanhar a sua própria edição da tradução. Há volumes de notas, comentários, discussões e ensaios linguísticos sobre aspetos do texto e da tradução que ainda não viram a luz do dia e que, se publicados com a tradução, talvez a tornassem mais clara para o estudante de Inglês Médio. No entanto, a tradução de Tolkien, mesmo que acompanhada de notas, seria sempre de leitura e interpretação mais complexas, uma vez que requer um conhecimento maior da língua, cultura e tradição literárias inglesas para que a fruição do texto enquanto objeto estético seja mais completa.

É claramente o caso dos dois tradutores que apresentámos. Brian Stone, professor e entusiasta da poesia em língua inglesa (como atestam as diversas traduções de texto antigo que fez ao serviço da editora Penguin), produziu uma tradução do poema Sir Gawain and the Green Knight que torna o texto acessível a qualquer falante da língua inglesa, nativo ou não.

Já J. R. R. Tolkien, incapaz de se desligar do seu profundo conhecimento das línguas e culturas antigas e sendo ele mesmo autor de ficção e um conhecido perfeccionista, produziu uma tradução – ela mesma aperfeiçoada durante décadas – para o leitor erudito, académico.

Discutível (e provavelmente tema para futuras reflexões) será a interrogação sobre qual destes dois produtos do trabalho de tradução espelhará melhor a "equivalência dinâmica" (Nida e Taber, 2003[1969]) que os autores teóricos apontam como base para uma boa tradução. No entanto, cumprirá o seu objetivo aquela (ou ambas!) que for capaz de despertar no leitor (estudante ou não) essa experiência de contacto com o texto literário que altera a visão do quotidiano e a enriquece por si mesma, sem necessidade de primeiramente recorrer à análise ou crítica, como aponta J. M. Schaeffer: "La lecture n'a pas besoin d'être «mise en relation avec la vie», elle est un moment de la vie, une expérience vécue aussi réelle que n'importe quelle autre." (Schaeffer, 2011: 107). Esse parece ser o fim de toda a obra literária, quer seja na sua língua original ou no resultado do árduo trabalho do tradutor que, antes de fazer ele mesmo do tecido primeiro algo novo é, em primeiro lugar, leitor.

No entanto, esta análise foca-se mais em perceber se existe – ou não – uma apresentação diferente de Gawain resultante do trabalho de tradução e das escolhas lexicais de ambos os autores. Neste sentido, e tendo em conta a análise detalhada que se fez das duas traduções em comparação com o texto de partida, há que destacar alguns momentos do texto em que as diferenças são mais notórias.

Na estrofe 15 do poema, como foi observado no ponto anterior, não há sinal em Stone da reverência de Gawain para com Artur quando lhe pede que deixe que seja ele a aceitar o desafio. Stone traduz 'enclyne' por 'spoke' e Tolkien por 'incline'. Na estrofe 16, aquando do discurso de Gawain a Artur justificando porque é que deve ser ele a cumprir o desafio, as escolhas lexicais de ambos os autores revelam menos reverência e campos lexicais ligados à cortesia em Stone do que em Tolkien. Stone dá a ideia de que o único bem de Gawain é ser sobrinho de Artur e Tolkien liga esse facto à honra de Gawain (como o texto de partida). Nestas estrofes, a tradução para Português procurou aproximar-se o mais possível do texto de partida. Traduziu-se, na primeira

instância por "ao rei foi inclinar-se" e, na segunda, procurou-se usar lexemas mais próprios do campo lexical associado à cortesia.

Como já se referiu, Stone, na estrofe 17, muda ligeiramente o sentido dos últimos versos dando a entender que a alegria do Cavaleiro Verde pela aceitação de Gawain se prendia com o facto de pelos seus golpes ele poder prosperar ('thrive'). Já Tolkien mostra apenas que o oponente está contente que seja Gawain a aceitar o desafio. Na tradução apresentada, é esta mesma segunda ideia que se expressa em língua portuguesa.

No final da estrofe 30 temos claramente um herói que é traduzido de duas formas diferentes: Stone afirma que a sua disposição mudava constantemente. Já Tolkien (aproximando-se do texto de partida) diz que o que muda de frequência é a sua vista ('view'), obviamente sendo possível em Inglês fazer o jogo de palavras entre vista e visão que a língua portuguesa não permite (daí se ter optado pelo lexema 'visão'). No entanto, o sentido do texto de partida leva a crer que era a vista do cavaleiro que mudava constantemente (uma vez que estava em movimento). Estaria Stone a preparar o terreno para a falha do herói?

Outra nota curiosa é, na estrofe 70, Stone atribuir o advérbio 'comely' à forma como Gawain dormia no quarto quando, no texto de partida, o lexema 'comly' se refere à forma como a esposa de Bertilak se apresenta diante de Gawain. Foi por esta mesma interpretação que se optou ao usar a expressão 'a bela senhora'.

Na estrofe 74, em Stone, Gawain jura para sempre esconder a faixa verde e ocultá-la do esposo da senhora com toda a diligência. Em Tolkien, mais próximo do texto de partida, Gawain concorda para sempre ficar com a faixa e ocultá-la do seu marido. Esta interpretação está mais perto do texto de partilha, pelo que foi essa a usada em língua portuguesa.

A estrofe 75 marca a principal diferença entre o herói das duas traduções, como já vimos no ponto anterior: Stone acrescenta uma nota de rodapé sobre o facto de a confissão de Gawain ser sacrílega. Tolkien não era desta opinião. Este trabalho defende esta segunda visão, conforme descrito no ponto 1 deste capítulo.

Já na estrofe 95, Stone marca também a diferença na natureza da falha de Gawain. Para Stone é uma falha de fé ('faith'), para Tolkien de lealdade ('loyalty') (Cf. v. 2366), que foi a opção na tradução para língua portuguesa. No verso 2381, Stone atribui as virtudes de que Gawain fala (generosidade e lealdade) à cavalaria e, em Tolkien e no texto de partida, Gawain claramente diz que são suas as virtudes em que falhou. Stone muda também o sentido dos três versos seguintes, mostrando Gawain num estado que envolve medo como consequência da sua culpa e falsidade.

No texto de partida e em Tolkien fala-se da culpa que assume, ele que sempre teve medo de ser falso e faltar à lealdade, o que tem reflexo na tradução para Português. (Cf. vv 2382-2384).

Ainda na última estrofe do poema há diferenças marcantes, quando Gawain se acusa diante da corte de Artur e mostra a sua cicatriz e a faixa verde. Em Stone, Gawain diz ter sido apanhado em covardia e avareza. Em Tolkien (e no texto de partida na expressão "Þat I haf cazt Þare" [v. 2511]), as falhas são tratadas como uma doença, algo que se apanha: 'that o'ercame me there' ou, como se traduziu para Português: 'da cobardia e avareza que ali apanhei'.

Olhando para estes exemplos que são os mais prementes, não é difícil entender que Stone tenha preparado linguisticamente o seu herói para a falha ao longo do texto, uma vez que a interpretação que deu à falha de Gawain é a de que foi propositada, uma falta do campo religioso, num contraste entre magia e religião e que a sua verdadeira pena e humilhação é ter sido apanhado nesse pecado. Já Tolkien mostra um herói humano, que se vê como vítima das circunstâncias, mas que assume – até com traços excessivos devido ao seu demasiado zelo – a sua falta de lealdade para com o seu anfitrião. Procurou-se que a tradução para língua portuguesa se aproximasse o mais possível do texto de partida e, por essa razão, aliar-se a esta segunda interpretação. Emergem – pois – heróis diversos do labor tradutório destes dois autores.

Os exemplos trazidos à colação são de traduções do século XX. Se este facto se torna claro e passível de análise linguística para prova em traduções conscientes da tradição literária que as precede, muito mais este facto se daria em trabalhos de tradução e rescrita na Idade Média, como vimos a propósito da degradação da figura de Gawain, no capítulo 1 deste trabalho.

Na tradução para Português, conforme se apontará no capítulo que se segue, houve uma tentativa de aproximação ao texto de partida. Parece haver uma intencionalidade na forma como Gawain foi mantido praticamente incólume, ou perfeitamente humano, neste texto que roça as fronteiras daquilo que hoje entendemos como romance, onde as emoções, desafios e aventuras do herói são passíveis de um movimento de autoidentificação por parte do leitor.

Tendo em conta a análise que se fez da obra e das suas traduções, resta debater que leitura se pode fazer de Gawain no século XXI, que sentido tem ainda este herói hoje na literatura e cultura europeias.

Capítulo 5. Ler *Gawain* de Novo

Quando se encetou o caminho de procurar uma nova leitura para Gawain, fruto da tradução do texto para português, longe se estava de compreender a fundo todas as questões que determinaram a sua evolução enquanto personagem. Até agora observou-se que houve dois movimentos muito distintos durante a Idade Média: o continental que, no período após Chrétien de Troyes, procedeu à degradação moral de Gawain que, vindo de um passado pagão, não poderia ser 'digno' de encontrar o Graal cristão, e o insular que, enraizando a sua produção literária exatamente na tradição mais antiga de onde descende Gawain – a celta – procurou mantê-lo 'o melhor cavaleiro do mundo'.

Constatou-se também – e este é um ponto onde obviamente existem vozes discordantes, mas é uma das afirmações mais prementes que provêm da leitura das fontes e dos críticos – que esta mudança infligida à personagem procedeu da rescrita que emergiu do labor tradutório das fontes mais antigas.

Aferiu-se ainda que entender o peso que a tradução tinha e tem na disseminação da literatura é um fator determinante para compreender integralmente a evolução não só da personagem Gawain, mas dos textos que compõem a Matéria da Bretanha em Portugal. O diálogo entre os estudos de tradução e os estudos literários mostrou-se frutífero neste sentido e não devia, de todo, ser descurado no estudo do texto medieval em Portugal.

No entanto, o percurso de Gawain não acabou na Idade Média e é essa mesma realidade que se procura discutir nos pontos que se seguem.

1. As diferentes faces de Gawain.

Ao procurar bibliografia secundária sobre a obra, outras obras medievais e a evolução da personagem, rapidamente se aferiu que o grande *boom* crítico acerca da obra está no século XX, uma vez que a primeira edição e tradução da obra são do final do século XIX. A par do conteúdo continental que se referia mais à degradação de Gauvain e à criação de Galahad houve também descrições daquilo que se viria a revelar um lado 'autóctone' da personagem Gawain.

Como se constatou várias vezes ao longo deste trabalho e, em particular, na descrição do contexto histórico, *SGGK* surge no meio de um movimento que voltava a colocar na luz da ribalta tudo o que era inglês, por oposição à língua e cultura invasoras que, no século XIV, estavam no

seu ocaso. Embora, como foi descrito no capítulo 4, a aventura vivida por Gawain seja individual, ele é o representante da corte quando aceita o desafio e é em nome de um coletivo que ele aceita o teste a que é sujeito. É neste sentido que alguns críticos vêem o pendor autóctone da obra: Gawain como herói da corte maior que é Inglaterra, uma corte e uma nação que sempre precisam de reforma, de melhoria, como apontava Lynn Johnson, na sua obra de 1984 sobre o Poeta de *Gawain*:

> The poet's handling of the themes both of individual and of national reform suggests the possibilities of renewal. In linking the two, the poet demonstrates a conventional medieval awareness that national reform is inextricably bound up with individual reform, for it is impossible to separate individual morality from national morality. (Johnson, 1984: 39).

Neste sentido, Gawain funcionaria quase como um ícone, um valor a alcançar, mas também não intocável como outros heróis fruto de um trabalho de criação mais artificial, proveniente de uma clara agenda ideológica (como o estático Galahad cuja perfeição soa quase maquinal) já que a sua imperfeição quando falha mostra que é perfeitamente humano. Gawain é assim, como lembra ainda Johnson, o veículo ideal para uma mensagem heroica:

> If the general message of *Sir Gawain* is directed to England and its sense of itself as a nation, the particular message of the poem is directed to the individual and his efforts to live heroically in time. Sir Gawain is the poet's vehicle for a message of individual renewal; for, in Sir Gawain, the poet describes an individual who is both a hero and a failure. (*Idem*: 69).

Há outro aspeto muito interessante na forma como o poema *SGGK* foi urdido pelo seu autor. Lendo o estudo de Duggan, de 1997, sobre métrica, estrofes e dialeto em todos os textos do Poeta de *Gawain*, aprendemos sobre a óbvia diferença entre dialeto do escriba e dialeto do autor. Por essa mesma razão, decidimos partilhar os resultados da análise que o autor fez de todas as obras do MS Cotton Nero A.x. . Duggan fez uma contagem de palavras em todas as obras do poeta para averiguar a origem das mesmas. E chegou às seguintes conclusões: "...the greatest number of words being derived from Old English (60-70%), the next larger group from Old French (22-30%), Old Norse (8-10%) and under one percent from other sources." (Duggan, 1997: 238).

De relevo é notar que Duggan informa que, na mesma altura em que escrevia o seu artigo, outro autor, Hinton, tinha terminado uma contagem automática (com a ajuda de softwares novos que tinham sido desenvolvidos para o efeito e que tinha obtido alguns resultados bastante relevantes). Em primeiro lugar, juntou uma seleção alargada de textos em Inglês Médio (obras de

vários géneros, incluindo glossários e outras listas de palavras dos vários dialetos) e os resultados[214] para a origem vocabular foram:

Germanic	Romance	Other
35,06%	64,54%	0,35%

Tabela 7. Origem Vocabular – Textos em Inglês Médio (Cf. Duggan, 1997: 239).

Em seguida, fez uma nova contagem, desta vez para averiguar a origem etimológica do vocabulário de Chaucer (que escrevia em East Midland):

Germanic	Romance	Other
38,5%	61,2%	0,09%

Tabela 8. Origem Vocabular – Textos de Chaucer (East Midland) (Cf. *Ibidem*).

Em último lugar, fez uma contagem automática em todas as obras do Poeta de *Gawain*. A origem vocabular aqui muda:

Germanic	Romance	Other
58,7%	41%	0,15%

Tabela 9. Origem Vocabular – Textos do Poeta de *Gawain* (West Midland) (Cf. *Ibidem*).

Duggan diz ainda que Hinton chegou à conclusão de que Chaucer escrevia numa versão do seu próprio dialeto que era inovadora (data-a de cerca de 1460) e o Poeta de *Gawain*, dentro do seu dialeto, usava vocabulário que se coadunava mais com a época de 1390 (Cf. *Idem*: 239). Este uso da língua seria, pois, um movimento consciente e intencional da parte do poeta que queria manter-se mais perto de um uso antiquado da língua, afastando-se de influências linguísticas do invasor e ligando o herói – Gawain – a um passado mais remoto, também ele linguístico.

Tendo em conta este apuramento, decidimos realizar uma contagem apenas na obra *SGGK* (tendo como texto de partida o mesmo que temos usado até agora, a edição de Tolkien e Gordon, de 1925). As regras para realizar esta contagem foram: as palavras 'gramaticais' eram

[214] As três tabelas que se seguem foram retiradas do estudo citado (Cf. Duggan, 1997: 239).

contadas apenas uma vez (pronomes, determinantes, etc) e os dialetos de uma mesma origem eram agrupados, apenas para melhor se ter a visão da origem vocabular. O software usado foi AntConc, versão 3.4.4w (Windows), de 2014 e foi preciso rever a contagem e divisão vocabular manualmente porque o software não distingue palavras gramaticais. A contagem total de palavras foi:

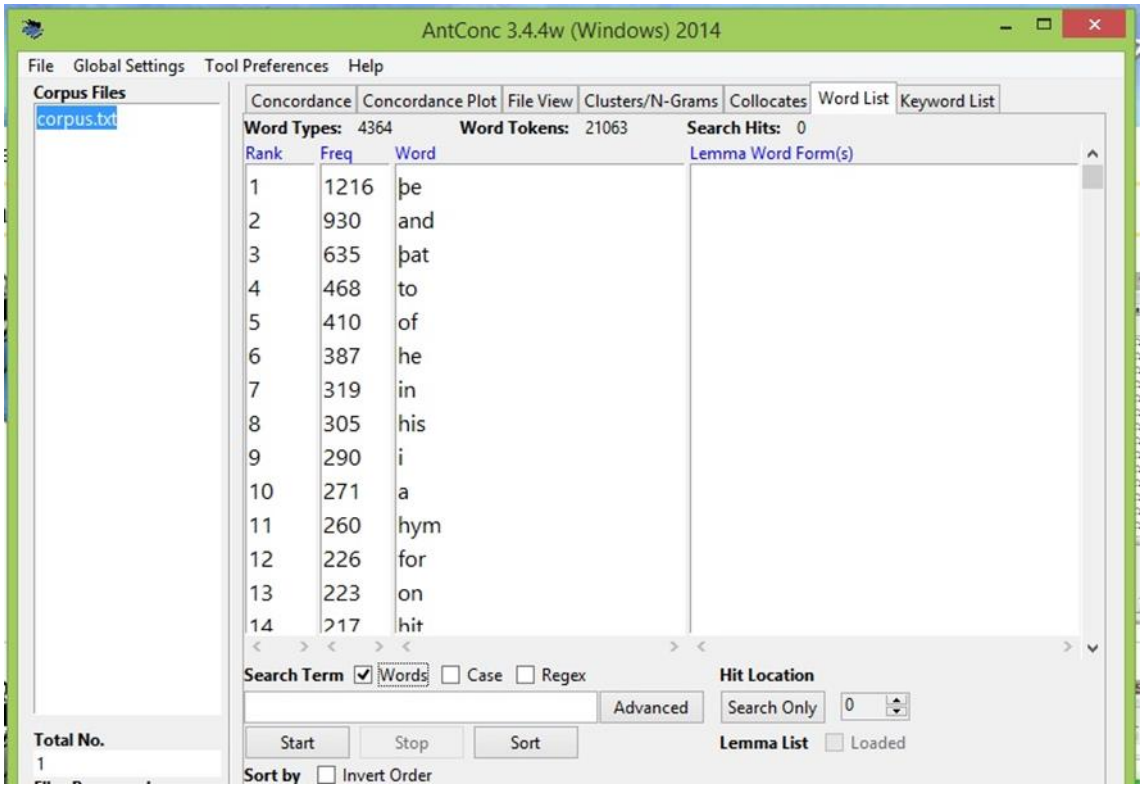


Figura 2. Software AntConc, v. 3.4.4w (Windows), 2014 – contagem palavras no poema *SGGK*

O número total de ocorrências de palavras foi 21063. O software eliminou as repetições e distinguiu 4364 palavras diferentes. A revisão manual teve de passar pela contagem de apenas uma ocorrência de cada palavra gramatical ou com desinência de conjugação (por exemplo, apenas uma forma de cada verbo, etc.) uma vez que, de acordo com a Figura 2, são estas palavras que ocupam as primeiras dezenas de lugares do ranking de ocorrência no texto e isso não ajudaria à contagem de palavras de diferente origem vocabular.

Tendo essa recontagem em consideração (que resultou em 2630 palavras), os nossos resultados foram:

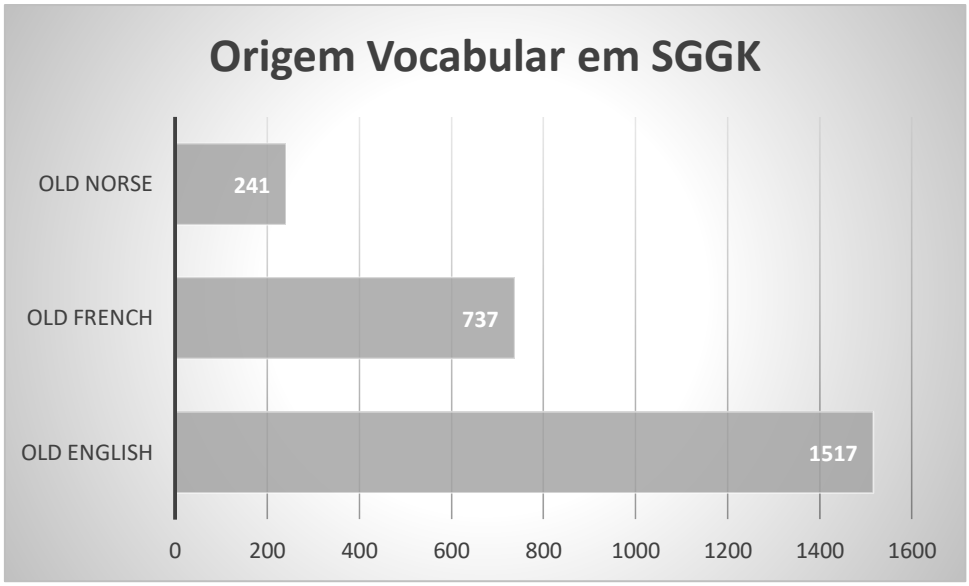


Gráfico 1. Origem Vocabular em *SGGK* – Número de palavras.

De um total de 2630 palavras, 1517 provêm do Inglês Antigo, 737 do Francês Antigo e 241 da língua Nórdica Antiga. Em termos de percentagem, estes são os resultados:

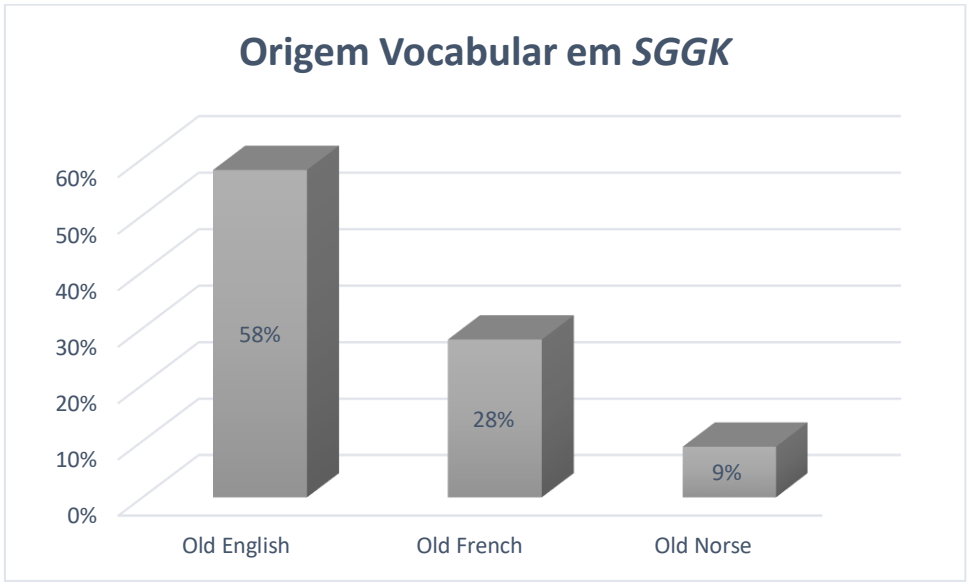


Gráfico 2. Origem Vocabular em *SGGK* – Percentagem.

A percentagem de vocábulos que vem do Inglês Antigo é de 58% das palavras, 28% do Francês Antigo e 9% da língua Nórdica Antiga. Se apresentássemos os resultados como Hinton, estas seriam as conclusões:

Germânico	Românico	Outro/desconhecido
68%	30%	2%

Tabela 10. Origem Vocabular em *SGGK* conforme Ramo Linguístico

Ainda acerca da contagem feita pelo software AntConc, destaca-se que a frequência de repetição de palavras diminui drasticamente assim que se sai da lista de palavras gramaticais. Tirando palavras como 'knight', 'Gawain' ou 'green', que têm mais de 50 repetições cada, quando se passa o 70º lugar de ocorrência no ranking, as repetições diminuem radicalmente para 20 ocorrências ou menos, havendo um espantoso número de 1476 palavras (dentro do número inicial de 4364) que são usadas entre 2 a 9 vezes. É impressionante o número de palavras que surgem uma única vez no poema: falamos de 2668 (dentro ainda do universo de 4364 que, como referimos inclui várias formas da mesma palavra declinadas em uso gramatical mas que contam para o software como uma palavra diferente). Isto diz muito do trabalho do poeta que estava por trás da criação de um poema aliterativo em Inglês Médio.

Tendo em conta os números e uma análise apenas linguística, parece que também aqui o Poeta de *Gawain* quis que o seu herói fosse autóctone. Este poema surge também na esteira do confronto cultural e pode ter sido a arma de escolha do poeta não só para a narrativa que habita mas também para um conflito cultural mais alargado. Tematicamente, ficou claro que Gawain está mais próximo das tradições Celtas que lhe deram origem enquanto divindade perdida e, mais tarde, herói, distanciando-se das tradições literárias e culturais continentais, não só por este mesmo afastamento temático mas também linguístico, uma vez que o poeta se socorreu da melhor e mais justa ferramenta que possuía para defender a cultura nativa: a sua língua.

Ainda a destacar o facto de este ser um herói que agradou ao leitor/ouvinte/espetador inglês, uma vez que, como pudemos ver pela imensidão de romances populares arturianos produzidos no século XV e XVI em Inglaterra, o público inglês apreciava as aventuras de Gawain e dos seus companheiros da Távola Redonda e esta tradição de Gawain como um campeão no sentido físico e moral foi também recuperada pelo poema em estudo, como recordava Carolyn Dinshaw, no estudo que já citámos da autora:

> *SGGK* recuperates Gawain's reputation from the poems that depict him as a licentious knight: this Gawain's impeccable courtly manners establish him as proper Christian of and for the English gentry, readers not only of romance but also, and enthusiastically, of homiletic works such as *Cleanness*. (Dinshaw, 1994: 222).

Para entender Gawain em Inglaterra é relevante o facto de, como já se referiu, ele se manter como uma figura a imitar. Apesar da sua falha – que apenas mostra a sua humanidade e por virtude da mesma a sua imitabilidade – Gawain é o exemplo a seguir no que toca à perfeição na cavalaria, como já apontava Derek Brewer no seu ensaio de 1966 sobre a cortesia de Gawain:

> What *is* clear is that Gawain the brave, the good, the courteous, remains an exemplar figure. By all human standards his bravery is unimpaired; so are his chastity and loyalty, which in various ways are aspects of his bravery. So is his courtesy, inextricably connected, as in the pentangle, with his other virtues, but with a special quality of its own. He has maintained the somewhat paradoxical ideal of all medieval knights, as expressed in the lament for Launcelot in Malory, in Chaucer's description of the Knight in the *General Prologue*, in the alliterative *Morthe Arthure*, and which indeed goes back to *Beowulf*: the perfect knight is a lion on the field of battle, and a lamb in the hall. Gawain's performance in this poem is an unusually rich and subtle enactment of this familiar and noble ideal. (Brewer, 1966: 76-77).

É por ser tão exemplar figura que se mantém sempre presente nas narrativas arturianas e como alto exemplo a seguir ainda na contemporaneidade, como a seguir se verá.

1.1. A Matéria de Gawain

Considerando as transformações que Gawain já sofreu ao longo dos séculos (de provável divindade solar para herói e cavaleiro perfeito em meio britânico e de cavaleiro ímpar da Távola Redonda para assassino na tradição continental), difícil seria crer que a sua figura não fosse apropriada por autores modernos. No ponto seguinte falar-se-á deste tema mas, em primeiro lugar, o foco deste tópico será outro.

No capítulo 1, ao descrever a evolução de Gauvain na literatura francesa, sublinhou-se a opinião de Cristina Álvares que, no seu ensaio de 1999, mostra como a transformação da personagem não é tanto uma degradação, mas uma transmutação para que ele mesmo (ou, na sua impossibilidade, o seu filho) tivesse lugar num novo género que emergia – o Romance.

Por outro lado, no seu estudo de 2009, Angélica Varandas mostra como o Poeta de *Gawain* escolhe ignorar os heróis da tradição francesa – Lancelot e Galahad – e associa Gawain às suas origens celtas. Como recordava a autora, "... as lendas de Artur foram recolocadas pelo *Gawain*-poet no seu contexto original, assumindo-se como Matéria Celta numa clara oposição à Matéria da Bretanha..." (Varandas, 2009: 132).

Não considerando que o acervo literário que trata destes heróis se esgote nesta classificação espácio-temporal no século XVI, propomos agora abordar a utilização que um autor

em particular vai fazer da história da personagem Gawain. Falamos de J. R. R. Tolkien e do seu poema inacabado *The Fall of Arthur*. Este permite formular a hipótese de que mais que uma Matéria Celta poderemos considerar uma Matéria de Gawain, como agora se explicará. Em primeiro lugar, na literatura inglesa, faz sentido falar de tal Matéria, uma vez que há vários romances populares, dos quais já falámos a propósito da coletânea *Eleven Romances and Tales*, que continuaram a tradição de Gawain como cavaleiro sábio, bom e leal, nos séculos XV e XVI.

A par disto, há autores contemporâneos que recuperaram não só o universo Arturiano (como por exemplo, Stephen Lawhead ou Marion Zimmer Bradley) como a memória da aventura entre Gawain e o Cavaleiro Verde (*The Green Knight*, de Iris Murdoch), ou ainda a noção de cavaleiro leal e em busca da perfeição que encontramos na personagem feminina Brienne of Tarth, nas obras da coleção *A Song of Ice and Fire*, de George R. R. Martin.

No entanto, é em J. R. R. Tolkien que a noção de Matéria de Gawain se torna mais clara. Em primeiro lugar na noção de honra e dever que dá aos seus cavaleiros nas aventuras da Terra Média, dos quais destacamos Aragorn, Boromir e Faramir, na série *O Senhor dos Anéis*, que vivem os maiores dilemas e desafios morais enquanto cavaleiros. Mas é na exploração que faz do universo Arturiano que Tolkien deixará claro quem Gawain é para o reino e solo Ingleses (dentro daquilo que é possível já que a obra está inacabada e o acesso a ela vem pela mão do filho e editor Christopher Tolkien). Essa ligação umbilical de Gawain e dos seus valores com algo importante e primaz para os textos arturianos é defendida por críticos, como o já citado Boardman, a propósito da figura do herói, autor que defende a centralidade de Gawain enquanto personagem do romance em Inglês Médio. O estandarte da cortesia é Gawain e não Artur (Cf. Boardman, 2006:257).

É relevante sublinhar esta necessidade de identidade Inglesa, uma vez que Tolkien associa Gawain à sua missão mais ampla de criar uma Mitologia para Inglaterra. Sendo este autor amplo conhecedor de narrativas mitológicas (gostando particularmente das mais longínquas como a Finlandesa) sentia, desde sempre, pena por não haver nada semelhante na literatura inglesa:

> [I] was from early days grieved by the poverty of my own beloved country: it had no stories of its own (bound up with its tongue and soil), not of the quality that I sought, and found (as an ingredient) in legends of other lands. There was Greek, and Celtic, and Romance, Germanic, Scandinavian and Finnish (which greatly affected me); but nothing English, save impoverished chap-book stuff. Of course there was, and is, all the Arthurian world, but powerful as it is, it is imperfectly naturalized, associated with the soil of Britain but not English; and it does not replace what I felt to be missing. For one thing its 'faerie' is too lavish, and fantastical, incoherent and repetitive. For another and more important thing: it is involved in, and explicitly contains Christian religion. (Scull, 2006: 56).

Não lhe agradava, no entanto, o que se tornara o mundo arturiano, por isso escreveu ele mesmo, nas suas narrativas da Terra Média, uma origem Mitológica para o mundo (na obra *The Silmarillion*). Une esta narrativa mitológica àquilo que, para si como cristão era o mais verdadeiro – a Incarnação – através de um texto menos conhecido do universo da Terra Média (*Athrabeth Finrod Ah Andreth* – o diálogo entre Finrod [um elfo] e uma sábia humana chamada Andreth[215]). Mas faltava-lhe um herói mítico, épico, que encerrasse em si os melhores valores humanos. Parece ser em Gawain que ele encontra a figura de que precisa para completar a sua Mitologia para Inglaterra.

Como referido, Tolkien trabalhou em *SGGK* durante quase 60 anos. Primeiro, como aluno na universidade, depois como editor e professor e, ao longo de bastantes décadas procurou melhorar a tradução e construir-lhe um aparato crítico que considerasse digno de publicação, o que não conseguiu fazer em vida. A emergência do universo da Terra Média, primeiro com a obra *O Hobbit* e, depois, com *O Senhor dos Anéis*, fez com que outros trabalhos não chegassem a ver a luz do dia. Aconteceu com a tradução de *SGGK* e também com o poema que agora se discute, *The Fall of Arthur.*

Christopher Tolkien data o início do trabalho do pai neste poema no ano de 1931, quando os textos 'The Lay of Leithian' e *The Legend of Sigurd and Gudrún* foram acabados, e estima que o pai terá deixado os textos incompletos em 1934. No entanto, parece que houve uma boa razão para isto acontecer, como conta o editor:

> ...it was driven into the shallows by the great sea-changes that were taking place in my father's conceptions at that time, arising from his work on *The Lost Road* and the publication of *The Hobbit*: the emergence of Númenor, the myth of the World Made Round and the Straight Path, and the approach of *The Lord of the Rings.* (Tolkien, 2013: 11).

Também há que ter em conta as dificuldades que surgiriam na composição de um texto como *The Fall of Arthur*: É um poema aliterativo que procura imitar o verso usado pelos autores que escreviam em Inglês Antigo; o autor procura contar os últimos acontecimentos que levaram à queda do império de Artur, mas o poema está inacabado. Christopher Tolkien informa o leitor de que há cerca de 120 páginas de rascunhos que ditam mais ou menos a direção que a narrativa iria seguir o que pode augurar nova investigação nesta matéria.

[215] Texto sobre o qual refletimos em profundidade na nossa dissertação de Mestrado (Cf. Reis, 2009).

Como fontes, Tolkien usou *Historia Regum Britaniae, Le Morthe d'Arthur, Mort Artu, Morte Arthur* (stanzaic) e a fonte principal é, sem dúvida, o poema aliterativo *Morte Arthure.*

Apesar de Tolkien querer dar um pendor antigo ao texto, mesmo assim introduz alguns traços criativos novos. A saber:

a) O poema começa *in medias res* – estrutura típica do verso épico – quando Artur já tinha partido para lutar contra os Saxões. Adivinha-se um texto de índole clássica, mais perto do panegírico.

b) Há um sentido permanente de perda, perigo e fatalidade, facilmente adivinhado pelo leitor, e que prediz todos os acontecimentos negativos que se vão seguir, como recorda o editor:

> My father seems intent rather on conveying a hostile and wintry world of storms and ice, of 'ravens croaking among ruinous rocks', unpeopled save by 'phantom foes with fell voices' and wolves howling, a menacing world in which (I, 134-6)
>
> Fear clutched their souls,
> waiting watchful in a world of shadow
> for woe they knew not, no word speaking.
>
> Moreover, this sense of vast impending danger accompanies the assertions of the poet that the declared purpose of Arthur is a matter of the gravest consequence, a great heroic gamble against fate:
>
> Thus the tides of time to turn backward
> and the heathen to humble, his hope urged him. I. 5-6."
>
> (Tolkien, 2013: 88)

c) Ninguém suspeita de Mordred no início do texto (Cf. Tolkien, 2013: 18).

d) Tolkien espera um leitor culto, que saiba da traição entre Lancelot e Guinever (Tolkien prefere esta grafia do nome), uma vez que se entra no Canto III com Lancelot já no exílio.

e) Novidade é também a forma como o leitor tem acesso aos desejos secretos das personagens através dos seus pensamentos: Guinever tem saudades de Lancelot, Mordred tem um desejo ardente por Guinever e Lancelot sofre com a ausência de Artur.

Estruturalmente, o texto tem cinco cantos e cada verso tem duas partes, divididas em dois pés cada, como atesta o seguinte exemplo: "**Ar**thur **east**ward in **ar**ms pur**po**sed." (Tolkien, 2013: 17).

No que diz respeito à narrativa, no Canto I Artur e Gawain partem para Este, aconselhados por Mordred. Vão muitos com Artur, mas o melhor é Gawain:

> Greatest was Gawain, whose glory waxed
> as times darkened, true and dauntless,
> among knights peerless ever anew proven,
> defence and fortress of a falling world. (Tolkien, 2013: 19).

Quando Artur sabe da traição de Mordred, é ele mesmo quem parece adivinhar o futuro: "His heart foreboded that his house was doomed,/the ancient world to its end falling,/and the tides of time turned against him." (Tolkien, 2013: 24). Neste instante, Artur reconsidera a presença de Lancelot na corte, pensando que talvez seja boa ideia chamá-lo para ajudar Camelot. No entanto, Gawain dissuade-o, estando convicto de que é a força necessária para Artur:

> And Gawain hast thou. May God keep us
> in hope allied, heart united,
> as the kindred blood in our bodies courseth,
> Arthur and Gawain! (Tolkien 2013: 25).

Já no Canto II, surge Mordred, ardente de desejo por Guinever: "He heard nor heeded: his heart returned /to its long thraldom lust-tormented,/to Guinever the golden with gleaming limbs." (Tolkien, 2013: 27). Os Frísios avisam-no de que Artur já sabe dos seus planos e ele decide avançar mais rapidamente para Camelot porque deseja possuir Guinever. Quando a prende, comunica-lhe os seus planos de a fazer sua. Ela pede-lhe tempo para pensar e consegue escapar a meio da noite: "So fled she now,/Guinever the fair in grey mantled,/cloaked in darkness, from the courts stealing." (Tolkien, 2013: 34). No entanto, não o faz por lealdade a Artur, mas pelo facto de os seus pensamentos ainda pertencerem a Lancelot: "In her heart darkly she thought of Lancelot." (Tolkien, 2013: 34).

Por esta razão, facilmente o leitor adivinha que Mordred não é o único a conspirar contra Artur: "Guinevere the fair,/nor Mordred only, should master chance/and the tides of time turn to her purpose." (Tolkien, 2013: 34).

O Canto III é inteiramente dedicado às reflexões de Lancelot acerca da sua traição a Artur: "He his lord betrayed to love yielding,/and love forsaking lord regained not;" (Tolkien, 2013: 35). Ele, que costumava ser o cavaleiro mais nobre de Artur, é comparado agora a Gawain, que permaneceu leal:

White his hue was; his hair raven,
dark and splendid; dark his eyes were.
Gold was Gawain, gold as sunlight[216]
(...)
But to his lord alone his love giving;
no man nor woman in his mind holding
dearer than Arthur. (Tolkien, 2013: 36).

Depois da traição, Lancelot devolve Guinever a Artur, na esperança de ser perdoado, mas esse perdão nunca chegou e ele agora vive sempre na esperança de ser chamado por um dos dois: "But there came neither from king summons/nor word from lady." (Tolkien, 2013: 42).

No Canto IV Artur e Mordred descobrem os dois que Guinever desapareceu e este último receia que Lancelot venha ajudar Artur: "For Lancelot, lord of Benwick,/ most he hated and yet most dreaded." (Tolkien, 2013: 49).

Pela aurora, Artur chega a Camelot e Mordred procura sinais de que Lancelot o acompanha, mas não encontra as suas velas no horizonte: "for the banner of Bennwick breathless looked he, / silver upon sable. But he saw it not." (Tolkien, 2013: 50). Mordred festeja por não saber de Lancelot mas não prevê que Gawain seja capaz de vencer a batalha no desfiladeiro: "Thus came Arthur to his own kingdom/and the sea's passage with the sword conquered,/Gawain leading." (Tolkien, 2013: 51).

O leitor apenas tem acesso ao início do Canto V, uma vez que o poema é interrompido no verso 63. Inicia-se o canto com o lamento de Artur pelo seu reino: "There was woe in Britain and the world faded; /Bells were silent, blades were ringing/Hell's gate was wide and heaven distant." (Tolkien, 2013: 56). E chega o Rei à terra devastada que deseja curar:

Now pity whelmed him
and love of his land and his loyal people,
for the low mislead and the long-tempted,
the weak that wavered, for the wicked grieving.
With woe and weariness and war sated,
kingship owning crowned and righteous
he would pass in peace pardon granting,
the hurt healing and the whole guiding,
to Britain the blessed bliss recalling. (Tolkien, 2013: 56-57).

O poema é interrompido quando Artur discute com Gawain se deve esperar ou não para continuar a sua batalha contra Mordred.

[216] Referência às lendas celtas nas quais a força de Gawain aumenta conforme o sol se vai erguendo durante a manhã, tendo o seu expoente máximo às 12h.

Ao ler o poema, o leitor fica com a ideia de que Gawain é, de facto, o único que mantém a esperança ao longo do texto e que nunca tem um discurso pessimista. No entanto, mesmo quando Gawain vence a batalha naval contra Mordred, o leitor é rapidamente informado de que é algo que não vai durar:

> _____ Now his glory shone
> as the star of noon stern and cloudless
> o'er the heads of men to its height climbing
> ere it fall and fail. Fate yet waited.
> Tide was turning. (Tolkien, 2013: 54).

No material de rascunho a que já nos referimos, há a informação de que Gawain deve morrer no Canto IV e o seu corpo levado para Camelot no Canto V. Christopher Tolkien encontrou, também, o esboço daquilo que seria o lamento de Artur por Gawain, o que coloca o texto de Tolkien mais perto do poema aliterativo *Morthe Arthure* a nível narrativo.

E aqui é contada realmente a queda de Artur. Quando cai o seu mais bravo herói, o único cavaleiro incorrupto que ainda possui – símbolo da sua casa e da Távola Redonda – está morto. Ao longo do texto, Tolkien glorifica Gawain para que a sua queda espelhe a queda do rei, do reino e da verdadeira cortesia. O verdadeiro herói autóctone já não existe, o rei cairá em breve e seguir-se-á o reino, que vai ser entregue a estrangeiros. Não sobrará nada, nem mesmo os contos que serão apropriados por gentes e terras estranhas.

Tolkien viaja ao passado para encontrar o seu verdadeiro herói épico, o único de que a sua terra se pode orgulhar, mas apenas para o leitor o ver cair e a sua memória para sempre ser recordada com pena e pesar, tal como Artur faz, no seu derradeiro lamento por Gawain:

> now my glory is gone and my grace ... ended.
> Here lies my hope and my help and my helm and my sword
> my heart and my hardihood and my ... of strength
> my counsel and comfort
> (...)
> Ah, dread death thou dwellest too long,
> thou drownest my heart ere I die. (Tolkien, 2013: 131).

E esta é a razão pela qual Tolkien não fornece ao leitor nem uma perspetiva moderna nem um olhar desconstrutor em relação à narrativa. O seu público-alvo é erudito, olhos que conheçam os textos medievais. Tal como na sua mitologia sobre o texto de fantasia, escolhe forjar um herói sobre uma ideia já enraizada na mentalidade coletiva, baseá-lo numa fonte cultural de onde muitos fossem capazes de beber. Por esta razão, *The Fall of Arthur* é uma obra que não pode ser

catalogada como Matéria da Bretanha e parece-nos que a definição proposta por Angélica Varandas para o Poeta de *Gawain,* "Matéria Celta", não abarca a totalidade da temática de *SGGK*. Matéria de Artur não bastaria porque o herói não é nem nunca foi Artur, como atestam os textos. Poder-se-ia sugerir algo como Matéria de Gawain que o distinga, de vez, como o herói principal.

Prova de que Artur não é o herói é o facto de o encontrarmos, neste texto, nos seus últimos dias, quando já está no ocaso dos seus feitos. A sua queda não é uma surpresa, vem como o curso natural dos acontecimentos. Artur apenas espera pelo momento; não tem mais linhagem, nem reino, nem vida; não tem herdeiro, nem herói substituto, nem defesa possível das suas fronteiras (tanto físicas como culturais). É o fim de uma era.

Tendo também em conta que Tolkien já criara toda uma cosmogonia para a Terra Média, faltava-lhe o mito fundador que desse coerência às sua escrita épica. Mas é um canto épico não de guerra nem de regresso a casa, como o de Homero. É para chorar a perda do herói, do mundo velho e dos seus valores. O autor não é capaz de encontrar no seu mundo presente – entre Guerras – nenhum sentido nem perspetivas para a fundação de uma nova sociedade. Por essa razão, o seu herói não pode cantar a esperança de um novo nascer já que Tolkien com certeza ainda vivia no espanto que se seguiu à Grande Guerra[217] e – como a restante sociedade europeia em geral – ainda estava a aprender como seria o mundo depois de um conflito de larga escala. Daí o leitor ser deixado com um trágico e incompleto lamento.

Aferiu-se também que o trabalho de Tolkien sobre o poema foi também o de criar uma linguagem própria para falar de um herói tão importante: verso épico para um conto épico. Propõe-se que talvez o verso aliterativo seja o verso alexandrino de Tolkien. É o próprio a dar as razões para o usar, num texto sobre *Beowulf*:

> ... therein lies the unrecapturable magic of ancient English verse for those who have ears to hear: profound feeling, and poignant vision, filled with the beauty and mortality of the world, are aroused by brief phrases, light touches, short words resounding like harp-strings sharply plucked. (Tolkien, 2006: 60).

Não acabou a viagem de Gawain na Idade Média. Continuou pela pena de quem quis que o universo Arturiano perdurasse. Prova disto é o facto de ainda se continuarem a produzir traduções para Inglês da obra *SGGK.* Cada tradução é mais uma leitura, mais um regresso à corte

[217] Refletimos sobre semelhanças entre as reflexões de Tolkien neste poema e o poema de T. S. Eliot *The Wasteland* num breve artigo que resumiu os principais pontos apresentados numa comunicação sobre o autor (Cf. Azevedo & Louro, 2015).

de Artur e à vida exemplar de Gawain que ainda tem o que dizer ao leitor do século XXI. A Matéria de Gawain continua a ter produção escrita também nestas novas traduções que vêm surgindo da obra, já que cada novo labor tradutório implica uma nova leitura, todo um conjunto de escolhas novas sobre como representar o herói, que pendor lhe dar, que imagem do mesmo transmitir[218]. Mas não foi apenas na literatura que isto aconteceu, como veremos no ponto que se segue.

1.2. Fim do Ciclo ou o "Endless Knot"

Já se fez menção ao facto de a presença de Gawain permanecer na literatura inglesa, já depois da Idade Média. Nesse sentido, o ciclo Gawainiano não termina, uma vez que esta personagem não só continua a figurar em narrativas sobre Artur, mas marcou a ideia britânica da verdadeira cavalaria.

Como foi discutido a propósito de *SGGK*, Gawain achou-se, como apontava Spearing no seu estudo de 1970, 'enredado' ("entangled", Cf. Spearing, 1970: 234) num plano que visava testá-lo a nível moral e dos valores de cavalaria e acaba, por isso, por se mostrar o cavaleiro humanamente perfeito, uma vez que se revela imperfeito como todo o ser humano. Torna-se, então, espelho da luta do homem comum: fazer o bem e permanecer fiel, custe o que custar, é difícil para a condição humana, sempre propensa a procurar a sobrevivência. Gawain vem mostrar que essa é uma luta também dos heróis.

O facto de permanecer fiel e leal e mais ligado aos valores ditos 'pagãos' nos textos insulares não é uma contradição em relação ao que lhe aconteceu na literatura continental. Nas literaturas francesa, espanhola, portuguesa, etc, sofre a mutação (ou 'transmutação', nas palavras de Cristina Álvares) que lhe permite sobreviver no romance enquanto personagem que não poderia fazer frente aos novos valores que se erguiam: um cristianismo que vinha mostrar que os valores da cavalaria eram obsoletos e contraditórios. O que o Poeta de *Gawain* vem fazer é provar que essa cisão não era necessária. Gawain é cristão, é o cavaleiro da Virgem e consegue sobreviver num mundo que se equilibrou num limiar entre várias culturas, onde ainda existe magia, onde a espécie humana ainda luta contra os elementos que ainda não domina ou sequer compreende, contra figuras de inimigo exterior a quem se atribui ainda a causa da perturbação da harmonia do salão do rei. Apenas tem de fazer um exercício de humildade e reconhecer a sua falta, vivendo

[218] Para citar apenas as traduções mais recentes da obra, há uma de 2012, feita por Daniel Donoghue e outra já deste ano, produzida pela mão de Michael Smith.

para sempre com a memória da mesma. Gawain é a simbiose perfeita, no virar do mágico para o religioso, do homem medieval com o moderno, marcando o seu lugar perene na literatura inglesa e europeia como uma das primeiras personagens cujos pensamentos, ações, emoções e até a forma como modela o seu discurso cortês são partilhados com o leitor.

A sua história e papel desempenhado tem de facto relevo na produção literária e artística *latu sensu* do século XX, a avaliar pelas múltiplas obras onde surge como personagem. Como já vimos, existe o romance de 1993, de Iris Murdoch, *The Green Knight.* Existe também uma ópera (Cf. Burrow, 2001), em dois atos, intitulada *Gawain*, de Harrison Birtwhistle[219], levada à cena pela primeira vez em 1991, com libreto de David Harsent (Cf. Windeatt, 1997).

Gawain também surge no grande ecrã em várias aventuras. Como recorda Williams, no seu ensaio de 1997, a presença de Gawain no cinema (mesmo nos casos em que apenas surge como personagem secundária) já é antiga e lista os títulos:

a. *Knights of the Round Table*, 1954.
b. *Lancelot and Guinevere*, 1963.
c. *Excalibur*, 1981.
d. *Prince Valiant*, 1954.
e. *The Spaceman and King Arthur,* 1979.
f. *Sword of Lancelot*, 1963.
g. *First Knight*, 1995.
h. *Lancelot du Lac* (Bresson), 1974.
i. *Perceval le Gallois*, 1978.
j. *Gawain and the Green Knight*, 1973.
k. *Monty Python and the Holy Grail*, 1975.
l. Série *Sir Gawain and the Green Knight*, Thames Television Production, 1991.

Gawain é também personagem para crianças, aparecendo, quase sempre apenas como um membro da corte de Artur[220]. No entanto, há que destacar uns desenhos animados de 2007 da ABC, *Gawayn*, nos quais o cavaleiro é algo trapalhão e quase sempre só consegue ultrapassar os problemas que surgem nas aventuras com a ajuda dos seus amigos. Nos anos 90 do século

[219] Cf. https://www.youtube.com/watch?v=3987I7fFrgo
[220] Uma obra a consultar sobre o imaginário arturiano nos desenhos animados é a de Michael Salda, de 2013, *Arthurian Animation: A Study of Cartoon Camelots on Film and Television*.

passado, nos Estados Unidos, havia uns jogos televisivos para crianças que contavam sempre com uma introdução em desenho animado, "Legends of the Hidden Temple Crossovers" e um desses episódios é sobre Gawain (usando imagens da série "Legend of Prince Valiant"[221]), que é apresentado como um cavaleiro não muito inteligente mas que possui um capacete mágico e que gosta muito de ajudar as damas da corte. É curioso ver que foram justamente os traços de transformação da personagem os usados para fins de comicidade junto do público infantil/juvenil.

Esta não é, no entanto, a memória que o presente trabalho procura destacar em Gawain, mas sim a do herói humanamente perfeito, consciente das suas falhas e erros mas, ainda assim um exemplo de lealdade a seguir. Foi o que se procurou fazer na tradução para língua portuguesa do poema, que a seguir se discute.

2. Ler a Idade Média hoje – Gawain em Português: dilemas de uma tradução

No capítulo 2 foram expostas em pormenor não só as razões pelas quais se tornou imperativo que o poema *SGGK* fosse traduzido para Português, mas também a base teórica em que melhor se reviu esse labor tradutório. A Teoria da Equivalência Dinâmica de Nida e Taber permitiu construir um vocabulário para falar do labor sobre o texto e também fez com que se pudesse refletir sobre que tipo de produto final se procurava alcançar.

Existe a clara noção de que a tradução apresentada no Anexo 2, *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde*, está ainda longe de ser um produto acabado pronto para publicação. No entanto, é certo que esta tradução ajudou a clarificar (ou a levantar mais questões) sobre os aspetos principais do texto, não só linguísticos, mas narrativos. É sobre estas questões que agora se tecem algumas considerações.

2.1 Traduzir Gawain

Do labor de traduzir verso a verso a obra *SGGK*, ao mesmo tempo que se comparavam as traduções de Brian Stone e J. R. R. Tolkien com o texto de partida, resultaram 2530 versos cheios de pontos de interrogação.

O trabalho sobre o texto teve sempre este movimento de estrofe para estrofe: primeiro marcou-se toda a aliteração nas duas traduções estudadas, comparou-se uma de cada vez com o

[221] Cf. https://www.youtube.com/watch?v=i-bal-CvYyA.

texto de partida (Cf. Anexo 1) o que, no fundo, é o trabalho que apresentamos no ponto 2 do capítulo 4; em seguida, olhou-se para o texto em Inglês Médio, pesquisaram-se todas as referências lexicais em dicionário ou glossário e traduziu-se, partindo sempre das formas verbais para encontrar os sujeitos e complementos. Em casos de dúvida extrema (que foram ainda alguns), recorreu-se a Tolkien e a Stone e às notas por publicar de Tolkien, que ajudaram a explicar muitos passos já que o autor era conhecedor íntimo das fórmulas e construções sintáticas típicas do Inglês Médio e, em particular, do dialeto West Midland[222].

Ainda assim, havia demasiadas perguntas no final de um primeiro trabalho sobre todo o poema. Estas dúvidas eram quase todas elas de teor lexical, uma vez que, mesmo encontrando as escolhas feitas por Stone e Tolkien para os passos mais complexos do poema, não se podia compreender a razão dessas escolhas. Daí a necessidade de formação com alguém especialista em Inglês Médio. Assim sendo, surgiu a oportunidade de ter um curso breve de Inglês Médio, com a Professora Catherine Batt, na Universidade de Leeds, durante o qual se procurou clarificar as dúvidas sobre o texto em West Midland. Foi a clarificação que proveio dessas semanas de discussão que permitiu a completude do percurso tradutório.

No entanto, mesmo tendo o sentido desvendado, restavam ainda decisões complexas a tomar: prosa ou poesia? Como manter o aspeto aliterativo do texto, tendo em conta que o verso aliterativo medieval Inglês não se prende só com aliteração mas com uma dicção poética própria que envolve construção sintática e vocabulário[223]? A opção escolhida foi manter o texto poético na nossa tradução e procurar dar uma nota aliterativa sempre que possível. As tentativas de que a rima da quadra final fosse preservada nem sempre foram bem-sucedidas nesse processo.

O produto final destes anos de trabalho é o apresentado no Anexo 2. Em circunstâncias onde ainda se sente que a tradução pode ser melhorada ou alvo de mais profunda reflexão, criaram-se notas de rodapé a explanar as interrogações. Em momentos de difícil equivalência em língua portuguesa acrescentaram-se notas explicativas.

---

[222] Depois desta descrição já se tornou claro que não se usou nenhum tipo de *CAT Tool* para fazer o trabalho que, muito provavelmente, teria sido mais otimizado com este tipo de ferramenta. Optou-se por listas Excel e Word que, apesar de úteis, revelaram as suas limitações por não serem software de tradução. Este é ainda um campo por explorar em trabalhos futuros. Temos contudo ainda reservas quanto à qualidade da ajuda deste tipo de software para a tradução de poesia.

[223] Ainda no que diz respeito ao vocabulário, o maior desafio foi, de facto, todas as palavras que se prendem com a preparação da carne dos animais caçados para consumo humano. Foi preciosa a ajuda da Dr.ª Jane Mackay que, com a sua sabedoria lexical, nos encaminhou na direção certa, já que é uma especialista em palavras (Cf. http://www.janemac.net/index.html).

Obviamente que a noção geral é a de que a reflexão que se teceu acerca do trabalho tradutório é parca e, provavelmente, o início de outras reflexões que se farão acerca deste mesmo tópico. Ao procurar entender que trilho seguir apenas na definição do que se queria fazer com a própria tradução encontrou-se o basilar texto de Walter Benjamin, de 1923, "The task of the translator" e as linhas de abertura do ensaio, nas quais o autor se interroga sobre qual é a tarefa do tradutor e o fim da tradução em si encontraram perfeito eco nas próprias questões que o labor tradutório criou nas linhas deste trabalho. É também de eco que Walter Benjamin fala ao descrever a tarefa do tradutor: "The task of the translator consists in finding that intended effect [Intention] upon the language into which he is translating which produces in it the echo of the original." (Benjamin, 2000: 19-20). Não será a busca por este 'eco' a mesma procura pela equivalência?

Um último texto teórico veio em auxílio das muitas interrogações levantadas pelo ato de traduzir. Clare Kinney, no seu ensaio de 2014 sobre traduzir *SGGK*, reflete sobre o facto de toda a narrativa da obra poder representar também a própria demanda de um tradutor quando 'enfrenta' o poema e o procura traduzir para uma língua moderna. Tal como a personagem Gawain tem de passar por vários testes, também o tradutor tem de o fazer. E um dos principais testes a que Gawain é sujeito é o próprio ato de entender o que compreende o desafio a que é sujeito. Um dos exemplos que a autora dá é o facto de Gawain procurar explicar, por palavras suas, o que vê quando chega à Capela Verde. Gawain 'traduz', interpreta a capela do cavaleiro verde em algo que ele pode entender e catalogar:

> Faced with an inscrutable object, he translates it into a more familiar evil, generating various substantives (oratory, chapel, kirk) designating recognizable edifices as he imagines (with a little bit of comic melodrama, as A. C. Spearing has noted) a Chapel Perilous inhabited by the devil. The chapel is not of course, contained by Gawain's rendering; with exquisite irony, it gradually metamorphoses into a place hospitable to more orthodox acts of devotion (...). (Kinney, 2014: 229).

As últimas linhas da citação acima apresentada vieram dar luz a algumas dúvidas levantadas pelo texto ao tradutor: mesmo explicando por palavras inteligíveis à cultura de chegada o que um conceito como, por exemplo, a Capela Verde aparenta ser, essa mesma tradução não empedernece a evolução, a metamorfose da mesma noutra coisa ainda, como a própria narrativa vem provar. Traduzir literatura é isto mesmo: urdir sobre um tecido delicado, cujos pontos dados podem alterar o aspeto e a textura mas nunca a natureza do tecido em si. Parece ser isto mesmo aquilo que se passa com a personagem Gawain e a sua evolução: advém do labor tradutório que sobre ele foi sendo feito ao longo dos séculos mas aquilo que tem de 'ontológico' – a sua natureza

exemplar – é a causa de ainda ter interesse no século XXI e de ainda ser objeto de novas traduções e interpretações. Ao tradutor, como recorda ainda a mesma autora, resta não só mediar mas também, como ao bom Bertilak, ditar os termos da troca: "Translators engage in a perpetual dynamic of substitution, questing to find equivalents in their own tongue for foreign words, phrases, idioms, but also setting the terms of the exchange." (*Idem:* 240).

Neste momento, o melhor que se poderá fazer pelo texto em si será deixá-lo à consideração do leitor e ouvir questões, exasperações ou comentários que possa despertar. Trazer um texto desta natureza e qualidade para o século XXI é uma grande responsabilidade. Se autores excelentes e experientes e muito mais capazes linguisticamente sentiram este peso nas suas traduções, o que poderá dizer quem ainda dá os primeiros passos neste campo de saber? Seamus Heaney tinha razão quando, ao refletir sobre *Beowulf,* afirmava não haver mais nada para dizer:

> So, in a sense, there is nothing more to say. The translator, like the writer in Hughes's parable, 'can only grope along, transmitting what are intended to be meaningful signals, the most meaningful possible'. If the work is successful, the flash of the right word-choice should create a tremor that makes readers feel they exist as 'full strength' members of the language-group. A voltage should travel up the line, from the hoard into the herd, a sensation of being tied into an extensive and self-fortifying network, a far-reaching system of pulse and beat and heft and hold. The individual translator of *Beowulf* shoulders the burden of the past and tries to launch it into the swim of the present. (Weissbort & Eysteinsson, 2006: 605).

Neste sentido, procurou-se, acima de tudo, que fosse um texto inteligível e passível de fruição para um leitor português do século XXI. Para esse efeito, procurou-se testar a tradução, seguindo a sugestão feita por Nida e Taber (Cf. capítulo 2), na qual mostravam várias formas de testar a Equivalência Dinâmica do produto de uma tradução.

No momento em que se decidiu testar a tradução tomou-se conhecimento de que existe uma tradução de *SGGK* para Português do Brasil, em prosa, de 1997, e parte desta foi integrada também no nosso teste, a fim de compreender melhor que tipo de texto atrairia mais um leitor contemporâneo. São os resultados dessa experiência que se discutem na secção que se segue.

2.2 Testar Gawain

Como apontavam Nida e Taber (Cf. Capítulo 2), há três fatores que atestam uma boa tradução, dos quais destacamos 2: a exatidão com que os recetores entendem a mensagem do original e a facilidade de compreensão (Cf. Nida e Taber, 2003 [1969]: 173). Com estes fatores

em mente, criou-se um teste para aferir o tipo de equivalência alcançada com a tradução para língua portuguesa do poema *SGGK*.

Este teste (cujo enunciado pode ser consultado no Anexo 3) consistiu na exposição de um grupo de alunos do Mestrado de Tradução e Comunicação Multilingue a excertos da tradução, a uma tradução mais simplificada de um dos excertos já lidos e à tradução desses mesmos passos para Português do Brasil, sendo, depois, convidados a responder a questões abertas relacionadas com a época do texto, inteligibilidade e interesse para um leitor de língua Portuguesa. Havia ainda uma pergunta final que, depois de citar um dos excertos apresentados em Inglês Moderno, indagava acerca de qual seria a tradução (das apresentadas) que, na opinião do aluno, melhor convertia, transferia e restruturava aquele texto de partida em língua portuguesa.

Existe a clara noção de que o grupo de teste é controlado, falamos de alunos de tradução que têm alguma noção teórica sobre a matéria e que, por isso, talvez se sentissem mais tentados a dar respostas mais teóricas. O mais curioso é que não foi isso que aconteceu. Apresenta-se, em seguida, a pergunta feita e as respostas dos alunos. A amostra são 13 questionários preenchidos por alunos de 1º ano do Mestrado em Tradução e Comunicação Multilingue.

O primeiro grupo de questões era acerca das duas primeiras estrofes da nossa tradução (Cf. Anexo 2):

a) Na sua opinião, este é um texto moderno ou antigo? Porquê?

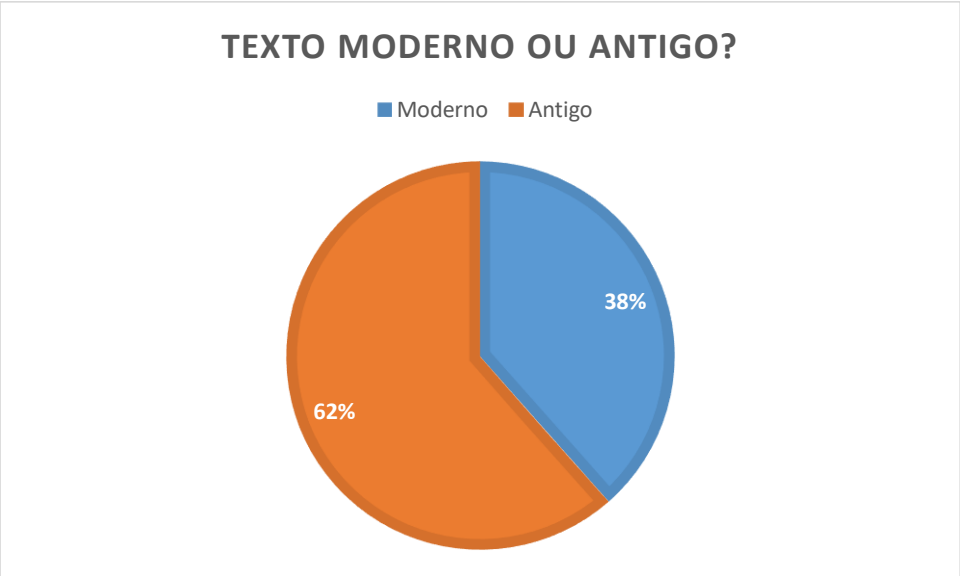


Gráfico 3. Respostas à questão 2.1 do Teste à Equivalência Dinâmica

As respostas foram algo divididas, embora a maioria dos inquiridos (61,5%) achasse que se trata de um texto antigo. Dos restantes 38,5%, que responderam tratar-se de um texto moderno, um dos inquiridos afirmou que se trata de um texto moderno produzido com linguagem escolhida para que parecesse um texto antigo.

b) De que acontecimentos se falam no texto?

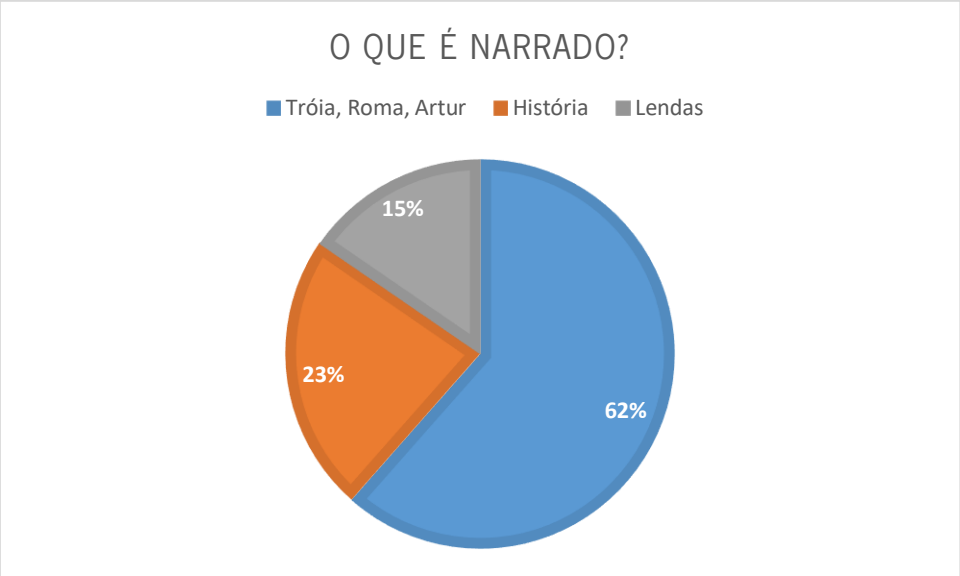


Gráfico 4. Respostas à questão 2.2 do Teste à Equivalência Dinâmica

Aqui, os mestrandos dividiram-se em três grandes grupos: 61,5% acharam que conta sobre Tróia, Roma e Artur, 23,1% consideram tratar-se de acontecimentos históricos e 15,4% crê que o texto aborda acontecimentos lendários.

c) Na sua opinião, um leitor de poesia dos dias de hoje compreenderia todo o conteúdo do texto? Porquê?

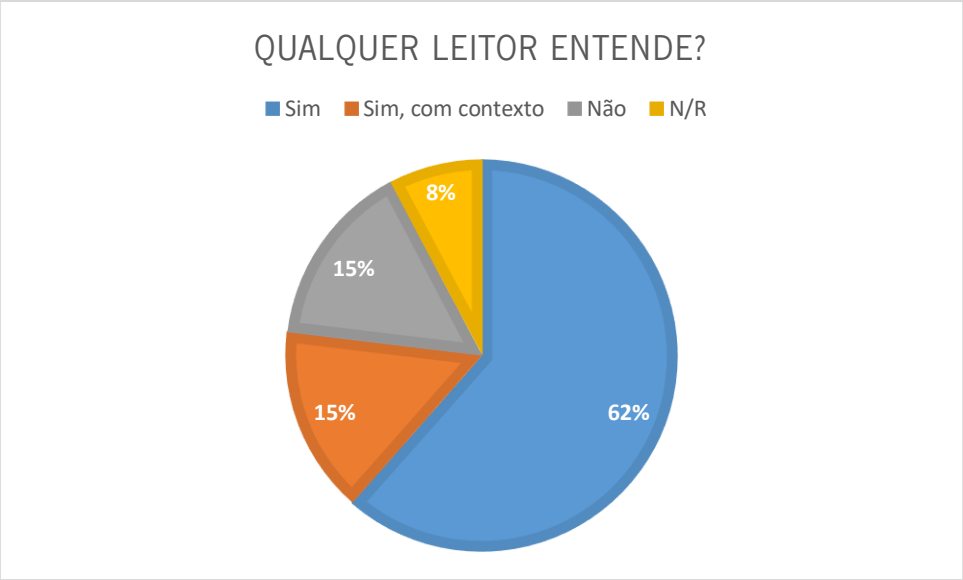


Gráfico 5. Respostas à questão 2.3 do Teste à Equivalência Dinâmica

A maioria dos inquiridos (61,5%) julga que qualquer pessoa entenderá a tradução, uma vez que se tratam de acontecimentos do conhecimento geral. Já 15,4% considera que qualquer pessoa entenderá, desde que tenha alguma base prévia textual para o fazer. Por outro lado, 15,4% afirma que não é qualquer pessoa que será capaz de entender o texto porque precisa de um nível cultural superior e 7,7% não respondeu à questão.

Em seguida, os alunos eram convidados a ler uma tradução simplificada dos quatro primeiros versos do poema, criada para o teste: "Quando o cerco e o assalto a Tróia terminaram/E o forte caiu ardendo até às cinzas,/O traidor que lá tinha o maldoso plano/Foi julgado pela sua traição, que foi a maior sobre a terra." (Cf. Anexo 3, ponto 3).

A pergunta que se seguia estava relacionada com a nova tradução:

d) Na sua opinião, quais as principais diferenças entre o texto apresentado no ponto 3. e o texto do ponto 1. ?

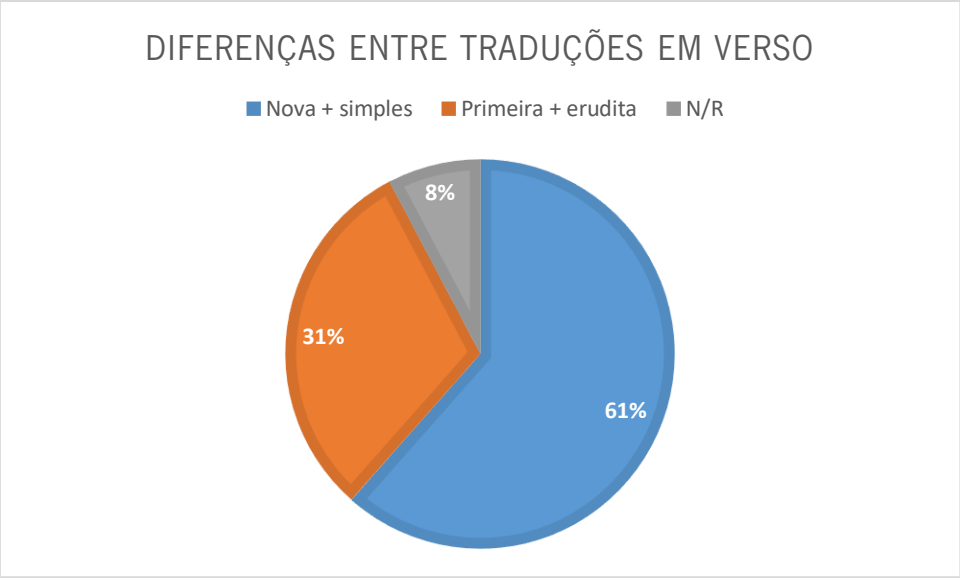


Gráfico 6. Respostas à questão 4.1 do Teste à Equivalência Dinâmica

Nesta questão, 8 dos inquiridos (61,5%) consideraram que a nova tradução era mais simples e 4 alunos (30,8%) indicaram que o primeiro texto apresentado era mais erudito. 7,7% não respondeu.

No ponto seguinte, eram convidados a ler a tradução em prosa para Português do Brasil (embora não soubessem a origem da tradução): "Quando cessaram o cerco e o assalto a Troia, e a fortaleza tombou em chamas, transformando -se em tochas ardentes e cinzas, o traidor que ali tinha tramado a traição foi julgado por sua perfídia, a mais bem urdida do mundo."

As questões eram:

e) Quais as principais diferenças entre as traduções em verso e a tradução em prosa?

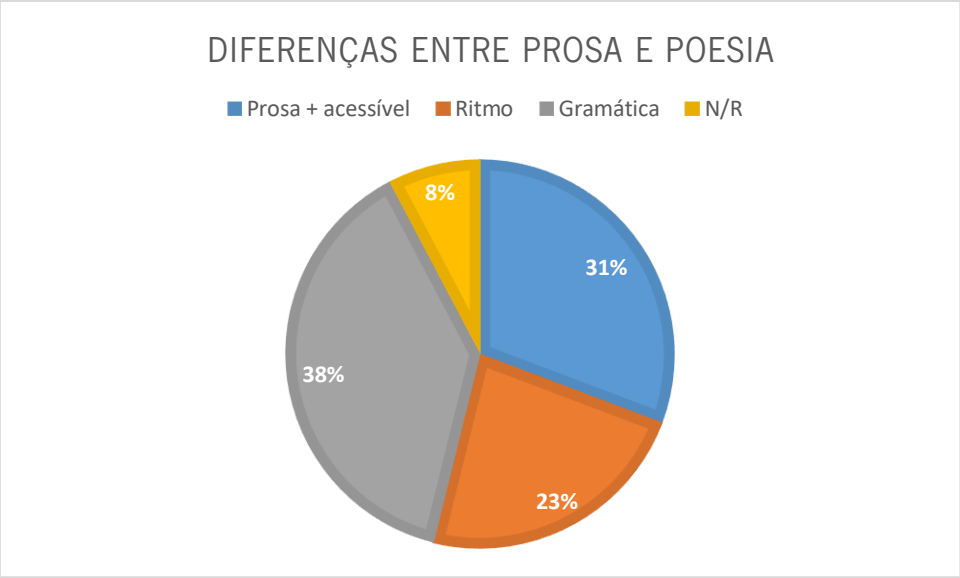


Gráfico 7. Respostas à questão 6.1 do Teste à Equivalência Dinâmica

Os inquiridos dividiram-se por três grandes respostas: a prosa é mais acessível (30,8%), as diferenças são de ritmo (23,1%), as diferenças são gramaticais, referindo os conectores (38,5%) e 7,7% não respondeu.

f) **Qual das leituras foi, a seu ver, mais clara e natural para um falante de língua portuguesa (de Portugal)? Porquê?**

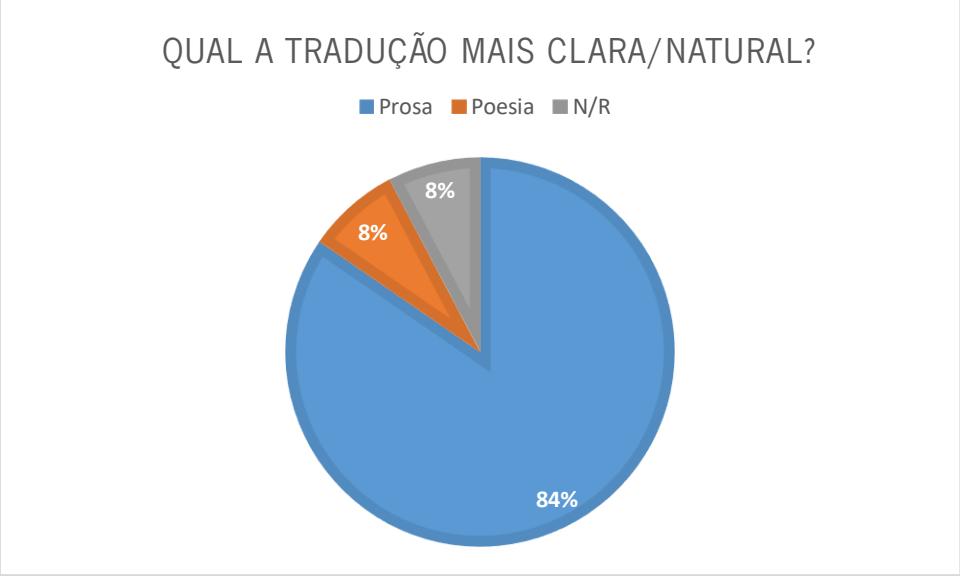


Gráfico 8. Respostas à questão 6.2 do Teste à Equivalência Dinâmica

Um número esmagador destes alunos (84,6%) respondeu que a prosa era mais clara e natural, 7,7% a poesia e 7,7% não respondeu.

Finalmente, eram apresentados os quatro primeiros versos da tradução de Tolkien (de forma não identificada, como texto de partida) e uma pergunta final:

g) Na sua opinião, qual das 3 traduções apresentadas melhor converte, transfere e restrutura o texto de partida nas língua e cultura portuguesas? Porquê?

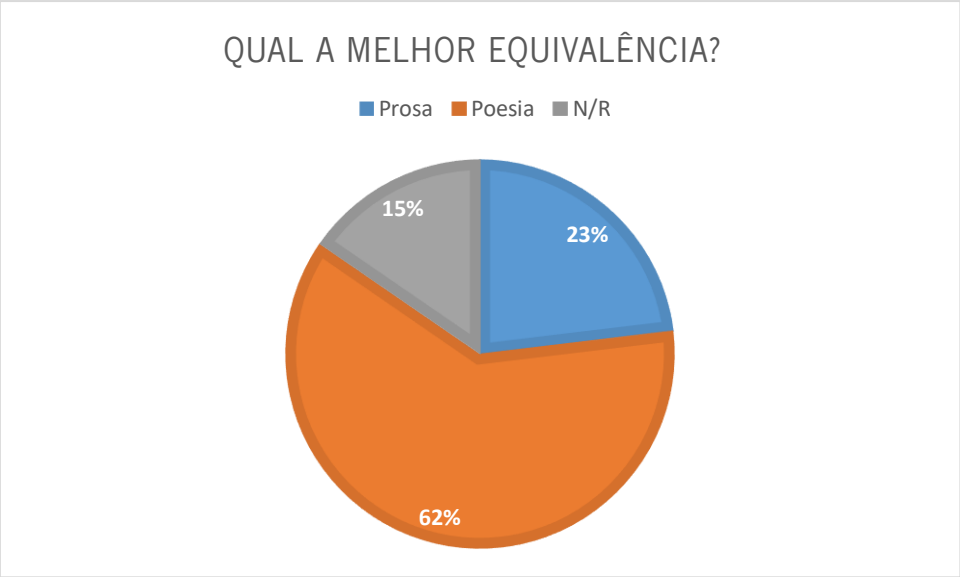


Gráfico 9. Respostas à questão 8 do Teste à Equivalência Dinâmica

As respostas foram surpreendentes: 61,5% respondeu poesia, 23,1% respondeu prosa e 15,4% não respondeu.

As conclusões que se conseguiu tirar do teste não são muitas porque, obviamente, a amostra não era muito significativa para se conseguir aferir o tipo de equivalência da tradução realizada. No entanto, os resultados que foram apurados permitem afirmar alguns factos de que se dá conta:

1) Quando expostos à presente tradução de *SGGK* sem nenhum contexto ou informação acerca do título, autor ou época do poema, a maioria dos inquiridos foi capaz de dizer que se trata de um texto antigo e identificar, na maioria com sucesso, os acontecimentos que as estrofes apresentadas narravam.

2) Cerca de 30% dos alunos, no entanto, admitiram que seria melhor ter algum tipo de contexto para que a obra pudesse ser entendida.
3) Quando confrontados com uma segunda tradução em verso (que propositadamente usava expressões e construções sintáticas mais simples) indicaram que essa nova tradução era mais simples de entender, sublinhando alguns, no entanto (cerca de 30%) que a primeira tradução apresentada era mais erudita.
4) Depois de lerem a tradução de Tolkien dos quatro primeiros versos da obra e a mesma lhes ser apresentada como texto de partida[224], 61,5% concluiu que era a primeira tradução apresentada a que melhor equivalia a este texto de partida. 23,1% indicou a prosa (embora um dos inquiridos dissesse que talvez a sua resposta não fosse válida por não ser falante nativo de Português) e os restantes inquiridos não responderam a esta questão.

Estes factos apurados a partir dos resultados permitem concluir que, de facto, a equivalência dinâmica talvez seja possível de alcançar com a presente tradução, se ela for acompanhada de aparato crítico que a esclareça e, também, se a edição for bilingue. Crê-se que uma edição de estudo seria mais frutífera se tivesse – simultaneamente – texto em Inglês Médio e em Português, explorando todas as questões e dúvidas que saltam da leitura do texto medieval. Só se pôde chegar a esta conclusão devido à reação que os inquiridos tiveram à última pergunta do teste, depois de serem expostos a um texto de partida. De facto, testar a tradução – embora provavelmente não exequível em todos os contextos editoriais – tem os seus benefícios e contribuiu para a melhoria da própria tradução e da reflexão sobre o labor tradutório.

Resta conseguir fazer um último esforço de edição que torne este texto útil aos estudantes e curiosos da investigação sobre poesia medieval inglesa, assim haja duas condições imperativas: disciplinas no ensino superior português em que se estude literatura inglesa medieval e, por consequência, editoras interessadas em fazer materiais de estudo e apoio para as aulas.

Com as leituras e interrogações em mão, antes de se poder sequer pensar numa conclusão, considerou-se que estava na altura de disseminar os resultados obtidos e, através de possíveis questões levantadas pelo público, tecer mais considerações para obter novas conclusões.

[224] Seria impossível apresentar, neste contexto, o texto em Inglês Médio como texto de partida.

2.3 Partilhar Gawain

No projeto inicial que incluía esta tese estava incluída a organização de um congresso que pudesse trazer, de novo, à luz da ribalta, o estudo da Matéria da Bretanha em Portugal. No entanto, com o passar do tempo e das leituras, foi crescendo a noção de que a Matéria da Bretanha em Portugal bebe também de outras fontes e, mais importante que apenas haver um foco nesse nicho especializado para reflexão, seria muito mais produtivo abrir o horizonte do congresso a realizar para considerações mais abrangentes acerca do que significa – na Europa do século XXI – estudar a Idade Média.

Assim sendo organizou-se, juntamente com a nossa instituição de acolhimento – CEHUM e o ILCH – o Colóquio Internacional *Reading Middle Ages Today: Sources, Texts and Translation*, que se realizou no Auditório do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, nos dias 22-23 de Junho de 2017. O website da conferência é http://cehum.ilch.uminho.pt/medieval#top e a página de Facebook que foi criada para o colóquio é https://www.facebook.com/profile.php?id=100018262724466, onde se podem ver fotos e vídeos do evento.

Foram dias em que não só foi possível disseminar os resultados do presente trabalho de investigação, mas também ouvir e aprender sobre outras áreas de estudo que foram da Linguística e Literatura ao Cinema, passando pela História, Música e Têxtil, entre outros. O programa e livro de resumos estão disponíveis no Anexo 4 deste trabalho. Foram dias que vieram provar que os Estudos Medievais e o Medievalismo estão vivos e ainda fazem todo o sentido como área de estudos e campo de saber fecundo, numa Europa que mais do que nunca precisa de encontrar pontos em comum, fatores de união, que estão na memória coletiva que descende também do que se escrevia na Idade Média.

É esta ainda a principal missão também de Gawain, como em seguida se concluirá.

CONCLUSÃO

Concluir é ter a oportunidade de fazer um balanço do trabalho realizado, avaliar a justeza dos objetivos propostos e delinear pistas para investigação futura. Nesse sentido, há que olhar para o que foi declarado como intento para cada uma das partes desta tese.

Ao enquadrar este estudo num âmbito teórico mais alargado – no no Capítulo 1 – rapidamente se tornou claro que as tarefas necessárias podiam elas mesmas ser englobadas noutros campos de saber que não a literatura. Por essa razão, primaz para o este labor se tornou também a Tradução, não só como instrumento de trabalho para uma mais profunda e detalhada análise do texto em Inglês Médio, mas também como descoberta de uma nova área de saber, com todo um novo conjunto de conceitos. Acabámos, no Capítulo 2, por firmar a nossa posição teórica nos estudos de Nida e Taber e na sua Teoria da Equivalência Dinâmica. Fulcral também foi fazer o breve estudo de natureza histórica apresentado, que nos fez compreender a evolução do próprio conceito de traduzir na Europa Ocidental desde a Idade Média até ao presente. Este saber tornou-se capital na análise da personagem principal de *SGGK*, Gawain, uma vez que permitiu identificar com clareza que muitos dos traços de pendor negativo que lhe foram atribuídos na literatura de cavalaria continental se prenderam com a passagem das lendas celtas das ilhas britânicas para o continente, com a introdução dessas mesmas lendas nos textos continentais que compõem a chamada Matéria da Bretanha e, finalmente, com a posterior tradução desses mesmos textos para as várias línguas românicas, imbuindo-os das tradições próprias de cada cultura e nação. Claro se tornou que a degradação – ou, como foi apurado mais detalhadamente, transmutação – de Gawain se dá com a justificação de ser necessário criar um herói puramente cristão – Galahad – que não carregasse o 'peso' dos traços ditos pagãos que a personagem britânica tinha em si.

Tornou-se claro que esta questão não se reveste apenas de um simplismo aparente, mas abre portas a interrogações mais profundas como a que Cristina Álvares, no seu estudo de 1999, levantava ao indagar se esta transmutação da personagem não seria apenas uma processo necessário através do qual seria preciso que Gauvain passasse para se adequar ao novo estilo de escrita e género literário emergente – o Romance – no qual deixa ele mesmo um penhor de futuro, um descendente, Guinglain. É exatamente o romance de cavalaria na Península Ibérica e, mais especificamente em Portugal, que concluímos ser um dos campos onde mais trabalho de investigação há ainda a fazer. Exemplo disso é a (eterna) disputa luso-espanhola sobre o texto

Amadis de Gaula quando, da leitura do texto em si, nos parece ser mais frutífera a discussão sobre o impacto e influência deste texto e de outros em autores não medievais. A este campo regressaremos para lançar arado nestas terras poucos exploradas ainda.

Foi com estas noções assentes que partimos para o estudo do poema aliterativo Inglês *SGGK*. Das suas fontes mais primárias, o manuscrito Cotton Nero A.x. às primeiras edições, decidiu-se que o texto de partida seria a edição de Gordon e Tolkien, de 1925. Inteirámo-nos do contexto que cercou a criação deste poema de autor anónimo e de um movimento de criação literária único na Idade Média – o Revivalismo Aliterativo. Tendo em conta as fontes históricas e literárias de que o autor se socorreu para a sua criação poética, surgiu – no Capítulo 4 – a análise do poema em si.

A leitura do texto é feita em dois momentos: no primeiro, acompanhámos os passos de Gawain pela ordem dos acontecimentos narrados, refletindo sobre os principais momentos da história através – também – dos olhos de alguns dos muitos investigadores e críticos que já analisaram a obra e que, como nós, destacaram como dignos de relevo: o Desafio que é posto à corte e a Gawain, os acontecimentos que envolvem a sua viagem, o Jogo da Tentação e da Troca de Ganhos a que é sujeito em Hautdesert (outro tópico que merecerá uma nova atenção no futuro já que as ligações desta corte com a própria noção de Amor Cortês – representadas, também, pelos vários galicismos apontados ao longo do texto – carecem ainda de investigação) e o Jogo Final a que deve ser submetido pelo Cavaleiro Verde no seu domínio, a Capela Verde. Ímpar é a cortesia de Gawain durante toda a narrativa e a sua falha, embora pareça de grande dimensão a este cavaleiro, é apenas a prova de que Gawain é o único cavaleiro perfeitamente imperfeito, isto é, um espécimen exemplar da natureza humana, para sempre imperfeita.

A este propósito a maior conclusão revelou-se mais uma interrogação que permanecerá sem resposta: não seria Gawain – imperfeitamente perfeito – um exemplo da espécie humana com muito mais valor e dignidade para encontrar o Graal (uma vez que junta em si mesmo o passado pagão e o cristianismo como cavaleiro da Virgem) do que um constructo artificial como Galahad?

O segundo momento da análise textual de *SGGK* foi de natureza mais linguística uma vez que, através da comparação, estrofe a estrofe, das traduções do poema para Inglês Moderno feitas por Stone e Tolkien, entre si e com o texto de partida, chegámos a uma conclusão pertinente: no século XX, os heróis que resultam das duas traduções são diferentes. Brian Stone dá pequenas pistas linguísticas ao longo do seu trabalho que preparam o terreno para a falha de Gawain que,

segundo esta tradução, comete uma falta de teor religioso (esconder a faixa de Bertilak e do seu confessor). Já na tradução de Tolkien, Gawain está mais próximo do texto em Inglês Médio: sempre leal, constante, verdadeiro à sua palavra. Esconde a posse da faixa a Bertilak, mas a sua confissão é perfeita. A sua falta é uma questão menor, do âmbito mais da legalidade do que da lealdade, embora Gawain se acuse, na sua dor por ter manchado a sua perfeição, de cobardia e avareza.

Neste pequeno estudo de caso, há a concluir que, se em duas traduções do século XX, os heróis apresentados têm traços de caráter diferentes, muito mais provável seria que houvesse transformação do texto e das personagens na Idade Média, quando a tradução se revestia ela mesma de um pendor ficcional.

No entanto, Gawain e as suas aventuras não ficaram no século XIV. Ao criar o seu herói com traços autóctones – facto que ficou provado com o breve trabalho de contagem de palavras no Capítulo 5 – o Poeta de *Gawain* criou um modelo de cavaleiro perfeito que perdurou na memória literária inglesa pelos séculos, não já inscrita na Matéria da Bretanha mas numa Matéria distinta, a de Gawain, desenvolvida por outros autores.

Traços deste passado são visíveis em escritores como Iris Murdoch (com a sua obra *The Green Knight*, de 1993) e o trabalho de Tolkien que, no seu poema aliterativo inacabado, *The Fall of Arthur*, conta a queda de Artur e do seu reino, espelhada no desaparecimento precoce e trágico do seu campeão e rosto de uma era de heróis sem par que devia terminar: Gawain; um herói épico para completar a sua já imaginada mitologia para Inglaterra, criada nos seus escritos sobre a Terra Média.

Ecoam ainda tons heroicos de Gawain – como descrito ainda no mesmo capítulo – em filmes, séries, programas infantis e juvenis e até em obras musicais, como a ópera *Gawain*, de Harrison Birtwhistle, mencionada anteriormente.

O Nó Interminável de Gawain perdura também no nosso labor tradutório. O produto da tradução de Inglês Médio para Português – ainda que necessitado de revisão para uma possível publicação – torna presente na nossa língua e cultura esta visão mais positiva e mais ligada às verdadeiras origens literárias da personagem. Foi este trabalho que permitiu afirmar, com certeza, que o sentido dos textos que compõem a Matéria da Bretanha em Portugal ficou, de alguma forma, mais carecido de clarificação por não haver uma lógica aparente para certos comportamentos da personagem Galvão, que radicam nas suas origens celtas que, para o leitor Português, não serão óbvias nem imediatas.

Daí também a necessidade de partilhar o fruto deste trabalho e receber feedback de outros investigadores em Estudos Medievais. Por essa razão organizou-se o Colóquio Internacional *Reading Middle Ages Today: Sources, Texts and Translation* (mencionado na última parte deste trabalho), que se mostrou penhor de frutos abundantes de reflexão para o este estudo e também para os Estudos Medievais em Portugal. Testámos também a nossa tradução junto de um grupo de alunos do Mestrado em Tradução e Comunicação Multilingue a fim de aferir a equivalência dinâmica da mesma que, embora não tendo ficado provada, se mostrou possível.

Ler *Gawain* de novo tornou-se uma reflexão maior do que a literatura. Permitiu ver e experimentar o facto de que estudar literatura é também chamar a debate várias áreas de conhecimento que, em colaboração, permitem um trabalho mais profundo e completo sobre o texto. Para realizar este projeto recorremos à Teoria da Literatura, à Linguística, à História e à Tradução.

A história destes campos de saber que foram chamados a este trabalho é também a História da Europa Ocidental que conhecemos e que tem, como expressão da sua memória e identidade, obras como *SGGK*. Negar isto seria negar quem somos como continente.

O herói e personagem de relevo – Gawain – tem na sua imperfeita perfeição a marca mais profunda da humanidade que partilha com os leitores de todas as eras e lugares. É por essa razão que ainda tem algo a dizer a quem quer que leia os seus versos hoje, no século XXI. Há algo na sua narrativa nos liga a todos e nos faz pensar 'isto somos nós'. Also que se esconde na clareza das suas palavras a Artur: "Porque haveria eu de temer?/Nos destinos dolorosos e agradáveis/O que pode o homem fazer sem ser tentar?"[225] (vv. 563-565).

Concluir a leitura de Gawain é impossível já que ela mesma abre tantas portas a novos tópicos como os que apontámos: um estudo mais aprofundado da influência do romance de cavalaria em autores pós-medievais, inquirir da utilidade da Tradução no estudo da própria literatura medieval (cremos firmemente que nunca poderíamos ter analisado o texto com a mesma profundidade se não o tivéssemos traduzido e refletido acerca não só do nosso labor, mas também do trabalho de Brian Stone e J. R. R. Tolkien) e não só da Tradução mas da própria Linguística de *Corpus* que, no caso desta análise, se revelou essencial para compreender o aspeto autóctone do poema e a sua profunda riqueza lexical; um novo olhar se tornará possível também sobre a personagem Galahad – sempre exaltado como imagem de Cristo – pouco disputada nos seus traços anticristãos, naturalmente ligados ao código de cavalaria pelo qual se rege.

[225] Tradução nossa.

Inúmeras são as portas que foram abertas por este estudo e que resultarão, sem dúvida, em nova investigação. Só resta de novo começar.

ANEXOS

ANEXO 1 – Comparação das Traduções com o Texto de Partida

Estrofe 1

Brian Stone	Tolkien	Original – Fit I
The siege and the assault being ceased at Troy, The citadel smashed and smouldering in its ashes, (The treacherous trickster whose treasons there flourished Was famed afar for malfeasance, falsehood unrivalled) Aeneas the noble and his knightly kin Then conquered kingdoms and kept in their hand Wellnigh all the wealth of the Western Isles. Royal Romulus to Rome first turned And built her battlements; abounding in pride, He named her with his own name, which now she still has: Ticius founded Tuscany, townships raising, Longbeard in Lombardy lifted up homes, And far over the French flood Felix Brutus Set Britain, on bluffs abundant and broad, In joy; Where war and woe and wonder Their power often deploy, And bliss and baneful blunder By turns make man their toy.	When the siege and the assault had ceased at Troy, and the fortress fell in flame to firebrands and ashes, the traitor who the contrivance of treason there fashioned was tried for his treachery, the most true upon earth – it was Æneas the noble and his renowned kindred who then laid under them lands, and lords became of well-nigh all the wealth in the Western Isles. When royal Romulus to Rome his road had taken, in great pomp and pride he peopled it first, and named it with his own name that yet now it bears; Tirius went to Tuscany and towns founded, Langaberde in Lombardy uplifted halls, and far over the French flood Felix Brutus on many a broad bank and brae Britain established full fair; where strange things, strife and sadness, at whiles in the land did fare, and each other grief and gladness oft fast have followed there.	1 SIþEN þe sege and þe assaut watz sesed at Troye, 2 þe borȝ brittened and brent to brondez and askez, 3 þe tulk þat þe trammes of tresoun þer wrotȝt 4 Watz tried for his tricherie, þe trewest on erthe: 5 Hit watz Ennias þe athel, and his highe kynde, 6 Þat siþen depreced prouinces, and patrounes bicome 7 Welneȝe of al þe wele in þe west iles. 8 Fro riche Romulus to Rome ricchis hym swyþe, 9 With gret bobbaunce þat burȝe he biges vpon first, 10 And neuenes hit his aune nome, as hit now hat; 11 Tirius to Tuskan and tildes bigynnes, 12 Langaberde in Lumbardie lyftes vp homes, 13 And fer ouer þe French flod Felix Brutus 14 On mony bonkkes ful brode Bretayn he settez 15 with wynne, 16 Where werre and wrake and wonder 17 Bi syþez hatz wont þerinne, 18 And oft boþe blysse and blunder 19 Ful skete hatz skyfted synne.

Estrofe 2

Brian Stone	Tolkien	Original
And when this Britain was built by this brave noble, Here bold men bred, in battle exulting In turbulent times when trouble was rife. Here many a marvel, more than in other lands, Has befallen by fortune since that far time, But of all who abode here of Britain's kings, Arthur was highest in honour, as I have heard; So an actual event here I aim to relate, Which many folk mention as a manifest marvel, A happening more eerie among Arthur's adventures. Hearken to my history an hour or two: Straightway shall I speak it, in city as I heard it, With tongue; As scribes have set it duly In the lore of the land so long, With letters linking truly In story bold and strong.	And when fair Britain was founded by this famous lord, bold men were bred there who in battle rejoiced, and many a time that betid they troubles aroused. In this domain more marvels have by men been seen than in any other that I know of since that olden time, but of all that there abode in Britain as kings ever was Arthur most honoured, as I have heard men tell. Wherefore a marvel among men I mean to recall, a sight strange to see some men have held it, one of the wildest adventures of the wonders of Arthur, If you will listen to this lay but a little while now, I will tell it at once as in town I have heard it told as it is fixed and fettered in story brave and bold, thus linked and truly lettered, as was loved in this land of old.	20 Ande quen þis Bretayn watz bigged bi þis burn rych, 21 Bolde bredden þerinne, baret þat lofden, 22 In mony turned tyme tene þat wroȝten. 23 Mo ferlyes on þis folde han fallen here oft 24 Þen in any oþer þat I wot, syn þat ilk tyme. 25 Bot of alle þat here bult, of Bretaygne kynges, 26 Ay watz Arthur þe hendest, as I haf herde telle. 27 Forþi an aunter in erde I attle to schawe, 28 Þat a selly in siȝt summe men hit holden, 29 And an outtrage awenture of Arthurez wonderez. 30 If ȝe wyl lysten þis laye bot on littel quile, 31 I schal telle hit as-tit, as I in toun herde, 32 with tonge, 33 As hit is stad and stoken 34 In stori stif and stronge, 35 With lel letteres loken, 36 In londe so hatz ben longe.

Estrofe 3

Brian Stone	Tolkien	Original
This king lay at Camelot one Christmastide With loyal lord, liegeman peerless, Members rightly reckoned of the Round Table, In splendid celebration, seemly and carefree. There tussling in tournament time and again Jousted in jollity these gentle knights, Then in court carnival sang catches and danced; For there the feasting flowed for fully fifteen days With all the meat and merry-making men could devise, Gladly ringing glee, glorious to hear Debonair rejoicing by day, dancing at night! All was happiness in the height in halls and chambers For lords and their ladies, delectable joy. With all delights on earth they housed there together, The most renowned knights acknowledging Christ, The loveliest ladies to live in all time, And the comeliest king ever to keep court. For this goodly gathering was in its golden age Far famed, Well graced by God's good will, With its mettlesome king acclaimed: So hardy a host on hill Could not with ease be named.	This king lay at Camelot at Christmas-tide with many a lovely lord, lieges most noble, indeed of the Table Round all those tried brethren, amid merriment unmatched and mirth without care. There tournayed many a time the trusty knights, and jousted full joyously these gentle lords; then to the court they came at carols to play. For there the feast was unfailing full fifteen days, with all meats and all mirth that men could devise, such gladness an gaiety as was glorious to hear, din of voices by day, and dancing by night; all happiness at the highest in halls and in bowers had the lords and the ladies, such as they loved most dearly. With all the bliss of this world they abode together, the knights most renowned after the name of Christ, and the ladies most lovely that ever life enjoyed, and he, king most courteous, who that court possessed. For all that folk so fair did in their first estate abide, Under heaven the first in fame, their king most high in pride; it would now be hard to name a troop in war so tried.	37 Þis kyng lay at Camylot vpon Krystmasse 38 With mony luflych lorde, ledez of þe best, 39 Rekenly of þe Rounde Table alle þo rich breþer, 40 With rych reuel oryȝt and rechles merþes. 41 Þer tournayed tulkes by tymez ful mony, 42 Justed ful jolilé þise gentyle kniȝtes, 43 Syþen kayred to þe court caroles to make. 44 For þer þe fest watz ilyche ful fiften dayes, 45 With alle þe mete and þe mirþe þat men couþe avyse; 46 Such glaum ande gle glorious to here, 47 Dere dyn vpon day, daunsyng on nyȝtes, 48 Al watz hap vpon heȝe in hallez and chambrez 49 With lordez and ladies, as leuest him þoȝt. 50 With all þe wele of þe worlde þay woned þer samen, 51 Þe most kyd knyȝtez vnder Krystes seluen, 52 And þe louelokkest ladies þat euer lif haden, 53 And he þe comlokest kyng þat þe court haldes; 54 For al watz þis fayre folk in her first age, 55 on sille, 56 Þe hapnest vnder heuen, 57 Kyng hyȝest mon of wylle; 58 Hit were now gret nye to neuen 59 So hardy a here on hille.

Estrofe 4

Brian Stone	Tolkien	Original
The year being so young that yester-even saw its birth, That day double on the dais were the diners served. When the singing and psalms had ceased in the chapel, The King and his company came into hall. Called on with cries from clergy and laity, Noël was newly announced, named time and again. The lords and ladies leaped forth, largesse distributing, Granted New Year gifts graciously, gave them by hand, Bustling and bantering about these offerings. Ladies laughed full loudly, though losing their wealth, And the winners were not woeful, you may well believe. All this merriment they made until meal time. Then in progress to their places they passed after washing, In authorized order, the high-ranking first; With glorious Guinevere, gay in the midst, On the princely platform with its precious hangings Of splendid silk at the sides, silk of Toulouse; Turkestan tapestry toweringly canopied her, Brilliantly embroidered with the best gems Of warranted worth that wealth at any time Could buy. Fairest of form was this queen, Glinting and grey of eye; No man could say he had seen A lovelier, but with a lie.	While New Year was yet young that yestereve had arrived, that day double dainties on the dais were served, when the king was there come with his courtiers to the hall, and the chanting of the choir in the chapel had ended. With loud clamour and cries both clerks and laymen Noel announced anew, and named it full often; then nobles ran anon with New Year gifts, Handsels, handsels they shouted, and handed them out, Competed for those presents in playful debate; ladies laughed loudly, though they lost the game, and he that won was not woeful, as may well be believed. All this merriment they made, till their meat was served; then they washed, and mannerly went to their seats, ever the highest for the worthiest, as was held to be best. Queen Guinevere the gay was with grace in the midst of the adorned dais set. Dearly was it adrayed: finest sandal at her sides, a ceiling above hero of true tissue of Toulouse, and tapestries of Tharsia that were embroidered and bound with the brightest gems one might prove and appraise to purchase for coin any day. That loveliest lady there on them glanced with eyes of grey; that he found ever one more fair in sooth might no man say.	60 Wyle Nw ȝer watz so ȝep þat hit watz nwe cummen, 61 Þat day doubble on þe dece watz þe douth serued. 62 Fro þe kyng watz cummen with kny ȝtes into þe halle, 63 Þe chauntré of þe chapel cheued to an ende, 64 Loude crye watz þer kest of clerkez and oþer, 65 Nowel nayted onewe, neuened ful ofte; 66 And syþen riche forth runnen to reche hondeselle, 67 ȝeȝed ȝeres-ȝiftes on hiȝ, ȝelde hem bi hond, 68 Debated busyly aboute þo giftes; 69 Ladies laȝed ful loude, þoȝ þay lost haden, 70 And he þat wan watz not wrothe, þat may ȝe wel trawe. 71 Alle þis mirþe þay maden to þe mete tyme; 72 When þay had waschen worþyly þay wenten to sete, 73 Þe best burne ay abof, as hit best semed, 74 Whene Guenore, ful gay, grayþed in þe myddes, 75 Dressed on þe dere des, dubbed al aboute, 76 Smal sendal bisides, a selure hir ouer 77 Of tryed tolouse, and tars tapites innoghe, 78 Þat were enbrawded and beten wyth þe best gemmes 79 Þat myȝt be preued of prys wyth penyes to bye, 80 in daye. 81 Þe comlokest to discrye 82 Þer glent with yȝen gray, 83 A semloker þat euer he syȝe 84 Soth moȝt no mon say.

Estrofe 5

Brian Stone	Tolkien	Original
But Arthur would not eat until all were served. He was charming and cheerful, child-like and gay, And taking life lightly, little he loved Lying down for long or lolling on a seat, So robust his young brain and his beating blood. However, something else now had his attention: His noble announcement that he never would eat On such a fair feast-day till informed in full Of some unusual adventure, as yet untold, Of some momentous marvel that he might believe, About ancestors, or arms, or other high theme; Or till a stranger should seek out a strong knight of his, To join with him in jousting, in jeopardy to lay Life against life, each allowing the other The favour of Fortune, the fairer lot. Such was the King's custom when he kept court, At all famous feasts among his free retinue In hall. So he throve amid the throng, A ruler royal and tall, Still standing staunch and strong – The year being young withal.	But Arthur would not eat until all were served; his youth made him so merry with the moods of a boy, he liked lighthearted life, so loved he the less either long to be lying or long to be seated so worked on him his young blood and wayward brain. And another rule moreover was his reason besides that in pride he had appointed: it pleased him not to eat upon festival so fair, ere he first were apprised of some strange story or stirring adventure, or some moving marvel that he might believe in of noble men, knighthood, or new adventures; or a challenger should come a champion seeking to join with him in jousting, in jeopardy to set his life against life, each allowing the other the favour of fortune, were she fairer to him. This was the king's custom, wherever his court was holden, at each famous feast among his fair company in hall so his face doth proud appear, and he stands up stout and tall, all young in the New Year; much mirth he makes with all.	85 Bot Arthure wolde not ete til al were serued, 86 He watz so joly of his joyfnes, and sumquat childgered: 87 His lif liked hym lyȝt, he louied þe lasse 88 Auþer to longe lye or to longe sitte, 89 So bisied him his ȝonge blod and his brayn wylde. 90 And also an oþer maner meued him eke 91 Þat he þurȝ nobelay had nomen, he wolde neuer ete 92 Vpon such a dere day er hym deuised were 93 Of sum auenturus þyng an vncouþe tale, 94 Of sum mayn meruayle, þat he myȝt trawe, 95 Of alderes, of armes, of oþer auenturus, 96 Oþer sum segg hym bisoȝt of sum siker knyȝt 97 To joyne wyth hym in iustyng, in jopardé to lay, 98 Lede, lif for lyf, leue vchon oþer, 99 As fortune wolde fulsun hom, þe fayrer to haue. 100 Þis watz þe kynges countenaunce where he in court were, 101 At vch farand fest among his fre meny 102 in halle. 103 Þerfore of face so fere 104 He stiȝtlez stif in stalle, 105 Ful ȝep in þat Nw Ȝere 106 Much mirthe he mas withalle.

Estrofe 6

Brian Stone	Tolkien	Original
Erect stood the strong king, stately of mien, Trifling time with talk before the topmost table. Good Gawain was placed at Guinevere´s side, And Agravain of the Hard Hand sat on the other side, Both the King´s sister´s sons, staunchest of knights. Above, Bishop Baldwin began the board, And Ywain, Urien´s son, ate next to him. These were disposed on the dais and with dignity served, And many mighty men next, marshalled at side tables. Then the first course came in with such cracking of trumpets, (Whence bright bedecked blazons in banners hung) Such din of drumming and a deal of fine piping, Such wild warbles whelming in whirlpools of sound, That hearts were uplifted high at the strains. Then delicacies and dainties were delivered to the guests, Fresh food in foison, such freight of full dishes That space was scarce at the social tables When the broth was brought in in bowls of silver To the cloth. Each feaster made free with the fare, Took lightly and nothing loth; Twelve plates were for every pair, Good beer and bright wine both.	Thus there stands up straight the stern king himself, talking before the high table of trifles courtly. There good Gawain was set as Guinevere´s side, With Agravain a la Dure Main on the other side seated, both their lord´s sister-sons, loyal-hearted knights. Bishop Baldwin had the honour of the board´s service, and Iwain Urien´s son ate beside him. These dined on the dais and daintily fared, and many a loyal lord below at the long tables. Then forth came the first course with fanfare of trumpets, on which many bright banners bravely were hanging; noise of drums then anew and the noble pipes, warbling wild and keen, wakened their music, so that many hearts rose high hearing their playing. Then forth was brought a feast, fare of the noblest, multitude of fresh meats on so many dishes that free places were few in front of the people to set the silver things full of soups on cloth so white. Each lord of his liking there without lack took with delight: twelve plates to every pair, good beer and wine all bright.	107 Thus þer stondes in stale þe stif kyng hisseluen, 108 Talkkande bifore þe hyȝe table of trifles ful hende. 109 There gode Gawan watz grayþed Gwenore bisyde, 110 And Agrauayn a la dure mayn on þat oþer syde sittes, 111 Boþe þe kynges sistersunes and ful siker kniȝtes; 112 Bischop Bawdewyn abof biginez þe table, 113 And Ywan, Vryn son, ette with hymseluen. 114 Þise were diȝt on þe des and derworþly serued, 115 And siþen mony siker segge at þe sidbordez. 116 Þen þe first cors come with crakkyng of trumpes, 117 Wyth mony baner ful bryȝt þat þerbi henged; 118 Nwe nakryn noyse with þe noble pipes, 119 Wylde werbles and wyȝt wakned lote, 120 Þat mony hert ful hiȝe hef at her towches. 121 Dayntés dryuen þerwyth of ful dere metes, 122 Foysoun of þe fresche, and on so fele disches 123 Þat pine to fynde þe place þe peple biforne 124 For to sette þe sylueren þat sere sewes halden 125 on clothe. 126 Iche lede as he loued hymselue 127 Þer laght withouten loþe; 128 Ay two had disches twelue, 129 Good ber and bryȝt wyn boþe.

Estrofe 7

Brian Stone	Tolkien	Original
Of their meal I shall mention no more just now, For it is evident to all that ample was served; Near at hand the noise of a new fanfare Gave the lords leave to lift food to their lips. But barely had the blast of trump abated one minute And the first course in the court been courteously served, When there pressed in from the porch an appalling figure, Who in height outstripped all earthly men. From throat to thigh he was thickset and square; His loins and limbs were so long and great That he was half a giant on earth, I believe, Yet mainly and most of all a man he seemed, And the handsomest of horsemen, though huge, at that; For though at back and at breast his body was broad, His hips and haunches were elegant and small, And perfectly proportioned were all parts of the man, As seen. Amazed at the hue of him, A foe with furious mien, Men gaped, for the giant grim Was coloured a gorgeous green.	Now of their service I will say nothing more, for you are all well aware that no want would there be. Another noise that was new drew near on a sudden, so that their lord might have leave at last to fake food. For hardly had the music but a moment ended, and the first course in the court as was custom been served, when there passed through the portals a perilous horseman, the mightiest on middle-earth in measure of height, from his gorge to his girdle so great and so square, and his loins and his limbs so long and so huge, that half a troll upon earth I trow that he was, but the largest man alive at least I declare him; and yet the seemliest for his size that could sit on a horse, for though in back and in breast his body was grim, both his paunch and his waist were properly slight, and all his features followed his fashion so gay in mode; for at the hue men gaped aghast in his face and form that showed; as a fay-man fell he passed, and green all over glowed.	130 Now wyl I of hor seruise say yow no more, 131 For vch wyȝe may wel wit no wont þat þer were. 132 An oþer noyse ful newe neȝed biliue, 133 Þat þe lude myȝt haf leue liflode to cach; 134 For vneþe watz þe noyce not a whyle sesed, 135 And þe fyrst cource in þe court kyndely serued, 136 Þer hales in at þe halle dor an aghlich mayster, 137 On þe most on þe molde on mesure hyghe; 138 Fro þe swyre to þe swange so sware and so þik, 139 And his lyndes and his lymes so longe and so grete, 140 Half etayn in erde I hope þat he were, 141 Bot mon most I algate mynn hym to bene, 142 And þat þe myriest in his muckel þat myȝt ride; 143 For of bak and of brest al were his bodi sturne, 144 Both his wombe and his wast were worthily smale, 145 And alle his fetures folȝande, in forme þat he hade, 146 ful clene; 147 For wonder of his hwe men hade, 148 Set in his semblaunt sene; 149 He ferde as freke were fade, 150 And oueral enker-grene.

Estrofe 8

Brian Stone	Tolkien	Original
And garments of green girt the fellow about – A two-third length tunic, tight at the waist, A comely cloak on top, accomplished with lining Of the finest fur to be found, manifest to all, Marvellous fur-trimmed material, with matching hood Lying back from his locks and laid on his shoulders; Fittly held-up hose, in hue the same green, That was caught at the calf, with clinking spurs beneath Of bright gold on bases of embroidered silk, With shields for the shanks and shins when riding. And verily his vesture was all vivid green, So were the bars on his belt and the brilliants set In ravishing array on his rich accoutrements. It would be tedious to tell a tithe of the trifles Embossed and embroidered, such as birds and flies, In green gay and gaudy, with gold in the middle, About himself and his saddle on silken work. The breast-hangings of the horse, its haughty crupper, The enamelled knobs and nails on its bridle, And the stirrups that he stood on, were all stained with the same; So were the sadle-bows and splendid tail-straps, That ever glimmered and glinted with their green stones. The steed that he spurred on was similar in hue To the sight, Green and huge of grain, Mettlesome in might And brusque with bit and rein – A steed to serve that knight!	All of green were they made, both garments and man: a coat tight and close that clung to his sides; a rich robe above it all arrayed within with fur finely trimmed, shewing fair fringes of handsome ermine gay, as his hood was also, that was lifted from his locks and laid on his shoulders; and trim hose tight-drawn of tincture alike that clung to his calves; and clear spurs below of bright gold on silk broideries banded most richly, though unshod were his shanks, for shoeless he rode. And verily all this vesture was of verdure clear, both the bars on his belt, and bright stones besides that were richly arranged in his array so fair, set on himself and on his saddle upon silk fabrics: it would be too hard to rehearse one half of the trifles that were embroidered upon them, what with birds and with flies in a gay glory of green, and ever gold in the midst. The pendants of his poitrel, his proud crupper, his molains, and the metal to say more, were enamelled, even the stirrups that he stood in were stained of the same; and his saddlebows in suit, and their sumptuous skirts, which ever glimmered and glinted all with green jewels; even the horse that upheld him in hue was the same, I tell: a green horse great and thick, a stallion stiff to quell, in broidered bridle quick: he matched his master well.	151 Ande al grayþed in grene þis gome and his wedes: 152 A strayte cote ful stre3t, þat stek on his sides, 153 A meré mantile abof, mensked withinne 154 With pelure pured apert, þe pane ful clene 155 With blyþe blaunner ful bry3t, and his hod boþe, 156 Þat watz la3t fro his lokkez and layde on his schulderes; 157 Heme wel-haled hose of þat same, 158 Þat spenet on his sparlyr, and clene spures vnder 159 Of bry3t golde, vpon silk bordes barred ful ryche, 160 And scholes vnder schankes þere þe schalk rides; 161 And alle his vesture uerayly watz clene verdure, 162 Boþe þe barres of his belt and oþer blyþe stones, 163 Þat were richely rayled in his aray clene 164 Aboutte hymself and his sadel, vpon silk werkez. 165 Þat were to tor for to telle of tryfles þe halue 166 Þat were enbrauded abof, wyth bryddes and fly3es, 167 With gay gaudi of grene, þe golde ay inmyddes. 168 Þe pendauntes of his payttrure, þe proude cropure, 169 His molaynes, and alle þe metail anamayld was þenne, 170 Þe steropes þat he stod on stayned of þe same, 171 And his arsounz al after and his aþel skyrtes, 172 Þat euer glemered and glent al of grene stones; 173 Þe fole þat he ferkkes on fyn of þat ilke, 174 sertayn, 175 A grene hors gret and þikke, 176 A stede ful stif to strayne, 177 In brawden brydel quik– 178 To þe gome he watz ful gayn.

Estrofe 9

Brian Stone	Tolkien	Original
Yes, garbed all in green was the gallant rider. His hair, like his horse in hue, hung light, Clustering in curls like a cloak round his shoulders, And a great bushy beard on his breast flowing down, With the lovely locks hanging loose from his head, Was shorn below the shoulder, sheared right round, So that half his arms were under the encircling hair, Covered as by a king's cape, that closes at the neck. The mane of that mighty horse, much like the beard, Well crisped and combed, was copiously plaited With twists of twining gold, twinkling in the green, First a green gossamer, a golden one next. His flowing tail and forelock followed suit, And both were bound with bands of bright green, Ornamented to the ends with exquisite stones, While a thong running thwart threaded on high Many bright golden bells, burnished and ringing. Such a horse, such a horseman, in the whole wide world Was never seen or observed by those assembled before, Not one. Lightning-like he seemed And swift to strike and stun. His dreadful blows, men deemed, Once dealt, meant death was done.	Very gay was this great man guised all in green, and the hair of his head with his horse's accorded: fair flapping locks enfolding his shoulders, a big beard like a bush over his breast hanging that with the handsome hair from his head falling was sharp shorn to an edge just short of his elbows, so that half his arms under it were hid, as it were in a king's capadoce that encloses his neck. The mane of that mighty horse was of much the same sort, well curled and all combed, with many curious knots woven in with gold wire about the wondrous green, ever a strand of the hair and a string of the gold; the tail and the top-lock were twined all to match and both bound with a band of a brilliant green: with dear jewels bedight to the dock's ending, and twisted then on top was a tight-knitted knot on which many burnished bells of bright gold jingled. Such a mount on middle-earth, or man to ride him, Was never beheld in that hall with eyes ere that time; for there his glance was as lightning bright, so did all that saw him swear; no man would have the might, they thought, his blows to bear.	179 Wel gay watz þis gome gered in grene, 180 And þe here of his hed of his hors swete. 181 Fayre fannand fax vmbefoldes his schulderes; 182 A much berd as a busk ouer his brest henges, 183 Þat wyth his hi3lich here þat of his hed reches 184 Watz euesed al vmbetorne abof his elbowes, 185 Þat half his armes þer-vnder were halched in þe wyse 186 Of a kyngez capados þat closes his swyre; 187 Þe mane of þat mayn hors much to hit lyke, 188 Wel cresped and cemmed, wyth knottes ful mony 189 Folden in wyth fildore aboute þe fayre grene, 190 Ay a herle of þe here, an oþer of golde; 191 Þe tayl and his toppyng twynnen of a sute, 192 And bounden boþe wyth a bande of a bry3t grene, 193 Dubbed wyth ful dere stonez, as þe dok lasted, 194 Syþen þrawen wyth a þwong a þwarle knot alofte, 195 Þer mony bellez ful bry3t of brende golde rungen. 196 Such a fole vpon folde, ne freke þat hym rydes, 197 Watz neuer sene in þat sale wyth sy3t er þat tyme, 198 with y3e. 199 He loked as layt so ly3t, 200 So sayd al þat hym sy3e; 201 Hit semed as no mon my3t 202 Vnder his dynttez dry3e.

Estrofe 10

Brian Stone	Tolkien	Original
Yet hauberk and helmet had he none, Nor plastron nor plate-armour proper to combat, Nor shield for shoving, nor sharp spear for lunging; But he held a holly cluster in one hand, holly That is greenest when groves are gaunt and bare, And an axe in his other hand, huge and monstrous, An axe fell and fearsome, fit for a fable; For fully forty inches frowned the head. Its handle-base was hued in green, in hammered gold and steel. The blade was burnished bright, with a broad edge, Acutely honed for cutting, as keenest razors are. The grim man gripped it by its great strong handle, Which was wound with iron all the way to the end, And graven in green with graceful designs. A cord curved round it, was caught at the head, Then hitched to the haft at intervals in loops, With costly tassels attached thereto in plenty On bosses of bright green embroidered richly. In he rode, and up the hall, this man, Pressing forward to the platform, no peril fearing. He gave no one a greeting, but glared over all. His opening utterance was, 'Who and where Is the governor of this gathering? Gladly would I Behold him with my eyes and have speech with him.' He frowned; He studied the standers-by Nand rolled his eye around, Essaying to espy The noble most renowned.	And yet he had not a helm, nor a hauberk either, not a pisane, not a plate that was proper to arms; not a shield, not a shaft, for shock or for blow, but in his one hand he held a holly-bundle, that is greatest in greenery when groves are leafless, and an axe in the other, ugly and monstrous, a ruthless weapon aright for one in rhyme to describe: the head was as large and as long as an ellwand, a branch of green steel and of beaten gold; the bit, burnished bright and broad at the edge, as well shaped for shearing as sharp razors; the stem was a stout staff, by which sternly he gripped it, all bound with iron about to the base of the handle, and engraven in green in graceful patterns, lapped round with a lanyard that was lashed to the head and down the length of the haft was looped many times; and tassels of price were tied there in plenty to bosses of the bright green, braided most richly. Such was he that now hastened in, the hall entering, pressing forward to the dais – no peril he feared. To none gave he greeting, gazing above them, and the first word that he winged: 'Now where is', he said, 'the governor of this gathering? For gladly I would on the same set my sight, and with himself now talk in town.' On the courtiers he cast his eye, and rolled it up and down; he stopped, and stared to espy who there had most renown.	203 Wheþer hade he no helme ne hawbergh nauþer, 204 Ne no pysan ne no plate þat pented to armes, 205 Ne no schafte ne no schelde to schwue ne to smyte, 206 Bot in his on honde he hade a holyn bobbe, 207 Þat is grattest in grene when greuez ar bare, 208 And an ax in his oþer, a hoge and vnmete, 209 A spetos sparþe to expoun in spelle, quoso myȝt. 210 Þe lenkþe of an elnȝerde þe large hede hade, 211 Þe grayn al of grene stele and of golde hewen, 212 Þe bit burnyst bryȝt, with a brod egge 213 As wel schapen to schere as scharp rasores, 214 Þe stele of a stif staf þe sturne hit bi grypte, 215 Þat watz wounden wyth yrn to þe wandez ende, 216 And al bigrauen with grene in gracios werkes; 217 A lace lapped aboute, þat louked at þe hede, 218 And so after þe halme halched ful ofte, 219 Wyth tryed tasselez þerto tacched innoghe 220 On botounz of þe bryȝt grene brayden ful ryche. 221 Þis haþel heldez hym in and þe halle entres, 222 Driuande to þe heȝe dece, dut he no woþe, 223 Haylsed he neuer one, bot heȝe he ouer loked. 224 Þe fyrst word þat he warp, 'Wher is', he sayd, 225 'Þe gouernour of þis gyng? Gladly I wolde 226 Se þat segg in syȝt, and with hymself speke 227 raysoun.' 228 To knyȝtez he kest his yȝe, 229 And reled hym vp and doun; 230 He stemmed, and con studie 231 Quo walt þer most renoun.

Estrofe 11

Brian Stone	Tolkien	Original
The assembled folk stared, long scanning the man, For all men marvelled what it might mean That a chevalier and charger should achieve such a hue As to grow green as grass, and greener yet, it seemed, More gaudily glowing than green enamel on gold. The people pondered him, in perplexity neared him, With all the world's wonder as to what he would do. For astonishing sights they had seen, but such a one never; Therefore a phantom from Fairyland the folk there deemed him So even the doughty were daunted and dared not reply, All standing stock-still, astounded by his voice. Throughout the high hall was a hush like death; Quiet suddenly descended, as if sleep had stolen them To rest; For some were still for fear, And others at hounor's behest; But let him who all revere Greet that gruesome guest.	Then they looked for a long while, on that lord gazing; for every man marveled what it could mean indeed that horseman and horse such a hue should come by as to grow green as the grass, and greener it seemed, than green enamel on gold glowing far brighter. All stared that stood there and stole up nearer, watching him and wondering what in the world he would do. For many marvels they had seen, but to match this nothing; wherefore a phantom and fay-magic folk there thought it, and so to answer little eager was any of those knights, and astounded at his stern voice stone-hill they sat there in a swooning silence through that solemn chamber, as if all dropped into a dream, so died their voices away. Not only, I deem, for dread; but of some 'twas their courtly way to allow their lord and head to the guest his word to say.	232 Ther watz lokyng on lenþe þe lude to beholde, 233 For vch mon had meruayle quat hit mene myȝt 234 Þat a haþel and a horse myȝt such a hwe lach, 235 As growe grene as þe gres and grener hit semed, 236 Þen grene aumayl on golde glowande bryȝter. 237 Al studied þat þer stod, and stalked hym nerre 238 Wyth al þe wonder of þe worlde what he worch schulde. 239 For fele sellyez had þay sen, bot such neuer are; 240 Forþi for fantoum and fayryȝe þe folk þere hit demed. 241 Þerfore to answare watz arȝe mony aþel freke, 242 And al stouned at his steuen and stonstil seten 243 In a swoghe sylence þurȝ þe sale riche; 244 As al were slypped vpon slepe so slaked hor lotez 245 in hyȝe– 246 I deme hit not al for doute, 247 Bot sum for cortaysye– 248 Bot let hym þat al schulde loute 249 Cast vnto þat wyȝe.

Estrofe 12

Brian Stone	Tolkien	Original
For Arthur sensed an exploit before the high dais, And accorded him courteous greeting, no craven he, Saying to him, 'Sir knight, you are certainly welcome. I am king of this castle; I am called Arthur. Please deign to dismount and dwell with us Till you impart your purpose, at a proper time.' 'May He that sits in heaven help me,'said the knight, 'But my intention was not to tarry in this turreted hall. But as your reputation, royal sir, stands in rare honour, And your castle and cavaliers are accounted the best, Your men the most mettlesome in mounted combat, The most warlike, the worthiest the world has bred, Most valiant to vie with in virile contests, And as chivalry is shewn here, so I am assured, My bent has brought me here now, I am bound to declare. By this branch that I bear, you may be certain That I proceed in peace, no peril seeking; For had I fared forth in fighting gear, My hauberk and helmet, both at home now, My shield and sharp spear, all shining bright, And other weapons to wield, I would have brought; However, as I wish for no war here, I wear soft clothes. But if you are as bold as brave men affirm, You will gladly grant me the good sport I demand By right.' Then Arthur said to him In answer: 'Noble knight, If deadly duel's your whim, We'll fail you not in fight.'	Then Arthur before the high dais beheld this wonder, and freely with fair words, for fearless was he ever, saluted him, saying: 'Lord, to this lodging thou'rt welcome! the head of this household Arthur my name is. Alight, as thou lovest me, and linger, I pray thee; and what may thy wish be in a while we shall learn.' 'Nay, so help me,' quoth the horseman, 'He that on high is throned, to pass any time in this place was no part of my errand. But since thy praises, prince, so proud are uplifted, and thy castle and courtiers are accounted the best, the stoutest in steel-gear that on steeds may ride, most eager and honourable of the earth's people, valiant to vie with in other virtuous sports, and here is knighthood renowned, as is noised in my ears: 'tis that has fetched me hither, by my faith, at this time. You may believe by this branch that I am bearing here that I pass as one in peace, no peril seeking. For had I set forth to fight in fashion of war, I have a hauberk at home, and a helm also, a shield, and a sharp spear shining brightly, and other weapons to wield too, as well I believe; but since I crave for no combat, my clothes are softer. Yet if thou be so bold, as abroad is published, Thou wilt grant of thy goodness the game that I ask for by right.' Then Arthur answered there, and said: 'Sir, noble knight, if battle thou seek thus bare, thou'lt fail not here to fight.'	250 Þenn Arþour bifore þe hiȝ dece þat auenture byholdez, 251 And rekenly hym reuerenced, for rad was he neuer, 252 And sayde, 'Wyȝe, welcum iwys to þis place, 253 Þe hede of þis ostel Arthour I hat; 254 Liȝt luflych adoun and lenge, I þe praye, 255 And quat-so þy wylle is we schal wyt after.' 256 'Nay, as help me,' quoþ þe haþel, 'he þat on hyȝe syttes, 257 To wone any quyle in þis won, hit watz not myn ernde; 258 Bot for þe los of þe, lede, is lyft vp so hyȝe, 259 And þy burȝ and þy burnes best ar holden, 260 Stifest vnder stel-gere on stedes to ryde, 261 Þe wyȝtest and þe worþyest of þe worldes kynde, 262 Preue for to play wyth in oþer pure laykez, 263 And here is kydde cortaysye, as I haf herd carp, 264 And þat hatz wayned me hider, iwyis, at þis tyme. 265 Ȝe may be seker bi þis braunch þat I bere here 266 Þat I passe as in pes, and no plyȝt seche; 267 For had I founded in fere in feȝtyng wyse, 268 I haue a hauberghe at home and a helme boþe, 269 A schelde and a scharp spere, schinande bryȝt, 270 Ande oþer weppenes to welde, I wene wel, als; 271 Bot for I wolde no were, my wedez ar softer. 272 Bot if þou be so bold as alle burnez tellen, 273 Þou wyl grant me godly þe gomen þat I ask 274 bi ryȝt.' 275 Arthour con onsware, 276 And sayd, 'Sir cortays knyȝt, 277 If þou craue batayl bare, 278 Here faylez þou not to fyȝt.'

Estrofe 13

Brian Stone	Tolkien	Original
‘No, it is not combat I crave, for come to that, There are only beardless boys at this banqueting board. If I were hasped in armour on a high steed, No man among you could catch me, your might being meagre. Therefore in this court I crave a Christmas game For it is Yuletide and New Year, and young men abond here. If any in this household is so hardy in spirit, Of such mettlesome mind and so madly rash As to strike a strong blow in return for another, I shall offer to him this fine axe freely. This axe, which is heavy enough, to handle as he please. And I shall bide the first blow, as bare as I sit here. If some intrepid man is tempted to try what I suggest, Let him leap towards me and lay hold of this weapon, Acquiring clear possession of it, no claim from the ensuing. Then shall I stand up to his stroke, quite still on this floor – So long as I shall have leave to launch a return blow Unchecked. Yet he shall have a year And a day’s reprieve, I direct. Now hasten and let me hear Who answers, to what effect.’	‘Nay, I wish for no warfare, on my word I tell thee! Here about on these benches are but beardless children. Were I hasped in armour on a high charger, there is no man here to match me – their might is so feeble. And so I crave in this court only a Christmas pastime, since it is Yule and New Year, and you are young here and merry. If any so hardy in this house here holds that he is, if so bold be his blood or his brain be so wild, that he stoutly dare strike one stroke for another, then I will give him as my gift this guisarm costly, this axe – ‘tis heavy enough – to handle as he pleases; and I will abide the first brunt, here bare as I sit. If any fellow be so fierce as my faith to test, hither let him haste to me and lay hold of this weapon – I hand it over for ever, he can have it as his own – and I will stand a stroke from him, stock-still on this floor, provided thou’lt lay down this law: that I may deliver him another. Claim I! And yet a respite I’ll allow, Till a year and a day go by. Come quick, and let’s see now if any here dare reply!’	279 'Nay, frayst I no fyȝt, in fayth I þe telle, 280 Hit arn aboute on þis bench bot berdlez chylder. 281 If I were hasped in armes on a heȝe stede, 282 Here is no mon me to mach, for myȝtez so wayke. 283 Forþy I craue in þis court a Crystemas gomen, 284 For hit is ȝol and Nwe ȝer, and here ar ȝep mony: 285 If any so hardy in þis hous holdez hymseluen, 286 Be so bolde in his blod, brayn in hys hede, 287 Þat dar stifly strike a strok for an oþer, 288 I schal gif hym of my gyft þys giserne ryche, 289 Þis ax, þat is heué innogh, to hondele as hym lykes, 290 And I schal bide þe fyrst bur as bare as I sitte. 291 If any freke be so felle to fonde þat I telle, 292 Lepe lyȝtly me to, and lach þis weppen, 293 I quit-clayme hit for euer, kepe hit as his auen, 294 And I schal stonde hym a strok, stif on þis flet, 295 Ellez þou wyl diȝt me þe dom to dele hym an oþer barlay, 297 And ȝet gif hym respite, 298 A twelmonyth and a day; 299 Now hyȝe, and let se tite 300 Dar any herinne oȝt say.'

Estrofe 14

Brian Stone	Tolkien	Original
If he had astonished them at the start, yet stiller now Were the henchmen in hall of every rank. The rider wrenched himself round in his saddle And wrathfully rolled his red eyes about, Bending on all his brows, bristling and green, His beard swaying as he strained to see who would rise. When none came to accord with him, he coughed aloud, And hemmed heavily before uttering this: 'What, is this Arthur's house, the honour of which Is bruited abroad so abundantly? Has your pride disappeared? Your prowess gone? Your victories, your valour, your vaunts, where are they? The revel and renown of the Round Table Is now overwhelmed by a word from one man's voice, For all flinch for fear from a fight not begun!' Upon this, he laughed so loud that the lord grieved. His fair face and features were suffused with blood For shame. He raged as roaring gale; His followers felt the same. The King, not one to quail, To that cavalier then came.	If he astounded them at first, yet stiller were then all the household in the hall, both high men and low. The man on his mount moved in his saddle, and rudely his red eyes he rolled then about, bent his bristling brows all brilliantly green, and swept round his beard to see who would rise. When none in converse would accost him, he coughed then loudly, Stretched himself haughtily and straightway exclaimed: 'What! Is this Arthur's house,' said he thereupon, 'the rumour of which runs through realms unnumbered? Where now is your haughtiness, and your high conquests, your fierceness and fell mood, and your fine boasting? Now are the revels and the royalty of the Round Table overwhelmed by a word by one man spoken, for all blench now abashed ere a blow is offered!' With that he laughed so loud that their lord was angered, the blood shot for shame into his shining cheeks and face; as wroth as wind he grew, so all did in that place. Then near to the stout man drew the king of fearless race,	301 If he hem stowned vpon fyrst, stiller were þanne 302 Alle þe heredmen in halle, þe hy3 and þe lo3e. 303 Þe renk on his rouncé hym ruched in his sadel, 304 And runischly his rede y3en he reled aboute, 305 Bende his bresed bro3ez, blycande grene, 306 Wayued his berde for to wayte quo-so wolde ryse. 307 When non wolde kepe hym with carp he co3ed ful hy3e, 308 Ande rimed hym ful richly, and ry3t hym to speke: 309 'What, is þis Arthures hous,' quoþ þe haþel þenne, 310 'Þat al þe rous rennes of þur3 ryalmes so mony? 311 Where is now your sourquydrye and your conquestes, 312 Your gryndellayk and your greme, and your grete wordes? 313 Now is þe reuel and þe renoun of þe Rounde Table 314 Ouerwalt wyth a worde of on wy3es speche, 315 For al dares for drede withoute dynt schewed!' 316 Wyth þis he la3es so loude þat þe lorde greued; 317 Þe blod schot for scham into his schyre face 318 and lere; 319 He wex as wroth as wynde, 320 So did alle þat þer were. 321 Þe kyng as kene bi kynde 322 Þen stod þat stif mon nere,

Estrofe 15

Brian Stone	Tolkien	Original
‘By heaven’, then said Arthur, ‘What you ask is foolish, But as you firmly seek folly, find it you shall. No good man here is aghast at your great words. Hand me your axe now, for heaven’s sake, And I shall bestow the boon you bid us give.’ He leaped towards him lithely and laid hold of his hand, And fiercely the other fellow footed the floor. Now Arthur took his axe, holding the haft, And swung it about sternly, as if to strike with it. The bold man stood before him, big and tall, Higher than any in the hall by a head and more. He stroked his beard as he stood, stern of face, Turning down his tunic in a tranquil manner, Less unmanned and dismayed by the mighty strokes Than if a banqueter at the bench had brought him a drink Of wine. Then Gawain at Guinever’s side Spoke to the King his design: ‘I beseech you fairly, confide This fight to me. May it be mine.’	And said: ‘Marry! Good man, ‘tis madness thou askest, and since folly thou hast sought, thou deservest to find it. I know no lord that is alarmed by thy loud words here. Give me now thy guisarm, in God’s name, sir, and I will bring thee the blessing thou hast begged to receive.’ Quick then he came to him and caught it from his hand. Then the lordly man loftily alighted on foot. Now Arthur holds his axe, and the haft grasping sternly he stirs it about, his stroke considering. The stout man before him there stood his full height, higher than any in that house by a head and yet more. With stern face as he stood he stroked at his beard, and with expression impassive he pulled down his coat no more disturbed or distressed at the strength of his blows than if someone as he sat had served him a drink of wine. From beside the queen Gawain to the king did then incline: ‘I implore with prayer plain that this match should now be mine.’	323 Ande sayde, 'Haþel, by heuen, þyn askyng is nys, 324 And as þou foly hatz frayst, fynde þe behoues. 325 I know no gome þat is gast of þy grete wordes; 326 Gif me now þy geserne, vpon Godez halue, 327 And I schal bayþen þy bone þat þou boden habbes.' 328 Lyȝtly lepez he hym to, and laȝt at his honde. 329 Þen feersly þat oþer freke vpon fote lyȝtis. 330 Now hatz Arthure his axe, and þe halme grypez, 331 And sturnely sturez hit aboute, þat stryke wyth hit þoȝt. 332 Þe stif mon hym bifore stod vpon hyȝt, 333 Herre þen ani in þe hous by þe hede and more. 334 Wyth sturne schere þer he stod he stroked his berde, 335 And wyth a countenaunce dryȝe he droȝ doun his cote, 336 No more mate ne dismayd for hys mayn dintez 337 Þen any burne vpon bench hade broȝt hym to drynk 338 of wyne. 339 Gawan, þat sate bi þe quene, 340 To þe kyng he can enclyne: 341 'I beseche now with saȝez sene 342 Þis melly mot be myne.

Estrofe 16

Brian Stone	Tolkien	Original
‘If you would grant, great lord,’ said Gawain to the King, ‘That I might stir from this seat and stand beside you, Be allowed without lese-majesty to leave the table, And if my liege lady would likewise allow it, I should come there to counsel you before this court of nobles. For it appears unmet to me, as manners go, When your hall hears uttered such a haughty request, For your great self to go forward and gratify it, When on the benches about you so many bold men sit, The best-willed in the world, as I well believe, And the finest in the field when the fight is joined. I am the most wanting in wisdom, and the weakest, I know, And loss of my life would be least, in truth. My only asset is that my uncle is my king; There is no blessing in my body but what your blood accords. And since this affair is so foolish that it should not fall to you, And I first asked it of you, make it over to me; And if I speak dishonourably, may all the court judge Without blame.’ Then wisely they whispered of it, And after, all said the same: That the crowned king should be quit, And Gawain given the game.	‘Would you, my worthy lord,’ said Wawain to the king, ‘bid me abandon this bench and stand by you there, so that I without discourtesy might be excused from the table, and my liege lady were not loth to permit me, I would come to your counsel before your courtiers fair. For I find it unfitting, as in fact it is held, when a challenge in your chamber makes choice so exalted, though you yourself be desirous to accept it in person, while many bold men about you on bench are seated: on earth there are, I hold, none more honest of purpose, no figures fairer on field where fighting is waged. I am the weakest, I am aware, and in wit feeblest, and the least loss, if I live not, if one would learn the truth. Only because you are my uncle is honour given me: save your blood in my body I boast of no virtue; and since this affair is so foolish that it nowise befits you, and I have requested it first, accord it then to me! If my claim is uncalled-for without cavil shall judge this court.’ To consult the knights draw near, and this plan they all support; the king with crown to clear, and give Gawain the sport.	343 'Wolde ȝe, worþilych lorde,' quoþ Wawan to þe kyng, 344 'Bid me boȝe fro þis benche, and stonde by yow þere, 345 Þat I wythoute vylanye myȝt voyde þis table, 346 And þat my legge lady lyked not ille, 347 I wolde com to your counseyl bifore your cort ryche. 348 For me þink hit not semly, as hit is soþ knawen, 349 Þer such an askyng is heuened so hyȝe in your sale, 350 Þaȝ ȝe ȝourself be talenttyf, to take hit to yourseluen, 351 Whil mony so bolde yow aboute vpon bench sytten, 352 Þat vnder heuen I hope non haȝerer of wylle, 353 Ne better bodyes on bent þer baret is rered. 354 I am þe wakkest, I wot, and of wyt feblest, 355 And lest lur of my lyf, quo laytes þe soþe— 356 Bot for as much as ȝe ar myn em I am only to prayse, 357 No bounté bot your blod I in my bodé knowe; 358 And syþen þis note is so nys þat noȝt hit yow falles, 359 And I haue frayned hit at yow fyrst, foldez hit to me; 360 And if I carp not comlyly, let alle þis cort rych 361 bout blame.' 362 Ryche togeder con roun, 363 And syþen þay redden alle same 364 To ryd þe kyng wyth croun, 365 And gif Gawan þe game.

Estrofe 17

Brian Stone	Tolkien	Original
Then the King commanded the courtly knight to rise. He directly uprose, made ready courteously, Came to kneel to the King, and caught hold of the weapon. Then Arthur happily handed it him And gave him God's blessing, and gladly urged him To be strong in spirit and stout of sinew. 'Cousin, take care with your one cut,' then counselled the King, 'And if you strike home successfully, surely then You will stand the return stroke he will strike afterwards!' Gawain goes to the man, great axe in hand, And boldly and unabashed abides the outcome. Then the man garbed in green said to Gawain the noble, 'Let us affirm our pact freshly, before going farther. I constrain you, knightly sir, to state your name; Tell it me truly and trustworthily.' 'In good faith,' said the good knight, 'Gawain is my name, And whatever happens after, I offer you this blow, And in twelve months' time I shall take the return With whatever weapon you wish, and without seconds To strive.' The other with pledge replied, 'I'm the merriest man alive It's a blow from you I must bide Sir Gawain, so may I thrive.'	The king then commanded that he quickly should rise. and he readily uprose and directly approached, kneeling humbly before his highness, and laying hand on the weapon; and he lovingly relinquished it, and lifting his hand gave him God's blessing, and graciously enjoyned him that his hand and his heart should be hardy alike. 'Take care, cousin,' quoth the king, 'one cut to address, and if thou learnest him his lesson, I believe very well that thou wilt bear any blow that he gives back later.' Gawain goes to the great man with guisarm in hand, and he boldly abides there – he blenched not at all. Then next said to Gawain the knight all in green: 'Let's tell again our agreement, ere we go any further. I'd know first, sir knight, thy name; I entreat thee to tell it me truly, that I may trust in thy word.' 'In good faith,' quoth the good knight, 'I Gawain am called who bring thee this buffet, let be what may follow; and at this time a twelvemonth in thy turn have another with whatever weapon thou wilt, and in the world with none else but me.' The other man answered again: 'I am passing pleased, ' said he, 'upon my life, Sir Gawain, that this stroke should be struck by thee.'	366 Þen comaunded þe kyng þe kny3t for to ryse; 367 And he ful radly vpros, and ruchched hym fayre, 368 Kneled doun bifore þe kyng, and cachez þat weppen; 369 And he luflyly hit hym laft, and lyfte vp his honde, 370 And gef hym Goddez blessyng, and gladly hym biddes 371 Þat his hert and his honde schulde hardi be boþe. 372 'Kepe þe, cosyn,' quoþ þe kyng, 'þat þou on kyrf sette, 373 And if þou redez hym ry3t, redly I trowe 374 Þat þou schal byden þe bur þat he schal bede after.' 375 Gawan gotz to þe gome with giserne in honde, 376 And he baldly hym bydez, he bayst neuer þe helder. 377 Þen carppez to Sir Gawan þe kny3t in þe grene, 378 'Refourme we oure forwardes, er we fyrre passe. 379 Fyrst I eþe þe, haþel, how þat þou hattes 380 Þat þou me telle truly, as I tryst may.' 381 'In god fayth,' quoþ þe goode kny3t, 'Gawan I hatte, 382 Þat bede þe þis buffet, quat-so bifallez after, 383 And at þis tyme twelmonyth take at þe an oþer 384 Wyth what weppen so þou wylt, and wyth no wy3 ellez 385 on lyue.' 386 Þat oþer onswarez agayn, 387 'Sir Gawan, so mot I þryue 388 As I am ferly fayn 389 Þis dint þat þou schal dryue.

Estrofe 18

Brian Stone	Tolkien	Original
‘By God’, said the Green Knight, ‘Sir Gawain, I rejoice	‘Begad’, said the green knight, ‘Sir Gawain, I am pleased	390 'Bigog,' quoþ þe grene kny3t, 'Sir Gawan, me lykes
That I shall meet from your mailed fist my demand here.	to find from thy fist the favour I asked for!	391 Þat I schal fange at þy fust þat I haf frayst here.
And you have gladly gone over, in good discourse,	And thou hast promptly repeated and plainly hast stated	392 And þou hatz redily rehersed, bi resoun ful trwe,
The covenant I requested from the King in full,	without abatement the bargain I begged of the king here;	393 Clanly al þe couenaunt þat I þe kynge asked,
Except that you shall assent, swearing in truth,	save that thou must assure me, sir, on thy honour	394 Saf þat þou schal siker me, segge, bi þi trawþe,
To seek me yourself, in such place as you think	that thou’lt seek me thyself, search where thou thinkest	395 Þat þou schal seche me þiself, where-so þou hopes
To find me under the firmament, and fetch your payment	I may be found near or far, and fetch thee such payment	396 I may be funde vpon folde, and foch þe such wages
For what you deal me today before this dignified gathering.’	as thou deliverest me today before these lordly people.’	397 As þou deles me to-day bifore þis douþe ryche.'
‘How shall I hunt for you? How find your home?’	‘Where should I light on thee,’ quoth Gawain, ‘where look for thy place?	398 'Where schulde I wale þe,' quoþ Gauan, 'where is þy place?
Said Gawain, ‘By God that made me, I go in ignorance;	I have never learned where thou livest, by the Lord that made me,	399 I wot neuer where þou wonyes, bi hym þat me wro3t,
Nor, knight do I know your name or your court.	and I know thee not, knight, thy name nor thy court.	400 Ne I know not þe, kny3t, by cort ne þi name.
But instruct me truly thereof, and tell me your name,	But teach me the true way, and tell what men call thee,	401 Bot teche me truly þerto, and telle me how þou hattes,
And my utmost effort shall urge me thither,	and I will apply all my purpose the path to discover:	402 And I schal ware alle my wyt to wynne me þeder,
So I offer you my oath, on my honour as a knight.’	and that I swear thee for certain and solemny promise.’	403 And þat I swere þe for soþe, and by my seker traweþ.'
‘That is enough this New Year, no more is needed,’	‘That is enough in New Year, there is need of no more!’	404 'Þat is innogh in Nwe 3er, hit nedes no more',
Said the gallant in green to Gawain the courteous,	said the great man in green to Gawain the courtly.	405 Quoþ þe gome in þe grene to Gawan þe hende;
‘To tell you the truth, when I have taken the blow	‘If I tell thee the truth of it, when I have taken the knock,	406 '3if I þe telle trwly, quen I þe tape haue
After you have duly dealt it, I shall directly inform you	and thou handily hast hit me, if in hast I announce then	407 And þou me smoþely hatz smyten, smartly I þe teche
About my house and my home and my own name.	my house and my home and mine own title,	408 Of my hous and my home and myn owen nome,
Then you may keep your covenant, and inquire how I do,	then thou canst call and enquire and keep the agreement;	409 Þen may þou frayst my fare and forwardez holde;
And if I waft you no words, then well may you prosper,	and if I waste not a word, thou’lt win better fortune,	410 And if I spende no speche, þenne spedez þou þe better,
Stay long in your own land and look for no further	for thou mayst linger in thy land and look no further –	411 For þou may leng in þy londe and layt no fyrre–
Trial.	but stay!	412 bot slokes!
Now grip your weapon grim;	To thy grim tool now take heed, sir!	413 Ta now þy grymme tole to þe,
Let us see your fighting style.’	Let us try the knocks today!’	414 And let se how þou cnokez.'
‘Gladly,’ said Gawain to him,	‘Gladly’, said he, ‘indeed, sir!’	415 'Gladly, sir, for soþe',
Stroking the steel the while.	and his axe he stroked in play.	416 Quoþ Gawan; his ax he strokes.

Estrofe 19

Brian Stone	Tolkien	Original
On the ground the Green Knight graciously stood, With head slightly slanting to expose the flesh. His long and lovely locks he laid over his crown, Neatly showing the naked neck, nape and all. Gawain gripped his axe and gathered it on high, Advanced the left foot before him on the ground, And slashed swiftly down on the exposed part, So that the sharp blade sheared through, shattering the bone, Sank deep in the seek flesh, split it in two, And the scintillating steel struck the ground. The fair head fell from the neck. On the floor it rolled, So that people spurned and parried it as it passed their feet. Then blood spurted from the body, bright against the green. Yet the fellow did not fall, nor falter one whit, But stoutly strode forward on legs still sturdy To where the worthy knights stood, weirdly reached out, Seized his splendid head and straightway lifted it. Then he strode to his steed, snatched the bridle, Stepped into the strirrup and swung aloft, Holding his head by the hair in his hand. He settled himself in the saddle as steadily As if nothing had happened to him, though he had No head. He twisted his trunk about That gruesome body that bled; He caused much dread and doubt By the time his say was said.	The Green Knight on the ground now gets himself ready, leaning a little with the head he lays bare the flesh, and his locks long and lovely he lifts over his crown, letting the naked neck as was needed appear. His left foot on the floor before him placing, Gawain gripped on his axe, gathered and raised it, from aloft let it swiftly land where 'twas naked, so that the sharp of his blade shivered the bones, and sank clean through the clear fat and clove it asunder, and the blade of the bright steel then bit into the ground. The fair head to the floor fell from the shoulders, and folk fended it with their feet as forth it went rolling; the blood burst from the body, bright on the greenness, and yet neither faltered nor fell the fierce man at all, but stoutly he strode forth, still strong on his shanks, and roughly he reached out among the rows that stood there, caught up his comely head and quickly upraised it, and then hastened to his horse, laid hold of the bridle, stepped into stirrup-iron, and strode up aloft, his head by the hair in his hand holding; and he settled himself then in the saddle as firmly as if unharmed by mishap, though in the hall he might wear no head. His trunk he twisted round, that gruesome body that bled, and many fear then found, as soon as his speech was sped.	417 Þe grene kny3t vpon grounde gray þely hym dresses, 418 A littel lut with þe hede, þe lere he discouerez, 419 His longe louelych lokkez he layd ouer his croun, 420 Let þe naked nec to þe note schewe. 421 Gauan gripped to his ax, and gederes hit on hy3t, 422 Þe kay fot on þe folde he before sette, 423 Let him doun ly3tly ly3t on þe naked, 424 Þat þe scharp of þe schalk schyndered þe bones, 425 And schrank þur3 þe schyire grece, and schade hit in twynne, 426 Þat þe bit of þe broun stel bot on þe grounde. 427 Þe fayre hede fro þe halce hit to þe erþe, 428 Þat fele hit foyned wyth her fete, þere hit forth roled; 429 Þe blod brayd fro þe body, þat blykked on þe grene; 430 And nawþer faltered ne fel þe freke neuer þe helder, 431 Bot styþly he start forth vpon styf schonkes, 432 And runyschly he ra3t out, þere as renkkez stoden, 433 La3t to his lufly hed, and lyft hit vp sone; 434 And syþen bo3ez to his blonk, þe brydel he cachchez, 435 Steppez into stelbawe and strydez alofte, 436 And his hede by þe here in his honde haldez; 437 And as sadly þe segge hym in his sadel sette 438 As non vnhap had hym ayled, þa3 hedlez he were 439 in stedde. 440 He brayde his bulk aboute, 441 Þat vgly bodi þat bledde; 442 Moni on of hym had doute, 443 Bi þat his resounz were redde.

Estrofe 20

Brian Stone	Tolkien	Original
For he held the head in his hand upright, Pointed the face at the fairest in fame[1] on the dais; And it lifted its eyelids and looked glaringly, And menacingly said with its mouth as you may now hear: 'Be prepared to perform what you promised, Gawain; Seek faithfully till you find me, my fine fellow, According to your oath in this hall in these knights' hearing. Go to the Green Chapel without gainsaying to get – And gladly will it be given in the gleaming New Year – Such a stroke as you have struck. Strictly you deserve it. As the Knight of the Green Chapel I am known to many; Therefore if you ask for me, I shall be found. So come, or else be called coward accordingly!' Then he savagely swerved, sawing at the reins, Rushed out at the hall door, his head in his hand, And the flint-struck fire flew up from the hooves. What place he departed to no person there knew, Nor could any account be given of the country he had come from. What then? At the Green Knight Gawain and King Grinned and laughed again; But plainly approved the thing As a marvel in the world of men. 1 – That is, Guinevere.	For the head in his hand he held it up straight, towards the fairest at the table he twisted the face, and it lifted up its eyelids and looked at them broadly, and made such words with its mouth as may be recounted. 'See thou get ready, Gawain, to go as thou vowedst, and as faithfully seek till thou find me, good sir, as thou hast promised in this place in the presence of these knights. To the Green Chapel go thou, and get thee, I charge thee, such a dint as thou hast dealt – indeed thou hast earned a nimble knock in return on New Year's morning! The Knight of the Green Chapel I am known to many, so if to find me thou endeavour, thoul't fail not to do so. Therefore come! Or to be called a craven thou deservest.' With a rude roar and rush his reins he turned then, and hastened out through the hall-door with his head in his hand, and fire of the flint flew from the feet of his charger. To what country he came in that court no man knew, no more than they had learned from what land he had journeyed. Meanwhile, the king and Sir Gawain at the Green Man laugh and smile; yet to men had appeared, 'twas plain, a marvel beyond denial.	444 For þe hede in his honde he haldez vp euen, 445 Toward þe derrest on þe dece he dressez þe face, 446 And hit lyfte vp þe y3e-lyddez and loked ful brode, 447 And meled þus much with his muthe, as 3e may now here: 448 'Loke, Gawan, þou be grayþe to go as þou hettez, 449 And layte as lelly til þou me, lude, fynde, 450 As þou hatz hette in þis halle, herande þise kny3tes; 451 To þe grene chapel þou chose, I charge þe, to fotte 452 Such a dunt as þou hatz dalt–disserued þou habbez 453 To be 3ederly 3olden on Nw 3eres morn. 454 Þe kny3t of þe grene chapel men knowen me mony; 455 Forþi me for to fynde if þou fraystez, faylez þou neuer. 456 Þerfore com, oþer recreaunt be calde þe behoues.' 457 With a runisch rout þe raynez he tornez, 458 Halled out at þe hal dor, his hed in his hande, 459 Þat þe fyr of þe flynt fla3e fro fole houes. 460 To quat kyth he becom knwe non þere, 461 Neuer more þen þay wyste from queþen he watz wonnen. 462 What þenne? 463 Þe kyng and Gawen þare 464 At þat grene þay la3e and grenne, 465 3et breued watz hit ful bare 466 A meruayl among þo menne.

Estrofe 21

Brian Stone	Tolkien	Original
Though honoured King Arthur was at heart astounded, He let no sign of it be seen, but said clearly To the comely queen in courtly speech, ‘Do not be dismayed, dear lady, today: Such cleverness comes well at Christmastide, Like the paying of interludes, laughter and song, And making fine music meet for lords and ladies. However, I am now able to eat the repast, Having seen, I must say, a sight to wonder at.’ He glanced at Sir Gawain, and graciously said, ‘Now sir, hang up your axe: you have hewn enough.’ And on the blackcloth above the dais it was boldly hung Where all men might mark it and marvel at it And with truthful testimony tell the wonder of it. Then to the topmost table the two went together, The King and the constant knight, and keen men served them Double portions of each dainty in dignified style, All manner of meat, and minstrelsy too. Daylong they delighted till darkness came To their shores. Now Gawain, give a thought, For peril lest you pause, To seeking out the sport That you have claimed as yours.	Thou Arthur the high king in his heart marvelled, he let no sign of it be seen, but said then aloud to the queen so comely with courteous words: ‘Dear Lady, today be not downcast at all! Such cunning play well becomes the Christmas tide, interludes, and the like, and laughter and singing, amid these noble dances of knights and of dames. Nonetheless to my food I may fairly betake me, for a marvel I have met, and I may not deny it.’ He glanced at Sir Gawain and with good point he said: ‘Come, hang up thine axe, sir! It was hewn now enough.’ And over the table they hung it on the tapestry behind, where all men might remark it, a marvel to see, and by its true token might tell of that adventure. Then to a table they turned, those two lords together, the king and his good kinsman, and courtly men served them with all dainties double, the dearest there might be, with all manner of meats and with minstrelsy too. With delight that day they led, till to the land came the night again. Sir Gawain, now take heed lest fear make thee refrain from daring the dangerous deed that thou in hand hast ta'en!	467 Þaȝ Arþer þe hende kyng at hert hade wonder, 468 He let no semblaunt be sene, bot sayde ful hyȝe 469 To þe comlych quene wyth cortays speche, 470 'Dere dame, to-day demay yow neuer; 471 Wel bycommes such craft vpon Cristmasse, 472 Laykyng of enterludez, to laȝe and to syng, 473 Among þise kynde caroles of knyȝtez and ladyez. 474 Neuer þe lece to my mete I may me wel dres, 475 For I haf sen a selly, I may not forsake.' 476 He glent vpon Sir Gawen, and gaynly he sayde, 477 'Now, sir, heng vp þyn ax, þat hatz innogh hewen'; 478 And hit watz don abof þe dece on doser to henge, 479 Þer alle men for meruayl myȝt on hit loke, 480 And bi trwe tytel þerof to telle þe wonder. 481 Þenne þay boȝed to a borde þise burnes togeder, 482 Þe kyng and þe gode knyȝt, and kene men hem serued 483 Of alle dayntyez double, as derrest myȝt falle; 484 Wyth alle maner of mete and mynstralcie boþe, 485 Wyth wele walt þay þat day, til worþed an ende 486 in londe. 487 Now þenk wel, Sir Gawan, 488 For woþe þat þou ne wonde 489 Þis auenture for to frayn 490 Þat þou hatz tan on honde.

Estrofe 22

Brian Stone	Tolkien	Original – FIT II
Such was the earnest of adventures Arthur had at New Year, For he was avid to hear of exploits by knights. Though they had let fall few words when first seated, Their loquacity knew no limit now, so lively was their talk. Gawain was glad to begin the games in hall, But though the end be heavy, have no wonder, For if men are spritely in spirit after strong drink, Soon the year slides past, never the same twice; There is no foretelling its fulfilment from the start. Yes, this Yuletide passed and the year following; Season after season in succession went by. After Christmas comes the crabbed Lenten time, When fish and meagre fare are forced on the flesh. Then weather more vernal wars with the wintry world, The cold ebbs and declines, the clouds lift, In shining showers the rain sheds warmth And falls upon the fair plain, where flowers appear; The grassy lawns and groves alike are garbed in green; Birds prepare to build, and brightly sing The solace of the ensuing summer that soothes hill And dell. By hedgerows rank and rich The blossoms bloom and swell, And sounds of sweetest pitch From lovely woodlands well.	With this earnest of high deeds thus Arthur began the young year, for brave vows he yearned to hear made. /Though such words were wanting when they went to table,/ now of fell work to full grasp filled were their hands./ Gawain was gay as he began those games in the hall,/ but if the end be unhappy, hold it no wonder!/ For though men be merry of mood when they have mightily drunk,/ a year slips by swiftly, never the same returning;/ the outset to the ending is equal but seldom./ And so this Yule passed over and the year after,/ and severally the seasons ensued in their turn:/ after Christmas there came the crabbed Lenten/ that with fish tries the flesh and with food more meagre;/ but then the weather in the world makes war on the winter,/ cold creeps into the earth, clouds are uplifted,/ shining rain is shed in showers that all warm/ fall on the fair turf, flowers there open,/ of grounds and of groves green is the raiment,/ birds are busy a-building and bravely are singing/ for sweetness of the soft summer that will soon/ be on the way; and blossoms burgeon and bloom in hedgerows bright and gay; then glorious musics go through the wood in proud array.	491 THIS hanselle hatz Arthur of auenturus on fyrst 492 In ȝonge ȝer, for he ȝerned ȝelpyng to here. 493 Thaȝ hym wordez were wane when þay to sete wenten, 494 Now ar þay stoken of sturne werk, stafful her hond. 495 Gawan watz glad to begynne þose gomnez in halle, 496 Bot þaȝ þe ende be heuy haf ȝe no wonder; 497 For þaȝ men ben mery in mynde quen þay han mayn drynk, 498 A ȝere ȝernes ful ȝerne, and ȝeldez neuer lyke, 499 Þe forme to þe fynisment foldez ful selden. 500 Forþi þis ȝol ouerȝede, and þe ȝere after, 501 And vche sesoun serlepes sued after oþer: 502 After Crystenmasse com þe crabbed lentoun, 503 Þat fraystez flesch wyth þe fysche and fode more symple; 504 Bot þenne þe weder of þe worlde wyth wynter hit þrepez, 505 Colde clengez adoun, cloudez vplyften, 506 Schyre schedez þe rayn in schowrez ful warme, 507 Fallez vpon fayre flat, flowrez þere schewen, 508 Boþe groundez and þe greuez grene ar her wedez, 509 Bryddez busken to bylde, and bremlych syngen 510 For solace of þe softe somer þat sues þerafter 511 bi bonk; 512 And blossumez bolne to blowe 513 Bi rawez rych and ronk, 514 Þen notez noble innoȝe 515 Ar herde in wod so wlonk.

Estrofe 23

Brian Stone	Tolkien	Original
Then comes the season of summer with soft winds, When Zephyrus himself breathes on seeds and herbs. In paradise is the plant that springs in the open When, the dew having dripped and dropped from the leaves, It bears the blissful gleam of the bright sun. Then Harvest comes hurrying, urging it on, Warning it because of winter to wax ripe soon; He drives the dust to rise with the drought he brings, Forcing it to fly up from the face of the earth. Wrathful winds in raging skies wrestle with the sun; Leaves are lashed loose from the trees and lie on the ground And the grass becomes grey which was green before. What rose from root and bud now ripens and rots; So the year in passing yields its many yesterdays, And winter returns, as the way of the world is, I swear; So came the Michaelmas moon, With winter threatening there, And Gawain considered soon The fell way he must fare.	After the season of summer with its soft breezes, when Zephyr goes sighing through seeds and herbs, right glad is the grass that grows in the open, when the damp dewdrops are dripping from the leaves to greet a gay glance of the glistening sun. But the Harvest hurries in, and hardens it quickly, warns it before winter to wax to ripeness. He drives with his drought the dust, till it rises from the face of the land and flies up aloft; wild wind in the welkin makes war on the sun, the leaves loosed from the linden alight on the ground, and all grey is the grass that green was before: all things ripen and rot that rose at first, and so the year runs away in yesterdays many, and here winter wends again, as by the way of the world in ought, until the Michaelmas moon has winter's boding brought; Sir Gawain then full soon of his grievous journey thought.	516 After þe sesoun of somer wyth þe soft wyndez 517 Quen Zeferus syflez hymself on sedez and erbez, 518 Wela wynne is þe wort þat waxes þeroute, 519 When þe donkande dewe dropez of þe leuez, 520 To bide a blysful blusch of þe bryȝt sunne. 521 Bot þen hyȝes heruest, and hardenes hym sone, 522 Warnez hym for þe wynter to wax ful rype; 523 He dryues wyth droȝt þe dust for to ryse, 524 Fro þe face of þe folde to flyȝe ful hyȝe; 525 Wroþe wynde of þe welkyn wrastelez with þe sunne, 526 Þe leuez lancen fro þe lynde and lyȝten on þe grounde, 527 And al grayes þe gres þat grene watz ere; 528 Þenne al rypez and rotez þat ros vpon fyrst, 529 And þus ȝirnez þe ȝere in ȝisterdayez mony, 530 And wynter wyndez aȝayn, as þe worlde askez, 531 no fage, 532 Til Meȝelmas mone 533 Watz cumen wyth wynter wage; 534 Þen þenkkez Gawan ful sone 535 Of his anious uyage.

Estrofe 24

Brian Stone	Tolkien	Original
Yet he stayed in hall with Arthur till All Saints' Day, When Arthur provided plentifully, especially for Gawain, A rich feast and high revelry at the Round Table. The gallant lords and gay ladies grieved for Gawain, Anxious on his account; but all the same They mentioned only matters of mirthful import, Joylessly making jokes for that gentle man's sake. For after dinner with drooping heart he addressed his uncle And spoke plainly of his departure, putting it thus: 'Now, liege lord of my life, I beg my leave of you. You know I must keep my covenant, I care for nothing else; It would be trivial to tell you the trials thereof, But I am bound to bear the blow and must be gone tomorrow To seek the gallant in green, as God will direct me.' Then the most courtly in that company came together, Ywain and Eric[226] and others in troops, Sir Dodinal the Fierce[227], the Duke of Clarence[228], Lancelot[229] and Lionel[230] and Lucan the Good[231] Sir Bors[232] and Sir Bedivere[233], both strong men, And many admired knights, with Mador of the Gate[234]. All the company of the court came near to the King With carking care in their hearts, to counsel the knight. There was much secret sorrow suffered in the hall That such a gallant man as Gawain should go in quest To suffer a savage blow, and his sword no more Should bear. Said Gawain, gay of cheer, 'Whether fate be foul or fair, Why falter I or fear? What should man do but dare?'	And yet till All Hallows with Arthur he lingered, who furnished on that festival a feast for the knight with much royal revelry of the Round Table. The knights of renouwn and noble ladies all for the love of that lord had longing at heart, but nevertheless the more lightly of laughter they spoke: many were joyless who jested for his gentle sake. For after their meal mournfully he reminded his uncle that his departure was near, and plainly he said: 'Now liege-lord of my life, for leave I beg you. You know the quest and the compact; I care not further to trouble you with tale of it, save a trifling point: I must set forth to my fate without fail in the morning, as God will me guide, the Green man to seek.' Those most accounted in the castle came then together, Iwain and Erric and others not a few, Sir Doddinel le Savage, the Duke of Clarence, Lancelot, and Lionel, and Lucan the Good, Sir Bors and Sir Bedivere that were both men of might, and many others of mark with Mador de la Porte. All this company of the court the king now approached to comfort the knight with care in their hearts. Much mournful lament was made in the hall that one so worthy as Wawain should wend on that errand, To endure a deadly dint and deal no more with blade. The knight ever made good cheer, saying, 'Why should I be dismayed? Of doom the fair or drear By a man must be assayed.'	536 3et quyl Al-hal-day with Arþer he lenges; 537 And he made a fare on þat fest for þe frekez sake, 538 With much reuel and ryche of þe Rounde Table. 539 Kny3tez ful cortays and comlych ladies 540 Al for luf of þat lede in longynge þay were, 541 Bot neuer þe lece ne þe later þay neuened bot merþe: 542 Mony ioylez for þat ientyle iapez þer maden. 543 For aftter mete with mournyng he melez to his eme, 544 And spekez of his passage, and pertly he sayde, 545 'Now, lege lorde of my lyf, leue I yow ask; 546 3e knowe þe cost of þis cace, kepe I no more 547 To telle yow tenez þerof neuer bot trifel; 548 Bot I am boun to þe bur barely to-morne 549 To sech þe gome of þe grene, as God wyl me wysse.' 550 Þenne þe best of þe bur3 bo3ed togeder, 551 Aywan, and Errik, and oþer ful mony, [folio 98v] 552 Sir Doddinaual de Sauage, þe duk of Clarence, 553 Launcelot, and Lyonel, and Lucan þe gode, 554 Sir Boos, and Sir Byduer, big men boþe, 555 And mony oþer menskful, with Mador de la Port. 556 Alle þis compayny of court com þe kyng nerre 557 For to counseyl þe kny3t, with care at her hert. 558 Þere watz much derue doel driuen in þe sale 559 Þat so worthé as Wawan schulde wende on þat ernde, 560 To dry3e a delful dynt, and dele no more 561 wyth bronde. 562 Þe kny3t mad ay god chere, 563 And sayde, 'Quat schuld I wonde? 564 Of destinés derf and dere 565 What may mon do bot fonde?'

[226] Eric was well known from Chrétien de Troyes' Arthurian romances.

[227] Sir Dodinal (or Doddinaval) 'le Savage' was so called on account of his love of hunting.

[228] The Duke of Clarence, another cousin of Sir Gawain's, being the son of King Nantres and Arthur's half-sister Blasine, is particularly interesting because in the vulgate 'Lancelot' he has an adventure similar to part of Gawain's. While looking for Gawain, who is imprisoned in the Dolorous Tower, he lodges with a vavasour who tries to dissuade him from travelling through a valley from which nobody returns. Even his squire tries to persuade him not to go on, and refuses to follow him into the valley.

[229] Lancelot, the famous son of King Ban of Benwick, becomes an important figure only through the French romances. Later, as Queen Guinevere's lover, he becomes the chief knight of Arthur's court.

[230] Lionel was the sono f King Bohors of Gannes, and Lancelot's cousin.

[231] Lucan, the royal butler, and Gifflet, in the vulgate *Morte Arthur*, were the last left alive with Arthur after the final battle on Salisbury Plain. In the chapel Arthur, giving him a last embrace, pressed him to death.

[232] Sir Bors was probably Lionel's brother.

[233] Sir Bedivere, who in Malory and his source is the last survivor of Arthur's battle with Mordred, was the great friend of Sir Kay. Together they went with Arthur to meet the giant of St. Michael's Mount, and later fought prodigiously in Arthur's great victory over the Romans. According to Geoffrey of Monmouth, both were slain in this battle.

[234] Mador (de la Port), the brother of Gaheris de Careheu, was Arthur's chief porter. When Gaheris was killed at the Queen's table by poisoned apples intended for Gawain, Mador appealed for justice against the Queen. Guinevere could find no knight to defend her until, on the last of her forty day's respite, Sir Lancelot appeared in disguise and saved her life by defeating Mador.

Estrofe 25

Brian Stone	Tolkien	Original
He dwelt there all that day, and at dawn at the morrow Asked for his armour. Every item was brought. First, the costly red carpet covering the floor Was heaped with apparel and arms ornate with gold. The strong man stepped on it, took the steel in hand. The doublet he dressed in was dear Turkestan stuff. Then came the courtly cape, cut with skill, Finely lined with fur, and fastened close. Then they set the steel shoes on the strong man's feet, Lapped his legs in steel with lovely greaves, Complete with knee-pieces, polished bright And connecting at the knee with gold-knobbed hinges. Then came the cuisses, which cunningly enclosed His thighs thick of thew, and which thongs secured. Next the hauberk, interlinked with argent steel rings And resting on rich material, wrapped the warrior round. He had polished armour on arms and elbows, Glinting and gay, and gloves of metal, And all the goodly gear to undergo what might Betide; With richly wrought surcoat And red-gold spurs to ride, And sword of noble note At his silken-girdled side.	He remained there that day, and in the morning got ready, asked early for his arms, and they all were brought him. First a carpet of red silk was arrayed on the floor, and the gilded gear in plenty there glittered upon it. The stern man stepped thereon and the steel things handled, dressed in a doublet of damask of Tharsia, and over it a cunning capadoce that was closed at the throat and with fair ermine was furred all within. Then sabatons first they set on his feet, his legs lapped in steel in his lordly greaves, on which the polains they placed, polished and shining and knit upon his knees with knots all of gold; then the comely cuisses that cunningly clasped the thick threws of his thighs they with thongs on him tied; and next the byrnie, woven of bright steel rings upon costly quilting, enclosed him about; and armlets well burnished upon both of his arms, with gay elbow-pieces and gloves of plate, and all the goodly gear to guard him whatever betide; coat-armour richly made, gold spurs on heel in pride; girt with a trusty blade, silk belt about his side.	566 He dowellez þer al þat day, and dressez on þe morn, 567 Askez erly hys armez, and alle were þay broȝt. 568 Fyrst a tulé tapit tyȝt ouer þe flet, 569 And miche watz þe gyld gere þat glent þeralofte; 570 Þe stif mon steppez þeron, and þe stel hondelez, 571 Dubbed in a dublet of a dere tars, 572 And syþen a crafty capados, closed aloft, 573 Þat wyth a bryȝt blaunner was bounden withinne. 574 Þenne set þay þe sabatounz vpon þe segge fotez, 575 His legez lapped in stel with luflych greuez, 576 With polaynez piched þerto, policed ful clene, 577 Aboute his knez knaged wyth knotez of golde; 578 Queme quyssewes þen, þat coyntlych closed 579 His thik þrawen þyȝez, with þwonges to tachched; 580 And syþen þe brawden bryné of bryȝt stel ryngez 581 Vmbeweued þat wyȝ vpon wlonk stuffe, 582 And wel bornyst brace vpon his boþe armes, 583 With gode cowters and gay, and glouez of plate, 584 And alle þe godlych gere þat hym gayn schulde 585 þat tyde; 586 Wyth ryche cote-armure, 587 His gold sporez spend with pryde, 588 Gurde wyth a bront ful sure 589 With silk sayn vmbe his syde.

Estrofe 26

Brian Stone	Tolkien	Original
When he was hasped in armour his harness was noble; The least lace or loop was lustrous with gold. So, harnessed as he was, he heard his mass And made offerings and orisons at the high altar. Then he came to the King and his court-fellows, Took leave with loving courtesy of lord and lady, Who commended him to Christ and kissed him farewell. By now Gringolet[235] had been got ready, and girt with a saddle That gleamed most gaily with many golden fringes, Everywhere nailed newly for this noble occasion. The bridle was embossed and bound with bright gold; So were the furnishings of the front armour and the fine skirts. The crupper and the comparison accorded with the saddle-bows, And all was arrayed on red cloth with nails of richest gold, Which glittered and glanced like gleams of the sun. Then he took hold of the helmet and hastily kissed it. It was strongly stapled and stuffed with padding: It towered high on his head and was hasped at the back, And the visor was veiled by a vivid cover Embroidered and bossed with the best gems On broad silken borders, with birds on the seams, Such as preening parrots, painted at intervals, And turtles and true-love-knots traced as thickly As if a score of maidens had been stitching it for seven winters In court. The circlet on his head Was thrice more precious thought And, perfectly diamonded, Sparkled in striking sort.	When he was hasped in his armour his harness was splendid: the least latchet or loop was all hit with gold. Thus harnessed as he was he heard now his Mass, that was offered and honoured at the high altar; and then he came to the king and his court-companions, and with love he took leave of lords and of ladies; and they kissed him and escorted him, and to Christ him commended. And now Gringolet stood groomed, and girt with a saddle gleaming right gaily with many gold fringes, and all newly for the nonce nailed at all points; adorned with bars was the bridle, with bright gold banded; the apparelling proud of poitrel and of skirts, and the crupper and caparison accorded with the saddlebows: all was arrayed in red with rich gold studded, so that it glittered and glinted as a gleam of the sun. Then he in hand took the helm and in haste kissed it: strongly was it stapled and stuffed within; it sat high upon his head and was hasped at the back, and a light kerchief was laid o'er the beaver, all braided and bound with the brightest gems upon broad silken broidery, with birds on the seams like popinjays depainted, here preening and there, turtles and true-loves, entwined as thickly as if many sempstresses had the sewing full seven winters in hand. A circlet of greater price his crown about did band; The diamonds point-device there blazing bright did stand.	590 When he watz hasped in armes, his harnays watz ryche: 591 Þe lest lachet oþer loupe lemed of golde. 592 So harnayst as he watz he herknez his masse, 593 Offred and honoured at þe heȝe auter. 594 Syþen he comez to þe kyng and to his cort-ferez, 595 Lachez lufly his leue at lordez and ladyez; 596 And þay hym kyst and conueyed, bikende hym to Kryst. 597 Bi þat watz Gryngolet grayth, and gurde with a sadel 598 Þat glemed ful gayly with mony golde frenges, 599 Ayquere naylet ful nwe, for þat note ryched; 600 Þe brydel barred aboute, with bryȝt golde bounden; 601 Þe apparayl of þe payttrure and of þe proude skyrtez, 602 Þe cropore and þe couertor, acorded wyth þe arsounez; 603 And al watz rayled on red ryche golde naylez, 604 Þat al glytered and glent as glem of þe sunne. 605 Þenne hentes he þe helme, and hastily hit kysses, 606 Þat watz stapled stifly, and stoffed wythinne. 607 Hit watz hyȝe on his hede, hasped bihynde, 608 Wyth a lyȝtly vrysoun ouer þe auentayle, 609 Enbrawden and bounden wyth þe best gemmez 610 On brode sylkyn borde, and bryddez on semez, 611 As papiayez paynted peruyng bitwene, 612 Tortors and trulofez entayled so þyk 613 As mony burde þeraboute had ben seuen wynter 614 in toune. 615 Þe cercle watz more o prys 616 Þat vmbeclypped hys croun, 617 Of diamauntez a deuys 618 Þat boþe were bryȝt and broun.

[235] 'Gringolet' first appears in twelfth-century French as the name for a kind of horse, though it may be from the Welsh 'Gwyngalet', meaning 'white-hard'. But the name also belonged to the boat of the mythical hero Wade, the son of Wayland the Smith and Bodhilda, the King of Sweden's daughter.

Estrofe 27

Brian Stone	Tolkien	Original
Then they showed him the shield with its shining gules, With the Pentangle in pure gold depicted thereon. He brandished it by the baldric, and about his neck He slung it in a seemly way, and it suited him well. And I intend to tell you, though I tarry therefore, Why the Pentangle is proper to this prince of knights. It is a symbol which Solomon conceived once To betoken true faith, which it is entitled to, For it is a figure which has five points, And each line overlaps and is locked with another; And it is endless everywhere, and the English call it, As I have heard, the Endless Knot. Therefore it goes with Sir Gawain and his gleaming armour, For, ever faithful in five things, each in fivefold manner, Gawain was reputed good and, like gold well refined, He was devoid of all villainy, every virtue displaying In the field. Thus this Pentangle new He carried on coat and shield, As a man of troth most true And knightly name annealed.	Then they brought him his blazon that was of brilliant gules with the pentangle depicted in pure hue of gold. By the baldric he caught it and about his neck cast it: right well and worthily it went with the knight. And why the pentangle is proper to that prince so noble I intend now to tell you, though it may tarry my story. It is a sign that Solomon once set on a time To betoken Troth, as it is entitled to do; for it is a figure that in it five points holdeth, and each line overlaps and is linked with another, and every way it is endless; and the English, I hear, everywhere name it the Endless Knot. So it suits well this knight and his unsullied arms; for ever faithful in five points, and five times under each, Gawain as good was acknowledged and as gold refined, devoid of every vice and with virtues adorned. So there The pentangle painted new he on shield and coat did wear, as one of word most true and knight of bearing fair.	619 THEN þay schewed hym þe schelde, þat was of schyr goulez 620 Wyth þe pentangel depaynt of pure golde hwez. 621 He braydez hit by þe bauderyk, aboute þe hals kestes, 622 Þat bisemed þe segge semlyly fayre. 623 And quy þe pentangel apendez to þat prynce noble 624 I am in tent yow to telle, þof tary hyt me schulde: 625 Hit is a syngne þat Salamon set sumquyle 626 In bytoknyng of trawþe, bi tytle þat hit habbez, 627 For hit is a figure þat haldez fyue poyntez, 628 And vche lyne vmbelappez and loukez in oþer, 629 And ayquere hit is endelez; and Englych hit callen 630 Oueral, as I here, þe endeles knot. 631 Forþy hit acordez to þis kny3t and to his cler armez, 632 For ay faythful in fyue and sere fyue syþez 633 Gawan watz for gode knawen, and as golde pured, 634 Voyded of vche vylany, wyth vertuez ennourned 635 in mote; 636 Forþy þe pentangel nwe 637 He ber in schelde and cote, 638 As tulk of tale most trwe 639 And gentylest kny3t of lote.

Estrofe 28

Brian Stone	Tolkien	Original
First he was found faultless in his five wits. Next, his five fingers never failed the knight, And all his trust on earth was in the five wounds Which came to Christ on the Cross, as the Creed tells. And whenever the bold man was busy on the battlefield, Through all other things he thought on this, That his prowess all depended on the five pure Joys[236] That the holy Queen of Heaven had of her Child. Accordingly the courteous knight had that queen's image[237] Etched on the inside of his armoured shield, So that when he beheld her, his heart did not fail. The fifth five I find the famous man practised Were – Liberality and Lovingkindness leading the rest; Then his Continence and Courtesy, which were never corrupted; And Piety, the surpassing virtue. These pure five Were more firmly fixed on that fine man Than on any other, and every multiple, Each interlocking with another, had no end Being fixed to five points which never failed, Never assembling on one side, nor sundering either, With no end at any angle; nor can I find Where the design started or proceeded to its end. Thus on his shining shield the shape of this knot Was royally rendered in red gold on gules. That is the pure Pentangle, so called by people wise In lore Now Gawain was ready and gay; His splendid spear he bore, And gave them all good day As if for evermore.	First faultless was he found in his five senses, and next in his five fingers he failed at no time, and firmly on the Five Wounds all his faith was set that Christ received on the cross, as the Creed tells us; and wherever the brave man into battle was come, on this beyond all things was his earnest thought: that ever from the Five Joys all his valour he gained that to Heaven's courteous Queen once came from her Child. For which cause the knight had in comely wise on the inner side of his shield her image depainted, that when he cast his eyes thither his courage never failed. The fifth five that was used, as I find, by this knight was free giving and friendliness first before all, and chastity and chivalry ever changeless and straight, and piety surpassing all points: these perfect five were hasped upon him harder that on any man else. Now these five series, in sooth, were fastened on this knight, and each was knit with another and had no ending, but were fixed at five points that failed not at all, coincided in no line nor sundered either, not ending in any angle anywhere, as I discover, wherever the process was put in play or passed to an end. Therefore on his shining shield was shaped now this knot, royally with red gules upon red gold set: this is the pure pentangle as people of learning have taught. Now Gawain in brave array his lance at last hath caught. He gave them all good day, for evermore as he thought.	640 Fyrst he watz funden fautlez in his fyue wyttez, 641 And efte fayled neuer þe freke in his fyue fyngres, 642 And alle his afyaunce vpon folde watz in þe fyue woundez 643 Þat Cryst kaȝt on þe croys, as þe crede tellez; 644 And quere-so-euer þys mon in melly watz stad, 645 His þro þoȝt watz in þat, þurȝ alle oþer þyngez, 646 Þat alle his forsnes he feng at þe fyue joyez 647 Þat þe hende heuen-quene had of hir chylde; 648 At þis cause þe knyȝt comlyche hade 649 In þe inore half of his schelde hir ymage depaynted, 650 Þat quen he blusched þerto his belde neuer payred. 651 Þe fyft fyue þat I finde þat þe frek vsed 652 Watz fraunchyse and felaȝschyp forbe al þyng, 653 His clannes and his cortaysye croked were neuer, 654 And pité, þat passez alle poyntez, þyse pure fyue 655 Were harder happed on þat haþel þen on any oþer. 656 Now alle þese fyue syþez, for soþe, were fetled on þis knyȝt, 657 And vchone halched in oþer, þat non ende hade, 658 And fyched vpon fyue poyntez, þat fayld neuer, 659 Ne samned neuer in no syde, ne sundred nouþer, 660 Withouten ende at any noke I oquere fynde, 661 Whereeuer þe gomen bygan, or glod to an ende. 662 Þerfore on his schene schelde schapen watz þe knot 663 Ryally wyth red golde vpon rede gowlez, 664 Þat is þe pure pentaungel wyth þe peple called 665 with lore. 666 Now grayþed is Gawan gay, 667 And laȝt his launce ryȝt þore, 668 And gef hem alle goud day, 669 He wende for euermore.

[236] The number of the joys may vary from five to fifteen. In medieval England thay are usually five: the Annunciation, Nativity, Resurrection, Ascension and Assumption.

[237] It is usually Arthur who draws strength from the picture of the Virgin Mary etced on the inside of his shield.

Estrofe 29

Brian Stone	Tolkien	Original
He struck the steed with his spurs and sprang on his way	He spurned his steed with the spurs and sprang on his way	670 He sperred þe sted with þe spurez and sprong on his way,
So forcefully that the fire flew up from the flinty stones.	so fiercely that the flint-sparks flashed out behind him.	671 So stif þat þe ston-fyr stroke out þerafter.
All who saw that seemly sight were sick at heart,	All who beheld him so honourable in their hearts were sighing,	672 Al þat se3 þat semly syked in hert,
And all said to each other softly, in the same breath,	and assenting in sooth one said to another,	673 And sayde soþly al same segges til oþer,
In care for that comely knight, 'By Christ, it is evil	grieving for that good man: 'Before God, 'tis a shame	674 Carande for þat comly: 'Bi Kryst, hit is scaþe
That yon lord should be lost, who lives so nobly!	that thou, lord, must be lost, who art in life so noble!	675 Þat þou, leude, schal be lost, þat art of lyf noble!
To find his fellow on earth, in faith, is not easy.	To meet his match among men, Marry, 'tis not easy!	676 To fynde hys fere vpon folde, in fayth, is not eþe.
It would have been wiser to have worked more warily,	To behave with more heed would have behoved one of sense,	677 Warloker to haf wro3t had more wyt bene,
And to have dubbed the dear man a duke for the realm.	and that dear lord duly a duke to have made,	678 And haf dy3t 3onder dere a duk to haue worþed;
A magnificent master of men he might have been,	illustrious leader of liegemen in this land as befits him;	679 A lowande leder of ledez in londe hym wel semez,
And so had a happier fate than to be utterly destroyed,	and that would better have been than to be butchered to death,	680 And so had better haf ben þen britned to no3t,
Beheaded by an unearthly being out of arrogance.	beheaded by an elvish man for an arrogant vaunt.	681 Hadet wyth an aluisch mon, for angardez pryde.
Who supposed the Prince would approve such counsel	Who can recall any king that such a course ever took	682 Who knew euer any kyng such counsel to take
As is giddily given in Christmas games by knights?'	As knights quibbling at court at their Christmas games!'	683 As kny3tez in cauelaciounz on Crystmasse gomnez!'
Many were the watery tears that whelmed from weeping eyes,	Many warm tears outwelling there watered their eyes,	684 Wel much watz þe warme water þat waltered of y3en,
When on quest that worthy knight went from the court	when that lord so beloved left the castle	685 When þat semly syre so3t fro þo wonez
That day.	that day.	686 þad daye.
He faltered not nor feared,	No longer he abode,	687 He made non abode,
But quickly went his way:	but swiftly went his way;	688 Bot wy3tly went hys way;
His road was rough and weird,	bewildering ways he rode,	689 Mony wylsum way he rode,
Or so the stories say.	as the book I heard doth say.	690 Þe bok as I herde say.

Estrofe 30

Brian Stone	Tolkien	Original
Now the gallant Sir Gawain in God's name goes Riding through the realm of Britain, no rapture in his mind. Often at night he happened on neither house nor host, Nor found placed before him the food that he liked – He had no comrade but his courser in the country woods and hills, No traveller to talk to on the track but God, Till he was nearly nigh to Northern Wales. The isles of Anglesey he kept always on his left, And fared across the fords by the foreshore Over at Holy Head[238] to the other side Into the wildernesss of Wirral[239], where few dwelled Who granted any good to God or man. And always as he went, he asked whomever he met If they knew or had knowledge of a knight in green, Or could guide him to the ground where a green chapel stood. And there was none but said him nay, for never in their lives Had they set eyes on someone of such a hue As green. His way was wild and strange, By banks where none had been. His mood would many times change Before that fane was seen.	Now he rides thus arrayed through the realm of Logres, Sir Gawain in God's care, though no game now he found it. Oft forlorn and alone he lodged of a night where he found not afforded him such fare as pleased him. He had no friend but his horse in the forests and hills, no man on his march to commune with but God, till anon he drew near unto Northern Wales. All the isles of Anglesey he held on his left, and over the fords he fared by the flats near the sea, and then over by the Holy Head to high land again in the wilderness of Wirral: there wandered but few who with goodwill regarded either God or mortal. And ever he asked as he went on of all whom he met if they had heard any news of a knight that was green in any ground thereabouts, or of the Green Chapel. And all denied it, saying nay, and that never in their lives a single man had they seen that of such a colour could be. The knight took pathways strange by many a lonesome lea, and oft his view did change that chapel ere he could see.	691 Now ridez þis renk þurȝ þe ryalme of Logres, 692 Sir Gauan, on Godez halue, þaȝ hym no gomen þoȝt. 693 Oft leudlez alone he lengez on nyȝtez 694 Þer he fonde noȝt hym byfore þe fare þat he lyked. 695 Hade he no fere bot his fole bi frythez and dounez, 696 Ne no gome bot God bi gate wyth to karp, 697 Til þat he neȝed ful neghe into þe Norþe Walez. 698 Alle þe iles of Anglesay on lyft half he haldez, 699 And farez ouer þe fordez by þe forlondez, 700 Ouer at þe Holy Hede, til he hade eft bonk 701 In þe wyldrenesse of Wyrale; wonde þer bot lyte 702 Þat auþer God oþer gome wyth goud hert louied. 703 And ay he frayned, as he ferde, at frekez þat he met, 704 If þay hade herde any karp of a knyȝt grene, 705 In any grounde þeraboute, of þe grene chapel; 706 And al nykked hym wyth nay, þat neuer in her lyue 707 Þay seȝe neuer no segge þat watz of suche hwez 708 of grene. 709 Þe knyȝt tok gates straunge 710 In mony a bonk vnbene, 711 His cher ful oft con chaunge 712 Þat chapel er he myȝt sene.

[238] This place is clearly not in the position of modern Holyhead. It has been suggested that the ford across the Deeat Holywell is meant. There Caradoc, Prince of Wales, struck off St. Winifred's head after she had refused his advances. Where the head fell, the holy well broke out. St. Benno restored her to life, and the white circle round her neck remained as testimony of her fidelity to Christ. Sir Gawain would be interested in the mark on the neck.

[239] In the fourteenth century the Wilderness of Wirral had become a refuge for vagabonds and outlaws to such an extent that in July 1376 Edward III, on the petition of the citizens of Chester, ordered the deforestation of the area.

Estrofe 31

Brian Stone	Tolkien	Original
He rode far from his friends, a forsaken man, Scaling many cliffs in a country unknown. At every bank or beach where the brave man crossed water, He found a foe in front of him, except by a freak of chance, And so foul and fierce a one that he was forced to fight. So many marvels did the man meet in the mountains, It would be too tedious to tell a tenth of them. He had death-struggles with dragons, did battle with wolves, Warred with wild trolls that dwelt among the crags, Battled with bulls and bears and boars at other times, And ogres that panted after him on the high fells. Had he not been doughty in endurance and dutiful to God, Certainly he had been slain and slaughtered many times. Yet the warring little worried him; worse was the winter, When the cold clear water cascaded from the clouds And froze before it could fall to the fallow earth. Half-slain by the sleet, he slept in his armour Night after night among the naked rocks, Where the cold streams ran clattering from the crests above And hung high over his head in hard icicles. So in peril and pain, in parlous plight, This knight covered the country till Christmas Eve Alone; And he that eventide To Mary made his moan, And begged her be his guide Till some shelter should be shewn.	Many a cliff he climbed o'er in countries unknown, far fled from his friends without fellowship he rode. At every wading or water on the way that he passed he found a foe before him, save at few for a wonder; and so foul were they and fell that fight he must needs. So many a marvel in the mountains he met in those lands that 'twould be tedious the tenth part to tell you thereof. At whiles with worms he wars, and with wolves also, at whiles with wood-trolls that wandered in the crags, and with bulls and with bears and boars, too, at times; and with ogres that hounded him from the heights of the fells. Had he not been stalwart and staunch and steadfast in God, he doubtless would have died and death had met often; for though war wearied him much, the winter was worse, when the cold clear water from the clouds spilling froze ere it had fallen upon the faded earth. Wellnigh slain by the sleet he slept ironclad more nights than enow in the naked rocks, where clattering from the crest the cold brook tumbled, and hung high o' er his head in hard icicles. Thus in peril and pain and in passes grievous till Christmas-eve that country he crossed all alone in need. The Knight did at that tide his plaint to Mary plead, her rider's road to guide and to some lodging lead.	713 Mony klyf he ouerclambe in contrayez straunge, 714 Fer floten fro his frendez fremedly he rydez. 715 At vche warþe oþer water þer þe wyȝe passed 716 He fonde a foo hym byfore, bot ferly hit were, 717 And þat so foule and so felle þat feȝt hym byhode. 718 So mony meruayl bi mount þer þe mon fyndez, 719 Hit were to tore for to telle of þe tenþe dole. 720 Sumwhyle wyth wormez he werrez, and with wolues als, 721 Sumwhyle wyth wodwos, þat woned in þe knarrez, 722 Boþe wyth bullez and berez, and borez oþerquyle, 723 And etaynez, þat hym anelede of þe heȝe felle; 724 Nade he ben duȝty and dryȝe, and Dryȝtyn had serued, 725 Douteles he hade ben ded and dreped ful ofte. 726 For werre wrathed hym not so much þat wynter nas wors, 727 When þe colde cler water fro þe cloudez schadde, 728 And fres er hit falle myȝt to þe fale erþe; 729 Ner slayn wyth þe slete he sleped in his yrnes 730 Mo nyȝtez þen innoghe in naked rokkez, 731 Þer as claterande fro þe crest þe colde borne rennez, 732 And henged heȝe ouer his hede in hard iisse-ikkles. 733 Þus in peryl and payne and plytes ful harde 734 Bi contray cayrez þis c, tyl Krystmasse euen, 735 al one; 736 Þe knyȝt wel þat tyde 737 To Mary made his mone, 738 Þat ho hym red to ryde 739 And wysse hym to sum wone.

Estrofe 32

Brian Stone	Tolkien	Original
Merrily in the morning by a mountain he rode Into a wondrously wild wood in a valley, With high hills on each side overpeering a forest Of huge heavy oaks, a hundred together The hazel and the hawthorn were intertwined, And all was overgrown with hoar-frosted moss, And on the bleak branches birds in misery Piteously piped away, pinched with cold. The gallant knight on Gringolet galloped under them Through many a swamp and marsh, a man all alone, Afraid of missing the functions of the feast day to come, And not seeing the service of Him who that same night Of a virgin was verily born to be victor over our strife. And so, sighing, he said, 'I beseech thee, Lord, And thee, Mary, mildest mother so dear, That I may happen on some haven and there hear High Mass And Matins tomorrow morning: meekly I ask it, And promptly thereto I pray my Pater and Ave And Creed.' He crossed himself and cried For his sins, and said, 'Christ speed My cause, His cross my guide!' So prayed he, spurring his steed.	By a mount in the morning merrily he was riding Into a forest that was deep and fearsomely wild, with high hills at each hand, and hoar woods beneath of huge aged oaks by the hundred together; the hazel and the hawthorn were huddled and tangled with rough ragged moss around them trailing, with many birds bleakly on the bare twigs sitting that piteously piped there for pain of the cold. The good man on Gringolet goes now beneath them through many marshes and mires, a man all alone, troubled lest a truant at that time he should prove from the service of the sweet Lord, who on that selfsame night of a maid became man our mourning to conquer. And therefore sighing he said: 'I beseech thee, O Lord, and Mary, who is the mildest mother most dear, for some harbour where with honour I might hear the Mass and thy Matins tomorrow. This meekly I ask, and thereto promptly I pray with Pater and Ave and Creed.' In prayer he now did ride, lamenting his misdeed; he blessed him oft and cried, 'The Cross of Christ me speed!'	740 Bi a mounte on þe morne meryly he rydes 741 Into a forest ful dep, þat ferly watz wylde, 742 Hiȝe hillez on vche a halue, and holtwodez vnder 743 Of hore okez ful hoge a hundreth togeder; 744 Þe hasel and þe haȝborne were harled al samen, 745 With roȝe raged mosse rayled aywhere, 746 With mony bryddez vnblyþe vpon bare twyges, 747 Þat pitosly þer piped for pyne of þe colde. 748 Þe gome vpon Gryngolet glydez hem vnder, 749 Þurȝ mony misy and myre, mon al hym one, 750 Carande for his costes, lest he ne keuer schulde 751 To se þe seruyse of þat syre, þat on þat self nyȝt 752 Of a burde watz borne oure baret to quelle; 753 And þerfore sykyng he sayde, 'I beseche þe, lorde, 754 And Mary, þat is myldest moder so dere, 755 Of sum herber þer heȝly I myȝt here masse, 756 Ande þy matynez to-morne, mekely I ask, 757 And þerto prestly I pray my pater and aue 758 and crede.' 759 He rode in his prayere, 760 And cryed for his mysdede, 761 He sayned hym in syþes sere, 762 And sayde 'Cros Kryst me spede!'

Estrofe 33

Brian Stone	Tolkien	Original
Thrice the sign of the Saviour on himself he had made, When in the wood he was aware of a dwelling with a moat On a promontory above a plateau, penned in by the boughs And tremendous trunks of trees, and trench about. The comeliest castle ever acquired by a knight, It was placed in an impregnable palisade Of pointed stakes, on a plain with a park all round, Containing many trees in its two-mile circumference. The courteous knight contemplated the castle from one side As it shimmered and shone through the shining oaks. Then he heaved off his helmet and heartily thanked Jesus and Saint Julian[240], two gentle patrons Who had given him grace and gratified his wish. 'Now grant it be good lodging!' the gallant knight said. Then he goaded Gringolet with his golden heels, And mostly by chance emerged on the main highway, Which brought the brave man to the bridge's end With one cast. The drawbridge vertical, The gates shut firm and fast, The well-provided wall – It blenched at never a blast.	The sign on himself he had set but thrice, ere a mansion he marked within a moat in the forest, on a low mound above a lawn, laced under the branches of many a burly bole round about by the ditches: the castle most comely that ever a king possessed placed amid a pleasance with a park all about it, within a palisade of pointed pales set closely that took its turn round the trees for two miles or more. Gawain from the one side gazed on the stronghold as it shimmered and shone throught the shining oaks, and then humbly he doffed his helm, and with honour he thanked Jesus and Saint Julian, who generous are both, Who had courtesy accorded him and to his cry harkened. 'Now bon hostel,' quoth the knight, 'I beg of you still!' Then he goaded Gringolet with his gilded heels, and he chose by good chance the chief pathway and brought his master bravely to the bridge's end at last. That brave bridge was up-hauled, the gates were bolted fast; the castle was strongly walled, it feared no wind or blast.	763 NADE he sayned hymself, segge, bot þrye, 764 Er he watz war in þe wod of a won in a mote, 765 Abof a launde, on a lawe, loken vnder boȝez 766 Of mony borelych bole aboute bi þe diches: 767 A castel þe comlokest þat euer knyȝt aȝte, 768 Pyched on a prayere, a park al aboute, 769 With a pyked palays pyned ful þik, 770 Þat vmbeteȝe mony tre mo þen two myle. 771 Þat holde on þat on syde þe haþel auysed, 772 As hit schemered and schon þurȝ þe schyre okez; 773 Þenne hatz he hendly of his helme, and heȝly he þonkez 774 Jesus and sayn Gilyan, þat gentyle ar boþe, 775 Þat cortaysly had hym kydde, and his cry herkened. 776 'Now bone hostel,' coþe þe burne, 'I beseche yow ȝette!' 777 Þenne gerdez he to Gryngolet with þe gilt helez, 778 And he ful chauncely hatz chosen to þe chef gate, 779 Þat broȝt bremly þe burne to þe bryge ende 780 in haste. 781 Þe bryge watz breme vpbrayde, 782 Þe ȝatez wer stoken faste, 783 Þe wallez were wel arayed, 784 Hit dut no wyndez blaste.

[240] Sir Gawain thanks St Julian as the patron saint of travelers.

Estrofe 34

Brian Stone	Tolkien	Original
The knight, still on his steed, stayed on the bank Of the deep double ditch that drove round the place.[241] Into the water the wall went wondrously deep, And then to a huge height upwards it reared In hard hewn stone, up to the cornice, Which was buttressed under the battlements in the best style With protruding turrets between, equipped With loopholes interlinked with lovely ornament. No better barbican had ever been beheld by that knight, And inside he could see a splendid high hall With towers and turrets on top, all tipped with crenellations, And pretty pinnacles placed along its length, With carved copes, cunningly worked. Many chalk-white chimneys the chevalier saw On the tops of towers twinkling whitely – And so many painted pinnacles disposed everywhere, Congregated in clusters beyond the castle embrasures, That it appeared like a prospect of paper patterning. To the gallant knight on Gringolet it seemed good enough If he could ever gain entrance to the inner court, And harbour in that house while Holy Day lasted. Well cheered. He hailed, and at a height A civil porter appeared, Who welcomed the wandering knight, And his inquiry heard.	Then he stayed his steed that on the steep bank halted above the deep double ditch that was drawn round the place. The wall waded in the water wondrous deeply, and up again to a huge height in the air it mounted, all of hard hewn stone to the high cornice, fortified under the battlement in the best fashion and topped with fair turrets set by turns about that had many graceful loopholes with a good outlook: that knight a better barbican had never seen built. And inwards he beheld the hall uprising, tall towers set in turns, and as tines clustering the fair finials, joined featly, so fine and so long, their capstones all carven with cunning and skill. Many chalk-white chimneys he chanced to espy upon the roofs of towers all radiant white; so many a painted pinnacle was peppered about, among the crenelles of the castle clustered so thickly that all pared out of paper it appeared to have been. The gallant knight on his great horse good enough thought it, if he could come by any course that enclosure to enter, to harbour in that hostel while the holy day lasted with delight. He called, and there came with speed a porter blithe and bright; on the wall he learned his need, and hailed the errant knight.	785 Þe burne bode on blonk, þat on bonk houed 786 Of þe depe double dich þat drof to þe place; 787 Þe walle wod in þe water wonderly depe, 788 Ande eft a ful huge heȝt hit haled vpon lofte 789 Of harde hewen ston vp to þe tablez, 790 Enbaned vnder þe abataylment in þe best lawe; 791 And syþen garytez ful gaye gered bitwene, 792 Wyth mony luflych loupe þat louked ful clene: 793 A better barbican þat burne blusched vpon neuer. 794 And innermore he behelde þat halle ful hyȝe, 795 Towres telded bytwene, trochet ful þik, 796 Fayre fylyolez þat fyȝed, and ferlyly long, 797 With coruon coprounes craftyly sleȝe. 798 Chalkwhyt chymnees þer ches he innoȝe 799 Vpon bastel rouez, þat blenked ful quyte; 800 So mony pynakle payntet watz poudred ayquere, 801 Among þe castel carnelez clambred so þik, 802 Þat pared out of papure purely hit semed. 803 Þe fre freke on þe fole hit fayr innoghe þoȝt, 804 If he myȝt keuer to com þe cloyster wythinne, 805 To herber in þat hostel whyl halyday lested, 806 auinant. 807 He calde, and sone þer com 808 A porter pure plesaunt, 809 On þe wal his ernd he nome, 810 And haylsed þe knyȝt erraunt.

[241] The castle which the poet now proceeds to describe is of the highly ornamented kind introduced late in the fourteenth century. Possibly a building something like Caernarvon Castle was in his mind.

Estrofe 35

Brian Stone	Tolkien	Original
‘Good sir,’ said Gawain, ‘will you give my message To the high lord of this house, that I ask for lodging?’ ‘Yes, by Saint Peter,’ replied the porter, ‘and I think You may lodge here as long as you like, sir knight.’ Then away he went, and swiftly returned With a host of well-wishers to welcome the knight. They let down the drawbridge and in a dignified way They came out and did honour to him by kneeling On the cold ground courteously, according worthy welcome. They granted passage through the gate, which gaped wide open, And he reverently raised them and rode across the bridge. Servitors held his saddle while he stepped down, And his steed was stabled by strong men in plenty. Then squires and knights descended ceremoniously To bring the bold knight blithely into hall. When he took off his helmet, many hurried forward To receive it and to serve this stately man, And his bright sword and buckler were both taken as well. Then graciously he greeted each gallant knight, And many proud men pressed forward to pay their respects. Garbed in his fine garments, he was guided to the hall, Where a fair fire on the hearth fiercely burned. Then the prince of those people appeared from his chamber To meet in mannerly style the man in his hall. His first words were, ‘You are welcome to dwell here: Treat everything as your own, and have what you please In this place.’ ‘I yield my best thanks yet: May Christ make good your grace!’ Said Gawain and, gladly met, They clasped in close embrace.	‘Good sir’, quoth Gawain, ‘will you go with my message to the high lord of this house for harbour to pray?’ ‘Yes, by Peter!’ quoth the porter, ‘and I promise indeed that you will, sir, be welcome while you wish to stay here.’ Then quickly the man went and came again soon, servants bringing civilly to receive there the knight. They drew down the great drawbridge, and duly came forth, and on the cold earth on their knees in courtesy knelt to welcome this wayfarer with such worship as they knew. They delivered him the broad gates and laid them wide open, and he readily bade them rise and rode o’er the bridge. Several servants they seized the saddle as he alighted, and many stout men his steed to a stable then led, while knights and esquires anon descended to guide there in gladness this guest to the hall. When he raised up his helm many ran there in haste to have it from his hand, his highness to serve; his blade and his blazon both they took charge of. Then he greeted graciously those good men all, and many were proud to approach him, that prince to honour. All hasped in his harness to hall they brought him, where a fair blaze in the fireplace fiercely was burning. Then the lord of that land leaving his chamber came mannerly to meet the man on the floor. He said: ‘You are welcome at your wish to dwell here. What is here, all is your own, to have in your rule and sway.’ ‘Gramercy!’ quoth Gawain, ‘May Christ you this repay!’ As men that to meet were fain they both embraced that day.	811 'Gode sir,' quoþ Gawan, 'woldez þou go myn ernde 812 To þe heȝ lorde of þis hous, herber to craue?' 813 'Ȝe, Peter,' quoþ þe porter, 'and purely I trowee 814 Þat ȝe be, wyȝe, welcum to won quyle yow lykez.' 815 Þen ȝede þe wyȝe ȝerne and com aȝayn swyþe, 816 And folke frely hym wyth, to fonge þe knyȝt. 817 Þay let doun þe grete draȝt and derely out ȝeden, 818 And kneled doun on her knes vpon þe colde erþe 819 To welcum þis ilk wyȝ as worþy hom þoȝt; 820 Þay ȝolden hym þe brode ȝate, ȝarked vp wyde, 821 And he hem raysed rekenly, and rod ouer þe brygge. 822 Sere seggez hym sesed by sadel, quel he lyȝt, 823 And syþen stabeled his stede stif men innoȝe. 824 Knyȝtez and swyerez comen doun þenne 825 For to bryng þis buurne wyth blys into halle; 826 Quen he hef vp his helme, þer hiȝed innoghe 827 For to hent hit at his honde, þe hende to seruen; 828 His bronde and his blasoun boþe þay token. 829 Þen haylsed he ful hendly þo haþelez vchone, 830 And mony proud mon þer presed þat prynce to honour. 831 Alle hasped in his heȝ wede to halle þay hym wonnen, 832 Þer fayre fyre vpon flet fersly brenned. 833 Þenne þe lorde of þe lede loutez fro his chambre 834 For to mete wyth menske þe mon on þe flor; 835 He sayde, 'Ȝe ar welcum to welde as yow lykez 836 Þat here is; al is yowre awen, to haue at yowre wylle 837 and welde.' 838 'Graunt mercy,' quoþ Gawayn, 839 'Þer Kryst hit yow forȝelde.' 840 As frekez þat semed fayn 841 Ayþer oþer in armez con felde.

Estrofe 36

Brian Stone	Tolkien	Original
Gawain gazed at the gallant who had greeted him well And it seemed to him the stronghold possessed a brave lord, A powerful man in his prime, of stupendous size. His beard of ruddy brown was broad and bright; Stoutly he strode about on stalwart legs; His face was fierce as fire, free was his speech, And he seemed in good sooth a suitable man To be a prince of a people with companions of mettle. This prince led him to an apartment and expressly commanded That a man be commissioned to minister to Gawain; And at his bidding a band of men bent to serve Brought him to a beautiful room where the bedding was noble. The bed-curtains, of brilliant silk with bright gold hems, Had skilfully-sewn coverlets with comely panels, And the fairest fur on the fringes was worked. With ruddy gold rings on the cords ran the curtains; Tapestry of Toulouse silk and Turkestan stuff Furbished the walls and the floor underfoot as well. There amid merry talk the man was disrobed, And stripped of his battle-sark and his splendid clothes. Retainers readily brought him rich robes Of the choicest kind to choose from and change into. Promptly he showed his preference and put on a robe That sat on him in style, with spreading skirts. And certainly it seemed spring-like to look on To each knight who eyed all its hues; And his lithe limbs below it showed lovely and glowing. Jesus never made, so men judged, more gentle and handsome A knight: From wherever in the world he were, At sight it seemed he might Be a prince without a peer In a field where fell men fight.	Gawain gazed at the good man who had greeted him kindly, and he thought bold and big was the baron of the castle, very large and long, and his life at the prime: broad and bright was his beard, and all beaver-hued, stern, strong in his stance upon stalwart legs, his face fell as fire, and frank in his speech; and well it suited him, in sooth, as it seemed to the knight, a lordship to lead untroubled over lieges trusty. To a chamber the lord drew him, and charged men at once to assign him an esquire to serve and obey him; and there to wait on his word many worthy men were, who brought him to a bright bower where the bedding was splendid: there were curtains of costly silk with clear-golden hems, and coverlets cunning-wrought with quilts more lovely of bright ermine above, embroidered at the sides, hangings running on ropes with red-gold rings, carpets of costly damask that covered the walls and the floor under foot fairly to match them. There they despoiled him, speaking to him gaily, his byrnie doing off and his bright armour. Rich robes then readily men ran to bring him, for him to change, and to clothe him, having chosen the best. As soon as he had donned one and dressed was therein, as it sat on him seemly with its sailing skirts, then verily in his visage a vision of Spring to each man there appeared, and in marvellous hues bright and beautiful was all his body beneath. That knight more noble was never made by Christ they thought. He came none knew from where, but it seemed to them he ought to be a prince beyond compare in the field where fell men fought.	842 Gawayn gly3t on þe gome þat godly hym gret, 843 And þu3t hit a bolde burne þat þe bur3 a3te, 844 A hoge haþel for þe nonez, and of hyghe eldee; 845 Brode, bry3t, watz his berde, and al beuer-hwed, 846 Sturne, stif on þe stryþþe on stalworth schonkez, 847 Felle face as þe fyre, and fre of hys speche; 848 And wel hym semed, for soþe, as þe segge þu3t, 849 To lede a lortschyp in lee of leudez ful gode. 850 Þe lorde hym charred to a chambre, and chefly cumaundez 851 To delyuer hym a leude, hym lo3ly to serue; 852 And þere were boun at his bode burnez inno3e, 853 Þat bro3t hym to a bry3t boure, þer beddyng watz noble, 854 Of cortynes of clene sylk wyth cler golde hemmez, 855 And couertorez ful curious with comlych panez 856 Of bry3t blaunner aboue, enbrawded bisydez, 857 Rudelez rennande on ropez, red golde ryngez, 858 Tapitez ty3t to þe wo3e of tuly and tars, 859 And vnder fete, on þe flet, of fol3ande sute. 860 Þer he watz dispoyled, wyth spechez of myerþe, 861 Þe burn of his bruny and of his bry3t wedez. 862 Ryche robes ful rad renkkez hym bro3ten, 863 For to charge, and to chaunge, and chose of þe best. 864 Sone as he on hent, and happed þerinne, 865 Þat sete on hym semly wyth saylande skyrtez, 866 Þe ver by his uisage verayly hit semed 867 Welne3 to vche haþel, alle on hwes 868 Lowande and lufly alle his lymmez vnder, 869 Þat a comloker kny3t neuer Kryst made 870 hem þo3t. 871 Wheþen in worlde he were, 872 Hit semed as he mo3t 873 Be prynce withouten pere 874 In felde þer felle men fo3t.

Estrofe 37

Brian Stone	Tolkien	Original
At the chimneyed hearth where charcoal burned, a chair was placed	A chair before the chimney where charcoal was burning	875 A cheyer byfore þe chemné, þer charcole brenned,
For Sir Gawain in gracious style, gorgeously decked	was made ready in his room, all arrayed and covered	876 Watz grayþed for Sir Gawan grayþely with cloþez,
With cushions on quilted work, both cunningly wrought;	with cushions upon quilted cloths that were cunningly made.	877 Whyssynes vpon queldepoyntes þat koynt wer boþe;
And then a magnificent mantle, maroon in hue,	Then a comely cloak was cast about him	878 And þenne a meré mantyle watz on þat mon cast
Of the finest fabric, and fur-lined with ermine,	of bright silk brocade, embroidered most richly	879 Of a broun bleeaunt, enbrauded ful ryche
As was the hood, was elegantly laid on him;	and furred fairly within with fells of the choicest	880 And fayre furred wythinne with fellez of þe best,
Perfect were the pelts, the most precious on earth.	and all edged with ermine, and its hood was to match;	881 Alle of ermyn in erde, his hode of þe same;
In that splendid seat he sat in dignity,	and he sat in that seat seemly and noble	882 And he sete in þat settel semlych ryche,
And warmth came to him at once, bringing well-being.	and warmed himself with a will, and then his woes were amended.	883 And achaufed hym chefly, and þenne his cher mended.
Soon on trusty trestles a table was put up,	Soon up on good trestles a table was raised	884 Sone watz telded vp a tabil on trestez ful fayre,
Then covered with a cloth shining clean and white,	and clad with a clean cloth clear white to look on;	885 Clad wyth a clene cloþe þat cler quyt schewed,
And set with silver spoons, salt-cellars and napkins.	there was surnape, salt-cellar, and silvern spoons.	886 Sanap, and salure, and syluerin sponez.
The worthy knight washed willingly, and went to his meat.	He then washed as he would and went to his food,	887 Þe wy3e wesche at his wylle, and went to his mete.
In seemly enough style servants brought him	and many worthy men with worship waited upon him;	888 Seggez hym serued semly inno3e
Several fine soups, seasoned lavishly	soups they served of many sorts, seasoned most choicely,	889 Wyth sere sewes and sete, sesounde of þe best,
Twice-fold, as in fitting, and fish of all kinds –	in double helpings, as was due, and divers sorts of fish;	890 Double-felde, as hit fallez, and fele kyn fischez,
Some baked in bread, some browned on coals,	some baked in bread, some broiled on the coals,	891 Summe baken in bred, summe brad on þe gledez,
Some seethed, some stewed and savoured with spice,	some seethed, some in gravy savoured with spices,	892 Summe soþen, summe in sewe sauered with spyces,
But always subtly sauced, and so the man liked it.	and all with condiments so cunning that it caused him delight.	893 And ay sawes so sle3e þat þe segge lyked.
The gentle knight generously judged it a feast,	A fair feast he called it frankly and often,	894 Þe freke calde hit a fest ful frely and ofte
And often said so, while the servers spurred him on thus	graciously, when all the good men together there pressed him:	895 Ful hendely, quen alle þe haþeles rehayted hym at onez,
As he ate:	'Now pray,	896 'As hende,
'This present penance[242] do;	this penance deign to take;	897 Þis penaunce now 3e take,
It soon shall be offset.'	'twill improve another day!'	898 And eft hit schal amende.'
The knight rejoiced anew,	The man much mirth did make,	899 Þat mon much merþe con make,
For the wine his spirits whet.	for wine to his head made way.	900 For wyn in his hed þat wende.

[242] 'Penance'. As it is Christmas Eve, the fast day before the great feast begins, no meat is served, and hence the servers call the meal a penance, although Gawain, in recognition of the numerous ways in wish fish is presented, politely judges it to be a feast.

Estrofe 38

Brian Stone	Tolkien	Original
Then politely they put to that prince questions	Then inquiry and question were carefully put	901 Þenne watz spyed and spured vpon spare wyse
In due form designed to draw him out,	touching personal points to that prince himself,	902 Bi preué poyntez of þat prynce, put to hymseluen,
So that he courteously conceded that he came of that court	till he courteously declared that to the court he belonged	903 Þat he beknew cortaysly of þe court þat he were
Where high-souled Arthur held sway alone,	that high Arthur in honour held his sway,	904 Þat aþel Arthure þe hende haldez hym one,
Ruler most royal of the Round Table;	who was the right royal King of the Round Table,	905 Þat is þe ryche ryal kyng of þe Rounde Table,
And that Sir Gawain himself now sat in the house,	and 'twas Gawain himself that as their guest now sat	906 And hit watz Wawen hymself þat in þat won syttez,
Having come that Christmas, by course of fortune.	and had come for that Christmas, as the case had turned out.	907 Comen to þat Krystmasse, as case hym þen lymped.
Loudly laughed the lord when he learned what knight	When the lord had learned whom luck had brought him,	908 When þe lorde hade lerned þat he þe leude hade,
He had in his house; such happiness is brought	loud laughed he thereat, so delighted he was,	909 Loude laȝed he þerat, so lef hit hym þoȝt,
That all the men within the moat made merry,	and they made very merry, all the men in that castle,	910 And alle þe men in þat mote maden much joye
And promptly appeared in the presence of Gawain,	and to appear in the presence were pressing and eager	911 To apere in his presense prestly þat tyme,
To whose person are proper all prowess and worth,	of one who all profit and prowess and perfect manners	912 Þat alle prys and prowes and pured þewes
And pure and perfect manners, and paises unceasing.	comprised in his person, and praise ever gained;	913 Apendes to hys persoun, and praysed is euer;
His reputation rates first in the ranks of men.	of all men on middle-earth he most was admired.	914 Byfore alle men vpon molde his mensk is þe most.
Then each knight drew near to his neighbour and said,	Softly each said then in secret to his friend:	915 Vch segge ful softly sayde to his fere:
Softly, 'Now shall we observe the seemliest manners	'Now fairly shall we mark the fine points of manners,	916 'Now schal we semlych se sleȝtez of þewez
And faultless figures of virtuous discourse.	and the perfect expressions of polished converse.	917 And þe teccheles termes of talkyng noble,
Without asking we may hear what utterance is lofty,	How speech is well spent will be expounded unasked,	918 Wich spede is in speche vnspurd may we lerne,
Since we have seized upon this scion of good breeding.	since we have found here this fine father of breeding.	919 Syn we haf fonged þat fyne fader of nurture.
God has given us of his grace good measure,	God has given us of His goodness His grace now indeed,	920 God hatz geuen vus his grace godly for soþe,
In granting us such a guest as Gawain is,	Who such a guest as Gawain has granted us to have!	921 Þat such a gest as Gawan grauntez vus to haue,
When, contended at Christ's birth, the courtiers shall sit	When blissful men at board for His birth sing blithe	922 When burnez blyþe of his burþe schal sitte
And sing.	at heart,	923 and synge.
This noble knight will prove	what manners high may mean	924 In menyng of manerez mere
What manners the mighty bring;	this knight will now impart.	925 Þis burne now schal vus bryng,
His converse of courtly love	Who hears him will, I ween	926 I hope þat may hym here
Shall spur our studying.'	of love-speech learn some art.'	927 Schal lerne of luf-talkyng.'

Estrofe 39

Brian Stone	Tolkien	Original
When the fine man had finished his food and risen, It was nigh and near to the night's mid-hour. Priests to their prayers paced their way And rang the bells royally, as rightly they should, To honour that high feast with evensong. The lord inclines to prayer, the lady too; Into her private pew she prettily walks; Gawain advances gaily and goes there quickly, But the lord gripped his gown and guided him to his seat, Acknowledged him by name and benevolently said In the whole world he was the most welcome of men. Gawain spoke his gratitude, they gravely embraced, And sat in serious mood the whole service through. Then the lady had a longing to look on the knight; With her bevy of beauties she abandoned her pew. Most beautiful of body and bright of complexion, Most windsome in ways of all women alive, She seemed to Sir Gawain, excelling Guinevere. To squire that splendid dame, he strode through the chancel. Another lady led her by the left hand, A matron, much older, past middle age, Who was highly honoured by an escort of squires. Most unlike to look on those ladies were, For if the one was winsome, then withered was the other. Hues rich and rubious were arrayed on the one, Rough rinkles on the other rutted the cheeks. Kerchiefed with clear pearl clustering, was the one, Her breast and bright throat bare to the sight, Shining like sheen of snow shed on the hills; The other was wathed with a wimple wound to the throat And choking her swarthy chin in chalk-white veils. On her forehead were folded enveloping silks, Trellised about with trefoils and tiny rings. Nothing was bare on that beldame but the black brows, The two eyes, protruding nose and stark lips, And those were a sorry sight and exceedingly bleary: A grand lady, God knows, of greatness in the world Well tried! Her body was stumpy and squat, Her buttocks bulging and wide; More pleasure a man could plot With the sweet one at her side.	When his dinner was done and he duly had risen, it now to the night-time very near had drawn. The chaplains then took to the chapel their way and rang the bells richly, as rightly they should, for the solemn evensong of the high season. The lord leads the way, and his lady with him; into a goodly oratory gracefully she enters. Gawain follows gladly, and goes there at once and the lord seizes him by the sleeve and to a seat leads him, kindly acknowledges him and calls him by his name, saying that most welcome he was of all guests in the world. And he grateful thanks gave him, and each greeted the other, and they sat together soberly while the service lasted. Then the lady longed to look at this knight; and from her closet she came with many comely maidens. She was fairer in face, in her flesh and her skin, her proportions, her complexion, and her port than all others, and more lovely than Guinevere to Gawain she looked. He came through the chancel to pay court to her grace; leading her by the left hand another lady was there who was older than she, indeed ancient she seemed, and held in high honour by all men about her. But unlike in their looks those ladies appeared, for if the younger was youthful, yellow was the elder; with rose-hue the one face was richly mantled, rough wrinkled cheeks rolled on the other; on the kerchiefs of the one many clear pearls were, her breast and bright throat were bare displayed, fairer than white snow that falls on the hills; the other was clad with a cloth that enclosed all her neck, enveloped was her black chin with chalk-white veils, her forehead folded in silk, and so fumbled all up, so topped up and trinketed and with trifles bedecked that naught was bare of that beldame but her brows all black, her two eyes and her nose and her naked lips, and those were hideous to behold and horribly bleared; that a worthy dame she was may well, fore God, be said! short body and thick waist, with bulging buttocks spread; more delicious to the taste was the one she by her led.	928 Bi þat þe diner watz done and þe dere vp 929 Hit watz neȝ at þe niyȝt neȝed þe tyme. 930 Chaplaynez to þe chapeles chosen þe gate, 931 Rungen ful rychely, ryȝt as þay schulden, 932 To þe hersum euensong of þe hyȝe tyde. 933 Þe lorde loutes þerto, and þe lady als, 934 Into a cumly closet coyntly ho entrez. 935 Gawan glydez ful gay and gos þeder sone; 936 Þe lorde laches hym by þe lappe and ledez hym to sytte, 937 And couþly hym knowez and callez hym his nome, 938 And sayde he watz þe welcomest wyȝe of þe worlde; 939 And he hym þonkked þroly, and ayþer halched oþer, 940 And seten soberly samen þe seruise quyle. 941 Þenne lyst þe lady to loke on þe knyȝt, 942 Þenne com ho of hir closet with mony cler burdez. 943 Ho watz þe fayrest in felle, of flesche and of lyre, 944 And of compas and colour and costes, of alle oþer, 945 And wener þen Wenore, as þe wyȝe þoȝt. 946 Ho ches þurȝ þe chaunsel to cheryche þat hende. 947 An oþer lady hir lad bi þe lyft honde, 948 Þat watz alder þen ho, an auncian hit semed, 949 And heȝly honowred with haþelez aboute. 950 Bot vnlyke on to loke þo ladyes were, 951 For if þe ȝonge watz ȝep, ȝolȝe watz þat oþer; 952 Riche red on þat on rayled ayquere, 953 Rugh ronkled chekez þat oþer on rolled; 954 Kerchofes of þat on, wyth mony cler perlez, 955 Hir brest and hir bryȝt þrote bare displayed, 956 Schon schyrer þen snawe þat schedez on hillez; 957 Þat oþer wyth a gorger watz gered ouer þe swyre, 958 Chymbled ouer hir blake chyn with chalkquyte vayles, 959 Hir frount folden in sylk, enfoubled ayquere, 960 Toreted and treleted with tryflez aboute, 961 Þat noȝt watz bare of þat burde bot þe blake broȝes, 962 Þe tweyne yȝen and þe nase, þe naked lyppez, 963 And þose were soure to se and sellyly blered; 964 A mensk lady on molde mon may hir calle, 965 for Gode! 966 Hir body watz schort and þik, 967 Hir buttokez balȝ and brode, 968 More lykkerwys on to lyk 969 Watz þat scho hade on lode.

Estrofe 40

Brian Stone	Tolkien	Original
When Gawain had gazed on that gracious creature, He gained leave of the lord to go along with the ladies. He saluted the senior, sweeping a low bow, But briefly embraced the beautiful one, Kissing her in courtly style and complimenting her. They craved his acquaintance and he quickly requested To be their faithful follower, if they would so favour him. They took him between them, and talking, they led him To a high room. By the hearth they earnestly demanded Spices, which unstintingly men sped to bring, And always with heart-warming, heady wine. The lord often leaped lightly to his feet, And many a time commanded that mirth should flow. He took off his hood, hung it on a spear, And offered it as a mark of honour to whoever should prove able To make the most mirth that merry Yuletide. 'And I shall essay, I swear, to strive with the best Before this garment goes from me, by my good friends' help.' So with his mirth the mighty lord made things merry To gladden Sir Gawain with games in hall That night; Until, the time being spent, The lord demanded light. Gawain took his leave and went To rest in rare delight.	When Gawain glimpsed that gay lady that so gracious looked, with leave sought of the lord towards the ladies he went; the elder he saluted, low to her bowing, about the lovelier he laid then lightly his arms and kissed her in courtly wise with courtesy speaking. His acquaintance they requested, and quickly he begged to be their servant in sooth, if so they desired. They took him between them, and talking they led him to a fireside in a fair room, and first of all called for spices, which men sped without sparing to bring them, and ever wine therewith well to their liking. The lord for their delight leaped up full often, many times merry games being minded to make; his hood he doffed, and on high he hung it on a spear, and offered it as an honour for any to win who the most fun could devise at that Christmas feast – 'And I shall try, by my troth, to contend with the best ere I forfeit this hood, with the help of my friends!' Thus with laughter and jollity the lord made his jests to gladden Sir Gawain with games that night in hall, until the time was due that the lord for lights should call; Sir Gawain with leave withdrew and went to bed withal.	970 When Gawayn gly3t on þat gay, þat graciously loked, 971 Wyth leue la3t of þe lorde he lent hem a3aynes; 972 Þe alder he haylses, heldande ful lowe, 973 Þe loueloker he lappez a lyttel in armez, 974 He kysses hir comlyly, and kny3tly he melez. 975 Þay kallen hym of aquoyntaunce, and he hit quyk askez 976 To be her seruaunt sothly, if hemself lyked. 977 Þay tan hym bytwene hem, wyth talkyng hym leden 978 To chambre, to chemné, and chefly þay asken 979 Spycez, þat vnsparely men speded hom to bryng, 980 And þe wynnelych wyne þerwith vche tyme. 981 Þe lorde luflych aloft lepez ful ofte, 982 Mynned merthe to be made vpon mony syþez, 983 Hent he3ly of his hode, and on a spere henged, 984 And wayned hom to wynne þe worchip þerof, 985 Þat most myrþe my3t meue þat Crystenmas whyle– 986 'And I schal fonde, bi my fayth, to fylter wyth þe best 987 Er me wont þe wede, with help of my frendez.' 988 Þus wyth la3ande lotez þe lorde hit tayt makez, 989 For to glade Sir Gawayn with gomnez in halle 990 þat ny3t, 991 Til þat hit watz tyme 992 Þe lord comaundet ly3t; 993 Sir Gawen his leue con nyme 994 And to his bed hym di3t.

Estrofe 41

Brian Stone	Tolkien	Original
In the morning, when men call to mind the birth Of our dear Lord born to die for our destiny, Ecstasy wells in all hearts for His sake: And so it befell there on the feast day with fine fare. Both at main meals and minor repasts strong men served Rare dishes with fine dressings to the dais company. Highest, in the place of honour, the ancient crone sat, And the lord, so I believe, politely next. Gawain and the gay beauty together in mid-table Sat down in due order, as the dishes were served, And thereafter throughout the hall, as was held best, Graciously according to his degree, each gallant man was served. There was meat and merry-making and much delight, To such an extent that it would try me to tell of it; And I suspect it would distract me to describe the details: But yet I know the knight and the nobly pretty one Found such solace and satisfaction seated together, In their distinguished dalliance, their dignified talk, Irreproachably pure and polished repartee, That with the sport of princes their play of wit Compares. Pipes and side-drums sound, Trumpets entune their airs; Each soul its solace found, And the two were enthralled with theirs.	On the mourn when every man remembers the time that our dear Lord for our doom to die was born, in every home wakes happiness on earth for His sake. So did it there on that day with the dearest delights: at each meal and at dinner marvellous dishes men set on the dais, the daintiest meats. The old ancient woman was highest at table, meetly to her side the master he took him; Gawain and the gay lady together were seated in the centre, where as was seemly the service began, and so on through the hall as honour directed. When each good man in his degree without grudge had been served, there was food, there was festival, there was fullness of joy; and to tell all the tale of it I should tedious find, though pains I might take every point to detail. Yet I ween that Wawain and that woman so fair in companionship took such pleasure together in sweet society soft words speaking, their courteous converse clean and clear of all evil, that with their pleasant pastime no prince's sport compares. Drums beat, and trumps men wind, many pipers play their airs; each man his needs did mind, and they two minded theirs.	995 On þe morne, as vch mon mynez þat tyme 996 Þat Dry3tyn for oure destyné to de3e watz borne, 997 Wele waxez in vche a won in worlde for his sake; 998 So did hit þere on þat day þur3 dayntés mony: 999 Boþe at mes and at mele messes ful quaynt 1000 Derf men vpon dece drest of þe best. 1001 Þe olde auncian wyf he3est ho syttez, 1002 Þe lorde lufly her by lent, as I trowe; 1003 Gawan and þe gay burde togeder þay seten, 1004 Euen inmyddez, as þe messe metely come, 1005 And syþen þur3 al þe sale as hem best semed. 1006 Bi vche grome at his degré grayþely watz serued 1007 Þer watz mete, þer watz myrþe, þer watz much ioye, 1008 Þat for to telle þerof hit me tene were, 1009 And to poynte hit 3et I pyned me parauenture. 1010 Bot 3et I wot þat Wawen and þe wale burde 1011 Such comfort of her compaynye ca3ten togeder 1012 Þur3 her dere dalyaunce of her derne wordez, 1013 Wyth clene cortays carp closed fro fylþe, 1014 Þat hor play watz passande vche prynce gomen, 1015 in vayres. 1016 Trumpez and nakerys, 1017 Much pypyng þer repayres; 1018 Vche mon tented hys, 1019 And þay two tented þayres.

Estrofe 42

Brian Stone	Tolkien	Original
That day they made much merriment, and on the morrow again, And thickly the joys thronged on the third day after; But gentle was the jubilation on St John's Day, The final one for feasting, so the folk there thought. As they were guests geared to go in the grey dawn They watched the night out with wine, in wonderful style, Leaping night-long in their lordly dances. At last, when it was late, their leave-taking done, They went their ways to dwelling far off. Gawain also said good-bye, but the good host grasped him, Lead him to the hearth of his own chamber, And held him back and highly thanked him For the fine favour he had manifested to him In honouring his house that high feast-tide, And making his citadel splendid with his sparkling company: 'As long as I live, sir, my lustre shall be brighter Now Gawain has been my guest at God's own feast.' 'Great thanks, sir,' said Gawain, 'In good faith, yours, All yours is the honour, may the High King requite it! I stand at your service, knight, to satisfy your will As good use engages me, in great things and small, By right.' The prince then pressed in vain Longer to delay the knight, But Gawain urged again His departure in all despite.	With much feasting they fared the first and the next day, and as heartily the third came hastening after: the gaiety of Saint John's day was glorious to hear; [with cheer of the choicest Childermas followed,] and that finished their reels, as folk there intended, for there were guests who must go in the grey morning. So a wondrous wake they held, and the wine they drank, and they danced and danced on, and dearly they carolled. At last when it was late their leave then they sought to wend on their ways, each worthy stranger. Good-day then said Gawain, but the good man stayed him, and led him to his own chamber to the chimney-corner, and there he delayed him, and lovingly thanked him, for the pride and the pleasure his presence had brought, for so honouring his house at that high season and deigning his dwelling to adorn with his favour. 'Believe me, sir, while I live my luck I shall bless that Gawain was my guest at God's own feast.' 'Gramercy, sir,' said Gawain, 'but the goodness is yours, all the honour is your own – may the High King repay you! And I am under your orders what you ask to perform, as I am bound now to be, for better or worse, by right.' Him longer to retain the lord then pressed the knight; to him replied Gawain that he by no means might.	1020 Much dut watz þer dryuen þat day and þat oþer, 1021 And þe þryd as þro þronge in þerafter; 1022 Þe ioye of sayn Jonez day watz gentyle to here, 1023 And watz þe last of þe layk, leudez þer þoȝten. 1024 Þer wer gestes to go vpon þe gray morne, 1025 Forþy wonderly þay woke, and þe wyn dronken, 1026 Daunsed ful dreȝly wyth dere carolez. 1027 At þe last, when hit watz late, þay lachen her leue, 1028 Vchon to wende on his way þat watz wyȝe stronge. 1029 Gawan gef hym god day, þe godmon hym lachchez, 1030 Ledes hym to his awen chambre, þe chymné bysyde, 1031 And þere he draȝez hym on dryȝe, and derely hym þonkkez 1032 Of þe wynne worschip þat he hym wayued hade, 1033 As to honour his hous on þat hyȝe tyde, 1034 And enbelyse his burȝ with his bele chere: 1035 'Iwysse sir, quyl I leue, me worþez þe better 1036 Þat Gawayn hatz ben my gest at Goddez awen fest.' 1037 'Grant merci, sir,' quoþ Gawayn, 'in god fayth hit is yowrez, 1038 Al þe honour is your awen–þe heȝe kyng yow ȝelde! 1039 And I am wyȝe at your wylle to worch youre hest, 1040 As I am halden þerto, in hyȝe and in loȝe, 1041 bi riȝt.' 1042 Þe lorde fast can hym payne 1043 To holde lenger þe knyȝt; 1044 To hym answarez Gawayn 1045 Bi non way þat he myȝt.

Estrofe 43

Brian Stone	Tolkien	Original
Then with courteous inquiry the castellan asked	Then with courteous question he enquired of Gawain	1046 Then frayned þe freke ful fayre at himseluen
What fierce exploit had sent him forth, at that festive season,	what dire need had driven him on that festal date	1047 Quat derue dede had hym dryuen at þat dere tyme
From the King's court at Camelot, so quickly and alone,	with such keenness from the king's court, to come forth alone	1048 So kenly fro þe kyngez kourt to kayre al his one,
Before the holy time was over in the homes of men.	ere wholly the holidays from men's homes had departed.	1049 Er þe halidayez holly were halet out of toun.
'You may, in truth, well demand,' admitted the knight.	'In sooth, sir,' he said, 'you say but the truth:	1050 'For soþe, sir,' quoþ þe segge, '3e sayn bot þe trawþe,
'A high and urgent errand hastened me from thence,	a high errand and a hasty from that house brought me;	1051 A he3e ernde and a hasty me hade fro þo wonez,
For I myself am summoned to seek out a place	for I am summoned myself to seek for a place,	1052 For I am sumned myselfe to sech to a place,
To find which I know not where in the world to look.	though I wonder where in the world I must wander to find it.	1053 I ne wot in worlde whederwarde to wende hit to fynde.
For all the land in Logres[243] – may our Lord help me! –	I would not miss coming nigh it on New Year's morning	1054 I nolde bot if I hit negh my3t on Nw 3eres morne
I would not fail to find it on the feast of New Year.	for all the land in Logres, so our Lord help me!	1055 For alle þe londe inwyth Logres, so me oure lorde help!
So this is my suit, sir, which I beseech of you here,	And so, sir, this question I enquire of you here:	1056 Forþy, sir, þis enquest I require yow here,
That you tell me in truth if tale ever reached you	can you tell me in truth if you tale ever heard	1057 Þat 3e me telle with trawþe if euer 3e tale herde
Of the Green Chapel, or what ground or glebe it stands on,	of the Green Chapel, on what ground it may stand,	1058 Of þe grene chapel, quere hit on grounde stondez,
Or of the knight who holds it, also coloured green.	and of the great knight that guards it, all green in his colour?	1059 And of þe kny3t þat hit kepes, of colour of grene.
For at that appointment place I am pledged, by the pact between us,	For the terms of a tryst were between us established	1060 Þer watz stabled bi statut a steuen vus bytwene
To meet that man, if I remain alive.	to meet that man at that mark, if I remained alive,	1061 To mete þat mon at þat mere, 3if I my3t last;
From now until the New Year is not a great time,	and the named New Year is now nearly upon me,	1062 And of þat ilk Nw 3ere bot neked now wontez,
And if God will grant it me, more gladly would I see him	and I would look on that lord, if God will allow me,	1063 And I wolde loke on þat lede, if God me let wolde,
Than gain any good possession, by God's sun!	more gladly, by God's son, than gain any treasure.	1064 Gladloker, bi Goddez sun, þen any god welde!
I must wend my way, with your good will, therefore;	So indeed, if you please, depart now I must.	1065 Forþi, iwysse, bi 3owre wylle, wende me bihoues,
I am reduced to three days in which to do my business,	For my business I have now but barely three days,	1066 Naf I now to busy bot bare þre dayez,
And I think it fitter to fall dead than fail in my errand.'	and I would fainer fall dead than fail in my errand.'	1067 And me als fayn to falle feye as fayly of myyn ernde.'
Then the lord said laughingly, 'You may linger a while,	Then laughing said the lord: 'Now linger you must;	1068 Þenne la3ande quoþ þe lorde, 'Now leng þe byhoues,
For I shall tell you where your tryst is by your term's end.	for when 'tis time to that tryst I will teach you the road.	1069 For I schal teche yow to þat terme bi þe tymez ende,
Give yourself no more grief for the Green Chapel's whereabouts,	On what ground is the Green Chapel – let it grieve you no more!	1070 Þe grene chapayle vpon grounde greue yow no more;
For you may lie back in your bed, brave man, at ease	In your bed you shall be, sir, till broad is the day,	1071 Bot 3e schal be in yowre bed, burne, at þyn ese,
Till full morning on the First, and then fare forth	without fret, and then fare on the first of the year,	1072 Quyle forth dayez, and ferk on þe fyrst of þe 3ere,
To the meeting-place at mid-morning, your mind to satisfy	and come to the mark at midmorn, there to make what	1073 And cum to þat merk at mydmorn, to make quat yow likez
Out there.	play you know.	1074 in spenne.
Leave not till New Year's Day,	Remain till New Year's day,	1075 Dowellez whyle New 3eres daye,
Then get up and go with cheer;	then rise and riding go!	1076 And rys, and raykez þenne,
You shall be shown the way;	We'll set you on your way,	1077 Mon schal yow sette in waye,
It is hardly two miles from here.'	'tis but two miles or so.'	1078 Hit is not two myle henne.'

[243] Logres is generally taken to be the Kingdom of Arthur, or England south of the Humber. Geoffrey of Monmouth derives its name from King Locrine, just as our poet derives Lombardy from Longbeard (Longobardus) and Britain from Brutus.

Estrofe 44

Brian Stone	Tolkien	Original
Then Gawain was glad and gleefully exclaimed, 'Now above all, most heartily do I offer you thanks! For my goal is now gained, and by grace of yours I shall dwell here and do what you deem good for me.' Whereupon the prince, pressing his arm, Sat beside him; then to solace them, He let the ladies be fetched to delight them the more; Set apart, they were transported in pleasures mutual, And the lord, as one who was like to take leave of his senses, And knew not what he would, uttered warm and merry words. Then he spoke to Sir Gawain, saying out loud, 'You have determined to do the deed I ask: Will you hold to your undertaking here and now?' 'Yes, sir, in good sooth,' said the true knight, 'While I stay in your stronghold, I shall stand at your command.' 'Since you have spurred', the lord said, 'from afar, Then watched awake with me, you are not well supplied With either sustenance or sleep, for certain, I know; So you shall lie long in your room, late and at ease Tomorrow till the time of mass, and then take your meal When you will, with my wife beside you To comfort you with her company till I come back to court. You stay, And I shall get up at dawn. I will to the hunt away.' When Gawain's agreement was sworn He bowed, as brave knights may.	Then was Gawain delighted, and in gladness he laughed: 'Now I thank you a thousand times for this beyond all! Now my quest is accomplished, as you crave it, I will dwell a few days here, and else do what you order.' The lord then seized him and set him in a seat beside him, and let the ladies be sent for to delight them the more, for their sweet pleasure there in peace by themselves. For love of him that lord was as loud in his mirth as one near out of his mind who scarce knew what he meant. Then he called to the knight, crying out loudly: 'You have promised to do whatever deed I propose. Will you hold this behest here, at this moment?' 'Yes, certainly, sir,' then said the true knight, 'while I remain in your mansion, your command I'll obey.' 'Well,' returned he, 'you have travelled and toiled from afar, and then I've kept you awake: you're not well yet, not cured; both sustenance and sleep 'tis certain you need. Upstairs you shall stay, sir, and stop there in comfort tomorrow till Mass-time, and to a meal then go when you wish with my wife, who with you shall sit and comfort you with her company, till to court I return. You stay, and I shall early rouse, and a-hunting wend my way.' Gawain gracefully bows: 'Your wishes I will obey.'	1079 Þenne watz Gawan ful glad, and gomenly he laȝed: 1080 'Now I þonk yow þryuandely þurȝ alle oþer þynge, 1081 Now acheued is my chaunce, I schal at your wylle 1082 Dowelle, and ellez do quat ȝe demen.' 1083 Þenne sesed hym þe syre and set hym bysyde, 1084 Let þe ladiez be fette to lyke hem þe better. 1085 Þer watz seme solace by hemself stille; 1086 Þe lorde let for luf lotez so myry, 1087 As wyȝ þat wolde of his wyte, ne wyst quat he myȝt. 1088 Þenne he carped to þe knyȝt, criande loude, 1089 'Ȝe han demed to do þe dede þat I bidde; 1090 Wyl ȝe halde þis hes here at þys onez?' 1091 'Ȝe, sir, for soþe,' sayd þe segge trwe, 1092 'Whyl I byde in yowre borȝe, be bayn to ȝowre hest.' 1093 'For ȝe haf trauayled,' quoþ þe tulk, 'towen fro ferre, 1094 And syþen waked me wyth, ȝe arn not wel waryst 1095 Nauþer of sostnaunce ne of slepe, soþly I knowe; 1096 Ȝe schal lenge in your lofte, and lyȝe in your ese 1097 To-morn quyle þe messequyle, and to mete wende 1098 When ȝe wyl, wyth my wyf, þat wyth yow schal sitte 1099 And comfort yow with compayny, til I to cort torne; 1100 ȝe lende, 1101 And I schal erly ryse, 1102 On huntyng wyl I wende.' 1103 Gauayn grantez alle þyse, 1104 Hym heldande, as þe hende.

Estrofe 45

Brian Stone	Tolkien	Original
‘Moreover,’ said the man, ‘Let us make a bargain	‘One thing more,’ said the master, ‘we’ll make an agreement:	1105 '3et firre,' quoþ þe freke, 'a forwarde we make:
That whatever I win in the woods be yours,	whatever I win in the wood at once shall be yours,	1106 Quat-so-euer I wynne in þe wod hit worþez to yourez,
And any achievement chancing to you be exchanged for it.	and whatever gain you may get you shall give in exchange.	1107 And quat chek so 3e acheue chaunge me þerforne.
Sweet sir, truly swear to such a bartering,	Shall we swap thus, sweet man – come, say what you think! –	1108 Swete, swap we so, sware with trawþe,
Whether fair fortune or foul befall from it.’	whether one’s luck be light, or one’s lot be better?’	1109 Queþer, leude, so lymp, lere oþer better.'
‘By God,’ said the good Gawain, ‘I agree to that,	‘By God,’ quoth good Gawain, ‘I agree to it all,	1110 'Bi God,' quoþ Gawayn þe gode, 'I grant þertylle,
And I am happy that you have an eye to sport.’	and whatever play you propose seems pleasant to me.’	1111 And þat yow lyst for to layke, lef hit me þynkes.'
Then the prince of that people said, ‘What pledge of wine	‘Done! ‘Tis a bargain! Who’ll bring us the drink?’	1112 'Who bryngez vus þis beuerage, þis bargayn is maked':
Is brought to seal the bargain?’ And they burst out laughing.	So said the lord of that land. They laughed one and all;	1113 So sayde þe lorde of þat lede; þay la3ed vchone,
They took drink and toyed in trifling talk,	they drank and they dallied, and they did as they pleased,	1114 Þay dronken and daylyeden and dalten vnty3tel,
These lords and ladies, as long as they liked,	these lords and ladies, as long as they wished,	1115 Þise lordez and ladyez, quyle þat hem lyked;
And then in refined fashion, with many fair words,	and then with customs of France and many courtly phrases	1116 And syþen with Frenkysch fare and fele fayre lotez
They stood, softly speaking, to say good-night,	they stood in sweet debate and soft words bandied,	1117 Þay stoden and stemed and stylly speken,
Kissing as they parted company in courtly style.	and lovingly they kissed, their leave taking.	1118 Kysten ful comlyly and ka3ten her leue.
With lithe liege servants in plenty and lambent torches,	With trusty attendants and torches gleaming	1119 With mony leude ful ly3t and lemande torches
Each brave man was brought to his bed at last,	they were brought at the last to their beds so soft,	1120 Vche burne to his bed watz bro3t at þe laste,
Full soft.	one and all.	1121 ful softe.
Before they fared to bed	Yet ere to bed they came,	1122 To bed 3et er þay 3ede,
They rehearsed their bargain oft.	he the bargain did oft recall;	1123 Recorded couenauntez ofte;
That people’s prince, men said,	he knew how to play a game	1124 Þe olde lorde of þat leude
Could fly his wit aloft.	the old governor of that hall.	1125 Cowþe wel halde layk alofte.

Estrofe 46

Brian Stone	Tolkien	Original – Fit III
In the faint light before dawn folk were stirring; Guests who had to go gave orders to their grooms, Who busied themselves briskly with the beasts, saddling, Trimming their tackle and tying on their luggage. Arrayed for riding in the richest style, Guests leaped on their mounts lightly, laid hold of their bridles, And each rider rode out on his own chosen way. The beloved lord of the land was not the last up, Being arrayed for riding with his retinue in force. He ate a sop hastily when he had heard mass, And hurried with horn to the hunting field; Before the sun's first rays fell on the earth On their high steeds were he and his knights. Then these cunning hunters came to couple their hounds, Cast open the kennel doors and called them out, And blew on their bugles three bold notes.[244] The hounds broke our barking, baying fiercely, And when they went chasing, they were whipped back. There were a hundred choice huntsmen there, whose fame Resounds. To their stations keepers strode; Huntsmen unleashed hounds: The forest overflowed With the strident bugle sounds.	Before the first daylight the folk uprose: the guests that were to go for their grooms they called; and they hurried up in haste horses to saddle, to stow all their stuff and strap up their bags. The men of rank arrayed them, for riding got ready, to saddle leaped swiftly, seized then their bridles, and went off on their ways where their wish was to go. The liege-lord of the land was not last of them all to be ready to ride with a rout of his men; he ate a hurried mouthful after the hearing of Mass, and with horn to the hunting field he hastened at once. When daylight was opened yet dimly on earth he and his huntsmen were up on their high horses. Then the leaders of the hounds lashed them in couples, unclosed the kennel-door and cried to them 'out!', and blew boldly on bugles three blasts full long. Beagles bayed thereat, a brave noise making; and they whipped and wheeled in those that wandered on a scent; a hundred hunting-dogs, I have heard, of the best were they. To their stations keepers passed; the leashes were cast away, and many a rousing blast woke din in the woods that day.	1126 Ful erly bifore þe day þe folk vprysen, 1127 Gestes þat go wolde hor gromez þay calden, 1128 And þay busken vp bilyue blonkkez to sadel, 1129 Tyffen her takles, trussen her males, 1130 Richen hem þe rychest, to ryde alle arayde, 1131 Lepen vp lyȝtly, lachen her brydeles, 1132 Vche wyȝe on his way þer hym wel lyked. 1133 Þe leue lorde of þe londe watz not þe last 1134 Arayed for þe rydyng, with renkkez ful mony; 1135 Ete a sop hastyly, when he hade herde masse, 1136 With bugle to bent-felde he buskez bylyue. 1137 By þat any daylyȝt lemed vpon erþe 1138 He with his haþeles on hyȝe horsses weren. 1139 Þenne þise cacheres þat couþe cowpled hor houndez, 1140 Vnclosed þe kenel dore and calde hem þeroute, 1141 Blwe bygly in buglez þre bare mote; 1142 Braches bayed þerfore and breme noyse maked; 1143 And þay chastysed and charred on chasyng þat went, 1144 A hundreth of hunteres, as I haf herde telle, 1145 of þe best. 1146 To trystors vewters ȝod, 1147 Couples huntes of kest; 1148 Þer ros for blastez gode 1149 Gret rurd in þat forest.

[244] The fourteenth-century hunting horn had only one note; a combination of shorts and longs, like Morse code, was used for making different calls.

Estrofe 47

Brian Stone	Tolkien	Original
At the first cry wild creatures quivered with dread.	At the first burst of the baying all beasts trembled;	1150 At þe fyrst quethe of þe quest quaked þe wylde;
The deer in distraction darted down to the dales	deer dashed through the dale by dread bewildered,	1151 Der drof in þe dale, doted for drede,
Or up to the high ground, but eagerly they were	and hastened to the heights, but they hotly were greeted,	1152 Hi3ed to þe hy3e, bot heterly þay were
Driven back by the beaters, who bellowed lustily.	and turned back by the beaters, who boldly shouted.	1153 Restayed with þe stablye, þat stoutly ascryed.
They let the harts with high-branching heads have their freedom,	they let the harts go past with their high antlers,	1154 Þay let þe herttez haf þe gate, with þe hy3e hedes,
And the brave bucks, too, with their broad antlers,	and the brave bucks also with their branching palms;	1155 Þe breme bukkez also with hor brode paumez;
For the noble prince had expressly prohibited	for the lord of the castle had decreed in the close seasons	1156 For þe fre lorde hade defende in fermysoun tyme
Meddling with male deer in the months of close season.[245]	that to man should molest the male of the deer.	1157 Þat þer schulde no mon meue to þe male dere.
But the hinds were held back with a 'Hey!' and a 'Whoa!'	The hinds were held back with hey! and ware!,	1158 Þe hindez were halden in with hay! and war!
And does driven with much din to the deep valleys.	the does driven with great din to the deep valleys:	1159 Þe does dryuen with gret dyn to þe depe sladez;
Lo! the shimmering of the shafts as they were shot from bows!	there could be seen let slip a sleet of arrows;	1160 Þer my3t mon se, as þay slypte, slentyng of arwes–
An arrow flew forth at every forest turning,	at each turn under the trees went a twanging shaft	1161 At vche wende vnder wande wapped a flone–
The broad head biting on the brown flank.	that into brown hides bit hard with barbed head.	1162 Þat bigly bote on þe broun with ful brode hedez.
They screamed as the blood streamed out, sank dead on the sward,	Lo! they brayed, and they bled, and on the banks they died;	1163 What! þay brayen, and bleden, bi bonkkez þay de3en,
Always harried by hounds hard on their heels,	and ever the hounds in haste hotly pursued them,	1164 And ay rachches in a res radly hem fol3es,
And the hurrying hunters' high horn notes.	and hunters with high horns hurried behind them	1165 Hunterez wyth hy3e horne hasted hem after
Like the rending of ramped hills roared the din.	with such a clamour and cry as if cliffs had been riven.	1166 Wyth such a crakkande kry as klyffes haden brusten.
If one of the wild beasts slipped away from the archers	If any beast broke away from bowmen there shooting,	1167 What wylde so atwaped wy3es þat schotten
After being hunted from the high ground and harried to the water,	it was snatched down and slain at the receiving-station;	1168 Watz al toraced and rent at þe resayt,
It was dragged down and met death at the dog-bases,	when they had been harried from the height and hustled to the waters	1169 Bi þay were tened at þe hy3e and taysed to þe wattrez;
So skilled were the hunt-servants at stations lower down,	the men were so wise in their craft at the watches below,	1170 Þe ledez were so lerned at þe lo3e trysteres,
So gigantic the greyhounds that grabbed them in a flash,	and their greyhounds were so great that they got them at once,	1171 And þe grehoundez so grete, þat geten hem bylyue
Seizing them savagely, as swift, I swear,	and flung them down in a flash, as fast as men could see	1172 And hem tofylched, as fast as frekez my3t loke,
As sight.	with sight.	1173 þer-ry3t.
The lord, in humour high,	The lord then wild for joy	1174 Þe lorde for blys abloy
Would spur, then stop and alight.	did oft spur and oft alight,	1175 Ful oft con launce and ly3t,
In bliss the day went by	and thus in bliss employ	1176 And drof þat day wyth joy
Till dark drew on, and night.	that day till dark of night.	1177 Thus to þe derk ny3t.

[245] In France, the close season was from 14th September to 3rd May.

Estrofe 48

Brian Stone	Tolkien	Original
Thus by the forest borders the brave lord sported, And the good man Gawain, on his gay bed lying, Lay hidden till the light of day gleamed on the walls, Covered with fair canopy, the curtains drawn. And as in slumber he slept on, there slipped into his mind A slight, suspicious sound, and the door stealthily opened. He raised up his head out of the bedclothes, Caught up the corner of the curtain a little And watched warily towards it, to see what it was. It was the lady, loveliest to look upon, Who secretly and silently secured the door, The bore towards his bed: the brave knight, embarrassed, Lay flat with fine adroitness and feigned sleep. Silently she stepped on, stole to his bed, Caught up the curtain, crept within, And seated herself softly on the side of the bed. There she watched a long while, waiting for him to wake. Slyly close this long while lay the knight, Considering in his soul this circumstance, Its sense and likely sequel, for it seemed marvellous. 'Still, it would be more circumspect,' he said to himself, 'To discover her desire straight away by speaking.' So he stirred and stretched himself, twisting towards her, Opened his eyes and acted as if astounded; And, to seem the safer by such service, crossed himself In dread. With chin and cheek so fair, White ranged with rosy red, With laughing lips, and air Of love, she lightly said:	Thus in his game the lord goes under greenwood eaves, and Gawain the bold lies in goodly bed, lazing, till the walls are lit by the light of day, under costly coverlet with curtains about him. And as in slumber he strayed, he heard stealthily come soft sound at his door as it secretly opened; and from under the clothes he craned then his head, a corner of the curtain he caught up a little, and looked that way warily to learn what it was. It was the lady herself, most lovely to see, that cautiously closed the door quietly behind her, and drew near to his bed. Then abashed was the knight, and lay down swiftly to look as it he slept; and she stepped silently and stole to his bed, cast back the curtain, and crept the within, and sat her down softly on the side of the bed, and there lingered very long to look for his waking. He lay there lurking a long while and wondered, and mused in his mind how the matter would go, to what point it might pass – to some surprise, he fancied. Yet he said to himself: 'More seemly 'twould be in due course with question to enquire what she wishes.' Then rousing he rolled over, and round to her turning he lifted his eyelids with a look as of wonder, and signed him with the cross, thus safer to be kept aright. With chin and cheeks so sweet of blended red and white, with grace then him did greet small lips with laughter bright.	1178 Þus laykez þis lorde by lynde-wodez euez, 1179 And Gawayn þe god mon in gay bed lygez, 1180 Lurkkez quyl þe dayly3t lemed on þe wowes, 1181 Vnder couertour ful clere, cortyned aboute; 1182 And as in slomeryng he slode, sle3ly he herde 1183 A littel dyn at his dor, and dernly vpon; 1184 And he heuez vp his hed out of þe cloþes, 1185 A corner of þe cortyn he ca3t vp a lyttel, 1186 And waytez warly þiderwarde quat hit be my3t. 1187 Hit watz þe ladi, loflyest to beholde, 1188 Þat dro3 þe dor after hir ful dernly and stylle, 1189 And bo3ed towarde þe bed; and þe burne schamed, 1190 And layde hym doun lystyly, and let as he slepte; 1191 And ho stepped stilly and stel to his bedde, 1192 Kest vp þe cortyn and creped withinne, 1193 And set hir ful softly on þe bed-syde, 1194 And lenged þere selly longe to loke quen he wakened. 1195 Þe lede lay lurked a ful longe quyle, 1196 Compast in his concience to quat þat cace my3t 1197 Meue oþer amount–to meruayle hym þo3t, 1198 Bot 3et he sayde in hymself, 'More semly hit were 1199 To aspye wyth my spelle in space quat ho wolde.' 1200 Þen he wakenede, and wroth, and to hir warde torned, 1201 And vnlouked his y3e-lyddez, and let as hym wondered, 1202 And sayned hym, as bi his sa3e þe sauer to worthe, 1203 with hande. 1204 Wyth chynne and cheke ful swete, 1205 Boþe quit and red in blande, 1206 Ful lufly con ho lete 1207 Wyth lyppez smal la3ande

Estrofe 49

Brian Stone	Tolkien	Original
‘Good morning, Sir Gawain,’ that gay lady said, ‘How unsafely you sleep, that one may slip in here! Now you are taken in a trice. But let a treaty be between us: I shall bind you to your bed, of that be sure.’ The lady uttered laughingly those playful words. ‘Good morning, gay lady,’ Gawain blithely greeted her. ‘Do with me as you will: that well pleases me. For I surrender speedily and sue for grace, Which, to my mind, since I must, is much the best course.’ And thus he repaid her with repartee and ready laughter. ‘But if, lovely lady, your leave were forthcoming, And you pleased to free your prisoner and pray him to rise, I would abandon my bed for a better habiliment, And have more happiness in our honey talk.’ ‘Nay, verily, fine sir,’ urged the voice of that sweet one, ‘You shall not budge from your bed. I have a better idea. I shall hold you fast here on this other side as well, And so chat on with the chevalier my chains have caught. For I know well, my knight, that your name is Sir Gawain, Whom all the world worships, wherever he ride; For lords and their ladies, and all living folk, Hold your honour in high esteem, and your courtesy. And now – here you are truly, and we are utterly alone; My lord and his liegemen are a long way off; Others still bide in their beds, my bower-maidens too; Shut fast and firmly with a fine hasp is the door; And since I have in this house him who pleases all, As long as my time lasts I shall lingering in talk take My fill. My young body is yours, Do with it what you will; My strong necessities force Me to be your servant still[246].	‘Good morning, Sir Gawain!’ said that gracious lady. ‘You are a careless sleeper, if one can creep on you so! Now quickly you are caught! If we come not to terms, I shall bind you in your bed, you may be assured.’ With laughter the lady thus lightly jested. ‘Good morning to your grace!’ said Gawain gaily. ‘You shall work on me your will, and well I am pleased; for I submit immediately, and for mercy I cry, and that is best, as I deem, for I am obliged to do so.’ Thus he jested in return with much gentle laughter: ‘But if you would, lady gracious, then leave grant me, and release your prisoner and pray him to rise, I would abandon this bed and better array me; the more pleasant would it prove then to parley with you.’ ‘Nay, for sooth, fair sir,’ said the sweet lady, ‘you shall not go from your bed! I will govern you better: here fast shall I enfold you, on the far side also, and then talk with my true knight that I have taken so. For I wot well indeed that Sir Wawain you are, to whom all men pay homage wherever you ride; your honour, your courtesy, by the courteous is praised, by lords, by ladies, by all living people. And right here you now are, and we all by ourselves; my husband and his huntsmen far hence have ridden, other men are abed, and my maids also, the door closed and caught with a clasp that is strong; and since I have in this house one that all delight in, my time to account I will turn, while for talk I chance have still. To my body will you welcome be of delight to take your fill; for need constraineth me to serve you, and I will.’	1208 'God moroun, Sir Gawayn,' sayde þat gay lady, 1209 'ȝe ar a sleper vnslyȝe, þat mon may slyde hider; 1210 Now ar ȝe tan as-tyt! Bot true vus may schape, 1211 I schal bynde yow in your bedde, þat be ȝe trayst': 1212 Al laȝande þe lady lanced þo bourdez. 1213 'Goud moroun, gay,' quoþ Gawayn þe blyþe, 1214 'Me schal worþe at your wille, and þat me wel lykez, 1215 For I ȝelde me ȝederly, and ȝeȝe after grace, 1216 And þat is þe best, be my dome, for me byhouez nede': 1217 And þus he bourded aȝayn with mony a blyþe laȝter. 1218 'Bot wolde ȝe, lady louely, þen leue me grante, 1219 And deprece your prysoun, and pray hym to ryse, 1220 I wolde boȝe of þis bed, and busk me better; 1221 I schulde keuer þe more comfort to karp yow wyth.' 1222 'Nay for soþe, beau sir,' sayd þat swete, 1223 'ȝe schal not rise of your bedde, I rych yow better, 1224 I schal happe yow here þat oþer half als, 1225 And syþen karp wyth my knyȝt þat I kaȝt haue; 1226 For I wene wel, iwysse, Sir Wowen ȝe are, 1227 Þat alle þe worlde worchipez quere-so ȝe ride; 1228 Your honour, your hendelayk is hendely praysed 1229 With lordez, wyth ladyes, with alle þat lyf bere. 1230 And now ȝe ar here, iwysse, and we bot oure one; 1231 My lorde and his ledez ar on lenþe faren, 1232 Oþer burnez in her bedde, and my burdez als, 1233 Þe dor drawen and dit with a derf haspe; 1234 And syþen I haue in þis hous hym þat al lykez, 1235 I schal ware my whyle wel, quyl hit lastez, 1236 with tale. 1237 ȝe ar welcum to my cors, 1238 Yowre awen won to wale, 1239 Me behouez of fyne force 1240 Your seruaunt be, and schale.'

[246] Grande nota na tradução de Stone com várias opiniões de críticos sobre a postura da senhora (Cf. P. 73).

Estrofe 50

Brian Stone	Tolkien	Original
‘In good sooth,’ then said Gawain, ‘good luck is mine, Though I am hardly the hero of whom you speak. I am altogether unworthy, I own it freely, To be held in such honour as you here suggest. By God, I should be glad if you gave me leave To essay, by speech or some other service, To pleasure such a perfect lady – pure joy it would be.’ ‘In good sooth, Sir Gawain,’ the gay lady replied, ‘If I slighted or set at naught your spotless fame And your all-pleasing prowess, it would show poor breeding. But there is no lack of ladies who would love, noble one, Rather than have riches or the red gold they own, To hold you in their arms, as I have you here, And delight most lovingly in your light banter, Which would perfectly pleasure them and appease their woes. But as I love that Lord, the Celestial Ruler, I have wholly in my hand what all desire Through His Grace.’ Not loth was she to allure, This lady fair of face; But the knight with speeches pure Answered in each case.	‘Upon my word,’ said Gawain, ‘that is well, I guess; though I am not now he of whom you are speaking – to attain to such honour as here you tell of I am a knight unworthy, as well indeed I know – by God, I would be glad, if good to you seemed whatever I could say, or in service could offer to the pleasure of your excellence – it would be pure delight.’ ‘In good faith, Sir Gawain,’ said the gracious lady, ‘the prowess and the excellence that all other approve, if I scorned or decried them, it were scant courtesy. But there are ladies in number who liever would now have thee in their hold, sir, as I have thee here, pleasantly to play with in polished converse, their solace to seek and their sorrows to soothe, than great part of the goods or gold that they own. But I thank Him who on high of Heaven is Lord that I have here wholly in my hand what all desire, by grace.’ She was an urgent wooer, that lady fair of face; the knight with speeches pure replied in every case.	1241 'In god fayth,' quoþ Gawayn, 'gayn hit me þynkkez, 1242 Þaȝ I be not now he þat ȝe of speken; 1243 To reche to such reuerence as ȝe reherce here 1244 I am wyȝe vnworþy, I wot wel myseluen. 1245 Bi God, I were glad, and yow god þoȝt, 1246 At saȝe oþer at seruyce þat I sette myȝt 1247 To þe plesaunce of your prys–hit were a pure ioye.' 1248 'In god fayth, Sir Gawayn,' quoþ þe gay lady, 1249 'Þe prys and þe prowes þat plesez al oþer, 1250 If I hit lakked oþer set at lyȝt, hit were littel daynté; 1251 Bot hit ar ladyes innoȝe þat leuer wer nowþe 1252 Haf þe, hende, in hor holde, as I þe habbe here, 1253 To daly with derely your daynté wordez, 1254 Keuer hem comfort and colen her carez, 1255 Þen much of þe garysoun oþer golde þat þay hauen. 1256 Bot I louue þat ilk lorde þat þe lyfte haldez, 1257 I haf hit holly in my honde þat al desyres, 1258 þurȝe grace.' 1259 Scho made hym so gret chere, 1260 Þat watz so fayr of face, 1261 Þe knyȝt with speches skere 1262 Answared to vche a cace.

Estrofe 51

Brian Stone	Tolkien	Original
‘Madam,’ said the merry man, ‘May Mary requite you! For in good faith I have found in your free-hearted generosity. Certain men for their deeds receive esteem from others, But for myself, I do not deserve the respect they show me; Your honour makes you aim only to speak well of me.’ ‘Now by Mary,’ said the noble lady, ‘Not so it seems to me, For were I worth the whole of womankind, And all the wealth in the world were in my hand, If I let myself look for a liege lord in marriage, No lord that is living could be allowed to excel you, With your fine virtues, knight, found by me here, Your manly beauty, fair demeanour and meek courtesy, All of which I had heard of before, but here have seen to be true.’ ‘I know for certain, noble lady,’ the knight replied, ‘Though I am proud of the precious price you put on me, You selected a better lord. I lay at your feet My service, and solemnly my sovereign I hold you. I declare myself your cavalier, and may Christ repay you!’ Then of many matters they talked until mid-morn and after, And all the time she behaved as if she adored him; But Sir Gawain was on guard in a gracious manner. Though she was the loveliest lady, yet less was the love He could have for her; his imminent quest Decreed His destruction by the stroke Which he must have indeed. The lady of leaving then spoke; He gave his assent with speed.	‘Madam,’ said he merrily, ‘Mary reward you! For I have enjoyed, in good faith, your generous favour, and much honour have had else from others’ kind deeds; but as for the courtesy they accord me, since my claim is not equal, the honour is your own, who are ever well-meaning.’ ‘Nay, Mary!’ the lady demurred, ‘as for me, I deny it. For were I worth all the legion of women alive, and all the wealth in the world at my will possessed, if I should exchange at my choice and choose me a husband, for the noble nature I know, Sir Knight, in thee here, in beauty and bounty and bearing so gay – of which earlier I have heard, and hold it now true – then no lord alive would I elect before you.’ ‘In truth lady,’ he returned, ‘you took one far better. But I am proud of the praise you are pleased to give me, and as your servant in earnest my sovereign I hold you, and your knight I become, and may Christ reward you.’ Thus of many matters they spoke till midmorn was passed, and ever the lady demeaned her as one that loved him much, and he fenced with her featly, ever flawless in manner. ‘Though I were lady most lovely’, thought the lady to herself, ‘the less love would he bring here,’ since he looked for his bane, that blow that him so soon should grieve, and needs it must be so. Then the lady asked for leave and at once he let her go.	1263. 'Madame,' quoþ þe myry mon, 'Mary yow ȝelde, 1264. For I haf founden, in god fayth, yowre fraunchis nobele, 1265. And oþer ful much of oþer folk fongen bi hor dedez, 1266. Bot þe daynté þat þay delen, for my disert nys euen, 1267. Hit is þe worchyp of yourself, þat noȝt bot wel connez.' 1268. 'Bi Mary,' quoþ þe menskful, 'me þynk hit an oþer; 1269. For were I worth al þe wone of wymmen alyue, 1270. And al þe wele of þe worlde were in my honde, 1271. And I schulde chepen and chose to cheue me a lorde, 1272. For þe costes þat I haf knowen vpon þe, knyȝt, here, 1273. Of bewté and debonerté and blyþe semblaunt, 1274. And þat I haf er herkkened and halde hit here trwee, 1275. Þer schulde no freke vpon folde bifore yow be chosen.' 1276. 'Iwysse, worþy,' quoþ þe wyȝe, 'ȝe haf waled wel better, 1277. Bot I am proude of þe prys þat ȝe put on me, 1278. And, soberly your seruaunt, my souerayn I holde yow, 1279. And yowre knyȝt I becom, and Kryst yow forȝelde.' 1280. Þus þay meled of muchquat til mydmorn paste, 1281. And ay þe lady let lyk as hym loued mych; 1282. Þe freke ferde with defence, and feted ful fayre– 1283. 'Þaȝ I were burde bryȝtest', þe burde in mynde hade. 1284. Þe lasse luf in his lode for lur þat he soȝt 1285. boute hone, 1286. Þe dunte þat schulde hym deue, 1287. And nedez hit most be done. 1288. Þe lady þenn spek of leue, 1289. He granted hir ful sone.

Estrofe 52

Brian Stone	Tolkien	Original
Then she gave him good-bye, glinting with laughter, And standing up, astounded him with these strong words: 'May He who prospers every speech for this pleasure reward you! But scarcely a single soul would say you were Gawain.' And the knight asked eagerly how this was so, For he feared he had failed to oberve the finest manners. But the beauteous one blessed him and brought out this argument: 'Such a great man as Gawain is granted to be, The very vessel of virtue and fine courtesy, Could scarcely have stayed such a sojourn with a lady Without craving a kiss in courtesy At some point or pause in the pleasant talk.' 'So be it, as you say,' then said Gawain, 'I shall kiss at your command, as is becoming to a knight Who fears to offend you; no further plea is needed.' Whereupon she approached him, and penned him in her arms, Leaned over him lovingly and gave the lord a kiss. Then each commended the other to Christ in a comely manner, And without more words she went out by the door. He made ready to rise with rapid haste, Summoned his servant, selected his garb, And having dressed debonairly, walked down to mass. And afterwards he ate in honourable style, And made merry sport till the moon rose At night. Such welcome by women of name Was never given to a knight, For the dear one and the dame Lavished on him delight.	Then she gave him 'good day', and with a glance she laughed, and as she stood she astonished him with the strength of her words: 'Now He that prospers all speech for this disport repay you! But that you should be Gawain, it gives me much thought.' 'Why so?', then eagerly the knight asked her, afraid that he had failed in the form of his converse. But 'God bless you! For this reason', blithely she answered, 'that one so good as Gawain the gracious is held, who all the compass of courtesy includes in his person, so long with a lady could hardly have lingered without craving a kiss, as a courteous knight, by some tactful turn that their talk led to.' Then said Wawain, 'Very well, as you wish be it done. I will kiss at your command, as becometh a knight, and more, lest he displease you, so plead it no longer.' She came near thereupon and caught him in her arms, and down daintily bending dearly she kissed him. They courteously commended each other to Christ. Without more ado through the door she withdrew and departed, and he to rise up in haste made ready at once. He calls to his chamberlain, and chooses his clothes, and goes forth when garbed all gladly to Mass. Then he went to a meal that meetly awaited him, and made merry all day, till the moon arose o'er earth. Ne'er was knight so gaily engaged between two dames of worth, the youthful and the aged: together they made much mirth.	1290. Þenne ho gef hym god day, and wyth a glent laȝed, 1291. And as ho stod, ho stonyed hym wyth ful stor wordez: 1292. 'Now he þat spedez vche spech þis disport ȝelde yow! 1293. Bot þat ȝe be Gawan, hit gotz in mynde.' 1294. 'Querfore?' quoþ þe freke, and freschly he askez, 1295. Ferde lest he hade fayled in fourme of his castes; 1296. Bot þe burde hym blessed, and 'Bi þis skyl' sayde: 1297. 'So god as Gawayn gaynly is halden, 1298. And cortaysye is closed so clene in hymseluen, 1299. Couth not lyȝtly haf lenged so long wyth a lady, 1300. Bot he had craued a cosse, bi his courtaysye, 1301. Bi sum towch of summe tryfle at sum talez ende.' 1302. Þen quoþ Wowen: 'Iwysse, worþe as yow lykez; 1303. I schal kysse at your comaundement, as a knyȝt fallez, 1304. And fire, lest he displese yow, so plede hit no more.' 1305. Ho comes nerre with þat, and cachez hym in armez, 1306. Loutez luflych adoun and þe leude kyssez. 1307. Þay comly bykennen to Kryst ayþer oþer; 1308. Ho dos hir forth at þe dore withouten dyn more; 1309. And he ryches hym to ryse and rapes hym sone, 1310. Clepes to his chamberlayn, choses his wede, 1311. Boȝez forth, quen he watz boun, blyþely to masse; 1312. And þenne he meued to his mete þat menskly hym keped, 1313. And made myry al day, til þe mone rysed, 1314. with game. 1315. Watz neuer freke fayrer fonge 1316. Bitwene two so dyngne dame, 1317. Þe alder and þe ȝonge; 1318. Much solace set þay same.

Estrofe 53

Brian Stone	Tolkien	Original
And still at his sport spurred the castellan, Hunting the barren hinds in holt and on heath. So many had he slain, by the setting of the sun, Of does and other deer, that it was downright wonderful. Then at finish the folk flocked in eagerly, And speedily piled the slain and slaughtered deer. Those highest in rank came up with hosts of attendants, Picked out the plumpest there, in the place of trial, Where some were busy searching the assembled prey, And had them opened honourably, as the task demands: Two fingers breadth of fat was found on the worst. Then they slit open the slot, seized the second stomach, Cut it away with a keen knife, and cleared it of flesh. Next they hacked off all the legs, the hide was stripped, The belly broken open and the bowels removed, Carefully, lest they loosen the ligature of the knot. Then they gripped the gullet, disengaged deftly The wezand from the windpipe and whipped out the guts. Then their sharp knives shore through the shoulder-bones, Which they slid out of a small hole, leaving the sides intact. Then they cleft the chest clean through, cutting it in two. Then again at the gullet they began to work, And rapidly rived it, right to the fork, Flicked out the shoulder-fillets, and faithfully thereafter They rapidly ripped free the rib-fillets. Similarly, as is seemly, the spine was cleared All the way to the haunch, which hung from it; And they heaved up the whole haunch and hewed it off; And that is named the numbles, in nature, or so I find. At the thigh-forks then they strain And free the folds behind, Hurrying to hack all in twain, The backbone to unbind.	And ever the lord of the land in his delight was abroad, hunting by holt and heath after hinds that were barren. When the sun began to slope he had slain such a number of does and other deer one might doubt it were true. Then the fell folk at last came flocking all in, and quickly of the kill they a quarry assembled. Thither the master hastened with a host of his men, gathered together those greatest in fat and had them riven open rightly, as the rules require. At the assay they were searched by some that were there, and two fingers' breadth of fat they found in the leanest. Next they slit the eslot, seized on the arber, shaved it with a sharp knife and shore away the grease; next ripped the four limbs and rent off the hide. Then they broke open the belly, the bowels they removed (flinging them nimbly afar) and the flesh of the knot; they grasped then the gorge, disengaging with skill the weasand from the windpipe, and did away with the guts. Then they shore out the shoulders with their sharpened knives (drawing the sinews through a small cut) the sides to keep whole; next they burst open the breast, and broke it apart, and again at the gorge one begins thereupon, cuts all up quickly till he comes to the fork, and fetches forth the fore-numbles; and following after all the tissues along the ribs they tear away quickly. Thus by the bones of the back they broke off with skill, down even to the haunch, all that hung there together, and hoisted it up all whole and hewed it off there: and that they took for the numbles, as I trow is their name in kind. Along the fork of every thigh the flaps they fold behind; to hew it in two they hie, down the back all to unbind.	1319. And ay þe lorde of þe londe is lent on his gamnez, 1320. To hunt in holtez and heþe at hyndez barayne; 1321. Such a sowme he þer slowe bi þat þe sunne heldet, 1322. Of dos and of oþer dere, to deme were wonder. 1323. Þenne fersly þay flokked in folk at þe laste, 1324. And quykly of þe quelled dere a querré þay maked. 1325. Þe best boȝed þerto with burnez innoghe, 1326. Gedered þe grattest of gres þat þer were, 1327. And didden hem derely vndo as þe dede askez; 1328. Serched hem at þe asay summe þat þer were, 1329. Two fyngeres þay fonde of þe fowlest of alle. 1330. Syþen þay slyt þe slot, sesed þe erber, 1331. Schaued wyth a scharp knyf, and þe schyre knitten; 1332. Syþen rytte þay þe foure lymmes, and rent of þe hyde, 1333. Þen brek þay þe balé, þe bowelez out token 1334. Lystily for laucyng þe lere of þe knot; 1335. Þay gryped to þe gargulun, and grayþely departed 1336. Þe wesaunt fro þe wynt-hole, and walt out þe guttez; 1337. Þen scher þay out þe schulderez with her scharp knyuez, 1338. Haled hem by a lyttel hole to haue hole sydes. 1339. Siþen britned þay þe brest and brayden hit in twynne, 1340. And eft at þe gargulun bigynez on þenne, 1341. Ryuez hit vp radly ryȝt to þe byȝt, 1342. Voydez out þe avanters, and verayly þerafter 1343. Alle þe rymez by þe rybbez radly þay lance; 1344. So ryde þay of by resoun bi þe rygge bonez, 1345. Euenden to þe haunche, þat henged alle samen, 1346. And heuen hit vp al hole, and hwen hit of þere, 1347. And þat þay neme for þe noumbles bi nome, as I trowe, 1348. bi kynde; 1349. Bi þe byȝt al of þe þyȝes 1350. Þe lappez þay lance bihynde; 1351. To hewe hit in two þay hyȝes, 1352. Bi þe bakbon to vnbynde.

Estrofe 54

Brian Stone	Tolkien	Original
Then they hewed off the head and also the neck, And after sundered the sides swiftly from the chine, And into the foliage they flung the fee of the raven.[247] Then each fellow, for his fee, as it fell to him to have, Skewered through the stout flanks beside the ribs, And then by the hocks of the haunches they hung up their booty. On one of the finest fells they fed their hounds, And let them have the lights, the liver and the tripes, With bread well imbued with blood mixed with them. Boldly they blew the kill amid the baying of hounds. Then off they went homewards, holding their meat, Stalwartly sounding many stout horn-calls. As dark was descending, they were drawing near To the comely castle where quietly our knight stayed. Fires roared, And blithely hearts were beating As into hall came the lord. When Gawain gave him greeting, Joy abounded at the board.	Both the head and the neck they hew off after, and next swiftly they sunder the sides from the chine, and the bone for the crow they cast in the boughs. Then they thrust through both thick sides with a thong by the rib, and then by the hocks of the legs they hang them both up: all the folk earn the fees that fall to their lot. Upon the fell of the fair beast they fed their hounds then on the liver, and the lights and the leather of the paunches with bread bathed in blood blended amongst them. Boldly they blew the prise, amid the barking of dogs, and then bearing up their venison bent their way homeward, striking up strongly many a stout horn-call. When daylight was done they all duly were come into the noble castle, where quietly the knight abode in bliss by bright fire set. Thither the lord now strode; When Gawain him met, then free all pleasure flowed.	1353. Boþe þe hede and þe hals þay hwen of þenne, 1354. And syþen sunder þay þe sydez swyft fro þe chyne, 1355. And þe corbeles fee þay kest in a greue; 1356. Þenn þurled þay ayþer þik side þurȝ bi þe rybbe, 1357. And henged þenne ayþer bi hoȝez of þe fourchez, 1358. Vche freke for his fee, as fallez for to haue. 1359. Vpon a felle of þe fayre best fede þay þayr houndes 1360. Wyth þe lyuer and þe lyȝtez, þe leþer of þe paunchez, 1361. And bred baþed in blod blende þeramongez. 1362. Baldely þay blw prys, bayed þayr rachchez, 1363. Syþen fonge þay her flesche, folden to home, 1364. Strakande ful stoutly mony stif motez. 1365. Bi þat þe daylyȝt watz done þe douthe watz al wonen 1366. Into þe comly castel, þer þe knyȝt bidez 1367. ful stille, 1368. Wyth blys and bryȝt fyr bette. 1369. Þe lorde is comen þertylle; 1370. When Gawayn wyth hym mette 1371. Þer watz bot wele at wylle.

[247] The raven's fee. A piece of gristle on the end of the breast-bone or raven's boné was always flung to the ravens and crows which gathered round a hunt.

Estrofe 55

Brian Stone	Tolkien	Original
Then the castellan commanded all to collect in hall, And sent directions to the dames to come down with their maidens Before all the folk on the floor, and further ordered His venison to be fetched in front of him. Then gaily and in good humour to Gawain he called, Told over the tally of the sturdy beasts, And showed him the fine fat flesh flayed from the ribs. 'How does the sport please you? Do you praise me for it? Am I thoroughly thanked for thriving as a huntsman?' 'Certainly,' said the other, 'Such splendid spoils Have I not seen for seven years, in the season of winter.' 'And I grant it you, Gawain, as a gift,' said the knight, 'For according to our covenant you may claim it as your own.' 'Certes, that is so, and I say the same to you,' Said Gawain, 'For my true gains in this great house, I am not loth to allow, must belong to you.' And he put his arms round his handsome neck, hugging him, And kissed him in the comeliest way he could think of. 'Accept my takings, sir, for I received no more; Gladly would I grant them, however great they were.' 'And therefore I thank you,' the thane said, 'Good! But better still would it be if you breathed in my ear Where your wisdom won your wealth of that kind.' 'No such clause in our contract! Request nothing else!' Said the other, 'You have your due: ask more, None should.' They laughed in blithe assent With worthy words and good; Then to sup they swiftly went, To fresh and dainty food.	Then the master commanded his men to meet in that hall, and both dames to come down with their damsels also; before all the folk on that floor fair men he ordered to fetch there forthwith his venison before him, and all gracious in game to Gawain he called, announced the number by tally of the nimble beasts, and showed him the shining fat all shorn on the ribs. 'How does this play please you? Have I praise deserved? Have I earned by mine art the heartiest thanks?' 'Yea, verily,' the other averred, 'here is venison the fairest that I've seen in seven years in the season of winter!' 'And I give it you all, Gawain', said the good man at once, 'for as our covenant accorded you may claim it as your own.' 'That is true,' he returned, 'and I tell you the same: what of worth within these walls I have won also with as good will, I warrant, 'tis awarded to you.' His fair neck he enfolded then fast in his arms, and kissed him with all the kindness that his courtesy knew. 'There take you my gains, sir! I got nothing more. I would give it up gladly even if greater it were.' 'That is a good one!' quoth the good man. 'Greatly I thank you. 'Tis such, maybe, that you had better briefly now tell me where you won this same wealth by the wits you possess.' 'That was not our covenant,' quoth he. 'Do not question me more! For you've drawn what is due to you, no doubt can you Have 'tis true.' They laugh, and with voices fair their merriment pursue, and to supper soon repair with many dainties new.	1372. Thenne comaunded þe lorde in þat sale to samen alle þe meny, 1373. Boþe þe ladyes on loghe to lyȝt with her burdes 1374. Bifore alle þe folk on þe flette, frekez he beddez 1375. Verayly his venysoun to fech hym byforne, 1376. And al godly in gomen Gawayn he called, 1377. Techez hym to þe tayles of ful tayt bestes, 1378. Schewez hym þe schyree grece schorne vpon rybbes. 1379. 'How payez yow þis play? Haf I prys wonnen? 1380. Haue I pryuandely þonk þurȝ my craft serued?' 1381. 'Ȝe iwysse,' quoþ þat oþer wyȝe, 'here is wayth fayrest 1382. Þat I seȝ þis seuen ȝere in sesoun of wynter.' 1383. 'And al I gif yow, Gawayn,' quoþ þe gome þenne, 1384. 'For by acorde of couenaunt ȝe craue hit as your awen.' 1385. 'Þis is soth,' quoþ þe segge, 'I say yow þat ilke: 1386. Þat I haf worthyly wonnen þis wonez wythinne, 1387. Iwysse with as god wylle hit worþez to ȝourez.' 1388. He hasppez his fayre hals his armez wythinne, 1389. And kysses hym as comlyly as he couþe awyse: 1390. 'Tas yow þere my cheuicaunce, I cheued no more; 1391. I wowche hit saf fynly, þaȝ feler hit were.' 1392. 'Hit is god,' quoþ þe godmon, 'grant mercy þerfore. 1393. Hit may be such hit is þe better, and ȝe me breue wolde 1394. Where ȝe wan þis ilk wele bi wytte of yorseluen.' 1395. 'Þat watz not forward,' quoþ he, 'frayst me no more. 1396. For ȝe haf tan þat yow tydez, trawe non oþer 1397. ȝe mowe.' 1398. Þay laȝed, and made hem blyþe 1399. Wyth lotez þat were to lowe; 1400. To soper þay ȝede as-swyþe, 1401. Wyth dayntés nwe innowe.

Estrofe 56

Brian Stone	Tolkien	Original
Finally by the fireside in a fair room they sat, And chamberlains brought the chevaliers choice wines, And in their jolly jesting they jointly agreed On a settlement similar to the preceding one: That on the next day, whatever happened to accrue To each of them, it would be made over to the other man, No matter how novel it was, at night when they met. On this compact they closed, the whole court observing. Then brave men brought forth the beverage to seal it, And at last they lovingly took leave of each other, Each man hastening thereafter to his bed. The cock having crowed and called only thrice, The lord leaped from bed, and his liegemen too, So that mass and a meal were meetly dealt with, And by first light the folk to the forest for the chase Were bound. With huntsman and with horns They go across the ground; Thrusting through the thorns, Unleashed runs every hound.	Later by the chimney in chamber they were seated, abundant wine of the best was brought to them oft, and again as a game they agreed on the morrow to abide by the same bond as they had bargained before: chance what might chance, to exchange all their trade, whatever new thing they got, when they gathered at night. They concluded this compact before the courtiers all; the drink for the bargain was brought forth in jest; then their leave at the last they lovingly took, and away then at once each went to his bed. When the cock had crowed and cackled but thrice, the lord had leaped from his bed, and his lieges each one; so that their meal had been made, and the Mass was over, and folk bound for the forest, ere the first daybreak, to chase. Loud with hunters and horns o'er plains they passed apace, and loosed there among the thorns the running dogs to race.	1402. And syþen by þe chymné in chamber þay seten, 1403. Wyȝez þe walle wyn weȝed to hem oft, 1404. And efte in her bourdyng þay bayþen in þe morn 1405. To fylle þe same forwardez þat þay byfore maden: 1406. Wat chaunce so bytydez hor cheuysaunce to chaunge, 1407. What nwez so þay nome, at naȝt quen þay metten. 1408. Þay acorded of þe couenauntez byfore þe court alle; 1409. Þe beuerage watz broȝt forth in bourde at þat tyme, 1410. Þenne þay louelych leȝten leue at þe last, 1411. Vche burne to his bedde busked bylyue. 1412. Bi þat þe coke hade crowen and cakled bot þryse, 1413. Þe lorde watz lopen of his bedde, þe leudez vchone; 1414. So þat þe mete and þe masse watz metely delyuered, 1415. Þe douthe dressed to þe wod, er any day sprenged, 1416. to chace; 1417. Heȝ with hunte and hornez 1418. Þurȝ playnez þay passe in space, 1419. Vncoupled among þo þornez 1420. Rachez þat ran on race.

Estrofe 57

Brian Stone	Tolkien	Original
By a quagmire they quickly scented quarry and gave tongue, And the chief huntsman urged on the first hounds up, Spurring them on with a splendid spate of words.[248] The hounds, hearing it, hastened thither immediately, Fell on the trail furiously, forty together, And made such echoing uproar, all howling at once, That the rocks round about rang with the din. Hunters inspirited them with sound of speech and horn. Then together in a group, across the ground they surged At speed between a pool and a spiked forest crag, A great rugged rock which had roughly tumbled down From the beetling cliff by the bogside. They careered in full cry, with the courtiers after them. Men surrounded the rugged rock and the morass as well, Certain their prey skulked inside their ring, For with the bloodhounds was the beast first to bay on the scent. Then they beat upon the bushes and bade him come out, And he swung out slanting, seeking the men, A baneful boar of unbelievable size, A solitary long since sundered from the herd, Being old and brawny, the biggest of them all, And grim and ghastly when he grunted: great was the grief When he thrust through the hounds, hurling three to earth, And sped on scot-free, swift and unscratched. There were horn-calls and hallooing as the hounds were mustered, And many were the merry cries from men and hounds As they hurried clamouring after their quarry to kill him on The track. Many times he turns at bay And tears the dogs which attack. He hurts the hounds, and they Moan in a piteous pack.	Soon these cried for a quest in a covert by a marsh; the huntsman hailed the hound that first heeded the scent, stirring words he spoke to him with a strident voice. The hounds then that heard it hastened thither swiftly, and fell fast on the line, some forty at once. Then such a baying and babel of bloodhounds together arose that the rock-wall rang all about them. Hunters enheartened them with horn and with mouth, and then all in a rout rushed on together between a fen-pool in that forest and a frowning crag. In a tangle under a tall cliff at the tarn's edges, where the rough rock ruggedly in ruin was fallen, they fared to the find, followed by hunters who made a cast round the crag and the clutter of stones, till well they were aware that it waited within: the very beast that the baying bloodhounds had spoken. Then they beat on the bushes and bade him upsrise, and forth he came to their peril against folk in his path. 'Twas a boar without rival that burst upon them; long the herd he had left, that lone beast aged, for savage was he, of all swine the hugest, grim indeed when he grunted. Then aghast were many; for three at the first thrust he threw to the ground, and sprang off with great speed, sparing the others; and they hallooed on high, and ha! ha! shouted, and held horn to mouth, blowing hard the rally. Many were the wild mouthings of men and of dogs, as they bounded after this boar, him with blare and with din to quell. Many times he turns to bay, and maims the pack pell-mell; he hurts many hounds, and they grievously yowl and yell.	1421. SONE þay calle of a quest in a ker syde, 1422. Þe hunt rehayted þe houndez þat hit fyrst mynged, 1423. Wylde wordez hym warp wyth a wrast noyce; 1424. Þe howndez þat hit herde hastid þider swyþe, 1425. And fellen as fast to þe fuyt, fourty at ones; 1426. Þenne such a glauer ande glam of gedered rachchez 1427. Ros, þat þe rocherez rungen aboute; 1428. Hunterez hem hardened with horne and wyth muthe. 1429. Þen al in a semblé sweyed togeder, 1430. Bitwene a flosche in þat fryth and a foo cragge; 1431. In a knot bi a clyffe, at þe kerre syde, 1432. Þer as þe rogh rocher vnrydely watz fallen, 1433. Þay ferden to þe fyndyng, and frekez hem after; 1434. Þay vmbekesten þe knarre and þe knot boþe, 1435. Wyȝez, whyl þay wysten wel wythinne hem hit were, 1436. Þe best þat þer breued watz wyth þe blodhoundez. 1437. Þenne þay beten on þe buskez, and bede hym vpryse, 1438. And he vnsoundyly out soȝt seggez ouerþwert; 1439. On þe sellokest swyn swenged out þere, 1440. Long sythen fro þe sounder þat siȝed for olde, 1441. For he watz breme, bor alþer-grattest, 1442. Ful grymme quen he gronyed; þenne greued mony, 1443. For þre at þe fyrst þrast he þryȝt to þe erþe, 1444. And sparred forth good sped boute spyt more. 1445. Þise oþer halowed hyghe! ful hyȝe, and hay! hay! cryed, 1446. Haden hornez to mouþe, heterly rechated; 1447. Mony watz þe myry mouthe of men and of houndez 1448. Þat buskkez after þis bor with bost and wyth noyse 1449. to quelle. 1450. Ful oft he bydez þe baye, 1451. And maymez þe mute inn melle; 1452. He hurtez of þe houndez, and þay 1453. Ful ȝomerly ȝaule and ȝelle.

[248] According to Turberville (*The Noble Art of Venerie, or Hunting*, 1573), hounds engaged in boar-hunting needed special encouragement: "You shall Comfort your houndes with furious terrible soundes and noyse, as well of the voyce as also of your horne."

Estrofe 58

Brian Stone	Tolkien	Original
Then men shoved forward, shaped to shoot at him, Loosed arrows at him, hitting him often, But the points, for all their power, could not pierce his flanks, Nor would the barbs bite on his bristling brow,[249] Though the smooth-shaven shaft shattered in pieces; Yet wherever it hit, the head rebounded. But when the boar was battered by blows unceasing, Goaded and driven demented, he dashed at the men, Striking them savagely as he assailed them in rushes, So that some skulked away in stark fear. But the lord on a lithe horse lunged after him, Blew on his bugle like a bold knight in battle, Rallied the hounds as he rode through the rank thickets, Pursuing this savage boar till the sun set. And so they disported themselves this day While our lovable lord lay in his bed. At home gracious Gawain in gorgeous clothes Reclined: The gay one did not forget To come with welcome kind, And early him beset To make him change his mind.	Hunters then hurried up eager to shoot him, aimed at him their arrows, often they hit him; but poor at core proved the points that pitched on his shields, and the barbs on his brows would bite not at all; though the shaven shaft shivered in pieces, back the head came hopping, wherever it hit him. But when the hurts went home of their heavier strokes, then with brain wild for battle he burst out upon them, ruthless he rent them as he rushed forward, and many quailed at his coming and quickly withdrew. But the lord on a light horse went leaping after him; as bold man on battle-field with his bugle he blew the rally-call as he rode through the rough thickets, pursuing this wild swine till the sunbeams slanted. This day in such doings thus duly they passed, while our brave knight beloved there lies in his bed at home in good hap, in housings so costly and gay. The lady did not forget: she came to bid good day; early she on him set, his will to wear away.	1454. Schalkez to schote at hym schowen to þenne, 1455. Haled to hym of her arewez, hitten hym oft; 1456. Bot þe poyntez payred at þe pyth þat py3t in his scheldez, 1457. And þe barbez of his browe bite non wolde– 1458. Þa3 þe schauen schaft schyndered in pecez, 1459. Þe hede hypped a3ayn were-so-euer hit hitte. 1460. Bot quen þe dyntez hym dered of her dry3e strokez, 1461. Þen, braynwod for bate, on burnez he rasez, 1462. Hurtez hem ful heterly þer he forth hy3ez, 1463. And mony ar3ed þerat, and on lyte dro3en. 1464. Bot þe lorde on a ly3t horce launces hym after, 1465. As burne bolde vpon bent his bugle he blowez, 1466. He rechated, and rode þur3 ronez ful þyk, 1467. Suande þis wylde swyn til þe sunne schafted. 1468. Þis day wyth þis ilk dede þay dryuen on þis wyse, 1469. Whyle oure luflych lede lys in his bedde, 1470. Gawayn grayþely at home, in gerez ful ryche 1471. of hewe. 1472. Þe lady no3t for3ate, 1473. Com to hym to salue; 1474. Ful erly ho watz hym ate 1475. His mode for to remwe.

[249] The bristles of the brow thicker when the boar has its winter coat. When at bay, with its flanks and rear protected, the boar could be fatally hit only by a shot between the eyes.

Estrofe 59

Brian Stone	Tolkien	Original
She came to the curtain and cast her eye On Sir Gawain, who at once gave her gracious welcome, And she answered him eagerly, with ardent words, Sat down softly at his side, and with swift laughter And a languishing look, delivered these words: 'It seems to me strange if, sir, you are Gawain, A person so powerful disposed to good, Yet nevertheless know nothing of noble conventions, And when made aware of them, wave them away! Quickly you have cast off what I schooled you in yesterday By the truest of all tokens of talk I know of.' 'What?' said the wondering knight, 'I am not aware of one. But if it be true what you tell, I am entirely to blame.' 'Yet I counselled you about kissing,' the comely one said; 'Where a favour is conferred, it must firmly be claimed According to the canons of courtly usage.' 'Sweet one, unsay that speech,' said the brave man, 'For I dared not do that lest I be denied. If my advances were refused, the fault would be mine.' 'But none,' said the noblewoman, 'could deny you, by my faith! You are strong enough to constrain with your strength if you wish, If any were so ill-bred as to offer you resistance.' 'Yes, good guidance you give me, by God,' replied Gawain, 'But threateners are ill thought of and do not thrive in my country, Nor do gifts thrive when given without good will. I am here at your behest, to offer a kiss to when you like; You may do it whenever you deem fit, or desist, In this place.' The beautiful lady bent And fairly kissed his face: Much speech the two then spent On love, its grief and grace.	She passed to the curtain and peeped at the knight. Sir Wawain graciously then welcomed her first, and she answered him alike, eagerly speaking, and sat her softly by his side; and suddenly she laughed, and with a look full of love delivered these words: 'Sir, if you are Wawain, a wonder I think it that a man so well-meaning, ever mindful of good, yet cannot comprehend the customs of the gentle; and if one acquaints you therewith, you do not keep them in mind: thou hast forgot altogether what a day ago I taught by the plainest points I could put into words!' 'What is that?' he said at once. 'I am not aware of it at all. But if you are telling the truth, I must take all the blame.' 'And yet as to kisses', she quoth, 'this counsel I gave you: wherever favour is found, defer not to claim them: that becomes all who care for courteous manners.' 'Take back', said the true knight, 'that teaching my dear! For that I dared not do, for dread of refusal. Were I rebuffed, I should be to blame for so bold an offer.' 'Ma fay!' said the fair lady, 'you may not be refused; you are stout enough to constrain one by strength, if you like, if any were so ill bred as to answer you nay.' 'Indeed, by God', quoth Gawain, 'you graciously speak; but force finds no favour among the folk where I dwell, and any gift not given gladly and freely. I am at your call and command to kiss when you please. You may receive as you desire, and cease as you think in place.' Then down the lady bent, and sweetly kissed his face. Much speech then there they spent of lovers' grief and grace.	1476. Ho commes to þe cortyn, and at þe kny3t totes. 1477. Sir Wawen her welcumed worþy on fyrst, 1478. And ho hym 3eldez a3ayn ful 3erne of hir wordez, 1479. Settez hir softly by his syde, and swyþely ho la3ez, 1480. And wyth a luflych loke ho layde hym þyse wordez: 1481. 'Sir, 3if 3e be Wawen, wonder me þynkkez, 1482. Wy3e þat is so wel wrast alway to god, 1483. And connez not of compaynye þe costez vndertake, 1484. And if mon kennes yow hom to knowe, 3e kest hom of your mynde; 1485. Þou hatz for3eten 3ederly þat 3isterday I ta3tte 1486. Bi alder-truest token of talk þat I cowþe.' 1487. 'What is þat?' quoþ þe wyghe, 'Iwysse I wot neuer; 1488. If hit be sothe þat 3e breue, þe blame is myn awen.' 1489. '3et I kende yow of kyssyng,' quoþ þe clere þenne, 1490. 'Quere-so countenaunce is couþe quikly to clayme; 1491. Þat bicumes vche a kny3t þat cortaysy vses.' 1492. 'Do way,' quoþ þat derf mon, 'my dere, þat speche, 1493. For þat durst I not do, lest I deuayed were; 1494. If I were werned, I were wrang, iwysse, 3if I profered.' 1495. 'Ma fay,' quoþ þe meré wyf, '3e may not be werned, 1496. 3e ar stif innoghe to constrayne wyth strenkþe, 3if yow lykez, 1497. 3if any were so vilanous þat yow devaye wolde.' 1498. '3e, be God,' quoþ Gawayn, 'good is your speche, 1499. Bot þrete is vnþryuande in þede þer I lende, 1500. And vche gift þat is geuen not with goud wylle. 1501. I am at your comaundement, to kysse quen yow lykez, 1502. 3e may lach quen yow lyst, and leue quen yow þynkkez, 1503. in space.' 1504. Þe lady loutez adoun, 1505. And comlyly kysses his face, 1506. Much speche þay þer expoun 1507. Of druryes greme and grace.

Estrofe 60

Brian Stone	Tolkien	Original
‘If it did not anger you’, the high born lady said, ‘I would ask you why it is that one so young, So hale and hearty as you are at this time, So generous a gentleman as you are justly known to be, Has never uttered any word that I have harkened to Belonging to love’s saga, neither less nor more.[250] The choicest thing in Chivalry, the chief thing praised, Is the loyal sport of love, the very lore of arms; The tale of the contentions of the true knights Is told by the title and text of their works – How lords for their true loves put their lives at hazard, Endured dreadful trials for their dear loves’ sakes, And with their valour took revenge for their vicissitudes, And brought home abundant bliss by their virtues. You are the gentlest and most just of your generation: Everywhere your honour and high fame are known. And two separate times I have sat beside you here. Being so polished and so punctilious a pledge-fulfiller, You ought to be eager to indicate to a young lady And discover the high craft of courtly love. Why! Are you ignorant, you who have all the fame? Or do you deem me too dull to delight in your dalliance? For shame! I sit here unchaperoned, and stay To acquire some courtly game; So while my lord is away, Teach me your true wit’s fame.’	‘I would learn from you, lord,’ the lady then said, ‘if you would not mind me asking, what is the meaning of this: that one so young as are you in years, and so gay, by renoun so well known for knighthood and breeding, while of all chivalry the choice, the chief thing to praise, is the loyal practice of love: very lore of knighthood – for, talking of the toils that these true knights suffer, it is the title and contents and text of their works: how lovers for their true love their lives have imperilled, have endured for their dear one dolorous trials, until avenged by their valour, their adversity passed, they have brought bliss into her bower by their own brave virtues – and you are the knight of most noble renown in our age, and your fame and fair name afar is published, and I have sat by your very self now for the second time, yet your mouth has never make any remark I have heard that ever belonged to love-making, lesser or greater. Surely, you that are so accomplished and so courtly in your vows should be prompt to expound to a young pupil by signs and examples the science of lovers. Why? Are you ignorant who all honour enjoy? Or else you esteem me too stupid to understand your courtship? But nay! Here single I come and sit, a pupil for your play; come, teach me of your wit, while my lord is far away.’	1508. 'I woled wyt at yow, wy3e,' þat worþy þer sayde, 1509. 'And yow wrathed not þerwyth, what were þe skylle 1510. Þat so 3ong and so 3epe as 3e at þis tyme, 1511. So cortayse, so kny3tyly, as 3e ar knowen oute– 1512. And of alle cheualry to chose, þe chef þyng alosed 1513. Is þe lel layk of luf, þe lettrure of armes; 1514. For to telle of þis teuelyng of þis trwe kny3tez, 1515. Hit is þe tytelet token and tyxt of her werkkez, 1516. How ledes for her lele luf hor lyuez han auntered, 1517. Endured for her drury dulful stoundez, 1518. And after wenged with her walour and voyded her care, 1519. And bro3t blysse into boure with bountees hor awen– 1520. And 3e ar kny3t comlokest kyd of your elde, 1521. Your worde and your worchip walkez ayquere, 1522. And I haf seten by yourself here sere twyes, 1523. 3et herde I neuer of your hed helde no wordez 1524. Þat euer longed to luf, lasse ne more; 1525. And 3e, þat ar so cortays and coynt of your hetes, 1526. Oghe to a 3onke þynk 3ern to schewe 1527. And teche sum tokenez of trweluf craftes. 1528. Why! ar 3e lewed, þat alle þe los weldez? 1529. Oþer elles 3e demen me to dille your dalyaunce to herken? 1530. For schame! 1531. I com hider sengel, and sitte 1532. To lerne at yow sum game; 1533. Dos, techez me of your wytte, 1534. Whil my lorde is fro hame.'

[250] The text breaks off after the fourth line of the stanza, and a lengthy parenthesis follows: yet the original sentence is never properly resumed. To resolve the difficulty and produce a consecutive translation, I have taken lines 1523-4 and placed them at the beginning of what is the parenthesis in the original. This is the only place in the poem where I have seriously tampered with the order of the original.

Estrofe 61

Brian Stone	Tolkien	Original
‘In good faith,’ said Gawain, ‘may God requite you! It gives me great happiness, and is good sport to me, That so fine a fair one as you should find her way here And take pains with so poor a man, make pastime with her knight, With any kind of clemency – it comforts me greatly. But in faith it would be a manifold folly, noble lady, For me to take on the travail of interpreting true love And construing the subjects of the stories of arms To you who, I hold, have more skill In that art, by half, than a hundred of such As I am or ever shall be on the earth I inhabit. To please you I would press with all the power in my soul, For I am highly beholden to you, and evermore shall be True servant to yout bounteous self, so save me God!’ So the stately lady tempted him and tried him with questions To persuade him to sin, with some other motive besides. (NT) But he defended himself so firmly that no fault appeared, Nor was there any evil apparent on either side, But bliss; For long they laughed and played Till she gave him a gracious kiss. A fond farewell she bade, And went her way on this.	‘In good faith’, said Gawain, ‘may God reward you! Great delight I gain, and am glad beyong measure that one so worthy as you should be willing to come here and take pains with so poor a man: as for playing with your knight, showing favour in any form, it fills me with joy. But for me to take up the task on true love to lecture, to comment on the text and tales of knighthood to you, who I am certain possess far more skill in that art by the half than a hundred of such as I am, or shall ever be while on earth I remain, it would be folly manifold, in faith, my lady! All your will I would wish to work, as I am able, being so beholden in honour, and, so help me the Lord, desiring ever the servant of yourself to remain.’ Thus she tested and tried him, tempting him often, so as to allure him to love-making, whatever lay in her heart. But his defence was so fair that no fault could be seen, nor any evil upon either side, nor aught but joy they wist. They laughed and long they played; at last she him then kissed, with grace adieu him bade, and went whereso she list.	1535. 'In goud fayþe,' quoþ Gawayn, 'God yow forȝelde! 1536. Gret is þe gode gle, and gomen to me huge, 1537. Þat so worþy as ȝe wolde wynne hidere, 1538. And pyne yow with so pouer a mon, as play wyth your kny3t 1539. With anyskynnez countenaunce, hit keuerez me ese; 1540. Bot to take þe toruayle to myself to trwluf expoun, 1541. And towche þe temez of tyxt and talez of armez 1542. To yow þat, I wot wel, weldez more sly3t 1543. Of þat art, bi þe half, or a hundreth of seche 1544. As I am, oþer euer schal, in erde þer I leue, 1545. Hit were a folé felefolde, my fre, by my trawþe. 1546. I wolde yowre wylnyng worche at my my3t, 1547. As I am hy3ly bihalden, and euermore wylle 1548. Be seruaunt to yourseluen, so saue me Dry3tyn!' 1549. Þus hym frayned þat fre, and fondet hym ofte, 1550. For to haf wonnen hym to wo3e, what-so scho þo3t ellez; 1551. Bot he defended hym so fayr þat no faut semed, 1552. Ne non euel on nawþer halue, nawþer þay wysten 1553. bot blysse. 1554. Þay la3ed and layked longe; 1555. At þe last scho con hym kysse, 1556. Hir leue fayre con scho fonge 1557. And went hir waye, iwysse.

Estrofe 62

Brian Stone	Tolkien	Original
Then Gawain dons his garments and goes to mass: Next, dinner is daintily dressed and served. All day long the lord and the ladies disported, But the castellan often coursed across the country, Pursued his savage boar, which swooped over the slopes, And bit asunder the backs of his best hounds When at bay, till the bowmen obliged him to break free, And forced him, for all his defence, to go farther away, So fast the arrows flew when the folk concentrated. Sometimes he made even the strongest start back. In time he became so tired he could tear away no more, But with the speed he still possessed, he spurted to a hole On a rise by a rock with a running stream beside. He got the bank at his back, and began to abrade the ground. The froth was foaming foully at his mouth, And he whetted his white tusks; a weary time it was For the bold men about, who were bound to harass him From a distance, for none dared to draw near him For dread. He had hurt so many men That it entered no one's head To be torn by his tusks again, And he raging and seeing red.[251]	Then rousing from his rest he rose to hear Mass, and then their dinner was laid and daintily served. The livelong day with the ladies in delight he spent, but the lord o'er the lands leaped to and fro, pursuing his fell swine that o'er the slopes hurtled and bit asunder the backs of the best of his hounds, wherever to bay he was brought, until bowmen dislodged him, and made him, maugre his teeth, move again onward, so fast the shafts blew when the folk were assembled. And yet the stoutest of them still he made start there aside, Till at last he was so spent he could speed no further, But in such haste as he might he made for a hollow on a reef beside a rock where the river was flowing. He put the bank at his back, began then to paw; fearfully the froth of his mouth foamed from the corners; he whetted his white tusks. Then weary were all the brave men so bold as by him to stand of plaguing him from afar, yet for peril they dared not come nigher. He had hurt so many before that none had now desire to be torn with the tusks once more of a beast both mad and dire.	1558. Then ruþes hym þe renk and ryses to þe masse, 1559. And siþen hor diner watz dy3t and derely serued. 1560. Þe lede with þe ladyez layked alle day, 1561. Bot þe lorde ouer þe londez launced ful ofte, 1562. Swez his vncely swyn, þat swyngez bi þe bonkkez 1563. And bote þe best of his brachez þe bakkez in sunder 1564. Þer he bode in his bay, tel bawemen hit breken, 1565. And madee hym mawgref his hed for to mwe vtter, 1566. So felle flonez þer flete when þe folk gedered. 1567. Bot 3et þe styffest to start bi stoundez he made, 1568. Til at þe last he watz so mat he my3t no more renne, 1569. Bot in þe hast þat he my3t he to a hole wynnez 1570. Of a rasse bi a rokk þer rennez þe boerne. 1571. He gete þe bonk at his bak, bigynez to scrape, 1572. Þe froþe femed at his mouth vnfayre bi þe wykez, 1573. Whettez his whyte tuschez; with hym þen irked 1574. Alle þe burnez so bolde þat hym by stoden 1575. To nye hym on-ferum, bot ne3e hym non durst 1576. for woþe; 1577. He hade hurt so mony byforne 1578. Þat al þu3t þenne ful loþe 1579. Be more wyth his tusches torne, 1580. Þat breme watz and braynwod bothe,

[251] I am afraid people with Yeats in their blood must be permitted this kind of construction.

Estrofe 63

Brian Stone	Tolkien	Original
Till the castellan came himself, encouraging his horse, And saw the boar at bay with his band of men around. He alighted in lively fashion, left his courser, Drew and brandished his bright sword and boldly strode forward, Striding at speed through the stream to where the savage beast was. The wild thing was aware of the weapon and its wielder, And bridled with his bristles in a burst of fierce snorts, So that all were anxious for the lord, lest worst hap befall. Straight away the swine sprang out at the man, And baron and boar were both in a heap In the swirling water: the worst went to the beast, For the man had marked him well at the moment of impact, Had put the point precisely at the pit of his chest, And drove it in to the hilt, so that the heart was shattered, And the spent beast sank snarling in the stream, Teeth bare. A hundred hounds and more Attack and seize and tear; Men tug him to the shore And the dogs destroy him there.	Till the knight himself came, his courser spurring, and saw him brought there to bay, and all about him his men. Nothing loth he alighted, and leaving his horse, brandished a bright blade and boldly advanced, striding stoutly through the ford to where stood the felon. The wild beast was aware of him with his weapon in hand, and high raised his hair; with such hate he snorted that folk feared for the knight, lest his foe should worst him. Out came the swine and set on him at once, and the boar and the brave man were both in a mellay in the wildest of the water. The worse had the beast, for the man marked him well, and as they met he at once struck steadily his point straight in the neck-slot, and hit him up to the hilts, so that his heart was riven, and with a snarl he succumbed, and was swept down the water straightway. A hundred hounds him caught, and fiercely bit their prey; the men to the bank him brought, and dogs him dead did lay.	1581. Til þe kny3t com hymself, kachande his blonk, 1582. Sy3 hym byde at þe bay, his burnez bysyde; 1583. He ly3tes luflych adoun, leuez his corsour, 1584. Braydez out a bry3t bront and bigly forth strydez, 1585. Foundez fast þur3 þe forth þer þe felle bydez. 1586. Þe wylde watz war of þe wy3e with weppen in honde, 1587. Hef hy3ly þe here, so hetterly he fnast 1588. Þat fele ferde for þe freke, lest felle hym þe worre. 1589. Þe swyn settez hym out on þe segge euen, 1590. Þat þe burne and þe bor were boþe vpon hepez 1591. In þe wy3test of þe water; þe worre hade þat oþer, 1592. For þe mon merkkez hym wel, as þay mette fyrst, 1593. Set sadly þe scharp in þe slot euen, 1594. Hit hym vp to þe hult, þat þe hert schyndered, 1595. And he 3arrande hym 3elde, and 3edoun þe water 1596. ful tyt. 1597. A hundreth houndez hym hent, 1598. Þat bremely con hym bite, 1599. Burnez him bro3t to bent, 1600. And doggez to dethe endite.

Estrofe 64

Brian Stone	Tolkien	Original
Bugles blew the triumph, horns blared loud.	There men blew for the prise in many a blaring horn,	1601. There watz blawyng of prys in mony breme horne,
There was hallooing on high by all those present;	and high and loud hallooed all the hunters that could;	1602. Heȝe halowing on hiȝe with haþelez þat myȝt;
Braches bayed their best at the bidding of their masters,	bloodhounds bayed for the beast, as bade the masters,	1603. Brachetes bayed þat best, as bidden þe maysterez
The chief huntsmen in charge of that chase so hard.	who of that hard-run chase were the chief huntsmen.	1604. Of þat chargeaunt chace þat were chef huntes.
The one who was wise in wood-crafts	Then one that was well learnéd in woodmen's lore	1605. Þenne a wyȝe þat watz wys vpon wodcraftez
Started in style to slash open the boar.	with pretty cunning began to carve up this boar.	1606. To vnlace þis bor lufly bigynnez.
First he hewed off the head and hoisted it on high,	First he hewed off his head and on high set it,	1607. Fyrst he hewes of his hed and on hiȝe settez,
Then rent him roughly along the ridge of his back,	then he rent him roughly down the ridge of the back,	1608. And syþen rendez him al roghe bi þe rygge after,
Brought out the bowels and broiled them on coals	brought out the bowels, burned them on gledes,	1609. Braydez out þe boweles, brennez hom on glede,
For blending with bread as the braches' reward.	and with them, blended with blood, the bloodhounds rewarded.	1610. With bred blent þerwith his braches rewardez.
Then he broke out the brawn from the bright broad flanks,	Next he broke up the boar-flesh in broad slabs of brawn,	1611. Syþen he britnez out þe brawen in bryȝt brode cheldez,
And heaved out the entrails, as honour requires,	and haled forth the hastlets in order all duly,	1612. And hatz out þe hastlettez, as hiȝtly bisemez;
Attached the two halves entirely together,	and yet all whole he fastened the halves together,	1613. And ȝet hem halchez al hole þe haluez togeder,
And on a strong stake stoutly hung them.	and strongly on a stout pole he strung them then up.	1614. And syþen on a stif stange stoutly hem henges.
Then with this same swine they started for home.	Now with this swine homeward swiftly they hastened,	1615. Now with þis ilk swyn þay swengen to home;
With the boar's head borne before the baron himself,	and the boar's head was borne before the brave knight himself	1616. Þe bores hed watz borne bifore þe burnes seluen
Who had destroyed him in the stream by the strength of his arm,[252]	who felled him in the ford by force of his hand	1617. Þat him forferde in þe forþe þurȝ forse of his honde
Above all:	so great.	1618. so stronge.
It seemed to him an age	Until he saw Sir Gawain	1619. Til he seȝ Sir Gawayne
Till he greeted Gawain in hall.	in the hall he could hardly wait.	1620. In halle hym Þoȝt ful longe;
To reap his rightful wage	He called, and his pay to gain	1621. He calde, and he com gayn
The latter came at his call.	the other came there straight.	1622. His feez þer for to fonge.

[252] The Boar's Head Carol reminds us of the association of boar-hunting with Christmas, but according to the forest laws, the boar-hunting season began only on Christmas Day, so that an early kill was vital if the board was to be properly graced for the evening meal. Candlemas, 2nd February, marked the end of the boar-hunting season.

Estrofe 65

Brian Stone	Tolkien	Original
The lord exclaimed loudly, laughing merrily When he saw Sir Gawain, and spoke joyously. The sweet ladies were sent for, and the servants assembled. Then he showed them the shields, gave a short account Of the large size, the length, the malignity And fighting style of the fierce boar when he fled in the woods; So that Gawain congratulated him on his great deed, Commended it as a merit he had manifested well. For such a brawny beast, the bold man said, A boar of such breadth, he had not before seen. When they handled the huge head the upright man praised it, Expressed horror thereat for the ear of the lord. 'Now Gawain', said the good man, 'this game is your own By our contracted treaty, in truth, you know.' 'It is so', said the knight, 'and as certainly I shall give you all my gains as guerdon, in faith.' He clasped the castellan's neck and kissed him kindly, And then served him a second time in the same style. 'In all our transactions since I came to sojourn,' asserted Gawain, 'Up to tonight, as of now, there's nothing that I owe.' 'By Saint Giles,[253]' the castellan quipped, 'You're the finest fellow I know: Your wealth will have us all whipped If your trade continues so!'	The lord with his loud voice and laugher merry gaily he greeted him when Gawain he saw. The fair ladies were fetched and the folk all assembled, and he showed them the shorn slabs, and shaped his report of the width and wondrous length, and the wickedness also in war, of the wild swine, as in the woods he had fled. With fair word his friend the feat then applauded, and praised the great prowess he had proved in his deeds; for such brawn on a beast, the brave knight declared, or such sides on a swine he had never seen before. They then handled the huge head, and highly he praised it, showing horror at the hideous thing to honour the lord. 'Now, Gawain,' said the good man, 'this game is your own by close covenant we concluded, as clearly you know.' 'That is true,' he returned, 'and as truly I assure you all my winnings, I warrant, I shall award you in exchange.' He clasped his neck, and courteously a kiss he then gave him and swiftly with a second he served him on the spot. 'Now we are quits,' he quoth, 'and clear for this evening of all covenants we accorded, since I came to this house, as is due.' The lord said: 'By Saint Gile, your match I never knew! You'll be wealthy in a while, such trade if you pursue.'	1623. Þe lorde ful lowde with lote and laȝter myry, 1624. When he seȝe Sir Gawayn, with solace he spekez; 1625. Þe goude ladyez were geten, and gedered þe meyny, 1626. He schewez hem þe scheldez, and schapes hem þe tale 1627. Of þe largesse and þe lenþe, þe liþernez alse 1628. Of þe were of þe wylde swyn in wod þer he fled. 1629. Þat oþer knyȝt ful comly comended his dedez, 1630. And praysed hit as gret prys þat he proued hade, 1631. For suche a brawne of a best, þe bolde burne sayde, 1632. Ne such sydes of a swyn segh he neuer are. 1633. Þenne hondeled þay þe hoge hed, þe hende mon hit praysed, 1634. And let lodly þerat þe lorde for to here. 1635. 'Now, Gawayn,' quoþ þe godmon, 'þis gomen is your awen 1636. Bi fyn forwarde and faste, faythely ȝe knowe.' 1637. 'Hit is sothe,' quoþ þe segge, 'and as siker trwe 1638. Alle my get I schal yow gif agayn, bi my trawþe.' 1639. He hent þe haþel aboute þe halse, and hendely hym kysses, 1640. And eftersones of þe same he serued hym þere. 1641. 'Now ar we euen,' quoþ þe haþel, 'in þis euentide 1642. Of alle þe couenauntes þat we knyt, syþen I com hider, 1643. bi lawe.' 1644. Þe lorde sayde, 'Bi saynt Gile, 1645. ȝe ar þe best þat I knowe! 1646. ȝe ben ryche in a whyle, 1647. Such chaffer and ȝe drowe.'

[253] St Giles was a seventh-century hermit who, persecuted by fame, withdrew to a forest near Nimes, where he lived with a hind as his sole companion. This hind, when hunted by the king, led them to St. Giles, whom the king persuaded to build a Benedictine monastery. The attribute of the hind makes this saint a most suitable patron for Sir Bertilak.

Estrofe 66

Brian Stone	Tolkien	Original
Then the trestles and tables were trimly set out, Complete with cloths, and clearly-flaming cressets And waxen torches were placed in the wall-brackets By retainers, who then tended the entire hall-gathering. Then by the fire on the floor, in multifarious ways A spirit of gladness and glee gushed forth, And many songs were sung at supper and afterwards, A concert of Christmas carols[254] new and old, With the most mannerly mirth a man could tell of. And our courteous knight kept constant company with the lady. In a bewitchingly well-mannered way she ogled him, Surreptitiously soliciting the stalwart knight, So much so that he was astounded, and upset in himself. But his upbringing forbade him to oblige her, And he dealt with her daintily – a deed not tending to Disgrace. As long as they like in hall. In glee they play with grace, And then at the castellan's call To the chimney-piece they pace.	Then on top of the trestles the tables they laid, cast the cloths thereon, and clear light then wakened along the walls; waxen torches men set there, and servants went swift about the hall. Much gladness and gaiety began then to spring round the fire on the hearth, and freely and oft at supper and later: many songs of delight such as canticles of Christmas, and new carol-dances, amid all the mannerly mirth that men can tell of; and ever our noble knight was next to the lady. Such glances she gave him of her gracious favour, secretly stealing sweet looks that strong man to charm, that he was passing perplexed, and ill-pleased at heart. Yet he would fain not of his courtesy coldly refuse her, but graciously engaged her, however against the grain the play. When mirth they had made in hall as long as they wished to stay, to a room did the lord them call and to the ingle they made their way.	1648. Þenne þay teldet tablez trestes alofte, 1649. Kesten cloþen vpon; clere ly3t þenne 1650. Wakned bi wo3ez, waxen torches; 1651. Seggez sette and serued in sale al aboute; 1652. Much glam and gle glent vp þerinne 1653. Aboute þe fyre vpon flet, and on fele wyse 1654. At þe soper and after, mony aþel songez, 1655. As coundutes of Krystmasse and carolez newe 1656. With al þe manerly merþe þat mon may of telle, 1657. And euer oure luflych kny3t þe lady bisyde. 1658. Such semblaunt to þat segge semly ho made 1659. Wyth stille stollen countenaunce, þat stalworth to plese, 1660. Þat al forwondered watz þe wy3e, and wroth with hymseluen, 1661. Bot he nolde not for his nurture nurne hir a3aynez, 1662. Bot dalt with hir al in daynté, how-se-euer þe dede turned 1663. towrast. 1664. Quen þay hade played in halle 1665. As longe as hor wylle hom last, 1666. To chambre he con hym calle, 1667. And to þe chemné þay past.

[254] In the original, two kinds of sung music are specified. One is the 'conduit', a Christmas song for tenor with two descants, and the ancestor of the modern carol. The other is the 'carole', the dancing song of the Middle Ages.

Estrofe 67

Brian Stone	Tolkien	Original
There they drank and discouraged and decided to enjoy Similar solace and sport on New Year's Eve. But the princely knight asked permission to depart in the morning, For his appointed time was approaching, and perforce must go. But the lord would not let him and implored him to linger Saying, 'I swear to you, as a staunch true knight, You shall gain the Green Chapel to give your dues, My lord, in the light of New Year, long before sunrise. Therefore remain in your room and rest in comfort, While I fare hunting in the forest; in fulfilment of your oath Exchanging what we achieve when the chase is over. For twice I have tested you, and twice found you true. Now may you thrive best the third time! Think of the morrow. Let us make merry while we may, set our minds on joy, For disaster can seize man whensoever it pleases.' This was graciously granted and Gawain stayed. Blithely drink was brought, then to bed with lights They pressed. All night Sir Gawain sleeps Softly and still at rest; But the lord his custom keeps And is early up and dressed.	There amid merry words and wine they had a mind once more to harp on the same note on New Year's Eve. But said Gawain: 'Grant me leave to go on the morrow! For the appointment approaches that I pledged myself to.' The lord was loth to allow it, and longer would keep him, and said: 'As I am a true man I swear on my troth the Green Chapel thou shalt gain, and go to your business in the dawn of New Year, sir, ere daytime begins. So still lie upstairs and stay at thine ease, and I shall hunt in the holt there, and hold to my terms with thee truly, when I return, to trade all our gains. For I have tested thee twice, and trusty I find thee. Now "third time pays for all", bethink thee tomorrow! Make we merry while we may and be mindful of joy, for the woe one may win whenever one wishes!' this was graciously agreed, and Gawain would linger. Then gaily drink is given them and they go to their beds with light. Sir Gawain lies and sleeps soft and sound all night; his host to his hunting keeps, and is early arrayed aright.	1668. Ande þer þay dronken, and dalten, and demed eft nwe 1669. To norne on þe same note on Nwe 3erez euen; 1670. Bot þe kny3t craued leue to kayre on þe morn, 1671. For hit watz ne3 at þe terme þat he to schulde. 1672. Þe lorde hym letted of þat, to lenge hym resteyed, 1673. And sayde, 'As I am trwe segge, I siker my trawþe 1674. Þou schal cheue to þe grene chapel þy charres to make, 1675. Leude, on Nw 3erez ly3t, longe bifore pryme. 1676. Forþy þow lye in þy loft and lach þyn ese, 1677. And I schal hunt in þis holt, and halde þe towchez, 1678. Chaunge wyth þe cheuisaunce, bi þat I charre hider; 1679. For I haf frayste þe twys, and faythful I fynde þe. 1680. Now "þrid tyme þrowe best" þenk on þe morne, 1681. Make we mery quyl we may and mynne vpon joye, 1682. For þe lur may mon lach when-so mon lykez.' 1683. Þis watz grayþely graunted, and Gawayn is lenged, 1684. Bliþe bro3t watz hym drynk, and þay to bedde 3eden 1685. with li3t. 1686. Sir Gawayn lis and slepes 1687. Ful stille and softe al ni3t; 1688. Þe lorde þat his craftez kepes, 1689. Ful erly he watz di3t.

Estrofe 68

Brian Stone	Tolkien	Original
Merry was the morning, and mass being said, After a small meal he bespoke his saddle-horse; The men were ready mounted before the main gate, A host of knightly horsemen to follow after him. Wonderfully fair was the forest-land, for the frost remained, And the rising sun shone ruddily on the ragged clouds, In its beauty brushing their blackness off heavens. The huntsmen uncoupled the hounds by a forest, And the rocks resounded with their ringing horns. Some found the fox's[255] tracks and fared forward, Weaving across various ways in their wily fashion. A small hound cried the scent, the senior huntsman called His fellow foxhounds to him and, feverishly sniffling,[256] The rout of dogs rushed forward on the right path. The fox hurried fast, for they found him soon And, seeing him distinctly, pursued him at speed, Unmistakably giving tongue with tumultuous din. Deviously in difficult country he doubled on his tracks, Swerved and wheeled away, often waited listening, Till at last by a little ditch he leaped a quickset hedge, And stole out stealthily at the side of a valley, Considering his stratagem had given the slip to the hounds. Then he stumbled on a tracking-dogs' tryst-place unawares, And there in a cleft three hounds threatened him at once, All grey. He swiftly started back And, full of deep dismay, He dashed on a different track; To the woods he went away.	After Mass of a morsel he and his men partook. Merry was the morning. For his mount then he called. All the huntsmen that on horse behind him should follow were ready mounted to ride arrayed at the gates. Wondrous fair were the fields, for the frost clung there; in red rose-hued o'er the wrack arises the sun, sailing clear along the coasts of the cloudy heavens. The hunters loosed hounds by a holt-border; the rocks rang in the wood to the roar of their horns. Some fell on the line to where the fox was lying, crossing and re-crossing it in the cunning of their craft. A hound then gives tongue, the huntsman names him, round him press his companions in a pack all snuffling, running forth in a rabble then right in his path. The fox flits before them. They find him at once, and when they see him by sight they pursue him hotly, decrying him full clearly with a clamour of wrath. He dodges and ever doubles through many a dense coppice, and looping of the lurks and listens under fences. At last at a little ditch he leaps o'er a thorn-hedge, sneaks out secretly by the side of a thicket, weens he is out of the wood and away by his wiles from the hounds. Thus he went unawares to a watch that was posted, where fierce on him fell three foes at once all grey. He swerves then swift again, and dauntless darts astray; in grief and in great pain to the wood he turns away.	1690. After messe a morsel he and his men token; 1691. Miry watz þe mornyng, his mounture he askes. 1692. Alle þe haþeles þat on horse schulde helden hym after 1693. Were boun busked on hor blonkkez bifore þe halle ȝatez. 1694. Ferly fayre watz þe folde, for þe forst clenged; 1695. In rede rudede vpon rak rises þe sunne, 1696. And ful clere costez þe clowdes of þe welkyn. 1697. Hunteres vnhardeled bi a holt syde, 1698. Rocheres roungen bi rys for rurde of her hornes; 1699. Summe fel in þe fute þer þe fox bade, 1700. Traylez ofte a traueres bi traunt of her wyles; 1701. A kenet kryes þerof, þe hunt on hym calles; 1702. His felaȝes fallen hym to, þat fnasted ful þike, 1703. Runnen forth in a rabel in his ryȝt fare, 1704. And he fyskez hem byfore; þay founden hym sone, 1705. And quen þay seghe hym with syȝt þay sued hym fast, 1706. Wreȝande hym ful weterly with a wroth noyse; 1707. And he trantes and tornayeez þurȝ mony tene greue, 1708. Hauilounez, and herkenez bi heggez ful ofte. 1709. At þe last bi a littel dich he lepez ouer a spenne, 1710. Stelez out ful stilly bi a strothe rande, 1711. Went haf wylt of þe wode with wylez fro þe houndes; 1712. Þenne watz he went, er he wyst, to a wale tryster, 1713. Þer þre þro at a þrich þrat hym at ones, 1714. al graye. 1715. He blenched aȝayn bilyue 1716. And stifly start on-stray, 1717. With alle þe wo on lyue 1718. To þe wod he went away.

[255] Although accounts of the hunting of deer and boar are common in medieval romance, descriptions of fox-hunting are rare.

[256] Turberville recommends the putting of vinegar into the nostrils of a hound 'for to make him snuffle, to the end his sent may be the perfecter'!

Estrofe 69

Brian Stone	Tolkien	Original
Then came the lively delight of listening to the hounds. When they had all met in a muster, mingling together, In their crying they called down such curses upon him That the clustering cliffs seemed to be crashing down. Here he was hallooed when the hunters met him, There savagely snarled at by intercepting hounds; Then he was called thief and threatened often; With the tracking dogs on his tail, no tarrying was possible. Out into the open they often chased him; But so wily Reynard was, that he wheeled back again. So he led the lord and his liegemen a dance In this manner among the mountains till mid-morning, While harmoniously at home the honoured knight slept Between the comely curtains in the cold morning. But the lady would not let herself sleep for love, Nor would she impair the purpose pitched in her heart, But rose up rapidly and ran to him In a ravishing robe that reached to the ground, Trimmed with finest fur from pure pelts, Not coifed as to custom, but with costly jewels Strung in scores on her splendid harnet. Her fine-featured face and fair throat were unveiled, Her breast was bare and her back as well.[257] She came in by the chamber door and closed it after her, Cast open a casement and called on the knight, Cheerfully chiding him with her chivalrous words As beseems: 'Ah, sir! How sound you sleep! Bright are the morning's beams.' He was drowsing deep, But her banter broke his dreams.	Then to hark to the hounds it was heart's delight, when all the pack came upon him, there pressing together. Such a curse at the view they called down on him that the clustering cliffs might have clattered in ruin. Here he was hallooed when hunters came on him, yonder was he assailed with snarling tongues; there he was threatened and oft thief was he called, with ever the trailers at his tail so that tarry he could not. Oft was he run at, if he rushed outwards; of the swerved in again, so subtle was Reynard. Yea! he led the lord and his hunt as laggards behind him thus by mount and by hill till mid-afternoon. Meanwhile the courteous knight in the castle in comfort slumbered behind the comely curtains in the cold morning. But the lady in love-making had no liking to sleep nor to disappoint the purpose she had planned in her heart; but rising up swiftly his room now she sought in a gay mantle that to the ground was measured and was fur-lined most fairly with fells well trimmed, with no comely coif on her head, only the clear jewels that were twined in her tressure by twenties in clusters; her noble face and her neck all naked were laid, her breast bare in front and at the back also. She came through the chamber-door and closed it behind her, wide set a window, and to wake him she called, thus greeting him gaily with her gracious words of cheer: 'Ah! man, how canst thou sleep, the morning is so clear!' He lay in darkness deep, but her call he then could hear.	1719. Thenne watz hit list vpon lif to lyþen þe houndez, 1720. When alle þe mute hade hym met, menged togeder: 1721. Suche a sorȝe at þat syȝt þay sette on his hede 1722. As alle þe clamberande clyffes hade clatered on hepes; 1723. Here he watz halawed, when haþelez hym metten, 1724. Loude he watz ȝayned with ȝarande speche; 1725. Þer he watz þreted and ofte þef called, 1726. And ay þe titleres at his tayl, þat tary he ne myȝt; 1727. Ofte he watz runnen at, when he out rayked, 1728. And ofte reled in aȝayn, so Reniarde watz wylé. 1729. And ȝe he lad hem bi lagmon, þe lorde and his meyny, 1730. On þis maner bi þe mountes quyle myd-ouer-vnder, 1731. Whyle þe hende knyȝt at home holsumly slepes 1732. Withinne þe comly cortynes, on þe colde morne. 1733. Bot þe lady for luf let not to slepe, 1734. Ne þe purpose to payre þat pyȝt in hir hert, 1735. Bot ros hir vp radly, rayked hir þeder 1736. In a mery mantyle, mete to þe erþe, 1737. Þat watz furred ful fyne with fellez wel pured, 1738. No hwef goud on hir hede bot þe haȝer stones 1739. Trased aboute hir tressour be twenty in clusteres; 1740. Hir þryuen face and hir þrote þrowen al naked, 1741. Hir brest bare bifore, and bihinde eke. 1742. Ho comez withinne þe chambre dore, and closes hit hir after, 1743. Wayuez vp a wyndow, and on þe wyȝe callez, 1744. And radly þus rehayted hym with hir riche wordes, 1745. with chere: 1746. 'A! mon, how may þou slepe, 1747. Þis morning is so clere?' 1748. He watz in drowping depe, 1749. Bot þenne he con hir here.

[257] In her extreme décolletage, the Lady is using a standard weapon in the love wars of *amour courtois*.

Estrofe 70

Brian Stone	Tolkien	Original
The noble sighed ceaselessly in unsettled slumber As threatening thoughts thronged in the dawn light About destiny, which the day after would deal him his fate At the Green Chapel where Gawain was to greet his man, And was bound to bear his buffet unresisting. But having recovered consciousness in comely fashion, He heaved himself out of dreams and answered hurriedly. The lovely lady advanced, laughing adorably, Swooped over his splendid face and sweetly kissed him. He welcomed her worthily with noble cheer And, gazing on her gay and glorious attire, Her features so faultless and fine of complexion, He felt a flush of rapture suffuse his heart. Sweet and genial smiling slid them into joy Till bliss burst forth between them, beaming gay And bright; Ecstatically they contend In talk of true delight Till dangerous passions impend But Mary minded her knight.	In heavy darkness drowsing he dream-words muttered, as a man whose mind was bemused with many mournful thoughts, how destiny should his doom on that day bring him when he at the Green Chapel the great man would meet, and be obliged his blow to abide without debate at all. But when so comely she came, he recalled then his wits, swept aside his slumbers, and swiftly made answer. The lady in lovely guise came laughing sweetly, bent down o'er his dear face, and deftly kissed him. He greeted her graciously with a glad welcome, seeing her so glorious and gaily attired, so faultless in her features and so fine in her hues that at once joy up-welling went warm to his heart. With smiles sweet and soft they turned swiftly to mirth, and only brightness and bliss was broached there between them so gay. They spoke then speeches good, much pleasure was in that play; great peril between them stood, unless Mary for her knight should pray.	1750. In dreȝ droupyng of dreme draueled þat noble, 1751. As mon þat watz in mornyng of mony þro þoȝtes, 1752. How þat destiné schulde þat day dele hym his wyrde 1753. At þe grene chapel, when he þe gome metes, 1754. And bihoues his buffet abide withoute debate more; 1755. Bot quen þat comly com he keuered his wyttes, 1756. Swenges out of þe sweuenes, and swarez with hast. 1757. Þe lady luflych com laȝande swete, 1758. Felle ouer his fayre face, and fetly hym kyssed; 1759. He welcumez hir worþily with a wale chere. 1760. He seȝ hir so glorious and gayly atyred, 1761. So fautles of hir fetures and of so fyne hewes, 1762. Wiȝt wallande joye warmed his hert. 1763. With smoþe smylyng and smolt þay smeten into merþe, 1764. Þat al watz blis and bonchef þat breke hem bitwene, 1765. and wynne. 1766. Þay lanced wordes gode, 1767. Much wele þen watz þerinne; 1768. Gret perile bitwene hem stod, 1769. Nif Maré of hir knyȝt mynne.

Estrofe 71

Brian Stone	Tolkien	Original
For that peerless princess pressed him so hotly, So invited him to the very verge, that he felt forced Either to allow her love or blackguardly rebuff her. His courtesy was in question, lest he be called caitiff, But more especially for his evil plight if he should plunge into sin, And dishonor the owner of the house treacherously. ´God shield me! That shall not happen, for sure,´ said the knight. So with laughing love-talk he deflected gently The downright declarations that dropped from her lips. Said the beauty to the baron, ´Blame will be yours If you love not the living body lying close to you; Unless you have a lover more beloved, whom you like better, A maiden to whom you are committed, so immutably bound That you do not seek to sever from her – which I see is so. Tell me the truth of it, I entreat you now; By all the loves there are, do not hide the truth With guile.´ Then gently. ´By Saint John,´ Said the knight with a smile, ´I owe my oath to none, Nor wish to yet a while.´	For she, queenly and peerless, pressed him so closely, led him so near the line, that at last he must needs either refuse her with offense or her favours there take. He cared for her courtesy, lest a caitiff he proved, yet more for his sad case, if he should sin commit and to the owner of the house, to his host, be a traitor. 'God help me!' said he. 'Happen that shall not!' Smiling sweetly aside from himself then he turned all the fond words of favour that fell from her lips. Said she to the knight then: 'Now shame you deserve, if you love not one that lies alone here beside you, who beyond all women in the world is wounded in heart, unless you have a lemman, more beloved, whom you like better, and have affianced faith to that fair one so fast and so true that your release you desire not – and so I believe now; and to tell me if that be so truly, I beg you. For all sakes that men swear by conceal not the truth in guile.' The knight said: 'By Saint John,' and softly gave a smile, 'Nay! lover have I none, and none will have meanwhile.'	1770. For þat prynces of pris depresed hym so þikke, 1771. Nurned hym so neȝe þe þred, þat nede hym bihoued 1772. Oþer lach þer hir luf, oþer lodly refuse. 1773. He cared for his cortaysye, lest craþayn he were, 1774. And more for his meschef ȝif he schulde make synne, 1775. And be traytor to þat tolke þat þat telde aȝt. 1776. 'God schylde,' quoþ þe schalk, 'þat schal not befalle!' 1777. With luf-laȝyng a lyt he layd hym bysyde 1778. Alle þe spechez of specialté þat sprange of her mouthe. 1779. Quoþ þat burde to þe burne, 'Blame ȝe disserue, 1780. Ȝif ȝe luf not þat lyf þat ȝe lye nexte, 1781. Bifore alle þe wyȝez in þe worlde wounded in hert, 1782. Bot if ȝe haf a lemman, a leuer, þat yow lykez better, 1783. And folden fayth to þat fre, festned so harde 1784. Þat yow lausen ne lyst–and þat I leue nouþe; 1785. And þat ȝe telle me þat now trwly I pray yow, 1786. For alle þe lufez vpon lyue layne not þe soþe 1787. for gile.' 1788. Þe knyȝt sayde, 'Be sayn Jon,' 1789. And smeþely con he smyle, 1790. 'In fayth I welde riȝt non, 1791. Ne non wil welde þe quile.'

Estrofe 72

Brian Stone	Tolkien	Original
´Those words,´ said the fair woman, are the worst there could be, But I am truly answered, to my utter anguish. Give me now a gracious kiss, and I shall go from here As a maid that loves much, mourning on this earth.´ Then, sighing, she stooped, and seemlily kissed him, And, severing herself from him, stood up and said, ´At this adieu, my dear one, do me this pleasure: Give me something as your gift, your gloves perhaps, To mitigate my mourning when I remember you.´ ´Now certainly, for your sake,´ said the knight, ´I wish I had here the handsomest thing I own, For you have deserved, forsooth, superabundantly And rightfully, a richer reward than I could give. But as token of true love, trifles mean little. It is not to your honour to have at this time A mere glove as Gawain´s gift to treasure. For I am here on an errand in unknown regions, And have no bondsmen, no baggages with dear-bought things in them. This afflicts me now, fair lady, for your sake. But we are bound by Fate and must bravely bear its Decree.´ ´No, highly honoured one; (The gay one would not agree) Though gift you give me none, Yet take this token from me.´	'Those words', said the woman, 'are the worst that could be. But I am answered indeed, and 'tis hard to endure. Kiss me now kindly, and I will quickly depart. I may but mourn while I live as one that much is in love.' Sighing she sank down, and sweetly she kissed him; then soon she left his side, and said as she stood there: 'Now, my dear, at this parting do me this pleasure, give me something as thy gift, thy glove it might be, that I may remember thee, dear man, my mourning to lessen.' 'Now on my word,' then said he, 'I wish I had here the loveliest thing for thy delight that in my land I possess; for worthily have you earned wondrously often more reward by rights than within my reach would now be, save to allot you as love-token thing of little value. Beneath your honour it is to have here and now a glove for a guerdon as the gift of Sir Gawain: and I am here on an errand in unknown lands, and have no bearers with baggage and beautiful things (unluckily, dear lady) for your delight at this time. A man must do as he is placed; be not pained nor Aggrieved,' said he. Said she so comely clad: 'Nay, noble knight and free, Though naught of yours I had, you should get a gift from me.'	1792. 'Þat is a worde,' quoþ þat wy3t, 'þat worst is of alle, 1793. Bot I am swared for soþe, þat sore me þinkkez. 1794. Kysse me now comly, and I schal cach heþen, 1795. I may bot mourne vpon molde, as may þat much louyes.' 1796. Sykande ho swe3e doun and semly hym kyssed, 1797. And siþen ho seueres hym fro, and says as ho stondes, 1798. 'Now, dere, at þis departyng do me þis ese, 1799. Gif me sumquat of þy gifte, þi gloue if hit were, 1800. Þat I may mynne on þe, mon, my mournyng to lassen.' 1801. 'Now iwysse,' quoþ þat wy3e, 'I wolde I hade here 1802. Þe leuest þing for þy luf þat I in londe welde, 1803. For 3e haf deserued, for soþe, sellyly ofte 1804. More rewarde bi resoun þen I reche my3t; 1805. Bot to dele yow for drurye þat dawed bot neked, 1806. Hit is not your honour to haf at þis tyme 1807. A gloue for a garysoun of Gawaynez giftez, 1808. And I am here an erande in erdez vncouþe, 1809. And haue no men wyth no malez with menskful þingez; 1810. Þat mislykez me, ladé, for luf at þis tyme, 1811. Iche tolke mon do as he is tan, tas to non ille 1812. ne pine.' 1813. 'Nay, hende of hy3e honours,' 1814. Quoþ þat lufsum vnder lyne, 1815. 'Þa3 I hade no3t of yourez, 1816. 3et schulde 3e haue of myne.'

Estrofe 73

Brian Stone	Tolkien	Original
She proffered him a rich ring wrought in red gold, With a sparkling stone set conspicuously in it, Which beamed as brilliantly as the bright sun; You may well believe its worth was wonderfully great. But the courteous man declined it and quickly said, ´Before God, my gay one, no giving just now! Not having anything to offer, I shall accept nothing.´ She offered it him urgently and he refused again, Fast affirming his refusal on his faith as a knight. Put out by this repulse, she presently said, ´If you reject my ring as too rich in value, Doubtless you would be less deeply indebted to me If I gave you my girdle, a less gainful gift.´ She gracefully grasped the girdle of her gown Which went round her waist under the wonderful mantle, A girdle of green silk with a golden hem Embroidered only at the edges, with hand-stitched ornament. And she pleaded with the prince in a pleasant manner, But he told her that he could touch no treasure at all, Not gold nor any gift, till God gave him grace To pursue to success the search he was bound on. ´So I entreat you to be contented, therefore, And press no more your purpose, for I promise it never Can be. I owe you a hundredfold For grace you have granted me; And ever through hot and cold I shall stay your devotee.´	A rich ring she offered him of red gold fashioned, with a stone like a star standing up clear that bore brilliant gleams as bright as the sun: I warrant you it was worth wealth beyond measure. But the knight said nay to it, and announced then at once: 'I will have no gifts, for God, of your grace at this time. I have none to return you, and naught will I take.' She proffered it and pressed him, and he her pleading refused, and swore swiftly upon his word that accept it he would not. And she, sorry that he refused, said to him further: 'If to my ring you say nay, since too rich it appears, and you would not so deeply be indebted to me, I shall give you my girdle, less gain will that be.' She unbound a belt swiftly that embracing her sides was clasped above her kirtle under her comely mantle. Fashioned it was of green silk, and with gold finished, though only braided round about, embroidered by hand; and this she would give to Gawain, and gladly besought him, of no worth though it were, to be willing to take it. And he said nay, he would not, he would never receive either gold or jewelry, ere God the grace sent him to accomplish the quest on which he had come thither. 'And therefore I pray you, please be not angry and cease to insist on it, for to your suit I will ever say no. I am deeply in debt to you for the favour that you show, to be your servant true for ever in weal or woe.'	1817. Ho raȝt hym a riche rynk of red golde werkez, 1818. Wyth a starande ston stondande alofte 1819. Þat bere blusschande bemez as þe bryȝt sunne; 1820. Wyt ȝe wel, hit watz worth wele ful hoge. 1821. Bot þe renk hit renayed, and redyly he sayde, 1822. 'I wil no giftez, for Gode, my gay, at þis tyme; 1823. I haf none yow to norne, ne noȝt wyl I take.' 1824. Ho bede hit hym ful bysily, and he hir bode wernes, 1825. And swere swyfte by his sothe þat he hit sese nolde, 1826. And ho 295isp þat he forsoke, and sayde þerafter, 1827. 'If ȝe renay my rynk, to ryche for hit semez, 1828. Ȝe wolde not so hyȝly halden be to me, 1829. I schal gif yow my 295isple, þat 295isplea yow lasse.' 1830. Ho laȝt a lace lyȝtly þat leke vmbe hir sydez, 1831. Knit vpon hir kyrtel vnder þe clere mantyle, 1832. Gered hit watz with grene sylke and with golde schaped, 1833. Noȝt bot arounde 295isplea, beten with fyngrez; 1834. And þat ho bede to þe burne, and blyþely bisoȝt, 1835. Þaȝ hit vnworþi were, þat he hit take wolde. 1836. And he nay þat he nolde neghe in no wyse 1837. Nauþer golde ne garysoun, er God hym grace sende 1838. To acheue to þe chaunce þat he hade chosen þere. 1839. 'And þerfore, I pray yow, 295isplease yow noȝt, 1840. And lettez be your bisinesse, for I bayþe hit yow neuer 1841. to graunte; 1842. I am derely to yow biholde 1843. Bicause of your sembelaunt, 1844. And euer in hot and colde 1845. To be your trwe seruaunt.'

Estrofe 74

Brian Stone	Tolkien	Original
´Do you say "no" to this silk?´ then said the beauty; ´In itself such a simple-seeming thing? And lo! Being little, it has less value. But one who was aware of the worth twined in it Would appraise its properties as more precious perhaps,[258] For the man that binds his body with this belt of green, As long as it is lapped closely about him, Is safe from assailants, whoever strives to slay him, For he cannot be killed by any cunning there is.´ Then the prince pondered, and it appeared to him It would protect him in the peril appointed to him When he gained the Green Chapel to be given checkmate: It would be a splendid stratagem to escape being slain. Then he allowed her to solicit him and let her speak. She pressed the belt upon him with potent words And gladly gave it him when he agreed to accept it, Beseeching him for her sake to conceal it always, And hide it from her husband with all diligence. That never should another know of it, the noble swore Outright Then often his thanks gave he With all his heart and might, And thrice by then had she Kissed the constant knight.	'Do you refuse now this silk,' said the fair lady, 'because in itself it is poor? And so it appears. See how small 'tis in size, and smaller in value! But one who knew of the nature that is knit therewithin would appraise it probably at a price far higher. For whoever goes girdled with this green riband, While he keeps it well clasped closely about him, There is none so hardy under heaven that to hew him were able; for he could not be killed by any cunning of hand.' The knight then took note, and thought now in his heart, 'twould be a prize in that peril that was appointed to him. When he gained the Green Chapel to get there his sentence, if by some sleight he were not slain, 'twould be a sovereign device. There he bore with her rebuke, and debated not her words; and she pressed on him the belt, and proffered it in earnest; and he agreed, and she gave it very gladly indeed, and prayed him for her sake to part with it never, but on his honour hide it from her husband; and he then agreed that no one ever should know, nay, none in the world but they. With earnest heart and mood great thanks he oft did say. She then the knight so good a third time kissed that day.	1846. 'Now forsake ȝe þis silke,' sayde þe burde þenne, 1847. 'For hit is symple in hitself? And so hit wel semez. 1848. Lo! so hit is littel, and lasse hit is worþy; 1849. Bot who-so knew þe costes þat knit ar þerinne, 1850. He wolde hit prayse at more prys, parauenture; 1851. For quat gome so is gorde with þis grene lace, 1852. While he hit hade hemely halched aboute, 1853. Þer is no haþel vnder heuen tohewe hym þat myȝt, 1854. For he myȝt not be slayn for slyȝt vpon erþe.' 1855. Þen kest þe knyȝt, and hit come to his hert 1856. Hit were a juel for þe jopardé þat hym iugged were: 1857. When he acheued to þe chapel his chek for to fech, 1858. Myȝt he haf slypped to be vnslayn, þe sleȝt were noble. 1859. Þenne he þulged with hir þrepe and þoled hir to speke, 1860. And ho bere on hym þe belt and bede hit hym swyþe– 1861. And he granted and hym gafe with a goud wylle– 1862. And bisoȝt hym, for hir sake, disceuer hit neuer, 1863. Bot to lelly layne fro hir lorde; þe leude hym acordez 1864. Þat neuer wyȝe schulde hit wyt, iwysse, bot þay twayne 1865. for noȝte; 1866. He þonkked hir oft ful swyþe, 1867. Ful þro with hert and þoȝt. 1868. Bi þat on þrynne syþe 1869. Ho hatz kyst þe knyȝt so toȝt.

[258] The magic girdle is naturally found elsewhere in medieval romance. In *Diu Krône*, Gawain gives to Guinevere, who in turn gives to Gasozein, a girdle which makes the wearer invincible in battle and brings him the love of men and women.

Estrofe 75

Brian Stone	Tolkien	Original
Then with a word of farewell she went from him, For further satisfaction was not forthcoming. Directly she withdrew, Sir Gawain dressed himself, Rose and arrayed himself in rich garments, But laid aside the love-lace the lady had given him, Secreted it carefully where he could discover it later. Then he went his way at once to the chapel, Privily approached a priest and prayed him there To uplift him in his life and enlighten him On how he might have salvation in the hereafter. Then, confessing his faults, he fairly shrove himself,[259] Begging mercy for both major and minor sins. He asked the holy man for absolution And was absolved with certainty and sent out so pure That Doomsday should have been declared the day after. Then he made merrier among the noble ladies, With comely carolling and all kinds of pleasure, Than ever he had done, with ecstasy, Till night. Such honour he did to all, They said, ´Never has this knight Since coming into hall Expressed such pure delight.´	Then she left him alone, her leave taking, for amusement from the man no more could she get. When she was gone Sir Gawain got him soon ready, arose and robed himself in raiment noble. He laid up the love-lace that the lady had given, hiding it heedfully where he after might find it. Then first of all he chose to fare to the chapel, privately approached the priest, and prayed that he there would uplift his life, that he might learn better how his soul should be saved, when he was sent from the world. There he cleanly confessed him and declared his misdeeds, both the more and the less, and for mercy he begged, to absolve him of them all he besought the good man; and he assoiled him and made him as safe and as clean as for Doom's Day indeed, were it due on the morrow. Thereafter more merry he made among the fair ladies, with carol-dances gentle and all kinds of rejoicing, that ever he did ere that day, till the darkness of night, in bliss. Each man there said: 'I vow a delight to all he is! Since hither he came till now, he was ne'er so gay as this.'	1870. Thenne lachchez ho hir leue, and leuez hym þere, 1871. For more myrþe of þat mon moȝt ho not gete. 1872. When ho watz gon, Sir Gawayn gerez hym sone, 1873. Rises and riches hym in araye noble, 1874. Lays vp þe luf-lace þe lady hym raȝt, 1875. Hid hit ful holdely, þer he hit eft fonde. 1876. Syþen cheuely to þe chapel choses he þe waye, 1877. Preuély aproched to a prest, and prayed hym þere 1878. Þat he wolde lyste his lyf and lern hym better 1879. How his sawle schulde be saued when he schuld seye heþen. 1880. Þere he schrof hym schyrly and schewed his mysdedez, 1881. Of þe more and þe mynne, and merci besechez, 1882. And of absolucioun he on þe segge calles; 1883. And he asoyled hym surely and sette hym so clene 1884. As domezday schulde haf ben diȝt on þe morn. 1885. And syþen he mace hym as mery among þe fre ladyes, 1886. With comlych caroles and alle kynnes ioye, 1887. As neuer he did bot þat daye, to þe derk nyȝt, 1888. with blys. 1889. Vche mon hade daynté þare 1890. Of hym, and sayde, 'Iwysse, 1891. Þus myry he watz neuer are, 1892. Syn he com hider, er þis.'

[259] It is a flaw in the Christian purity of the poem that Gawain is allowed to make a full confession and yet retain the use of the girdle. It is difficult to argue that this sacrilege is part of the sin later punished by the Green Knight; which leaves us with the unpleasant proposition that this is either a technical or a theological oversight on the part of the poet. Perhaps he thinks Sir Gawain justified by the ´necessity´ mentioned in line 2040 on page 105, but even that does not excuse the sacrilege.

Estrofe 76

Brian Stone	Tolkien	Original
Now long may he linger there, love sheltering him!	Now indoors let him dwell and have dearest delight,	1893. Now hym lenge in þat lee, þer luf hym bityde!
The prince was still on the plain, pleasuring in the chase,	while the free lord yet fares afield in his sports!	1894. ȝet is þe lorde on þe launde ledande his gomnes.
Having finished off the fox, he had followed so far.	At last the fox he has felled that he followed so long;	1895. He hatz forfaren þis fox þat he folȝed longe;
As, looking out for the evil fox, he leaped over a hedge	for, as he spurred through a spinney to espy there the villain,	1896. As he sprent ouer a spenne to spye þe schrewe,
Where he heard the hounds that were harrying him,	where the hounds he had heard that hard on him pressed,	1897. Þer as he herd þe howndes þat hasted hym swyþe,
Reynard came rushing through a rough thicket,	Reynard on his road came through a rough thicket,	1898. Renaud com richchande þurȝ a roȝe greue,
With the pack all pell-mell, panting at his heels.	and all the rabble in a rush were right on his heels.	1899. And alle þe rabel in a res ryȝt at his helez.
The lord, aware of the wild beast, waited craftily	The man is aware of the wild thing, and watchful awaits him,	1900. Þe wyȝe watz war of þe wylde, and warly abides,
And drew his dazzling sword and drove at the fox.	brings out his bright brand and at the beast hurls it;	1901. And braydez out þe bryȝt bronde, and at þe best castez.
The beast baulked at the blade to break sideways,	and he blenched at the blade, and would have backed if he could.	1902. And he schunt for þe scharp, and schulde haf arered;
But a dog bounded at him before he could,	A hound hastened up, and had him ere he could;	1903. A rach rapes hym to, ryȝt er he myȝt,
And right in front of the horse´s feet they fell on him,	and right before the horse's feet they fell on him all,	1904. And ryȝt bifore þe hors fete þay fel on hym alle,
All worrying their wily prey with a wild uproar.	and worried that the wily one with a wild clamour.	1905. And woried me þis wyly wyth a wroth noyse.
The lord quickly alighted and lifted him up,	The lord quickly alights and lifts him at once,	1906. Þe lorde lyȝtez bilyue, and lachez hym sone,
Raised him beyond reach of the ravening fangs,	snatching him swiftly from their slavering mouths,	1907. Rased hym ful radly out of þe rach mouþes,
Held him high over his head and hallooed lustily,	holds him high o'er his head, hallooing loudly;	1908. Haldez heȝe ouer his hede, halowez faste,
While the angry hounds in hordes bayed at him.	and there bay at him fiercely many furious hounds.	1909. And þer bayen hym mony braþ houndez.
Thither hurried the huntsmen with horns in plenty,	Huntsmen hurried thither, with horns full many	1910. Huntes hyȝed hem þeder with hornez ful mony,
Sounding the rally splendidly till they saw their lord.	ever sounding the assembly, till they saw the master.	1911. Ay rechatande aryȝt til þay þe renk seȝen.
When the company of his court had come up to the kill,	When together had come his company noble,	1912. Bi þat watz comen his compeyny noble,
All who bore bugles blew at once,	all that ever bore bugle were blowing at once,	1913. Alle þat euer ber bugle blowed at ones,
And the others without horns hallooed loudly.	and all the others hallooed that had not a horn:	1914. And alle þise oþer halowed þat hade no hornes;
The requiem that was raised for Reynard´s soul	it was the merriest music that ever men harkened,	1915. Hit watz þe myriest mute þat euer men herde,
And the commotion made it the merriest meet ever,	the resounding song there raised that for Reynard's soul	1916. Þe rich rurd þat þer watz raysed for Renaude saule
Men said.	awoke.	1917. with lote.
The hounds must have their fee:	The hounds they pay their fees,	1918. Hor houndez þay þer rewarde,
They pat them on the head,	their heads they fondly stroke,	1919. Her hedez þay fawne and frote,
Then hold the fox; and he	and Reynard then they seize,	1920. And syþen þay tan Reynarde,
Is reft of his skin of red.	and off they skin his cloak.	1921. And tyruen of his cote.

Estrofe 77

Brian Stone	Tolkien	Original
Then they set off for home, it being almost night, Blowing their big horns bravely as they went. At last the lord alighted at his beloved castle And found upon the floor a fire, and beside it The good Sir Gawain in a glad humour By reason of the rich friendship he had reaped from the ladies. He wore a turquoise tunic extending to the ground; His softly-furred surcoat suited him well, And his hood of the same hue hung from his shoulder. All trimmed with ermine were hood and surcoat. Meeting the master in the middle of the floor, Gawain went forward gladly and greeted him thus: ´Forthwith, I shall be the first to fulfil the contract We settled so suitably without sparing the wine.´ Then he clasped the castellan and kissed him thrice As sweetly and steadily as a strong knight could. ´By Christ!´ quoth the other, ´You will carve yourself a fortune By traffic in this trade when the terms suit you!´ ´Do not chop logic about the exchange,´ chipped in Gawain, ´As I have properly paid over the profit I made.´ ´Marry,´ said the other man, ´Mine is yet to pay, For I have hunted all day and have only taken This ill-favoured fox´s skin, may the Fiend take it! And that is a poor price to pay for such precious things As you have pressed upon me here, three pure kisses So good.´ ´Enough!´ acknowledged Gawain, ´I thank you, by the Rood.´ And how the fox was slain The lord told him as they stood.	And the homeward they hastened, for at hand was now night, making strong music on their mighty horns. The lord alighted at last at his beloved abode, found a fire in the hall, and fair by the hearth Sir Gawain the good, and gay was he too, among the ladies in delight his lot was most joyful. He was clad in a blue cloak that came to the ground; his surcoat well beseemed him with its soft lining, and its hood of like hue that hung on his shoulder: all fringed with white fur very finely were both. He met indeed the master in the midst of the floor, and in gaiety greeted him, and graciously said: 'In this case I will first our covenant fulfil that to our good we agreed, when ungrudged went the drink.' He clasps then the knight and kisses him thrice, as long and deliciously as he could lay them upon him. 'By Christ!' the other quoth, 'you've come by a fortune in winning such wares, were they worth what you paid.' 'Indeed, the price was not important,' promptly he answered, 'whereas plainly is paid now the profit I gained.' 'Marry!' said the other man, 'mine is not up to't; for I have hunted all this day, and naught else have I got but this foul fox-fell – the Fiend have the goods! – and that is price very poor to pay for such treasures as these you have thrust upon me, three such kisses so good.' ''Tis enough', then said Gawain. 'I thank you, by the Rood,' and how the fox was slain he told him as they stood.	1922. And þenne þay helden to home, for hit watz nieȝ nyȝt, 1923. Strakande ful stoutly in hor store hornez. 1924. Þe lorde is lyȝt at þe laste at hys lef home, 1925. Fyndez fire vpon flet, þe freke þer-byside, 1926. Sir Gawayn þe gode, þat glad watz withalle, 1927. Among þe ladies for luf he ladde much ioye; 1928. He were a bleaunt of blwe þat bradde to þe erþe, 1929. His surkot semed hym wel þat softe watz forred, 1930. And his hode of þat ilke henged on his schulder, 1931. Blande al of blaunner were boþe al aboute. 1932. He metez me þis godmon inmyddez þe flore, 1933. And al with gomen he hym gret, and goudly he sayde, 1934. 'I schal fylle vpon fyrst oure forwardez nouþe, 1935. Þat we spedly han spoken, þer spared watz no drynk.' 1936. Þen acoles he þe knyȝt and kysses hym þryes, 1937. As sauerly and sadly as he hem sette couþe. 1938. 'Bi Kryst,' quoþ þat oþer knyȝt, 'Ȝe cach much sele 1939. In cheuisaunce of þis chaffer, ȝif ȝe hade goud chepez.' 1940. 'Ȝe, of þe chepe no charg,' quoþ chefly þat oþer, 1941. 'As is pertly payed þe chepez þat I aȝte.' 1942. 'Mary,' quoþ þat oþer mon, 'myn is bihynde, 1943. For I haf hunted al þis day, and noȝt haf I geten 1944. Bot þis foule fox felle–þe fende haf þe godez!– 1945. And þat is ful pore for to pay for suche prys þinges 1946. As ȝe haf þryȝt me here þro, suche þre cosses 1947. so gode.' 1948. 'Inoȝ,' quoþ Sir Gawayn, 1949. 'I þonk yow, bi þe rode', 1950. And how þe fox watz slayn 1951. He tolde hym as þay stode.

Estrofe 78

Brian Stone	Tolkien	Original
Then they made as merry as any men may, With minstrelsy and mirth, and meals at their will, With the laughter of ladies and delightful jesting. Very glad then together were Gawain and the host. Save when excess or sottishness seemed likely. Many jests were made by master and men, Until presently, at the appointed parting-time, The brave men were bidden to bed at last. Then of his host the honoured man humbly took his leave, Giving him gracious thanks, being greatly indebted: ´May the High King requite you for your courtesy at this feast, And the wonderful week of my dwelling here! I would offer to be one of your own men if you liked, But that I must move on tomorrow, as you know, If you will give me the guide you granted me, To show me the Green Chapel where my share of doom Will be dealt on New Year´s Day, as God deems for me.´ ´With all my heart!´ said the host, ´In good faith, All that I ever promised you, I shall perform.´ He assigned him a servant to set him on his way, To fare with him over the fells to frustrate delay, So that he could go through the groves and glades by a good Quick road. Gawain then gave the host The honour and thanks he owed, But on the lovely ladies most His dear adieux bestowed.	With mirth and minstrelsy and meats at their pleasure as merry they made as any men could be; amid the laughter of ladies and light words of jest both Gawain and the good man could no gayer have proved unless they had doted indeed or else drunken had been. Both the host and his household went on with their games, till the hour had approached when part must they all; to bed were now bound the brave folk at last. Bowing low his leave of the lord there first the good knight then took, and graciously thanked him: 'For such a wondrous welcome as within these walls I have had, for your honour at this high feast the High King reward you! In your service I set myself, your servant, if you will. For I must needs make a move tomorrow, as you know, if you give me some good man to go, as you promised, and guide me to the Green Chapel, as God may permit me to face on New Year's day such doom as befalls me.' 'On my word,' said his host, 'with hearty good will to all that ever I promised I promptly shall hold.' Then a servant he assigns him to set him on the road, and by the downs to conduct him, that without doubt or delay he might through wild and through wood ways most straight pursue. Said Gawain, 'My thanks receive, such a favour you will do!' The knight then took his leave of those noble ladies two.	1952. With merþe and mynstralsye, with metez at hor wylle, 1953. Þay maden as mery as any men mo3ten– 1954. With la3yng of ladies, with lotez of bordes 1955. Gawayn and þe godemon so glad were þay boþe– 1956. Bot if þe douthe had doted, oþer dronken ben oþer. 1957. Boþe þe mon and þe meyny maden mony iapez, 1958. Til þe sesoun watz se3en þat þay seuer moste; 1959. Burnez to hor bedde behoued at þe laste. 1960. Þenne lo3ly his leue at þe lorde fyrst 1961. Fochchez þis fre mon, and fayre he hym þonkkez: 1962. 'Of such a selly soiorne as I haf hade here, 1963. Your honour at þis hy3e fest, þe hy3e kyng yow 3elde! 1964. I 3ef yow me for on of yourez, if yowreself lykez, 1965. For I mot nedes, as 3e wot, meue to-morne, 1966. And 3e me take sum tolke to teche, as 3e hy3t, 1967. Þe gate to þe grene chapel, as God wyl me suffer 1968. To dele on Nw 3erez day þe dome of my wyrdes.' 1969. 'In god fayþe,' quoþ þe godmon, 'wyth a goud wylle 1970. Al þat euer I yow hy3t halde schal I redé.' 1971. Þer asyngnes he a seruaunt to sett hym in þe waye, 1972. And coundue hym by þe downez, þat he no drechch had, 1973. For to ferk þur3 þe fryth and fare at þe gaynest 1974. bi greue. 1975. Þe lorde Gawayn con þonk, 1976. Such worchip he wolde hym weue. 1977. Þen at þo ladyez wlonk 1978. Þe kny3t hatz tan his leue.

Estrofe 79

Brian Stone	Tolkien	Original
So he spoke to them sadly, sorrowing as he kissed, And urged on them heartily his endless thanks, And they in turn their compliments thrust on him, Commending him to Christ with cries of chill sadness. Then from the whole household he honourably took his leave, Making all the men that he met amends For their several services and solicitous care, For they had been busily attendant, bustling about him; And all he saw were as sad to say farewell As if they had dwelt with the worthy man always. Then the lords led him with lights to his chamber, And blithely brought him to bed to rest. If he slept - I dare not assert it – less soundly than usual, There was much on his mind for the morrow, if he meant to give It thought. Let him lie there still, He almost has what he sought; So tarry a while until The process I report.	Sadly he kissed them and said his farewells, and pressed oft upon them in plenty his thanks, and they promptly the same again repaid him; to God's keeping they gave him, grievously sighing. Then from the people of the castle he with courtesy parted; all the men that he met he remembered with thanks for their care for his comfort and their kind service, and the trouble each had taken in attendance upon him; and every one was as woeful to wish him adieu as had they lived all their lives with his lordship in honour. Then with link-men and lights he was led to his chamber and brought sweetly to bed, there to be at his rest. That soundly he slept then assert will I not, for he had many matters in the morning to mind, if he would, in thought. There let him lie in peace, near now is the tryst he sought. If a while you will hold your peace, I will tell the deeds they wrought!	1979. With care and wyth kyssyng he carppez hem tille, 1980. And fele þryuande þonkkez he þrat hom to haue, 1981. And þay ȝelden hym aȝayn ȝeply þat ilk; 1982. Þay bikende hym to Kryst with ful colde sykyngez. 1983. Syþen fro þe meyny he menskly departes; 1984. Vche mon þat he mette, he made hem a þonke 1985. For his seruyse and his solace and his sere pyne, 1986. Þat þay wyth busynes had ben aboute hym to serue; 1987. And vche segge as soré to seuer with hym þere 1988. As þay hade wonde worþyly with þat wlonk euer. 1989. Þen with ledes and lyȝt he watz ladde to his chambre 1990. And blyþely broȝt to his bedde to be at his rest. 1991. ȝif he ne slepe soundyly say ne dar I, 1992. For he hade muche on þe morn to mynne, ȝif he wolde, 1993. in þoȝt. 1994. Let hym lyȝe þere stille, 1995. He hatz nere þat he soȝt; 1996. And ȝe wyl a whyle be stylle 1997. I schal telle yow how þay wroȝt.

Estrofe 80

Brian Stone	Tolkien	Original – Fit IV
Now the New Year neared, the night passed, Daylight drove off the darkness as the Deity bids. But wild was the weather the world woke to; Bitterly the clouds cast down cold on the earth, Inflicting on the flesh flails from the north. Bleakly the snow blustered, and beasts were frozen; The whistling wind wailed from the heights, Driving great drifts deep in the dales. Keenly the lord listened as he lay in his bed; Though his lids were closed, he was sleeping little. Every cock that crew recalled to him his tryst. Before the day had dawned, he had dressed himself, For the light from a lamp illuminated his chamber. He summoned his servant, who swiftly answered, Commanded that his mail-coat and mount´s saddle be brought. The man fared forth and fetched him his armour, And set Sir Gawain´s array in splendid style. First he clad him in his clothes to counter the cold, Then in his other armour which had been well kept; His breast- and belly-armour had been burnished bright, And the rusty rings of his rich mail-coat rolled clean;[260] And all being as fresh as at first, he was fain to give thanks Indeed. Each wiped and polished piece He donned with due heed. The gayest from here to Greece, The strong man sent for his steed.	Now New Year draws near and the night passes, day comes driving the dark, as ordained by God; but wild weathers of the world awake in the land, clouds cast keenly the cold upon earth with bitter breath from the North biting the naked. Snow comes shivering sharp to shrivel the wild things, the whistling wind whirls from the heights and drives every dale full of drifts very deep. Long the knight listens as he lies in his bed; though he lays down his eyelids, very little he sleeps: at the crow of every cock he recalls well his tryst. Briskly he rose from his bed ere the break of the day, for there was light from a lamp that illuminated his chamber. He called to his chamberlain, who quickly him answered, and he bade him bring his byrnie and his beast saddle. The man got him up and his gear fetched him, and garbed then Sir Gawain in great array; first he clad him in his clothes to keep out the cold, and after that in his harness that with heed had been tended, both his pauncer and his plates polished all brightly, the rings rid of the rust on his rich byrnie: all was neat as if new, and the knight him thanked with delight. He put on every piece all burnished well and bright; most gallant from here to Greece for his courser called the knight.	1998. NOW neȝez þe Nw 3ere, and þe nyȝt passez, 1999. Þe day dryuez to þe derk, as Dryȝtyn biddez; 2000. Bot wylde wederez of þe worlde wakned þeroute, 2001. Clowdes kesten kenly þe colde to þe erþe, 2002. Wyth nyȝe innoghe of þe norþe, þe naked to tene; 2003. Þe snawe snitered ful snart, þat snayped þe wylde; 2004. Þe werbelande wynde wapped fro þe hyȝe, 2005. And drof vche dale ful of dryftes ful grete. 2006. Þe leude lystened ful wel þat leȝ in his bedde, 2007. Þaȝ he lowkez his liddez, ful lyttel he slepes; 2008. Bi vch kok þat crue he knwe wel þe steuen. 2009. Deliuerly he dressed vp, er þe day sprenged, 2010. For þere watz lyȝt of a laumpe þat lemed in his chambre; 2011. He called to his chamberlayn, þat cofly hym swared, 2012. And bede hym bryng hym his bruny and his blonk sadel; 2013. Þat oþer ferkez hym vp and fechez hym his wedez, 2014. And grayþez me Sir Gawayn vpon a grett wyse. 2015. Fyrst he clad hym in his cloþez þe colde for to were, 2016. And syþen his oþer harnays, þat holdely watz keped, 2017. Boþe his paunce and his platez, piked ful clene, 2018. Þe ryngez rokked of þe roust of his riche bruny; 2019. And al watz fresch as vpon fyrst, and he watz fayn þenne 2020. to þonk; 2021. He hade vpon vche pece, 2022. Wypped ful wel and wlonk; 2023. Þe gayest into Grece, 2024. Þe burne bede bryng his blonk.

[260] One method of ridding armour of rust and dirt was to put it into a barrel of sand and roll it about.

Estrofe 81

Brian Stone	Tolkien	Original
While he was putting on apparel of the most princely kind His surcoat, with the crest clearly worked Environed on velvet with valuable gems, Embellished and bound with embroidered seam-strips, And finely trimmed with fairest furs on the inside He did not leave the lace belt, the lady´s gift: For his own good, Gawain did not forget that! When he had strapped the sword on his smooth hips, The knight lapped his loins with his love-token twice, Quickly wrapped it with relish round himself. The green silken girdle suited the gallant well, Backed by the royal red cloth that richly showed. But he wore the girdle in his gear not for its great worth, Nor through pride in the pendants, in spite of their polish, Nor the gleaming gold which glinted on the ends, But to save himself when of necessity he must Stand an evil stroke, not resisting it with knife Or sword. When ready and robed aright, Out came the comely lord; To the men of name and might His thanks in plenty poured.	While the proudest of his apparel he put on himself: his coat-armour, with the cognisance of the clear symbol upon velvet environed with virtuous gems all bound and braided about it, with broidered seams and with fine furs lined wondrous fairly within, yet he overlooked not the lace that the lady had given him; that Gawain forgot not, of his own good thinking; when he had belted his brand upon his buxom haunches, he twined the love-token twice then about him and swiftly he swathed it sweetly about his waist, that girdle of green silk, and gallant it looked upon the royal red cloth that was rich to behold. But he wore not for worth nor for wealth this girdle, not for pride in the pendants, though polished they were, not though the glittering gold there gleamed at the ends, but so that himself he might save when suffer he must, must abide bane without debating it with blade or with brand of war. When arrayed the knight so bold came out before the door, to all that high household great thanks he gave once more.	2025. Whyle þe wlonkest wedes he warp on hymseluen– 2026. His cote wyth þe conysaunce of þe clere werkez 2027. Ennurned vpon veluet, vertuus stonez 2028. Aboute beten and bounden, enbrauded semez, 2029. And fayre furred withinne wyth fayre pelures– 2030. Ȝet laft he not þe lace, þe ladiez gifte, 2031. Þat forgat not Gawayn for gode of hymseluen. 2032. Bi he hade belted þe bronde vpon his balȝe haunchez, 2033. Þenn dressed he his drurye double hym aboute, 2034. Swyþe sweþled vmbe his swange swetely þat knyȝt 2035. Þe gordel of þe grene silke, þat gay wel bisemed, 2036. Vpon þat ryol red cloþe þat ryche watz to schewe. 2037. Bot wered not þis ilk wyȝe for wele þis gordel, 2038. For pryde of þe pendauntez, þaȝ polyst þay were, 2039. And þaȝ þe glyterande golde glent vpon endez, 2040. Bot for to sauen hymself, when suffer hym byhoued, 2041. To byde bale withoute dabate of bronde hym to were 2042. oþer knyffe. 2043. Bi þat þe bolde mon boun 2044. Wynnez þeroute bilyue, 2045. Alle þe meyny of renoun 2046. He þonkkez ofte ful ryue.

Estrofe 82

Brian Stone	Tolkien	Original
Then was Gringolet got ready, that great huge horse. Having been assiduously stabled in seemly quarters, The fiery steed was fit and fretting for a gallop. Sir Gawain stepped to him and, inspecting his coat, Said earnestly to himself, asserting with truth, ´Here in this castle is a company whose conduct is honourable. The man who maintains them, may he have joy! The delightful lady, may love befall her! Thus for charity they cherish a chance guest Honourably and open-handedly; may He on high, The King of Heaven, requite them and their company too. And if I could live any longer in lands on earth, Some rich recompense, if I could, I should readily give you.´ Then he stepped into the stirrup and swung aloft. His man[261] showed him his shield; on his shoulder he put it, Gave the spur to Gringolet with his gold-spiked heels, And started off, not staying on the stone pavement To prance. His man was mounted, fit, Laden with spear and lance. ´This castle to Christ I commit: May He its fortune enhance!´	Now Gringolet was groomed, the great horse and high, who had been lodged to his liking and loyally tended: fain to gallop was that gallant horse for his good fettle. His master to him came and marked well his coat, and said: 'Now solemnly myself I swear on my troth there is a company in this castle that is careful of honour! Their lord that them leads, may his lot be joyful! Their beloved lady in life may delight befall her! If they out of charity thus cherish a guest, upholding their house in honour, may He them reward that upholds heaven on high, and all of you too! And if life a little longer I might lead upon earth, I would give you some guerdon gladly, were I able.' Then he steps in the stirrup and strides on his horse; his shield his man showed him, and on shoulder he slung it, Gringolet he goaded with his gilded heels, and he plunged forth on the pavement, and prancing no more stood there. Ready now was his squire to ride that his helm and lance would bear. 'Christ keep this castle!' he cried and wished it fortune fair.	2047. Thenne watz Gryngolet grayþe, þat gret watz and huge, 2048. And hade ben soiourned sauerly and in a siker wyse, 2049. Hym lyst prik for poynt, þat proude hors þenne. 2050. Þe wy3e wynnez hym to and wytez on his lyre, 2051. And sayde soberly hymself and by his soth swerez: 2052. 'Here is a meyny in þis mote þat on menske þenkkez, 2053. Þe mon hem maynteines, ioy mot þay haue; 2054. Þe leue lady on lyue luf hir bityde; 2055. 3if þay for charyté cherysen a gest, 2056. And halden honour in her honde, þe haþel hem 3elde 2057. Þat haldez þe heuen vpon hy3e, and also yow alle! 2058. And 3if I my3t lyf vpon londe lede any quyle, 2059. I schuld rech yow sum rewarde redyly, if I my3t.' 2060. Þenn steppez he into stirop and strydez alofte; 2061. His schalk schewed hym his schelde, on schulder he hit la3t, 2062. Gordez to Gryngolet with his gilt helez, 2063. And he startez on þe ston, stod he no lenger 2064. to praunce. 2065. His haþel on hors watz þenne, 2066. Þat bere his spere and launce. 2067. 'Þis kastel to Kryst I kenne': 2068. He gef hit ay god chaunce.

[261] This man is of course not Sir Gawain´s squire, as he rode forth from Camelot alone, but the guide supplied by Sir Bertilak.

Estrofe 83

Brian Stone	Tolkien	Original
The drawbridge was let down and the broad double gates	The bridge was brought down and the broad gates then	2069. The brygge watz brayde doun, and þe brode ȝatez
Were unbarred and borne open on both sides.	unbarred and swung back upon both hinges.	2070. Vnbarred and born open vpon boþe halue.
Passing over the planks, the prince blessed himself	The brave man blessed himself, and the boards crossing,	2071. Þe burne blessed hym bilyue, and þe bredez passed–
And praised the kneeling porter, who proffered him ´Good day´,	bade the porter up rise, who before the prince kneeling	2072. Prayses þe porter bifore þe prynce kneled,
And prayed God to grant that Gawain would be saved.	gave him 'Good day, Sir Gawain!', and 'God save you!'	2073. Gef hym God and goud day, þat Gawayn he saue–
And Gawain went on his way with the one man	Then he went on his way with the one man only	2074. And went on his way with his wyȝe one,
To put him on the right path for that perilous place	to guide him as he goes to that grievous place	2075. Þat schulde teche hym to tourne to þat tene place
Where the sad assault must be received by him.	where he is due to endure the dolorous blow.	2076. Þer þe ruful race he schulde resayue.
By bluffs where boughs were bare they passed,	They go by banks and by braes where branches are bare,	2077. Þay boȝen bi bonkkez þer boȝez ar bare,
Climbed by cliffs where the cold clung:	they climb along cliffs where clingeth the cold;	2078. Þay clomben bi clyffez þer clengez þe colde.
Under the high clouds, ugly mists	the heavens are lifted high, but under them evilly	2079. Þe heuen watz vphalt, bot vgly þer-vnder;
Merged damply with the moors and melted on the mountains;	mist hangs moist on the moor, melts on the mountains;	2080. Mist muged on þe mor, malt on þe mountez,
Each hill had a hat, a huge mantle of mist.	every hill has a hat, a mist-mantle huge.	2081. Vch hille hade a hatte, a myst-hakel huge.
On the heights about them brooks burst forth boiling,	Brooks break and boil on braes all about,	2082. Brokez byled and breke bi bonkkez aboute,
Showering down sharply in shimmering cascades.	bright bubbling on their banks where they bustle downwards.	2083. Schyre schaterande on schorez, þer þay doun schowued.
Their way through the woods was wonderfully wild;	Very wild through the wood is the way they must take,	2084. Wela wylle watz þe way þer þay bi wod schulden,
Till it was soon time for the sun to ascend on high	until soon comes the season when the sun rises	2085. Til hit watz sone sesoun þat þe sunne ryses
That day.	that day.	2086. þat tyde.
They were on a lofty hill	On a high hill they abode,	2087. Þay were on a hille ful hyȝe,
Where snow beside them lay,	white snow beside them lay;	2088. Þe quyte snaw lay bisyde;
When the servant[262] stopped still	the man that by him rode	2089. Þe burne þat rod hym by
And told his master to stay.	there bade his master stay.	2090. Bede his mayster abide.

[262] More than one commentator has suggested that this servant is the Green Knight in yet another shape. In the analogues the Tempter or Antagonist often assumed an unexpected guise in order to subject the hero to an extra ordeal. Since the Antagonist (Sir Bertilak or the Green Knight) is never shown to us at the same time as the servant guide, and this functionary has a directness of speech like that of the Green Knight, the suggestion seems to be a good one.

Estrofe 84

Brian Stone	Tolkien	Original
‘For I have guided you to this ground, Sir Gawain, at this time And now you are not far from the noted place Which you have searched for and sought with such special zeal. But I must say to you, forsooth, since I know you, And you are a lord whom I love with no little regard, Take my governance as guide, and it shall go better for you. For the place is perilous that you are pressing towards. In that wilderness dwells the worst man in the world, For he is valiant and fierce and fond of fighting, And mightier than any man that may be on earth, And his body is bigger that the best four In Arthur´s house, or Hector, or any other. At the Green Chapel he gains his great adventures. No man passes that place, however proud in arms, Without being dealt a death-blow by his dreadful hand. For he is an immoderate man, to mercy a stranger; For whether churl or chaplain by the chapel rides, Monk or mass-priest or man of other kind, He thinks it as convenient to kill him as keep alive himself. Therefore I say, as certainly as you sit in your saddle, If you go there, you will get your doom, if the gallant man wishes, Take my troth for it, though you had twenty lives And more. He has lived here since long ago And filled the field with gore. You cannot counter his blow, It strikes so sudden and sore.	‘For so far I have taken you, sir, at this time, and now you are near to that noted place that you have enquired and questioned so curiously after. But I will announce now the truth, since you are known to me, and you are a lord in this life that I love greatly, if you would follow my advice you would fare better. The place that you pass to, men perilous hold it, the worst wight in the world in that waste dwelleth; for he is stout and stern, and to strike he delights, and he mightier than any man upon middle-earth is, and his body is bigger than the four best men that are in Arthur’s house, either Heston or others. All goes as he chooses at the Green Chapel; no one passes by that place so proud in his arms that he hews not to death by dint of his hand. For he is a man monstrous, and mercy he knows not; for be it a churl or a chaplain that by the Chapel rideth, a monk or a mass-priest or any man besides, he would as soon have him slain as himself go alive. And so I say to you, as sure as you sit in your saddle, if you come there, you’ll be killed, if the carl has his way. Trust me, that is true, though you had twenty lives To yield. He here has dwelt now long and stirred much strife on field; against his strokes so strong yourself you cannot shield.	2091. 'For I haf wonnen yow hider, wyȝe, at þis tyme, 2092. And now nar ȝe not fer fro þat note place 2093. Þat ȝe han spied and spuryed so specially after; 2094. Bot I schal say yow for soþe, syþen I yow knowe, 2095. And ȝe ar a lede vpon lyue þat I wel louy, 2096. Wolde ȝe worch bi my wytte, ȝe worþed þe better. 2097. Þe place þat ȝe prece to ful perelous is halden; 2098. Þer wonez a wyȝe in þat waste, þe worst vpon erþe, 2099. For he is stiffe and sturne, and to strike louies, 2100. And more he is þen any mon vpon myddelerde, 2101. And his body bigger þen þe best fowre 2102. Þat ar in Arþurez hous, Hestor, oþer oþer. 2103. He cheuez þat chaunce at þe chapel grene, 2104. Þer passes non bi þat place so proude in his armes 2105. Þat he ne dyngez hym to deþe with dynt of his honde; 2106. For he is a mon methles, and mercy non vses, 2107. For be hit chorle oþer chaplayn þat bi þe chapel rydes, 2108. Monk oþer masseprest, oþer any mon elles, 2109. Hym þynk as queme hym to quelle as quyk go hymseluen. 2110. Forþy I say þe, as soþe as ȝe in sadel sitte, 2111. Com ȝe þere, ȝe be kylled, may þe knyȝt rede, 2112. Trawe ȝe me þat trwely, þaȝ ȝe had twenty lyues 2113. to spende. 2114. He hatz wonyd here ful ȝore, 2115. On bent much baret bende, 2116. Aȝayn his dyntez sore 2117. ȝe may not yow defende.

Estrofe 85

Brian Stone	Tolkien	Original
´Therefore, good Sir Gawain, leave the grim man alone! Ride by another route, to some region remote. Go, for God´s sake, and may He grace your fortune! And I shall go home again and undertake To swear solemnly by God and his saints as well (By my halidom, so help me God, and every other oath) To keep silent concerning you, not saying to a soul What I fully know, that you fled from the fellow´. ´Great thanks,´ replied Gawain, somewhat galled, and said, ´It is worthy of you to wish for my well-being, man, And I believe you would loyally lock it in your heart. But however quiet you kept it, if I quit this place, Fled from the fellow in the fashion you propose, I should become a cowardly knight with no excuse whatever. But I will go to the Green Chapel, to get what Fate sends, Have whatever words I wish with that worthy, Weal or woe betide: and that is what Fate decides Alone: Though he is grim with his axe[263] And not easily overthrown, Our Lord is wise and lacks No strength to save his own.´	And so, good Sir Gawain, now go another way, and let the man alone, for the love of God, sir! Come to some other country, and there may Christ keep you! And I shall haste me home again, and on my honour I promise that I swear will by God and all His gracious saints, so help me God and the Halidom, and other oaths a plenty, that I will safe keep your secret, and say not a word that ever you fain were to flee for any foe that I knew of.' 'Gramercy!' quoth Gawain, and regretfully answered: 'Well, man, I wish thee, who wishest my good, and keep safe my secret, I am certain thou wouldst. But however heedfully thou hid it, if I here departed fain in fear now to flee, in the fashion thou speakest, I should a knight coward be, I could not be excused. Nay, I'll fare to the Chapel, whatever chance may befall, and have such words with that wild man as my wish is to say, come fair or come foul, as fate will allot me there. He may be a fearsome knave to tame, and club may bear; but His servants true to save the Lord can well prepare.'	2118. 'Forþy, goude Sir Gawayn, let þe gome one, 2119. And gotz away sum oþer gate, vpon Goddez halue! 2120. Cayrez bi sum oþer kyth, þer Kryst mot yow spede, 2121. And I schal hy3 me hom a3ayn, and hete yow fyrre 2122. Þat I schal swere bi God and alle his gode hal3ez, 2123. As help me God and þe halydam, and oþez innoghe, 2124. Þat I schal lelly yow layne, and lance neuer tale 2125. Þat euer 3e fondet to fle for freke þat I wyst.' 2126. 'Grant merci', quoþ Gawayn, and gruchyng he sayde: 2127. 'Wel worth þe, wy3e, þat woldez my gode, 2128. And þat lelly me layne I leue wel þou woldez. 2129. Bot helde þou hit neuer so holde, and I here passed, 2130. Founded for ferde for to fle, in fourme þat þou tellez, 2131. I were a kny3t kowarde, I my3t not be excused. 2132. Bot I wyl to þe chapel, for chaunce þat may falle, 2133. And talk wyth þat ilk tulk þe tale þat me lyste, 2134. Worþe hit wele oþer wo, as þe wyrde lykez 2135. hit hafe. 2136. Þa3e he be a sturn knape 2137. To sti3tel, and stad with staue, 2138. Ful wel con Dry3tyn schape 2139. His seruauntez for to saue.'

[263] The word in the original is ´stave´. Editors seem to disagree about the meaning, but the interesting suggestion by Tolkien and Gordon is ´club´. They say that a club is the sort of weapon one would expect to find used by the hunter of a fairy mound, and quote from the Mabinogion an example of a black man on a mound who wields one. Both editors justify their conclusions on linguistic grounds. Since our poem is dominated by the mental picture of a huge axe-wielder, I have followed Gollancz.

Estrofe 86

Brian Stone	Tolkien	Original
´By Mary!´ said the other man, ´If you mean what you say, You are determined to take all your trouble on yourself. If you wish to lose your life, I´ll no longer hinder you. Here´s your lance for your hand, your helmet for your head. Ride down this rough track round yonder cliff Till you arrive in a rugged ravine at the bottom, Then look about on the flat, on your left hand, And you will view there in the vale that very chapel, And the grim gallant who guards it always. Now, noble Gawain, good-bye in God´s name. For all the gold on God´s earth I would not go with you, Nor foot it an inch further through this forest as your fellow.´ Whereupon he wrenched at his reins, that rider in the woods, Hit the horse with his heels as hard as he could, Sent him leaping along, and left the knight there Alone ´By God!´ said Gawain, ´I swear I will not weep or groan: Being given to God´s good care My trust in Him shall be shown.´	‘Marry!’ quoth the other man, ‘now thou makest it so clear that thou wishest thine own bane to bring on thyself, and to lose thy life hast a liking, to delay thee I care not! Have here thy helm on thy head, thy spear in thy hand, and ride down by yon rock-side where runs this same track, till thou art brought to the bottom of the baleful valley. A little to thy left hand then look o’er the green, and thou wilt see on the slope the selfsame chapel, and the great man and grim on ground that it keeps. Now farewell in God’s name, Gawain the noble! For all the gold in the world I would not go with thee, nor bear thee fellowship through this forest one foot further!’ With that his bridle towards the wood back the man turneth, hits his horse with his heels as hard as he can, gallops on the greenway, and the good knight there leaves alone, Quoth Gawain: ‘By God on high I will neither grieve nor groan. With God’s will I comply, Whose protection I do own.’	2140. 'Mary!' quoþ þat oþer mon, 'now þou so much spellez, 2141. Þat þou wylt þyn awen nye nyme to þyseluen, 2142. And þe lyst lese þy lyf, þe lette I ne kepe. 2143. Haf here þi helme on þy hede, þi spere in þi honde, 2144. And ryde me doun þis ilk rake bi ȝon rokke syde, 2145. Til þou be broȝt to þe boþem of þe brem valay; 2146. Þenne loke a littel on þe launde, on þi lyfte honde, 2147. And þou schal se in þat slade þe self chapel, 2148. And þe borelych burne on bent þat hit kepez. 2149. Now farez wel, on Godez half, Gawayn þe noble! 2150. For alle þe golde vpon grounde I nolde go wyth þe, 2151. Ne bere þe felaȝschip þurȝ þis fryth on fote fyrre.' 2152. Bi þat þe wyȝe in þe wod wendez his brydel, 2153. Hit þe hors with þe helez as harde as he myȝt, 2154. Lepez hym ouer þe launde, and leuez þe knyȝt þere 2155. al one. 2156. 'Bi Goddez self,' quoþ Gawayn, 2157. 'I wyl nauþer grete ne grone; 2158. To Goddez wylle I am ful bayn, 2159. And to hym I haf me tone.'

Estrofe 87

Brian Stone	Tolkien	Original
Then he gave the spur to Gringolet and galloped down the path, Thrust through a thicket there by a bank, And rode down the rough slope right into the ravine.[264] Then he searched about, but it seemed savage and wild, And no sign did he see of any sort of dwelling; But on both sides banks, beetling and steep, And great crooked crags, cruelly jagged; The bristling barbs of rock seemed to brush the sky. Then he held in his horse, halted there, Scanned on every side in search of the chapel. He saw no such thing anywhere, which seemed remarkable, Save, not far off, on the flat, a fairy mound apparently, A smooth-surfaced barrow by the side of a stream Which flowed forth there in a fall of water, Foaming and frothing as if feverishly boiling. The knight, urging his horse, pressed onwards to the mound, Stepped determinedly from the stirrup, attached to a tree The reins, hooking them round a rough branch, And went to the barrow, which he walked round, inspecting, Wondering what in the world it might be. It had a hole in each end and on either side, And was overgrown with grass in great patches. All hollow it was within, only an old cavern Or the crevice of an ancient crag: he could not explain it Aright. ´O God, is the Chapel Green This mound?´ said the noble knight. ´At such might Satan be seen Saying matins at midnight.´	Then he put spurs to Gringolet, and espying the track, thrust in along a bank by a thicket's border, rode down the rough brae right to the valley; and then he gazed all about: a grim place he thought it, and saw no sign of shelter on any side at all, only high hillsides sheer upon either hand, and notched knuckled crags with gnarled boulders; the very skies by the peaks were scraped, it appeared. Then he halted and held in his horse for the time, and changed oft his front the Chapel to find. Such on no side he saw, as seemed to him strange, save a mound as it might be near the marge of a green, a worn barrow on a brae by the brink of a water, beside falls in a flood that was flowing down; the burn bubbled therein, as if boiling it were. He urged on his horse then, and came up to the mound, there lighly alit, and lashed to a tree his reins, with a rough branch rightly secured them. Then he went to the barrow and about it he walked, debating in his mind what might the thing be. It had a hole at the end and at either side, and with grass in green patches was grown all over, and was all hollow within: nought but an old cavern, or a cleft in an old crag; he could not it name aright. 'Can this be the Chapel Green, O Lord?' said the gentle knight. 'Here the Devil might say, I ween, his matins about midnight!'	2160. Thenne gyrdez he to Gryngolet, and gederez þe rake, 2161. Schowuez in bi a schore at a scha3e syde, 2162. Ridez þur3 þe ro3e bonk ry3t to þe dale; 2163. And þenne he wayted hym aboute, and wylde hit hym þo3t, 2164. And se3e no syngne of resette bisydez nowhere, 2165. Bot hy3e bonkkez and brent vpon boþe halue, 2166. And ru3e knokled knarrez with knorned stonez; 2167. Þe skwez of þe scowtes skayned hym þo3t. 2168. Þenne he houed, and wythhylde his hors at þat tyde, 2169. And ofte chaunged his cher þe chapel to seche: 2170. He se3 non suche in no syde, and selly hym þo3t, 2171. Saue, a lyttel on a launde, a lawe as hit were; 2172. A bal3 ber3 bi a bonke þe brymme bysyde, 2173. Bi a for3 of a flode þat ferked þare; 2174. Þe borne blubred þerinne as hit boyled hade. 2175. Þe kny3t kachez his caple, and com to þe lawe, 2176. Li3tez doun luflyly, and at a lynde tachez 2177. Þe rayne and his riche with a ro3e braunche. 2178. Þenne he bo3ez to þe ber3e, aboute hit he walkez, 2179. Debatande with hymself quat hit be my3t. 2180. Hit hade a hole on þe ende and on ayþer syde, 2181. And ouergrowen with gresse in glodes aywhere, 2182. And al watz hol3 inwith, nobot an olde caue, 2183. Or a creuisse of an olde cragge, he couþe hit no3t deme 2184. with spelle. 2185. 'We! Lorde,' quoþ þe gentyle kny3t, 2186. 'Wheþer þis be þe grene chapelle? 2187. Here my3t aboute mydny3t 2188. Þe dele his matynnes telle!

[264] Various locations have been suggested for the eerie setting of Gawain´s last trial. The Peak District and the Staffordshire moorlands have been mooted, as these are the nearest high regions to the Wirral, the last place mentioned in Sir Gawain´s itinerary. According to Mr R. W. V. Elliott, the author of an article in The Times of 21st May 1958, there is some evidence in the poem to suggest that the poet had in mind the region of Swythamley Park in Staffordshire, where the scenery is like that described in the poem, complete with legend-haunted natural chapel.

Estrofe 88

Brian Stone	Tolkien	Original
´Now certainly the place is deserted,´ said Gawain, ´It is a hideous oratory, all overgrown, And well graced for the gallant garbed in green To deal out his devotions in the Devil´s fashion. Now I feel in my five wits, it is the Fiend himself That has tricked me into this tryst, to destroy me here. This is s chapel of mischance – checkmate to it! It is the most evil holy place I ever entered.´ With his high helmet on his head, and holding his lance, He roamed up to the roof of that rough dwelling. Then from that height he heard, from a hard rock On the bank beyond the brook, a barbarous noise. What! It clattered amid the cliffs fit to cleave them apart, As if a great scythe were being ground on a grindstone there. What! It whirred and it whetted, like water in a mill. What! It made a rushing, ringing din, rueful to hear.[265] ´By God!´ then said Gawain, ´that is going on, I suppose, as a salute to myself, to greet me Hard by. God´s will be warranted ´´Alas!´´ is a craven cry. No din shall make me dread Although today I die.´	‘On my word,’ quoth Wawain, ‘’tis a wilderness here! This oratory looks evil. With herbs overgrown it fits well that fellow transformed into green to follow here his devotions in the Devil’s fashion. Now I feel in my five wits the Fiend ‘tis himself that has trapped me with this tryst to destroy me here. This is a chapel of mischance, the church must accursed that I ever entered. Evil betide it!’ With high helm on his head, his lance in his hand, he roams up to the roof on that rough dwelling. Then he heard from the high hill, in a hard rock-wall Beyond the stream on a steep, a sudden startling noise. How it clattered in the cliff, as if to cleave it asunder, as if one upon a grindstone were grinding a scythe! How it whirred and it rasped as water in a mill-race! How it rushed, and it rang, rueful to harken! Then ‘By God,’ quoth Gawain, ‘I guess this ado is meant for my honour, meetly to hail me as knight! As God wills! Waylaway! That helps me not a mite. My life though down I lay, no noise can me affright.’	2189. 'Now iwysse,' quoþ Wowayn, 'wysty is here; 2190. Þis oritore is vgly, with erbez ouergrowen; 2191. Wel bisemez þe wyȝe wruxled in grene 2192. Dele here his deuocioun on þe deuelez wyse. 2193. Now I fele hit is þe fende, in my fyue wyttez, 2194. Þat hatz stoken me þis steuen to strye me here. 2195. Þis is a chapel of meschaunce, þat chekke hit bytyde! 2196. Hit is þe corsedest kyrk þat euer I com inne!' 2197. With heȝe helme on his hede, his launce in his honde, 2198. He romez vp to þe roffe of þe roȝ wonez. 2199. Þene herde he of þat hyȝe hil, in a harde roche 2200. Biȝonde þe broke, in a bonk, a wonder breme noyse, 2201. Quat! hit clatered in þe clyff, as hit cleue schulde, 2202. As one vpon a gryndelston hade grounden a syþe. 2203. What! hit wharred and whette, as water at a mulne; 2204. What! hit rusched and ronge, rawþe to here. 2205. Þenne 'Bi Godde,' quoþ Gawayn, 'þat gere, as I trowe, 2206. Is ryched at þe reuerence me, renk, to mete 2207. bi rote. 2208. Let God worche! "We loo"– 2209. Hit helppez me not a mote. 2210. My lif þaȝ I forgoo, 2211. Drede dotz me no lote.'

[265] Only one of the parallel romances mentions the whetting, and then only briefly. This making of splendid dramatic moments is characteristic of the Sir Gawain poet at his best.

Estrofe 89

Brian Stone	Tolkien	Original
Then the courteous knight called out clamorously, ´Who holds sway here and has an assignation with me? For the good knight Gawain is on the ground here. If anyone there wants anything, wend your way hither fast, And further your needs either now, or not at all.´ ´Bide there!´ said one of the bank above his head, ´And you shall swiftly receive what I once swore to give you.´ Yet he pressed on apace for a period with the din, Turning away to go on whetting, before he would descend. Then he thrust himself round a thick crag through a hole, Whirling round a wedge of rock with a frightful weapon, A Danish axe[266] duly honed for dealing the blow, With a broad biting edge, bow-bent by the haft, Ground on a grindstone, and by the gleaming lace It measured fully four feet in breadth. And the gallant in green was garbed as at first, His looks and limbs the same, his locks and beard; Save that steadily on his feet he strode on the ground, Setting the handle to the stony earth and stalking beside it. He would not wade through the water when he came to it, But vaulted over on his axe, then with huge strides Advanced violently and fiercely along the bank On the snow. Sir Gawain went to greet The knight, not bowing low. The man said, ´Sir so sweet, You honour the trysts you owe.´	Then clearly the knight there called out aloud: 'Who is master in this place to meet me at tryst? For now 'tis good Gawain on ground that here walks. If any aught hath to ask, let him hasten to me, either now or else never, his needs to further!' 'Stay!' said one standing above on the steep o'er his head, 'and thou shalt get in good time what to give thee I vowed.' Still with that rasping and racket he rushed on a while, and went back to his whetting, till he wished to descend. And then he climbed past a crag, and came from a hole, hurtling out of a hid nook with a horrible weapon: a Danish axe newly dressed the dint to return, with a cruel cutting edge curved along the handle – filed on a whetstone, and four feet in width, 'twas no less – along its lace of luminous hue; and the great man in green still guised as before, his locks and long beard, his legs and his face, save that firm on his feet he fared on the ground, steadied the haft on the stones and stalked beside it. When he walked to the water, where he wade would not, he hopped over on his axe and haughtily strode, fierce and fell on a field where far all about lay snow. Sir Gawain the man met there, neither bent nor bowed he low. The other said: 'Now sirrah fair, I true at tryst thee know!'	2212. Thenne þe kny3t con calle ful hy3e: 2213. 'Who sti3tlez in þis sted me steuen to holde? 2214. For now is gode Gawayn goande ry3t here. 2215. If any wy3e o3t wyl, wynne hider fast, 2216. Oþer now oþer neuer, his nedez to spede.' 2217. 'Abyde', quoþ on on þe bonke abouen ouer his hede, 2218. 'And þou schal haf al in hast þat I þe hy3t ones.' 2219. 3et he rusched on þat rurde rapely a þrowe. 2220. And wyth quettyng awharf, er he wolde ly3t; 2221. And syþen he keuerez bi a cragge, and comez of a hole, 2222. Whyrlande out of a wro wyth a felle weppen, 2223. A denez ax nwe dy3t, þe dynt with to 3elde, 2224. With a borelych bytte bende by þe halme, 2225. Fyled in a fylor, fowre fote large– 2226. Hit watz no lasse bi þat lace þat lemed ful bry3t– 2227. And þe gome in þe grene gered as fyrst, 2228. Boþe þe lyre and þe leggez, lokkez and berde, 2229. Saue þat fayre on his fote he foundez on þe erþe, 2230. Sette þe stele to þe stone, and stalked bysyde. 2231. When he wan to þe watter, þer he wade nolde, 2232. He hypped ouer on hys ax, and orpedly strydez, 2233. Bremly broþe on a bent þat brode watz aboute, 2234. on snawe. 2235. Sir Gawayn þe kny3t con mete, 2236. He ne lutte hym noþyng lowe; 2237. Þat oþer sayde, 'Now, sir swete, 2238. Of steuen mon may þe trowe.'

[266] This Danish axe, so called because the Vikings used it, was, according to the O.E.D., ´a kind of battle-axe with a very long blade, and usually without a spike on the back´. The weapon the Green Knight bore at King Arthur´s court was a guisarm, or battle-axe complete with spike.

Estrofe 90

Brian Stone	Tolkien	Original
´Gawain,´ said the Green Knight, ´may God guard you! You are welcome to my dwelling, I warrant you, And you have travelled here on time as a true man ought, And you are cognisant of the compact accorded between us. This time a twelvemonth ago you took your portion, And know at this New Year I should nimbly requite you. And we are on our own here in this valley, Without people to part us, play as we will. Take your helmet off your head, and have your payment here. And offer no more argument or action than I did When you whipped off my head with one stroke.´ ´No,´ said Gawain, ´by God who gave me a soul, The grievous gash to come I grudge you not at all; Strike but the one stroke and I shall stand still And offer you no hindrance: you may act freely, I swear.´ Head bent, Sir Gawain bowed, And showed the bright flesh bare. He behaved as if uncowed, Being loth to display his care.	'Gawain,' said the green man, 'may God keep thee! On my word, sir, I welcome thee with a will to my place, and thou hast timed thy travels as trusty man should, and thou hast forgot not the engagement agreed on between us: at this time gone a twelvemonth thou took'st thy allowance, and I should now this New Year nimbly repay thee. And we are in this valley now verily on our own, there are no people to part us – we can play as we like. Have thy helm off thy head, and have here thy pay! Bandy me no more debate than I brought before thee when thou didst sweep off my head with one swipe only!' 'Nay', quoth Gawain, 'by God that gave me my soul, I shall grudge thee not a grain any grief that follows. Only restrain thee to one stroke, and still shall I stand and offer thee no hindrance to act as thou likest right here.' With a nod of his neck he bowed, let bare the flesh appear; he would not by dread be cowed, no sign he gave of fear.	2239. 'Gawayn,' quoþ þat grene gome, 'God þe mot loke! 2240. Iwysse þou art welcom, wyȝe, to my place, 2241. And þou hatz tymed þi trauayl as truee mon schulde, 2242. And þou knowez þe couenauntez kest vus bytwene: 2243. At þis tyme twelmonyth þou toke þat þe falled, 2244. And I schulde at þis I ȝere ȝeply þe quyte. 2245. And we ar in þis valay verayly oure one; 2246. Here ar no renkes vs to rydde, rele as vus likez. 2247. Haf þy helme of þy hede, and haf here þy pay. 2248. Busk no more debate þen I þe bede þenne 2249. When þou wypped of my hede at a wap one.' 2250. 'Nay, bi God,' quoþ Gawayn, 'þat me gost lante, 2251. I schal gruch þe no grwe for grem þat fallez. 2252. Bot styȝtel þe vpon on strok, and I schal stoned stylle 2253. And warp þe no wernyng to worch as þe lykez, 2254. nowhare.' 2255. He lened with þe nek, and lutte, 2256. And schewed þat schyre al bare, 2257. And lette as he noȝt dutte; 2258. For drede he wolde not dare.

Estrofe 91

Brian Stone	Tolkien	Original
Then the gallant in green quickly got ready, Heaved his horrid weapon on high to hit Gawain, With all the brute force in his body bearing it aloft, Swinging savagely enough to strike him dead. Had it driven down as direly as he aimed, The daring dauntless man would have died from the blow. But Gawain glanced up at the grim axe beside him At it came shooting through the shivering air to shatter him, And his shoulders shrank slightly from the sharp edge. The other suddenly stayed the descending axe, And then reproved the prince with many proud words: ´You are not Gawain,´ said the gallant, ´whose greatness is such That by hill or hollow no army ever frightened him; For now you flinch for fear before you feel harm. I could not contemplate such cowardice from him. I neither flinched nor fled when you let fly your blow, Nor offered any quibble in the house of King Arthur. My head flew to my feet, but flee I did not. Yet you quail cravenly though unscathed so far. So I am bound to be called the better man Therefore.´ Said Gawain, ´Not again Shall I flinch as I did before, But if my head pitch to the plain, It´s off for evermore.	Then the great man in green gladly prepared him, gathered up his grim tool there Gawain to smite; with all the lust in his limbs aloft he heaved it, shaped as mighty a stroke as if he meant to destroy him. Had it driving come down as dour as he aimed it, under his dint would have died the most doughty man ever. But Gawain on that guisarm then glanced to one side, as down it came gliding on the green there to end him, and he shrank a little with his shoulders at the sharp iron. With a jolt the other man jerked back the blade, and reproved then the prince, proudly him taunting. 'Thou'rt not Gawain,' said the green man, 'who is so good reported, who never flinched from any foes on fell or in dale; and now thou fleest in fear, ere thou feelest a hurt! Of such cowardice that knight I ne'er heard accused. Neither blenched I nor backed, when thy blow, sir, thou aimedst, nor uttered any cavil in the court of King Arthur. My head flew to my feet, and yet fled I never; but thou, ere thou hast any hurt, in thy heart quailest, and so the nobler knight to be named I deserve therefore.' 'I blenched once,' Gawain said, 'and I will do so no more. But if on the floor now falls my head, I cannot it restore.	2259. THEN þe gome in þe grene grayþed hym swyþe, 2260. Gederez vp hys grymme tole Gawayn to smyte; 2261. With alle þe bur in his body he ber hit on lofte, 2262. Munt as maȝtyly as marre hym he wolde; 2263. Hade hit dryuen adoun as dreȝ as he atled, 2264. Þer hade ben ded of his dynt þat doȝty watz euer. 2265. Bot Gawayn on þat giserne glyfte hym bysyde, 2266. As hit com glydande adoun on glode hym to schende, 2267. And schranke a lytel with þe schulderes for þe scharp yrne. 2268. Þat oþer schalk wyth a schunt þe schene wythhaldez, 2269. And þenne repreued he þe prynce with mony prowde wordez: 2270. 'Þou art not Gawayn,' quoþ þe gome, 'þat is so goud halden, 2271. Þat neuer arȝed for no here by hylle ne be vale, 2272. And now þou fles for ferde er þou fele harmez! 2273. Such cowardise of þat knyȝt cowþe I neuer here. 2274. Nawþer fyked I ne flaȝe, freke, quen þou myntest, 2275. Ne kest no kauelacion in kyngez hous Arthor. 2276. My hede flaȝ to my fote, and ȝet flaȝ I neuer; 2277. And þou, er any harme hent, arȝez in hert; 2278. Wherfore þe better burne me burde be called 2279. þerfore.' 2280. Quoþ Gawayn, 'I schunt onez, 2281. And so wyl I no more; 2282. Bot þaȝ my hede falle on þe stonez, 2283. I con not hit restore.

Estrofe 92

Brian Stone	Tolkien	Original
´But be brisk, man, by your faith, and bring me to the point; Deal me my destiny and do it out of hand, For I shall stand your stroke, not starting at all Till your axe has hit me. Here is my oath on it.´ ´Have at you then,´ said the other, heaving up his axe, Behaving as angrily as if he were mad. He menaced him mightily, but gave the man no hit, Smartly withholding his hand without hurting him. Gawain waited unswerving, with not a wavering limb, But stood still as a stone or the stump of a tree Gripping the rocky ground with a hundred grappling roots. Then again the green knight began to gird: ´So now you have a whole heart I must hit you. May the high knighthood which Arthur conferred Preserve you and save your neck, if so it avail you!´ Then said Gawain, storming with sudden rage, ´Thrash on, you thrustful fellow, you threaten too much. I think your heart is in awe of your own self.´ ´Forsooth,´ said the other, ´You speak so fiercely I will no longer lengthen matters by delaying your business, I vow.´ He stood astride to smite, Lips pouting, puckered brow. Gawain grieved at his plight, For nothing could save him now.	But get busy, I beg, sir, and bring me to the point. Deal me my destiny, and do it out of hand! For I shall stand from thee a stroke and stir not again till thine axe hath hit me, have here my word on't!' 'Have at thee then!' said the other, and heaved it aloft, and watched him as wrathfully as if he were wild with rage. He made at him a mighty aim, but the man he touched not, holding back hastily his hand, ere hurt it might do. Gawain warily awaited it, and winced with no limb, but stood as still as a stone or the stump of a tree that with a hundred ravelled roots in rocks is embedded. This time merrily remarked then the man in the green: 'So, now thou hast thy heart whole, a hit I must make. May the high order now keep thee that Arthur gave thee, and guard thy gullet at this go, if it can gain thee that.' Angrily with ire then answered Sir Gawain: 'Why! lash away, thou lusty man! Too long dost thou threaten. 'Tis thy heart methinks in thee that now quaileth!' 'In faith,' said the fellow, 'so fiercely thou speakest, I no longer will linger delaying thy errand right now.' Then to strike he took his stance and grimaced with lip and brow. He that of rescue saw no chance was little pleased, I trow.	2284. 'Bot busk, burne, bi þi fayth, and bryng me to þe poynt. 2285. Dele to me my destiné, and do hit out of honde, 2286. For I schal stonde þe a strok, and start no more 2287. Til þyn ax haue me hitte: haf here my trawþe.' 2288. 'Haf at þe þenne!' quoþ þat oþer, and heuez hit alofte, 2289. And waytez as wroþely as he wode were. 2290. He myntez at hym maȝtyly, bot not þe mon rynez, 2291. Withhelde heterly his honde, er hit hurt myȝt. 2292. Gawayn grayþely hit bydez, and glent with no membre, 2293. Bot stode stylle as þe ston, oþer a stubbe auþer 2294. Þat raþeled is in roché grounde with rotez a hundreth. 2295. Þen muryly efte con he mele, þe mon in þe grene: 2296. 'So, now þou hatz þi hert holle, hitte me bihous. 2297. Halde þe now þe hyȝe hode þat Arþur þe raȝt, 2298. And kepe þy kanel at þis kest, ȝif hit keuer may.' 2299. Gawayn ful gryndelly with greme þenne sayde: 2300. 'Wy! þresch on, þou þro mon, þou þretez to longe; 2301. I hope þat þi hert arȝe wyth þyn awen seluen.' 2302. 'For soþe,' quoþ þat oþer freke, 'so felly þou spekez, 2303. I wyl no lenger on lyte lette þin ernde 2304. riȝt nowe.' 2305. Þenne tas he hym stryþe to stryke, 2306. And frounsez boþe lyppe and browe; 2307. No meruayle þaȝ hym myslyke 2308. Þat hoped of no rescowe.

Estrofe 93

Brian Stone	Tolkien	Original
Up went the axe at once and hurtled down straight At the naked neck with its knife-like edge. Though it swung down savagely, slight was the wound, A mere snick on the side, so that the skin was broken. Through the fair fat to the flesh fell the blade, And over his shoulders the shimmering blood shot to the ground. When Sir Gawain saw his gore glinting on the snow, He sprang a spear´s-length away, spread-eagling his feet, Hurriedly heaved his helmet on to his head, And shrugging his shoulders, shot his shield to the front, Swung out his bright sword and said fiercely, (For never had the knight since being nursed by his mother Been so buoyantly happy, so blithe in this world) ´Cease your blows, sir, strike me no more. I have sustained a stroke here unresistingly, And if you offer any more I shall earnestly reply, Resisting, rest assured, with the most rancorous Despite. The single stroke is wrought To which we pledged our plight In high King Arthur´s court: Enough now, therefore, knight!´	Lightly his weapon he lifted, and let it down neatly with the bent horn of the blade towards the neck that was bare; though he hewed with a hammer-swing, he hurt him no more than to snick him on one side and sever the skin. Through the fair fat sank the edge, and the flesh entered, so that the shining blood o'er his shoulders was shed on the earth; and when the good knight saw the gore that gleamed on the snow, he sprang out with spurning feet a spear's length and more, in haste caught his helm and on his head cast it, under his fair shield he shot with a shake of his shoulders, brandished his bright sword, and boldly he spake – never since he as manchild of his mother was born was he never on this earth half so happy a man: 'Have done, sir, with thy dints! Now deal me no more! I have stood from thee a stroke without strife on this spot, and if thou offerest me others, I shall answer thee promptly, and give as good again, as a grim, be assured, shall pay. But one stroke here's my due, as the covenant clear did say that in Arthur's halls we drew. And so, good sir, now stay!'	2309. He lyftes ly3tly his lome, and let hit doun fayre 2310. With þe barbe of þe bitte bi þe bare nek; 2311. Þa3 he homered heterly, hurt hym no more 2312. Bot snyrt hym on þat on syde, þat seuered þe hyde. 2313. Þe scharp schrank to þe flesche þur3 þe schyre grece, 2314. Þat þe schene blod ouer his schulderes schot to þe erþe; 2315. And quen þe burne se3 þe blode blenk on þe snawe, 2316. He sprit forth spenne-fote more þen a spere lenþe, 2317. Hent heterly his helme, and on his hed cast, 2318. Schot with his schulderez his fayre schelde vnder, 2319. Braydez out a bry3t sworde, and bremely he spekez– 2320. Neuer syn þat he watz burne borne of his moder 2321. Watz he neuer in þis worlde wy3e half so blyþe– 2322. 'Blynne, burne, of þy bur, bede me no mo! 2323. I haf a stroke in þis sted withoute stryf hent, 2324. And if þow rechez me any mo, I redyly schal quyte, 2325. And 3elde 3ederly a3ayn–and þerto 3e tryst– 2326. and foo. 2327. Bot on stroke here me fallez– 2328. Þe couenaunt schop ry3t so, 2329. Fermed in Arþurez hallez– 2330. And þerfore, hende, now hoo!'

Estrofe 94

Brian Stone	Tolkien	Original
The bold man stood back and bent over his axe, Putting the haft to earth, and leaning on the head. He gazed at Sir Gawain on the ground before him, Considering the spirited and stout way he stood, Audacious in arms; his heart warmed to him. Then he gave utterance gladly in his great voice, With resounding speech saying to the knight, ´Bold man, do not be so bloodily resolute. No one here has offered you evil discourteously, Contrary to the covenant made at King Arthur´s court. I promised a stroke which you received: consider yourself paid. I cancel all other obligations of whatever kind. If I had been more active, perhaps I could Have made you suffer by striking a savager stroke. First in foolery I made a feint at striking, Not rendering you with a riving cut – and right I was, On account of the first night´s covenant we accorded; For you truthfully kept your trust in troth with me, Giving me your gains, as a good man should. The further feinted blow was for the following day, When you kissed my comely wife, and the kisses came to me: For those two things, harmlessly I thrust twice at you Feinted blows. Truth for truth´s the word; No need for dread, God knows. From your failure at the third The tap you took arose.	From him the other stood off, and on his axe rested, held the haft to the ground, and on the head leaning, gazed at the good knight as on the green he there strode. To see him standing so stout, so stern there and fearless, armed and unafraid, his heart it well pleased. Then merrily he spoke with a mighty voice, and loudly it rang, as to that lord he said: 'Fearless knight on this field, so fierce do not be! No man here unmannerly hath thee maltreated, Nor aught given thee not granted by agreement at court. A hack I thee vowed, and thou'st had it, so hold thee content; I remit thee the remnant of all rights I might claim. If I brisker had been, a buffet, it may be, I could have handled thee more harshly, and harm could have done thee. First I menaced thee in play with no more than a trial, and clove thee with no cleft: I had a claim to the feint, for the fast pact we affirmed on the first evening, and thou fairly and unfailing didst faith with me keep, all thy gains thou me gavest, as good man ought. The other trial for the morning, man, I thee tendered when thou kissedst my comely wife, and the kisses didst render. For the two here I offered only two harmless feints to make. The true shall truly repay, for no peril then need he quake. Thou didst fail on the third day, and so that tap now take!	2331. The haþel heldet hym fro, and on his ax rested, 2332. Sette þe schaft vpon schore, and to þe scharp lened, 2333. And loked to þe leude þat on þe launde ȝede, 2334. How þat doȝty, dredles, deruely þer stondez 2335. Armed, ful aȝlez: in hert hit hym lykez. 2336. Þenn he melez muryly wyth a much steuen, 2337. And wyth a rynkande rurde he to þe renk sayde: 2338. 'Bolde burne, on þis bent be not so gryndel. 2339. No mon here vnmanerly þe mysboden habbez, 2340. Ne kyd bot as couenaunde at kyngez kort schaped. 2341. I hyȝt þe a strok and þou hit hatz, halde þe wel payed; 2342. I relece þe of þe remnaunt of ryȝtes alle oþer. 2343. Iif I deliuer had bene, a boffet paraunter 2344. I couþe wroþeloker haf waret, to þe haf wroȝt anger. 2345. Fyrst I mansed þe muryly with a mynt one, 2346. And roue þe wyth no rof-sore, with ryȝt I þe profered 2347. For þe forwarde þat we fest in þe fyrst nyȝt, 2348. And þou trystyly þe trawþe and trwly me haldez, 2349. Al þe gayne þow me gef, as god mon schulde. 2350. Þat oþer munt for þe morne, mon, I þe profered, 2351. Þou kyssedes my clere wyf–þe cossez me raȝtez. 2352. For boþe two here I þe bede bot two bare myntes 2353. boute scaþe. 2354. Trwe mon trwe restore, 2355. Þenne þar mon drede no waþe. 2356. At þe þrid þou fayled þore, 2357. And þerfor þat tappe ta þe.

Estrofe 95

Brian Stone	Tolkien	Original
´For that braided belt you wear belongs to me. I am well aware that my own wife gave it you. Your conduct and your kissings are completely known to me, And the wooing of my wife – my work set it on. I sent her to essay you, and you certainly seem To be the most perfect paladin ever to pace the earth. As the pearl to the white pea in precious worth, So in good faith is Gawain to other gay knights. But here your faith failed you, you flagged somewhat, sir, Yet it was not for a well-wrought thing, nor for wooing either, But for love of your life, which is less blameworthy.´ The other strong man stood in suspense a while, So filled with fury that his flesh trembled, And the blood from his breast burst forth is his face. He shrank for shame at what the chevalier spoke of. The first words the fair knight could frame were: ´Curses on both cowardice and covetousness! Their vice and villainy are virtue´s undoing.´ Then he took the knot, with a twist twitched it loose, And in great anger gave the girdle to the knight. ´Lo! There is the false thing, foul fortune befall it! I being craven about our encounter, cowardice Connived with covetousness to corrupt my nature And the liberality and loyalty belonging to chivalry. Now I am faulty and false and found fearful always. In the train of treachery and untruth go misery And woe; I acknowledge, knight, how ill My shameful faults here show. May I gain your good will And henceforth heedful go!´	For it is my weed that thou wearest, that very woven girdle: my own wife it awarded thee, I wot well indeed. Now I am aware of thy kisses, and thy courteous ways, and of thy wooing by my wife: I worked that myself! I sent her to test thee, and thou seem'st to me truly the fair knight most faultless that e'er foot set on earth! As a pearl than white pease is prized more highly, so is Gawain, in good faith, than other gallant knights. But in this you lacked, sir, a little, and of loyalty came short. But that was for no artful wickedness, nor for wooing either, but because you loved your own life: the less do I blame you.' The other stern knight in a study then stood a long while, in such grief and disgust he had a grue in his heart; all the blood from his breast in his blush mingled, and he shrank into himself with shame at that speech. The first words on that field that he found then to say were: 'Cursed be ye, Coveting, and Cowardice also! In you is vileness, and vice that virtue destroyeth.' He took then the treacherous thing, and untying the knot fiercely flung he the belt at the feet of the knight: 'See there the falsifier, and foul be its fate! Through care for thy blow Cowardice brought me to consent to Coveting, my true kind to forsake, which is free-hand and faithful word that are fitting to knights. Now I am faulty and false, who afraid have been ever of treachery and troth-breach: the two now my curse may bear! I confess, sir, here to you all faulty has been my fare. Let me gain your grace anew, and after I will beware.'	2358. 'For hit is my wede þat þou werez, þat ilke wouen girdel, 2359. Myn owen wyf hit þe weued, I wot wel for soþe. 2360. Now know I wel þy cosses, and þy costes als, 2361. And þe wowyng of my wyf: I wroȝt hit myseluen. 2362. I sende hir to asay þe, and sothly me þynkkez 2363. On þe fautlest freke þat euer on fote ȝede; 2364. As perle bi þe quite pese is of prys more, 2365. So is Gawayn, in god fayth, bi oþer gay knyȝtez. 2366. Bot here yow lakked a lyttel, sir, and lewté yow wonted; 2367. Bot þat watz for no wylyde werke, ne wowyng nauþer, 2368. Bot for ȝe lufed your lyf; þe lasse I yow blame.' 2369. Þat oþer stif mon in study stod a gret whyle, 2370. So agreued for greme he gryed withinne; 2371. Alle þe blode of his brest blende in his face, 2372. Þat al he schrank for schome þat þe schalk talked. 2373. Þe forme worde vpon folde þat þe freke meled: 2374. 'Corsed worth cowarddyse and couetyse boþe! 2375. In yow is vylany and vyse þat vertue disstryez.' 2376. Þenne he kaȝt to þe knot, and þe kest lawsez, 2377. Brayde broþely þe belt to þe burne seluen: 2378. 'Lo! þer þe falssyng, foule mot hit falle! 2379. For care of þy knokke cowardyse me taȝt 2380. To acorde me with couetyse, my kynde to forsake, 2381. Þat is larges and lewté þat longez to knyȝtez. 2382. Now am I fawty and falce, and ferde haf ben euer 2383. Of trecherye and vntrawþe: boþe bityde sorȝe 2384. and care! 2385. I biknowe yow, knyȝt, here stylle, 2386. Al fawty is my fare; 2387. Letez me ouertake your wylle 2388. And efte I schal be ware.'

Estrofe 96

Brian Stone	Tolkien	Original
Then the other lord laughed and politely said, ´In my view you have made amends for your misdemeanor; You have confessed your faults fully with fair acknowledgement, And plainly done penance at the point of my axe. You are absolved of your sin and as stainless now As if you had never fallen in fault since first you were born. As for the gold-hemmed girdle, I give it to you, sir. Seeing it is as green as my gown, Sir Gawain, you may Think about this trial when you throng in company With paragons of princes, for it is a perfect token, At knightly gatherings, of the great adventure at the Green Chapel. You shall come back to my castle this cold New Year To revel for the rest of this rich feast, leading A gay life.´ Then with a laugh the lord Said. ´You and my winsome wife Shall come to sweet accord After your strenuous strife.´	Then the other man laughed and lightly answered: 'I hold it healed beyond doubt, the harm that I had. Thou hast confessed thee so clean and acknowledged thine errors, and hast the penance plain to see from the point of my blade, that I hold thee purged of that debt, made as pure and as clean as hadst thou done no ill deed since the day you wert born. And I give thee, sir, the girdle with gold at its hems, for it is green like my gown. So, Sir Gawain, you may think of this our contest when in the throng thou walkest among princes of high praise; 'twill be a plain reminder of the chance of the Green Chapel between chivalrous knights. And now you shall in this New Year come anon to my house, and in our revels the rest of this rich season shall go.' The lord pressed him hard to wend and said, 'my wife, I know, we soon shall make your friend, who was your bitter foe.'	2389. Thenn lo3e þat oþer leude and luflyly sayde: 2390. 'I halde hit hardily hole, þe harme þat I hade. 2391. Þou art confessed so clene, beknowen of þy mysses, 2392. And hatz þe penaunce apert of þe poynt of myn egge, 2393. I halde þe polysed of þat ply3t, and pured as clene 2394. As þou hadez neuer forfeted syþen þou watz fyrst borne; 2395. And I gif þe, sir, þe gurdel þat is golde-hemmed, 2396. For hit is grene as my goune. Sir Gawayn, 3e maye 2397. Þenk vpon þis ilke þrepe, þer þou forth þryngez 2398. Among prynces of prys, and þis a pure token 2399. Of þe chaunce of þe grene chapel at cheualrous kny3tez. 2400. And 3e schal in þis Nwe 3er a3ayn to my wonez, 2401. And we schyn reuel þe remnaunt of þis ryche fest 2402. ful bene.' 2403. Þer laþed hym fast þe lorde 2404. And sayde: 'With my wyf, I wene, 2405. We schal yow wel acorde, 2406. Þat watz your enmy kene.'

Estrofe 97

Brian Stone	Tolkien	Original
´No, forsooth,´ said the knight, seizing his helmet, And doffing it with dignity as he delivered his thanks, ´My stay has sufficed me. Still, luck go with you! May He who bestows all good, honour you with it! And commend me to the courteous lady, your comely wife; Indeed, my due regards to both dear ladies, Who with their wanton wiles have thus waylaid their knight. But it is no marvel for a foolish man to be maddened thus And saddled with sorrow by the sleights of women. For here on earth was Adam taken in by one, And Solomon by many such, and Samson likewise; Delilah dealt him his doom; and David, later still, Was blinded by Bathsheba, and badly suffered for it.[267] These four having been fretted by their falsehoods, it would be fair joy To love them but not believe them, if a lord could, For these four were the finest whom Fortune favoured Of all under the Kingdom of Heaven who ever Loved well; And all were at last brought low By a lover´s malignant spell; So grant me forgiveness, though To women´s wiles I fell.	'Nay forsooth!' the knight said, and seized then his helm, and duly it dofted, and the doughty man thanked: 'I have lingered too long! May your life now be blest, and He promptly repay you Who apportions all honours! And give my regards to her grace, your goodly consort, both to her and to the other, to mine honoured ladies, who thus their servant with their designs have subtly beguiled. But no marvel it is if mad be a fool, and by the wiles of woman to woe be brought. For even so Adam by one on earth was beguiled, And Solomon by several, and to Samson moreover his doom by Delilah was dealt; and David was after blinded by Bathsheba, and he bitterly suffered. Now if these came to grief through their guile, a gain 'twould be vast to love them well and believe them not, if it lay in man's power! Since these were aforetime the fairest, by fortune most blest, eminent among all the others who under heaven bemused were too, and all of them were betrayed by women that they knew, though a fool I now am made, some excuse I think my due.'	2407. 'Nay, for soþe,' quoþ þe segge, and sesed hys helme, 2408. And hatz hit of hendely, and þe haþel þonkkez, 2409. 'I haf soiorned sadly; sele yow bytyde, 2410. And he ȝelde hit yow ȝare þat ȝarkkez al menskes! 2411. And comaundez me to þat cortays, your comlych fere, 2412. Boþe þat on and þat oþer, myn honoured ladyez, 2413. Þat þus hor kny3t wyth hor kest han koyntly bigyled. 2414. Bot hit is no ferly þa3 a fole madde, 2415. And þur3 wyles of wymmen be wonen to sor3e, 2416. For so watz Adam in erde with one bygyled, 2417. And Salamon with fele sere, and Samson eftsonez– 2418. Dalyda dalt hym hys wyrde–and Dauyth þerafter 2419. Watz blended with Barsabe, þat much bale þoled. 2420. Now þese were wrathed wyth her wyles, hit were a wynne huge 2421. To luf hom wel, and leue hem not, a leude þat couþe. 2422. For þes wer forne þe freest, þat fol3ed alle þe sele 2423. Exellently of alle þyse oþer, vnder heuenryche 2424. þat mused; 2425. And alle þay were biwyled 2426. With wymmen þat þay vsed. 2427. Þa3 I be now bigyled, 2428. Me þink me burde be excused.

[267] It is interesting to find this stock anti-feminist tirade of the medieval preachers in the mouth of a knightly hero of Romance. By it, the poet confirms his only real allegiance, to the Church.

Estrofe 98

Brian Stone	Tolkien	Original
´But your girdle,´ said Gawain, ´God requite you for it! Not for the glorious gold shall I gladly wear it, Nor for the stuff nor the silk nor the side pendants, Nor for its worth, fine workmanship of wonderful honour; But as a sign of my sin I shall see it often, Remembering with remorse, when I am mounted in glory, The fault and faintheartedness of the perverse flesh, How vulnerable it is to vile advice and sin. So when pride shall prick me for my prowess in arms, One look at this love-lace shall make me lowly again. But one demand I make of you, may it not incommode you: Since you are master of the demesne I have remained in a while, Make known, by your knighthood, – and now may He above, Sitting on high and holding up heaven, requite you! – How you pronounce your true name; and no more requests.´ ´Truly´, the other told him, ´I shall tell you my title. Bertilak of the High Desert[268] I am called here in this land. I was entirely transformed and made terrible of hue Through the might of Morgan the Fay,[269] who remains in my house. Through the wiles of her witchcraft, a lore well learned, Many of the magical arts of Merlin[270] has she acquired, For once she lavished her love delightfully On that susceptible sage, a sorcerer your knights know By name. So ´´Morgan the goddess´´ She accordingly became; The proudest she can oppress And to her purpose tame.	‘But for your girdle,’ quoth Gawain, ‘may God you repay! That I will gain with good will, not for the gold so joyous of the cincture, nor the silk, nor the swinging pendants, nor for wealth, nor for worth, nor for workmanship fine; but as a token of my trespass I shall turn to it often when I ride in renown, ruefully recalling the failure and the frailty of the flesh so perverse, so tender, so ready to take taints of defilement. And thus, when pride my heart pricks for prowess in arms, one look at this love-lace shall lowlier make it. But one thing I would pray you, if it displeaseth you not, since you are the lord of yonder land, where I lodged for a while in your house and in honour – may He you reward Who upholdeth the heavens and on high sitteth! – how do you announce your true name? And then nothing further.’ ‘That I will tell thee truly,’ then returned the other. ‘Bertilak de Hautdesert hereabouts I am called, [who thus have been enchanted and changed in my hue] By the might of Morgan le Fay that in my mansion dwelleth, and by cunning of lore and crafts well learned. The magic arts of Merlin she many had mastered; for deeply in dear love she dealt on a time with that accomplished clerk, as at Camelot runs the fame; and Morgan the Goddess is therefore now her name. None power and pride possess too high for her to tame.	2429. 'Bot your gordel', quoþ Gawayn, 'God yow forȝelde! 2430. Þat wyl I welde wyth guod wylle, not for þe wynne golde, 2431. Ne þe saynt, ne þe sylk, ne þe syde pendaundes, 2432. For wele ne for worchyp, ne for þe wlonk werkkez, 2433. Bot in syngne of my surfet I schal se hit ofte, 2434. When I ride in renoun, remorde to myseluen 2435. Þe faut and þe fayntyse of þe flesche crabbed, 2436. How tender hit is to entyse teches of fylþe; 2437. And þus, quen pryde schal me pryk for prowes of armes, 2438. Þe loke to þis luf-lace schal leþe my hert. 2439. Bot on I wolde yow pray, displeses yow neuer: 2440. Syn ȝe be lorde of þe ȝonder londe þer I haf lent inne 2441. Wyth yow wyth worschyp–þe wyȝe hit yow ȝelde 2442. Þat vphaldez þe heuen and on hyȝ sittez– 2443. How norne ȝe yowre ryȝt nome, and þenne no more?' 2444. 'Þat schal I telle þe trwly,' quoþ þat oþer þenne, 2445. 'Bertilak de Hautdesert I hat in þis londe. 2446. Þurȝ myȝt of Morgne la Faye, þat in my hous lenges, 2447. And koyntyse of clergye, bi craftes wel lerned, 2448. Þe maystrés of Merlyn mony hatz taken– 2449. For ho hatz dalt drwry ful dere sumtyme 2450. With þat conable klerk, þat knowes alle your knyȝtez 2451. at hame; 2452. Morgne þe goddes 2453. Þerfore hit is hir name: 2454. Weldez non so hyȝe hawtesse 2455. Þat ho ne con make ful tame–

[268] Bertilak de Hautdesert. The name Bertilak or Bercilak is Celtic. ´Hautdesert´ may refer either to the Peak District, or possibly to the waste place among the hills where the Green Chapel is. Professor Tolkien points out that ´desert´ went into Celtic languages from Latin, and was used to describe the place where a hermit lived.

[269] Morgan the Fay. See Appendix Seven.

[270] Merlin. See Appendix Eight.

Estrofe 99

Brian Stone	Tolkien	Original
´She sent me forth in this form to your famous hall To put to the proof the great pride of the house, The reputation for high renown of the Round Table. To rob you of your wits she bewitched me in this weird way, And to grieve Guinevere and goad her to death With ghastly fear of that ghost´s ghoulish speaking With his head in his hand before the high table. That is the aged beldame who is at home: She is indeed your own aunt, Arthur´s half-sister, Daughter of the Duchess of Tintagel[271] who in due course, By Uther, was mother of Arthur, who now holds sway. Therefore I beg you, bold sir, come back to your aunt, Make merry in my house, for my men love you, And by my faith, fair sir, I fancy you as well As any gallant under God, for your great honesty.´ But Gawain firmly refused with a final negative. They clasped and kissed, commending each other To the Prince of Paradise, and parted on the cold ground Right there. Gawain on steed serene Spurred to court with courage fair, And the gallant garbed in green To wherever he would elsewhere.	She made me go in this guise to your goodly court to put its pride to the proof, if the report were true that runs of the great renown of the Round Table. She put this magic upon me to deprive you of your wits, in hope Guinevere to hurt, that she in horror might die aghast at that glamour that gruesomely spake with its head in its hand before the high table. She it is that is at home, that ancient lady; she is indeed thine own aunt, Arthur's half-sister, daughter of the Duchess of Tintagel on whom doughty Sir Uther after begat Arthur, who in honour is now. Therefore I urge thee in earnest, sir, to thine aunt return! In my hall make merry! My household thee loveth, and I wish thee as well, upon my word, sir knight, as any that go under God, for thy great loyalty.' But he denied him with a 'Nay! by no means I will!' They clasp then and kiss and to the care give each other of the Prince of Paradise; and they part on that field so cold, To the king's court on courser keen then hastened Gawain the bold, and the knight in the glittering green to ways of his own did hold.	2456. 'Ho wayned me vpon þis wyse to your wynne halle 2457. For to assay þe surquidré, ȝif hit soth were 2458. Þat rennes of þe grete renoun of þe Rounde Table; 2459. Ho wayned me þis wonder your wyttez to reue, 2460. For to haf greued Gaynour and gart hir to dyȝe 2461. With glopnyng of þat ilke gome þat gostlych speked 2462. With his hede in his honde bifore þe hyȝe table. 2463. Þat is ho þat is at home, þe auncian lady; 2464. Ho is euen þyn aunt, Arþurez half-suster, 2465. Þe duches doȝter of Tyntagelle, þat dere Vter after 2466. Hade Arþur vpon, þat aþel is nowþe. 2467. Þerfore I eþe þe, haþel, to com to þyn aunt, 2468. Make myry in my hous; my meny þe louies, 2469. And I wol þe as wel, wyȝe, bi my faythe, 2470. As any gome vnder God for þy grete trauþe.' 2471. And he nikked hym naye, he nolde bi no wayes. 2472. Þay acolen and kyssen and kennen ayþer oþer 2473. To þe prynce of paradise, and parten ryȝt þere 2474. on coolde; 2475. Gawayn on blonk ful bene 2476. To þe knygez burȝ buskez bolde, 2477. And þe knyȝt in þe enker-grene 2478. Whiderwarde-so-euer he wolde.

[271] This Duchess of Tintagel was Igerne or Igraine, the wife of Gorlois of Cornwall. Uther Pendragon assumed the likeness of Gorlois through the magic of Merlin, and so won his way into the castle to beget Arthur. (As in King Lear and elsewhere, it is bastardy that produces the vigorous strain.) On the death of Gorlois, Uther married Igerne.

Estrofe 100

Brian Stone	Tolkien	Original
Now Gawain goes riding on Gringolet	Wild ways in the world Wawain now rideth	2479. Wylde wayez in þe worlde Wowen now rydez
In lonely lands, his life saved by grace.	on Gringolet: by the grace of God he still lived.	2480. On Gryngolet, þat þe grace hade geten of his lyue;
Often he stayed at a house, and often in the open,	Oft in house he was harboured and lay oft in the open,	2481. Ofte he herbered in house and ofte al þeroute,
And was victor in various adventures in the vales,	oft vanquished his foe in adventures as he fared	2482. And mony aventure in vale, and venquyst ofte,
Which at this time I do not intend to tell you about.	which I intend not this time in my tale to recount.	2483. Þat I ne tyȝt at þis tyme in tale to remene.
The hurt he had had in his neck was healed,	The hurt was healed that he had in his neck,	2484. Þe hurt watz hole þat he hade hent in his nek,
And the glittering girdle that girt him round	and the bright-hued belt he bore now about it	2485. And þe blykkande belt he bere þeraboute
Obliquely, like a baldric, was bound by his side	obliquely like a baldric bound at his side,	2486. Abelef as a bauderyk bounden bi his syde,
And laced under the left arm with a lasting knot,	under his left arm with a knot that lace was fastened	2487. Loken vnder his lyfte arme, þe lace, with a knot,
In token that he was taken in a tarnishing sin;	to betoken he had been detected in the taint of a fault;	2488. In tokenyng he watz tane in tech of a faute.
And so he came to court, quite unscathed.	and so at last he came to the Court again safely.	2489. And þus he commes to þe court, knyȝt al in sounde.
When the great ones knew of good Gawain´s arrival,	Delight there was awakened, when the lords were aware	2490. Þer wakned wele in þat wone when wyst þe grete
There was a general jubilation at the joyful news.	that good Gawain had returned: glad news they thought it.	2491. Þat gode Gawayn watz commen; gayn hit hym þoȝt.
The King kissed the knight, and the Queen likewise,	The king kissed the knight, and the queen also,	2492. Þe kyng kyssez þe knyȝt, and þe whene alce,
And so did many a staunch noble who sought to salute him.	and then in turn many a true knight that attended to greet him.	2493. And syþen mony syker knyȝt þat soȝt hym to haylce,
They all asked him about his expedition,	About his quest they enquire, and he recounts all the marvels,	2494. Of his fare þat hym frayned; and ferlyly he telles,
And he truthtfully told them of his tribulations –	declares all the hardships and care that he had,	2495. Biknowez alle þe costes of care þat he hade,
What chanced at the chapel, the good cheer of the knight,	what chanced at the Chapel, what cheer made the knight,	2496. Þe chaunce of þe chapel, þe chere of þe knyȝt,
The love of the lady, and lastly, the girdle.	the love of the lady, and the lace at the last.	2497. Þe luf of þe ladi, þe lace at þe last.
He displayed the scar of the snick on his neck	The notch in his neck naked he showed them	2498. Þe nirt in þe nek he naked hem schewed
Where the bold man´s blow had hit, his bad faith to Proclaim;	that he had for his dishonesty from the hands of the knight in blame.	2499. Þat he laȝt for his vnleuté at þe leudes hondes 2500. for blame.
He groaned at his disgrace,	It was torment to tell the truth:	2501. He tened quen he schulde telle,
Unfolding his ill-fame,	in his face the blood did flame;	2502. He groned for gref and grame;
And blood suffused his face	he groaned for grief and ruth	2503. Þe blod in his face con melle,
When he showed his mark of shame.	when he showed it, to his shame.	2504. When he hit schulde schewe, for schame.

Estrofe 101

Brian Stone	Tolkien	Original
´Look, this is the lace, my lord,´ said the knight, ´This band on my neck bears witness to my blameworthiness, This is my bane and debasement, the burden I bear For being caught by cowardice and covetousness. This is the figure of the faithlessness that was found in me, Which I must needs wear while I live. For sin cannot be concealed without sorry luck succeeding, Since, when it is once fixed, it will never be worked loose.´ The King and all the court comforted the knight, And all the lords and ladies belonging to the Table Laughed at it loudly, and concluded amiably That each brave man of the brotherhood should bear a baldric,[272] A band, obliquely about him, of a bright green, Of the same hue as Sir Gawain´s, and for his sake wear it. So it ranked as renown to the Round Table, And an everlasting honour to him who had it, As is rendered in Romance´s rarest book. Thus in the days of Arthur this exploit was achieved, To which the books of Brutus[273] bear witness; After the bold baron, Brutus, came here, The siege and the assault being ceased at Troy Before. News of such high renown Was heard here often of yore. Now Christ with His thorny crown Grant us His grace evermore! AMEN HONY SOIT QUI MAL PENCE	'Lo! Lord,' he said at last, and the lace handled, 'This is the band! For this a rebuke I bear in my neck! This is the grief and disgrace I have got for myself from the covetourness and cowardice that o'ercame me there! This is the token of the troth-breach that I am detected in, and needs must I wear it while in the world I remain; for a man may cover his blemish, but unbind it he cannot, for where once 'tis applied, thence part will it never.' The king comforted the knight, and all the Court also laughed loudly therat, and this law made in mirth the lords and the ladies that whoso belonged to the Table, every knight of the Brotherhood, a baldric should have, a band of bright green obliquely about him, and this for love of that knight as a livery should wear. For that was reckoned the distinction of the Round Table, and honour was his that had it evermore after, as it is written in the best of the books of romance. Thus in Arthur his days happened this marvel, as the Book of Brut beareth us witness; since Brutus the bold knight to Britain came first, after the siege and the assault had ceased at Troy, I trow, many a marvel such before, has happened here ere now. To His bliss us bring Who bore The Crown of Thorns on brow! AMEN *HONY SOYT QUI MAL PENCE*	2505. 'Lo! lorde,' quoþ þe leude, and þe lace hondeled, 2506. 'Þis is þe bende of þis blame I bere in my nek, 2507. Þis is þe laþe and þe losse þat I laȝt haue 2508. Of couardise and couetyse þat I haf caȝt þare; 2509. Þis is þe token of vntrawþe þat I am tan inne, 2510. And I mot nedez hit were wyle I may last; 2511. For mon may hyden his harme, bot vnhap ne may hit, 2512. For þer hit onez is tachched twynne wil hit neuer.' 2513. Þe kyng comfortez þe knyȝt, and alle þe court als 2514. Laȝen loude þerat, and luflyly acorden 2515. Þat lordes and ladis þat longed to þe Table, 2516. Vche burne of þe broþerhede, a bauderyk schulde haue, 2517. A bende abelef hym aboute of a bryȝt grene, 2518. And þat, for sake of þat segge, in swete to were. 2519. For þat watz acorded þe renoun of þe Rounde Table, 2520. And he honoured þat hit hade euermore after, 2521. As hit is breued in þe best boke of romaunce. 2522. Þus in Arthurus day þis aunter bitidde, 2523. Þe Brutus bokez þerof beres wyttenesse; 2524. Syphen Brutus, þe bolde burne, boȝed hider fyrst, 2525. After þe segge and þe asaute watz sesed at Troye, 2526. iwysse, 2527. Mony aunterez here-biforne 2528. Haf fallen suche er þis. 2529. Now þat here þe croun of þorne, 2530. He bryng vus to his blysse! AMEN. HONY SOYT QUI MAL PENCE.

[272] The conjunction of the green baldric and the motto of the Order of the Garter has been taken to mean that the poem was written for the institution of the Garter; but that order was founded by Eduard III in about 1347, and its distinctive badge was a garter of dark blue velvet. The ballad of the Green Knight, however, deliberately associates the Order of the Bath with this story. Ritual purification of knights by bathing appears to have been practiced in England as long ago as the eleventh century, and the Order was formally constituted for the coronation of Henry IV in 1399. But no insignia were worn by the holders. When revived four hundred years later, the Order of the Bath had a crimson ribbon; no trace of green is found anywhere, although Froissart, as quoted by Selden (1672), refers to a silk ribbon.

[273] Any chronicle of British times might be called a ´Brutus book´.

ANEXO 2

Sir Gawain e o Cavaleiro Verde

Canto I

1.

Quando o cerco e o assalto cessaram em Tróia
E a fortaleza caiu ardendo em tições e cinzas,
O traidor cujo maquiavélico engano aí habitava
Foi julgado pela sua traição, a maior sobre a terra.
Quando Eneias o nobre e os seus de renome
Terras subjugaram e senhores se tornaram
De praticamente toda a riqueza das Ilhas do oeste.
Quando o real Rómulo para Roma a sua estrada tomou
Em grande pompa e orgulho primeiro a povoou
E o seu nome lhe deu que ainda hoje possui;
Tício foi para a Toscânia e cidades fundou
Longabarba na Lombardia muralhas ergueu
E para lá das águas francesas Félix Brutus
Em extensas margens a Bretanha fundou
Com alegria.
Onde guerra e dor e maravilha
Muitas vezes por aquela terra passaram
E tanto o erro como a felicidade
Desde então entre si alternaram.

2.

E quando a bela Bretanha foi fundada por este famoso senhor
Homens corajosos lá nasceram que em batalha se alegraram
E muitas vezes em tempos que vieram eles perigos provocaram.
Neste reino mais maravilhas foram vistas pelos homens
Do que noutro que eu conheça desde aquele tempo antigo,

Mas de todos aqueles que reinaram como reis da Bretanha
Foi Artur o mais honrado, como ouvi os homens contar.
Por essa razão uma maravilha entre os homens eu quero recordar
Uma visão estranha de contemplar para alguns;
Uma das mais loucas aventuras das maravilhas de Artur.
Se ouvirem este lai por um pouco agora,
Eu contá-lo-ei agora como na cidade
O ouvi contar.
Como ficou fixado e cunhado
Em história corajosa e arrojada
Em verdadeiras letras firmada
Nesta terra de longo passado.

3.
Estava este rei em Camelot pelo Natal
Com muitos belos nobres, os melhores cavaleiros –
Realmente da Távola Redonda todos aqueles esplêndidos irmãos de armas –
Em grande festa esplendorosa e alegria sem par.
Lá fizeram torneios muitas vezes os cavaleiros,
Justaram muito alegremente estes gentis nobres;
Depois para a corte vieram para cânticos cantar.
Pois lá a festa durou quinze dias sem parar
Com toda a carne e alegria que os homens pudessem ter;
Tal felicidade e alegria era linda de ouvir,
Ruído de vozes durante o dia e dança à noite;
A máxima felicidade nas casas e pavilhões
Tinham os senhores e as damas, como mais amavam.
Com toda a felicidade deste mundo estavam todos juntos,
Os cavaleiros mais famosos sob o nome de Cristo
E as damas mais belas que alguma vez vida tiveram.
E ele, o rei mais cortês, que aquela corte possuía.
Pois todas estas belas pessoas na flor da sua juventude

Estavam na corte.
Sob o céu os primeiros em fama,
O seu rei o maior em orgulho
Agora seria difícil nomear
Outros guerreiros tão valorosos.

4.

Enquanto o Ano Novo tão novo era que chegara na véspera,
Naquele dia iguarias finas a dobrar no estrado foram servidas.
Quando o rei chegou vindo com a sua corte para o salão,
E o canto do coro na capela terminou.
Com alto clamor e alta voz tanto os clérigos como os leigos
O Natal anunciaram de novo, nomearam-no muitas vezes;
Depois os nobres logo correram com presentes de Ano Novo,
"Lembranças! Lembranças!" – gritaram e entregaram-nas,
Competiram por aqueles presentes em contenda divertida;
As damas riram alto, embora o jogo perdessem,
E quem ganhou não ficou triste, como se pode acreditar.
Toda esta festa celebraram, até à sua carne ser servida;
Depois lavaram-se, e educadamente foram para os seus lugares,
Sempre o melhor para o mais merecedor, conforme o melhor costume.
A Rainha Guinevere, a alegre, estava graciosamente no meio
Do estrado adornado. Ricamente estava ornado:
O melhor sândalo a rodeá-la, um teto por cima dela
De verdadeiro tecido de Toulouse, e tapeçarias do Turquestão
Com brocados e decoradas com as melhores gemas
Que podem ser comprovadas e avaliadas para compra
Em qualquer dia.
Aquela senhora mais bela ali
Para eles olhava com olhos de cinza;
E que se tenha encontrado alguma mais bela
Em verdade ninguém pode dizer.

5.

Mas Artur não comeria até que todos fossem servidos
Estava tão feliz na sua juventude, um tanto pueril:
Levava a vida levemente, ele pouco gostava
Tanto de estar muito deitado como de muito se sentar,
Fervia em si o seu jovem sangue e o seu imparável cérebro.
E também um outro costume o movia
Que tomava para si mesmo orgulhosamente no castelo: ele nunca comia
Em tão festivo dia antes de ser informado
De algo aventuroso ou estranho conto
De uma grande maravilha, que ele pudesse acreditar
De nobres, de armas ou de outras aventuras.
Algum homem que pedisse um cavaleiro valoroso
Para se juntar a ele a justar, pondo em perigo
Homem, vida por vida, um permitindo ao outro
O que a Fortuna lhe desse, deter a vantagem.
Este era o costume do rei onde tivesse a corte,
Em cada esplêndido festim entre a sua nobre corte
No salão.
Por isso de semblante tão orgulhoso
Ele levanta-se sem medo e forte
Valente naquele Ano Novo
Muita festa ele faz com todos.

6.

Assim o próprio rei se ergue, duro e forte
Para falar à cabeça da mesa, de pequenos nadas corteses.
Lá o bom Gawain foi colocado ao lado de Guinevere
Com Agravain *la Dure Main* do outro lado sentado
Ambos filhos da irmã do rei e cavaleiros leais.

O Bispo Baldwin, no assento mais alto, tem o lugar de honra
E Ivan, filho de Urien, comeu com ele.
Estes jantaram no estrado e foram sumptuosamente servidos
E depois [deles] os muitos nobres leais em baixo nas mesas longas.
Seguiu-se o primeiro prato com o soar das trompetas
Nas quais muitas bandeiras brilhantes estavam penduradas.
O novo barulho dos timbalões com as nobres flautas
Louco e alto chilrear acordou a sua música
Que muitos corações se aceleraram e elevaram ao ouvir o seu toque.
Finas iguarias foram trazidas, muitos preciosos manjares.
Comida fresca em abundância, e em tantos pratos
Que era difícil encontrar lugar em frente às pessoas
Para colocar as várias sopas que os pratos de prata continham
Na toalha.
Cada homem segundo o seu gosto
De lá saiu sem mágoa
Cada par tinha doze pratos
Boa cerveja e belo vinho também.

7.

Agora da sua refeição eu não vos contarei mais nada
Pois cada homem sabe muito bem que nenhuma necessidade ali houve.
Outro ruído novo aproximou-se de repente
Para que o senhor pudesse ter permissão para tomar alimento.
Mas ainda o som não tinha terminado de soar
Nem o primeiro prato na corte estava devidamente servido
Quando lá passou pela porta um cavaleiro temível,
O maior na terra em grandeza de altura;
Do pescoço à cintura tão quadrado e corpulento,
E o seu quadril e membros tão longos e grandes
Que meio gigante na terra eu creio que ele era,
Mas o maior homem de sempre eu declaro que ele é,

E ainda assim o mais belo, no seu tamanho, que podia cavalgar;
Pois apesar de o seu corpo ser austero nas costas e peito,
Ambas a sua barriga e cinta eram proporcionalmente delgadas,
E todos os seus traços da mesma maneira, na forma que ele tinha,
Muito elegante;
Pois com o seu tom os homens estavam espantados,
Fácil de ver na sua aparência,
Ele passou como homem arrojado[274]
E em todo o lado verde brilhante.

8

E de verde era tudo feito, este homem e as suas roupas:
Uma túnica muito justa, que assentava nos flancos,
Um belo manto a cobri-lo adornado no interior,
Com pelo finamente aparado, e o exterior elegante
Com belo arminho muito brilhante, e o seu capuz também,
Que se erguia com os seus cachos de cabelo e pousava nos seus ombros;
Calças estreitas bem cintadas do mesmo tom,
Que se apertavam à barriga das pernas, e esporas brilhantes abaixo
De ouro cintilante em seda ricamente bordada às listas,
E sem sapatos nos pés o homem cavalgava;
E toda a sua vestimenta verdadeiramente era de verdura brilhante
Ambas as listas no seu cinto e outras brilhantes pedras,
Que estavam ricamente colocadas na sua bela roupa
Posta à sua volta e na sua sela, sobre bordados de seda.
Seria muito difícil de contar metade dos ornamentos
Que estavam pousados neles, como pássaros e moscas,
Com alegre e verde ornamentação, o ouro sempre no meio.
Os pendentes do peitoral do cavalo, a garupa altiva,
Os freios e todo o metal esmaltado se seguiam;
Os estribos nos quais se apoiava eram tingidos do mesmo

[274] 'fade' = 'bold'

E os arcos de sela em todo o tamanho com o seu cobrejão sumptuoso,
Que sempre brilhavam e cintilavam todos com joias verdes;
O cavalo que ele montava era completamente da mesma cor,
Realmente,
Um cavalo verde grande e corpulento,
Um corcel forte de dominar,
Em bordado e freio rápido:
Com o cavaleiro em tudo a dar.

9.
Muito alegre estava este grande homem todo vestido de verde
E o cabelo da sua cabeça com o do seu cavalo condizia.
Belas madeixas se mexiam envolvendo os seus ombros,
Uma grande barba como um arbusto pendendo para o seu peito
Que com o belo cabelo que descia da sua cabeça
Estavam cortados tão a direito, perto dos cotovelos,
Que metade dos seus braços se escondia dentro deles, tal como
Num capuz de um rei, que se prende no pescoço.
A crina daquele possante cavalo era muito parecida,
Bem encaracolada e toda escovada, com muitos nós curiosos
Entrelaçada com fio de ouro sobre o maravilhoso verde,
Sempre uma madeixa de cabelo e um fio de ouro a seguir.
A cauda e a madeixa frontal da crina estavam entrelaçadas a condizer
E ambas presas com uma fita verde brilhante
Adornadas com preciosas joias até às pontas,
Depois bem fixas no topo com uma tira de couro com um nó intricado
Onde muitas brilhantes campainhas de cintilante ouro tocavam.
Nem tal cavalo sobre a terra, nem homem que o montasse
Foram alguma vez vistos naquele salão por olhos anteriores aos daquele tempo,
Por nenhum!
Ele parecia um relâmpago tão brilhante,
Assim o disseram todos os que o viram;

Parecia que ninguém teria poder

Para aos seus golpes sobreviver.

10.

E, no entanto, não tinha nem elmo nem cota de malha

Nem peitilho, nem armadura própria para combate

Nem escudo, nem lança para embate ou golpe

Mas numa mão segurava um ramo de azevinho

Que é maior de verdura quando os bosques estão em folhas,

E um machado na outra, enorme e monstruoso,

Um machado de guerra cruel bom para sobre ele cantar.

A cabeça era mais larga e longa do que um metro[275]

Uma lâmina de aço verde e de ouro forjado;

O gume, polido, brilhante e largo na ponta,

Também formado para tosquiar como navalhas afiadas;

O cabo era um robusto bastão, pelo qual ele lhe pegava,

Todo ferido de ferro até ao fim da extensão,

E gravado em verde com padrões graciosos,

Uma correia rodeava-o, presa à cabeça,

E descia até ao punho em muitas voltas;

E luxuosas borlas atadas em abundância

A ornamentos de brilhante verde, entrelaçados muito sumptuosamente.

Assim era aquele que agora se apressava, entrando no salão,

Avançando para o estrado, nenhum perigo temia.

A ninguém dirigiu saudação, mas do alto a todos olhou.

A primeira palavra que ele disse: "Onde está", perguntou,

"o governante desta reunião? Com gosto eu

Nele poria a minha vista e com ele trocaria

Ideias."

Para os cavaleiros dirigiu os seus olhos

E virou-os em todas as direções;

Ele parou e observou com cuidado

[275] Medida 'ellwand' – mais de 1,11m

Que lá teria mais reputação.

11.

Então olharam por muito tempo, contemplando o homem,
Pois cada um estava assombrado com o que poderia significar
Que cavaleiro e cavalo tal matiz pudessem ter
Tornarem-se verdes como a erva, e mais verdes pareciam,
Do que esmalte verde em ouro brilhando mais ainda.
Todos os que ali estavam o contemplavam e aproximaram-se,
Interrogando-se o que viria ali fazer
Pois muitas maravilhas tinham visto, mas como esta não;
Por isso um fantasma ou mago o achavam,
E de lhe responder pouca vontade tinha qualquer um dos presentes,
E espantados pela sua dura voz, completamente imóveis ficaram,
Num silêncio de morte que ecoava pelo rico salão;
Como se todos tivessem mergulhado num sonho, as suas vozes se calaram
De repente.
Acredito que nem todos por medo,
Mas alguns por cortesia,
Para deixar aquele que todos deviam reverenciar
Dirigir-se àquele cavaleiro.

12.

Então Artur na frente do estrado contemplava esta maravilha
E saudou-o cortesmente, já que medo nunca tinha,
E disse: “Senhor, certamente sois bem-vindo a este lugar,
Sou o chefe desta morada, Artur é o meu nome;
Desmontai cortesmente e ficai, eu vos peço,
E o que quer que seja o vosso desejo, sabê-lo-emos em breve.”
“Não, assim me ajude”, disse o cavaleiro, “Aquele que no Alto se senta,
Passar tempo neste lugar não era parte da minha missão;
Mas já que os vossos louvores, senhor, tão alto são elevados

E o vosso castelo e cavaleiros são tidos como os melhores,
Os mais robustos em armas entre os cavaleiros,
Os mais ardentes e honrados dos povos da terra,
Valentes em divertimento em virtuosos desportos,
E aqui está a reconhecida cortesia, tal como ouvi dizer;
E foi isso que me trouxe até aqui, pela minha fé, neste momento.
Podeis estar certo disto por este ramo que trago aqui
Que eu venho em paz, buscando nenhum perigo;
Pois se tivesse vindo para lutar vestido para a guerra,
Tenho uma cota de malha em casa, e um capacete também,
Um escudo e uma lança afiada muito brilhante,
E outras armas para manejar também, creio eu;
Mas já que não desejo nenhum combate, as minhas roupas são macias.
Mas se sois tão audaz, como outros guerreiros dizem,
Conceder-me-eis pela vossa bondade jogar o que vos peço
Por direito."
Artur então respondeu logo
E disse: "Senhor, nobre cavaleiro,
Se batalha buscais assim nu
Aqui não falhareis a lutar."

13.
"Não, não desejo batalha, dou-vos a minha palavra,
Por aqui nestes bancos só há crianças imberbes.
Estivesse eu fechado na minha armadura num alto corcel
Nenhum homem há aqui à minha altura, o seu poder é tão fraco.
Por isso eu apenas desejo nesta corte um jogo de Natal,
Já que é Natal e Ano Novo e vós sois jovens e felizes aqui.
Se alguém destemido assim se considera nesta morada,
Se tão audaz for o seu sangue ou o seu cérebro tão feroz,
Que robustamente se atreva a dar golpe por golpe,
Então eu lhe darei como presente esta rica bisarma,

Este machado, que é pesado o suficiente, para manejar como quiser,
E sofrerei o primeiro golpe, aqui nu como estou.
Se algum homem for tão valente de tentar o que digo,
Que venha até mim e tome esta arma,
Eu dou-lha para sempre, pode tomá-la para si,
E eu sofrerei um golpe seu, completamente imóvel neste chão,
Desde que me deixeis dar-lhe outro golpe
Por minha vez.
E no entanto um adiamento permitirei,
Um ano e um dia;
Agora depressa, já se verá
Se alguém aqui responderá."

14.

Se ele os aturdiu no início, agora ainda mais quedos estavam
Todos os que estavam no salão, tanto os senhores como os servos.
O homem na sua montada moveu-se na sua sela,
E rudemente os seus olhos vermelhos revirou em redor;
Curvou as suas eriçadas sobrancelhas todas brilhantemente verdes,
E balançou a sua barba para ver quem se ergueria.
Quando ninguém em conversa o abordou, ele tossiu alto,
E endireitou-se com altivez, dizendo imediatamente:
"O quê, é esta a casa de Artur", disse então o cavaleiro,
"Que toda a fama do castelo corre por muitos reinos?
Onde está agora a vossa altivez e as vossas grandes conquistas,
A vossa ferocidade e ira e a vossa vanglória?
Agora o festim e a fama da Távola Redonda
São esmagados pela palavra por um homem pronunciada,
Pois todos se encolhem com medo sem um golpe ser oferecido!"
Dito isto, riu-se tão alto que o senhor se ofendeu;
O sangue subiu-lhe de vergonha às faces brancas
E semblante;

Ele ergueu-se zangado como o vento,
Assim como todos os que lá estavam.
O rei corajoso de carácter
Então do homem sem medo se aproximou,

15.

E disse: "Cavaleiro, por Deus, o vosso pedido é louco,
E como loucura pedistes, encontrá-la deveis.
Eu não conheço nenhum cavaleiro que tenha medo das vossas ameaças;
Dai-me agora a vossa bisarma, em nome de Deus,
E eu vos concederei o desejo que vós esperais ter."
Rapidamente saltou para junto dele e o tomou da sua mão.
Depois orgulhosamente o outro homem depressa se pôs a pé,
Agora Artur tinha o seu machado e segurava o cabo,
E severamente anda com ele à volta, decidindo onde atingir.
O robusto homem diante dele ficou com toda a sua altura.
Mais alto que todos naquela morada por uma cabeça ou mais
Com semblante severo ali ficou a afagar a barba,
E com uma expressão impassível ele tirou a sua túnica,
Nada intimidado nem consternado pelo seu forte golpe,
Como se um dos guerreiros nos bancos lhe trouxesse um copo
De vinho.
Gawain, que se sentava junto à rainha,
Ao rei foi inclinar-se:
"Eu agora imploro com palavras simples
Que esta batalha possa ser minha."

16.

"Poderíeis vós, meu digno senhor," disse Gawain ao rei,
"mandar-me abandonar este banco e pôr-me ao vosso lado
Para que eu, sem descortesia, possa deixar a mesa,
E que a soberana senhora não seja desagradada.

Eu iria para vosso conselho ante a vossa nobre corte.
Pois a mim parece impróprio, como é sabido,
Quando um tão grande desafio é lançado no vosso salão,
Mesmo que estejais desejoso de o tomar para vós,
Enquanto muitos tão corajosos à vossa volta sentados nos bancos,
Que sob o céu – espero! – não há nenhuns mais honrados de vontade,
Nem homens mais valentes em campo onde batalha se levanta.
Eu sou o mais fraco, eu sei, e o menos capaz de inteligência,
E a perda a mais pequena, a da minha vida, em verdade[276],
Mas é apenas por serdes meu tio que eu recebo louvor,
Nenhuma virtude sem ser o vosso sangue em mim conheço
E já que este assunto é tão tolo que de maneira nenhuma vos cabe
E eu pedi-o primeiro, dai-mo a mim;
E se a minha conversa não é apropriada, deixai toda esta corte decidir
Sem culpa."
Para decidir juntos se reuniram a sussurrar
E depois eles aconselharam todos o mesmo:
Libertar o rei com coroa,
E dar a Gawain o jogo.

17.

Então ordenou o rei ao cavaleiro que se erguesse;
E ele prontamente se levantou, e imediatamente se aproximou.
Ajoelhou-se diante do rei e tomou a arma;
E ele amorosamente a largou e levantou a sua mão,
E deu-lhe a bênção de Deus, e alegremente ordenou
Que o seu coração e a sua mão fossem igualmente destemidos.
"Tomai cuidado, primo[277]," disse o rei, "com o golpe infligido,
Se vós lidardes com ele bem, estou completamente certo
De que podereis suportar o golpe que ele dará depois."

[276] À letra seria: "quem souber a verdade".
[277] 'Primo' era usado como parente.

Gawain vai ao homem com a bisarma na mão,
E corajosamente ele lá permanece, nem por isso desanima.
Depois falou para Sir Gawain o cavaleiro de verde:
"Expunhamos de novo o nosso acordo, antes de procedermos.
Primeiro, pergunto-vos, cavaleiro, como sois chamado
Que mo digais verdadeiramente, para que em vós possa confiar."
"Em boa fé," disse o bom cavaleiro, "chamam-me Gawain,
Que vos vem trazer este golpe, aconteça o que for a seguir,
E que deste dia a doze meses [irá] tomar de vós outro
Com qualquer arma que queirais, e com mais ninguém
Na terra sem ser eu[278]."
O outro respondeu de novo,
"Sir Gawain, pela minha vida,
Estou extremamente contente
Que este golpe por vós seja dado."

18.
"Por Deus," disse o cavaleiro verde, "Sir Gawain, estou feliz
Por receber da vossa mão o que pedi aqui.
E vós prontamente repetistes, por palavras certas,
Sem omissão, todo o acordo que eu pedi ao rei,
Exceto que tendes de me garantir, cavaleiro, pela vossa palavra,
Que me procurareis vós mesmo, onde vós pensardes
Que eu possa ser encontrado na terra, e buscar o vosso pagamento
Como me dareis hoje ante esta nobre assembleia."
"Onde vos posso encontrar," disse Gawain, "Onde é a vossa morada?
Nunca soube onde morais, por Aquele que me criou,
Nem vos conheço, cavaleiro, nem vossa corte ou nome.
Mas ensinai-me a verdade e dizei-me como vos chamam
E usarei toda a minha capacidade para encontrar o meu caminho para a frente,
E isso vos juro com verdade e dou-vos a minha palavra."

[278] Acrescentei "eu".

"Isso chega para o Ano Novo, nada mais é necessário."
Disse o homem de verde a Gawain, o cortês;
"Se vos disser a verdade, quando o golpe tiver
E vós destramente me tiverdes atacado, [se] prontamente vos indicar o caminho
Da minha casa e da minha morada e o meu nome,
Aí podereis procurar o meu rasto e manter o acordado.
E se eu não gastar[279] palavras, então para vós será melhor
Pois vós podereis ficar na vossa terra e não procurar mais –
Mas basta!
Tomai agora a vossa cruel arma
E vejamos como vós desferis um golpe."
"Com prazer, Sir, certamente"[280]
Disse Gawain, atacando com o machado.

19.

O cavaleiro verde prontamente toma a sua posição
Vergando a cabeça um pouco descobre a pele
As suas madeixas longas e belas põe sobre a sua coroa
Deixando o nu pescoço aparecer prontamente.
Gawain agarrou o seu machado e levantou-o alto
O seu pé esquerdo no chão diante dele colocou
E deixou o machado cair e tocar rapidamente no que estava nu,
Para que o afiado da sua arma partisse os ossos,
E afundou-se através da carne e cortou em dois
Que o gume do brilhante aço mordeu o chão.
A bela cabeça do pescoço caiu ao solo,
Muitas pessoas a pontapearam e ela rolou para a frente.
O sangue jorrou do corpo, brilhando sobre o verde,
E nem vacilou nem caiu por isso o cavaleiro
Mas robustamente andou para a frente sobre as fortes pernas,

[279] No original 'perder'
[280] 'for soÞe' – com verdade.

E bruscamente chegou aonde os cavaleiros se encontravam,
Agarrou a sua graciosa cabeça e ergueu-a logo;
E depois foi para o seu cavalo, tomou a rédea,
Pôs o pé no estribo e subiu
E a sua cabeça pelo cabelo na mão segurava;
E firmemente o homem se sentou na sua sela
Como se nenhum acidente o perturbasse, embora sem cabeça estivesse
Ali.
Torceu o seu tronco em redor
Aquele macabro corpo que sangrava;
Muitos dele tiveram medo,
Na altura em que as suas palavras falava.

20
Pois a cabeça na sua mão segurava ao alto
Para a mais bela no estrado ele virou a cara
E ela abriu as pálpebras e olhou vivamente,
E disse isto com a sua boca, que agora podeis ouvir:
"Vede, Gawain, que estejais pronto a ir como prometestes
E procurar fielmente até me encontrardes, senhor,
Como haveis prometido neste salão, escutado por estes cavaleiros;
Para a Capela Verde ireis, intimo-vos, para obter
Tal golpe como vós destes – merecido vós haveis
De devolver prontamente na manhã de Ano Novo.
Por Cavaleiro da Capela Verde muitos me conhecem;
Por isso se procurardes encontrar-me, não falhareis.
Por essa razão, vinde, ou então sede chamado cobarde, como deveis."
Com uma violenta sacudidela as rédeas ele virou
Saiu pela porta do salão, a sua cabeça na mão,
E o fogo da pederneira voou dos cascos do cavalo.
De que terra ele veio não sabiam ali
Nem sabiam de onde ele tinha vindo.

E depois?
O Rei e Gawain ali
Daquele verde [homem] riram e sorriram,
No entanto declararam que era completamente
Uma maravilha entre os homens.

21.

Embora Artur, o rei cortês, no seu coração se maravilhasse
Não deixou que sinal se visse, mas disse alto
À graciosa rainha com palavras corteses:
"Querida senhora, hoje nunca vos desanimeis;
Calha bem tal mestria nas festas de Natal,
O toque de interlúdios, para rir e para cantar,
Entre estas danças e canções de cavaleiros e damas.
No entanto, à minha comida posso dirigir-me,
Pois eu vi uma maravilha, não posso negar."
Dirigiu o olhar para Sir Gawain e acertadamente disse:
"Agora, Sir, pendurai o vosso machado que já cortastes muito";
E foi pendurado sobre o estrado na tapeçaria da parede,
Ali todos os homens pela maravilha podiam para ele olhar
E pelo sinal verdadeiro contar a aventura.
Então eles dirigiram-se a uma mesa, estes senhores juntos,
O rei e o bom cavaleiro e fortes homens lhes serviram
O dobro de todas as iguarias, as mais nobres que havia;
Com toda a espécie de carnes e menestréis também
Com alegria passaram aquele dia até ser noite[281]
Na terra.
Agora tomai cuidado, Sir Gawain,
Que o perigo não impeça
De tentar esta aventura
Que vós tomastes na mão.

[281] 'til worþed an ende / in londe' – até se tornar o fim na terra.

Canto II

22.

Este foi o presente de aventuras que Artur teve no primeiro
Do Novo Ano, pois ele desejava desafios ouvir [dos cavaleiros].
Embora as palavras estivessem a faltar quando se sentaram à mesa,
Agora estavam cheios de sério trabalho, atarefadas as suas línguas
Gawain estava feliz por começar aqueles jogos no salão.
Mas se aquele fim for doloroso não vos espanteis
Pois, embora os homens sejam felizes de espírito quando beberam muito,
Um ano passa muito depressa e nunca volta de novo.
O início raramente é igual ao fim.
Por esta razão o Natal passou e o ano depois
E cada estação por sua vez se seguiu após outra.
Depois do Natal veio a monótona Quaresma,
Que tenta a carne com o peixe e o alimento mais frugal.
Mas depois o clima do mundo com o Inverno combate
O frio entranha-se na terra, as nuvens levantam-se,
A chuva brilhante cai, em aguaceiros mornos
[que] caem sobre a bela planície, as flores ali abrem,
Tanto dos solos como dos bosques o verde é a veste.
Os pássaros apressam-se a construir e gloriosamente cantam
Para consolo do suave Verão que corre atrás
Das encostas;
E as flores crescem até à sua plena beleza
Em sebes ricas e luxuriantes
Depois muitas e belas notas
São ouvidas no tão gracioso bosque.

23.

Depois a estação do Verão com os seus brandos ventos
Quando Zéfiro sopra ele mesmo nas sementes e ervas,

Muito agradável é a erva que cresce a céu aberto
Quando o hidratante orvalho cai da folha
Para esperar um encantador raio do brilhante sol.
Mas então a colheita[282] apressa-se e insta-a rapidamente;
Avisa-a por causa do Inverno para crescer e maturar depressa.
Ele com a sua seca leva o pó a levantar-se
Da face da terra a voar nas alturas.
Vento feroz no firmamento que luta com o sol,
As folhas voam da árvore e pousam no solo
E toda cinzenta a erva que verde antes era.
Depois tudo o que cresceu amadurece e apodrece
E então passa o ano em muitos ontens,
E o Inverno regressa, como o mundo ordena,
Em verdade.
Até à lua da Festa de São Miguel[283]
Veio com o penhor do Inverno
Aí lembrou-se Gawain depressa
Da sua perturbadora viagem.

24.

No entanto até ao Dia de Todos os Santos com Artur ele permaneceu
E aquele fez um banquete na festa pelo cavaleiro
Com muita real folia da Távola Redonda.
Os cavaleiros muito corteses e as nobres senhoras
Todos por amor daquele homem sofriam interiormente
Mas mesmo assim nem menos prontamente só falavam de coisas felizes
Muitos sem alegria por aquele gentil [cavaleiro] gracejos ali fizeram;
Pois a seguir à refeição pesarosamente ele disse ao seu tio
E contou da sua viagem, abertamente disse:
"Agora, soberano senhor da minha vida, permissão para partir vos peço;

[282] Outono
[283] Michaelmas moon

Sabeis os termos deste assunto, já não me importo
De vos importunar com este conto, exceto num pormenor:
Eu vou partir para o golpe sem falta amanhã de manhã
Para procurar o homem de verde, assim Deus me vai guiar."
Então os melhores do castelo juntaram-se,
Ivain e Erec e muitos outros:
Sir Dodinal, o Selvagem, o Duque de Clarence,
Lancelot e Leonel e Lucan, o Bom,
Sir Boors e Sir Bedivere, ambos fortes homens
E muitos outros de valor, com Mador de la Porte.
Toda a companhia da corte se aproximou do rei
Para aconselhar o cavaleiro, com dor nos seus corações.
Ali houve muito e doloroso lamento feito no salão
Que alguém tão valoroso como Gawain partisse para aquela tarefa
Para sofrer doloroso golpe e não mais ripostar
Com a espada.
O cavaleiro ficou sempre animado
Dizendo: "Porque haveria eu de temer?
Nos destinos dolorosos e agradáveis
O que pode o homem fazer sem ser tentar?"

25.
Ele permaneceu lá naquele dia e de manhã aprontou-se,
Pediu cedo as suas armas e todas lhe foram trazidas.
Primeiro um tapete de seda vermelha foi aberto no chão,
E muito brilhava o dourado na armadura;
O bravo homem deu um passo para ela e o aço tomou.
Vestido num gibão de suave seda de Társis
E depois um capuz feito com arte, que fechava em cima,
Que com belo arminho era forrado por dentro.
Depois puseram escarpes nos pés.
As suas pernas estavam envolvidas por aço com belas grevas

Nas quais colocaram joelheiras, polidas, muito brilhantes,
Nos seus joelhos apertadas com nós de ouro;
Boas coxotes, que elegantemente fechavam
As suas grossas e musculadas coxas, com nós de atar;
E depois a cota, ligada com anéis de aço brilhante
Envolvia aquele homem com tecido caro
E a bem polida braçadeira sobre os seus dois braços
Com boas e belas cotoveleiras e manoplas de aço,
E todo o vistoso equipamento que o devia guardar
Então.
Com uma rica armadura,
As suas esporas douradas postas com orgulho,
Equipado com uma espada de confiança
Posta num cinto de seda à volta da cintura.

26.

Quando estava fechado na armadura os seus arreios eram ricos.
O mais pequeno atilho ou laço brilhava de ouro.
Então, encouraçado como estava, ele ouviu a sua Missa,
Oferecida e honrada no alto altar.
Depois veio junto do rei e dos seus companheiros de corte,
Partiu com o amor de senhores e damas,
E eles beijaram-no e escoltaram-no, entregando-o a Cristo.
Então, estava Gringolet preparado e equipado com uma sela
Que brilhava muito jubilosamente com muitas franjas douradas,
Inteiramente ferrado de novo para a ocasião
O freio com barras em volta, com brilhante ouro adornado;
O arreio do peitoral do cavalo e do nobre cobrejão
E a garupa e a coberta davam com os arcos da sela;
Tudo arranjado em vermelho cravejado de rico ouro,
Tudo brilhava e cintilava como um raio de sol.
Então nas mãos tomou o elmo e depressa o beijou,

Era fortemente grampeado e forrado por dentro.
Estava [posto] alto na sua cabeça, fechado atrás,
Com um leve lenço na viseira,
Entrelaçado e coberto com as melhores gemas
Sobre um largo bordado de seda, e pássaros nas bainhas
Como papagaios pintados nos intervalos
E nós tartaruga e nós amor perfeito entrelaçados tão densamente,
Como se muitas costureiras tivessem cosido sete invernos
Na corte.
O aro era mais precioso
Que rodeava a sua coroa
De diamantes perfeitos
Que eram tanto belos como brilhantes.

27.
Depois trouxeram-lhe o escudo que era de brilhante vermelho,
Com o pentagrama pintado em puro tom de ouro.
Ele tomou-o pelo cinto e sobre o pescoço o lançou
É muito bem indicado para o cavaleiro.
E porque o pentagrama era próprio para aquele príncipe tão nobre
Eu quero agora dizer-vos, ainda que me possa atrasar:
É um sinal que Salomão estabeleceu num dado momento
Em penhor da fidelidade, que bem o merece,
Pois é uma figura que possui cinco pontas
E cada linha sobrepõe e liga-se a outra.
E em todo o lado não tem fim; e os Ingleses chamam-lhe
Em todo o sítio, como ouvi, o Nó Interminável.
Por esta razão serve bem para este cavaleiro e para as suas brilhantes armas
Para sempre fiel em cinto pontos e cada um cinco vezes.
Gawain era conhecido como Bom e como ouro refinado,
Esvaziado de toda a vilania, com virtudes adornado

No castelo.[284]

Por isso o pentagrama novo

Ele levava no escudo e na armadura

Como homem de palavras mais verdadeiras

E o mais gentil cavaleiro de modos[285].

28.

Primeiro, ele era inocente nos seus cinco sentidos,

E depois o homem nunca falhava nos seus cinco dedos,

E toda a sua fé na terra estava nas Cinco Chagas

Que Cristo recebeu na Cruz, como o Credo diz;

E onde quer que este homem em batalha estivesse

O seu intenso pensamento estava nisso, acima de tudo o resto,

Que toda a sua fortaleza derivava das Cinco Alegrias

Que a graciosa Rainha do Céu teve do seu Filho;

Por esta razão o cavaleiro apropriadamente tinha

Na face interior do seu escudo a Sua imagem pintada,

Para que quando olhasse para ela a sua coragem nunca falhasse.

O quinto número cinco que julgo que o homem usava

Era generosidade e afabilidade antes de tudo,

A sua pureza e a sua cortesia[286] nunca falharam

E piedade que ultrapassava tudo, estes cinco perfeitos

Estavam mais seguros neste cavaleiro do que em qualquer outro.

Agora todas estas cinco séries, em verdade, estavam fixadas neste cavaleiro,

E cada uma juntava-se a outra, que não tinha fim,

E fixada em cinto pontos, que nunca falhavam,

Nunca coincidiam num lado, nem também se separavam

Sem fim em nenhum ângulo, eu não encontro,

Onde quer que o processo começasse ou chegasse ao fim.

---

[284] Nos domínios do Homem, no original.

[285] 'lote' – pode significar 'speech' mas Tolkien e Gordon no glossário explicam q tb pode vir do Old Norse e significar 'behaviour', o que parece fazer mais sentido neste passo. (Cf. p.196).

[286] Cortesia espelha melhor, em português, a noção de chivalry do que cavalheirismo.

Assim sendo, no seu escudo brilhante estava formado o nó
Esplendidamente com ouro sobre a cor vermelha.
Este é o puro pentagrama assim chamado pelas pessoas
Cultas.
Agora preparado está o alegre Gawain
E tomou a sua lança ali mesmo,
E desejando-lhes a todos um bom dia,
Pensando que seria para sempre.

29.
Ele picou o seu corcel com as esporas e saltou para o caminho,
Tão fortemente que faíscas da pedra saíram atrás de si.
Todos os que viram aquele honrado cavaleiro suspiraram nos corações,
E disseram com verdade todos uns aos outros,
Sofrendo por aquele bom cavaleiro: "Por Cristo, é desastroso
Que vós, senhor, tenhais de ser perdido, que em vida sois nobre!
Encontrar um seu igual na terra, em verdade, não é fácil.
Com mais cuidado ter agido teria feito mais sentido,
E esse nobre ter escolhido para duque se tornar;
Um brilhante líder de cavaleiros na terra ficava-lhe bem
E teria sido melhor do que [ser] reduzido a nada,
Decapitado por um homem demoníaco, por orgulho arrogante.
Quem alguma vez soube de um rei que tal conselho tomasse
Enquanto cavaleiros estão em vãs disputas nos jogos de Natal!"
Muitas foram as quentes lágrimas que caíram dos olhos
Quando aquele tão agradável senhor partiu do castelo
Naquele dia.
Ele não fez nenhuma paragem
Mas rapidamente prosseguiu o seu caminho.
Muitos desconcertantes caminhos ele percorreu
Como o livro de que ouvi falar diz.

30.

Agora cavalga este cavaleiro pelo reino de Logres,
Sir Gawain, em nome de Deus, ainda que sem nenhum prazer.
Muitas vezes só e sem companhia ele passava a noite
Ali não encontrava diante de si a comida que lhe agradava
Não tinha nenhum amigo sem ser o seu cavalo nos bosques e colinas
Nem ninguém sem ser Deus no caminho com quem conversar,
Até que ele chegou perto do Norte de Gales.
Todas as ilhas de Anglesey ele tinha à sua esquerda,
E indo pelos vaus avançou pelos cabos,
Por Holyhead até subir de novo
No deserto de Wirral; ali vagueavam apenas poucos
Que a Deus e aos outros amassem com bom coração.
E sempre ele perguntava, enquanto ia, aos homens que encontrava,
Se tinham ouvido falar de um cavaleiro verde,
Em algum sítio perto, ou da capela verde;
E todos lhe diziam que não, que nunca nas suas vidas
Eles tinham visto um homem que fosse de tal tom
[De] verde.
O cavaleiro tomou estranhos caminhos
Por muitas encostas inóspitas
Muitas vezes a sua visão mudou
Antes daquela capela ele poder ver.

31.

Muitas colinas ele subiu em estranhas terras
Longe dos seus amigos como um estrangeiro cavalgou.
Em cada vau ou água que o cavaleiro passasse
Encontrava um inimigo diante de si, menos um ou outro por sorte,
E tão maus e ferozes eram que a lutar era obrigado.
Tantas maravilhas nas montanhas que ele encontrou
Que seria demasiado difícil contar uma décima parte.

Por vezes com dragões guerreia, e também com lobos,
Por vezes com trolls da floresta, que vagueiam nas fendas das rochas,
Com touros e ursos e às vezes com javalis,
E ogres, que o perseguem das alturas das montanhas;
Se não fosse corajoso e persistente e ao serviço de Deus,
Sem dúvida que teria morrido e muitas vezes sido assassinado.
Mas a guerra não o preocupava tanto como o inverno, que era pior,
Quando a clara água gélida das nuvens cai
E congela antes de cair na murcha terra;
Quase morto pelo gelo dormia na armadura
Demasiadas noites nas nuas rochas,
Onde a estalar do topo, o frio rio corria
E pendia alto sobre a sua cabeça em duros sincelos
Assim em perigo e dores e condições muito difíceis
Pelo país cavalgou este cavaleiro, até à Véspera de Natal
Sozinho.
O cavaleiro naquela noite
A Maria fez o seu lamento
Que ela o guiasse a cavalgar
E o levasse a algum alojamento.

32.
Por uma montanha de manhã alegremente cavalgava
Para uma floresta profunda que assombrosamente era selvagem.
Altas colinas em cada lado e bosque por baixo
De enormes velhos carvalhos, uma centena juntos;
A aveleira e o pilriteiro estavam amontoados e entrelaçados
Com musgo grande e esfarrapado por todo o lado,
Com muitos pássaros infelizes nos ramos despidos,
Que ali tristemente cantavam de dor pelo frio.
O homem em cima de Gringolet apressa-se por baixo deles
Por muitos pântanos e lamaçais, um homem só,

Preocupando-se com o seu lamento, que ele não pudesse conseguir
Tratar do serviço daquele Senhor, que naquela mesma noite
De uma jovem nasceu para vencer a nossa dor;
E assim sendo suspirando disse: 'Eu peço-vos, Senhor,
E a Maria, que é a mais branda Mãe tão querida,
Algum porto seguro onde com devoção possa ouvir Missa,
E as vossas Matinas amanhã, humildemente eu peço,
E para isso prontamente rezo o meu Pater e Ave
E Credo.'
Cavalgou na sua oração
E chorou pelas suas faltas
Benzeu-se várias vezes
E disse: 'A Cruz de Cristo me guie!'

33.
Ainda só se tinha benzido três vezes o cavaleiro
Antes de se aperceber na floresta de uma habitação num fosso,
Por cima de um campo, num monte, cercada por baixo dos ramos
Por muitos fortes troncos de árvores em volta das valas:
O castelo mais gracioso que algum nobre possuiu,
Levantado sobre um prado, com um parque a toda a volta,
Com uma paliçada com estacas a cercar muito densamente
Que rodeava muitas árvores mais de duas milhas.
Aquele castelo de lado o cavaleiro contemplava
Enquanto tremeluzia e brilhava através dos reluzentes carvalhos.
Depois graciosamente tirou o seu elmo e devotamente agradeceu
A Jesus e São Julião, [que] gentis são os dois,
Que cortesia lhe mostraram e o seu lamento escutaram.
'Agora boa hospedaria', disse o cavaleiro, 'Eu Vos peço ainda!'
Depois ele picou Gringolet com as suas esporas de ouro,
E este escolheu por boa sorte a estrada principal,
Que trouxe corajosamente o cavaleiro ao fim da ponte

Prontamente.
A robusta ponte estava içada
Os portões estavam bem trancados
As muralhas eram bem construídas,
Não temiam rajadas de vento.

34.

O cavaleiro esperou no cavalo, que parou na margem
Da profunda dupla vala que cercava o lugar;
A muralha estendia-se pela água a uma profundidade espantosa,
E erguia-se no ar de novo a uma altura enorme
Feita de rocha dura até à cornija,
Reforçada sob a ameia da melhor forma
E seguiam-se vigias muito belas dispostas à vez
Com muitas e belas aberturas com boa vista;
Aquele cavaleiro nunca tinha visto uma barbacã melhor;
E para dentro ele viu o salão muito alto.
Torres erguidas à vez, como galhos de veado juntos,
Belos pináculos, bem dispostos muito longamente,
Com pormenores esculpidos com arte e talento.
Chaminés brancas como a cal ali ele distinguiu em abundância
Sobre os topos das torres, que irradiavam brancura;
Tantos pináculos pintados estavam espalhados por ali
Entre as ameias do castelo aglomeravam-se tanto
Que inteiramente cortados de papel pareciam.
O nobre cavaleiro no seu cavalo julgou ser bom o suficiente
Se ele pudesse conseguir chegar dentro da muralha
Para se abrigar naquela hospedaria enquanto o dia santo durasse,
Com agrado.
Ele chamou e logo ali veio
Um porteiro civil sem falta,

Na muralha a sua demanda ele escutou[287]

E saudou o cavaleiro errante.

35.

'Bom senhor,' disse Gawain, 'Poderíeis vós ir com a minha mensagem

Ao alto senhor desta casa pedir abrigo?'

'Sim, por S. Pedro!', disse o porteiro, 'E estou certo

De que sereis, senhor, convidado a ficar enquanto quiserdes.'

Depois partiu o homem rapidamente e depressa regressou

E prontamente homens com ele, para receber o cavaleiro.

Eles desceram a grande ponte e por cortesia saíram

E ajoelharam-se na fria terra

Para dar as boas vindas a este mesmo homem honrando-o como sabiam;

Eles concederam-lhe passagem nos largos portões abrindo-os completamente

E ele logo lhes pediu que se erguessem, e atravessou a ponte a cavalo.

Vários servos o seguraram pela sela, enquanto ele desmontava

E depois muitos robustos homens puseram o seu cavalo num estábulo.

Depois cavaleiros e escudeiros desceram

Para levar este guerreiro com alegria para o salão;

Quando ele levantou o seu elmo, muitos ali se apressaram

Para o tomar da sua mão, o gracioso homem servindo;

A sua espada e escudo foram levados os dois.

Depois ele cumprimentou muito graciosamente cada um daqueles cavaleiros,

E muitos homens orgulhosos se apressaram ali, para honrar aquele príncipe.

Todo envolto na sua bela armadura para o salão o trouxeram

Onde um bom fogo na lareira forte ardia.

Então o senhor daquele povo veio dos seus aposentos

Ao encontro do homem no salão com cortesia;

Ele disse: 'Sois convidado a usar como quiserdes

O que aqui há, tudo é vosso, para ter à vossa disposição

E usar.'

[287] À letra: 'tomou para si'

‘Muito obrigado’, disse Gawain,
‘Que Cristo vos dê a paga.’
Como homens que felizes pareciam
Um ao outro abraçaram.

36.

Gawain contemplou o homem que tão bem o saudou,
E pensou que um valente guerreiro o castelo tinha
Um enorme cavaleiro de facto, na primavera da vida;
Grande e brilhante era a sua barba, e toda avermelhada.
Austero, firmemente erguido nas robustas pernas,
Rosto feroz como o fogo e palavras nobres;
E bem lhe assentavam, na verdade, como pensou o cavaleiro,
Uma suserania para guiar um povo muito bom no castelo.
O senhor conduziu-o a um quarto e rapidamente ordenou
Que lhe dessem um homem que o servisse com deferência
E ali estavam prontos às suas ordens muitos cavaleiros,
Que o levaram a um belo quarto onde a cama era esplêndida,
De dossel de pura seda com belas bainhas de ouro,
E colchas de design elaborado com belas orlas de pelo
De belo arminho por cima, bordado à volta;
Cortinas deslizando em cordas [com] anéis vermelhos e dourados.
Tapetes pendurados nas paredes de seda de Toulouse e da Társis
E sob os pés, no chão, da mesma forma a combinar.
Ali foi despojado, com palavras de alegria,
O cavaleiro da sua malha e brilhante armadura;
Nobres vestes muito prontamente os homens lhe trouxeram
Para vestir e para trocar e escolher das melhores.
Assim que tomou uma e a vestiu
E esta assentou graciosamente com saia fluida.
Então verdadeiramente a sua aparência lembrava
Quase, para cada homem, todos os tons

De Primavera e belos [eram] todos os seus membros por baixo da roupa,
Que tão belo cavaleiro nunca Cristo tinha feito,
Pensaram eles.
De onde quer que ele fosse no mundo,
Parecia que ele tinha
De ser um príncipe sem par
No campo onde os ferozes homens lutam.

37.

Uma cadeira diante da lareira, onde carvão ardia,
Foi preparada para Sir Gawain prontamente com forras,
Almofadas sobre cobertas acolchoadas, ambas feitas com arte;
E depois um belo manto foi sobre aquele homem colocado
Feito de seda brilhante, bordado ricamente
E bem forrado por dentro com as melhores peles,
De facto todo de arminho, o seu capuz do mesmo;
E ele sentou-se naquele lugar excelentemente nobre
E aqueceu-se rapidamente, e então a sua disposição melhorou.
Dali a pouco foi levantada uma mesa em suportes muito bons
Coberta com uma limpa toalha que puro branco mostrava
Individual e saleiro de mesa e colheres de prata.
O cavaleiro lavou-se à vontade e foi comer
E muitos homens o serviram com decoro
Com vários caldos excelentes, temperados com a melhor qualidade,
Com o dobro da porção, como era devido, e muitos tipos de peixe
Alguns cozinhados em pão, outros grelhados nas brasas,
Alguns cozidos, outros em caldo temperados com especiarias
E cada molho tão bem feito que o homem apreciou.
O cavaleiro apelidou tudo de festim muito cortesmente e muitas vezes,
Muito graciosamente, quando todos os cavaleiros o exortavam ao mesmo tempo:
'Por favor,
Esta penitência agora tomais,

E depois há-de melhorar.'

O homem muita festa fez

Pois o vinho à sua cabeça subia.

38.

Então informaram-se e colocaram questões com tacto

Com perguntas discretas sobre aquele príncipe, feitas a ele mesmo.

E ele cortesmente admitiu que a corte da qual ele era

O glorioso Artur nobremente governava em pessoa

Que é o nobre rei real da Távola Redonda,

E que era o próprio Gawain quem naquela casa se sentava

Vindo para aquele Natal, como o acaso ali calhara.

Quando o senhor soube que homem tinha [ali?]

Alto se riu por essa razão, tão contente ficou

E todos os homens naquele castelo fizeram muita festa

Para então prontamente aparecer na presença daquele

Que toda a excelência e intrepidez e conduta refinada

Pertencem à sua pessoa, e louvado é sempre;

Acima de todos os homens na terra a sua fama é a maior.

Cada homem muito baixinho disse ao seu companheiro:

'Agora nós cortesmente veremos praticar com maneiras atos de cortesia,

E as expressões perfeitas de nobre conversa,

Que lucro há nas palavras sem perguntar podemos aprender

Já que recebemos entre nós este fino pai de bela criação

Deus com bondade verdadeiramente nos concedeu a Sua Graça,

Que tal convidado como Gawain nos permitiu ter,

Quando homens alegres com o Seu nascimento se sentarão

E cantarão.

À compreensão das maneiras nobres

Este cavaleiro agora nos trará,

Eu espero que quem o oiça

Possa aprender sobre a arte da conversa dos amantes.

39.

Quando o jantar acabou e o homem se levantou,

Já era perto da meia-noite.

Os capelães para a capela foram,

Tocaram os sinos festivamente, tal como deviam

Para as devotas vésperas da grande festa.

O senhor dirige-se para lá e a senhora também,

Num nobre oratório graciosamente ela entra.

Gawain apressa-se alegremente e vai para lá logo;

O senhor agarra-o pelo manto e guia-o a um lugar.

E reconhece-o familiarmente e chama-o pelo nome

E disse-lhe que ele era o homem mais bem vindo do mundo;

E este agradeceu-lhe do coração e cada um abraçou o outro,

E com propriedade sentaram-se juntos durante a celebração.

Então desejou a senhora olhar para este cavaleiro,

Então saiu ela do seu oratório com muitas belas damas

Ela era a mais bela na pele, na carne e de cara,

E de proporção, tez e natureza, de todas as outras,

E mais encantadora do que Guinevere, como o cavaleiro achou.

Ele atravessou o coro da igreja para saudar graciosamente a sua alteza.

Outra dama a conduzia pela mão esquerda

Que era mais velha do que ela, uma anciã parecia

E muito honrada com homens à sua volta.

Mas diferentes à vista aquelas damas eram

Pois se a mais nova era fresca, murcha era a outra;

Um vivo vermelho em todo o lado na face uma [tinha],

Duras rugas pendiam nas faces da outra;

Uma com lenço na cabeça, com muitas puras pérolas

O seu peito e a sua clara garganta estavam à mostra,

Brilhando mais branco do que a neve que cai nas montanhas;

A outra com uma gargantilha colocada à volta do pescoço

Embrulhada no seu queixo negro com véus brancos como a cal,

A sua fronte envolta em seda, tapada em todo o lado,
Com pontas bordadas e enredadas com pormenores à volta,
Que nada estava a descoberto daquela dama sem ser as sobrancelhas negras,
Os dois olhos e o nariz, os lábios nus,
E esses eram desagradáveis de ver e extremamente indistinguíveis
Uma dama honrada na terra os homens podem chamá-la
Por Deus!
O seu corpo era baixo e grosso
As suas nádegas roliças e largas,
Mais deliciosa para agradar
Era aquela que ela tinha consigo.

40.
Quando Gawain poisou os olhos sobre aquela alegre [dama?], que graciosa parecia,
Com licença deixou o senhor e foi em direção às damas;
A mais velha ele saúda, fazendo uma grande vénia,
A mais agradável ele abraça-a levemente,
Beija-a graciosamente e cortesmente lhe fala.
Elas pediram a sua amizade e ele rapidamente pediu
Para ser servo delas em verdade, se elas o desejassem.
Elas tomaram-no entre si e conversando guiaram-no
A um quarto, à lareira e primeiramente pediram
Especiarias que sem poupar os homens se despacharam a trazer
E o agradável vinho com elas de cada vez.
O senhor cortesmente pulava muitas vezes,
Exortava que se fizesse alegria muitas vezes
Tirou o seu capuz e numa lança o pendurou
E desafiou-os a ganhar a honra da sua posse
O que mais alegria pudesse despertar naquela altura do Natal –
'E eu tentarei, pela minha honra, competir com o melhor
Antes de o perder, com a ajuda dos meus amigos.'
Assim com gargalhadas e palavras o senhor alegria causou

Para alegrar Sir Gawain com jogos no salão

Naquela noite.

Até que foi tempo

De o senhor pedir luzes

Sir Gawain licença pediu

E para a sua cama foi.

41.

De manhã, quando cada homem recorda aquele tempo

Em que Deus pelo nosso destino para morrer nasceu,

A alegria aumenta em cada casa no mundo por Sua causa;

Assim também foi naquele dia com muitas delícias:

Tanto a mesa como os pratos à hora da refeição finamente preparados

Os homens no estrado, comida disposta no seu melhor.

A idosa anciã[288] sentava-se no alto da mesa

O senhor tomou o seu lugar ao dado dela, creio eu;

Gawain e a alegre senhora juntos se sentaram,

Mesmo no meio, enquanto se começava a servir a comida,

E depois por todo o salão como lhes pareceu melhor.

Quando cada homem na sua categoria prontamente foi servido

Havia comida, havia alegria, havia tanta felicidade,

Que contar tudo sobre isto ser-me-ia duro,

Embora eu talvez me desse ao trabalho de o descrever com detalhe.

No entanto, eu sei que Gawain e a bela dama

Tal conforto na companhia um do outro juntos tinham,

Pelas agradáveis conversas corteses das suas palavras privadas

Com pura conversa delicada livre de impureza,

Que o seu passatempo ultrapassava os jogos dos príncipes

Em verdade.

Trompetas e timbalões

Muitos instrumentos de sopro ali estão;

[288] Olde auncian. Mantivemos a repetição.

Cada homem se preocupava com a sua [vida]
E eles os dois preocupavam-se com as deles.

42.

Muita alegria ali se fez naquele dia e no outro.
E depois ao terceiro igualmente cheio de festa.
O contentamento do dia de S. João era excelente de ouvir,
E era o último da festa, os homens ali pensaram.
Ali havia convidados para partir na cinzenta manhã,
Por isso eles maravilhosamente ficaram a pé, e o vinho beberam,
Dançaram sem parar com festivas canções.
Por fim, quando era tarde, eles decidiram partir
Para tomar o seu caminho cada forte cavaleiro.
Gawain deu-lhe os bons dias, o bom homem agarrou-o,
Levou-o ao seu próprio quarto, perto da lareira,
E ali o deteve um pouco e agradeceu-lhe com cortesia
Pelo prazer e honra que ele lhe tinha oferecido
Ao honrar a sua casa naquela época festiva
E embelezar o seu castelo com a sua graciosa companhia:
'De facto, sir, enquanto viver, eu serei o mais orgulhoso
Pois Gawain foi meu convidado na festa do próprio Deus.'
'Muito obrigado, sir,' disse Gawain, 'em boa fé é vossa,
É vossa toda a honra – que o Alto Rei vos retribua!
E eu sou um homem ao vosso dispor para fazer o vosso mandato,
Como estou comprometido, nas coisas grandes e pequenas,
Por direito.'
O senhor procurou intensamente
Deter por mais tempo o cavaleiro;
Respondeu-lhe Gawain
Que de forma alguma poderia.

43.

Então o homem perguntou-lhe graciosamente

Que grave facto o guiara naquela época festiva

Tão corajosamente da corte do rei para cavalgar sozinho,

Antes das santas festividades terem saído das casas dos homens.

'Em verdade, sir,' disse o homem, 'dizeis a verdade,

Uma grande demanda e urgente fez-me [sair] de casa,

Pois eu mesmo estou intimado para procurar um lugar

Eu não sei no mundo onde ir para o encontrar.

Não permitirei que não me possa aproximar dele na manhã de Ano Novo

Por toda a terra em Logres, assim Nosso Senhor me ajude!

Por essa razão, sir, esta questão vos coloco aqui,

Que me digais com verdade se já ouvistes falar

Da capela verde, em que terra fica,

E do cavaleiro que a guarda, de cor verde.

Ali foi combinado com acordo solene um encontro entre nós,

Para [me] encontrar com aquele homem naquele lugar, se eu pudesse sobreviver,

E para aquele mesmo Ano Novo agora pouco falta,

E eu olharia para aquele cavaleiro, se Deus me deixasse,

Com mais prazer, pelo Filho de Deus, do que possuir algum bem!

Por essa razão, de facto, com a vossa licença, eu tenho de ir.

Para agir não tenho senão três dias.

E preferiria cair morto do que falhar na minha demanda'.

Então rindo disse o senhor: 'Agora tendes de ficar,

Pois eu ensinar-vos-ei como chegar ao lugar quando o tempo vier.

[Que] o sítio onde a capela verde fica não vos perturbe mais;

Mas ficareis na vossa cama, sir, à vossa vontade,

Bem até ser dia, e ireis no primeiro do ano

E chegareis ao lugar combinado a meio da manhã[289], para fazer o que quiserdes

Ali.

Permanecei até ao dia de Ano Novo,

[289] A hora de tércia, no original, era o meio da manhã – 9 da manhã.

E erguei-vos e parti então,
Os homens por-vos-ão a caminho,
Não fica nem a duas milhas daqui.

44.

Então Gawain ficou muito contente, e alegremente riu:
'Agora agradeço-vos do coração acima de todas as coisas,
Agora alcançada está a minha aventura, eu, pelo vosso desejo
Permanecerei, e noutras coisas farei o que mandardes.'
Então o senhor tomou-o e colocou-o ao seu lado,
E deixou que as damas fossem trazidas para os agradar melhor.
Sozinhos tiveram algum prazer em privado;
O senhor, por seu amor, alegrava-se muito alto,
Como um homem faria sem juízo, sem saber o que podia.
Depois falou ao cavaleiro, gritando alto:
'Vos dissestes que faríeis o que eu pedisse;
Mantereis esta promessa aqui neste momento?'
'Sim, sir, com certeza', disse o verdadeiro homem,
'Enquanto eu ficar no vosso castelo, obediente serei às vossas ordens.'
'Pois vós haveis viajado,' disse o homem, viandando muito longe,
E depois acordado comigo, ainda não estais bem recuperado
Nem de sustento nem de sono, em verdade eu sei;
Vós permanecereis lá em cima no vosso quarto e deitar-vos-eis à vontade
Amanhã até à hora da Missa e comer ireis
Quando quiserdes, com a minha mulher, que convosco se sentará
E confortar-vos-á com a [sua] companhia, até que eu volte à corte;
Ficareis
E eu levantar-me-ei cedo
À caça eu irei.'
Gawain consentiu tudo isto,
Fazendo uma vénia, delicadamente.

45.

‘Além disso,’ disse o homem, ‘um pacto fazemos:
O que quer que eu ganhe na floresta será vosso,
E o ganho que obtiverdes assim trocareis comigo.
Bom sir, trocamos assim, jurai com verdade,
Quer caia na nossa sorte nada, homem, ou ao outro melhor.’
‘Por Deus,’ disse Gawain o bom, ‘Eu concordo com isso,
E o que desejardes acharei agradável.’
‘Quem nos traz uma bebida? Este acordo está feito.’
Disse o senhor daquele povo; todos riram em conjunto
Eles beberam e gracejaram e festejaram
Estes senhores e senhoras, enquanto lhes apeteceu;
E depois com costumes Franceses e muitas e belas palavras
Estiveram e ficaram e docemente falaram
Beijaram-se muito graciosamente e partiram.
Com muitos homens atentos e tochas brilhantes
Cada homem à sua cama foi trazido por fim,
Em silêncio.
No entanto antes de irem para a cama
Muitas vezes ele recordou o pacto.
O velho senhor daquele povo
Sabia bem manter o seu jogo.

Canto III

46.

Muito cedo antes do dia as pessoas levantaram-se,
Convidados para partir os seus servos chamaram
E eles despacharam-se depressa selando os animais
Preparando os equipamentos, embalando as suas malas,
Vestindo-os aqueles de mais alta estirpe, para cavalgar todos prontos,
Montaram rapidamente, tomaram as suas rédeas

Cada um no seu caminho para onde quisesse ir.
O amado senhor daquela terra não foi o último
Preparado para cavalgar, com muitos cavaleiros;
Tomou uma refeição ligeira à pressa depois de ouvir Missa
Com corneta para o campo de caça ele apressou-se rapidamente.
Na altura em que alguma luz brilhava sobre a terra
Ele com os seus cavaleiros nos seus grandes cavalos estavam.
Então estes caçadores que podiam puseram os seus cães de caça aos pares
Destrancaram a porta do canil e chamaram-nos para fora,
Sopraram fortemente nas cornetas três únicas notas;
Os cães de caça ladraram por isso e feroz barulho fizeram;
E eles ralharam-lhes e estes regressaram e em perseguição foram
Uma centena de caçadores, como ouvi contar,
Dos melhores.
Para os postos de caça os matilheiros foram
Os caçadores lançaram os pares
Ali ergueu-se um bom barulho
Um enorme ruído naquela floresta.

47.
Ao primeiro soar do som dos cães tremeram os animais selvagens;
Os veados correram para o vale, atordoados com o medo,
Apressaram-se para as alturas, mas subitamente eles foram
Forçados a regressar pelos batedores, que vigorosamente gritaram.
Eles deixaram os cervos passar, com as altas hastes
E os robustos veados também com as suas largas hastes
Pois o nobre senhor tinha proibido no fecho da época [de caça]
Que algum homem incomodasse os machos.
As corças eram detidas com [sons como] 'Hey!' e 'Atenção!'
As fêmeas guiadas com grande ruído para os vales profundos;
Ali os homens podiam ver, enquanto elas eram disparadas, um vôo oblíquo de setas –
A cada curva na floresta passava uma flecha –

Que possantemente mordeu a pele castanha com uma grande ponta.
Vede! Elas gritaram e sangraram, nas margens elas morreram,
E sempre os cães de caça à pressa prontamente as perseguiam,
Os caçadores com grandes cornetas apressavam-se atrás deles
Com tais gritos ecoantes como se as colinas se tivessem partido.
Qualquer animal que escapasse aos homens que disparavam
Era puxado para baixo e despedaçado no posto de caça
Quando elas eram perseguidas nas alturas e guiadas para as águas;
Os homens eram tão hábeis nos postos inferiores,
E os galgos tão grandes que eles as apanhavam depressa
E as desfaziam, tão depressa como se podia ver,
Imediatamente.
O senhor levado pela alegria
Muitas vezes cavalgava e desmontava
E levou aquele dia com alegria
Assim até à noite escura.

48.
Assim se divertia este senhor na fronteira da floresta
E Gawain – o bom homem – deitado em boa cama
Enroscado até que a luz do dia brilha sobre as paredes.
Debaixo de cobertas muito belas, com cortinas à volta;
E enquanto dormia suavemente, cautelosamente ouviu
Um pequeno barulho à sua porta e furtivamente nela
E ele ergueu aa sua cabeça de dentro das roupas
Um canto da cortina ele levantou um bocadinho
E olhou à cautela naquela direção [para ver] o que poderia ser.
Era a senhora, muito agradável de ver,
Que fechava a porta atrás de si muito secreta e silenciosamente.
E aproximou-se da cama; e o cavaleiro envergonhado,
Deitou-se rapidamente e fingiu como se dormisse;
E ela andou silenciosamente e moveu-se para a sua cama,

Afastou a cortina e esgueirou-se para dentro
E sentou-se muito suavemente na borda da cama
E ali permaneceu muito longamente a ver quando ele acordava.
Ele ficou deitado escondido durante muito tempo [enquanto]
Ponderava na sua consciência o que é que aquela ocorrência poderia
Passar a significar – 'maravilhoso' – pensou ele.
Mas no entanto ele disse para si mesmo, 'Mais decoroso seria
Descobrir por palavras já o que ela deseja.'
Então ele acordou, e esticou-se e para o lado dela se virou
E abriu as suas pálpebras e ficou como que se espantado
E benzeu-se, para ficar mais seguro com estas palavras,
        Com a sua mão,
    Com queixo e faces muito doces
    Ambos com branco e vermelho à mistura
    Muito graciosamente ela falou
    Com pequenos lábios sorridentes.

49.
'Bom dia, Sir Gawain,' disse a alegre senhora,
'Vós sois imprudente a dormir, já que se pode entrar assim;
Agora num instante sois apanhado! Mas tréguas podemos fazer,
Eu prender-vos-ei à vossa cama, estai certo disso.'
Toda em riso a senhora disse estes gracejos.
'Bom dia, bela senhora,' disse Gawain o feliz.
'Ser-me-á feito segundo a vossa vontade e isso agradar-me-á muito,
Pois eu rendo-me prontamente e peço misericórdia
E isso é o melhor, julgo eu, pois estou obrigado por necessidade';
E assim gracejou em resposta com uma grande e alegre gargalhada.
'Mas poderíeis, graciosa senhora, então licença conceder-me,
E libertar o vosso prisioneiro e pedir-lhe que se levante,
Eu sairia desta cama e arranjar-me-ia melhor;
Eu obteria maior prazer em conversar convosco.'

‘Não, em verdade, belo senhor,’ disse aquela doce [senhora]
‘Não vos levanteis da vossa cama, eu decido por vós melhor,
Eu vou prender-vos aqui, aquele outro lado também
E depois conversar com o meu cavaleiro que eu apanhei
Pois eu sei bem, de facto, Sir Gawain vós sois,
Que todos no mundo honram onde quer que cavalgueis;
A vossa honra, a vossa cortesia é nobremente louvada
Pelos senhores, pelas senhoras, por todos os que vivem
E agora estais aqui, de facto, e nós completamente sós
O meu senhor e os seus cavaleiros estão longe,
Outros homens nas suas camas e as minhas damas também.
A porta fechada e trancada com uma vigorosa tranca;
E já que eu tenho nesta casa aquele que a todos agrada,
Eu gastarei o meu tempo bem, enquanto ele dura,
Com conversa.
Sois bem-vindo ao meu corpo,
O vosso próprio percurso escolhei.
Eu sou obrigada por pura necessidade
A ser vossa serva e serei.

50.
‘Em boa fé,’ disse Gawain, ‘Penso que isso é bom,
Embora não seja aquele de quem falais;
De alcançar tal honra como a que descreveis aqui.
Eu sou um cavaleiro indigno, como eu bem sei.
Por Deus, eu seria feliz e, se vos parecer bem,
Por palavra ou feito que eu possa realizar,
Para o prazer de vossa excelência – seria uma pura alegria.’
‘Em boa fé, Sir Gawain,’ disse a bela senhora,
‘O valor e a intrepidez que agrada a todos os outros,
Se eu lhes encontrasse falta ou pensasse levianamente deles, seria pouca cortesia;
Mas há damas suficientes a quem deliciaria mais agora

Ter-vos, ó gracioso, em seu poder, como eu tenho aqui.
Passar o tempo agradavelmente com as vossas palavras de cortesia,
Obter delas conforto e aliviar as suas tristezas,
Do que grandes tesouros ou o ouro que elas possuem.
Mas eu louvo o mesmo senhor que o Céu detém,
Eu tenho todo na minha mão aquele que todos desejam
Por Graça.'
Ela comportou-se tão graciosamente
E era tão bela de rosto
Que o cavaleiro com palavras puras
Respondeu a tudo o que disse.

51.
'Senhora', disse o alegre homem, 'Maria vos recompense,
Pois eu achei, em boa fé, a vossa generosidade nobre,
E muita outra de outras pessoas recebi através das suas obras,
Mas do tratamento cortês que me deram, pois o meu mérito não é igual,
É vossa a honra, que só de bondade sois capaz.
'Por Maria,' disse a nobre senhora, 'acho outra coisa,
Pois se eu valesse toda a multidão das mulheres que vivem,
E toda a riqueza do mundo estivesse na minha mão
E se eu pudesse regatear e escolher para ter um marido,
Pois as qualidades que eu sei existirem em vós aqui, cavaleiro,
De beleza e cortesia e feliz semblante,
E das quais eu anteriormente ouvira falar e reconheço aqui verdadeiras,
Não haveria nenhum homem sobre a terra antes de vós escolhido.'
'Em verdade, nobre senhora,' disse o homem, 'vós escolhestes bem melhor,
Mas estou orgulhoso do louvor que pondes em mim
E, gravemente vosso servo, minha soberana vos considero
E vosso cavaleiro me torno, e Cristo vos recompense.'
Assim eles falaram de muitas coisas até que o meio da manhã passou,
E sempre a senhora se comportava como se o amasse muito;

O cavaleiro procedia defensivamente e comportava-se graciosamente.
'Embora eu fosse a dama mais bela', a senhora pensava,
Pouco amor com ele [trazia] pois a perda que ele procurava
Sem demora,
O golpe que o devia abater,
Era preciso que fosse feito.
A senhora então falou de partir
Ele logo lhe deu licença.

52.
Então ela deu-lhe os bons dias e com um olhar riu-se
E enquanto se erguia, surpreendeu-o com palavras fortes:
'Que Aquele que faz prosperar todas as palavras este entretenimento vos pague!
Mas que vós sejais Gawain é algo duvidoso.'
'Porquê?', disse o cavaleiro e perguntou rapidamente,
Receoso de ter falhado na delicadeza das suas palavras;
Mas a senhora abençoou-o e disse: 'Por esta razão:
[Alguém] tão bom como Gawain que apropriadamente é considerado
E a cortesia está contida tão completamente nele,
Não poderia ter estado tanto tempo com uma dama
Sem ter pedido um beijo, pela sua cortesia,
Através de uma alusão a algum assunto no fim de uma conversa.'
Então disse Gawain: 'De facto, seja como desejais;
Beijarei à vossa ordem, como um cavaleiro deve,
E mais ainda, para que ele não vos desagrade, por isso não peçais mais.'
Por essa razão ela aproximou-se e tomou-o nos braços,
Dobrou-se graciosamente para baixo e o cavaleiro beijou.
Eles dignamente se encomendaram um ao outro a Cristo
Ela foi pela porta sem mais nenhum som;
E ele despachou-se a levantar e prontamente logo
Chama o seu camareiro, escolhe as suas vestes,
Avança, quando vestido, alegremente para a Missa;

E depois foi para a sua comida que merecidamente o esperava
E divertiu-se todo o dia, até que a lua se ergueu,
Com alegria.
Nunca foi um cavaleiro tão bem recebido
Entre duas tão dignas damas
A mais velha e a mais jovem
Muita festa juntas fizeram.

53.

E sempre os senhor da terra está ocupado no seu desporto,
Caçar na floresta e charneca corças inférteis.
Tal quantidade ele ali matou quando o sol se começou a pôr
De corças e outros veados, que contar seria maravilha.
Depois orgulhosamente por fim os homens se reuniram
E rapidamente da matança ali reuniram o fruto.
O melhor[290] foi para ali com muitos homens,
Juntou os melhores em gordura que ali estavam
E mandou-os arranjar como a tarefa pedia;
Foram medidos alguns que ali estavam
Dois dedos de largura[291] eles encontraram no pior de todos.
Depois eles cortaram a incisura jugular, tomaram o esófago,
Rasparam-no com uma faca afiada e a gordura ataram.
Em seguida cortaram eles os quatro membros e rasgaram o couro,
Depois abriram a barriga, tiraram os intestinos
Habilmente soltaram os ligamentos,
Agarraram a garganta e de uma vez a separaram
Da traqueia e deitaram fora as tripas.
Depois eles cortaram o quarto dianteiro com as suas afiadas facas,
Tiraram-nas por um pequeno buraco para manter inteiros os flancos.
Em seguida abriram o peito e partiram-no em dois

[290] Bertilak.
[291] De gordura.

E de novo na garganta se começa então:

Rasga-se prontamente até ao quadril;

Deita-se fora as entranhas e certeiramente depois

Todas as membranas junto às costelas rapidamente eles cortam.

Então limpam eles corretamente pela espinha

Aparada até ao quadril, tudo o que pendia junto.

E levantado inteiro e cortado ali

O que eles deram o nome de entranhas, como julgo,

Apropriadamente;

Pelo quadril de todas as coxas

As peles eles cortam para trás;

Para as partir em dois eles se apressam

Pela espinha para partir ao meio.

54.

Ambos a cabeça e o pescoço eles cortaram então,

E em seguida separaram eles os lados prontamente da espinha,

E a paga do corvo[292] eles lançaram num arvoredo.

Então furaram eles cada um dos grossos lados pela costela

E penduraram então cada um pelo jarrete das pernas:

Cada homem pelo seu pagamento [veio], como é correcto ter.

Numa pele de um dos mais belos animais alimentaram eles os seus galgos

Com o fígado e os miúdos, a pele dos estômagos

E pão banhado em sangue misturado com eles.

Audaciosamente eles anunciaram a caça [nas trompetas], ladraram os seus cães,

Depois tomaram eles as suas carnes, foram para casa,

Fazendo soar vigorosamente muitas bravas notas.

---

[292] Costume medieval de lançar parte da caça aos corvos. Brian Stone identifica esta parte como sendo possivelmente uma cartilagem. Encontrámos a seguinte nota num site de estudo da obra: "Every person and animal who participated in a hunt (and in the raven's case, who is just waiting nearby) receives a designated part of the prey as part of his "fee." Here, the raven's fee seems to be some part of the animal's face, while the hunters are rewarded with the animal's sides." (In https://www.shmoop.com/sir-gawain-green-knight/tradition-customs-quotes-3.html, Shmoop Editorial Team. (2008, Nov. 11). *Sir Gawain and the Green Knight Tradition and Customs Quotes,* Page 3. Consultado a 26/09/2017.

Quando a luz do dia acabou a companhia estava toda reunida
No nobre castelo, onde o cavaleiro estava
Imperturbável
Com felicidade e brilhante fogo aceso.
O senhor entra [no castelo].
Quando Gawain com ele se encontrou
Houve só alegria à vontade.

55.

Então ordenou o senhor naquele salão que se reunissem todos os homens
E ambas as senhoras descessem com as suas damas
Diante de toda a gente no salão. Aos homens ele ordenou
Seguramente que a sua carne de veado trouxessem diante dele
E todo satisfeito pela caça Gawain ele chamou.
Chamou a sua atenção para o número dos pujantes animais,
Mostrou-lhe a clara gordura cortada nas costelas:
'Agrada-vos este desporto? Louvor ganhei eu?
Mereço eu abundante agradecimento pela minha habilidade?'
'Sim, de facto', disse o outro homem, 'aqui está a mais bela caça
Que eu vi em sete anos na época do Inverno.'
'E tudo eu vos dou, Gawain', disse o homem então,
'Pois pelo pacto acordado vós o pedis como vosso.'
'Isto é verdade', disse o cavaleiro, 'Eu digo-vos o mesmo
O que ganhei de valor dentro desta casa,
Verdadeiramente com tanta boa vontade se tornará vosso.'
Ele tomou o seu belo pescoço nos seus braços
E beijou-o mais graciosamente que conseguiu:
'Tomai o meu ganho, eu não consegui nada mais;
Eu dá-lo-ia livremente por completo, mesmo se fosse maior.'
'É bom', disse o bom homem, 'muito vos agradeço por isso.
'É tão bom que seria melhor que vós me pudésseis dizer
Onde vós ganhastes esta mesma riqueza pela vossa inteligência.'

‘Isso não estava no nosso acordo,’ disse ele, ‘não me pergunteis mais
Pois vós tomastes o que vos era devido, esperar mais [algum]
Não podeis.’
Eles riram e alegraram-se
Com palavras cheias de louvor
Para a ceia eles logo foram
Com muitas e frescas delícias.

56.
E depois junto à lareira no quarto eles se sentaram
Homens vinho seleccionado lhes traziam muitas vezes,
E de novo nos seus gracejos eles acordaram no dia seguinte
Cumprir o mesmo acordo que eles antes fizeram:
[D]a sorte que calhar os seus ganhos trocariam
O que de novo eles obtivessem, à noite quando se encontrassem.
Eles acordaram no pacto diante de toda a corte,
A bebida foi trazida em alegria naquele momento.
Então eles por fim partiram graciosamente,
Cada homem para a sua cama se apressou rapidamente.
Quando o galo apenas tinha cantado e cacarejado três vezes,
O senhor tinha saltado da sua cama [e] cada um dos seus vassalos
Para que a refeição e a Missa fossem devidamente completadas,
[e] a companhia fosse para a floresta, antes que o dia despontasse
Para caçar;
Ruidosos com caçadores e trompas
Pelas planícies eles passaram pouco depois.
Soltos por entre os espinhos
Os galgos que corriam impetuosamente.

57
Rapidamente eles deram sinal de presa na margem de um pântano;
O caçador encorajou o galgo que primeiro deu sinal,

Fortes palavras ele lhe dirigiu com alto som
Os cães que ouviram apressaram-se para lá rapidamente,
E correram vigorosamente em direcção ao rasto, quarenta ao mesmo tempo;
Então tal confusão e ruído de galgos juntos
Se levantou que a colina rochosa ressoou à sua volta.
Os caçadores encorajavam-nos com a trompa e com a voz
Então todos em grupo se apressaram juntos,
Entre um lago naquele bosque e um hostil despenhadeiro
Num pequeno monte debaixo da colina, na margem do pântano,
Ali onde a dura rocha aos pedaços tinha caído
Eles procederam para a descoberta e os homens atrás deles;
Eles procuraram em volta da escarpa e do pequeno monte,
Os homens, até que se deram bem conta de que estava dentro
O animal que tinha sido anunciado pelos cães de caça.
Então eles agitaram os arbustos e fizeram com que ele se erguesse
E ele desastrosamente tentou sair para fora contra um grupo de homens:
O mais espantoso javali apressava-se por ali fora,
Há muito afastado da vara, tinha envelhecido
Pois ele era bravo, o maior de todos os javalis
Muito feroz quando grunhia; então muitos se assustaram
Pois três ao primeiro impacto ele empurrou para o solo
E avançou com um salto em grande velocidade, sem magoar mais ninguém.
Eles incitaram os cães alto: 'Atenção!' e gritaram 'Ah! Ah!'
Levaram a trompa à boca, vigorosamente tocaram;
Muitos eram os festivos sons dos homens e dos galgos
Ao se apressarem atrás deste javali com clamor e ruído
Para matar.
Muitas vezes ele enfrenta o ladrar
E mutila a matilha por todos os lados.
Ele fere alguns dos cães e eles
Com muita dor uivam e clamam.

58.

Os homens avançaram então à pressa para disparar sobre ele
Dispararam setas na sua direção, atingiram-no muitas vezes
Mas as pontas falhavam na dureza quando atingiam a dura carne do quarto dianteiro
E a extremidade da seta na sua fronte não penetrava de todo,
Embora a suave haste [da seta] se desfizesse em pedaços
A ponta saltava para trás, onde quer que o atingisse.
Mas quando os golpes dos seus incessantes disparos o magoaram
Então, frenético para lutar, aos homens ele se atirou
Feriu-os ferozmente ao avançar velozmente
E muitos se aterrorizaram com isso e recuaram com medo.
Mas o senhor num ligeiro cavalo galopou atrás dele,
Como um homem corajoso no campo de batalha soprou na sua corneta,
Para juntar a companhia e cavalgou pelo espesso mato
Perseguindo este suíno selvagem até que o sol se pôs.
Este dia nesta mesma tarefa eles passaram desta forma
Enquanto o nosso gracioso cavaleiro está deitado na sua cama,
Gawain agradavelmente em casa, entre roupa de cama muito nobre
De cor.
A senhora não se esqueceu
Veio dar-lhe os bons dias.
Muito cedo ela estava com ele
Para a sua ideia mudar.

59.

Ela veio para a Cortina e o cavaleiro espreitou
Sir Gawain graciosamente a acolheu primeiro
E ela respondeu-lhe de volta, ávida nas palavras,
Sentou-se docemente ao seu lado e subitamente ela riu
E com um olhar belo pronunciou estas palavras:
'Sir, se sois Gawain, uma maravilha julgo ser
Um homem que é sempre tão disposto para o bem

E não sabeis distinguir da nobreza os costumes
E se alguém vos ensina a saber, não retendes nada na cabeça;
Vós esquecestes prontamente o que ontem eu ensinei
Pelas mais verdadeiras palavras que eu sabia.'
'O que é?' perguntou o cavaleiro, 'Em verdade eu não sei mesmo;
Se é verdade o que declarais, a culpa é toda minha.'
'No entanto eu ensinei-vos que no beijar', disse então a bela senhora
'Onde quer que o favor seja evidente, reclamá-lo depressa,
Isso é próprio de cada cavaleiro que usa de cortesia.'
'Basta', disse o determinado cavaleiro, 'minha querida, desse discurso
Pois a isso não me atrevo, não fosse eu ser recusado;
Se eu fosse negado, estaria em verdade errado se tivesse feito a oferta.'
'Pela minha fé!' disse a nobre mulher, 'Vós não podeis ser recusado.
Vós sois robusto o suficiente para obrigar pela força, se quiserdes,
Se alguma fosse tão grosseira que vos negasse.'
'Sim, por Deus', disse Gawain, 'boas são as vossas palavras
Mas a força não tem valor no país onde vivo,
Nem nenhum presente que seja dado sem boa vontade.
Eu estou às vossas ordens, para beijar quando desejardes,
Podeis receber quando vos gradar e parar quando decidirdes
Imediatamente.
A senhora inclinou-se
E graciosamente beijou a sua face.
Muitas palavras ai eles trocaram
Sobre as alegrias e tristezas do amor.

60.
'Eu aprenderia de vós, senhor', a nobre senhora então disse,
'E não vos zangaríeis se eu perguntar, qual é a razão
Para alguém tão novo e valente como vós [sois] agora,
Tão cortês, tão cavalheiresco como vós sois conhecido em todo o lado;
E de toda a escolha da cavalaria, a principal coisa louvada

É o leal desporto do amor, o principal ensinamento da cavalaria;
Pois contar as provações destes verdadeiros cavaleiros,
É o título inscrito e o texto dos seus trabalhos,
Como os homens pelo seu verdadeiro amor as suas vidas arriscaram,
Suportaram pelas suas amadas dolorosos tempos
E depois vingaram-se com o seu valor e livraram-se das suas provações
E trouxeram felicidade aos aposentos das damas pelas suas próprias virtudes;
E vós sois o cavaleiro com mais nobre reputação da vossa geração,
A vossa fama e a vossa honra estão espalhadas em toda a parte,
E eu sentei-me ao vosso lado aqui em duas diferentes ocasiões
E no entanto nunca ouvi eu da vossa boca proceder nenhuma palavra
Que alguma vez pertencesse ao amor, nem uma só;
E vós, que sois tão cortês e gracioso nos vossos votos [de cavaleiro]
Deveríeis pensar prontamente oferecer a uma jovem
E ensinar alguns sinais da arte do verdadeiro amor.
Porquê? Sois vós ignorante, [vós] que todo o renome possuís?
Ou então considerais-me demasiado estúpida para a vossa cortês conversa
Escutar?
Que vergonha!
Eu venho aqui sozinha e sento-me
Para aprender de vós algo sobre o jogo.
Vinde! Ensinai-me do vosso saber
Enquanto o meu senhor está longe de casa.

61.

'Em verdade,' disse Gawain,' Deus vos pague!
Grande é a felicidade que possuo e prazer para mim enorme
Que alguém tão nobre como vós quisesse vir aqui
E incomodar-vos com um tão pobre homem, ao entreter-vos com o vosso cavaleiro
Com qualquer forma de favor, dá-me muito contentamento;
Mas eu tomar para mim a difícil tarefa de expor o verdadeiro amor
E tratar os temas do texto e contos de cavalaria

Para vós que, estou certo, possuís mais habilidade
Nessa arte, pela metade, do que cem que são
Como eu, ou como alguma vez serei, enquanto na terra permanecer,
Seria uma tolice de muitas formas, minha nobre senhora, pela minha palavra.
O vosso desejo eu faria até onde o meu poder permitisse
Já que grandemente comprometido pelo dever [estou] e para sempre desejarei
Ser vosso servo, assim me ajude Deus!'
Assim aquela nobre senhora o testou e o tentou muitas vezes
Para o levar a fazer amor, o que quer que ela mais pensasse,
Mas ele defendeu-se tão graciosamente que nenhuma falta poderia ter sido vista,
Nem nenhum mal em nenhum dos lados, nem eles de nenhum se aperceberam;
Apenas alegria.
Eles riram e largamente se divertiram;
Por fim ela o beijou então.
Graciosamente ela se despediu
E de facto tomou o seu caminho.

62.
Então ele mexeu-se e ergueu-se para a Missa
E depois o seu jantar foi preparado e servido esplendidamente;
O homem com as damas divertiu-se todo o dia.
Mas o senhor pelas terras muito cavalgava,
Perseguiu o seu fadado suíno que se apressava pelas encostas
E desfazia à dentada a traseira dos seus melhores galgos.
Ali ele foi forçado a defender-se, até que os arqueiros o venceram
E o fizeram, apesar das suas presas, mover-se para fora.
Tantas setas se apressaram ali quando a gente se reuniu.
Mas no entanto o mais forte estremecer por vezes ele fez
Até que por fim ele estava tão exausto [que] não podia mais correr,
Mas na pressa em que podia ele um buraco alcançou,
Numa saliência de uma rocha onde corria o riacho.
Ele pôs a margem pelas costas, começou a esgravatar a terra

A baba espumava na sua boca medonha pelos cantos.
Ele afiava as suas brancas presas; diante dele então [cansados]
Todos os homens tão bravos que junto dele permaneciam
Para o aborrecer à distância, mas aproximar-se dele não se atreviam
Pelo perigo.
Ele tinha ferido tantos antes
Que todos então estavam muito receosos
De serem desfeitos pelas suas presas
Que ferozes e enlouquecidas estavam.

63.
Até que o cavaleiro veio ele mesmo, encorajando o seu cavalo,
Viu o animal permanecer firme na defesa, os seus homens ao seu lado;
Ele desmontou graciosamente, deixou o seu corcel
Brandiu uma brilhante espada e poderosamente avançou.
Apressou-se rapidamente através do vau onde estava o animal selvagem.
A fera estava ciente do homem com a arma na mão
Eriçou muito o pelo, tão vigorosamente ele bufou
Que muitos temeram pelo cavaleiro, não fosse a fera levar a melhor.
O suíno avançou para fora logo em direção ao homem
E o cavaleiro e o javali estavam ambos numa confusão
No turbilhão da água; o pior foi para a criatura
Pois o homem tinha-o debaixo de boa pontaria quando se encontraram
Plantou firmemente a lâmina afiada diretamente na base da goela;
Golpeou com a espada tão a fundo, que o coração se desfez
e ele grunhindo rendeu-se e afundou-se na água
muito rapidamente.
Cem galgos o apanharam
E ferozmente o morderam
Os homens o trouxeram para a margem
E os cães a morte lhe deram.

64.

Houve alto soar de muitas trompas pela caça
Alto gritar forte pelos cavaleiros que eram capazes;
Os galgos ladraram pela besta, como ordenaram os donos
Daquela árdua caça, que eram os principais caçadores.
Então um homem que era sábio nas artes da caça
A cortar este javali com alegria começou.
Primeiro ele cortou-lhe a cabeça e ao alto a colocou
E depois rasgou-o grosseiramente ao longo da coluna,
Puxou os intestinos para fora, grelhou-os nas brasas.
Com eles, misturados com pão, os seus galgos recompensou.
Depois cortou a carne de javali em (belas) e grandes porções
E retirou os miúdos, como é próprio,
E no entanto todas inteiras, juntou as metades,
E depois numa forte estaca firmemente as pendurou
Então com este mesmo suíno eles apressaram-se para casa;
A cabeça do javali foi levada diante do próprio cavaleiro
Que o matou no vau pela força da sua mão
Tão forte.
Até ele ver Sir Gawain
No salão pareceu-lhe demorar muito;
Chamou e ele veio prontamente
O seu pagamento ali receber.

65.

O senhor muito alto com palavras e contente riso
Quando viu Sir Gawain, alegremente falou.
As belas senhoras foram chamadas e reuniu-se a casa;
Ele mostrou-lhes os pedaços de carne e deu conta do acontecido
Da largura e do comprimento, da ferocidade também
Da guerra do suíno selvagem nos bosques para onde fugiu.
O outro cavaleiro muito graciosamente elogiou os seus feitos

E louvou-os como grande excelência que ele tinha provado
Pois (nem) tal quantidade de carne num animal, o bravo cavaleiro disse,
Nem tais lombos de um porco tinha ele alguma vez visto.
Depois eles tomaram a enorme cabeça, o cortês homem a louvou
E mostrou horror diante dela para que o senhor ouvisse.
'Agora, Gawain', disse o bom homem, 'este jogo é vosso
Por pacto firmemente ratificado e obrigatório, em verdade o sabeis.'
'É verdade', disse o homem, 'e verdadeiramente asseguro:
Todo o meu ganho eu vos darei de novo, pela minha palavra.'
Ele tomou o senhor pelo pescoço e graciosamente o beijou
E imediatamente de novo do mesmo ele o serviu ali.
'Agora estamos quites', disse o cavaleiro, 'nesta noite
De todos os pactos que tecemos, depois da minha chegada,
Devidamente.'
O senhor disse: 'Por Santo Egídio
Vós sois o melhor que eu conheço!
Sereis rico em pouco tempo
Se tal troca continuardes.

66.

Então eles montaram mesas em cima de suportes
Colocaram toalhas nelas, clara luz então
Se acendeu nas paredes, tochas de cera
Os homens colocaram e serviram por todo o lado no salão.
Muito ruído alegre e contentamento desabrochou ali
À volta do fogo no salão e de muitas formas
Durante a ceia e depois, muitas esplêndidas canções
Como cânticos de Natal e novas canções de dançar[293]
Com toda a alegria própria que os homens podem contar.
E continuamente o nosso gracioso cavaleiro estava junto à senhora;
Tal comportamento gracioso para aquele homem ela tinha

[293] Não havendo correspondente em Português para 'carol dances', traduzimos desta forma.

Roubando olhares de favor secretamente para agradar àquele robusto homem,
Que muito espantado estava o cavaleiro e irado dentro de si.
No entanto ele não podia, pela sua boa educação, rejeitá-la
Mas comportou-se com ela muito cortesmente. Seja como for, o caso não deu
Em nada.
Quando eles se tinham divertido no salão
Enquanto a sua vontade durou
A um quarto o senhor os chamou
E para a lareira eles se encaminharam.

67.

E ali eles beberam e conversaram e determinaram novamente
Propor os mesmos termos para a Véspera de Ano Novo.
Mas o cavaleiro pediu licença para cavalgar pela manhã
Pois estava próximo o compromisso a que ele tinha de ir.
O senhor o dissuadiu daquilo, para que não fosse e permanecesse
E disse: 'Como sou um homem verdadeiro, eu juro pela minha palavra
Que vós alcançareis a Capela Verde para tratar dos vossos assuntos,
Sir, no amanhecer do Ano Novo, muito antes de Prima.[294]
Por isso agora deitai-vos nos vossos aposentos e tomai o vosso descanso
E eu irei caçar neste bosque e manter os termos do pacto:
Trocar os ganhos, quando eu regressar aqui
Pois eu testei-vos duas vezes e fiel vos achei.
Agora à terceira é de vez, pensai no amanhã!
Façamos festa enquanto podemos e entregai-vos à alegria,
Pois a tristeza pode apanhar-se sempre que o homem deseja.'
Isto foi graciosamente acordado e Gawain ficou.
Alegre bebida foi-lhes trazida e eles para a cama foram
Com luz.
Sir Gawain deita-se e dorme
Imperturbável e confortável toda a noite.

[294] Hora de Prima são as 6 da manhã.

O senhor que a sua arte mantém

Muito cedo estava vestido.

68.

Depois da Missa uma leve refeição ele e os seus homens tomaram;

Alegre estava a manhã, a sua montada ele pediu.

Todos os caçadores que a cavalo deveriam segui-lo

Estavam todos prontos nos seus cavalos diante dos portões do salão.

Incrivelmente bela estava a terra pois o gelo ainda permanecia.

Num vermelho ardente sobre as nuvens levadas pelo vento ergueu-se o sol

E muito luminoso passou rente às nuvens do céu.

Os caçadores soltaram os galgos junto a um bosque

As rochas ressoaram nos bosques com o ruído das suas trombetas.

Alguns [cães] descobriram o rasto de onde a raposa se escondia,

Seguiram muitas vezes o rasto para a frente e para trás pela astúcia da sua manha.

Um pequeno cão dá sinal de rasto então, o caçador chama-o,

Os seus companheiros seguem-no e farejam densamente

Correndo para a frente numa confusão mesmo no seu caminho

E ela rompe numa correria diante deles; eles encontram-na rapidamente

E quando a veem com a vista eles perseguem-na rapidamente

Denunciando-a muito claramente com um barulho de ira;

E ela escapa-se e volta para trás através de muito densos matos cerrados,

Dá meia volta e fica à escuta muitas vezes nas sebes.

Por fim junto a uma pequena vala ela salta por cima de uma cerca,

Desloca-se furtivamente (muito secretamente) pela beira de um pequeno bosque

Esperava ter escapado dos cães no bosque através da sua artimanha.

Então ela foi, sem saber, para um excelente posto de caça

Onde três ferozes se apressaram a ataca-la ao mesmo tempo

Todos cinzentos.

Ela recuou de novo rapidamente

E sem medo desviou-se numa nova direção;

Com toda a dor do mundo

Para os bosques ela se foi embora.

69.

Então foi uma alegria geral ouvir os cães

Quando toda a matilha a encontrou, juntando-se todos.

Tal praguejar diante daquela vista eles lançaram à sua cabeça

Como se todos os rochedos aglomerados se tivessem desmoronado.

Aqui ela foi incitada quando os caçadores vieram ao seu encontro;

Alto ela foi saudada com palavras de censura;

Ali ela foi ameaçada e muitas vezes chamada de ladra

E sempre os matilheiros no seu encalço, que nenhuma demora era possível.

Muitas vezes a perseguiam quando ela para fora se dirigia

E muitas vezes se desviava de novo, assim Renart[295] era manhosa.

E sim, ela levou-os ao engano, o senhor e a sua companhia

Desta forma através das colinas até ao meio da tarde,

Enquanto o cortês cavaleiro em casa dormia salutarmente

Por entre as graciosas cortinas na manhã fria.

Mas a senhora por amor não se deixou dormir

Nem falhar o propósito que tinha no seu coração

Mas levantou-se prontamente e avançou

Num belo manto, comprido até ao chão,

Que estava forrado muito soberbamente com peles bem cortadas.

Nenhuma touca na sua cabeça, apenas as bem esculpidas joias

Postas sobre o seu travessão [de cabelo] em conjuntos de vinte.

A sua bela face e a sua garganta estavam à mostra

O seu peito exposto à frente e atrás também.

Ela veio através da porta do quarto e fechou-a atrás de si;

Abriu completamente uma janela e o cavaleiro chamou

E prontamente assim o censurou com as suas nobres palavras

[295] Referência à obra *Roman de Renart* – em Português a tradução chama-se *Romance de Renart* por isso optei por manter o nome. Ora, em Portugal, temos o *Romance da Raposa* do Aquilino e parece que ele se inspirou na nossa Renart. Não creio que vá chamar Salta-pocinhas a Renart, mas vale a pena mencionar isto na tradução.

Com alegria:

'Ah! Homem como podeis vós dormir?

Esta manhã está tão clara!'

Ele estava num profundo sono perturbado;

Mas então ele a conseguiu ouvir.

70.

Em profundo sono perturbado e a sonhar balbuciava o nobre,

Como um homem que estava perturbado com muitos pensamentos opressivos,

De como o destino devia naquele dia desferir sobre ele o seu Fado

Na capela verde quando ele o cavaleiro encontrasse

E devesse o seu golpe suportar sem nenhuma resistência;

Mas quando a bela senhora veio ele recobrou os sentidos

Depressa despertou do sonho e respondeu apressadamente.

A senhora graciosa veio rindo docemente,

Inclinou-se sobre a sua bela face e graciosamente o beijou.

Ele saudou-a cortesmente com grande alegria.

Ele viu-a tão gloriosa e belamente vestida,

Tão impecável no seu aspeto e de tão finos tons,

Que alegria ardente subiu quente e acalorou o seu coração.

Com cortês e gentil sorriso eles depressa entraram em alegre diálogo

E tudo foi felicidade e alegria o que foi dito entre eles

E gozo.

Eles disseram boas palavras

Muito gozo então houve ali.

Grande perigo entre eles haveria

Se Maria pelo seu cavaleiro não olhasse.

71.

Pois ela, princesa nobre, importunava-o tão continuamente

Pressionou-o tão perto do seu limite que por necessidade ele teria

Ou de aceitar ali o amor dela ou ofensivamente recusar.

Ele importava-se com a cortesia dela, a não ser que fosse grosseiro,
E mais ainda com o desastre para si mesmo, caso ele fosse pecar,
E ser um traidor para com aquele homem que aquela casa tinha:
'Deus me defenda', disse o homem, 'isso não sucederá!'
Com um doce sorriso ele aos poucos recusou
Todas as palavras de carinho que saiam da sua boca.
Disse aquela dama ao cavaleiro: 'Culpa vós mereceis
Se não amais a pessoa que junto a vós se deita,
Diante de todas as mulheres no mundo está ferida no coração,
A não ser que tenhais uma amada, alguém mais querido, de quem gostais mais,
E, tendo dado a vossa palavra a essa nobre senhora, tão firmemente preso,
Que quebrar essa palavra não desejais – e nisso eu creio agora;
E que vós mo digais agora em verdade vos peço
Por todos os amores que existem não escondais a verdade
Por astúcia!
O cavaleiro disse: 'Por São João!'
E gentilmente sorriu.
'Em verdade, eu não possuo nenhuma
Nem alguma possuirei agora.'

72.
'Essas palavras', disse a mulher, 'são o pior de tudo
Mas em verdade tive resposta e dolorosa parece ser.
Beijai-me agora graciosamente e eu irei embora.
Apenas poderei sofrer sobre a terra, como uma mulher que muito ama.'
Suspirando ela inclinou-se e docemente o beijou
E depois ela partiu de junto dele e disse enquanto ali estava:
'Agora, meu querido, nesta partida dai-me esta consolação,
Dai-me algo como vosso presente, a vossa luva pode ser,
Para que vos possa recordar, homem, e diminuir a minha dor.'
'Agora, em verdade', disse aquele homem, 'desejaria aqui ter
A mais adorável coisa para vosso gosto que na minha terra possuo,

Pois tendes merecido, em verdade, muitas vezes com excelência
Mais recompensas por direito do que eu posso oferecer,
A não ser que vos desse por amor algo que valesse pouco;
Não é digno de vós receber neste momento
Uma luva de lembrança como presente de Gawain
E eu estou aqui em demanda por terras desconhecidas
E não tenho servos com bagagem com coisas de valor
(e desagrada-me, senhora!) para vosso gosto neste momento.
Cada homem deve proceder de acordo com as circunstâncias, sem errar
Nem se aborrecer.'
'Não, nobre de elevada honra',
Disse a bela senhora,
'Embora eu não tenha recebido nada de vós,
Vós recebereis algo de mim.'

73.

Ela ofereceu-lhe um rico anel de ouro vermelho[296] feito habilmente
Com uma pedra como uma estrela encrustada nele
Que irradiava brilhantes raios como o luminoso sol;
Eu asseguro-vos, valia riquezas enormes.
Mas o cavaleiro o recusou e prontamente disse:
'Não [aceitarei] presentes, por Deus, minha bela senhora, neste momento,
Não tenho nenhum para retribuir, nenhum aceitarei.'
Ela ofereceu-lho com muito entusiasmo e ele a sua oferta recusou
E jurou prontamente pela sua palavra que ele não o tomaria,
E ela, sentida por ele recusar, disse a seguir:
'Se vós recusais o meu anel, pois muito rico ele aparenta ser
Vós não vos quereis tão grandemente preso a mim
Eu dar-vos-ei a minha faixa e vos dará menos lucro.'
Ela tomou logo um cinto que estava atado à volta da sua cintura,

[296] 'Red gold' é uma liga de ouro e cobre que é chamada por 3 nomes: 'ouro de jóia', 'ouro de 18 quilates' e 'ouro vermelho'.

Cingido sobre a sua túnica por baixo do belo manto.
Composto era de verde seda e com acabamentos em ouro
Apenas trabalhado à volta, bordado à mão
E isto ela ofereceu ao cavaleiro, e alegremente instou
[que] embora sem valor fosse, que ele a quisesse tomar
E ele disse não, que não tocaria de forma alguma
Nem em ouro nem tesouro, antes que Deus a graça lhe desse
De cumprir a aventura que ele tomou ali.
'E assim sendo, peço-vos, não vos desagradeis
E cessai a vossa inoportunidade, pois eu nunca vo-lo irei
Conceder;
Eu estou profundamente em dívida para convosco
Pela vossa benevolência
E para sempre haja o que houver
Serei vosso verdadeiro servo.'

74.
'Agora recusais esta seda', disse a senhora então
'pois é pobre em si mesma? E assim bem parece.
Vede! É pequena e menor em valor
Mas quem soubesse as qualidades que em si estão tecidas
Apreciá-la-ia talvez e daria valor mais elevado;
Pois quem quer que esteja cingido com este cinto verde
Enquanto o tiver bem apertado à sua volta,
Não há cavaleiro sob o céu que o possa matar,
Pois ele não pode ser morto por nada forjado sobre a terra.'
Então ponderou o cavaleiro e pensou no seu coração
Que isto seria precioso no perigo que lhe estava destinado:
Quando ele alcançasse a Capela para o seu destino obter,
Pudesse ele escapar e não morrer, o meio seria esplêndido.
Então ele foi paciente com a inoportunidade dela e permitiu que ela falasse
E ela forçou-o a aceitar e ofereceu-lho sinceramente

E ele concordou e ela deu-lho alegremente
E implorou-lhe, por ela, que nunca o revelasse
Mas que fielmente o escondesse do seu senhor; o homem concordou
Que nunca homem disto saberia, em verdade, a não ser eles os dois,
Em nenhuma circunstância.
Ele agradeceu-lhe muitas vezes sinceramente,
Lealmente de coração e pensamento
Naquele momento pela terceira vez
Ela beijou o cavaleiro tão intrépido.

75.
Então ela partiu e deixou-o ali
Pois mais alegria daquele homem ela não podia obter.
Quando ela partiu, Sir Gawain vestiu-se logo,
Levantou-se e arranjou-se com vestes nobres,
Guardou em segurança a faixa que por amor a senhora lhe dera,
Escondeu-a fielmente onde ele depois a pudesse encontrar.
Depois primeiramente para a capela ele decidiu ir,
Privadamente abordou um padre e pediu que ele ali
Ouvisse a sua confissão e pudesse ensiná-lo melhor
Como a sua alma podia ser salva quando ele partisse.
Ali ele confessou-se limpamente e declarou os seus pecados,
O maior e o mais pequeno, e misericórdia implorou
E absolvição ele para o cavaleiro rogou
E absolveu-o seguramente e pô-lo tão puro
Como se o Dia do Julgamento tivesse sido declarado na manhã.
E depois ele esteve tão contente entre as belas senhoras
Com canções de dançar[297] e todos os tipos de alegria
Como nunca antes daquele dia, até à escuridão da noite,
Em felicidade.
Cada homem ali o

[297] De novo, carol-dances

Admirava e disse: ‘Em verdade,

Assim feliz ele nunca esteve

Desde que chegou aqui, antes de agora.’

76.

Agora deixemo-lo estar naquele abrigo onde o amor lhe toca.

Ainda está o senhor pelas terras conduzindo os seus desportos.

Ele tinha intercetado a raposa que tão longamente perseguira.

Enquanto ele saltava por cima de uma cerca para espiar a vilã,

Ali onde ouvira os galgos que duramente a apressavam,

Renart veio avançando através de um fechado bosque

E toda a matilha à pressa mesmo atrás de si

O homem estava ciente do animal e em guarda o espera

E desembainha a brilhante espada e à fera aponta.

E ela desviou-se da lâmina e teria recuado

[mas] um cão de caça apressou-se para ela e alcançou-a antes que [o] pudesse [fazer]

E mesmo diante das patas do cavalo eles todos a ela se lançaram

E alarmaram esta ardilosa com um ruído de ira.

O senhor rapidamente desmonta e levanta-a logo

Tirando-a rapidamente das bocas dos cães

Segura-a alto sobre a sua cabeça, grita alto,

E ali lhe ladram muitos cães de caça zangados.

Os caçadores apressaram-se ali com muitas trompas

Sempre soando propriamente até que viram o senhor.

Quando veio a sua nobre companhia

Todos quantos possuíam corneta a fizeram logo soar

E todos os outros que não tinham trompas gritaram

Foi o mais alegre latir que o homem alguma vez ouviu

O rico ruído que ali houve erguido pela alma de Renart

Com clamor.

Os seus cães de caça ali eles recompensam

As suas cabeças eles acariciam e afagam;

E depois eles tomam Renart

E arrancam a sua pele.

77.

E depois eles foram para casa pois era quase noite
Fazendo grande e robusto som nas suas poderosas trompas
O senhor desmontou por fim na sua amada casa,
Encontrou uma lareira no salão, o homem junto a ela,
Sir Gawain o bom, que completamente feliz estava,
Entre as senhoras por amor ele tinha muita alegria;
Ele vestia um rico manto azul que tocava o chão,
O seu sobretudo servia-lhe bem e era forrado suavemente
E o seu capuz do mesmo tom caía sobre os seus ombros,
Todos adornados de branco pelo eram ambos a toda a volta.
Ele encontrou pois este bom homem no centro do salão
E todo prazenteiro o saudou e graciosamente disse:
'Agora eu serei o primeiro a satisfazer o nosso pacto,
Que para nossa boa fortuna fizemos, quando poupada não foi a bebida.'
Então abraçou ele o cavaleiro e beija-o três vezes
Com tanto prazer e vigorosamente como ele [os beijos] lhe podia dar.
'Por Cristo', disse o outro cavaleiro, 'recebestes grande fortuna
Obtendo esses ganhos, se tiverdes feito um bom negócio.'
'Sim, o preço não importa,' disse rapidamente o outro,
'Pois claramente está paga a troca que eu devia'.
'Por Maria!' disse o outro homem, 'os meus são inferiores
Pois cacei todo este dia e nada consegui obter
Sem ser esta odiosa pele de raposa – que o Diabo fique com ela! –
E isto é muito pobre para pagar por tais coisas preciosas
Como as que vós me tendes dado aqui, três tais beijos
Tão bons.'
'Já chega', disse Sir Gawain
'Eu agradeço-vos, pela Cruz.'
E como a raposa foi morta

Ele contou-lhe enquanto ali estavam.

78.

Com alegria e poesia dos menestréis, com carnes à sua disposição
Tanta alegria fizeram como é possível ao ser humano –
Com o riso das senhoras, com palavras de brincadeira
Gawain e o bom homem tão contentes estavam os dois –
A não ser que a companhia tivesse perdido a cabeça ou bêbados estivessem.
Tanto o homem como a sua casa fizeram muitas brincadeiras
Até chegar a hora em que se tinham de separar;
Os homens para as suas camas tinham de ir por fim.
Então com deferência licença ao senhor primeiro
Pediu este nobre homem e graciosamente lhe agradeceu:
'Por tal excelente estadia como eu tive aqui,
Pela vossa honra neste grande festim o Alto Rei vos recompense!
Eu me coloco como um dos vossos, se for do vosso agrado,
Pois eu tenho necessidade, como sabeis, de ir amanhã
E se me derdes alguém que me mostre, como haveis prometido
O caminho para a Capela Verde, assim Deus me permita
Receber no dia de Ano Novo o julgamento do meu destino.'
'Em boa fé', disse o bom homem, 'alegremente
A tudo o que alguma vez vos prometi eu estou pronto.'
Ali destinou ele um servo para o levar ao caminho
E conduzi-lo pelas colinas, para que ele atraso não tivesse,
Para que cavalgasse através dos bosques e avançasse pelo caminho mais direto
Pelo mato.
Ao senhor Gawain agradeceu
Por tal favor ele lhe mostrar;
Então daquelas senhoras nobres
O cavaleiro se foi despedir.

79.

Com tristeza e beijos ele lhes falou

E abundantes e sentidos agradecimentos ele instou que aceitassem,

E elas logo lhe responderam da mesma forma;

Elas entregaram-no a Cristo com muitos tristes suspiros.

Depois da assembleia ele com cortesia se despediu,

A cada homem que encontrou ele deu o seu agradecimento

Pelo seu serviço e delicadeza e o seu gentil esforço,

Que eles com solicitude tinham à sua volta para servir;

E cada homem estava triste de se separar dele ali

Como se tivessem vivido em honra sempre com aquele nobre.

Então com homens e luz ele foi levado para o seu quarto

E docemente trazido para a sua cama para o seu descanso.

Se ele dormiu profundamente não me atrevo a dizer

Pois ele tinha muito na manhã em que matutar se quisesse

No pensamento.

Deixai-o ficar deitado ali quieto

Ele tem próximo o que procurou

E se vós por um momento aguardardes

Contar-vos-ei como eles agiram.

Canto IV

80.

Agora aproxima-se o Ano Novo e a noite passa.

O dia afasta a escuridão, como Deus ordena

Mas os ferozes climas do mundo acordam lá fora,

As nuvens lançam amargamente o frio sobre a terra

Com muita amargura do Norte para os nus atormentar;

A arrepiada neve caía amargamente e cruelmente mordia os animais selvagens;

O vento uivante apressava-se das alturas,

E circula por cada vale cheio de flocos de neve muito grandes.

O cavaleiro ouvia bem, deitado na sua cama,

Embora fechasse as suas pálpebras muito pouco ele dorme;

Por cada galo que canta ele lembra-se de que está no dia marcado.

Rapidamente ele se vestiu, antes que o dia despontasse
Pois havia luz de uma lâmpada que brilhava no seu quarto;
Chamou o seu camareiro, que prontamente lhe respondeu,
E pediu que lhe trouxesse a sua cota de malha e a sela do seu cavalo.
O outro auxiliou-o e trouxe-lhe o seu equipamento,
E vestiu Sir Gawain com roupa magnífica.
Primeiro ele vestiu-o com as suas roupas para afastar o frio
E depois a sua armadura que tinha sido cuidada fielmente,
Tanto a parte de cima como as placas, polidas a brilhar,
Os anéis livres de ferrugem na sua rica cota de malha;
E tudo estava limpo como novo, e ele ali estava desejoso
De agradecer.
Ele colocou cada peça
Muito bem polida e bela.
O mais belo daqui à Grécia
O cavaleiro pediu que trouxessem o seu cavalo.

81.

Enquanto a mais nobre parte do seu equipamento ele colocava em si mesmo –
O seu manto com a divisa de claro bordado
Adornado sobre veludo com joias de virtude especial,
À volta colocadas e adornadas com costuras bordadas,
E belamente forrado por dentro com pelo de qualidade –
No entanto ele não omitiu o cinto, o presente da senhora,
Isso Gawain não esqueceu para o seu próprio bem.
Quando ele tinha colocado à cintura a espada sobre a anca robusta,
Então ele o seu penhor de amor duas vezes à sua volta enlaçou,
Rapidamente o apertou à volta da sua cintura com prazer o cavaleiro
A faixa de verde seda e muito bem ela ficava
Sobre aquele real tecido vermelho que era nobre de contemplar.
Mas ele não usava pela riqueza esta faixa,
Por orgulho dos pingentes, embora polidos estivessem

Nem pelo brilhante ouro resplandecente nas pontas,
Mas para se salvar a si mesmo, quando tivesse de sofrer,
Enfrentar a morte sem lhe resistir com a espada [ou] defender-se
Com outra lâmina.
Quando estava pronto o valente homem
Saiu para fora rapidamente;
A todos os nobres daquela casa
Agradeceu abundantemente.

82.
Então Gringolet foi tratado, que era grandioso e enorme
E tinha estado no estábulo a seu gosto e em segurança,
Deseja estar pronto para galopar então o altivo cavalo.
O cavaleiro veio até ele e olhou para o seu pelo
E disse que solenemente ele mesmo (e pela sua palavra) jurava:
'Aqui está uma companhia neste castelo que cuida da honra.
O homem que os lidera, alegria possa ter;
A amada senhora nesta vida o amor lhe aconteça;
Se eles por caridade estimaram um convidado
E governam com honra, o Senhor os recompense
Que sustem o céu sobre a terra, e a vós todos também!
E se eu puder vida sobre a terra ter mais um pouco
Deveria dar-vos alguma recompensa de bom grado, se puder!'
Então subiu para o estribo e montou o cavalo
O seu homem mostrou-lhe o seu escudo e ao ombro o recebeu
Picou Gringolet com as suas esporas douradas
E ele saltou para a frente no chão de pedra e ficou, não mais
Se empinando.
O seu homem a cavalo estava então
E levava a sua lança e elmo.[298]

[298] Um dos erros da cópia apontados por tradutores como Tolkien – 'spere and launce' tem de se traduzir como lança e elmo porque são estes dois objetos que o servo entraga a Gawain mais tarde.

‘Este castelo a Cristo eu confio’

E desejou-lhe para sempre boa fortuna.

83.

A ponte levadiça foi descida e os amplos portões

Destrancados e abertos para trás em ambos os lados

O homem rapidamente se benzeu e as tábuas atravessou –

Elogia o porteiro que diante do príncipe ajoelhou,

Deu-lhe os bons dias e [pediu] que Gawain Deus salve –

E foi pelo seu caminho com o seu único homem,

Que deveria ensiná-lo a ir para aquele lugar perigoso

Onde o doloroso golpe ele deveria receber.

Eles avançam por estradas onde os ramos estão nus;

Sobem precipícios onde o frio permanece.

Os céus estão altos mas ali por baixo deles o ameaçador

Nevoeiro molha a charneca, descongela nas montanhas.

Cada colina tem um chapéu, um enorme manto de nevoeiro.

Os riachos borbulham e espumam à volta das encostas

Precipitando-se brilhantes nas margens onde para baixo avançam;

Muito selvagem era o caminho por onde nos bosques tinham de ir

Até que logo chegou a altura em que o sol nasceu

Naquele dia.

Eles estavam numa colina muito alta

A branca neve ao seu lado estava.

O homem que ao seu lado cavalgava

Pediu ao seu amo que esperasse.

84.

‘Pois eu vim convosco até aqui, cavaleiro, neste momento

E agora não estais longe daquele lugar famoso

Que vós procurastes e pelo qual inquiristes tão particularmente;

Mas eu vou dizer-vos em verdade, pois vos conheço

E vós sois um senhor sobre a terra que eu muito amo

Se seguísseis o meu conselho correr-vos-ia melhor.
O lugar pelo qual passais é governado pelo perigo
Ali habita um cavaleiro naquele ermo, o pior sobre a terra,
Pois ele é robusto e austero e ama atacar,
E mais forte é do que qualquer homem neste mundo,
E o seu corpo maior do que os melhores quatro
Que estão na casa de Artur, ou Heitor, ou outros.
Ele faz como lhe apetece na Capela Verde
Não passa ninguém por aquele lugar tão orgulhoso nas suas armas
Que ele não atinja de morte com um golpe da sua mão;
Pois ele é um homem implacável e misericórdia não pratica
Pois seja vilão ou capelão que pela capela cavalgue,
Um monge ou um padre, ou outro homem qualquer
Ele julga ser tão agradável matá-lo logo como ele próprio estar vivo
Por isso eu digo-vos, tão certo como vós estardes na sela montado,
Se fordes ali, sereis morto se o cavaleiro decidir,
Confiai em mim [é] verdade, mesmo que tivésseis vinte vidas
Para gastar.
Ele habita aqui desde há muito
Tem trazido muita dor em batalha
Contra os seus golpes dolorosos
Não vos podeis defender.

85.
Por esta razão, bom Sir Gawain, deixai o homem em paz
E ide por outro caminho, pelo amor de Deus!
Cavalgai por outra terra e ali Cristo vos faça prosperar.
E eu partirei para casa de novo e para além disso vos prometo
Que jurarei por Deus e todos os seus bons santos,
Assim me ajude Deus e o Espírito Santo e muitos juramentos,
Que eu fielmente guardarei o vosso segredo e nunca direi palavra
Sobre vós terdes alguma vez avançado para fugir de algum homem que eu saiba.'

‘Muito obrigado’, disse Gawain e, com alguma pena disse:
‘Que a sorte sempre vos sorria, homem, que quereis o meu bem,
E guardaríeis o meu segredo, eu creio que vós o faríeis.
Mas mesmo que o escondêsseis bem escondido e eu daqui partisse
Por medo impelido a fugir, da forma que vós dissestes,
Eu seria um cavaleiro cobarde e não poderia ter perdão.
Mas eu irei à capela, para o destino que possa calhar
E direi àquele mesmo cavaleiro as palavras que me apeteça,
Corra bem ou mal, como o destino preferir
Que tenha.
Embora ele seja um duro homem
De enfrentar e esteja ali com uma arma
Muito bem pode Deus conseguir
Os seus servos salvar’.

86.
‘Por Maria!’ disse o outro homem, ‘agora tornastes claro
Que quereis o vosso próprio mal trazer a vós mesmo
E vos agrada perder a vossa vida, atrasar-vos eu não vou.
Tomai aqui o vosso elmo na vossa cabeça, a vossa lança na vossa mão
E cavalgai descendo este mesmo caminho por aquela encosta rochosa
Até que chegueis ao fundo do vale selvagem;
Aí olhai um pouco para o campo verde, à vossa esquerda
E vereis nesse vale a mesma capela
E o homem maciço ali no campo que ele guarda.
Agora, até sempre, em nome de Deus, Gawain, o nobre!
Por todo o ouro do mundo eu não iria convosco
Nem seria vossa companhia por esta floresta por nem mais um passo.’
Com isto para o bosque o homem virou as suas rédeas
Picou o cavalo com as esporas tão fortemente quanto podia
Fê-lo galopar sobre o campo verde e deixou o cavaleiro ali
Sozinho.

‘Por Deus’, disse Gawain,
‘Eu não chorarei nem lamentarei
À vontade de Deus muito obedeço
E a Ele estou entregue.’

87.

Então ele pôs as esporas em Gringolet e tomou o caminho
Avançou por ele através de uma encosta por um mato lateral
Cavalgou pelo árduo lado da montanha mesmo até ao vale.
E então ele olhou à sua volta e pareceu-lhe ermo
E não viu nenhum sinal de abrigo à sua volta em nenhum lugar,
A não ser altas ladeiras e escarpadas em ambos os lados
E ásperas escarpas com protuberâncias e rochas irregulares.
Os céus eram arranhados pelas rochas salientes, parecia-lhe.
Ali ele parou e refreou o seu cavalo naquele momento
E muitas vezes se voltou para um lado e para o outro para procurar a capela.
Esta ele não viu em lado algum e estranho lhe pareceu.
Tirando um pequeno caminho num campo verde, um outeiro,
Um monte elevado na encosta perto de uma margem de água
Ao lado do canal de um riacho que corria ali;
O riacho borbulhava ali como se estivesse a ferver.
O cavaleiro apressou o seu cavalo e chegou ao outeiro
Desmontou graciosamente e a uma árvore prendeu
As rédeas e o seu nobre cavalo a um ramo áspero.
Então ele dirigiu-se ao outeiro, à sua volta andou,
Pensando para si o que poderia aquilo ser:
Tinha um buraco no fim e em cada um dos lados
E por todo o lado estava coberto de erva às camadas
E era todo vazio por dentro, era apenas uma velha caverna,
Ou uma fissura numa velha rocha escarpada, ele não a conseguia descrever
Por palavras.
‘Ah! Senhor’, disse o gentil cavaleiro,

‘Poderá isto ser a capela verde?

Aqui podia à meia-noite

O diabo as suas matinas dizer!’

88.

‘Agora, em verdade’ disse Gawain, ‘aqui é uma desolação

Este oratório é mau, coberto de ervas

Fica bem ao homem coberto de verde

Cumprir aqui a sua devoção à maneira do diabo

Agora eu apercebo-me com os meus cinco sentidos de que é o [próprio] Diabo

Quem me impôs este encontro para me destruir aqui.

Esta é uma capela do infortúnio, que má sorte lhe calhe!

É a mais amaldiçoada igreja em que alguma vez entrei!’

Com o alto elmo na sua cabeça, a sua lança na sua mão,

Ele avançou para o telhado daquele áspero lugar.

Então ele ouviu da alta colina, numa dura rocha

Para lá do riacho, numa encosta, um espantoso e alto som.

Estrepitava no precipício, como se este se fosse partir,

Como se alguém numa pedra de amolar afiasse uma gadanha.

Sussurrava e arranhava como água num moinho,

Apressava-se e soava pesaroso de ouvir.

Então ‘Por Deus!’ disse Gawain, ‘estes feitos, penso eu

São com intenção de me honrar a mim, cavaleiro, para [me] saudar

Com cerimónia!

Seja o que Deus quiser! Pois bem –

Isso não me ajuda nem um pouco.

Embora eu entregue a minha vida

Nenhum som me mete medo.

89.

Então o cavaleiro chamou muito alto:

‘Quem é o senhor neste lugar que vem ao meu encontro?

Pois agora é o bom Gawain que aqui mesmo caminha.
Se alguém quer alguma coisa, venha aqui depressa,
Ou agora ou nunca, os seus assuntos resolver.'
'Esperai', disse alguém na encosta acima da sua cabeça
E rapidamente ainda se precipitou para aquele barulho por um tempo
E afastou-se para afiar antes de querer descer
E depois avançou por uma escarpa e veio de um buraco,
Rodopiando para fora de um recanto com uma arma assustadora;
Um machado dinamarquês feito de novo, para devolver o golpe,
Com uma lâmina enorme curvada para trás em linha com o cabo,
Afiada num amolador com quatro pés de largura[299] –
Não media menos naquela correia que brilhava muito luminosa –
E o homem de verde vestido como anteriormente,
Tanto na cara como nas pernas, as madeixas e a barba,
Exceto que bem nos seus pés ele acelera pelo chão
Coloca o cabo nas rochas e acompanha-o com passo imponente.
Quando ele chegou à água, onde não pisava,
Ele saltou por cima dela no seu machado e agressivamente andou a passo largo
Robusta e violentamente num campo que à volta era amplo,
Com neve.
Sir Gawain (com) o homem (se) encontrou
E não o saudou nem vénia lhe fez.
O outro disse, 'Agora, bom senhor,
Pode confiar-se em vós para desafios.'

90.
'Gawain', disse o cavaleiro verde, 'Deus vos proteja!
Em verdade, sois bem vindo, sir, à minha casa
E vós medistes o tempo da vossa viagem como um homem de confiança
E sabeis o pacto que foi acordado entre nós:
Há doze meses atrás vós tomastes o que vos calhou

[299] Mais ou menos 1,20m

E eu devo neste Ano Novo fazer-vos quites.
E nós estamos neste vale verdadeiramente a sós
Aqui não há homens para nos separar, combateremos como quisermos.
Tirai o vosso elmo da cabeça e recebei aqui o vosso pagamento.
Não me ofereçais mais resistência do que aquela que vos ofereci então
Quando vós cortastes a minha cabeça com um golpe único.'
'Não, por Deus', disse Gawain, 'que me deu a alma,
Eu não vos mostrarei má vontade nenhuma pela dor que se segue.
Mas limitai-vos a um golpe apenas e eu permanecerei quieto
E não vos oferecerei nenhum impedimento a que ajais como quiserdes,
De forma alguma.'
Ele inclinou o pescoço e dobrou-se
E mostrou a carne toda nua,
E agiu como se não temesse
Por medo não se acobardaria.

91.
Então o cavaleiro de verde preparou-se rapidamente,
Ergueu a sua cruel arma para golpear Gawain;
Com toda a força no seu corpo ele levantou-a ao alto
Ensaiou um golpe tão forte como se o fosse destruir,
Tivesse ela caído com tanta força como ele queria
Ali teria morrido com este golpe o mais bravo que alguma vez existiu.
Mas Gawain para aquela bisarma ao seu lado espreitou,
Enquanto esta descia voando para o chão para o destruir,
E encolheu-se um pouco com os ombros diante da arma afiada.
O outro homem com um movimento brusco a brilhante lâmina travou
E então repreendeu o príncipe com muitas palavras orgulhosas:
'Vós não sois Gawain,' disse o cavaleiro, 'que é tão bem tido em conta
Que nunca se amedrontou diante de guerreiros nem nos montes nem nos vales,
E agora encolheis-vos com medo antes de sentirdes qualquer ferimento!
De tal cobardice nesse cavaleiro nunca ouvi falar

Nem me retraí eu nem hesitei, homem, quando vós fizestes pontaria
Nem levantei nenhuma objeção na casa do Rei Artur
A minha cabeça voou para os meus pés e no entanto nunca fugi;
E vós, antes de algum ferimento ter, vacilais no coração,
E assim o melhor homem eu devo ser chamado
Por isso.'
Disse Gawain, 'Eu encolhi-me uma vez,
E mais não o farei;
Mas mesmo que a minha cabeça caia sobre as pedras,
Eu não a posso restaurar.'

92.

'Mas despachai-vos, senhor, pela vossa honra e ide direto ao assunto,
Dai-me o meu destino e fazei-o imediatamente
Pois eu aguentarei de vós um golpe e não mais hesitarei
Até o vosso machado me tiver acertado: tomai aqui a minha palavra.'
'Deixai-me chegar a vós, então!' disse o outro e ergueu-o alto
E olhou-o tão cheio de ira como se estivesse furioso
Ele apontou-lhe a arma com força, mas no homem não tocou
Travando vigorosamente a sua mão, antes que ferir pudesse.
Gawain, como devia, por ela esperou e nenhum membro mexeu,
Mas aguentou quieto como uma rocha ou como o cepo de uma árvore
Que está entrelaçado em chão rochoso com cem raízes.
Então jocosamente de novo ele disse, o homem de verde:
'Então, agora vós tendes o vosso coração inteiro, um golpe devo dar.
Que vos sustente agora a alta ordem[300] que Artur vos concedeu,
E preserve o vosso pescoço deste golpe, se assim o puder.'
Gawain cheio de ira, zangado, disse:
'Ah! Atacai à vontade, homem feroz, ameaçais há muito;
Eu acho que o vosso coração vacila dentro de vós.'
'Em verdade,' disse o outro homem, 'tão audazmente falais

[300] De cavalaria

E não mais à espera deixarei a vossa demanda

Agora.'

Então tomou ele a sua posição para atacar,

E franziu sobrolho e lábios

Nenhum espanto no entanto que a Gawain[301] desgoste

Ele que não esperava nenhuma salvação.

93.

Ele rapidamente ergueu a sua arma e deixou-a cair habilmente

Com a ponta da lâmina para o pescoço nu;

Embora ele tenha desferido o golpe com vigor, não o feriu mais

Do que o atingir num lado e cortar a pele.

A lâmina entrou na carne superficialmente

E o brilhante sangue pelos seus ombros se derramou pelo solo;

E quando o cavaleiro viu o sangue a brilhar na neve,

Ele saltou para fora com os pés juntos mais do que a distância de uma lança,

À pressa tomou o seu elmo e na sua cabeça o colocou,

Trouxe o seu belo escudo para baixo abanando os ombros,

Brandiu uma brilhante espada e audazmente ele falou –

Nunca desde que ele tinha nascido da sua mãe

Tinha ele neste mundo sido um homem tão feliz –

'Cessai, Sir, os vossos golpes, não me ofereçais mais!

Eu recebi um golpe neste local sem resistência

E se vós me oferecerdes mais, eu prontamente vos pagarei

E prontamente devolverei de volta – e disso estai certo –

E ferozmente.

Mas um golpe aqui me calhou –

O pacto assim o determinou,

Confirmado no salão de Artur –

E assim sendo, bom senhor, agora parai!'

[301] O texto diz 'o' mas sentimos ser necessário o nome para desambiguar.

94.

O cavaleiro desviou-se dele e ao seu machado se encostou

Colocou o cabo sobre o solo e inclinou-se sobre a cabeça do machado

E olhou para o homem que no campo estava,

Como aquele bravo, sem medo, audazmente ali permanecia

Armado e sem receio: no seu coração agradou-lhe.

Então ele falou alegremente com uma voz poderosa

E com um som alto ao cavaleiro disse:

'Audaz cavaleiro, neste campo não sejais tão feroz.

Ninguém aqui sem maneiras vos maltratou,

Nem se comportou [mal convosco] exceto como no pacto que foi feito na corte do rei.

Eu prometi-vos um golpe e vós o recebestes, considerai-vos bem pago;

Eu liberto-vos de quaisquer outros direitos remanescentes.

Se eu mais enérgico tivesse sido, um golpe talvez

Podia mais duramente ter dado, e trazer-vos mal.

Primeiro eu ameacei-vos a brincar com apenas um ensaio,

E não vos abri nenhuma ferida, com direito eu vos ofereci

Pelo pacto que fizemos na primeira noite,

E vós fielmente e verdadeiramente a vossa palavra comigo mantivestes,

Todos os ganhos me destes como um bom homem devia.

O outro ensaio de golpe pela manhã, homem, eu vos ofereci

[quando] vós beijastes a minha graciosa mulher – os beijos me oferecestes

Pelos dois aqui eu apenas vos ofereci dois meros ensaios

Sem ferimento.

O homem honesto honestamente repara

Aí o homem não precisa de temer o perigo.

Ao terceiro [dia] vós ali falhastes,

E por essa razão aquele pequeno golpe vós recebestes.'

95.

'Pois é a minha peça que envergais, essa mesma faixa urdida

A minha própria mulher vo-la deu, eu o sei bem

Agora sei bem dos vossos beijos e também do vosso comportamento
E da vossa corte à minha mulher: urdi-a eu mesmo.
Mandei-a para vos testar e parecestes-me verdadeiro
Um dos cavaleiros mais perfeitos que alguma vez andaram sobre a terra
Como a pérola que diante do grão-de-bico tem mais valor,
Assim é Gawain, em verdade, diante dos outros belos cavaleiros
Mas nisto estivestes um pouco aquém, Sir, e em lealdade falhastes.
Mas isso não foi por artístico objeto nem por nenhuma corte
Mas porque amáveis a vossa vida: menos vos culpo.'
O outro bravo homem pensativo permaneceu um longo momento.
Tão dominado pela mortificação que estremeceu por dentro,
Todo o sangue do seu peito subiu à sua face
E todo ele se encolheu de vergonha diante do discurso do homem.
As primeiras palavras sobre o campo que o cavaleiro disse:
'Malditas sejam ambas a cobardice e a avareza!
Em vós está a vilania e o vício que destroem a virtude.'
Depois ele tomou o nó e o laço desfez
Lançou com ferocidade o cinto ao próprio cavaleiro:
'Vede! Aí [está] o falso objeto, que o mal lhe calhe!
Por preocupação com o vosso golpe a cobardice indicou-me o caminho
Para consentir em avareza, a esquecer o meu caráter por natureza
Que é a generosidade e a lealdade que pertencem aos cavaleiros.
Agora sou imperfeito e falso, eu que sempre medo tive
Da traição e da falta de palavra: ambas trazem tristeza
E pesar.
Eu confesso-vos, cavaleiro, humildemente,
Todo imperfeito é o meu comportamento.
Deixai-me ganhar de novo a vossa boa vontade
E depois eu tomarei cuidado.'

96.

Então riu o outro homem e amigavelmente disse:

‘Eu considero com certeza reparado o mal que tive.
Vós confessastes-vos tão puramente, admitistes as vossas falhas,
E tivestes a penitência clara da ponta da minha lâmina,
[que] eu considero-vos purgado dessa ofensa e purificado tão limpamente
Como se nunca tivésseis cometido pecado desde que nascestes;
E dou-vos, Sir, a faixa que tem ouro nas costuras,
Pois ela é verde como a minha veste. Sir Gawain, vós podereis
Pensar nesta mesma disputa quando vós avançardes
Entre príncipes de alto valor e este será um símbolo nobre
Da aventura da Capela Verde com os cavaleiros corteses.
E vós neste Ano Novo [ireis] de novo à minha casa
E nós festejaremos no que resta desta rica época
Com muito prazer.’
Ali convidou-o com insistência o senhor
E disse: ‘Com a minha mulher, eu sei,
Iremos reconciliar-vos bem,
Ela que foi vossa amarga inimiga.’

97.
‘Não, de facto,’ disse o cavaleiro e tomou o seu elmo,
E colocou-o com propriedade, e agradeceu o cavaleiro:
‘Eu permaneci tempo suficiente; que a felicidade vos calhe
E Ele vos pague completamente, que comanda todas as honras.’
E dai o meu cumprimento àquela graciosa senhora, vossa bela mulher,
Tanto a ela como àquela outra, as minhas damas honradas,
Que assim o seu cavaleiro com os seus truques habilmente enganaram.
Mas não é espantoso que um tolo aja loucamente,
E através dos ardis das mulheres seja levado ao sofrimento,
Pois assim foi Adão na terra por uma enganado,
E Salomão por várias mulheres e Sansão também –
Dalila deu-lhe o seu destino – e David depois
Foi cegado por Betsabé, e muita dor sofreu.

Assim, estes foram levados à perdição pelos seus ardis; seria um grande ganho
Amá-las muito e não acreditar nelas, se um homem assim puder,
Pois estes foram os mais nobres do antigamente, que tiveram toda a prosperidade,
Excelentes entre todos os outros que sob o céu
Viviam.
E todos eles foram iludidos
Por mulheres que eles conheceram.
Embora eu seja agora enganado
Penso que devia ser desculpado.'

98.

'Mas a vossa faixa', disse Gawain, 'Deus vo-la pague!
Essa eu vou usar de boa vontade, não pelo belo ouro,
Nem pela faixa, nem pela seda, nem pelos longos pendentes,
Nem pela riqueza, nem pela honra de a possuir, nem pela gloriosa feitura,
Mas como penhor da minha transgressão eu a contemplarei muitas vezes,
Quando cavalgar em glória, lembrar-me-ei com remorso
Da falta e da fragilidade da carne perversa
Quão suscetível é ela de apanhar as manchas da impureza;
E assim, quando o orgulho me agitar pela proeza de armas
O olhar para este penhor de amor fará humilde o meu coração.
Mas uma coisa eu vos pediria, se não vos desagradar:
Já que sois o senhor daquela terra além onde eu permaneci alojado
Convosco com honra – que Ele vos recompense,
Que mantém o céu e no alto tem o seu lugar –
Como anunciais o vosso nome verdadeiro? E depois nada mais [vos peço]'.
'Isso eu vos direi verdadeiramente', disse o outro então,
'Bertilak de Hautdesert eu sou chamado nesta terra.
Pelo poder de Morgan Le Fay, que na minha casa habita,
E capacidades mágicas, por artes bem aprendidas
Das artes de Merlin muitas aprendeu –
Pois ela teve uma relação amorosa muito agradável durante algum tempo

Com aquele excelente feiticeiro, que conhecem todos os vossos cavaleiros

Em casa;

Morgan a deusa

Assim é o seu nome;

Ninguém tem tão grande orgulho

Que ela não consiga todo dominar.

99.

Ela mandou-me desta forma ao vosso belo salão

Para testar o orgulho, se seria verdade aquilo

Que corre do grande renome da Távola Redonda;

Ela trouxe-me este prodígio para vos retirar a razão,

Para que Guinevere fosse ferida e causar que ela morresse

Com medo daquele mesmo cavaleiro que falava como um fantasma

Com a sua cabeça na mão diante da grande mesa.

É ela que está em casa, a dama anciã,

Ela é de facto vossa tia, meia-irmã de Artur,

Filha da Duquesa de Tintagel, na qual o nobre Uther depois

Gerou Artur, que agora é nobre.

Assim sendo, eu suplico-vos, cavaleiro, que venhais à vossa tia

Fazei festa na minha casa; a minha companhia ama-vos

E eu também vos quero bem, cavaleiro, pela minha palavra,

Como qualquer homem sob Deus, pela vossa grande lealdade.'

E ele disse-lhe que não, que não iria de nenhuma forma.

Eles abraçaram-se e beijaram-se e ambos se encomendaram

Ao Príncipe do Paraíso e separaram-se ali mesmo

No solo cheio de neve.

Gawain no cavalo muito belo

Para o castelo do rei se apressou valente,

E o cavaleiro no brilhante verde

[foi] para onde quis.

100.

Caminhos selvagens do mundo assim atravessa Gawain,
A quem a Graça tinha mantido a vida, montado em Gringolet.
Muitas vezes em casa foi acolhido e muitas ao relento
E muitas aventuras a caminho e muitas vezes venceu,
Que não tenho intenção neste momento no relato de contar.
Ficou curado o ferimento que ele teve no seu pescoço,
E o brilhante cinto ele usava à sua volta
Obliquamente como um cinturão preso no seu lado
Enlaçado debaixo do seu braço esquerdo, a faixa, com um nó,
Como penhor de ele ter sido detetado na mancha da falta.
E assim ele chegou à corte em segurança.
Ali despertou o prazer naquela casa quando os senhores souberam
Que o bom Gawain tinha chegado; boas novas eles acharam.
O rei beijou o cavaleiro e a rainha também
E depois muitos veros cavaleiros que o procuraram para o saudar
Sobre a sua fortuna lhe perguntam; e ele conta as maravilhas,
Declara todas as provações que teve,
A aventura na capela, o comportamento do cavaleiro,
O amor da senhora, a faixa por fim.
A pequena ferida no pescoço nu ele lhes mostrou
Que ele teve pela sua falta de lealdade às mãos do cavaleiro
Como reprimenda.
Ele sofreu um tormento quando teve de contar,
Lamentou-se com dor e mortificação.
O sangue à sua face subiu
De vergonha quando teve de a mostrar.

101.

‘Vede! Senhor,’ disse o homem, e a faixa entregou,
‘Este é o cinto desta culpa que carrego no meu pescoço,

Esta é a ferida e o estrago que recebi
Da cobardia e avareza que ali apanhei;
Este é o penhor da falta de lealdade em que fui detetado
E devo usá-lo enquanto eu durar;
Pois um homem pode esconder a sua má fortuna, mas não a pode desenlaçar,
Pois onde ela é atada nunca se poderá desunir.'
O rei confortou o cavaleiro e toda a corte também;
Riram alto com aquilo e resolveram com alegria
Os senhores e as senhoras que pertenciam à Távola,
Que cada cavaleiro da irmandade um cinturão devia ter,
Uma faixa à sua volta obliquamente de brilhante verde,
E essa, por amor àquele cavaleiro, como uniforme usar
Pois essa foi decidida ser a distinção da Távola Redonda;
E depois sua seria a honra de quem a usasse para sempre
Como está escrito nos melhores livros de romance.
Assim nos dias de Artur esta aventura se deu,
O livro de Brutus disto é testemunha;
Desde que Brutus, o cavaleiro audaz, chegou primeiro [aqui]
Depois do cerco e do assalto terem cessado em Tróia
Eu creio,
Muitas maravilhas antes de agora
Aconteceram do mesmo tipo antes desta.
Assim Aquele que a coroa de espinhos [teve] agora
Nos leve à Sua felicidade! AMEN

HONY SOYT QUI MAL PENCE

ANEXO 3

Teste Equivalência Dinâmica – Enunciado do Teste

1. Leia, por favor, o seguinte excerto de uma tradução para língua portuguesa de um texto:

Quando o cerco e o assalto cessaram em Tróia
E a fortaleza caiu ardendo em tições e cinzas,
O traidor cujo maquiavélico engano aí habitava
Foi julgado pela sua traição, a maior sobre a terra
Quando Eneias o nobre e os seus de renome
Terras subjugaram e senhores se tornaram
De praticamente toda a riqueza das Ilhas do Oeste.
Quando o real Rómulo para Roma a sua estrada tomou
Em grande pompa e orgulho primeiro a povoou
E o seu nome lhe deu que ainda hoje possui;
Tício foi para a Toscânia e cidades fundou
Longabarba na Lombardia muralhas ergueu
E para lá das águas francesas Félix Brutus
Em extensas margens a Bretanha fundou
Com alegria
Onde guerra e dor e maravilha
Muitas vezes por aquela terra passaram
E tanto o erro como a felicidade
Desde então entre si alternaram.

E quando a bela Bretanha foi fundada por este famoso senhor
Homens corajosos lá nasceram que em batalha se alegraram
E muitas vezes em tempos que vieram eles perigos provocaram.
Neste reino mais maravilhas foram vistas pelos homens
Do que noutro que eu conheça desde aquele tempo antigo,
Mas de todos aqueles que reinaram como reis da Bretanha
Foi Artur o mais honrado, como ouvi os homens contar.
Por essa razão uma maravilha entre os homens eu quero recordar
Uma visão estranha de contemplar para alguns
Uma das mais loucas aventuras das maravilhas de Artur.
Se ouvirem este lai por um pouco agora,
Eu contá-lo-ei agora como na cidade
O ouvi contar
Como ficou fixado e cunhado
Em história corajosa e arrojada
Em verdadeiras letras ligada
Nesta terra de longo passado.

2. Responda, por favor, às seguintes questões, tendo em conta a leitura que acabou de fazer:

2.1. Na sua opinião, este é um texto moderno ou antigo? Porquê?

_____

_____

_____

2.2. De que acontecimentos se falam no texto?

2.3. Na sua opinião, um leitor de poesia dos dias de hoje compreenderia todo o conteúdo do texto? Porquê?

3. Leia, por favor, o seguinte excerto, que é uma tradução alternativa dos primeiros 4 versos do texto acima citado:

Quando o cerco e o assalto a Tróia terminaram
E o forte caiu ardendo até às cinzas,
O traidor que lá tinha o maldoso plano
Foi julgado pela sua traição, que foi a maior sobre a terra.

4. Responda à seguinte questão, tendo em conta o texto que acabou de ler:

4.1. Na sua opinião, quais as principais diferenças entre o texto apresentado no ponto 3. e o texto do ponto 1. ?

5. Por favor, leia atentamente o texto que se segue, que é a tradução dos mesmos primeiros quatro versos em prosa:

Quando cessaram o cerco e o assalto a Troia, e a fortaleza tombou em chamas, transformando -se em tochas ardentes e cinzas, o traidor que ali tinha tramado a traição foi julgado por sua perfídia, a mais bem urdida do mundo.

6. Responda às seguintes questões:

6.1. Quais as principais diferenças entre as traduções em verso e a tradução em prosa?

6.2. Qual das leituras foi, a seu ver, mais clara e natural para um falante de língua portuguesa (de Portugal)? Porquê?

7. Por favor, leia atentamente os quatro primeiros versos na língua original que serviu de texto de partida para todas as traduções e responda à questão final:

When the siege and the assault had ceased at Troy,
and the fortress fell in flame to firebrands and ashes,
the traitor who the contrivance of treason there fashioned
was tried for his treachery, the most true upon earth

8. Na sua opinião, qual das 3 traduções apresentadas melhor converte, transfere e restrutura o texto de partida nas língua e cultura portuguesas? Porquê?

Muito obrigada pela colaboração.

ANEXO 4

International Conference

Reading the Middle Ages Today: Sources, Text and Translation

Auditório ILCH

22nd and 23rd June 2017

Programme

Book of Abstracts

POPH QUALIFICAR É CRESCER.
QREN QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL PORTUGAL 2007.2013
GOVERNO DA REPÚBLICA PORTUGUESA
UNIÃO EUROPEIA Fundo Social Europeu
Universidade do Minho Instituto de Letras e Ciências Humanas
CEHUM CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DO MINHO

PROGRAMME

Thursday, 22nd June 2017

8.45h – Registration

9h – Opening Session

Sr. Presidente do ILCH /Sr.ª Presidente do Conselho Pedagógico

Sr.ª Diretora do DEINA / Sr. Diretor do CEHUM

9.20h – Keynote Lecture – "«Gothic Everything»: Rethinking Civic Medievalism" – Professor David Matthews, University of Manchester, UK.

Moderator: Filomena Louro

10.30h – Coffee Break

11h – Session 1. Middle Ages as Source – Text and Image.

Moderator: Ana Gabriela Macedo

a) "Agustina e o desvendar das sombras – *As Adivinhas de Pedro e Inês*", Ana Maria Machado, Universidade de Coimbra.

b) "Do bestiário medieval ao *Jardim Zoológico* de Wilson Bueno", Márcia Seabra Neves, Universidade Nova de Lisboa.

c) "The Renewal of Medieval Romance in Contemporary British Fiction: Towards a Precarious Historical Subject", Alexandre Privat, Paul Valéry University, Montpellier III, France.

12.30h – Lunch

14h – Session 2. Medieval on Screen and Performance

Moderator: Margarida Pereira

a) "Ages of Wrath. Visions of Middle Ages in Carl Th. Dreyer's films", Piotr Wajda, University of Gdansk, Poland.

b) "Cultural diffusion or Middle Ages reimagined. Medieval inspired narratives in Japanese animated TV series", Agnieszka Kiejziewicz, Jagiellonian University, Kraków, Poland

c) "Forjado em Sangue: a ancestralidade medieval do vampiro cinematográfico", Juliana Porto Chacon Humphreys, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil – Skype Presentation.

15.30h – Coffee Break

16h – Session 3. Reading the Middle Ages Today: other sounds and labours
Moderator: Tânia Azevedo

a) "A permanência de formas e motivos medievais em têxteis barrocos", Rosângela Aparecida da Conceição, Universidade Paulista, Brasil. – Skype presentation.
b) "Greener than thou: Irish theme of the Champion's portion in the Gawain story", Maria Filomena Louro, Universidade do Minho.
c) "A paisagem sonora sacra de Évora na Idade Média: Leituras a partir dos escritos de Manuel Fialho e Francisco da Fonseca", Luís Henriques, CESEM/Universidade de Évora.

17.20h – Keynote Lecture - "Imaginários sacros e poética musical: o canto litúrgico medieval, S. Francisco de Assis e O. Messiaen" – Professora Elisa Lessa, CEHUM, Universidade do Minho.
Moderator: Filomena Louro

18.30h – Musical Performance – Luís Henriques
Cantochão para a festa de S. Francisco de Assis: O antifonário CH-Fco Ms. 2

Friday, 23rd June 2017

8.45h – Registration

9h – Keynote Lecture – "Edição de textos medievais: os documentos notariais" – Professor Pedro Dono Lopez, CEHUM, Universidade do Minho.
Moderator: Filomena Louro

10h – Coffee Break

10.30h – Session 4 – Parallel Panels:

Panel 4.A: Working the Medieval Today	Panel 4.B: Memory and Rewriting
Room: Auditório ILCH	Room: Sala Investigadores
Moderator: Filomena Louro	Moderator: Pedro Dono Lopez
a) "Atualizar as cantigas, recuperar o texto", Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña.	**a)** "Rescritas da Idade Média: da lírica trovadoresca à poesia galega", Teresa López, Universidade da Coruña.
b) "Da *honra* e do *amor*: uma relação histórico-literária possível", Patrícia de Almeida e Leonor Calvão Borges, Universidade de Coimbra.	**b)** "Actualizar as cantigas? Sobre as versões modernas das cantigas medievais galego-portuguesas", Leticia Eirín, Universidade da Coruña.
c) "From Galvão to Gwalchmai: Translating to Read a Hero", Tânia Azevedo, CEHUM, Universidade do Minho.	**c)** "The New Middle Ages, also in literature?", Raquel Crespo-Vila, University of Salamanca.
d) "*Segundo lh'eu oy contar*: estudo dos verbos das cantigas satíricas do Cancioneiro da Biblioteca Nacional em perspectiva lexicográfica", Lisana Sampaio, DO-CAPES-UFBA/Grupo Nêmesis, Brasil.	

12.30h – Lunch

14h – Session 5 – A World of Knights: Playing with Chivalric Ideals

Moderator: Jaime Costa

a) "Parodying Conventions: *Monty Python and the Holy Grail*", Angélica Varandas, FLUL/CEAUL-ULICES, Universidade de Lisboa.

b) "Brienne of Tarth: The one true knight in *A Song of Ice and Fire*", Diana Marques, CEAUL/ULICES, Universidade de Lisboa.

c) "'I schel singe; Of a knight ich wile yow roune': On the Adaptation of *Bevis of Hampton*", Ana Rita Martins, FLUL/CEAUL-ULICES, Universidade de Lisboa.

15.30h – Coffee Break

16h – Keynote Lecture – "Torres e castelos – algumas considerações sobre a Idade Média hoje" - Prof. Graça Videira Lopes, IEM / FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

Moderator: Tânia Azevedo

17.30h – Closing Session

ABSTRACTS

Keynote Lecture 1:

"Gothic Everything": Rethinking Civic Medievalism
David Matthews, University of Manchester

In my 2015 book Medievalism, I labelled two basic forms of medieval reception as "romantic" and "gothic." This is not, of course, new but is rather a simple way of distinguishing the two basic kinds of medieval inheritance, one deriving ultimately from the Reformation and the demonising of medieval catholicism, the other from the revaluing of the Middle Ages in the romantic revival of the 1760s and beyond. In the nineteenth century a third category, which I called civic medievalism, represented one natural result of romantic, revalued medievalism, in which both state institutions and private capital alike adopted medievalist forms. Obvious examples in the British context are found in the neogothic architecture which proliferated in Britain from the mid nineteenth century.
Having posited, in my book, this civic medievalism as a subset of romantic medievalism, I now want to question and rethink it as a category. A new gothic town hall in the 1870s might signal, via a romantic inheritance, a confident new civic identity. At exactly the same time, however, the same style used by the same architect to build a prison might invoke a very different valency, more directly suggesting the gothic than the romantic. The picture is further complicated by uses of gothic in industrial and engineering applications, which have traditionally been left out of the classic accounts of the gothic revival. Clearly, civic medievalism is a larger and more complex category than I had supposed.
In exploring this, I will ask in this paper, what happens when medievalism has simply become part of the lives of most ordinary people? When the daily commute commences in a gothic revival railway station and the running water comes from a medievalised pumping station and originates in a castellated reservoir? By the beginning of the twentieth century, medievalism had arguably become banal or at least unremarkable - this is the time of the "gothic everything" lamented by Kenneth Clarke in his classic work on the gothic revival. What valencies does medievalism have when it is neither romantic nor gothic, but part of the ordinary lived world?

Professor David Matthews has taught at the University of Manchester since 2005 and is now professor of medieval and medievalism studies. He was previously Head of the Division of English, American Studies, and Creative Writing between 2013 and 2015, and editor of *Studies in the Age of Chaucer*, 2007 to 2013. His most recent book is *Medievalism: A Critical History*, in Boydell's Medievalisms series (2015), and he is currently working on Middle English in the Tudor period.

Session 1. Middle-Ages as Source – Text and Image

a) "Agustina e o desvendar das sombras – *As Adivinhas de Pedro e Inês*",
Ana Maria Machado, Universidade de Coimbra.

Os instigantes romances biográficos de Agustina Bessa Luís têm sido objeto de significativos estudos (Fátima Marinho, Álvaro Manuel Machado, entre outros), tanto no âmbito do romance histórico como numa perspetiva comparatista. Em Adivinhas de Pedro e Inês, mais do que noutras biografias, Agustina Bessa Luís pulveriza explicitamente imagens várias do mito inesiano, revisitando o passado das personagens e representando-as também por analogia com outras figuras, históricas ou de ficção. Assim, os esquissos que a autora traça conjugam memória historiográfica e modelos literários com o olhar esventrador que a individualiza, propondo ao leitor configurações prováveis e, como tal, instáveis, num fervilhar de hipóteses-adivinhas que desocultam, complexificam e adensam agentes e mobéis do crime. Na vertiginosa busca da verdade que o romance pós-moderno não consente, gera-se uma prolífica malha de sugestões ficcionais. Com o objetivo de demonstrar a Idade Média que Agustina construiu, concentrar-me-ei no desenho das figuras, ficcionais ou históricas, que compõem a galáxia em que se move Inês de Castro, nas relações a autora lhes atribui e no jogo de (ir)relevância(s) na construção da personagem feminina.

The intriguing biographical novels of Agustina Bessa Luís have been the subject of significant studies (Fatima Marinho, Álvaro Manuel Machado, among others), both in the context of the historical novel and in a comparative perspective. More than in other biographies, Agustina Bessa Luís explicitly pulverizes several images of the Inesian myth, revisiting the past of the characters and also representing them by analogy with other figures, historical or fictional. Thus, the sketches that the author traces combine historiographical memory and literary models with the inquisitive look that individualizes her, proposing to the reader configurations that are probable and, as such, unstable, in an abundance of hypotheses-riddles that uncover, complicate and enlarge the agents and the motivations of the crime. In the vertiginous search for truth that the postmodern novel does not consent, a prolific mesh of fictional suggestions is generated. In order to demonstrate the Middle Ages that Agustina builds, I will focus on the design of the fictional or historical characters that make up the galaxy in which Inês de Castro moves herself, in the relations the author attributes to them and in the game of (ir)relevance in the construction of the female character.

Ana Maria Machado é professora na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do Centro de Literatura Portuguesa da mesma universidade. Leciona nos cursos de Português para estrangeiros, na licenciatura de Português, no mestrado de Português Língua Estrangeira, Língua Segunda e de Tradução, no mestrado e doutoramento de Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino e no doutoramento em Materialidades da Literatura. A sua investigação reparte-se por esses domínios: "A Literatura hagiográfica dos mosteiros de Santa Cruz de Coimbra e Santa Maria de Alcobaça" (2015), "Revisitações das histórias tradicionais – entre a pintura e a literatura" (2014), Cocoord. com Cristina Mello, *Revista e Estudos Literários*. Vol. 3. *O Ensino da Literatura* (2013), "Diarística e autobiografia no ensino. A construção do eu em *Páginas* e em *O mundo à minha procura*, de Ruben A." (2008), "A literatura medieval nos novos programas do ensino secundário – mudanças e permanências" (2015), "Fiction character on electronic children literature. The case of *Inanimate Alice*" (2015). É membro da equipa de Acreditação de Manuais Escolares de Português do Ministério da Educação (2014-2017), Coordena o projeto "Adaptações literárias no ensino de Português língua estrangeira" (2015-2017), o Ciclo de Ações de Formação "Conteúdos literários dos novos Programas do Ensino Secundário" (2015-2017) e coordena o projeto internacional "Inanimate Alice", integrado no Subprojecto Materialidade do Livro, Ilustração e Livro de Artista.

b) "Do bestiário medieval ao *Jardim Zoológico* de Wilson Bueno".

Márcia Seabra Neves, Universidade Nova de Lisboa.

Servindo-se dos animais como *tropos* do humano e fonte de ensinamentos religiosos e morais, os bestiários medievais estão na origem de uma literatura místico-alegórica, cujos ecos ainda hoje persistem em autores que mantêm um diálogo crítico e criativo com a tradição, criando zoopoéticas inovadoras, adaptadas ao tempo presente e a uma nova axiologia da animalidade. Com a sua obra intitulada *Jardim Zoológico* (1999), o escritor brasileiro Wilson Bueno faz parte dos escritores contemporâneos que se inspiraram no universo simbólico e imaginário dos bestiários, para a criação das suas obras que, longe de serem meras restaurações replicativas do género, se afirmam como heterotopias simbólicas de cristalização e disrupção da lógica narrativa e da expectativa axiológica associadas à tradição bestiária. Pretende-se, pois, com este estudo, proceder a uma leitura crítico-interpretativa deste bestiário do século XX, de modo a indagar os mecanismos criativos de especularidade e/ou deslocamento subversivo do autor brasileiro em relação à tradição zoológica medieval.

Using animals as human *tropes* and as a source of religious and moral teachings, medieval bestiaries are at the origin of a mystical-allegorical literature, whose echoes still persist in authors who maintain a critical and creative dialogue with tradition, creating innovative zoopoetics, adapted to the present time and to a new axiology of animality. With his work entitled *Jardim Zoológico* (1999), the Brazilian writer Wilson Bueno is one of the contemporary writers who gathered inspiration from the symbolic and imaginary universe of the bestiaries to create their works that, far from being mere replicative restorations of the genre stand alone as symbolic heterotopias of crystallization and disruption of the narrative logic and axiological expectation associated with the bestiary tradition. Our aim is to undertake a critical-interpretive reading of this bestiary

of the twentieth century, in order to investigate the creative mechanisms of speculation and/or subversive displacement of the Brazilian author in relation to the medieval zoological tradition.

Márcia Liliana Seabra Neves, doutorada em Cultura pela Universidade de Aveiro, é investigadora de pós-doutoramento e membro integrado do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Universidade Nova de Lisboa, onde desenvolve, desde 2012, um projeto de investigação subordinado ao tema "Zooficções: figuras da animalidade nas narrativas portuguesa e brasileira contemporâneas". É também membro integrado do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro.
Tem vários artigos publicados no âmbito dos estudos culturais, da literatura comparada e da figuração da animalidade na narrativa portuguesa dos séculos XX e XXI. É autora das obras: *Da francofilia no imaginário presencista: da* NRF *à* presença, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2013; *Zooficções*, Lisboa, IELT - FCSH / NOVA, 2016.

c) "The Renewal of Medieval Romance in Contemporary British Fiction: Towards a Precarious Historical Subject".
Alexandre Privat, Paul Valéry University, Montpellier III, France.

Adam Thorpe's recent medieval rewriting of the Robin Hood legend entitled *Hodd* (2009) reinvests romance, in the wake of today's renewed interest in historical romances (Boccardi 64). Yet, this reinvestment deeply alters the formulaic pattern of romances, as identified by literary theorist Northrop Frye (186), which follows the ternary organisation of *agôn* (struggle*)*, *pathos* (feeling) and *anagnorisis* (recognition). This model which favours the primacy of stable identity and a self-knowable historical subject, recognized by society, is both imitated and challenged by Adam Thorpe. Drawing on the later works by Foucault on the origins of hermeneutics and the birth of the subject and their subsequent reading by Judith Butler, my intention would be to demonstrate how Adam Thorpe's rewriting of the Robin Hood legend shows his debt to romance as a "wishful-fulfilment dream" (Frye 186) in which reconciliation with one's past is achieved, and yet the failure of the traditional modes of the self-constitution as historical subject through memory, self-narration, confession and social recognition (Foucault).
The novel *Hodd* is pervaded by the tension between imitation and critical rewriting, as it provides a lively and realistic pastiche of Middle English, largely inspired by the fifteenth-century ballad *Robin Hood and the Monk* (Knight and Ohlgren), but also reveals the historicity of the Robin Hood legend in the process of transmission through translation, in an ironically distancing mode typical of historiographic metafiction (Hutcheon). The novel presents itself as a pseudo-translation from a lost Latin manuscript of an aged monk's confession, gnawed by guilt, who admits to the reader his sinful encounter with heretic "Robert Hodd" who will later be known as "Robin Hood". The imitation of confessional literature provides the opportunity for deromanticizing Robin Hood, presented as a megalomaniac heretic, hostile to the power of the Church. What makes this novel particularly innovative is its questioning of the possibility of narrating prehistories, that is, stories about pre-historicized origins, entangling the prehistory of the Robin Hood legend with the monk's personal prehistory.

Alexandre Privat is an ESL teacher and second-year Phd student working on contemporary British writer Adam Thorpe's novels under the supervision of Professor Jean-Michel Ganteau, at Paul Valéry University, Montpellier III, France. His research concentrates on the theme of the 'vicarious witness', a notion first developed by French philosopher Guillaume le Blanc. He is more particularly interested in the relationships between romance, historical fiction, ethical questioning and intergenerational trauma.

Session 2. Medieval on Screen and Performance

a) "Ages of Wrath. Visions of Middle Ages in Carl Th. Dreyer's films".
Piotr Wajda, University of Gdansk, Poland.

The depictions of Middle Ages in Scandinavian Cinema is not a new phenomenon. Since Silent Cinema Era, the depictions of Medieval times played an important role in developing the narrative schemes of a relatively

new medium. Among many Scandinavian filmmakers who set action of their movies in the long past, Carl Theodor Dreyer was one of the most prolific and distinctive. His visions of Dark Ages are still considered to be the most significant in the history of the world cinema. The Danish filmmaker in his motion pictures relatively often refered to Middle Age. In the proposed presentation I will focus on the works such as: *Leaves from Satan's book*, *The Passion of Joan of Arc* and *Days of Wrath*. Every one of them provides the viewer with incredibly different stories about living and surviving in the darkness of medieval times.
During my presentation, I will describe what made Dreyer's films so unique in comparison to other great Scandinavian directors who – at the same time - used to set action of their motion pictures in Middle Ages. One of the main points of my presentation will be the analysis how the Danish filmmaker combined his auteur style with well-known history. Consequently, I will also illustrate how omnipresent religious doctrine repressed femininity during those times. Were his visions close to the historical sources? How Carl Th. Dreyer perceived Dark Ages? And why his movies set in Middle Ages are still considered to be so important? On these and other questions I will try to answer through my speech.

Mgr Piotr Wajda – a PhD candidate at University of Gdansk, Poland. Currently he writes a thesis dedicated to modern Scandinavian horror movies. In his researches he tries to explore ground of genre cinema and exploitation films which were usually ignored by Polish film studies community. He wrote his Master thesis about poetics of giallo films. In 2016 he became co-founder of Unit of Production Studies and New Film History in University of Gdansk. During the years 2010-2012 he took part in film lectures in Warsaw with screenwriting specialization.

b) "Cultural diffusion or Middle Ages reimagined. Medieval inspired narratives in Japanese animated TV series".
Agnieszka Kiejziewicz, Jagiellonian University, Kraków, Poland.

The increasing interest in European history and the mobility of the Japanese society, observed from the 1990s, has had its reflection also in Japanese cinema and other audiovisual productions. The fascinating medieval world, known in Japan mostly from the Western films and popular imagination, also inspired the authors of Japanese comic books (*manga*) and, later on, the directors of the animated TV series (*anime*).
Analyzing the TV animated productions, that I am going to focus on during my presentation, there can be noticed that the directors pay attention mostly to the atmosphere, the artifacts and scenography related to the Middle Ages, almost entirely discarding the particular historical events. The narratives, dedicated to children, as well as adult viewers, are inspired by the Arthurian legends, the popular point of view on the crusades or the traditional folk beliefs in the magical creatures. Starting from the surrealistic full-length animation *Belladonna of Sadness* (1973), which forerun the emerging trend, I am going to focus on how the cultural diffusion influenced the series such as *Record of Lodoss War: Chronicles of the Heroic Knight* (1990-1991), *Berserk* (1997-1998), *The Slayers Next* (1996) and *Magic Knight Rayearth* (1994). During the presentation, I am planning to answer the questions: what were the ways of the cultural diffusion of the popular beliefs related to medieval times and how the Japanese directors reimagined the Middle Ages.

Mgr Agnieszka Kiejziewicz – a Ph.D. candidate at Jagiellonian University, Institute of Audiovisual Arts. Her research interests revolve around the Japanese film and other visual arts performed by the artists from the Country of Cherry Blossoms. Until now she's been writing about Shinto religion in Japanese cinematography and the Japanese independent cyberpunk cinema. Currently, she is researching on the avant-garde and experimental films, focusing on the achievements of the young filmmakers. She is also interested in Japanese popular culture, especially the ways of presentation of the history and religion in the popular cinema and animation.

c) "Forjado em Sangue: a ancestralidade medieval do vampiro cinematográfico". Juliana Porto Chacon Humphreys, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil – Skype Presentation.

O estudo que se apresenta estabelece uma relação entre o vampiro cinematográfico e as Danças Macabras dos séculos XIV e XV, com o objetivo de compreender os fatores advindos dessa manifestação medieval, que acabaram por forjar a figura da personagem no cinema, especialmente no que se refere à sua condição de morto vivo, que se aproxima para hipnotizar sua vítima na hora da morte. Dessa performance básica é levantada a hipótese principal do estudo, que defende ser a exacerbada estetização do vampiro no cinema um caminho que o aproxima de suas influências mais perenes, oriundas, justamente, do *macabre* do medievo. De fato, mesmo sendo uma presença nefasta, o vampiro cinematográfico, assim como a figura da Morte nas representações das Danças Macabras, ludibria suas vítimas, utilizando subterfúgios como a sensualidade, a música e a duplicidade da forma para leva-los, de bom grado, para um outro tipo de existência pós-morte. Além das obras medievais já citadas, soma-se ao *corpus* de análise um conjunto de filmes representativos de cerca de um século de filmografia vampiresca, iniciado por Nosferatu de 1922. Apesar de um recorte de estudo que se caracteriza por um arco histórico da manifestação medieval, o referencial teórico é semiótico peirceano com uma abordagem fenomenológica, aliada a teorias da imagem, como instrumentos para compreender como as imagens medievais influenciam em tantos aspetos essa que, há mais de um século, se configura em uma das mais importantes figuras de horror do cinema contemporâneo.

The present study aims to establish a relation between the cinematographic vampire and the Macabre Dances of the 14th and 15th centuries, in order to understand the factors arising from this medieval manifestation, which eventually forged the figure of the character in films, especially concerning his condition of the undead that approaches its victim to hypnotize her at the time of her death. From this basic performance we raise the main hypothesis of the study, which claims to be the exacerbated aestheticization of the vampire in films, a path that brings him closer to his most perennial influences, coming precisely from the *macabre* of the Middle Ages. In fact, even though it was a nefarious presence, the cinematographic vampire, as well as the Death figure in the representations of the Macabre Dances, deceived his victims, using subterfuges such as sensuality, music and duplicity of form to take them, willingly, to another kind of post-mortem existence. In addition to the aforementioned medieval works, a set of films representing around a century of vampire films, initiated by *Nosferatu* of 1922, is added to the *corpus* of analysis. Despite a study time span that is characterized by an historical arc of the medieval manifestation, the theoretical reference is the Peircean semiotics with a phenomenological approach, combined with theories of the image. These are our instruments to understand how the medieval images influenced in so many aspects that character which, for more than a century, was configured to become one of the most important horror figures of the contemporary cinema.

Dra. Juliana Porto Chacon Humphreys é doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Mestre em Comunicação e Cultura Midiática pela Universidade Paulista (UNIP), especialista em Comunicação e Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e graduada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). No Brasil, desenvolveu sua pesquisa em semiótica, literatura, arte e cinema como bolsista CAPES, agência de fomento governamental. Há 14 anos atua como docente de ensino superior e pesquisadora. Atualmente é docente na Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde também atua como coordenadora da Educação Continuada (pós-graduação-lato sensu).

Session 3. Reading the Middle Ages Today: other sounds and labours

a) "A permanência de formas e motivos medievais em têxteis barrocos".

Rosângela Aparecida da Conceição, Universidade Paulista, Brasil. – *Skype presentation.*

Ao serem realizados estudos de filiação estética das formas e motivos contidos em têxteis litúrgicos da Coleção Histórico-Artística da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência da Cidade de São Paulo, fundada em 1644, inicialmente identificados como do período Barroco, nos deparamos com um resultado inusitado. Parte destes, na verdade, eram motivos medievais catalogados em *Contributi allo studio dell'arte tessile*, escrita por Giorgi Sangiorgi (1886-1960), colecionador italiano, cuja parte de sua coleção

está depositada no *The Metropolitan Museum of New York.* Esta obra, disponibilizada online, faz parte deste contexto de digitalização de acervos bibliográficos e artísticos, disponibilizados em bancos de dados que propicia maior acesso a pesquisadores de diversas disciplinas. Desta forma, pensamos que tanto a História da Arte quanto as Humanidades Digitais são duas áreas do saber que se entrelaçam, fomentando novas interpretações e questionamentos sobre a presença de objetos medievais, o que pode reconfigurar os estudos de modo interdisciplinar. Neste sentido, pudemos identificar a permanência de determinadas formas e motivos ao verificarmos, preenchendo uma lacuna no que tange a descrição iconográfica. Portanto, pensamos em discutir a importância dos estudos medievais, seu imaginário e suas imagens como fontes de estudos iconográficos em um arco temporal ampliado, a partir de nossas constatações iniciais, com base metodológica para o estudo da imagem e seus usos por Bock (1859), Burckhardt (2011), Focillon (1983), E.H. Gombrich (2012a, 2012b) e Panofsky (1990, 1995), em heráldica por William Berry (1828), na história por Huizinga (2010), Le Goff (2013), entre outros teóricos.

When studies of aesthetic affiliation were carried out on the forms and motifs contained in liturgical textiles of the Historical and Artistic Collection of the Venerable Third Order of St. Francis of Penance of the City of São Paulo, founded in 1644, initially identified from the Baroque period, we came across an unusual result. Some of these, in fact, were medieval motifs catalogued in *Contributi allo studio dell'arte tessile*, written by Giorgi Sangiorgi (1886-1960), Italian collector, whose partial collection is deposited in *The Metropolitan Museum of New York*. This work, available online, is part of this context of digitization of bibliographical and artistic collections, available in databases that provide greater access to researchers from different disciplines. Bearing this in mind, we think that both the History of Art and Digital Humanities are two areas of knowledge that are intertwined, fostering new interpretations and questions about the presence of medieval objects, which can reconfigure studies in an interdisciplinary way. In this sense, we were able to identify the permanence of certain forms and motifs, filling a gap concerning the iconographic description. Therefore, we will be discussing the importance of medieval studies, the imagery and images as sources of iconographic studies in an extended temporal arc, starting from our initial findings, with a methodological basis for the study of the image and its uses by Bock (1859) , Burckhardt (2011), Focillon (1983), EH Gombrich (2012a, 2012b) and Panofsky (1990, 1995), in heraldry by William Berry (1828), in History by Huizinga (2010), Le Goff (2013), among other theorists.

Rosângela Ap nasceu em 1977, em São Paulo, Brasil. É Bacharel (2009), Licenciada (2010) e Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Foi bolsista pela CAPES (2011-2013). É técnica em Design Gráfico (2003) e Técnica em Design de Interiores (2005) pela ETEC Carlos de Campos. É Professora de Educação Básica II – ARTE (2011-), na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, Professora Adjunta III (2013-), na Universidade Paulista (UNIP). Atualmente é membro do grupo de investigação "Pesquisa em Educação Estética", IAR-UNICAMP/CNPq. Desde 2011 é membro da ANPAP (Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas), e em 2015 foi convidada como membro do Advisory Board da revista Anastasis – Research in Medieval Culture and Art.

b) "Greener than thou: Irish theme of the Champion's portion in the Gawain story". Maria Filomena Louro, Universidade do Minho.

The vegetation myths and rituals are established and well noted and analysed both in Propp[302] and Fraser[303]. The reading of mythology as a way of understanding nature has been an approach that made me look at John Arden and *The Island of the Mighty* as an interpretation of nature legend and myth in a time that is highly politicised and commodified. The comparison between the stories of Sir Gawain and the Green Knight and other similar stories in Irish mythology was first brought to my attention by Sir Gollancz in his annotated edition of *Sir Gawain and the Green Knight*, even suggesting *Fled Bricrenn* and *Cennach in Rúanada* as

[302] Vladímir Propp *MORPHOLOGY OF THE FOLK TALE* 1928 Translation ©1968, The American Folklore Society
[303] Sir James Frazer, http://www.templeofearth.com/books/goldenbough.pdf

possible sources of the *Gawain*-Poet. In this paper I will consider how two motives, the royal or magical abode and the beheading challenge are found in both Irish and English legends and how they loom larger on the function of legends in the societies that create and reinterpret them.

Maria Filomena Louro, PhD in Theatre studies, has been involved in the teaching of Shakespeare, Irish Literature, Theatre, and Translation Studies. Has been involved in creating and developing Degrees in Translation at undergraduate and Masters Levels. Is associated of CEHUM, and is involved in the GAPS research project. Member of APEAA, EFACIS and IASIL.

c) "A paisagem sonora sacra de Évora na Idade Média: Leituras a partir dos escritos de Manuel Fialho e Francisco da Fonseca".

Luís Henriques, CESEM/Universidade de Évora.

Na sua *História da Escola de Música da Sé de Évora* (1976), José Augusto Alegria afirmava que "não chegou até nós, nem sequer a nota de ter existido qualquer pequeno tratado de técnica musical ou teoria do Tonus", referindo-se à escassez de fontes relativas à actividade musical na Sé de Évora durante a Idade Média. Porém, esta escassez documental não constitui um entrave à reconstituição do que seria a actividade musical na cidade durante esse período. Para essa reconstituição entra em acção um tipo de metodologia contextual conhecido como "paisagem sonora histórica" que consiste, de forma simplificada, na cartografia de eventos musicais históricos partindo de fontes documentais que não têm necessariamente que ter proveniência musical. Desta forma o estudo que ora se apresenta parte de duas obras escritas no final do século XVII e inícios do XVIII relatando eventos históricos na Évora medieval dos quais se podem retirar leituras quanto ao espaço musical da cidade. É este o caso do padre Manuel Fialho (1616-1718), da Companhia de Jesus, que deixou manuscrita uma obra em quatro volumes, intitulada *Évora illustrada*, actualmente conservada na Biblioteca Pública de Évora, à qual foi "acrescentada e amplificada" a *Evora gloriosa* do padre Francisco da Fonseca (1668-1738), também ele jesuíta, impressa em Roma no ano de 1728. Este estudo incide, assim, sobre a actividade das instituições religiosas de Évora partindo do relato destes dois cronistas, traçando uma perspectiva sobre o que seria a paisagem sonora na cidade de Évora num contexto sacro.

In his *History of the School of Music of Sé de Évora* (1976), José Augusto Alegria stated that "it has not reached us not even the information of the existence of any small treatise on musical technique or Tonus theory", referring to the scarcity of sources related to the musical activity in the Évora See during the Middle Ages. However, this documental shortage does not constitute an obstacle to the reconstitution of what would have been the musical activity in the city during that period. For this reconstitution, a type of contextual methodology known as "historical sound landscape" is introduced, which consists, plainly putting it, in the cartography of historical musical events starting from documental sources that do not necessarily have a musical provenance. In this way this study has as a starting point two works written at the end of the seventeenth century and the beginning of the eighteenth century, that narrate historical events in medieval Évora from which some information can be taken concerning the musical space of the city. This is the case of Father Manuel Fialho (1616-1718) a Jesuit, who left a manuscript in four volumes entitled *Évora illustrada*, currently preserved in the Évora Public Library, to which *Evora gloriosa* was "added and amplified", by Father Francisco da Fonseca (1668-1738), also a Jesuit, and printed in Rome in 1728. This study focuses on the activity of the religious institutions in Évora starting from the account of these two chroniclers, and drawing a perspective of what the sound landscape was in the city of Évora in a sacred context.

Luís Henriques é Doutorando em Música e Musicologia na Universidade de Évora, é Mestre em Ciências Musicais pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa e Licenciado em Musicologia pela Universidade de Évora. É colaborador do CESEM – Pólo Universidade de Évora e o Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa sendo também consultor para o atelier de conservação e restauro acroARTE da ilha de S. Jorge. De 2011 a 2012 realizou o catálogo do fundo musical do Arquivo Capitular da Sé de Angra e entre 2014 e

2015 foi bolseiro no projecto ORFEUS (FCT EXPL/EPH-PAT/2253/2013). Em 2012 fundou o Ensemble da Sé de Angra e, em 2013, o Ensemble Eborensis, grupo dedicado à polifonia vocal de Évora, tendo realizado concertos em Portugal e França e com quem gravou um CD no âmbito do projecto ORFEUS. O seu trabalho tem-se concentrado na polifonia vocal sacra portuguesa dos séculos XVI e XVII, sobretudo aquela associada à cidade de Évora, e a música no arquipélago dos Açores desde o povoamento ao início do século XX.

Keynote Lecture 2:

"Imaginários sacros e poética musical: o canto litúrgico medieval, S. Francisco de Assis e O. Messiaen". Professora Elisa Lessa, CEHUM, Universidade do Minho.

O Canto litúrgico foi uma das principais formas de expressão musical na Idade Média, demonstrando a forte influência católica sobre a cultura medieval. Nesta comunicação serão evidenciados o universo estético e espiritual do canto litúrgico medieval que contém em si o embrião da Música do ocidente. Abordar-se-á ainda a presença do canto sagrado na obra de Olivier Messiaen (1908 – 1992), caracterizada por um profundo sentimento religioso aliado a uma grande componente mística. Quando o compositor foi admitido na secção de música da Academia Francesa, a 15 de Maio de 1968, Albert Decaris apelidou o compositor de "São Francisco Assis da Música". Nessa época Messiaen ainda não tinha composto a ópera *Saint François d'Assisse* (1975-83), obra de relevo do ponto de vista musical e teológico do século XX. É com o canto litúrgico medieval, São Francisco de Assis e o misticismo de Messiaen como mote que se entrelaçam algumas ideias sobre esse tesouro artístico que nos remete para a transcendência, que perdurou ao longo dos séculos, e que constitui fonte expressiva na música contemporânea.

Liturgical singing was one of the main forms of musical expression in the Middle Ages, showing the strong Catholic influence on medieval culture. In this communication the aesthetic and spiritual universe of the medieval liturgical chant will be highlighted, which contains in itself the embryo of Western Music. The presence of the sacred song in the work of Olivier Messiaen (1908 - 1992), characterized by a deep religious feeling allied to a great mystical component, will also be discussed. When the composer was admitted to the music section of the French Academy, on May 15, 1968, Albert Decaris named him "the St. Francis of Assisi of Music". At that time Messiaen had not yet composed the opera *Saint François d'Assisse* (1975-83), an important work from the musical and theological point of view of the twentieth century. The medieval liturgical chant, St. Francis of Assisi and the mysticism of Messiaen will serve as a motto to intertwine some ideas about this artistic treasure that makes us travel to the transcendence that has lasted throughout the centuries and which constitutes an expressive source in contemporary music.

Elisa Lessa estudou piano no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga e no Conservatório Nacional de Lisboa. É doutorada em Ciências Musicais pela Universidade Nova com a tese "Os Mosteiros Beneditinos Portugueses (séculos XVII a XIX): Centros de Ensino e Prática Musical", Mestre em Ciências Musicais, pela Universidade de Coimbra, e Licenciada em Ciências Musicais pela Universidade Nova. É Professora Associada no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. Foi Diretora do Departamento de expressões artísticas e Educação Física do Instituto de Estudos da Criança e Diretora do Departamento de Música e Curso de Licenciatura em Música de 2007 a 2011, Diretora do curso de Mestrado em Estudos da Criança, especialização em Educação Musical (2000-2009) e Coordenadora de Investigação, área de Estudos Artísticos, Centro de Investigação em Estudos da Criança (2000-2009). De 2004 a 2007 foi Diretora da Revista de Educação Musical e Presidente da Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM).
Como musicóloga é autora de diversos estudos sobre Música Portuguesa dos séculos XVIII a XX. Tem artigos científicos publicados em revistas especializadas portuguesas e estrangeiras.
Editou obras de música portuguesa do século XVIII e de Música Portuguesa para a infância dos séculos XIX e XX. As suas áreas de interesse incluem trabalhos no âmbito da História Cultural, questões de Género e Estudos de Cultura Musical luso-brasileira.

Orientou mais de 30 teses de mestrado e 4 teses de doutoramento, em diferentes temáticas no âmbito dos Estudos de Cultura Portuguesa.
Desenvolve paralelamente uma intensa atividade artística, tendo sido fundadora e Diretora Artística da extinta Orquestra de Câmara do Minho. Atualmente é Diretora Artística da Orquestra Theatro e do Com.cordas Ensemble. Nos anos 90 fundou a Companhia da Música de Braga, Conservatório de ensino artístico especializado, onde continua a exercer funções de Diretora Pedagógica em regime de voluntariado. Integra o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM) e o Núcleo de Investigação Caravelas da Universidade Nova de Lisboa (CESEM).

Musical Performance

Cantochão para a festa de S. Francisco de Assis: O antifonário CH-Fco Ms. 2
Luís Henriques

O breve momento musical que ora se apresenta inclui algumas rubricas musicais destinadas ao ofício da Festa de S. Francisco de Assis (4 de Outubro). Esta música encontra-se num antifonário franciscano em uso no Convento dos Cordeliers de Friburgo no final do século XIII ou início do XIV. Trata-se de um manuscrito que segue a primeira edição da liturgia franciscana. Este momento musical inclui a interpretação das cinco antífonas que compõem o ofício de Vésperas (sem os respectivos salmos) e a antífona *ad Magnificat* (sem o *Magnificat*) para festa de S. Francisco de Assis.

The brief musical moment that we now present includes some music destined to the office of the feast of St. Francis of Assisi (4th of October). This music is found in a Franciscan antiphonary in use in the Cordeliers Convent of Freiburg in the late thirteenth or early fourteenth centuries. It is a manuscript that follows the first edition of the Franciscan liturgy. This musical moment includes the interpretation of the five antiphons that are within the office of Vespers (without the respective psalms) and the antiphon *ad Magnificat* (without the *Magnificat*) for the feast of St. Francis of Assisi.

Keynote Lecture 3

"Edição de textos medievais: os documentos notariais".
Professor Pedro Dono Lopez, CEHUM, Universidade do Minho.

Uma edição rigorosa das fontes documentais medievais é imprescindível para uma aproximação segura, no âmbito da investigação, ao período medieval, mais ainda se o que está em questão é um aproveitamento dos documentos para uma abordagem linguística. A presente comunicação pretende abordar as diferentes vertentes que é preciso considerar no processo de edição dos documentos tabeliónicos medievais, se procuramos que a nossa leitura possa ser útil não só aos historiadores da língua como também aos investigadores de campos como o historiográfico ou diplomático. Para além da imprescindível atenção à instituição a que pertencem os documentos a editar, haverá que atender à história arquivística dos diplomas em causa, o redator do documento, a tipologia diplomática ou a língua em que foram redigidos. É, enfim, de capital importância, particularmente para os linguistas, a definição de umas normas de transcrição que respeitem a língua do documento para que se constitua em fonte de dados fiável. Este percurso pelas diferentes dimensões da prática editorial terá como ponto de referência principal a documentação do mosteiro galego de Santa Comba de Naves, mas pontualmente será feita referência a outros textos alheios a este mosteiro.

A rigorous edition of the medieval documental sources is essential for a safe approach, within research, to the medieval period, even more so if what it is at stake is the use of documents for a linguistic approach. This paper aims to address the different aspects that need to be considered in the process of editing medieval documents, if we seek to make our reading useful not only to historians of the language but also to researchers in other fields such as the historiographical or diplomatic. In addition to the essential attention

to the institution to which the documents to be edited belong to, the archival history of the diplomas, the drafter of the document, the diplomatic typology or the language in which they were written should be taken into account. Finally, it is of paramount importance, particularly for linguists, to define transcription standards that respect the language of the document so that it is a reliable source of data. This route through the different dimensions of the editorial practice will have as main point of reference the documentation from the Galician monastery of Santa Comba de Naves, but we will occasionally refer to other texts unrelated to this monastery.

Pedro Dono López foi Leitor do Centro de Estudos Galegos da Universidade do Minho (1996-2001), atualmente é professor auxiliar da Área de Estudos Espanhóis e Hispano-Americanos no Departamento de Estudos Românicos, do qual é diretor, na mesma Universidade. Os seus interesses de investigação estão centrados na edição e estudo da documentação notarial medieval da Galiza.

Session 4 – Parallel Panels:

Panel 4.A: Working the Medieval Today

a) "Atualizar as cantigas, recuperar o texto", Manuel Ferreiro
Universidade da Coruña.

Atualizar a Idade Média implica, entre outras questões, recuperar na sua forma verdadeira e íntegra os textos que os nossos antepassados nos legaram. No caso da lírica profana galego-portuguesa, existem problemas importantes de edição, nomeadamente das cantigas de escárnio e de maldizer.
É nossa intenção estudar diversas passagens e vozes das cantigas medievais que foram erroneamente editadas (a partir de lições problemáticas dos manuscritos) ou deficientemente interpretadas pela limitação de conhecimento do contexto, da língua ou dos textos medievais.
Em todo o caso, a recuperação da lição 'verdadeira' do texto das cantigas é fundamental para a reapropriação moderna desses fundamentais produtos artísticos gerados na Galiza e no Portugal medievais, e, deste modo, podermos construir novas realidades e novos produtos culturais com maior fidelidade à letra e ao espírito dos textos medievais.

Bringing the Middle Ages into the present implies, among other questions, the recovery in its true and integral form of the texts that our ancestors have bequeathed to us. In the case of the Galician-Portuguese profane poetry, there are significant editing problems, namely the *cantigas de escárnio e de maldizer*.
It is our aim to study several passages and voices of the medieval *cantigas* that were wrongly edited (starting from problematic lessons of the manuscripts) or poorly interpreted by the limitation of knowledge of the context, language or of medieval texts.
In any case, the recovery of the 'true' lesson from the text of the *cantigas* is fundamental for the modern re-appropriation of these fundamental artistic products generated in medieval Galicia and Portugal, and in this way we will be able to build new realities and new cultural products with greater fidelity to 'the letter' and the spirit of the medieval texts.

Manuel Ferreiro é catedrático de Filologias Galega e Portuguesa na Universidade da Corunha.
A sua atividade investigadora abrange a Linguística Histórica e a Ecdótica e a Crítica Textual: os dois volumes da *Gramática Histórica Galega* (1995-1997) inscrevem-se na primeira linha de investigação; com o segundo núcleo de pesquisa estão relacionados os trabalhos que têm como objeto o estudo e a edição de textos medievais, nomeadamente dos textos trovadorescos galego-portugueses, com participação e direcção de projetos de investigação e com a publicação de diversos contributos e artigos especializados em revistas e livros coletivos, e monografias como *As cantigas de Rodrigu'Eanes de Vasconcelos* ou *O Cancioneiro de Pero Mafaldo*.
Em 2006 conseguiu o XVII Prémio de Investigação "Losada Diéguez" 2006 pela edição d'*Os Eoas* pondalianos, e em 2014 foi-lhe concedido o IX Prémio de Investigação "Concepción Arenal" de Humanidades 2014 pelo projeto *Glossário da poesia medieval profana galego-portuguesa* (www.glossa.gal).

b) "Da *honra* e do *amor*: uma relação histórico-literária possível".
Patrícia de Almeida e Leonor Calvão Borges, Universidade de Coimbra.

É reconhecida a importância que a História tem demonstrado junto da Literatura, mostrando-se uma das fontes de inspiração e de informação contextual para esta arte. No entanto, diversos autores e várias investigações recentes têm defendido e mostrado que o inverso também se proporciona, isto é, que a Literatura pode ser considerada uma das fontes da memória e do saber histórico. Assim, proporciona-se um estudo com o objetivo de averiguar se a narrativa literária medieval, concretamente os romances de cavalaria portugueses, poderá ser apreciada como uma fonte para a construção da História medieval. Como metodologia, recorre-se a um estudo de caso a Romances de cavalaria portugueses que abordem o ciclo arturiano, com abordagem analítica às conceções de *honra* e *amor*. Os resultados parecem demonstrar que o ciclo arturiano está bem documentado nos Romances de cavalaria portugueses, com relevo para o claro entendimento dos conceito e condutas cavaleirescas de *honra* e *amor* que a Literatura proporciona à História. Conclui-se, portanto, que a narrativa literária medieval, através dos Romances de cavalaria portugueses, poderá ser uma fiável e proveitosa fonte de saber histórico.

History has a paramount importance in Literature, proving to be one of the sources of inspiration and contextual information for this form of art. However, several authors and recent investigation have argued and shown that the inverse is also true, i.e., that Literature can be considered as a source of memory and historical knowledge. Thus, a study is presented with the objective of ascertaining whether the medieval literary narrative, namely the Portuguese chivalry romances, can be seen as a source for the construction of medieval history. Methodology speaking, a case study is used from the Portuguese chivalry romances from the Arthurian cycle, with an analytical approach to the concepts of *honour* and *love*. The results seem to demonstrate that the Arthurian cycle is well documented in the Portuguese romance, with an emphasis on the clear understanding of the concepts and chivalric conducts of *honour* and *love* that Literature provides to History. It is concluded, therefore, that the medieval literary narrative, through Portuguese romance, can be a reliable and useful source of historical knowledge.

Patrícia de Almeida é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto, especializada, pós-graduada e mestre nas áreas da leitura e da organização da informação e do conhecimento. Frequenta o Doutoramento em Ciência da Informação na Universidade de Coimbra e é membro do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20).

Leonor Calvão Borges é licenciada em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa, pós-graduada em Ciências documentais - opção arquivo e mestre em Paleografia e Diplomática. Frequenta o Doutoramento em Ciência da Informação na Universidade de Coimbra.

c) "From Galvão to Gwalchmai: Translating to Read a Hero".
Tânia Azevedo, CEHUM, Universidade do Minho.

Galvão, Gauvain, Gawain and Gwalchmai are just some of the names King Arthur's nephew has in different texts from distinct Western European literatures. This medieval hero had his reputation torn apart *via* translation, an activity that had a different meaning and approach in the Middle-Ages. Through the translation of *Sir Gawain and the Green Knight* from its Middle English dialect into Portuguese, we were able to trace back Gawain's steps from hero to villain and raise many questions concerning his reputation. Our aim will be to show how the translation of *Sir Gawain and the Green Knight* contributed for our reading of the multiple faces of this hero and also for the understanding of his apparent degradation in continental literature as a necessary literary device.

Tânia Azevedo is presently a 4th year PhD candidate from Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH), Minho University, in Braga, Portugal and is developing her work about the medieval text *Sir Gawain and the Green Knight.* She has a four year degree in Modern Languages and Literatures – Portuguese and English

Studies from Faculty of Arts – University of Lisbon (2003). After that, she got a two year degree in Education to be able to teach Portuguese and English in schools (2005). Her Master's degree was also completed in Lisbon (2009) in English Literature, where she has explored the re-writing of the Christian Myth in the works of J. R. R. Tolkien.

d) "*Segundo lh'eu oy contar*: estudo dos verbos das cantigas satíricas do Cancioneiro da Biblioteca Nacional em perspectiva lexicográfica".
Lisana Sampaio, DO-CAPES-UFBA/Grupo Nêmesis, Brasil.

No fragmentário tratado sobre a *Arte de trovar*, que abre o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, o terceiro gênero cultivado por trovadores e jograis galegos e portugueses é definido como aquele que o trovador faz *"querendo dizer mal d'alguém"*, se o faz com *palavras cobertas* são cantigas de escárnio, mas se o faz *descobertamente,* são cantigas de maldizer. Nota-se, contudo, que a designação escárnio e maldizer para as cantigas desse gênero, se mostra confusa e imprecisa, uma vez que ora um escárnio é classificado como maldizer e vice-versa, além de haver cantigas classificadas como de escárnio e maldizer. Isto posto, opta-se pelo termo satírico para esse gênero que representa mais de um quarto de toda a produção trovadoresca transmitida pelos Cancioneiros remanescentes. O singular valor testemunhal e o vocabulário específico das cantigas satíricas tornam essa produção uma rica fonte para estudos históricos, literários e linguísticos, sobretudo, no que concerne à investigação do léxico, nível em que melhor se observam as mudanças culturais, sociais e políticas. Nessa perspectiva, o presente trabalho visa discutir questões relativas ao estudo e sistematização de formas verbais finitas e infinitivas tais como **oí, jaz, maer** (B143); **avilastes, gaar** (B1585); **emparar** (B1585); **fal** (B 1636); **avém, baralha, soio, seer** (B1645); **terrei, ementam** (B1650), só para citar algumas, depreendidas da edição de seis cantigas satíricas do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, escritas por trovadores do círculo afonsino para criticar o personagem Sueiro Eanes. Pretende-se traçar um contraponto entre a perda de informações que estão no radical (no léxico) e a manutenção de informações morfológicas e discutir o processo de lematização de verbos sob a ótica da Lexicografia Histórica, contribuindo, assim, para as discussões engendradas no âmbito da constituição histórica do léxico da língua portuguesa uma das frentes de investigação do Grupo de Pesquisa Nêmesis, da Universidade Federal da Bahia, ao qual se filia.

In the fragmentary treatise on the *Arte de Trovar*, which opens the *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, the third genre cultivated by Galician and Portuguese troubadours and music players is defined as that which the troubadour does *"querendo dizer mal d'alguém"*, ("wanting to speak ill of someone"), if he does so discretly, they are *cantigas de escárnio*, but if he does so openly, they are *cantigas de maldizer*. It is noted, though, that the designation *escárnio e maldizer* for the *cantigas* of this genre, seems confuse and imprecise, because sometimes a scorn is classified as cursing and vice versa and, in addition some of these poems are classified with those same names. That being said, we opt for the term satirical to designate this genre that represents more than a quarter of all the troubadour production transmitted by the remaining *Cancioneiros*. The unique testimonial value and the specific vocabulary of the satirical *cantigas* make this production a rich source for historical, literary and linguistic studies, especially concerning lexical research, at which level cultural, social and political changes are better observed. In this perspective, the present work aims to discuss issues related to the study and systematization of finite and infinitive verbal forms such as **oí, jaz, maer** (B143); **avilastes, gaar** (B1585); **emparar** (B1585); **fal** (B 1636); **avém, baralha, soio, seer** (B1645); **terrei, ementam** (B1650), just to mention a few, taken from the edition of six satirical *cantigas* from the *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, written by troubadours to criticize the character Sueiro Eanes. We intend to draw a counterpoint between the loss of information that is in the radical (in the lexicon) and the maintenance of morphological information and discuss the process of lemmatization of verbs from the perspective of Historical Lexicography, thus contributing to the discussions generated in the scope of the historical constitution of the lexicon of the Portuguese language, which is one of the research themes of the Nemesis Research Group, of the Federal University of Bahia.

Lisana Sampaio é Doutoranda em Linguística Histórica, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, possui mestrado também em Linguística Histórica pelo referido Programa de Pós-graduação e Graduação (Licenciatura) em Letras Vernáculas, na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Participa como pesquisadora do Grupo de Pesquisa Nêmesis, atuando no Projeto DEPARC (Dicionário Etimológico do Português Arcaico), coordenado pelo Professor Doutor Américo Venâncio Lopes Machado Filho. Atualmente, cumpre o estágio doutoral no exterior, na Universidade de Coimbra, sob orientação da Professora Doutora Clarinda de Azevedo Maia.

Panel 4.B: Memory and Rewriting

a) "Rescritas da Idade Média: da lírica trovadoresca à poesia galega".
Teresa López, Universidade da Coruña.

A reescrita de produções literárias medievais na contemporaneidade, para além de as narrativas feitas em diversos suportes, teve e tem manifestações no género poético. Na poesia galega começou nos inícios do século XX com algumas reelaborações inspiradas pelas cantigas de amigo, continuou nas décadas de 20 e 30 – com o neo-trovadorismo, segundo denominação do professor Manuel Rodrigues Lapa –, e ressurgiu no pós-guerra, especialmente na década de 50, acompanhando a tímida recuperação da atividade cultural galega. Com carácter geral, estas reelaborações foram acompanhadas da valorização do seu carácter genuinamente autóctone e muito frequentemente assinaladas como modelo para a criação de uma poesia galega que refletisse a identidade nacional da Galiza.
Nesta comunicação é o nosso propósito rever as reescritas da poesia medieval no período de pós-guerra para as caracterizar face às realizadas nas décadas de 20 e 30 e em relação com os modelos genéricos do cancioneiro medieval, e para as colocar no contexto das diferentes leituras ideológicas da Idade Média feitas na altura.

The rewriting of medieval literary productions in contemporaneity, in addition to the narratives made in various media, had and has manifestations in the poetic genre. In the Galician poetry it began in the early twentieth century with some re-elaborations inspired by the *cantigas de amigo*, continued in the 1920s and 1930s - with neo-troubadourism, by the name of Manuel Rodrigues Lapa -, and resurged in the post-war, especially in the 50s, accompanying the timid recovery of Galician cultural activity. In general, these re-elaborations were accompanied by the valorisation of their genuinely autochthonous character and very often indicated as a model for the creation of a Galician poetry that reflected the national identity of Galicia. In this communication it is our purpose to review the re-writings of medieval poetry in the post-war period to characterize them in the decades of the 20s and 30s and in relation to the generic models of the medieval *cancioneiro*, and to place them in the context of the different ideological readings of the Middle Ages made at the time.

Teresa López é Professora Titular de Filologias Galega e Portuguesa na Universidade da Corunha.
As suas investigações visam a literatura galega contemporânea, especialmente no que diz respeito às relações entre a poesia medieval e a contemporânea, à poesia da vanguarda (no período 1916-1936) e ao ressurgir da literatura em língua galega no século XIX.

b) "Actualizar as cantigas? Sobre as versões modernas das cantigas medievais galego-portuguesas".
Leticia Eirín, Universidade da Coruña.

Nas últimas décadas do passado século e inícios do presente, algumas das antologias que incluíram nas suas páginas cantigas medievais galego-portuguesas optaram por "adaptar", "modernizar" ou "actualizar" a língua dos textos trovadorescos, na maior parte dos casos como meio para pôr ao alcance de um público não necessariamente especializado a produção poética nascida no Ocidente da Península Ibérica. É a nossa intenção nesta comunicação elaborar uma listagem completa das obras que incluem versões modernas das cantigas galego-portuguesas –quer profanas, quer religiosas – assim como estudar em que medida e até que ponto se desenvolve essa actualização, como afecta aos esquemas métricos e rimáticos, como

condiciona a presença/ausência do léxico próprio dos diversos géneros canónicos, etc. Finalmente, desejamos introduzir uma reflexão sobre a pertinência e eventual necessidade desta decisão, nomeadamente no que diz respeito à utilização destes textos actualizados com fins didácticos.

In the final decades of the last century and beginning of the present one, some of the anthologies that included in their pages Galician-Portuguese medieval *cantigas* have chosen to "adapt", "modernize" or "update" the language of troubadour texts, in most cases as a means to bring them within the reach of a public not necessarily specialized the poetic production born in the West of the Iberian Peninsula. It is our intention in this communication to draw up a complete list of works that include modern versions of the Galician-Portuguese *cantigas* - whether profane or religious - as well as to study how and to what extent this updating takes place, how it affects the metrical and rhythmic schemes; how it conditions the presence / absence of the lexicon proper of the various canonical genres, etc. Finally, we wish to reflect on the relevance and possible need for this type of decision, particularly concerning the use of these updated texts for teaching purposes.

Leticia Eirín é doutora em Filologia Galega pela Universidade da Coruña e professora da Área de Filologias Galega e Portuguesa nesta mesma universidade. O seu trabalho de investigação está centrado na literatura medieval galego-portuguesa. De entre as suas publicações destaca a edição da obra teatral *Auto chamado dos Enfatriões*, de Luís de Camões (Biblioteca-Arquivo teatral Francisco Pillado Mayor, 2008), *O cancioneiro de Pero Mafaldo. Edición crítica* (Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, 2014), em parceria com Manuel Ferreiro, ou *A visión do amor no cancioneiro de Don Denis. Estudo e edición de 33 cantigas de amor* (Edicións Laiovento, 2015).

c) "The New Middle Ages, also in literature?"
Raquel Crespo-Vila, University of Salamanca.

This article examines the school of thought that defends the arrival of a "new Middle Ages" to the present, to analyze the arguments used to defend a historical, political and social parallelism between medieval and contemporary world. The objective is to review a series of previous works, in which the Middle Ages (or its double-image) has been used as interpretive key of the contemporary world; from the most distant proposals to the most recent: Nicolas Berdiaev (1924), Roberto Vacca (1971), Umberto Eco (1972), Javier Alvarado (1980), Alain Minc (1993), Carpegna Falconieri (2015), Aranda Bustamante (2015).
Then, based on literature as a cultural fact, the aim of this proposal is to broaden the scope of the term "New Middle Ages" to apply it, as hermeneutic category, to contemporary culture and art, relating notions as "postmodernism" (and related concepts like "altermodernity", "pastiche", "collage", "kistch", "postproduction"), with certain patterns of medieval culture, to confirm the existence of a neomedieval mark in contemporary culture.

Raquel Crespo-Vila has a Degree in Advertising and Public Relations (University of Vigo, 2007). Degree in Hispanic Philology (University of Salamanca, 2012). Master in Spanish and Spanish American Literature: Advanced Studies (University of Salamanca, 2013). Nowadays, she develops her PhD studies at the University of Salamanca. Her main research field is the prevalence and modernizing of medieval literature in the contemporary Spanish narrative.

Session 5 – A World of Knights: Playing with Chivalric Ideals

a) "Parodying Conventions: Monty Python and the Holy Grail".
Angélica Varandas, FLUL/CEAUL-ULICES, Universidade de Lisboa.

John Aberth, in 2003, estimated that 262 films, cartoons and TV shows had been made about the Arthurian legends. Now, that thirteen years have passed, we can add to his list about nine more. Amongst all these adaptations, *Monty Python and the Holy Grail*, directed by Terry Gilliam and Terry Jones in 1975, stands out for not being yet another film about King Arthur or the Arthurian imaginary. Firstly, because it condenses,

in a film about the Quest for the Holy Grail, a thousand-year period from the world of Arthur in the 6th century to the Black Death in the 14th. Secondly because, in its portrayal of the Middle Ages, it is unique in criticizing several stereotypes associated not only with the Arthurian legend and the rules of knighthood and chivalry but also with the medieval world as a whole. Thirdly, because it can be assumed as a parody of other King Arthur movies as well known and prestigious as *The Seventh Seal* (1957) by Ingmar Bergman, and at the same time makes fun of filmic conventions in general. Finally, it can also be envisaged as a critique to the effects of popular culture not only on the Arthurian myth but also on other texts, stories and narratives as renowned as those of King Arthur.

Angélica Varandas is an Assistant Professor with Tenure in the Department of English Studies of the School of Arts and Humanities (University of Lisbon) where she teaches Medieval Culture as well as English Linguistics. Her main area of research is English Medieval Literature and Culture in which she has published various articles. She is also the author of two books about Celtic mythology. (*Mitos e Lendas Celtas: Irlanda*, Lisboa, Livros e Livros sob a chancela da Centralivros, 2006, 370 pp; *Mitos e Lendas Celtas: País de Gales*, Lisboa, Livros e Livros sob a chancela da Centralivros, 2007, 386 pp.). She co-coordinates the Science Fiction and Fantasy project Messengers from the Stars.

b) "Brienne of Tarth: The one true knight in A Song of Ice and Fire".
Diana Marques, CEAUL/ULICES, Universidade de Lisboa.

In the *A Song of Ice and Fire* series, the "true knight" is a concept that represents all the qualities of knighthood, exemplifying what a knight should aspire to be. It is associated with the chivalric code where the knight should be just, brave, honourable, and should defend and protect the weak and poor. Indeed, chivalry ideals were popularized in medieval romances from the 12th century onwards, and are especially present in the stories of King Arthur and his knights. Moreover, the image of the knight as an example of a perfect human being has been perpetuated since the 19th century, when medieval romances were rediscovered and inspired authors to recover this trope, in an attempt to glorify a now lost Golden Era of chivalry.
In his work, George R. R. Martin criticizes knights and the ideals of chivalry, making the knight one of the most subverted medieval character tropes in A Song of Ice and Fire, showing that those ideals are false, an illusion, and that the medieval reality was grittier, more dangerous and morally ambiguous. Nevertheless, Martin also creates Brienne of Tarth a woman playing a man's part, questioning what it means to be a knight. Thus, the aim of this paper is to analyse how concepts of medieval chivalry and knighthood are incorporated in and subverted through Brienne in *A Song of Ice and Fire*, since she is the only character in the series that upholds chivalric values and lives by them.

Diana Marques has a MA in English and American Studies from the School of Arts and Humanities, University of Lisbon, with a dissertation about Excalibur in medieval English culture and literature. She is a researcher at ULICES (University Lisbon Centre for English Studies), as well as a University of Lisbon Grantee, and is currently working on her Ph.D. project about Fantasy literature. Some of her main research interests include English medieval literature, the Arthurian legend, Medievalism, fantasy and science fiction literature.

c) "'I schel singe; Of a knight ich wile yow roune': On the Adaptation of Bevis of Hampton".
Ana Rita Martins, FLUL/CEAUL-ULICES, Universidade de Lisboa.

Written in the fourteenth century and preserved in six manuscripts, *Bevis of Hampton* (c. 1324) was one of the most popular romances in medieval England retelling the many adventures of Bevis, the son of the Earl of Hampton, his wondrous horse Arondel and the sword Morgelai. However, despite its obvious appeal to past audiences, today the tales of Bevis remain largely neglected. While medieval Arthurian narratives have been used for numerous literary revisions by contemporary authors as well as served as inspiration for on screen adaptations, in addition to plays, operas, and comic books, which have made Lancelot, Guinevere,

Gawain, Galahad, or Merlin, household names, the hero Bevis and heroine Josian have been given comparatively less attention.
Aiming to lessen the gap, this paper's purpose is to analyse the short film *To Unwill a Heart* (2010, Dir. Gela Jenssen), most likely the only on screen adaptation of *Bevis of Hampton*. In addition, I will also seek to explore the reasons that might have led to the lack of contemporary adaptations of the romance, which was by all accounts one of the best known and most adapted Middle English romances up until the beginning of the twentieth century (Forrest-Hill 2016; Cooper 2004).

Ana Rita Martins is an English lecturer in the Department of English Studies at the School of Arts and Humanities, Univ. of Lisbon, and a researcher at the University of Lisbon Centre for English Studies (ULICES). She holds an MA in Medieval English Literature and is currently working on her PhD in Medieval Popular Romance in Middle English. Her main research interests include Arthurian romance; medieval romance; medievalism; monsters and monstrosity; comics; fantasy and science fiction.

Keynote Lecture 4

"Torres e castelos – algumas considerações sobre a Idade Média hoje".
Prof. Graça Videira Lopes, IEM / FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

De *A Ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós, à *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago, a Idade Média tem servido mote a muitos escritores modernos e contemporâneos não só para uma reflexão sobre a História de Portugal, mas também, mais genericamente, sobre as narrativas da História. Trata-se, nestes como em outros casos, de reflexões muito interessantes, e suscetíveis de guiar o necessário debate sobre o lugar dos estudos medievais hoje e as diversas abordagens possíveis a este passado medieval.

From *A Ilustre Casa de Ramires*, by Eça de Queirós, to the *História do Cerco de Lisboa*, by José Saramago, the Middle Ages have served as a motto for many modern and contemporary writers, not only for a reflection on the History of Portugal, but also more generically, on the narratives of History. These are, as in other cases, very interesting reflections, and also capable of guiding the necessary debate on the place of medieval studies today and the various possible approaches to this medieval past.

Graça Videira Lopes é investigadora integrada do Instituto de Estudos Medievais (IEM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, faculdade onde foi, desde 1982, professora do Departamento de Estudos Portugueses (atualmente aposentada). Doutorada em Literatura Medieval (1993), o seu trabalho tem incidido particularmente na Lírica Trovadoresca Galego-Portuguesa, neste âmbito sendo a responsável pela Base de Dados, online desde Novembro 2011, «Cantigas Medievais Galego-Portuguesas», resultante do projeto FCT *Littera* (2008-2011) (http://cantigas.fcsh.unl.pt). É ainda coordenadora do projeto «Modelos e variações», apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do qual será muito em breve disponibilizada uma nova base de dados «Cantigas de seguir – modelos occitânicos e franceses».
Para além de numerosos artigos, é autora dos livros: *A sátira nos cancioneiros medievais galego-portugueses*, Lisboa, Ed. Estampa, 1998; *Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses*, Lisboa, Editorial Estampa, 2002; tendo ainda coordenado *Cantigas de trovadores – de amor, de amigo, de maldizer*, Jornal Público, 2015; *Cantigas trovadorescas: da Idade Média aos nossos dias* (com Manuel Masini), Lisboa, IEM, 2015; *Do canto à escrita: novas questões em torno da Lírica Galego-Portuguesa. Nos cem anos do Pergaminho Vindel*, Lisboa, IEM/CESEM, 2016 (com Manuel Pedro Ferreira); *Cantigas galego-portuguesas – corpus integral profano*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2016.

BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia Primária

a) Edições da obra *Sir Gawain and the Green Knight*:

Madden, Frederick (ed.) (1839), Syr Gawayne: *A collection of ancient romance, poems, by Scottish and English Authors, relating to that celebrated knight of the Round Table*. London: Richard and John E. Taylor.

Sir Israel Gollancz (ed.) (1940), *Sir Gawain and the Green Knight*, re-edited from MS. Cotton Nero A.x., in the British Museum. London: OUP.

Andrew, Malcolm and Ronald Waldron (eds.) (1978) *The poems of the Pearl Manuscript: Pearl, Cleanness, Patience, Sir Gawain and The Green Knight*. London: Edward Arnold.

Tolkien, J. R. R. and E. V. Gordon (eds.) (1979), *Sir Gawain and the Green Knight*, revised by Norman Davis, 2nd ed. Oxford: Clarendon.

b) Traduções da obra *Sir Gawain and the Green Knight*:

Sir Gawain and the Green Knight (1965), translated with an introduction by Brian Stone. Harmondsworth: Penguin Books.

Sir Gawain and the Green Knight, Pearl and Sir Orfeo (1975), translated by J. R. R. Tolkien. London: George Allen & Unwin.

Sir Gawain and the Green Knight (1979), edited, with an introduction, prose translation and notes, by W. R. J. Barron. Manchester: Manchester University.

Sir Gawain and the Green Knight (2007), translated by Simon Armitage. London: Faber and Faber Limited.

c) Outras obras medievais:

A Demanda do Santo Graal (1995), ed. de Irene Freire Nunes, Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

A Lírica Galego-Portuguesa (1983), edição de Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos, Lisboa: ed. Comunicação.

Arthurian chronicles, Wace and Layamon (1962), translated by Eugene Mason; introduction by Gwyn Jones. London: Dutton.

Boron, Robert de (2010), *Merlin, o Mago e o Livro do Graal*, tradução de Eduardo Amarante, Apeiron Edições.

Cancioneiro da Biblioteca Nacional (2010), Edição *facsimile*, prefácio de João Palma e apresentação de Luís F. Lindley-Cintra. Lisboa: Biblioteca Nacional/INCM.

Cantigas Medievais Galego-Portuguesas (base de dados da FCSH, de 2012) in http://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp, consultado a 11/3/2017.

Cantigas Medievais Galego-Portuguesas: Corpus Integral Profano (2017), edição e coordenação de Graça Videira Lopes. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; IEM - Instituto de Estudos Medievais e CESEM - Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical.

Capellanus, Andreas (1969), *The Art of Courtly Love*, translated by John Jay Parry. New York: Columbia University Press.

Chaucer, Geoffrey (1988), *The Riverside Chaucer,* edited by Larry Benson, 3rd ed. Oxford: Oxford University Press.

Correia, Isabel Calvário (2015) *Do Lancelot ao Lançarote de Lago*. Porto: Estratégias Criativas.

Davies, J. H. (1913), "A Welsh Version of the Birth of Arthur". *Y Cimmrodor – the Journal of the Honourable Society of the Cymmrodorion*, vol. 24. London: Society of the Cymmrodorion, 249-264 in https://journals.library.wales/view/1386446/1391409/254, consultado a 22/4/2017.

Day, Mildred Leak (2005), *Latin Arthurian Literature*. Cambridge: D. S. Brewer.

Didot-Perceval or The Romance of Perceval in Prose (1966), edited and translated by Dell Skeels. Seattle: University of Washington Press, in http://www.ancienttexts.org/library/celtic/ctexts/pdindex.html, consultado a 13/02/2017.

Guest, Lady Charlotte (1849), *The Mabinogion*, in http://www.gutenberg.org/files/5160/5160-h/5160-h.htm, consultado a 17/11/2015.

Hahn, Thomas (editor) (1995), *Sir Gawain: Eleven Romances and Tales*, Middle-English Text Series, University of Rochester, in http://d.lib.rochester.edu/teams/text/hahn-sir-gawain-introduction, consultado a 29/7/2014.

Huntingdon, Henry of, "Excerpt from Henry of Huntingdon's *Historia Anglorum*, Arthur's Twelve Battles", in Thomas Forester (editor) (1991), *The Chronicle of Henry of Huntingdon*, in The Camelot Project, University of Rochester, http://d.lib.rochester.edu/camelot/text/arthurs-twelve-battles, consultado a 11/2/2016.

Langland, William (1987), *Piers the Ploughman*. London: Penguin.

Laranjinha, Ana Sofia (2012), *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron*. Porto: Estratégias Criativas.

L´Âtre Périlleux, récit en vers, traduit et présenté par Marie-Louise Ollier, in *La Légende arturienne. Le Graal et la table ronde* (1989) Paris, Robert Laffont, 605-708.

La Chanson de Roland (1990), édition critique et traduction de Ian Short, 2e édition, Le Livre de Poche.

La Quête du Graal (1965), édition de Albert Béguin et Yves Bonnefoy. Paris: Éditions du Seuil.

Lopes, Graça Videira (s/d), *Amadis de Gaula* (tradução dos primeiros capítulos com breve nota introdutória) in www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index_ficheiros/amadisT.pdf, consultado a 17/3/2017.

Lorris, Guillaume de (1999), *Le Roman de la Rose*, édition de Daniel Poirion et Jean Dufoinnet. Paris: Garnier Flammarion.

Lupack, Alan (ed.) (1994), *Lancelot of the Laik and Sir Tristrem*. Michigan: Medieval Institute Publications, in http://d.lib.rochester.edu/teams/text/lupack-lancelot-of-the-laik-and-sir-tristrem-sir-tristrem-introduction, consultado a 11/3/2017.

Lybeaus Desconus (1969), Ed. M. Mills EETS o.s. 261. London: OUP.

Malmesbury, William of (1125), *Gesta Regum Anglorum* in http://archive.org/stream/williamofmalmesb1847will/williamofmalmesb1847will_djvu.txt, consultado a 11/02/2017.

Malory, Sir Thomas (2004), *Le Morte D'Arthur*. Stephen H.A. Shepherd (Ed.). New York and London: A Norton Critical Edition in http://www.gutenberg.org/files/1252/1252-h/1252-h.htm, consultado a 18/3/2017.

Meyer, Paul (1910), "Les Enfances Gauvain, fragment d'un poème perdu". *Romania*, tome 39, n° 153 : 1-32, in http://www.persee.fr/doc/roma_0035-8029_1910_num_39_153_5096, consultado a 15/09/2016.

Miranda, José Carlos Ribeiro *et alia* (2016), *Estória do Santo Graal*. Porto: Estratégias Criativas

Monmouth, Geoffrey of (1136). *History of the Kings of Britain.* Tradução por Aaron Thompson.. Consultado em 18/11/2015 no website https://books.google.pt/books?id=biQ6iC_ua9AC&printsec=frontcover&dq=monmouth+history+of+the+kings+of+britain&hl=pt-

PT&sa=X&ved=0CB4Q6AEwAGoVChMIuJyr8JmayQIVAlcaCh0ebAlB#v=onepage&q=monmouth%20history%20of%20the%20kings%20of%20britain&f=false,

_____ (1150), *Vita Merlini,* Traducao por John Jay Parry. http://books.google.com/books?id=hKp7JnWtxbAC&pg=PA72&vq=morgen&source=gbs_search_r&cad=0_1#PPP1,M1 – Consultado a 18/11/2015

Nennius. *British History* (*Historia Brittonum)*. www.fordham.edu/halsall/basis/nennius-full.html – Consultado a 18/11/2015.

"Sir Gawain and the Grail Part One" – the Gawain episode from the *first continuation* of *Perceval*, translated by Jessie L. Weston, in http://www.ancienttexts.org/library/celtic/ctexts/g01.html, consultado a 1/10/2014.

The Rise of Gawain, Nephew of Arthur (De Ortu Waluuanii nepotism Arturi) (1984), ed. And transl. by Mildred Leak Day. Garland Library of Medieval Literature, vol. 15, series A. NY and London: Garland.

The Sweet Sorrow (s/d), balada arturiana recolhida por Alexander Carmichael em 1875, in http://carmichaelwatson.blogspot.pt/search/label/Am%20Br%C3%B2n%20Binn, consultado a 18/3/2017.

The vulgate version of the Arthurian romances (1969), edited from manuscripts in the British Museum by H. Oskar Sommer. New York: Ams Press.

The Welsh Triads - Llyfr Coch Hergest in http://www.maryjones.us/ctexts/triads1.html, consultado a 17/11/2015.

Troyes, Chrétien de (1994), *Le Chevalier au Lion*, éd. de David Hult. Paris: Le Livre de Poche.

_____ (1998), *Perceval ou o Romance do Graal*, tradução de Jacqueline Baptista, Mem Martins: Europa-América.

_____ (2004), *Arthurian Romances*. Translated by William W. Kibler. London: Penguin Books.

Two Old French Gauvain Romances, «Le Chevalier à L'Épée» and «La Mule sans frein» (1972), edited with introduction, notes and glossary by R. C. Johnston and D. D. R. Owen. London: Scottish Academic Press.

Winters, Margaret (1984), *The Romance of Hunbaut: an Arthurian Poem of the Thirteenth Century*. Leiden: Ludguri Batavorum E. J. Brill.

2. Bibliografia Secundária

a) Sobre a obra *Sir Gawain and the Green Knight*:

Anderson, J. J. (2005), *Language and Imagination in the Gawain-poems*. Manchester: Manchester University Press.

Arkin, Lili (1996), "The Role of Women in *Sir Gawain and the Green Knight*." 1996. http://chss.montclair.edu/english/furr/arkin.html – Consultado a 15/5/2013.

Arthur, Ross G (1987), *Medieval sign theory and Sir Gawain and the Green Knight*, University of Toronto.

Barron, W. R. J (1987), *English Medieval Romance*, London and NY: Longman.

Bennett, Michael J. (1997), "The Historical Background." *A Companion to the Gawain-Poet*. Ed. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge: D.S. Brewer, 71-90.

Brewer, D. S. (1966), "Courtesy and the *Gawain*-poet", in *Patterns of Love and Courtesy: Essays in Memory of C. S. Lewis*. Ed. J. Lawlor. Evanston, 54-85.

_____, (1997), "The Materials of Culture: Armour II: The Arming Topos as Literature" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Cambridge, England: D.S. Brewer, 175-79.

_____, (1997), "The Materials of Culture: Some Names" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Cambridge, England: D.S. Brewer, 191-5.

_____, (1997), "The Materials of Culture: The Colour Green" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Cambridge, England: D.S. Brewer, 181-190.

Brewer, Elisabeth (1997), "Sources I: The Sources of *Sir Gawain and the Green Knight*" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Cambridge, England: D.S. Brewer, 243-55.

Busby, Keith (1991), "Gawain" in *New Arthurian Encyclopedia*, ed. by Norris J. Lacy, NY and London: Garland, 178-179.

Burrow, J.A (2001), *The Gawain Poet*. Horndon, UK: Northcote House, 2001.

Carriere, Jean Louise (1970), "*SGGK* as a Christmas Poem", *Comitatus: A Journal of Medieval and Renaissance Studies*, UCLA, in http://escholarship.org/uc/item/2rr294cr, consultado a 19/2/2015.

Cigman, Gloria (1994) "The Medieval Self as Anti-Hero." *Heroes and Heroines in Medieval English Literature*. Ed. Leo Carruthers. Cambridge: D.S. Brewer, 161-70.

Clein, Wendy (1987), *Concepts of chivalry in Sir Gawain and the Green Knight*, Oklahoma: Pilgrim.

Clopper, Lawrence M. (1996), "The God of the *Gawain*-Poet." *Modern Philology* 94.1, 1-18.

Cooper, Helen (1997), "The Supernatural" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Ed. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge, England: D.S. Brewer, 277-91.

Dalrymple, Roger (2012), "Sir Gawain in Middle English Romance" in *A Companion to Arthurian Literature*, edited by Helen Fulton. Chichester: Wiley-Blackwell, 265-277.

Davis, Nick (1995), "Recognition of Worth in *Pearl* and *Sir Gawain and the Green Knight*." *The Middle Ages in the North-West: Papers presented at an International Conference sponsored by the Centres of Medieval Studies of the Universities of Liverpool and Toronto*. Eds. Tom Scott and Pat Starkey. Oxford: Leopard's Head Press, 177-202.

_____, (1997), "Narrative Form and Insight" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Ed. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge: D.S. Brewer, 329-49.

Dinshaw, Carolyn (1994), "A Kiss Is Just a Kiss: Heterosexuality and Its Consolations in *Sir Gawain and the Green Knight*." *Diacritics* 24.2-3, 205-26.

Duggan, H.N. (1997), "Meter, Stanza, Vocabulary, Dialect" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Eds. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge: D.S. Brewer, 221-42.

Edwards, Anthony S.G. (1997), "The Manuscript: British Library MS Cotton Nero A.x." in *A Companion to the Gawain-Poet*. Ed. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge: D.S. Brewer, 197-219.

Eldevik, Randi (2005), "Less than Kind: Giants in Germanic Tradition" in *The Shadow-Walkers: Jacob Grimm's Mythology of the Monstrous.* Ed. Tom Shippey. Turnhout: Brepols, 83-110.

Elliott, Ralph (1997), "The Materials of Culture: Landscape and Geography" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Ed. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge, England: D.S. Brewer, 104-17.

Fisher, Sheila (2000), "Leaving Morgan Aside – Women, History , and Revisionism in *Sir Gawain and the Green* Knight" in *Arthurian Women*, edited by Thelma Fenster, NY: Routledge, 77-96.

From Cuchulainn to Gawain: sources and analogues of Sir Gawain and the Green Knight (1973), selected and translated by Elisabeth Brewer. Totowa Rowman and Littlefield.

Gawain: A Casebook. (2006) Edited by Raymond H. Thompson and Keith Busby. New York: Routledge.

Gilbert, Jane (1997), "Gender and sexual transgression" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Ed. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge: D.S. Brewer, 53-69.

Gustafson, Kevin (2007), "Sir Gawain and the Green Knight" in *A Companion to Medieval English Literature and Culture c.1350-c.1500*. Ed. Peter Brown. Oxford: Blackwell Publishing, 619-33.

Hahn, Thomas (2000), "Gawain and Popular Chivalric Romance in Britain" in *The Cambridge Companion to Medieval Romance*. Ed. Roberta L. Krueger. Cambridge: Cambridge UP, 218-34.

Hanna, Ralph, III. (1995), "Defining Middle English alliterative poetry" in *The Endless Knot: Essays on Old and Middle English in Honor of Marie Borroff*. Ed. M. Teresa Tavormina and R.F. Yeager. Cambridge: D.S. Brewer, 43-64.

_____ (2000), "Feasting in Middle English Alliterative Poetry" in *New Perspectives on Middle English Texts: A Festschrift for R. A. Waldron*. Ed. Susan Powell and Jeremy J. Smith. Woodbridge, UK: D.S. Brewer, 31-42.

Harding, Wendy (1998), "Sir Gawain and the Green Knight as a Winter's Tale" in *La Ronde des Saisons: Les Saisons dans la Littérature et la société anglaise au Moyen Age*. Ed. Leo Carruthers. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 69-81.

Haruta, Setsuko (1995), "The Women in *Sir Gawain and the Green Knight*" in *Arthurian Romance and Gender/Masculin/Féminin dans le roman arthurien Médiéval/Geschlechterrollen im mittelalterlichen Artusroman*. Ed. Friedrich Wolfzettel. Amsterdam: Rodopi, 206-14.

Hills, David Farley (1963), "Gawain's Fault in *Sir Gawain and the Green Knight*", *The Review of English Studies,* New Series, Vol. 14, nº 54, Oxford: Oxford University Press, 124-131, Consultado em http://www.jstor.org/stable/513502 a 23/4/2013.

Hirsh, John C. (1955), "Religious Attitudes and Mystical Language in Medieval Literary Texts: An Essay in Methodology: *Sir Gawain and the Green Knight*, *Havelok*, *Lay le Freine*" in *Vox Mystica:*

Essays on Medieval Mysticism: In Honor of Professor Valerie M. Lagorio. Ed. Anne Clark Bartlett et al. Cambridge: D. S. Brewer, 15-25.

Hogenbirk, Marjolein (2007), "Grigalet as an Epic Character" *Arthurian Literature* 24, 65-78.

Hollis, Stephanie J. (1981), "The Pentangle Knight: 'Sir Gawain and the Green Knight'", *The Chaucer Review*, Vol.15, No 3, Penn State University Press, http://www.jstor.org/stable/25093761, consultado em 18/6/2013.

Horrall, Sarah M. (1986), 'Notes on British Library, MS Cotton Nero A x', *Manuscripta* , 30, 191–98;

Howard, Donald, R. (1966), "Chivalry and the Pride of Life: Sir Gawain and the Green Knight" in *The Three Temptations – Medieval Man in Search of the World*, Princeton: Princeton University Press, pp. 215-254.

Johnson, Lynn Staley (1984), *The Voice of the Gawain-Poet*. Wisconsin: Wisconsin University Press.

Kennedy, Edward Donald (2007), "Gawain's Family and Friends: *Sir Gawain and the Green Knight* and its Allusions to French Prose Romances" in *People and Texts: Relationships in Medieval Literature: Studies Presented to Erik Kooper*. Ed. Thea Summerfield and Keith Busby. Amsterdam: Rodopi, 143-60.

Kinney, Clare (2014). "Trawþe and Tresoun: Translating *Sir Gawain and the Green Knight"* in *Essays on Aesthetics and Medieval Literature in Honor of Howell Chickering*, edited by John M. Hill, Bonnie Wheeler and R. F. Yeager. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies. 228-243.

Kitson, P. R. (1998), "The Name of the Green Knight", *Neuphilologische Mitteilungen* 99.1, 39-52.

Lacy, Michael (1997), "The Materials of Culture: Armour I" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Eds. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge: D.S. Brewer, 165-73.

Lander, Bonnie (2007), "The Convention of Innocence and *Sir Gawain and the Green Knight*'s Literary Sophisticates", *Parergon* 24.1. 41-66.

Larrington, Carolyne (2012), "English Chivalry in *Sir Gawain and the Green Knight*" in *A Companion to Arthurian Literature*, ed. by Helen Fulton. Chichester: Wiley-Blackwell, 252-264.

Lindley, Arthur (1995), "Lady Bertilak's Cors: Sir Gawain and the Green Knight, 1237 *", Notes and Queries 42.1*, 23-4.

Loomis, Roger S. (1970), "More Celtic Elements in *Gawain and the Green Knight*" in *Studies in Medieval Literature*, NY: Burt Franklin, pp. 157-192.

Mann, Jill (1994), "Sir Gawain and the Romance Hero" in *Heroes and Heroines in Medieval English Literature*. Ed. Leo Carruthers. Cambridge: D.S. Brewer, 105-17.

Matsuda, Takami (2007), "*Sir Gawain and the Green Knight* and St. Patrick's Purgatory", *English Studies: A Journal of English Language and Literature* 88.5, 497-505.

Matthews, Caitlin (1989), "Arthur and the Matter of Britain" in *Arthur and the Sovereignty of Britain*, London: Arkana, 1-30.

Matthews, John (1990), *Gawain, Knight of the Goddess*, London, Aquarian.

McCarthy, Conor (2001), "*Sir Gawain and the Green Knight* and the Sign of *trawþe*", *Neophilologus* 85.2, 297-308.

McCarthy, Conor (2008), "*Luf-Talkyng* in *Sir Gawain and the Green Knight*", *Neophilologus* 92.1, 155-62.

McGillivray, Murray (2006), "Digitizing Sir Gawain: Traditional Editorial Scholarship and the Electronic Medium in the Cotton Nero A.x Project" in *Mind Technologies: Humanities Computing*

and the Canadian Academic Community. Ed. Raymond Siemens and David Moorman. Calgary: University of Calgary Press, 33-45.

Moll, Richard James (2003), "Sir Gawain and the Green Knight" in *Before Malory: Reading Arthur in Later Medieval England*. Toronto: University of Toronto Press, 337-52.

Morgan, Gerald (1997), "The Perfection of the Pentangle and of Sir Gawain in *Sir Gawain and the Green Knight*" in *Essays on Ricardian Literature in Honour of J.A. Burrow*. Eds. A.J. Minnis, Charlotte C. Morse, and Thorlac Turville-Petre. Oxford: Clarendon Press, 252-75.

Newhauser, Richard (1997), "Sources II: Scriptural and Devotional Sources" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Ed. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge: D.S. Brewer, 257-75.

Newstead, Helaine (1967), "Arthurian Legends." in *A Manual of the Writings in Middle English: 1050-1500*. New Haven: Connecticut Academy of Arts and Sciences, 224-256.

Owen, Corey Alec (2007), *The Passions of Sir Gawain: Patience and the Idiom of Medieval Romance in England*. PhD Dissertation. Dalhousie University, *ProQuest.*

Pearsall, Derek (1997) "Courtesy and Chivalry in *Sir Gawain and the Green Knight*" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Ed. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge: D.S. Brewer, 351-62.

Phillips, Bill (2004), " 'The Taint of a Fault': Purgatory, Relativism and Humanism in *Sir Gawain and the Green Knight*", *Revista Alicantina de Estudios Ingleses* 17, 227-37.

Powell, Susan (2000), "Untying the Knot: Reading *Sir Gawain and the Green Knight*" in *New Perspectives on Middle English Texts: A Festschrift for R. A. Waldron*. Ed. Susan Powell and Jeremy J. Smith. Woodbridge, UK: D.S. Brewer, 55-74.

Putter, Ad. (1996), *An Introduction to the Gawain-Poet*. Harlow, UK: Longman.

Ramsey, Lee C. (1983), "The Best Knight in the World" in *Chivalric Romances: Popular Literature in Medieval England*. Bloomington: Indiana University Press, 45-68.

Reichardt, Paul F.(1984), "Gawain and the Image of the Wound", *PMLA*, Vol. 99, N° 2, Modern Language Assocation 154-161, Consultado em www.jstor.org/stable/462158, em 24/4/2013.

Revard, Carter (2004), "Was the *Pearl* Poet in Aquitaine with Chaucer? A Note on *fade*, L.149 of *Sir Gawain and the Green Knight*", *SELIM* 11, 5-26.

Riddy, Felicity (1995), "Nature, Culture and Gender in *Sir Gawain and the Green Knight*", in *Arthurian Romance and Gender/Masculin/Féminin dans le roman arthurien médiéval/Geschlechterrollen im mittelalterlichen Artusroman*. Ed. Friedrich Wolfzettel. Amsterdam: Rodopi, 215-225.

_____ (2000), "Middle English Romance: family, marriage, intimacy" in *The Cambridge Companion to Medieval Romance*. Ed. Roberta L. Krueger. Cambridge: Cambridge UP, 235-252.

Rogers, Gillian (1997), "*The Grene Knight*" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Ed. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge: D.S. Brewer, 365-72.

Rooney, Anne (1997), "The Materials of Culture: The Hunts in *Sir Gawain and the Green Knight*" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Ed. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge: D.S. Brewer, 157-63.

Rowley, Sharon M. (2003), "Textual Studies, Feminism, and Performance in *Sir Gawain and the Green Knight*", *Chaucer Review* 38.2, 158-77.

Salter, Elizabeth (1967), "The Alliterative Revival. II", *Modern Philology*, Vol. 64, n° 3, The University of Chicago Press, 233-237, http://www.jstor.org/stable/436719, consutado em 24/4/2013.

Sanders, Andrew (2005), *História da Literatura Inglesa*, Lisboa: Verbo, 63-68.

Shichtman, Martin B. (1987). "Gawain in Wace and Laʒamon: A case of Metahistorical Evolution" in *Medieval Texts & Contemporary Readers*. New York: Cornell University Press. 103-119.

Spearing , A. C. (1970), *The Gawain-poet: a Critical Study*. Cambridge: Cambridge University Press.

Spearing, A. C. and J. E. Spearing (Editors) (1974), "General Introduction" in *Poetry of the Age of Chaucer*, London: Edward Arnold, 1-40.

_____, "Sir Gawain and the Green Knight" (1974) in *Poetry of the Age of Chaucer*, London: Edward Arnold, 80-87.

Stokes, Myra (2005), "Gawain the Good" in *Studies in late Medieval and Early Renaissance Texts in Honour of John Scattergood*. Edited by Anne Marie D'Arcy and Alan J. Fletcher. Dublin: Four Courts. 337-352.

Tolkien, J. R. R. (2006), "Sir Gawain and the Green Knight" in *The Monsters and the Critics and Other Essays*, Harper Collins Publishers, 72-108.

Twentieth century interpretations of Sir Gawain and the Green Knight: a collection of critical essays (1968), edited by Denton Fox. New Jersey: Prentice-Hall.

Twomey, Michael W. (1996), "Morgain La Fée in *Sir Gawain and the Green Knight*: FromTroy to Camelot" in *Text and Intertext in Medieval Arthurian Literature*. Ed. Norris J. Lacy. New York: Garland, 91-115.

Varandas, Maria Angélica (1994), *Sir Gawain and the Green Knight: Magias do Feminino*. Lisboa: Tese de Mestrado em Literatura Inglesa Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

_____ (2009) “Um Heroi Resgatado: A Importancia de Gawain em *Sir Gawain and the Green Knight*.” Separata de *“So long lives this and this gives life to thee.” Homenagem a Maria Helena de Paiva Correia.* Departamento de Estudos Anglísticos. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 113-132.

_____ (2010), “O Rosto do Herói Medieval: Beowulf e Gawain”, *Brathair*, nº 10, 26-50.

Watson, Nicholas (1997), "The *Gawain*-poet as a Vernacular Theologian" in *A Companion to the Gawain-Poet*. Ed. Derek Brewer and Jonathan Gibson. Cambridge: D.S. Brewer, 293-313.

Weston, Jessie (1897), *The Legend of Sir Gawain – Studies upon its original scope and significance*, London: Edinburgh University Press.

Wheeler, Bonnie (1993), "Romance and Parataxis and Malory: the Case of Sir Gawain's Reputation", *Arthurian Literature, XII*. Ed. James P. Carley and Felicity Riddy. Cambridge: D.S. Brewer, 109-132.

Wilson, Anne (1988), “Gawain and the Green Knight” in *The Magical Quest – The Use of Magic in Arthurian Romance*. Manchester: Manchester University Press.

Woods, William F (2002), “Nature and the Inner Man in *Sir Gawain and the Green Knight.*”, *Chaucer Review* 36, 209-227.

b) Sobre a Matéria da Bretanha

Alcock, Leslie (2001), *Arthur’s Britain*. London: Classic Penguin Books.

Álvares, Maria Cristina (1999), “Gauvain et L’Impossible Dénouement Romanesque”, *Pris-ma: bulletin de liaison de l'Equipe de recherche sur la littérature d'imagination du moyen âge*, 1-15, Repositorium UM: http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9560, consultado em 15/11/2015.

Arthurian Literature in the Middle Ages: a Collaborative History (1961), edited by Roger Sherman Loomis. Oxford: Clarendon Press.
Arthurian Romance: seven essays (1973), edited by D. D. R. Owen. Edinburgh: Scottish Academic.

Barber, R. W. (1961), *Arthur of Albion: an introduction to the Arthurian literature and legends of England*, with a foreword by David Jones. London: Barrie and Rockliff.

Batt, Catherine & Rosalind Field (1999), "The Romance Tradition" in *The Arthur of the English*, ed. by W. J. R. Barron. Cardiff: University of Wales Press.

Besamusca, Bart (1998), "Gawain" in *A Dictionary of Medieval Heroes* (edited by Willem P. Gerritsen e Anthony G. Van Melle. Woodbridge: The Boydell Press, 113-120.

Bogdanow, Fanni (1983), "The Spanish *Demanda del Sancto Grial* and a variant version of the vulgate *Quest del Saint Graal*, the final scene at Corbenic", Separata do *Boletim de Filologia,* 28. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade, 45-80.

Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1990), "A novelística medieval: *A Demanda do Santo Graal* e a modelação no plano ético-cavaleiresco" in *Literatura Portuguesa Medieval*, Lisboa: Universidade Aberta, 96-112.

_____ (1991), *Perceval e Galaaz, Cavaleiros do Graal,* Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

_____ (1993), "O Interdito e a Ocultação: Dois *Topoi* na *Demanda do Santo Graal*" in *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, organização de Aires Nascimento e Cristina Ribeiro, 1ª ed., Lisboa: Cosmos, volume IV, 57-63.

Castro, Ivo, (1983), *Sobre a Data da introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Pós-Vulgata*, Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

_____ (1993), "Demanda do Santo Graal" in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, organização e coordenação de Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa: Caminho, 203-206.

_____ (1993a), "Matéria da Bretanha" in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, organização e coordenação de Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa: Caminho, 445-450.

Coe, Jon B. e Simon Young (1995), *The Celtic Sources for the Arthurian Legend*, Felinfach, Llanerch Publishers.

Davies, Rees (1996), *The Matter of Britain and the Matter of England*. Oxford: Clarendon Press.

"Fisher King", in http://www.kingarthursknights.com/others/fisherking.asp, consultado a 8/4/2016.

Godinho, Hélder (1983), "Apresentação Crítica" in *Lírica Galego-Portuguesa*, Lisboa: Editora Comunicação, 17-35.

_____ (1986), "Apresentação Crítica" in *Prosa Medieval Portuguesa*, Lisboa: Editora Comunicação, 11-20.

Green, Miranda (1992), *Dictionary of Celtic Myth and Legend*. Thames and Hudson.

Gregory-Abbot, Candace (2008), "Jehan Froissart" in *Arthurian Writers – A Biographical Enclyclopedia*, edited by Laura Cooner Lambdin e Robert Thomas Lambdin. Connecticut: Greenwood Press, 81-89.

Jefferies, Diana (2010), "Depictions of the Scots in the Arthurian Legends", *Journal of the Sydney Society for Scottish History*, Vol. 12, 47-58, in http://openjournals.library.usyd.edu.au/index.php/JSSSH/article/view/7311/7734, consultado a 19/2/2015.

K.D.U. (1997), "Background Information on Chrétien de Troyes' *Le Chevalier de la Charrette*" in https://www.princeton.edu/~lancelot/romance.html, consultado a 26/11/2016.

Lacy, Norris J. (ed), (1996), *Medieval Arthurian Literature – A Guide to Recent Research*, NY & London: Garland Publishing, Inc.

Lapa, M. Rodrigues (1970), "A Matéria da Bretanha" in *Lições de Literatura Portuguesa*, Coimbra: Coimbra Editora, 219-254.

Lewis, C. S. (1936), *The Allegory of Love*, Oxford University Press.

Loomis, Roger Sherman (1963), *The development of Arthurian romance*. London: Hutchinson University.

_____ (1967), *Celtic Myth and Arthurian Romance*, NY: Haskell House.

_____ (1977), *Wales and the Arthurian Legend*. Cardiff: University of Wales Press.

Lourenço, Helena (2009), "Do Amor e da *Soledad* no *Amadis de Gaula*: ressonâncias no teatro vicentino", *Península - Revista de Estudos Ibéricos*, nº 6: 133-149, in ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7657.pdf, consultado a 17/3/2017.

Martins, Ana Rita (2009), *Morgan Le Fay: A Herança da Deusa. As Faces do Feminino na Mitologia Arturiana*. Lisboa: tese de Mestrado apresentada à FLUL.

Matéria de Bretanha em Portugal : Actas do Colóquio realizado em Lisboa nos dias 8 e 9 de Novembro de 2001. (2002) Coordenação de Leonor Curado Ribeiro, Margarida Madureira e Teresa Amado. Lisboa: Colibri.

Matthews, Caitlín (1999), "Waters of Life – The Celtic and Christian Grail Streams", *Anglo-Saxónica*, Série II, números 10/11, Lisboa: Colibri, 119-138.

Miranda, José Carlos (1993), "Realeza e Cavalaria no *Livro de José de Arimateia*, versão portuguesa da *Estoire del Saint Graal*" in *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, organização de Aires Nascimento e Cristina Ribeiro, 1ª ed., Lisboa: Cosmos, 157-162.

Nuñez, Juan Paredes (1993), "La Materia de Bretaña en la literatura peninsular" in *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, organização de Aires Nascimento e Cristina Ribeiro, 1ª ed., Lisboa: Cosmos, 233-238.

Puhvel, Jaan (1989), "Celtic Myth" in *Comparative Mythology*. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, pp. 166-188.

Raposo, Mário (1999), "Cavaleiro/cavalheiro – A Demanda da Perfeição", *Anglo-Saxónica*, Série II, números 10/11, Lisboa: Colibri, 257-270.

Salda, Michael N. (2013), *Arthurian Animation: A Study of Cartoon Camelots on Film and Television*. North Carolina: McFarland&Company, Inc.

Saraiva, António José, *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal* (2 volumes), Lisboa: Gradiva, s/d.

Saraiva, António José e Óscar Lopes (2002), "A Prosa de Ficção" in *História da Literatura Portuguesa*, 17ª edição, Porto: Porto Editora, 93-102.

The Arthurian handbook (1997), edited by Lacy, Norris J. and Geoffrey Ashe with Debra N. Mancoff. 2nd ed. New York: Garland.

Southward, Elaine C. (1946) 'The Knight Yder and the *Beowulf* Legend in Arthurian Romance', *Medium Aevum*, 15, 1-47 (p. 4 n. 5).

Tolkien, J. R. R. (2013), *The Fall of Arthur*, ed. By Christopher Tolkien, London: Harper Collins.

Varandas, Maria Angélica (2006), *Mitos e Lendas Celtas. Irlanda*. Lisboa: Centralivros sob a chancela Livros e Livros.

_____ (2007), *Mitos e Lendas Celtas. País de Gales*. Lisboa: Centralivros sob a chancela Livros e Livros.

Vilhena, Maria Conceição (1990), *Literatura Francesa Medieval*, Lisboa: Universidade Aberta.

Yin, Ruijuan (2009), "The Knights in the Middle Ages of England", *Review of European Studies: Vol 1*, No. 2, 91-93, in http://www.ccsenet.org/journal/index.php/res/article/view/4577/3913, consultado a 19/2/2015.

c) Obras de carácter geral e estudos sobre Literatura Medieval

Aguiar e Silva, Vítor Manuel (2000), *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina.

"Allegory" in *The New Encyclopædia Britannica*, vol. 1 – Micropædia. USA: Encyclopædia Britannica Inc, 1993, 277.

Altizer, Thomas J. J. et alia (eds) (1962), *Truth, Myth and Symbol*. Englewood Clifs: Prentice-Hall.

Aristóteles (1990), *Poética*, tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa, 2ª edição, Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

Azevedo, Tânia e Filomena Louro (2015), "Eliot e Tolkien: Da Terra Sem Rei Nem Cura" in *XVI Colóquio de Outono – Conflito e Trauma*, edição de Ana G. Macedo, Carlos Mendes de Sousa e Vítor Moura. Braga: CEHUM, 569-575.

Barbosa, Pedro Gomes (2008), "O Imaginário do Homem Medieval: Entre os Nossos Medos e os Nossos Desejos. Utilizações Contemporâneas de Ignorâncias Sedimentadas" in *História do Sagrado e do Profano – X Encontro Nacional de Turres Veteras*, Lisboa: Colibri, 67-75.

Barthes, Rolant *et alia* (1976), *Análise Estrutural da Narrativa – Pesquisas Semiológicas*, 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, Lda.

Baugh, Albert C. (ed.) (1994), *A Literary History of England – Vol. 1 – The Middle Ages*, London, Routledge.

Beaumarchais, Jean-Pierre e Daniel Couty (1994), *Dictionnaire des Oeuvres Littéraires de Langue Française*, Pais: Bordas.

Burns, Marjorie (1990), "J. R. R. Tolkien: The British and the Norse in Tension", *Pacific Coast Philology*, Vol. 25, nº 1/2, Pacific Ancient and Modern Language Association, 49-59, Consultado em www.jstor.org/stable/1316804, em 24/4/2013.

Cassirer, Ernst (s/d), *Linguagem, Mito e Religião*. Porto: Rés Editora.

Campbell, Joseph (1973), *The Hero With a Thousand Faces*, New Jersey: Princeton University Press.

Dias, Patrick X. (1987), *Reading and Responding to Poetry. Patterns in the Process,* Porthsmouth, Heinemann.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Verbo.

Drout, Michael (2007), "J. R. R. Tolkien's Medieval Scholarship and its Significance", *Tolkien Studies*, vol. 4, West Virginia University Press, 113-176, consultado em http://muse.jhu.edu/journals/tks/summary/v004/4.1drout01.html, em 23/4/2013.

Duby, Georges (1980), *Guerreiros e Camponeses: Os Primórdios do Crescimento Económico Europeu do século VII ao século XIII*, Lisboa: Estampa.

Eco, Umberto (1996), "From Internet to Gutenberg", A lecture presented at Columbia University, The Italian Academy for Advanced Studies in America. In http://www.umbertoeco.com/en/from-internet-to-gutenberg-1996.html, consultado a 8/4/2016.

Eliade, Mircea (1959), *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.

_____(1973), *Mito y Realidad*. Madrid: Ediciones Guadarrama.

_____(1979), *Ferreiros e Alquimistas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____(1993), *O Mito do Eterno Retorno. Arquétipos e Repetição*. Lisboa: Edições 70.

_____(1994), *Tratado da História das Religiões*. Porto: Edições Asa.

Faria, Isabel Hub *et alia* (org.) (1996), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Favier, Jean (1993), *Dictionnaire de la France Médiévale*, Librairie Arthène Fayard.

Florez, Gonzalo (1993), *Penitencia y Uncion de Enfermos*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

Fowler, Alastair (1987), *História da Literatura Inglesa*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Frazer, J. G. (1987), *The Golden Bough*, London: Mcmillan.

Frye, Northrop (1957) *Anatomy of Criticism*. Harmondsworth: Penguin Books.

Girard, René (1982), "Les crimes des dieux" in *Le Bouc Émissaire*. Paris: Grasset, pp. 113-139.

_____ (1995), *La Violence et le Sacré*. Paris: Grasset.

Godinho, Helder (1992), "A Poesia, o Amor e a Concepção do Mundo" in *A Imagem do Mundo na Idade Média – Actas do Colóquio Internacional* (org. de Helder Godinho). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 35-39.

Graff, Gerald et al. (2012), *"They Say / I Say" – The Moves That Matter in Academic Writing*, 2nd edition. London & NY: W. W. Norton & Company, Inc.

Hanna, Ralph (1999). "Alliterative Poetry" in *The Cambridge History of Medieval English Literature*, edited by David Wallace. Cambridge: Cambridge University Press. 488-512.

Haidu, Peter (1977), "Repetition: Modern Reflections on Medieval Aesthetics", *MLN*, vol. 92, nº 5, Comparative Literature. John Hopkins University Press, 875-887, http://www.jstor.org/stable/2906882, consultado a 20/11/2015.

Hobsbaum, Philip (1996), *Metre, Rhytm and Verse Form*, London and New York: Routledge.

Johnson, Lesley (1992), "Medieval English Literature" in *The Bloomsbury Guide to English Literature*, ed by Marion Wynne-Davies. London: Bloomsbury, 50-74.

Júdice, Nuno (1992), "Analogia e Imagem do Mundo no Texto Medieval" in *A Imagem do Mundo na Idade Média – Actas do Colóquio Internacional* (org. de Helder Godinho). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 99-103.

Le Goff, Jacques (1983)*, A Civilização do Ocidente Medieval*, Vols 1 e 2. Lisboa: Editorial Estampa.

Lewis, C. S. (1936), *The Allegory of Love – A Study in Medieval Tradition*, Oxford: Oxford University Press.

_____, (1964), *The Discarded Image – An Introduction to Medieval and Renaissance Literature*, Cambridge: Cambridge University Press.

Literature and Gender (1996), edited by Lizbeth Goodman, London: Routledge.

Mateus, Mª Helena *et alia* (2006), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Mattoso, José *et alia* (2012), *The Historiography of Medieval Portugal*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.

Metas Curriculares de História 3º Ciclo do Ensino Básico 2013/2014, Ministério da Educação, in www.dge.mec.pt/sites/default/files/.../metas_curriculares_hist_3_ciclo.pdf, consultado a 8/4/2016.

Nascimento, Aires A. (2012), *Ler Contra o Tempo – condições dos textos na cultura portuguesa (recolha de textos em Hora de Vésperas)*, volume II. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras de Lisboa, 798-893.

Nova Bíblia dos Capuchinhos (1998), Coimbra: Difusora Bíblica.

Palmer, Richard E. (1999), *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70.

Pereira, M.ª Helena da Rocha (1999), "Mito/Mitologia" in *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 3, Lisboa: Verbo, 83.

Pereira, Paulo J. Silva (1999), "Símbolo" in *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 5, Lisboa: Verbo, 88.

Régnier-Bohler (1990), "Ficções" in Ariès, Philippe e Georges Duby (eds), *História da Vida Privada*, volume 2, 2ª edição, Edições Afrontamento, pp. 311-391.

Reis, Carlos e Ana Cristina M. Lopes (1998), *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.

Reis, Tânia (2009), *Re-criar o futuro : a rescrita do mito cristão na obra de J. R. R. Tolkien*, Tese de mestrado, Estudos Anglísticos, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

"Rig Veda" in http://www.shri-yoga-devi.org/Blog/2013-11-Rig-Veda-1.html, consultado a 8/4/2016.

Robert, Marthe (1979), *Romance das Origens e Origens do Romance*. Lisboa: Via Editora.

Rogers, Pat (editor) (1987), *The Oxford Illustrated History of English Literature*. Oxford: Oxford University Press.

Rouche, Michel (1989), "Alta Idade Média Ocidental" in Ariès, Philippe e Georges Duby (eds), *História da Vida Privada*, volume 1, 2ª edição, Porto: Edições Afrontamento, pp. 399-529.

Ruthven, K. K. (1979), *Myth*. The Critical Idiom, London: Methuen.

Saussure, Ferdinand de (1978), *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

"Sir William Jones" (s/d), in em http://www.notablebiographies.com/supp/Supplement-Fl-Ka/Jones-William.html, consultado a 30/3/2016.

Schaeffer, Jean-Marie (2011), *Petite Écologie des Études Littéraires – Pourquoi et Comment Étudier la Littérature?* Vincennes : Éditions Thierry Marchaisse.

Scull, Christina & Wayne Hammond (2006), *The J. R. R. Tolkien Companion and Guide – Reader's Guide*. London: Harper Collins.

Smith, Jeremy (2009). "'The metre which does not measure': the Function of Alliteration in Middle English Alliterative Poetry" in *Approaches to the Metres of Alliterative Verse*, edited by Judith Jefferson and Ad Putter. Leeds Texts and Monographs new series, 17. 11-23.

Sturges, Robert S. (1991), *Medieval Interpretation: Models of Reading in Literary Narrative, 1100-1500*, Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press.

Todorov, Tzvetan (1977), *Introdução à Literatura Fantástica*. Lisboa: Moraes Editores.

_____ (1986), *Poética*. Lisboa: Teorema.

Weston, Jessie L. (1957), *From Ritual to Romance*, NY: Anchor Books.

Wimsatt, William K. e Cleanth Brooks (1980), *Crítica Literária – Breve História*, 2ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Wogan-Browne, Nicholas Watson, Andrew Taylor and Ruth Evans (editors) (1999). *The Idea of the Vernacular – An Anthology of Middle English Literary Theory, 1280-1520*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.

d) Sobre Tradução:

Benjamin, Walter (2000 [1923]). "The task of the translator – An introduction to the translation of Baudelaire's *Tableaux Parisiens*" in *The Translation Studies Reader* (edited by Lawrence Venuti). London: Routledge. 15-25.

Copeland, Rita (1991), *Rhetoric, Hermeneutics and Translation in the Middle Ages. Academic Traditions and Vernacular Texts*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bassnett, Susan (1998), "Transplanting the Seed: Poetry and Translation" in Bassnet, Susan & André Lefevere (eds) *Constructing Cultures – Essays on Literary Translation*, Clevedon: Multilingual Matters, 56-75.

Delisle, Jean and Judith Woodsworth (eds.) (1995), *Translators Through History*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company / Unesco Publishing.

Eco, Umberto (2003), *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre Tradução*, Lisboa: Difel.

Ferreira Duarte, J. (2005) "Para uma crítica da retórica da tradução em Homi Bhabha", in *Colóquio de Outono – Estudos de Tradução/ Estudos Pós-Coloniais*, Ed. A.G.Macedo, M.E.Keating, Braga: CEHUM, 89-100.

Garrett, Richard Lee (2011), "Theorizing Vernacular Translation" in *Medieval anxieties: translation and authorial self-representation in the vernacular beast fable.* PhD (Doctor of Philosophy) thesis, University of Iowa, 28-58.

Gutt, Ernst-August (1998), "Pragmatic Aspecs of Translation: Some Relevance-Theory Observations" in Leo Hickey (ed.), *The Pragmatics of Translation*. Clevedon: Multilingual Matters, Ltd, 41-53.

Hermans, Theo (1985), "Introduction – Translation Studies and a New Paradigm" in *The Manipulation of Literature – Studies in Literary Translation*, London: Croom Helm, 7-15.

Jakobson, Roman (1959), "On linguistic Aspects of Translation", in http://culturalstudiesnow.blogspot.pt/2011/10/roman-jakobson-on-linguistic-aspects-of.html, consultado a 17/2/2016.

Lemos, Aida Sampaio (2005) "«Tornar em nossa lyngoajem»: a tradução na Idade Média", in *Colóquio de Outono – Estudos de Tradução/ Estudos Pós-Coloniais*, Ed. A.G.Macedo, M.E.Keating, Braga: CEHUM, 101-108.

Malmkær, Kirsten (1998), "Cooperation and Literary Translation" in Leo Hickey (ed.), *The Pragmatics of Translation*. Clevedon: Multilingual Matters, Ltd, 25-40.

Nascimento, Aires A. (1997), "Traduzir, verbo de fronteira nos contornos da Idade Média" in Ribeiro, Cristina A. e Margarida Madureira (coord.), *O Género do Texto Medieval*. Lisboa: Cosmos, 113-138.

Nida, Eugene (1964), *Toward a Science of Translating*. Leiden: E. J. Brill.

_____ (2006). "Theories of Translation". *Pliegos de Yuste*, nº 4, I. Fundacion Academia Europea de Yuste. 11-14. http://www.pliegosdeyuste.eu/n4.html, consultado a 22/10/2018.

Nida, Eugene & Charles Taber (2003 [1969]), *The Theory and Practice of Translation*. 4th ed. Leiden: Brill.

Pais, Carlos Castilho (2000), "Para uma crítica da tradução". *Traducción & comunicación*. Vol. 1. Vigo: Universidade de Vigo, 5-29.

Pym, Anthony (2010). "Cultural Translation" in *Exploring Translation Theories*. London: Routledge. 143-164.

_____ (2013), *Teorias Contemporâneas da Tradução – Uma Abordagem Pedagógica*, Fundação Calouste Gulbenkian.

Raffel, Burton (1998), "*Gawain*, Chaucer, and Translatability", *Disputatio: An International Transdisciplinary Journal of the Late Middle Ages* 3, 1-15.

Sánchez Trigo, Elena (2002), *Teoría de la Traducción: Convergencias y Divergencias*. Vigo: Servicio de Publicacións.

Seymour, Callum (2013), "Translating the Life of Merlin" In http://www.medievalists.net/2014/03/22/translating-life-merlin/, consultado a 19/2/2015.

Tymoczko, Maria (2002). "Ideology and the position of the translator: in wat sense is the translator 'in between'?" in *Apropos of ideology: translation studies on ideology, ideologies in translation studies*. Manchester: St. Jerome Pub. 181-201.

Venuti, L. (ed.) (1992), *Rethinking Translation*, London & NY: Routledge.

Venuti, Lawrence (2000). "Translation, Community, Utopia" in *The Translation Studies Reader* (edited by Lawrence Venuti). London: Routledge. 468-488.

Weissbort, Daniel and Ástráður Eysteinsson (editors) (2006), *Translation: theory and practice: a historical reader*. Oxford: OUP.

e) Middle English

Burrow, J. A. & Thorlac Turville-Petre (2005), *A Book of Middle English*, 3rd edition. Oxford: Blackwell.

A Literary History of England (1994), edited by Albert C. Baugh, 2nd ed. London: Routledge.

Baugh, Albert C. & Thomas Cable (2002), *A History of the English Language*, 5th edition, New Jersey: Prentice Hall.

Emerson, O. F. (1932), *A Middle English Reader*, London: MacMillan and Co.

Everett, Dorothy (1959), *Essays on Middle English Literature*; edited by Patricia Kean. Oxford: Clarendon.

Ferreira, Júlia Dias (2000), *História da Língua Inglesa*, Cadernos de Anglística 1, Lisboa: Colibri.

Lawton, David, A. (1983), "The Unity of Middle English Alliterative Poetry", *Speculum*, vol. 58, nº1, Medieval Academy of America, 73-94, http://www.jstor.org/stable/2846614, consultado a 24/4/2013.

Millward, Celia M. (1996), *A Biography of the English Language*. Boston: Thomson.

Pyles, Thomas & John Algeo (1993), *The Origins and Development of the English Language*, 4th ed, Forth Worth: Harcourt.

Rigby, S. H. (1995), *English Society in the Later Middle Ages: Class, Status and Gender*, London: Macmillan.

Stratmann, Francis Henry (1978), *A middle-English dictionary containing words used by English writers from the twelfth to the fifteenth century*. New ed., re-arranged, rev., and enlarged by Henry Bradley. Oxford: Oxford University Press.

Tolkien, J. R. R. (1925), "Some Contributions to Middle English Lexicography", *The Review of English Studies*, Vol. 1, No 2 , Oxford: Oxford University Press, 210-215 in http://www.jstor.org/stable/508064, consultado em 18/11/2015.

f) Websites sobre texto medieval, Middle English e outros projetos sobre *Sir Gawain and the Green Knight*

- Luminarium – http://www.luminarium.org/medlit/gawain.htm
- The Camelot Project – http://www.lib.rochester.edu/camelot/gawmenu.htm
- The Cotton Nero A.X Project - http://people.ucalgary.ca/~scriptor/cotton/
- Middle English Dictionary - http://quod.lib.umich.edu/m/med/
- The Anglo-Norman On-line Hub - http://www.anglo-norman.net/
- Página de estudo da Universidade de Toronto sobre Middle English - http://homes.chass.utoronto.ca/~cpercy/me.htm

g) Filmes:

Transformers: Age of Extinction (2014), Michael Bay.